

B
e
r
n
a
r
d

C
o
r
n
w
e
l
l



O FORTE



Contrera Brothers
2012

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Título: O Forte

Autoria: Bernard Cornwell

Edição © 2011

Título original The Fort © 2010

ISBN: 978-989-637-347-4

Bernard Cornwell.

Publicado originalmente em Inglaterra por Harper Collins Publishers, 2010

Tradução: Jorge Colaço

Revisão: Idalina Morgado

Composição: Contrera Brothers, em caracteres Fontin, corpo 12

Design da capa: CB

Setembro, 2012

O FORTE é dedicado, com grande admiração, ao Coronel John Wessmiller, do Exército dos Estados Unidos (Retirado), que teria sabido exatamente o que fazer.

Esta é a história de homens em guerra, das escolhas que são forçados a fazer e os dilemas que sofreram. Uma das melhores obras de Bernard Cornwell. No verão de 1779, no terceiro ano da Guerra da Independência dos Estados Unidos, uma força britânica de 750 homens, liderada por Francis McLean, navega em direção à costa desolada e brumosa da Nova Inglaterra. A sua missão é estabelecer uma base naval numa posição crucial para dar abrigo a americanos lealistas. Apoiado por três pequenos navios, Mclean inicia a construção de um forte. Em resposta, o estado de Massachusetts envia uma frota de 40 navios e mil soldados de infantaria para "capturar, matar ou destruir" os invasores. O segundo em comando é Peleg Wadsworth, um antigo combatente no regimento de George Washington e um homem que sabe o que tem de ser feito para expulsar os invasores. E embora os britânicos estejam em inferioridade numérica, a batalha que se seguiu é um exemplo clássico de como planos bem elaborados podem ser arruinados por líderes incompetentes ou política mesquinha, e de como a guerra destaca o melhor e o pior em todos os homens.



NESTA OBRA LITERÁRIA, CORNWELL ABORDA UM DOS MAIORES FIASCOS NAVAIS DA HISTÓRIA AMERICANA, AO LADO DE PEARL HARBOR: A BATALHA DA BAÍA DE PENOBSCOT CONTRA OS INGLESES E FOI PARA OS ESTADOS UNIDOS A PIOR DERROTA NAVAL ATÉ PEARL HARBOR.

Contrera Brothers

A VOICE IN THE DARKNESS, A KNOCK AT THE DOOR,
AND A WORD THAT SHALL ECHO FOR EVERMORE!
FOR, BORNE ON THE NIGHT-WIND OF THE PAST,
THROUGH ALL OUR HISTORY, TO THE LAST,
IN THE HOUR OF DARKNESS AND PERIL AND NEED,
THE PEOPLE WILL WAKEN AND LISTEN TO HEAR
THE HURRYING HOOF-BEATS OF THAT STEED,
AND THE MIDNIGHT

MESSAGE OF PAUL REVERE.
EXCERPT OF THE MIDNIGHT RIDE OF PAUL REVERE,
DE HENRY LONGFELLOW

SLOWLY AND SADLY WE LAID HIM DOWN,
FROM THE FIELD OF HIS FAME FRESH AND GORY;
WE CARVED NOT A LINE, AND WE RAISED NOT A STONE,
BUT WE LEFT HIM ALONE WITH HIS GLORY

EXCERPT OF THE BURIAL OF SIR JOHN MOORE AFTER CORUNNA,
DE CHARLES WOLFE

Em 1779 não havia Estado do Maine; este era, então, a província oriental do Massachusetts. Alguns topónimos também mudaram. Majabigwaduce chama-se agora Castine, Townsend é Bucks Harbour e Falmouth é Portland, no Maine. A plantação de Buck (mais propriamente Plantação Número Um) é Bucksport, Orphan Island é Verona Island, Long Island (no rio Penobscot) é agora Islesboro Island, Wasaumkeag Point é agora Cape Jellison e Cross Island é hoje chamada Nautilus Island.

O romance refere-se frequentemente a «navios», «corvetas», «brigues» e «escunas». São todos, sem dúvida, navios, no sentido em que todos são barcos, mas um navio propriamente dito era uma embarcação grande, com três mastros e velas redondas, como a fragata (temos o exemplo da USS Constitution) ou o navio de linha (como o HMS Victory). Hoje em dia, pensamos numa corveta como um veleiro de um só mastro, mas em 1779 designava um barco de três mastros que era, normalmente, mais pequeno do que um navio e distinguia-se por ter uma coberta corrida (sem tomba dilho elevado). As corvetas, tal como os navios, tinham velame redondo (isto é, tinham velas quadrangulares suspensas de vergas perpendiculares ao centro do navio). Um brigue, ou brigantino, era também um grande veleiro de velas redondas, mas apenas com dois mastros. As escunas, como os brigues, possuíam dois mastros, mas o seu aparelho era composto por velas latinas, dispostas no sentido vante ré, as quais, quando içadas, acompanham longitudinalmente o centro da embarcação, em vez de a cruzarem. Havia variantes, como os brigues-canhoneiras, mas, na baía de Penobscot, em 1779, apenas havia navios, corvetas, brigues e escunas. Com exceção da Felicity, todos os nomes de barcos foram retirados da história.

A maioria das personagens do romance existiu. Os únicos nomes ficcionais são os que designam personagens cujo apelido começa por F (com exceção do Capitão Thomas Farnham, da Marinha Real) e os soldados e oficiais subalternos britânicos (com exceção do Sargento Lawrence, da Artilharia Real).

Excerto da carta do Conselho do Massachusetts para o Brigadeiro-General Solomon Lovell, datada de 2 de julho de 1779:

Consultará, em todas as operações, o Comandante da frota para que a Força Naval possa cooperar com as tropas sob o seu comando, esforçando-se por Capturar, Matar ou Destruir todas as forças do Inimigo, por terra ou por mar. E, como existem boas razões para crer que alguns dos homens Principais de Major-bagaduce solicitarão ao inimigo que ali fosse e tomasse conta do lugar, será especialmente cuidadoso para não deixar escapar qualquer deles e, pelo contrário, os aprisionasse pelos seus maus atos... Encomendamo-lo agora ao ser Supremo, rezando sinceramente para que o mantenha a si e às Forças sob o seu Comando com saúde e em segurança e para que regresse Coroado com a Vitória e os Louros.

De uma adenda do Diário do Doutor John Calef, de 1780, respeitante a

Majabigwaduće:

Para este novo território, os Lealistas saíram com as suas famílias .. e encontraram proteção contra a tirania do Congresso e dos seus cobradores de impostos... e ali continuam com toda a esperança e na agradável expectativa de que possam, em breve, voltar a gozar as liberdades e privilégios que lhes seriam mais bem asseguradas pela... Constituição Britânica.

Carta do Capitão Henry Mowat, da Marinha Real, para Jonathan Buck, escrita a bordo da HMS Albany, no rio Penobscot, a 15 de junho de 1779:

No entendimento de que está à cabeça de um Regimento composto por súbditos desiludidos do Rei, neste Rio e partes adjacentes, e que ostenta a patente de Coronel, por influência de um corpo de homens designado por Congresso Geral dos Estados Unidos da América, é meu dever requerer a sua presença, sem perda de tempo, perante o General McLean e o Oficial Comandante dos Navios do Rei, neste momento a bordo da Blonde, ao largo de Majorbigwaduće, com o Rol do Pessoal sob as suas ordens.

De uma adenda do Diário do Doutor John Calef, de 1780, respeitante a Majabigwaduće:

Para este novo território, os Lealistas saíram com as suas famílias .. e encontraram proteção contra a tirania do Congresso e dos seus cobradores de impostos... e ali continuam com toda a esperança e na agradável expectativa de que possam, em breve, voltar a gozar as liberdades e privilégios que lhes seriam mais bem asseguradas pela... Constituição Britânica.

Carta do Capitão Henry Mowat, da Marinha Real, para Jonathan Buck, escrita a bordo da HMS Albany, no rio Penobscot, a 15 de junho de 1779:

No entendimento de que está à cabeça de um Regimento composto por súbditos desiludidos do Rei, neste Rio e partes adjacentes, e que ostenta a patente de Coronel, por influência de um corpo de homens designado por Congresso Geral dos Estados Unidos da América, é meu dever requerer a sua presença, sem perda de tempo, perante o General McLean e o Oficial Comandante dos Navios do Rei, neste momento a bordo da Blonde, ao largo de Majorbigwaduće, com o Rol do Pessoal sob as suas ordens.

MAJABIGWADUCE, AUGUST

Penobscot Bay

American
Fleet
Anchorage

Unfinished
Battery

THE NECK

Seaman's
Redoubt

Lovell's
Encampment

Fort
George

Half Moon Battery

Dyce's Head Battery

DYCE'S HEAD

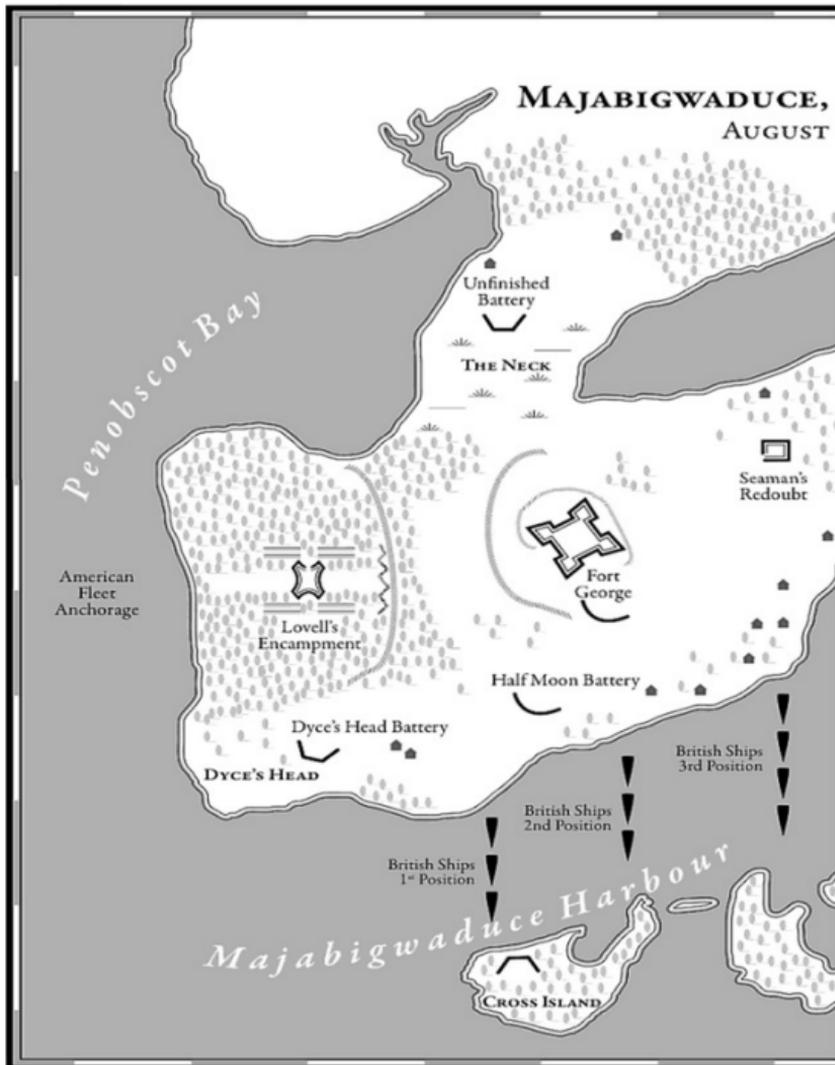
British Ships
3rd Position

British Ships
2nd Position

British Ships
1st Position

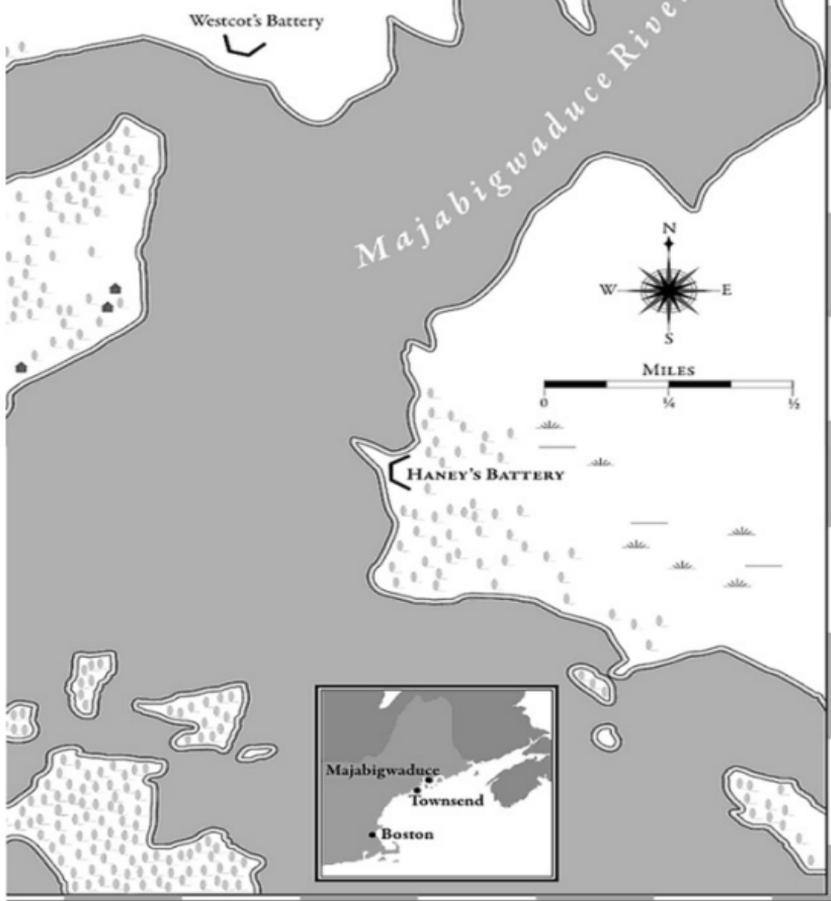
Majabigwaduce Harbour

CROSS ISLAND



MASSACHUSETTS

1779



Não havia muito vento, pelo que os navios subiram lentamente o rio. Eram dez, cinco navios de guerra que escoltavam outros cinco, de transporte, e a maré enchente fazia mais para os transportar para norte do que a brisa inconstante. A chuva parara, mas as nuvens eram baixas, cinzentas e medonhas. Gotejava água monotonamente das velas e do cordame.

Havia pouco que ver dos navios, embora a amurada estivesse apinhada de homens que observavam as margens do rio, que se abriam num grande lago interior. As colinas em volta do lago eram baixas e estavam cobertas de árvores, enquanto a linha de costa era intrincada, com enseadas, cabos, ilhas florestadas e pequenas praias pedregosas. Aqui e ali, entre as árvores, havia clareiras onde se empilhavam troncos ou, talvez, uma cabana de madeira junto a um pequeno milheiral. Erguia-se fumo dessas clareiras e alguns homens a bordo dos navios interrogavam-se se aqueles fogos distantes eram sinais de aviso da chegada da frota. As únicas pessoas que viram foram um homem e um rapaz que pescavam num pequeno barco aberto.

O rapaz, que se chamava William Hutchings, acenou com excitação para os navios, mas o seu tio cuspiu.

— Aí vêm os demónios — disse ele.

Os demónios estavam, na sua maioria, silenciosos. A bordo do navio maior, uma fragata de 32 canhões denominada Blonde, um demónio de casaca azul e chapéu levantado coberto com oleado baixou o telescópio. Franziu o cenho, com ar pensativo, na direção do arvoredo escuro e silencioso diante do qual o seu navio deslizava. —Para mim — disse ele, — parece a Escócia.

— Sim, parece existir — respondeu cautelosamente o seu companheiro, um demónio de casaca vermelha — uma semelhança, decerto.

— Embora com mais arvoredo do que a Escócia?

— Um pedaço mais — disse o segundo homem.

— Mas parecido com a costa ocidental da Escócia, não diria?

— Não muito diferente — concordou o segundo demónio. Tinha sessenta e dois anos de idade, era bastante baixo, e tinha um rosto astuto e marcado pelo tempo. Era um rosto simpático, com pequenos e brilhantes olhos azuis. Era soldado havia mais de quarenta anos e durante esse tempo travara um certo número de batalhas duras que o tinham deixado com o braço direito quase inutilizado, um ligeiro coxear e uma visão tolerante da humanidade pecadora. Chamava-se Francis McLean e era Brigadeiro-Ge-neral, escocês, comandante do 82.º Regimento Apeado de Sua Majestade, governador de Halifax e, agora, pelo menos segundo os ditames do Rei de Inglaterra, o senhor de tudo que a sua vista alcançava do tombadilho superior. Estava a bordo da fragata havia treze dias, o tempo que levava a viagem desde Halifax, na Nova Escócia, e sentiu uma pontada de preocupação de que a duração da viagem constituísse um sinal de azar. Perguntou-se se teria sido melhor tê-la feito durar catorze dias, e, sub-repticiamente, tocou a madeira da balaustrada. Um destroço queimado jazia na margem leste. Fora, um dia, um navio de porte, capaz de

atravessar um oceano, mas agora era uma carcaça de madeira enegrecida, meio inundada pela maré enchente que transportava a Blonde, rio acima. – Então, a que distância estamos agora do mar alto? – perguntou ele ao capitão da Blonde, de uniforme azul.

– Vinte e seis milhas náuticas – respondeu vivamente o Capitão Andrew Barkley – e ali – apontou ele sobre a roda de proa a estibordo, para além do leão com juba que formava o turco, da qual se suspendia uma das âncoras da fragata – é a sua nova casa.

McLean pediu ao Capitão para lhe emprestar a lente e, usando o seu desajeitado braço direito como ponto de apoio, ajustou o telescópio. Por um instante, os pequenos balanços do navio fizeram-no perder-se, pelo que só conseguiu vislumbrar uma mancha de nuvens cinzentas, terra escura e água revolta, mas equilibrou-se e viu que o rio Penobscot se alargava, formando o grande lago a que o Capitão Barkley chamava baía de Penobscot. A baía, pensou McLean, era na realidade um braço de mar, o qual ele sabia, pelo estudo dos mapas de Barkley, que media quase treze quilómetros de este para oeste e quase cinco, de norte para sul. A margem leste da baía abria-se, formando um porto. A boca do porto estava cingida por rochas, enquanto do lado norte havia uma encosta encimada por arvoredo denso. Havia uma povoação na colina virada a sul, nessa encosta; por cima, um conjunto de casas de madeira e de celeiros estava disposto entre retalhos de terra cultivada com milho, parcelas cultivadas com vegetais e pilhas de madeiros. Uma mão-cheia de barcos de pesca estava ancorada no porto, juntamente com um pequeno brigue, que McLean assumiu ser um navio comercial. –Então, isto é Majabigwaduque – disse ele, suavemente.

– Ferrar as gáveas! – ordenou o Capitão.

–Ordem para a frota abrandar. Senhor Fennel, vou incomodá-lo para que peça um piloto! –Imediatamente!

A fragata ferveilhou subitamente de homens a correr para soltar os cabos.

– Isto é Majabigwaduque – disse Barkley num tom que sugeria que o nome era tão risível como o lugar.

– Canhão número um! – gritou o Tenente Fennel, provocando nova vaga de homens para o canhão de estibordo.

– Faz alguma ideia – perguntou McLean ao Capitão – do que significa Majabigwaduque?

– Do que significa?

– O nome tem algum significado?

– Não faço ideia, nenhuma ideia – disse Barkley, aparentemente irritado com a pergunta.

–Agora, Senhor Fennel!

O canhão, carregado e atacado, mas sem nenhum tiro, foi disparado.

O recuo foi ligeiro, mas o som da arma pareceu imensamente alto e a nuvem de fumo envolveu metade do convés da Blonde. O som do disparo desvaneceu-se e depois foi devolvido pelo eco antes de se desvanecer uma segunda vez.

– Agora, vamos descobrir alguma coisa, não vamos? – disse Barkley.

– O quê? – inquiriu McLean.

– Se são leais ou não, General, se são leais ou não. Se foram contaminados pela rebelião, dificilmente nos vão dar um piloto, não é?

– Suponho que sim – disse McLean, embora suspeitasse que um piloto não leal poderia também servir a sua causa conduzindo o HMS Blonde contra um rochedo. Havia imensos a emergir nas águas da baía. Num deles, nem a cinquenta passos da amurada de bombordo da fragata, um corvo-marinho abriu as suas asas negras para secarem.

Esperaram. O canhão fora disparado, era o sinal habitual para solicitar um piloto, mas o fumo impediu toda a gente a bordo de ver se a povoação de Majabigwaduice iria ou não responder. Os cinco navios de carga, as quatro corvetas e a fragata deslizaram rio acima empurrados pela maré.

O ruído mais sonoro que se ouvia era o gemer, zumbir e esparrinhar da bomba a bordo de uma das corvetas, a HMS North. A água golfava e jorrava ritmicamente de uma torneira colocada no casco enquanto os marinheiros bombeavam o porão.

– Devia ter sido partida aos bocados para servir de lenha – disse acidamente o Capitão Barkley.

– Não é possível remená-la? – perguntou McLean.

– A madeira está podre. É uma peneira – disse Barkley, perentoria-mente. Pequenas ondas embatiam no casco da Blonde, e o estandarte azul à popa pouco se mexia ao vento irregular. Continuava sem aparecer qualquer barco e, por isso, Barkley ordenou um segundo disparo do canhão. O som ecoou e de novo se desvaneceu e, quando Barkley ponderava levar a flotilha para o porto sem o auxílio de um piloto, um marinheiro chamou do topo do mastro principal. –Vem um barco a caminho, meu Capitão!

Quando o fumo da pólvora desapareceu, os homens da Blonde viram uma pequena embarcação aberta que saía do porto à bolina. A brisa de sudoeste era tão leve que as velas acastanhadas mal conseguiam empurrar a embarcação contra a maré, e por isso um jovem usava dois longos remos. Assim que se afastou da costa, guardou os remos e puxou os cabos das velas de tal forma que o pequeno barco rumou lentamente para a flotilha. Uma rapariga sentava-se junto à cana do leme e conduzia a pequena embarcação para o flanco de estibordo da Blonde, onde o jovem saltou agilmente para uma escada vertical que ascendia até onde o casco se estreitava. Era alto, de cabelo claro, e tinha as mãos calejadas e enegrecidas de manusear cordame sujo de breu e redes de pesca. Usava bermudas toscamente cosidas e um blusão de lona, botas grosseiras e um chapéu tricotado. Saltou para o convés, depois gritou para a rapariga: –Toma bem conta dela, Beth!

– Basta de ficarem especados, seus filhos da mãe de cabeça mole! – rugiu o Contramestre para os marinheiros que olhavam para a rapariga de cabelos claros que usava uns remos para empurrar a sua pequena embarcação para longe do casco da fragata. –És tu o piloto? – perguntou o Contramestre ao jovem.

– James Fletcher – disse o jovem – e suponho que sou, mas não precisam de piloto, de forma nenhuma.

–Sorriu enquanto caminhava em direção aos oficiais, à popa da Blonde.

—Alguns dos senhores tem tabaco? —perguntou ele, enquanto subia até ao convés do tombadilho. A pergunta foi respondida com silêncio, até que o General McLean meteu a mão no bolso e extraiu dele um pequeno cachimbo de barro com a fornalha já cheia de tabaco.

—Isto serve? — perguntou o General.

— Serve, na perfeição — disse Fletcher com apreço, e, depois, retirando o troféu da fornalha, enfiou-o na boca. Devolveu o cachimbo vazio ao General.

—Há dois meses que não tenho tabaco — disse ele à laia de explicação, acenando familiarmente com a cabeça para Barkley.

—Não existem verdadeiros perigos em Bagaduce, Capitão, desde que se mantenham afastados de Dyces Head, estão a ver? — Apontou para a falésia encimada por arvoredos no lado norte da entrada do porto.

—Há rochas lá. E há mais rochas ao largo de Cross Island, do outro lado. Mantenham-na no centro do canal e estarão mais seguros que seguros.

— Bagaduce? — perguntou o General McLean.

— É como lhe chamamos, Vossa Excelência. Bagaduce. É mais fácil de dizer do que Majabigwaduce.

—O piloto sorriu, depois cuspiu o suco do tabaco que se espalhou no soalho lustroso. Fez-se silêncio na tolda quando os oficiais olharam para a mancha escura.

— Majabigwaduce — McLean quebrou o silêncio — quer dizer alguma coisa?

— Grande baía com grandes marés — disse Fletcher — ou pelo menos é o que o meu pai sempre disse. Claro que é um nome índio, por isso poderia significar qualquer outra coisa.

—O rapaz olhou em redor do convés da fragata com evidente apreço.

—Dia de grande excitação, este — observou ele jovialmente.

— Excitação? — perguntou o General McLean.

— Phoebe Perkins vai dar à luz. Pensámos todos que o bebé já se teria soltado, mas não. E vai ser uma rapariga.

— Sabes disso? — perguntou o General McLean, divertido.

— Phoebe já teve seis bebés e todos os últimos foram raparigas. Deviam disparar outro tiro, Capitão, para ver se este novo se assusta e sai!

— Senhor Fennell! — chamou o Capitão Barkley através de um tubo. —Recolha os panos, se fizer favor.

A Blonde avançava.

— Leva-a para dentro — disse Barkley ao Timoneiro, e assim a Blonde, a North, a Albany, a Nautilus e a Hope, bem como os cinco navios de transporte que escoltavam, chegaram a Majabigwaduce. Chegaram em segurança ao porto e ancoraram. Era o dia 17 de junho de 1776 e, pela primeira vez desde que tinham sido postos fora de Boston em março de 1776, os Britânicos estavam de volta ao Massachusetts.

A cerca de trezentos quilómetros para oeste e um pouco a sul do local onde os demónios tinham chegado, o Brigadeiro-General Peleg Wadsworth fazia desfilar o seu batalhão nos terrenos comunitários da cidade. Apenas dezassete estavam presentes, nenhum dos quais se podia descrever como correto. O mais novo, Alexander, tinha cinco anos, ao passo que os mais velhos eram os

gêmeos Fowler, com doze anos de idade, Rebecca e Dorcas, e ambos fitavam com sinceridade o brigadeiro, que tinha trinta e um.

– O que quero que façam – disse o General – é que marchem em frente numa fila única. A palavra de comando, param. Qual é a palavra de comando, Jared?

Jared, que tinha nove anos, pensou por um instante.

–Alto?

– Muito bem, Jared. O comando a seguir a esse será «preparar para formar em linha» e vocês não fazem nada! – O Brigadeiro espiou abertamente as suas reduzidas tropas, que formavam uma coluna e marchavam em direção a norte.

–Compreendido? Não fazem nada! Depois vou gritar para que as companhias um, dois, três e quatro virem à esquerda. Essas companhias – e aqui o General caminhou até à linha para indicar quais as crianças que integravam as quatro companhias da frente – são a ala esquerda. Que és tu, Jared?

– A ala esquerda – disse Jared, batendo os braços.

– Muito bem! E vocês – o General caminhou até junto do resto da linha – são as companhias cinco, seis, sete e oito, a ala direita, e vão virar à direita. Vou dar a ordem de olhar em frente e vocês viram. Depois rodamos para o lado oposto. Alexander? És o porta-estandarte, por isso não te mexes.

– Quero matar um casaca vermelha, papá – suplicou Alexander.

– Tu não te mexes, Alexander – insistiu o pai do porta-estandarte, e depois repetiu tudo o que já dissera. Alexander segurava num longo pau que, na circunstância, substituíra a bandeira americana. Apontou-o à igreja e fingiu atingir casacas vermelhas, pelo que teve de ser metido de novo na coluna que individualmente e em geral achava que compreendia o que o seu antigo mestre-escola queria que fizessem. –Agora, lembrem-se – encorajou-os Peleg Wadsworth – que quando eu der ordem para virar para o lado oposto, marcham para diante, mas rodam em volta como o ponteiro de um relógio! Quero vê-los a virarem suavemente! Estamos prontos?

Juntara-se uma pequena multidão para ver e dar conselhos. Um homem, um pastor visitante, ficara horrorizado por ver crianças tão pequenas a aprenderem rudimentos militares e censurara o General Wadsworth por esse facto, mas o Brigadeiro assegurara ao homem de Deus que não eram as crianças que estavam a ser treinadas, mas sim ele próprio. Desejava compreender com precisão como uma coluna de companhias se distribuía numa linha regimental que pudesse rebentar um inimigo com fogo de mosquete. Era difícil fazer avançar tropas em linha porque uma longa fila de homens inevitavelmente se extraviava e perdia coesão, pelo que, para evitar isso, os homens deviam avançar em companhias, umas atrás das outras, mas uma tal coluna era fatalmente vulnerável ao tiro de canhão e incapaz de usar muitos dos mosquetes, e por isso a arte da manobra era avançar em coluna e depois desdobrar rapidamente em linha. Wadsworth queria dominar o movimento na perfeição, mas porque era general da Milícia do Massachusetts e a milícia estava, na sua maioria, nas quintas e nas oficinas, Wadsworth usava crianças. A companhia da frente, que normalmente teria

três fileiras de trinta homens ou mais, era hoje composta por Rebecca Fowler, de doze anos, e o seu primo de nove anos, Jared, ambos crianças inteligentes e, esperava Wadsworth, capazes de estabelecer um exemplo que as restantes crianças pudessem copiar. A manobra que estava a tentar fazer era difícil. O batalhão deveria marchar em coluna em direção ao inimigo e depois parava. As companhias da frente deveriam virar-se para um dos lados e as companhias da retaguarda viravam para a direção oposta e, depois, toda a linha girava à volta do estandarte, em suave articulação, até à ordem de parar. Isso deixaria as primeiras quatro companhias de costas para o inimigo e Wadsworth iria precisar de ordenar àquelas oito crianças para girarem, e todo o formidável batalhão estaria pronto para abrir fogo contra o inimigo. Wadsworth observara regimentos britânicos realizarem uma manobra semelhante em Long Island e admirara, com relutância, a sua precisão, e vira com os seus próprios olhos a rapidez com que a coluna se transformara numa longa linha, e desfechara uma torrente de tiros de mosquete sobre as forças americanas.

– Estamos prontos? – perguntou Wadsworth de novo. Decidira que, se conseguisse explicar o sistema a crianças, ensinar a milícia seria, nesse caso, bastante fácil.

– Em frente, marche!

As crianças marcharam sofrivelmente, embora Alexander tentasse continuamente acertar o passo com o dos seus companheiros.

– Batalhão! – chamou Wadsworth – Alto!

Pararam. Até ali tudo bem.

– Batalhão! Preparar para formar linha! Não se mexam ainda! – Fez uma pequena pausa.

– A ala esquerda vai girar para a esquerda! A minha ordem, a ala direita vai girar para a direita. Batalhão! Olhar em frente!

Rebecca girou para a direita em vez de girar para a esquerda e o batalhão esfarelou-se, num momento de confusão, antes de o cabelo de alguém ter sido puxado e Alexander começar a gritar enquanto alvejava casacas vermelhas imaginários que vinham do terreno comunitário.

– Em sentido contrário, marche! – gritou Wadsworth, e as crianças rodaram em direções diferentes, e, nesse momento, pensou o General com desespero, as tropas britânicas já teriam desferido dois ataques mortíferos contra o seu regimento. Usar as crianças da escola onde ensinara antes de se tornar soldado, pensou Wadsworth, talvez não fosse a melhor forma de desenvolver o seu domínio das táticas de infantaria.

– Formar linha! – gritou ele.

– A maneira de fazer isto – opinou um homem de muletas de entre a multidão – é companhia a companhia. E mais lento, General, mas devagar e com firmeza é que se ganha o dia.

– Não, não, não! – aventou outro.

– O soldado da frente que marca a direita na primeira companhia dá um passo para a esquerda e um passo em frente, e torna-se o que marca a esquerda, levanta a mão e o resto chega-se a ele. Ou a ela, no seu regimento, General.

– É melhor companhia a companhia – insisti o aleijado.

– Foi assim que fizemos em Germantown.

– Mas, em Germantown, perdemos – salientou o segundo homem.

Johnny Fiske fingiu ter sido alvejado, cambaleou dramaticamente e caiu, e Peleg Wadsworth, que achava difícil pensar em si próprio como general, decidiu que não conseguira explicar a manobra convenientemente. Perguntou-se se necessitaria algum dia de dominar as complexidades das manobras de infantaria. Os Franceses tinham-se juntado ao combate da América pela liberdade e a guerra fazia-se agora nos Estados do Sul, muito longe de Massachusetts.

– A guerra está ganha? – A voz interrompeu os seus pensamentos e, virando-se, viu a sua mulher, Elizabeth, com a sua filha de um ano, Zilpha, nos braços.

– Acredito piamente – disse Peleg Wadsworth – que os miúdos não deixaram um único casaca vermelha vivo na América.

– Deus seja louvado por isso – disse Elizabeth alegremente. Tinha vinte e seis anos, cinco anos mais nova do que o seu marido, e estava grávida outra vez. Alexander era o seu filho mais velho, depois vinha Charles, de três anos, e a mais nova, Zilpha, que fitava de olhos esbugalhados e com solenidade o seu pai. Elizabeth era quase da mesma altura do seu marido, que devolvia um caderno de apontamentos e um lápis ao bolso do uniforme. Ficava bem de uniforme, pensou ela, apesar de a casaca azul de lapelas brancas, com a elegante aba abotoada, necessitar desesperadamente de ser remendada, mas não havia tecido azul disponível, nem sequer em Boston, pelo menos a um preço que Peleg e Elizabeth Wadsworth pudessem pagar. Elizabeth estava secretamente divertida com a expressão intensa de preocupação do marido. Era um bom homem, pensou ela com carinho, tão honesto como o dia era longo, e tinha a confiança de todos os vizinhos. Precisava de um corte de cabelo, embora os caracóis escuros ligeiramente esfarrapados lhe dessem um atraente aspeto libertino.

– Peço desculpa de interromper a guerra – disse Elizabeth – mas tens uma visita.

– Ela fez um aceno na direção de casa, onde um homem de uniforme amarrava o cavalo ao poste.

O visitante era magro e o seu rosto redondo, com óculos; não era estranho a Wadsworth, mas ele não conseguiu situar o homem que, depois de amarrar o cavalo, tirou um papel do bolso da sobrecasaca e caminhou pelo terreno comunitário iluminado pela luz do Sol. O seu uniforme era castanho-claro com lapelas brancas. Um sabre, seguro por cordões de couro, pendia-lhe do cinto.

– General Wadsworth – disse ele, quando se aproximou, – é bom vê-lo de saúde – acrescentou, e, por um segundo, Wadsworth batalhou desesperadamente para tentar associar o nome ao rosto, e então, abençoadamente, o nome veio-lhe à cabeça.

– Capitão Todd – disse ele, disfarçando o seu alívio. – Agora Major Todd, meu General.

– Felicito-o, Major.

– Fui nomeado ajudante do General Ward – disse Todd – que lhe envia isto.

Entregou o papel a Wadsworth. Era uma única folha, dobrada e selada, com o nome do General Artemas Ward inscrito numa letra complicada por baixo do selo.

O Major Todd olhou para as crianças, com severidade. Ainda formando uma linha desordenada, elas devolveram o olhar, intrigados com a lâmina curva que trazia à cintura.

– A vontade – ordenou Todd, e depois sorriu para Wadsworth.

– Recruta-os novinhos, General?

Wadsworth, embaraçado por ter sido descoberto a dar instrução a crianças, não respondeu. Quebrara o selo e lia agora a breve mensagem.

O General Artemas Ward apresentava os seus cumprimentos ao Brigadeiro-General Wadsworth e lamentava informar que fora feita uma acusação contra o Tenente-Coronel Paul Revere, comandante do Regimento de Artilharia do Massachusetts, especificamente por ter retirado rações e pagamento para trinta homens não existentes, e, agora, o General Ward solicitava que Wadsworth inquiresse sobre a substância da alegação.

Wadsworth leu a mensagem uma segunda vez, depois libertou as crianças da formação e, com um gesto, convidou Todd para caminhar com ele até ao campo comunitário.

– O General Ward está bom? – perguntou ele, educadamente. Arte-mas Ward comandava a Milícia do Massachusetts.

– Está bastante bem – respondeu Todd, – a não ser algumas dores nas pernas.

– Está mais velho – disse Wadsworth, e por um momento de atenção os dois homens trocaram notícias sobre nascimentos, casamentos, doenças e mortes, a pequena escala de mudança de uma comunidade. Tinham parado à sombra de um ulmeiro e, após um momento, Wadsworth agitou a carta.

– Parece-me estranho – disse ele, cuidadosamente – que seja um major a trazer uma mensagem tão trivial.

– Trivial? – perguntou Todd, muito sério.

– Estamos a falar de peculato, General.

– O qual, se existir de facto, terá sido registado no rol dos rendimentos. É preciso um general para inspecionar os livros? Um funcionário poderia fazer isso.

– Um funcionário já o fez – disse Todd severamente – mas o nome de um funcionário num relatório oficial não tem peso.

Wadsworth notou a severidade.

– E você procura peso? – perguntou ele.

– O General Ward investigará o assunto minuciosamente – respondeu Todd, com firmeza – e o senhor é General-Ajudante da milícia, o que faz de si responsável pela boa disciplina das forças.

Wadsworth hesitou perante o que considerava um lembrete impertinente e desnecessário das suas obrigações, mas deixou passar a insolência sem censura. Todd tinha reputação de ser um homem meticuloso e diligente, mas Wadsworth também se recordava de ouvir dizer que o Major William Todd e o

Tenente-Coronel Paul Revere nutria uma forte antipatia um pelo outro. Todd servira com Revere na artilharia, mas resignara em protesto contra a desorganização do regimento, e Wadsworth suspeitava que Todd estava a utilizar a sua nova posição para atacar o seu velho inimigo, e não gostava disso.

– O Coronel Revere – disse ele, sem aspereza, embora com deliberada provocação – goza da reputação de ser um bom e fervente patriota.

– É um homem desonesto – retorquiu Todd com veemência.

– Se as guerras fossem travadas apenas pelos honestos – disse Wadsworth, – teríamos então, decerto, uma paz perpétua?

– Conhece o Coronel Revere, meu General? – perguntou Todd.

– Não posso dizer que seja mais do que um conhecido – disse Wadsworth.

Tom assentiu, como se aquela fosse a resposta adequada.

– A sua reputação, General – disse ele, – é inatacável. Se provar que houve peculato, nem um único homem no Massachusetts discutirá o veredicto.

Wadsworth olhou de novo para a mensagem.

– Apenas trinta homens? – perguntou ele, com ceticismo.

– Cavalgou desde Boston por um assunto de tão pouca dimensão?

– Não é assim tão longe para vir a cavalo – disse Todd na defensiva

– e tenho negócios em Plymouth, pelo que foi conveniente servi-lo.

– Se tem negócios, Major – disse Wadsworth, – então não o demoro.

A cortesia exigia que, pelo menos, ele oferecesse a Todd algum refrigério e Wadsworth era um homem cortês, mas estava aborrecido por ser implicado no que suspeitava fortemente ser uma questão privada.

– Fala-se – observou Todd, quando os dois homens fizeram o caminho de regresso pelo campo comunitário – de um ataque contra o Canadá.

– Fala-se sempre de um ataque contra o Canadá – disse Wadsworth, com alguma rispidez.

– Se um tal ataque se verificar – disse Todd, – vamos querer que a nossa artilharia seja comandada pelo melhor homem disponível.

– Eu diria – disse Wadsworth – que desejamos que isso aconteça quer marchemos contra o Canadá ou não.

– Precisamos de um homem probo – disse Todd.

– Precisamos de um homem que possa disparar a direito – disse Wadsworth bruscamente e perguntou-se até que ponto Todd aspirava a comandar ele próprio o regimento de artilharia, mas não disse mais nada. A sua mulher estava à espera junto do poste onde o cavalo estava amarrado com um copo de água, que Todd aceitou, grato, antes de partir rumo a Plymouth. Wadsworth entrou em casa e mostrou a carta a Elizabeth.

– Receio que isto seja política – disse ele, – política.

– Isso é mau?

– É embaraçoso – disse Wadsworth.

– O Coronel Revere é um homem de fação.

– Façã?

– O Coronel Revere é zeloso – disse Wadsworth cuidadosamente – e o seu zelo faz tanto inimigos como amigos. Suspeito que o Major Todd fez a

acusação. É uma questão de despeito.

– Então achas que a alegação não é verdadeira?

– Não tenho opinião – disse Wadsworth – e gostaria muito de continuar nesta ignorância.

– Tomou de novo a carta nas suas mãos e releu-a.

– Não deixa de ser uma ação condenável – disse Elizabeth, severa.

– Ou uma falsa alegação? O erro de um funcionário? Mas envolve-me com uma façção e eu não gosto de façções. Se eu provar que transgrediu, metade de Boston fica minha inimiga e granjeio a inimizade de todos os maçons. Por isso preferiria continuar na ignorância.

– Então vais ignorar isto? – perguntou Elizabeth.

– Cumprirei o meu dever, minha querida – disse Wadsworth. Sempre cumprira o seu dever, e sempre o fizera bem. Como estudante de Harvard, como mestre-escola, como capitão das tropas de Lexington, como ajudante do General Washington no exército continental e agora como brigadeiro da milícia. Mas havia alturas, pensou ele, em que o seu próprio lado era de longe mais difícil do que o dos Britânicos. Dobrou a carta e foi ver se jantava.

Majabigwaduque era uma corcova de terra, quase uma ilha, quase com a forma de uma bigorna. No sentido leste-oeste, media apenas um pouco mais de três quilómetros e, no sentido norte-sul, raramente ultrapassava os oitocentos metros, e a crista da sua corcova rochosa erguia-se de este para oeste, onde terminava numa falésia íngreme, alta e coroada por arvoredos, sobranceira à larga baía de Penobscot. A povoação ficava do lado sul da crista, onde a frota britânica estava ancorada. Era uma aldeia de casas pequenas, celeiros e armazéns. As casas mais pequenas eram simples cabanas feitas com troncos, mas algumas formavam alojamentos mais substanciais, com dois andares, cuja estrutura era revestida por ripas de cedro que pareciam de prata quando a luz do Sol era refletida pelas águas. Ainda não havia igreja.

Acima da aldeia, a cumeada era densamente coberta de abetos, embora para ocidente, onde as terras eram mais elevadas, havia belos bordos, faias e bétulas. Os carvalhos cresciam junto à água. Muita da terra em redor da povoação fora limpa e plantada com milho, e, agora, os machados mordiam os troncos dos abetos, pois os casacas vermelhas dispunham-se a limpar a crista, acima da aldeia.

Setecentos soldados tinham vindo para Majabigwaduque. Quatrocentos e cinquenta eram escoceses das Terras Altas, de kilt, pertencentes ao 74.º, outros duzentos eram das Terras Baixas e pertenciam ao 82.º, ao passo que os restantes cinquenta eram engenheiros e atiradores. A frota que os trouxera dispersara, tendo a Blonde velejado para Nova Iorque, deixando para trás apenas três navios de transporte vazios e três pequenas corvetas, cujos mastros dominavam agora o porto de Majabigwaduque. Na praia, empilhavam-se os mantimentos descarregados e um novo caminho de terra batida levava diretamente ao longo do declive, da borda de água ao cume da elevação. O Brigadeiro McLean subia esse trilho, caminhando com a ajuda de uma vara nodosa de abrunheiro e acompanhado por um civil.

– Somos uma pequena força, Doutor Calef – disse McLean – mas pode estar

confiante de que cumpriremos o nosso dever.

– Calf – disse Calef.

– Perdão?

– O meu nome, General, pronuncia-se calf.

– Peça-lhe que me perdoe, Doutor – disse McLean, inclinando a cabeça.

O Doutor Calef era um homem de constituição robusta, alguns anos mais novo que McLean. Usava um chapéu de copa baixa por cima de uma cabeleira que não era tratada havia semanas e que emoldurava um rosto rude cujo maxilar lhe dava um ar determinado. Apresentara-se a McLean, oferecendo conselho, ajuda profissional e qualquer outro tipo de apoio que pudesse dar.

– Posso confiar que está aqui para ficar? – perguntou o médico.

– Decididamente, caro senhor, decididamente – disse McLean, escavando o fino solo com a vara.

–Oh, sim, tencionamos ficar.

– Para fazer o quê? – perguntou Calef, secamente.

– Deixe-me ver.

–McLean fez uma pausa, observando dois homens a afastarem-se de uma árvore meio caída que tombou, a princípio lentamente, e depois se precipitou numa explosão de ramos lascados, agulhas de pinheiro e poeira.

–O meu primeiro dever – disse ele – é impedir os rebeldes de usarem a baía como um refúgio para os seus corsários. Esses piratas têm constituído um aborrecimento.

–E era dizer pouco. Os rebeldes americanos detinham toda a linha costeira entre o Canadá e Nova Iorque, exceto a guarnição britânica cercada em Newport, Rhode Island, e os navios mercantes britânicos que faziam essa longa viagem estavam sempre à mercê dos bem armados e velozes corsários rebeldes. Ao ocupar Majabi-gwaduce, os Britânicos dominariam baía de Penobscot e, assim, negariam aos rebeldes aquele belo porto, que se tornaria uma base para a Marinha Real Britânica.

–Ao mesmo tempo – continuou McLean, – tenho ordens para dissuadir qualquer ataque rebelde contra o Canadá, e, em terceiro lugar, Doutor, devo encorajar o comércio neste lugar.

–Madeira para mastros – resmungou Calef.

– Em especial madeira para mastros – assentiu McLean – e, em quarto lugar, queremos colonizar esta região.

– Colonizar?

– Para a coroa, Doutor, para a coroa.

–McLean sorriu e agitou a vara de abrunheiro em direção à paisagem.

–Observe, Doutor Calef, a província de Sua Majestade, a Nova Irlanda.

– Nova Irlanda? – perguntou Calef.

– Até cento e trinta quilómetros para sul desde a fronteira do Canadá –disse McLean – é tudo a Nova Irlanda.

– Confiemos que não seja tão papista como a velha Irlanda – disse Calef, acidamente.

– Tenho a certeza de que será temente a Deus – disse McLean, com tato. O

General servira muitos anos em Portugal e não partilhava a antipatia dos seus compatriotas pelos Católicos, mas era suficientemente bom soldado para saber quando não devia combater.

—Então e o que o trouxe a si para a Nova Irlanda, Doutor? — perguntou ele, mudando de assunto.

— Fui expulso de Boston pelos malditos rebeldes — disse Calef, com ar zangado.

— E optou por vir para aqui? — perguntou McLean, incapaz de ocultar a sua surpresa pelo facto de o médico ter fugido de Boston para aquele deserto sem neveiro.

— Para onde haveria de levar a minha família? — perguntou Calef, ainda zangado.

—Deus meu, General, não há governo legítimo entre aqui e Nova Iorque! As colónias já são independentes em tudo exceto no nome! Em Boston, os miseráveis têm administradores, legisladores, ministérios, magistratura! Porquê? Porque é isso permitido?

— Podia ter ido para Nova Iorque — sugeriu McLean, ignorando a pergunta indignada de Calef — ou para Halifax.

— Sou um homem do Massachusetts — disse Calef — e acredito que um dia voltarei para Boston, mas para uma Boston limpa da rebelião.

— Rezo por isso, também — disse McLean.

—Diga-me, Doutor, a mulher deu à luz sem problemas?

O Doutor Calef pestanejou, como se a pergunta o surpreendesse.

—A mulher? Ah, refere-se à mulher de Joseph Perkins. Sim, ela teve a criança sem problemas. Uma bela rapariga.

— Outra menina, hein? — disse McLean, e voltou-se para fitar a vasta baía que ficava para além da entrada do porto.

—Grande baía com grandes marés — disse ele alegremente, depois deu conta da incompreensão do médico.

—Disseram-me que era esse o significado de Majabigwaduce — explicou ele.

Calef franziu o sobrolho, depois fez um gesto breve, como se a questão fosse irrelevante.

— Não faço ideia do que significa o nome, General. Tem de fazer a pergunta aos selvagens. É o nome que eles puseram ao lugar.

— Bem, agora é tudo a Nova Irlanda — disse McLean, e depois tocou no chapéu.

—Bom-dia, Doutor, estou certo de que haveremos de falar mais. Estou-lhe grato pelo apoio, muito grato na verdade, mas vai desculpar-me, o dever chama.

Calef observou o General coxear pela colina acima, e depois chamou-o.

— General McLean!

— Sim? — disse o General, virando-se.

— Não imagina que os rebeldes o vão deixar ficar aqui, pois não?

McLean pareceu ponderar a questão durante alguns segundos, quase como se nunca antes tivesse pensado nisso.—Não pensaria isso — disse ele, suavemente.

—Hão de vir atrás de si — avisou-o Calef.

—Assim que souberem que aqui está, General, hão de vir atrás de si.

– Sabe uma coisa? – disse McLean – Também acho que virão.

– Tocou no chapéu de novo.

– Bom-dia, Doutor. Fico contente pela Senhora Perkins.

– Que se lixe a Senhora Perkins – disse o médico, mas demasiado baixo para que o General pudesse ouvir, depois voltou-se e ficou a olhar para a baía, para sul, para lá de Long Island, para onde o rio desaparecia no seu caminho para o mar distante, e perguntou-se quanto tempo passaria até que uma frota rebelde aparecesse naquele canal.

Essa frota haveria de aparecer, tinha a certeza. Boston ouviria falar da presença de McLean, e Boston haveria de querer ver aquele lugar livre de casacas vermelhas. E Calef conhecia Boston. Fora membro da sua Assem-bleia-Geral, legislador do Massachusetts, mas era também um lealista teimoso que fora expulso de sua casa depois de os Britânicos terem deixado Boston. Agora vivia ali, em Majabigwaduce, e os rebeldes viriam de novo atrás dele. Sabia-o, e temia a vinda deles, e temia que um general que se preocupava com uma mulher e o seu bebé fosse demasiado mole para levar a cabo o trabalho necessário.

– Só têm de os matar a todos – resmungou ele para si próprio, – só têm de os matar a todos.

Seis dias depois de o Brigadeiro-General Wadsworth ter feito desfilar as crianças e depois de o Brigadeiro-General McLean ter entrado no aconchegado refúgio de Majabigwaduce, um capitão caminhava a passos largos o tombadilho do seu navio, a fragata Warren da marinha continental. Era uma manhã quente em Boston. Havia nevoeiro sobre as ilhas do porto e um vento húmido soprava de sudoeste levando uma promessa de uma tarde de trovoadas.

– O barómetro? – perguntou o Capitão, bruscamente.

– A descer, meu Capitão – respondeu um Guarda-Marinha.

– Tal como pensei – disse o Capitão Dudley Saltonstall, – tal como pensei.

– Caminhava de bombordo para estibordo e de estibordo para bombordo, debaixo da vela de mezena bem esticada na sua longa retranca.

O seu rosto de queixo comprido estava ensombrado por um dos bicos do bicórneo, abaixo do qual os seus olhos escuros alternavam penetrantemente da grande quantidade de barcos ancorados para a sua tripulação, que, embora escassa, enxameava o convés, os lados e o velame da fragata para dar ao navio a sua esfrega matinal. Saltonstall fora recentemente nomeado para a Warren e estava determinado a que ela fosse um navio aseado.

– Tal como pensei – disse Saltonstall outra vez. O Guarda-Marinha, que permanecia respeitosa ao lado do canhão da ré a bombordo, firmou a perna contra o reparo do canhão e não disse nada. O vento era suficientemente vivo para sacudir a Warren nos cabos da âncora e fazê-la estremecer nas pequenas ondas que tremeluziam de branco por todo o porto. A Warren, como os dois navios junto dela que pertenciam à marinha continental, ostentavam a bandeira de listas brancas e vermelhas, na qual uma serpente deslizava sobre as palavras «Não me pisem». Muitos dos outros navios, no porto apinhado, hasteavam a corajosa nova bandeira dos Estados

Unidos, com listas e estrelas, mas dois brigues elegantes, ambos armados com catorze peças de dois quilos e setecentos e ambos ancorados perto da Warren, hasteavam a bandeira da marinha do Massachusetts, que ostentava um pinheiro em campo branco e dizia «Um Apelo aos Céus».

– Um apelo ao disparate – resmungou Saltonstall.

– Meu Capitão? – perguntou nervosamente o Guarda-Marinha.

– Se a nossa causa é justa, Senhor Coningsby, porque precisamos de apelar aos céus? Apelemos antes à força, à justiça, à razão.

– Sim, meu Capitão – disse o Guarda-Marinha, perturbado pelo hábito de o Capitão olhar para além do homem com quem estava a falar.

– Apelo aos céus – escarneceu Saltonstall, ainda a olhar, além da orelha do Guarda-Marinha, para a bandeira ofensiva.

– Na guerra, Senhor Coningsby, o melhor é apelar aos infernos.

Os estandartes dos outros navios eram mais picarescos. Um navio de amuradas baixas, de mastros inclinados para a ré e os canhões de bombordo pintados de preto, ostentava no brasão do seu estandarte uma cascavel enrolada, ao passo que um outro exibia uma caveira sobre ossos cruzados, e um terceiro mostrava o Rei George de Inglaterra a perder a sua coroa em favor de um ianque de ar prazenteiro, que empunhava um pau aguçado. O Capitão Saltonstall não aprovava de todo tais bandeiras caseiras. Davam um aspeto pouco limpo. Uma dúzia de outros navios ostentavam bandeiras britânicas, mas flutuavam por baixo das cores americanas para mostrar que tinham sido capturados, e o Capitão Saltonstall também não aprovava isso. Não era por os mercadores britânicos terem sido capturados, o que era uma coisa pura e simplesmente boa, nem por as bandeiras proclamarem as vitórias pois também isso era desejável, mas por se presumir agora que os navios eram propriedade privada. Não propriedade dos Estados Unidos, mas de corsários, como no caso da chalupa baixa, de mastros inclinados e decorada com uma cascavel.

– São piratas, Senhor Coningsby – resmungou Saltonstall.

– Sim, meu Capitão – replicou o Guarda-Marinha Fanning. O Guarda-Marinha Coningsby morrera com a febre na semana anterior, mas todas as tentativas nervosas de corrigir o seu Capitão tinham fracassado e ele deixara de ter qualquer esperança de ser chamado pelo seu verdadeiro nome.

Saltonstall estava ainda de cenho carregado na direção dos corsários.

– Como podemos nós encontrar tripulantes decentes se a pirataria os seduz? – queixou-se Saltonstall.

– Diga-me, Senhor Coningsby.

– Não sei, meu Capitão.

– Não podemos, Senhor Coningsby, não podemos – disse Saltonstall, estremeando perante a injustiça da lei. Era verdade que os corsários eram piratas patriotas, ferozes como lobos na batalha, mas lutavam para obter ganhos privados e isso tornava impossível que o vaso de guerra continental encontrasse uma boa tripulação. Que jovem de Boston quereria servir o seu país por uns pennies quando se poderia juntar a um corsário e ganhar um quinhão do saque? Não admirava que a Warren tivesse falta de gente! Tinha

trinta e dois canhões e era uma bela fragata, como qualquer outra do litoral americano, mas Saltonstall só contava com homens suficientes para combater com metade das armas, enquanto os corsários contavam com o quadro completo.

—É abominável, Senhor Coningsby!

— Sim, meu Capitão — disse o Guarda-Marinha Fanning.

— Olhe para aquele! — Saltonstall abrandou o passo para apontar o dedo para a Ariadne, um gordo mercador britânico que fora capturado por um corsário.

— Sabe o que transportava, Senhor Coningsby?

— Madeira de nogueira escura de Nova Iorque para Londres, meu Capitão?

— E tinha seis peças, Senhor Coningsby! Peças de quatro quilos! Seis ao todo. Belos e longos canhões de quatro quilos! Novinhos em folha! E onde estão agora essas armas?

— Não sei, meu Capitão.

— À venda, em Boston! — Saltonstall cuspiu as palavras.

— À venda, Senhor Coningsby, em Boston, enquanto o nosso país precisa desesperadamente de canhões! Isto enfurece-me, Senhor Coningsby, isto enfurece-me mesmo.

— Sim, meu Capitão.

— Aqueles canhões vão ser derretidos para fazer quinquilharias. Quinquilharias! Enfurece-me, pela minha saúde, que me enfurece.

O Capitão Saltonstall levou a sua fúria até à amurada de estibordo, onde parou para observar a aproximação de um pequeno cúter vindo de norte. As suas velas escuras começaram por parecer uma mancha na névoa, depois a mancha tomou forma e cristalizou num vaso de mastro único com cerca de doze metros de comprimento. Não era um barco de pesca, a amurada era demasiado estreita para esse fim, sendo atravessada por to-letes que mostravam poder levar uma dúzia de remos e assim ser movido a remos em dias calmos, e Saltonstall reconheceu-o como um dos barcos mensageiros mais rápidos usados pelo governo do Massachusetts. Estava um homem no centro do navio com as mãos em concha, gritando, evidentemente, as notícias que trazia aos navios ancorados, entre os quais o cúter deslizava. Saltonstall teria adorado saber o que o homem estava a gritar, mas considerou que fazer perguntas não era compatível com a sua dignidade de Capitão da marinha continental, e, por isso, afastou-se quando uma escuna, de amuradas pontuadas por portinholas de peças, se aproximou, preparando-se para passar pela Warren. A escuna era um navio pirata de casco negro com o nome King-Killer bem visível, pintado a branco no bojo. As suas velas sujas estavam bem retesadas para aproveitar o vento e sair do porto. Ostentava uma dúzia de peças de convés, o suficiente para forçar a maior parte dos navios mercantes britânicos a uma rápida rendição, e era concebida para ser veloz e assim poder escapar a qualquer navio de guerra da marinha britânica. O seu convés estava apinhado de homens, e na me-zena desfraldava-se uma bandeira azul com a palavra Liberdade bordada a branco. Saltonstall esperou por essa bandeira ser arriada em saudação ao seu próprio estandarte, mas a escuna negra não manifestou qualquer sinal de reconhecimento. Um

homem na grinalda da popa olhou para Saltonstall e depois cuspiu para o mar, e o Capitão da Warren conteve-se, suspeitando um insulto. Observou-a a ir em direção ao nevoeiro. A King-Killer estava de partida para a sua caçada, atravessando a baía, rodeando o recorte mais a norte do Cabo Cod, e saindo para o Atlântico, onde os bem recheados navios de carga britânicos se arrastavam nas suas rotas para Ocidente, de Halifax para Nova Iorque.

– Quinquilharias – resmungou Saltonstall.

Uma barça com um toco a servir de mastro, pintada de branco e com uma lista preta em volta da amurada, saía do cais de Castle Island. Uma dúzia de homens manejavam remos, puxando-a com esforço através das pequenas ondas, e a visão da barça fez com que o Capitão Saltonstall tirasse um relógio do bolso. Abriu-lhe a tampa com um estalido e viu que passavam dez minutos das oito da manhã. A barça estava rigorosamente no seu horário e, dentro de uma hora, vê-la-ia voltar de Boston, desta vez transportando o comandante da guarnição de Castle Island, que preferia pernoitar na cidade. Saltonstall aprovava a barça de Castle Island. Estava primorosamente pintada e a sua tripulação, ainda que não envergasse um verdadeiro uniforme, usava camisolas azuis a condizer. Havia ali uma tentativa de ordenação, de disciplina, de adequação.

O Capitão retomou as suas caminhadas de bombordo para estibordo, de estibordo para bombordo.

A King-Killer desapareceu no nevoeiro.

A barça de Castle Island fazia o seu caminho para sair do ancoradouro. Um sino de igreja começou a tocar.

Porto de Boston, uma manhã quente, 23 de junho de 1779.

O tesoureiro do 82.º Regimento Apeado de Sua Majestade caminhava para oeste ao longo da crista de Majabigwaduce. Por trás dele ouvia-se o som dos machados a cortarem árvores, ao passo que em seu redor só havia nevoeiro. Um nevoeiro espesso. Todas as manhãs, desde que a frota chegara ali, houvera nevoeiro.

– Dissipar-se-á – disse o tesoureiro, alegremente.

– Sim, meu Tenente – respondeu o Sargento McClure, laconicamente. O Sargento tinha um piquete de seis homens do 82.º Apeado, o regimento do Duque de Hamilton, por isso conhecido como os Hamilton. McClure tinha trinta anos e era muito mais velho do que os seus homens, e doze anos mais velho do que o tesoureiro, que liderava o piquete com uma passada rápida e entusiástica. As suas ordens eram de estabelecer um posto de sentinela nos montes mais ocidentais da península, de onde se obtinha um panorama sobre toda a baía de Penobscot. Se algum inimigo estava para vir, a baía constituía o espaço de aproximação mais provável. O piquete estava no meio de denso arvoredo e parecia minúsculo junto das árvores altas envoltas em nevoeiro.

– O Brigadeiro – aventou o Sargento McClure – disse que talvez houvesse rebeldes aqui.

– Disparete! Não há rebeldes nenhuns aqui! Fugiram todos, Sargento!

– Se o meu Tenente assim o diz.

– Digo, pois – disse o jovem oficial entusiasticamente, e depois parou,

apontando subitamente para debaixo dos arbustos.

—Ali!

— Um rebelde, meu Tenente? — perguntou McClure solicitamente, não vendo nada digno de nota entre os pinheiros.

— Aquilo é um tordo?

— Ah — McClure viu o que despertara o interesse do tesoureiro e observou de mais perto, — é um pássaro, meu Tenente.

— Estranhamente, Sargento, eu estava ciente desse facto — disse o Tenente, alegremente.

— Olhe bem para o peito dele, Sargento.

O Sargento McClure olhou, obediamente, para o peito do pássaro.

— Vermelho, meu Tenente?

— Vermelho, de facto. Felicito-o, Sargento, e isso não lhe faz recordar o nosso pisco-de-peito-ruivo? Mas este nosso amigo é muito maior! É bonito, este nosso amigo, não é?

— Quer que o mate, meu Tenente? — perguntou McClure.

— Não, Sargento. Só quero que admire a sua plumagem. Um tordo que usa a casaca vermelha de Sua Majestade poderia ser considerado um sinal de boa sorte?

— Oh, sim, meu Tenente, poderia.

— Noto em si, Sargento, uma falta de zelo.

— O jovem Tenente de dezoito anos sorriu para mostrar que não estava a falar a sério. Era um rapaz alto, com uma cabeça bem medida mais alto do que o sargento atarracado, e um rosto ardente e instável, um sorriso rápido como um relâmpago e olhos astuciosos e observadores. A sua casaca era feita de um caro tecido escarlate, com lapelas negras e botões que se dizia serem feitos do mais fino ouro. O Tenente John Moore não era rico, era filho de um médico, mas todos sabiam que era amigo do filho mais novo do Duque, e dizia-se que o Duque era mais rico do que os outros dez homens mais ricos de toda a Escócia, e ter um amigo rico, como toda a gente também sabia, era a melhor coisa que havia a seguir a ser-se rico. O Duque de Hamilton era tão rico que pagara todas as despesas da constituição do 82.º Regimento Apeado, tendo comprado os seus uniformes, mosquetes e baionetas, e dizia-se que Sua Graça poderia dar-se ao luxo de constituir mais dez regimentos daqueles sem dar conta da despesa.

— Para diante — disse Moore, — para diante, sempre para diante!

Os seis soldados, todos das Terras Baixas da Escócia, não se mexiam. Apenas fitavam o Tenente Moore como se ele fosse um espécime estranho de algum país bárbaro e longínquo.

— Para diante! — apelou de novo Moore, de novo caminhando a largos passos por entre as árvores. O nevoeiro abafava o som áspero dos machados que vinha do local onde os homens do Brigadeiro McLean abriam clareiras na cumeada para que o forte que planeavam tivesse campos de tiro abertos. Entretanto, o piquete do 82.º subia um declive suave que ia ter a um largo planalto densamente coberto de matagais e abetos escuros. Moore avançou calcando as moitas e, depois, parou de novo repentinamente.

– Ali – disse ele, apontando.

– Thalassa, Thalassa.

– Está lassa? – perguntou McClure.

– Não leu aAnábase, de Xenofonte, Sargento? – perguntou Moore, fingindo-se horrorizado.

– Esse é o que vem depois do Levítico, meu Tenente?

Moore sorriu.

– Thalassa, Sargento, Thalassa – disse ele, com fingida censura, – foi o grito dos dez mil quando, por fim, após a sua longa marcha, e após as suas duras provações, chegaram ao mar. É isso que significa! O mar! O mar! E gritaram de alegria porque viram a sua segurança nas palpitações do seu peito.

– O seu peito, meu Tenente – ecoou McClure, espreitando por uma súbita e abrupta falésia, coberta de arvoredos densos, para vislumbrar o mar frio por entre a folhagem e por baixo do nevoeiro que pairava.

– Não é muito peitudo, meu Tenente.

– E é por estas águas, Sargento, do seu covil das terras negras de Boston, que o inimigo virá. Chegarão às centenas e aos milhares, rondarão com as hordas bárbaras dos Medos, descerão sobre nós como os Assírios!

– Não se este nevoeiro durar, meu Tenente – disse McClure, – esses maricas vão perder-se, meu Tenente.

Moore, por uma vez, não disse nada. Observava a ribanceira. Não era muito escarpada, mas nenhum homem subiria facilmente por ela. Um atacante precisaria de trepar aqueles sessenta metros agarrando-se aos rebentos esparsos, e um homem a usar as mãos para não perder o pé não poderia usar o seu mosquete. A praia, apenas visível, era pequena e pedregosa.

– Mas os maricas virão, meu Tenente? – perguntou McClure.

– Não é possível dizer – disse Moore, distraidamente.

– Mas o Brigadeiro acha que sim, meu Tenente? – perguntou McClure com ansiedade. Os soldados ouviam, alternando o olhar nervoso entre o sargento baixo e o alto oficial.

– Temos de assumir, Sargento – disse Moore, alegremente – que essas desgraçadas criaturas não vão gostar da nossa presença. Tornamos-lhes a vida difícil. Ao estabelecermo-nos nestas terras de leite azedo e mel amargo, negamos aos seus corsários os portos de que necessitam para os seus desleais saques. Somos um espinho cravado, somos inconvenientes, constituímos um desafio à sua quietude.

McClure franziu o sobrolho e coçou a testa.

– Então, quer dizer que os maricas hão de vir, meu Tenente?

– Espero ardentemente que não – disse Moore com súbita veemência.

– Não por aqui, meu Tenente – disse McClure, com segurança.

– E íngreme de mais.

– Hão de querer desembarcar algures não muito longe dos canhões dos seus navios – disse Moore.

– Canhões, meu Tenente?

– Grandes tubos de metal que expelem balas, Sargento.

– Oh, obrigado, meu Tenente. Estava a imaginar, meu Tenente – disse

McClure com um sorriso.

Moore tentou, sem conseguir, conter um sorriso.

— Irão encher-nos de tiros, Sargento, não tenho dúvidas sobre isso.

E não tenho dúvidas de que os navios irão encher este declive de tiros de canhão, mas como é que subirão homens sob o nosso fogo de mosquete?

No entanto, mesmo que consigam, esperemos que desembarquem aqui. Nenhum soldado poderá subir este declive se nós estivermos aqui em cima à espera, hã? Por amor de Deus, Sargento, faremos uma bela seleção desses filhos da mãe revoltosos!

— E assim faremos, meu Tenente — disse McClure lealmente, embora ao longo dos seus dezasseis anos de serviço se tivesse acostumado aos jovens oficiais imprudentes, cuja confiança excedia a experiência. O Tenente John Moore, resolveu o Sargento, era mais um desses, porém McClure gostava dele. O tesoureiro tinha um dom de autoridade, rara num homem tão novo, e estava decidido a ser um oficial justo que acarinhava as suas tropas. Mesmo assim, pensou McClure, John Moore teria de aprender algum bom senso para não morrer novo.

— Vamos massacrá-los — disse Moore, entusiasticamente, depois esticou a mão.

—O seu mosquete, Sargento.

McClure deu o mosquete ao oficial e observou como Moore depositava um guinéu no chão.

— O soldado que disparar mais rapidamente do que eu será recompensado com um guinéu — disse Moore.

—A vossa marca é aquela árvore quase podre inclinada no declive, estão a vê-la?

— Façam pontaria àquela árvore morta dobrada — explicou McClure aos soldados.

—Meu Tenente?

— Sargento?

— O ruído dos mosquetes não causará alarme no acampamento, meu Tenente?

— Avisei o Brigadeiro de que iríamos disparar. Sargento, o seu carregador, por favor.

— Sejam rápidos, rapazes.

—McClure encorajou os seus homens.

—Vamos lá sacar o dinheiro ao oficial!

— Podem carregar e premir o gatilho — disse Moore.

—Proponho que disparemos cinco tiros. Se qualquer um de vocês conseguir disparar os cinco antes de mim, ficarão com um guinéu. Imaginem, meus senhores, que uma horda de rebeldes malcheirosos está a trepar pela falésia; façam, então, o trabalho do Rei e enviem os desgraçados para o inferno.

Os mosquetes foram carregados; a pólvora, os papéis e os cartuchos em forma de bola foram atacados no interior dos canos, os fechos foram escorvados e as caçoletas fechadas. Os estalidos das pederneiras a serem armadas pareceram estranhamente sonoros na manhã enevoada.

– Cavalheiros do 82.º – ordenou Moore com solenidade, – estão prontos?

– Os maricas estão prontos – disse McClure.

– Apresentar! – comandou Moore – Fogo!

Os sete mosquetes cuspiram, expelindo fumo de pólvora com um cheiro diabólico mais denso do que os remoinhos de nevoeiro. O fumo ficou a pairar enquanto os pássaros voavam por entre o arvoredado denso e as gaivotas gritavam da água. No eco dos disparos, McClure ouviu as bolas de chumbo fenderem folhas e tinirem nas pedras da pequena praia. Os homens rasgavam com os dentes o cartucho seguinte, mas o Tenente Moore estava já adiantado. Escorvara o mosquete, fechara a caçoleta e agora pousara a pesada coronha no chão e deitava a pólvora. Empurrou o papel do cartucho e a bola pelo cano, tirou a vareta e fê-la deslizar com força, retirou-a com um zumbido de metal sobre metal, depois encaixou a vareta no lugar, colocou a arma no ombro, armou o cão e disparou.

Ninguém batera ainda o Tenente John Moore. O Major Dunlop cronometrara Moore uma vez e, com incredulidade, anunciara que o Tenente tinha disparado cinco tiros em sessenta segundos. A maior parte dos homens conseguiram fazer três tiros com um mosquete limpo, eram poucos os que alcançavam os quatro tiros, mas o filho do médico e amigo do Duque, conseguia disparar cinco. Moore fora treinado no tiro de mosquete por um prussiano, e, quando era rapaz, treinara vezes sem conta, aperfeiçoando essa capacidade essencial do soldado, e estava tão seguro da sua habilidade que, enquanto carregava os dois últimos tiros, nem se deu ao trabalho de olhar para a arma emprestada e, em vez disso, sorriu maliciosamente para o Sargento McClure.

– Cinco! – anunciou Moore, e os seus ouvidos ainda tinham com o ruído das explosões.

–Alguns dos homens me derrotou, Sargento?

– Não, meu Tenente. O Soldado Neill conseguiu fazer três tiros, meu Tenente, o resto fez dois.

– Então, o meu guinéu está a salvo – disse Moore, lançando-o ao ar e fechando-o na mão.

– E nós, estaremos? – murmurou McClure.

– Disse alguma coisa, Sargento?

McClure olhava para baixo. O fumo estava a dissipar-se e ele viu que a árvore inclinada, apenas a alguns passos de distância, não fora sequer arranhada por qualquer bala de mosquete.

– Somos poucos, meu Tenente – disse ele – e estamos aqui sozinhos e os rebeldes são imensos.

– Mais teremos de matar – disse Moore.

–Vamos colocar aqui o posto de vigia até o nevoeiro levantar, Sargento, depois procuraremos uma posição melhor.

– Sim, meu Tenente.

O piquete foi posicionado; a sua missão era vigiar a chegada do inimigo. Esse inimigo, tinha o Brigadeiro assegurado aos seus oficiais, viria.

Disso McLean estava certo. Por isso, mandou cortar árvores e estudou onde

deveria ser construído o forte.
Para defender as terras do Rei dos inimigos do Rei.

Excerto de uma carta do Conselho do Massachusetts para o Comando da Marinha Continental em Boston, de 30 de junho de 1779:

Cavalheiros: A Assembleia-Geral deste Estado determinou uma Expedição a Penobscot para desalojar o Inimigo dos Estados Unidos que ali se estabeleceu recentemente e que se diz estar a Hostilizar o Bom Povo deste Estado... fortificando-se em Ba-ggobagadoos, e como são apoiados por uma Força Naval Considerável, para Realizar o nosso Desígnio será conveniente enviar para lá uma Força Naval Superior para auxiliar as nossas Operações em Terra. Por conseguinte... estamos a escrever-vos... para requerer ajuda para os nossos Desígnios, reforçando a Força Naval deste Estado, agora, preparando com toda a Rapidez Possível uma expedição a Penobscot; a Fragata Continental, que está agora neste Porto, e os outros vasos Continentais armados aqui presentes.

Excertos do Mandado de Recrutamento dirigido aos Xerifes do Massachusetts a 3 de julho de 1779:

Estão, por este documento, autorizados e Comandados para levarem convosco a Ajuda que julgarem adequada, e imediatamente recrutarem por obrigação um corpo competente de Navegadores, ou Marinheiros, que deverão encontrar dentro da vossa Jurisdição... para servir a bordo de qualquer dos Navios que estão ao Serviço deste Estado e que serão utilizados na expedição proposta a Penobscot. Ficam, por este documento, Autorizados a entrara bordo e procurar em qualquer Embarcação ou Navio ou abrir à força e procurar quaisquer Habitações ou outros edifícios nos quais suspeitem estarem escondidos quaisquer Navegadores ou Marinheiros.

Excerto de uma carta enviada pelo Brigadeiro-General Charles Cushing ao

Conselho do Estado do Massachusetts, em 19 de junho de

1779:

Emiti ordens para os oficiais da minha Brigada solicitando que alistem homens que estejam dispostos a isso. Mais informo vossas Excelências de que no momento presente parece não haver qualquer perspectiva de conseguir um único homem pois a Recompensa oferecida Agrada apenas agente incapaz.

O Tenente-Coronel Paul Revere estava junto do pátio do arsenal de Boston. Envergava um uniforme azul-claro com lapelas castanhas, calções brancos de pele de antílope, botas até ao joelho, e tinha um alfange naval suspenso de um grosso cinto castanho. O seu chapéu de abas largas era de feltro e lançava-lhe uma sombra sobre o rosto largo e teimoso, enrugado no ato de pensar.

– Estás a fazer essa lista, rapaz? – perguntou ele, bruscamente.

– Sim, senhor – respondeu o rapaz. Tinha doze anos, era filho de Josiah Flint, que governava o arsenal a partir da sua cadeira bem almofadada de costas altas que fora arrastada para fora do gabinete para junto da mesa de armar na qual o rapaz fazia a lista. Flint gostava de se sentar no pátio quando o tempo o permitia para poder controlar as idas e vindas no seu domínio.

– Cabos – disse Revere, – busca-vidas e saca-trapos, estou a ir depressa de mais?

– Saca-trapos – murmurou o rapaz, mergulhando o aparo no tinteiro.

– Hoje está calor – resmungou Josiah Flint das profundezas da sua cadeira.

– Estamos no verão – disse Revere – e é natural que esteja calor. Soquetes, rapaz, e lanadas. Espeques, tapas, bota-fogos. De que me esqueci eu, Senhor Flint?

– Espoletas, Coronel.

– Espoletas, rapaz.

– Espoletas – disse o rapaz, terminando a lista.

– E ainda tenho outra coisa qualquer na minha cabeça – disse Flint, franzindo o sobrolho, depois pensando por um momento antes de abanar a cabeça.

– Talvez não seja nada – disse ele.

– Procura no material que o teu pai fornece – disse Revere – e faz montes de todas estas coisas. Precisamos de saber quantas arranjámos. Regista a quantidade e depois diz-me. Vai lá.

– E baldes – acrescentou apressadamente Josiah Flint.

– E baldes! – gritou Revere para o rapaz.

– E baldes sem furos, já agora! – Sentou-se na cadeira que ficara vaga e observou Josiah Flint a dar uma dentada numa perna de galinha. Flint era um homem enorme, com uma barriga que transbordava sobre o cinto, e que parecia apostado em tornar-se ainda mais gordo, pois sempre que Revere visitava o arsenal, encontrava o seu amigo a comer. Tinha um prato de pão de milho, rabanetes e galinha, para o qual vagamente acenava como que a convidar o Coronel Revere a partilhar a sua refeição.

– Ainda não recebeu ordens, Coronel? – perguntou Flint. O seu nariz fora desfeito por uma bala em Saratoga, apenas uns minutos antes de um projétil de canhão lhe levar a perna direita. Não conseguia respirar pelo nariz, pelo que a respiração era feita através da comida meio mastigada que lhe enchia a boca. Fazia um ruído fanhoso.

- Já deviam ter-lhe dado ordens, Coronel.
- Não sabem se hão de mijar se hão de vomitar, Senhor Flint – disse Revere – mas não posso ficar à espera enquanto se decidem. As armas têm de estar preparadas!
- Não há melhor homem que o senhor, Coronel – disse Josiah Flint, tirando um pedaço de rabanete de entre os dentes da frente.
- Mas não fui para Harvard, pois não? – perguntou Revere, com um riso forçado.
- Se eu falasse latim, Senhor Flint, já seria general.
- Hic, haec, hoc – disse Flint com a boca cheia de pão.
- Espero que sim – disse Revere. Sacou do bolso um exemplar dobrado do Boston Intelligencer e abriu-o sobre a mesa, e depois colocou os óculos de leitura. Não gostava de os usar, pois suspeitava que lhe davam uma aparência pouco militar, mas precisava deles para ler o relato da incursão britânica no Leste do Massachusetts.
- Quem acreditaria – disse ele – que os sacanas dos casacas vermelhas estariam de volta à Nova Inglaterra?
- Não por muito tempo, Coronel.
- Espero que não – disse Revere. O governo do Massachusetts, tendo tomado conhecimento de que os Britânicos tinham desembarcado homens em Majabigwaduce, determinara enviar uma expedição ao rio Penobscot, com vista à qual se estava a reunir uma frota, tendo sido enviadas ordens para a milícia e nomeados oficiais.
- Bem, bem – disse Revere, olhando para o jornal.
- Parece que os Espanhóis agora declararam guerra aos Britânicos!
- Tanto a Espanha como a França – disse Flint.
- Os costas sangrentas² já não conseguem durar muito mais.
- Rezemos para que durem o tempo suficiente para nos dar a oportunidade de lutar contra eles em Maja.
- Revere fez uma pausa.
- Majabi-gwaduce – disse ele.
- Pergunto-me o que significará esse nome.
- Um qualquer disparate índio – disse Flint.
- Lugar Onde o Diabo Perdeu as Botas, provavelmente.
- Provavelmente – disse Revere, com ar ausente. Tirou os óculos e olhou para um tripé à espera de receber o cilindro de um canhão que seria retirado de um reparo apodrecido pela humidade.
- Deram-lhe alguma requisição para canhões, Senhor Flint?
- Apenas para quinhentos mosquetes, Coronel, para alugar à milícia por um dólar cada.
- Alugados!
- Alugados – confirmou Flint.
- Se é para matar os Britânicos – disse Revere, – o dinheiro não devia entrar nisto.
- O dinheiro entra sempre nisto – disse Flint.
- Há seis novas peças britânicas de quatro quilos no pátio de Appleby, mas

não lhes podemos tocar. É para serem leiloadas.

– O Conselho devia comprá-las – disse Revere.

– O Conselho não tem dinheiro suficiente – disse Flint, desossando uma perna da galinha, – não tem liquidez suficiente para pagar os prés, alugar os corsários, adquirir mantimentos nem comprar canhões. Vocês terão de se governar com as armas que temos.

– Eles governar-se-ão, eles governar-se-ão – disse Revere, com rancor.

– E espero que o Conselho tenha o bom senso de o nomear comandante dessas armas, Coronel!

Revere não disse nada, apenas continuou a fitar o tripé. Ele tinha um sorriso envolvente que transmitia calor aos corações, mas agora não sorria. Fervia.

Fervia porque o Conselho nomeara os comandantes da expedição para desalojar os Britânicos de Majabigwaduce, mas ao momento ninguém fora nomeado para liderar a artilharia, e Revere sabia que canhões seriam necessários. Sabia, também, que era o homem mais capaz para comandar esses canhões; ele era, na verdade, o oficial no comando do Regimento de Artilharia do Estado do Massachusetts, mas apesar disso o Conselho abste-vera-se claramente de lhe enviar ordens.

– Eles nomeá-lo-ão, Coronel – disse Flint, com lealdade, – têm de o fazer!

– Não se o Major Todd levar a melhor – disse Revere, amargamente.

– Espero que ele tenha ido para Harvard – disse Flint, – hic, haec, hoc.

– Harvard ou Yale, provavelmente – anuiu Revere, – e queria dirigir a artilharia como um contabilista! Listas e regulamentos! Disse-lhe, faça dos homens atiradores, depois mate os Britânicos, e depois disso faça listas, mas ele não me deu ouvidos. Estava sempre a dizer que eu era desorganizado, mas eu conheço as minhas armas, Senhor Flint, eu conheço as minhas armas. Há uma certa habilidade na artilharia, uma arte, e nem todos têm queda para isso. Não se aprende nos livros, não a artilharia. É uma arte.

– É bem verdade – arquejou Flint com a boca cheia.

– Mas eu preparo-lhes os canhões – disse Revere – para que quem for que comande tenha tudo feito como deve ser. Pode não haver listas que cheguem, Senhor Flint – deu uma gargalhada ao dizer isto, – mas terão boas armas, e prontas. Peças de oito quilos e mais! Matadores dos costas sangrentas! Armas para massacrar os Ingleses, eles terão armas. Eu tratarei disso.

Flint fez uma pausa para dar um arrote, depois carregou os sobrolhos.

– Tem a certeza de que quer ir a Maja, seja como for?

– Claro que tenho a certeza!

Flint acariciou a barriga, depois meteu dois rabanetes na boca.

– Aquilo não é confortável, Coronel.

– Que quer dizer com isso, Josiah?

– Lá para Leste? – perguntou Flint.

– Para Leste não há nada senão mosquitos, chuva e dormir debaixo de uma árvore.

– Ele temia que o comando da artilharia da expedição não fosse dado ao seu amigo e, no seu modo desajeitado, tentava dar-lhe algum consolo.

– E você já não é tão novo como dantes, Coronel!

– Aos quarenta e cinco anos não se é velho! – protestou Revere.

– Suficientemente velho para ter juízo – disse Flint – e para apreciar uma boa cama com uma mulher lá dentro.

– Uma boa cama, Senhor Flint, é ao lado das minhas armas. Ao lado das minhas armas apontadas aos Ingleses! E tudo o que peço, uma oportunidade de servir o meu país.

– Revere tentara entrar em combate desde que a rebelião começara, mas os seus pedidos ao exército continental tinham sido recusados por razões de que Revere apenas suspeitava, sem as poder confirmar. Dizia-se que o General Washington queria homens bem-nascidos e de distinção, e esse rumor apenas servia para aumentar ainda mais o ressentimento de Revere. A Milícia do Massachusetts não era assim tão especial, apesar de o serviço prestado por Revere não ter sido até ao momento muito recheado de acontecimentos. É verdade que fora a Newport para ajudar a desalojar os Britânicos, mas essa campanha acabara por fracassar antes de Revere e as suas armas terem chegado, e fora então forçado a ter de comandar a guarnição de Castle Island, e as suas orações para que viesse uma frota britânica para ser desfeiteada pelos seus canhões continuavam sem resposta. Paul Revere, que odiava os Britânicos com uma paixão capaz de lhe fazer estremeecer o corpo de pura veemência, ainda não matara um único casaca vermelha.

– O Coronel ouviu o toque do cornetim a chamá-lo – disse Flint, respeitosamente.

– Ouvi o toque do cornetim a chamar-me – assentiu Revere.

Uma sentinela abriu o portão do arsenal e um homem com o uniforme azul desbotado do exército continental entrou no pátio, vindo da rua. Era alto, bem-apeσοado e uns anos mais novo do que Revere, que fez um cumprimento cauteloso.

– Coronel Revere? – perguntou o recém-chegado.

– Ao seu serviço, General.

– O meu nome é Peleg Wadsworth.

– Eu sei quem o senhor é, General – disse Revere, sorrindo e apertando a mão que lhe era estendida. Notou que Wadsworth não retribuiu o sorriso.

– Espero que me traga boas notícias do Conselho, General.

– Gostaria de lhe dar uma palavra, Coronel – disse Wadsworth, – uma breve palavra.

– O Brigadeiro olhou para o monstruoso Josiah Flint na sua cadeira estofada.

– Em privado – acrescentou ele, com severidade.

O toque de chamamento teria de esperar.

O Capitão Henry Mowat estava na praia de Majabigwaduce. Era um homem atarracado, com um rosto avermelhado, agora na sombra do longo bico do seu tricórnio. A sua farda era azul-escura com aplicações de um azul mais claro, cheia de manchas brancas do sal. Andava pelos quarenta, fora marinheiro toda a vida, e firmava-se com os pés afastados como se estivesse a equilibrar-se na tolda. O cabelo negro estava empoadado e um ligeiro rasto de pó depositara-se ao longo das costas da casaca do uniforme. Olhava fixamente para os escaletes que estavam ao lado do seu navio, o Albany.

– Por que diabo demora tanto tempo? – resmungou ele.

O seu companheiro, o Doutor John Calef, não fazia ideia do que causava o atraso a bordo do Albany e não tinha resposta.

– Não recebeu quaisquer informações de Boston? – acabou ele por perguntar a Mowat.

– Não precisamos de informações – disse Mowat bruscamente. Era o oficial mais antigo em Majabigwaduce e, tal como o Brigadeiro McLean, era escocês, mas ao invés da suavidade e da brandura do Brigadeiro, Mowat era famoso pela sua brusquidão. Remexia nervosamente no punho, preso por um cordão, da sua espada.

– Os filhos da mãe hão de vir, Doutor, lembre-se do que lhe estou a dizer, os filhos da mãe hão de vir. Como moscas para o esterco, Doutor, eles hão de vir. Calef pensou que comparar a presença dos Britânicos em Majabigwaduce a esterco era uma escolha infeliz, mas não fez qualquer comentário sobre isso.

– Em força? – perguntou ele.

– Podem ser uns malditos rebeldes, mas não são loucos. Claro que virão em força.

– Mowat continuou a olhar fixamente para o navio ancorado, depois pôs as mãos em concha.

– Senhor Farraby – gritou ele sobre as águas, – que diabo está a acontecer?

– A enrolar uma nova eslinga, meu Capitão – respondeu uma voz.

– Quantas peças vai desembarcar? – perguntou o médico.

– Tantas quantas McLean quiser – disse Mowat. As suas três corvetas estavam ancoradas de vante para ré de modo a fazer uma linha através da boca do porto, com o lado de estibordo virado para a entrada para saudar qualquer navio rebelde que ousasse entrar. Essa frente era insignificante. A HMS North, que estava mais perto da praia de Majabigwaduce, levava vinte peças, dez de cada lado, ao passo que a Albany, ao centro, e a Nautilus levavam cada uma nove peças de cada lado. Um navio inimigo seria, desse modo, saudado por vinte e oito peças, nenhuma delas com projéteis de mais de quatro quilos, e as últimas informações que Mowat recebera de Boston indicavam que estava uma fragata rebelde naquele porto, uma fragata com trinta e duas peças, a maior parte das quais maior do que os seus pequenos canhões. E a fragata rebelde Warren seria apoiada pelos corsários do Massachusetts, a maioria dos quais estava tão bem armada como as suas próprias corvetas.

– Vai ser um grande combate – disse ele, acidamente,

– um bom combate como há poucos.

A nova eslinga fora, obviamente, enrolada, pois um cano de canhão de quatro quilos estava a ser içado do convés da Albany e suavemente arriado para um dos escaleres. Mais de uma tonelada de metal suspendia-se de um braço da verga, pairando sobre as cabeças dos marinheiros de cabelo entrançado, que esperavam no pequeno barco. Mowat estava a desembarcar as suas peças de bombordo para que esses canhões pudessem proteger o forte que McLean estava a construir na crista do monte de Majabigwaduce.

– Se abandona as suas peças de bombordo – perguntou Calef num tom

intrigado, – que acontece se o inimigo passar por si?

– Nesse caso, caro senhor, estaremos mortos – disse Mowat, brevemente. Observou o escaler afundar perigosamente nas águas agitadas à medida que recebia o peso do cano do canhão. A carreta seria levada para terra noutro barco e, tal como o cano, arrastada pelo monte acima até ao local do forte por dois conjuntos de bois, que tinham sido recrutados na quinta de Hutchings.

– Mortos! – disse Mowat, quase com alegria.

– Mas para nos matarem, Doutor, têm primeiro de passar por nós, e eu não tenho intenção de que passem por mim.

Calef sentiu-se aliviado pela atitude beligerante de Mowat. O Capitão escocês era famoso no Massachusetts, ou talvez fosse mais exato dizer que tinha uma fama infame, mas para todos os lealistas, como Calef, Mowat era um herói que inspirava confiança. Fora capturado por civis rebeldes, os autodenominados Filhos da Liberdade, quando passeava em Falmouth. A sua libertação fora negociada pelos notáveis dessa orgulhosa cidade portuária, e a condição para a libertação de Mowat fora que ele se rendesse no dia seguinte para que a legalidade da sua prisão pudesse ser estabelecida por advogados, mas, em vez disso, Mowat voltara com uma flotilha que bombardeou a cidade dos alvares da madrugada ao escurecer e, quando a maior parte das casas ficou desfeita, enviou grupos a terra para pegarem fogo ao que restava. Dois terços de Falmouth foram destruídos com o objetivo de fazer passar a mensagem de que o Capitão Mowat não era homem com quem se brincasse. Calef franziu o sobrolho quando o Brigadeiro McLean e dois jovens oficiais caminharam pela praia pedregosa em direção a Mowat. Calef ainda tinha dúvidas acerca do Brigadeiro escocês, temendo que ele tivesse uma atitude demasiado suave, mas o Capitão Mowat não tinha, evidentemente, tais apreensões porque fez um largo sorriso quando McLean se aproximou.

– Não me venha chatear, McLean – disse ele com uma severidade divertida, – as suas preciosas armas estão a chegar!

– Nunca duvidei, Mowat, nunca duvidei – disse McLean, – nem por um instante.

– Tocou no chapéu em cumprimento ao Doutor Calef, depois voltou-se para Mowat.

– E como estão os seus belos rapazes esta manhã, Mowat?

– A trabalhar, McLean, a trabalhar!

McLean acenou para os seus dois companheiros.

– Doutor, permita-me que lhe apresente o Tenente Campbell do 74.º

– McLean fez uma pausa de modo a permitir que o Tenente de kilt escuro fizesse um pequena vénia ao médico – e o Tesoureiro Moore, do 82.º.

– John Moore exibiu uma vénia mais airosa e Calef ergueu o chapéu em resposta; McLean voltou-se para observar as três corvetas com os escaleres a roçarem os seus flancos.

– Os seus escaleres estão todos ocupados, Mowat?

– Estão ocupados, e bem deveriam estar. O ócio encoraja o demónio.

– Pois encoraja – anuiu Calef.

– E eu que andava à procura de um momento de ócio – disse McLean

alegremente.

– Precisa de um barco? – perguntou Mowat.

– Não tiro os seus marujos dos seus deveres – disse o Brigadeiro, e depois olhou para lá de Mowat, para o sítio onde um jovem e uma mulher arrastavam um pesado barco a remos até à rebentação da maré.

– Não é aquele jovem camarada que nos guiou para o porto?

O Doutor Calef virou-se.

– James Fletcher – disse ele, sombriamente.

– É leal? – perguntou McLean.

– É um idiota de cabeça no ar – disse Calef, e, depois, acrescentou de má vontade – mas o pai era um homem leal.

– Então confio que seja tal pai, tal filho – disse McLean e voltou-se para Moore.

– John? Pergunte ao Senhor Fletcher se nos dispensa uma hora.

– Era evidente que Fletcher e a sua irmã planeavam ir até ao seu barco de pesca, Felicity, que estava ancorado em águas mais profundas.

– Diga-lhe que eu gostaria de ver Majabigwaduce do rio e que lhe pagarei o tempo que me dispensar.

Moore foi levar o recado e McLean observou outro cano de canhão a ser içado acima do convés da Albany. Havia barcos mais pequenos a transportarem outros mantimentos para terra; cartuchos e carne salgada, barris de rum e balas de canhão, buchas de enchimento e lanadas, a parafernália da guerra, e tudo estava a ser arrastado ou carregado para onde o seu forte ainda não era mais do que um quadrado delineado na vegetação da cumeada. John Nutting, engenheiro e lealista americano que viajara até à Grã-Bretanha para urgir a ocupação de Majabigwaduce, estava a traçar o desenho da fortaleza na clareira. O forte iria ser bastante simples, apenas um quadrado com baluartes de terra e bastiões em forma de diamante nos quatro cantos. Cada uma das paredes teria duzentos e cinquenta passos de comprimento com uma vala profunda à frente, mas mesmo um forte tão simples requeria escadas de incêndio, canhoneiras, paióis de alvenaria que mantivessem as munições secas, e um poço suficientemente fundo para providenciar uma grande quantidade de água. Os soldados estavam, por enquanto, instalados em tendas, mas McLean queria esses acampamentos vulneráveis protegidos pelo forte. Queria paredes altas, espessas, equipadas com homens e guarnecidas com armas, pois sabia que o vento de sudoeste traria mais do que o cheiro do sal e do marisco. Traria rebeldes, um enxame deles, e o ar ficaria empastado com o fumo da pólvora, com o cheiro a merda e a sangue.

– A filha de Phoebe Perkins contraiu febre ontem à noite – disse Calef, brutalmente.

– Confio que sobreviverá – disse McLean.

– Será feita a vontade de Deus – disse Calef num tom que sugeria que Deus poderia não se importar muito.

– Deram-lhe o nome de Temperance.

– Temperance! Oh, pobre miúda, pobre miúda. Vou rezar por ela – disse McLean, e rezar por nós também, pensou ele, mas não o disse.

Porque os rebeldes vinham a caminho.

Peleg Wadsworth sentiu-se embaraçado ao levar o Tenente-Coronel Revere para a vastidão sombria de um dos armazéns do arsenal, onde os pardais brigavam nas vigas altas, por cima de caixas com mosquetes e de fardos com tecidos e de pilhas de barris com aros de ferro. Era verdade que Wadsworth possuía uma patente mais elevada do que Revere, mas era quase quinze anos mais novo do que o Coronel e sentia-se vagamente diminuído na presença de um homem de tão evidente competência. Revere tinha reputação como gravador, ferreiro e metalúrgico, e isso notava-se nas suas mãos, que eram fortes e exibiam queimaduras, eram as mãos de um homem que podia fazer e remendar, as mãos de um homem prático. Peleg Wadsworth fora professor, e bom professor, mas sentira a traça dos pais dos seus alunos, que consideravam que o futuro dos seus filhos não estava na gramática nem nas frações, mas no domínio dos instrumentos e no trabalho do metal, da madeira ou da pedra. Wadsworth podia construir frases em latim e grego, tinha intimidade com as obras de Shakespeare e Montaigne, mas sentia-se impotente perante uma cadeira partida. Sabia que Revere era o oposto. Dessem uma cadeira partida a Revere e ele arranjá-la-ia de forma competente para que ficasse, como ele próprio, forte, firme e de confiança.

E era ele de confiança? Essa era a questão que levava Wadsworth àquele arsenal, e desejava que aquela missão nunca lhe tivesse sido confiada. Sentiu a língua presa quando Revere parou e se voltou para ele no meio do armazém, mas nesse momento o som de algo a raspar por trás de uma pilha de mosquetes deu a Wadsworth um bem acolhido momento de distração.

– Não estamos sós? – perguntou ele.

– Isto são ratazanas, meu General – disse Revere, divertido, – ratos. Gostam do óleo dos cartuchos, a sério.

– Pensei que os cartuchos eram guardados no paiol público.

– Guardam aqui os suficientes para treino, meu General, e as ratazanas gostam deles. Chamamos-lhes casacas vermelhas, uma vez que são o inimigo.

– Os gatos darão certamente conta deles?

– Temos gatos, meu General, mas é um combate duramente disputado. Bons gatos americanos e terriers patriotas contra nojentas ratazanas britânicas – disse Revere.

– Presumo que queira certificar-se sobre o comboio de artilharia, meu General?

– Estou seguro de que está tudo em ordem.

– Oh, está, pode estar descansado. Até agora, meu General, temos dois de oito quilos, três de quatro quilos, um obus, e quatro mais pequenos.

– Pequenos obuses?

– Peças de dois quilos, meu General, e não os usaria para matar ratos. Precisa de algo mais sólido, como as peças de dois quilos francesas. E, se o senhor tem influência, meu General, e estou seguro de que tem, peça ao Conselho de Guerra para libertar mais canhões de oito quilos.

Wadsworth assentiu.

– Tomarei nota disso – prometeu ele.

– Tem as suas armas, General, asseguro-lhe – disse Revere – com os respetivos

braços laterais, pólvora e balas. Mal pus a vista em cima de Castle Island nestes últimos dias à conta da preparação do comboio.

– Sim, com efeito, Castle Island – disse Wadsworth. Estava um pouco adiante de Revere, o que lhe dava um pretexto para não encarar os olhos do Coronel, embora tivesse noção de que Revere olhava para ele atentamente, como se o encorajasse a dar-lhe as más notícias.

–O seu posto de comando é em Castle Island? – perguntou Wadsworth, não porque precisasse de confirmação, mas pela necessidade desesperada de dizer alguma coisa.

– Não precisava de vir aqui para o descobrir – disse Revere, divertido, – mas, sim, meu General, eu comando o Regimento de Artilharia do Massachusetts e, pelo facto de a maior parte das nossas armas estarem dispostas nessa ilha, eu tenho também o comando de lá. E o senhor, meu General, estará no comando em Majajuce?

– Majajuce? – disse Wadsworth, percebendo depois que Revere se estava a referir a Majabigwaduice.

–Sou o vice-comandante – continuou ele – do General Lovell.

– E há ratazanas britânicas em Majajuce – disse Revere.

– Tanto quanto podemos saber – disse Wadsworth, – desembarcaram pelo menos uns mil homens e possuem três corvetas. Não é uma força esmagadora, mas também não é risível.

– Risível – disse Revere, como se a palavra o divertisse.

–Mas para livrar o Massachusetts dessas ratazanas, meu General, precisará de armas.

– Precisaremos, de facto.

– E as armas precisarão de um oficial que as comande – acrescentou Revere, vincadamente.

– Precisarão, de facto – disse Wadsworth. Todas as nomeações superiores para a expedição que estava a ser apressadamente preparada para expulsar os Britânicos de Majabigwaduice tinham sido feitas. Solomon Lovell comandaria as forças terrestres, o Comandante Dudley Saltonstall, da fragata Warren, seria o comandante naval, e Wadsworth seria o vice de Lovell. As tropas, constituídas a partir das Milícias dos Condados de York, Cumberland e Lincoln, tinham os seus comandantes, enquanto o general-ajudante, o quartel-general, o general-cirurgião e os majores de brigada tinham todos recebido ordens e, agora, só precisava de ser nomeado o comandante do comboio de artilharia.

–As armas precisarão de um oficial no comando – pressionou Revere – e eu comando o Regimento de Artilharia.

Wadsworth fitou o gato cor de gengibre que se lambia sobre um barril.

–Ninguém – disse Wadsworth, cautelosamente – negaria que você é o homem mais qualificado para comandar a artilharia em Majabigwaduice.

– Então posso ficar à espera de uma carta do Conselho de Guerra? – disse Revere.

– Se eu ficar satisfeito – disse Wadsworth, tomando coragem para abordar o assunto que o levava ao arsenal.

– Satisfeito com o quê, meu General? – perguntou Revere, ainda a fitar o rosto de Wadsworth.

Peleg Wadsworth obrigou-se a fixar aqueles olhos castanhos e calmos.

– Foi feita uma queixa – disse ele – a respeito dos pedidos de rações de Castle Island, uma questão de excedentes, Coronel...

– Excedentes! – interrompeu Revere, não com ira, mas num tom que sugeria que achava a palavra divertida. Sorriu, e Wadsworth deu inesperadamente conta de um sentimento caloroso em relação ao homem.

– Diga-me, meu General – continuou Revere, – quantas tropas levarão para Majabigwaduce?

– Não podemos estar seguros – disse Wadsworth – mas esperamos levar uma força de infantaria de pelo menos mil e quinhentos homens.

– E encomendou rações para todos eles?

– Claro.

– E se só se apresentarem ao serviço cento e quarenta homens, meu General, o que fará com o excedente das rações?

– Serão contabilizadas – disse Wadsworth, – evidentemente.

– Isto é uma guerra! – disse Revere, energicamente.

– Guerra e sangue, fogo e ferro, morte e destruição, e um homem não pode contabilizar tudo numa guerra! Farei todas as listas que quiser quando a guerra terminar.

Wadsworth franziu o sobrolho. Era uma guerra, indubitavelmente, mesmo assim a guarnição de Castle Island, tal como o próprio Tenente-Coronel Revere, ainda não disparara um único tiro contra o inimigo.

– É alegado, Coronel – disse Wadsworth com firmeza, – que a sua guarnição compreendia um número fixo de homens, ainda assim os pedidos de rações referem sistematicamente trinta atiradores não existentes.

Revere esboçou um sorriso tolerante, sugerindo que já ouvira tudo aquilo.

– Sistematicamente – disse ele, com desprezo, – sistematicamente, hein? Palavras complicadas não matam o inimigo, meu General.

– Outra palavra complicada – disse Wadsworth – é peculado.

A acusação estava agora a descoberto. A palavra pairou no ar empoeirado. Era alegado que Revere encomendara rações extra que depois vendera para ganho pessoal, embora Wadsworth não tivesse articulado a acusação integral. Nem precisava. O Coronel Revere levantou os olhos para o rosto de Wadsworth e depois abanou a cabeça, com tristeza. Voltou-se e caminhou lentamente até um canhão de quatro quilos que estava ao fundo do armazém. A arma fora capturada em Saratoga e Revere acariciava agora o seu longo cano com mão conhecedora e segura.

– Durante anos, meu General – disse ele em voz baixa, – prossegui e promovi a causa da liberdade.

– Fitava o monograma real na culatra da arma.

– Quando o senhor estava a aprender nos livros, meu General, eu cavalgava até Filadélfia e Nova Iorque para espalhar a ideia da liberdade. Pela liberdade, arrisquei-me a ser capturado e preso. Lancei chá no porto de Boston e cavaleguei para avisar Lexington quando os Britânicos começaram esta guerra.

– Recordo-me disso...

– começou Wadsworth a dizer.

– E arrisquei o bem-estar da minha querida mulher – interrompeu Revere, acaloradamente – e a felicidade dos meus filhos, para servir uma causa que amo, meu General.

–Virou-se e olhou para Wadsworth, que permanecia na coluna de luz do Sol que entrava pela porta escancarada.

–Tenho sido um patriota, meu General, e provei o meu patriotismo. ..

–Ninguém está a sugerir...

– Estão, sim, meu General! – disse Revere com súbita veemência.

–Estão a sugerir que sou um homem desonesto! Que eu roubaria a causa à qual devotei a minha vida! É o Major Todd, não é?

–Não tenho licença para revelar...

–Não precisa – disse Revere, com mordacidade.

–É o Major Todd. Não gosta de mim, meu General, e eu lamento isso, e lamento que o Major Todd não saiba daquilo que fala! Disseram-me, meu General, que trinta homens da Milícia do Condado de Barnstable me estavam atribuídos para treino de artilharia e eu encomendei razões em concordância, e, então, o Major Fellows, por razões que só ele sabe, meu General, por razões que só ele pode saber, reteve os homens, e eu expliquei tudo isso, mas o Major Todd não é homem que dê ouvidos à razão, meu General.

– O Major Todd é um homem diligente – disse Wadsworth severamente – e eu não estou a dizer que foi ele que fez a queixa, estou apenas a dizer que é um oficial eficiente e honrado.

– Um homem de Harvard, não é? – perguntou Revere, vivamente.

Wadsworth carregou o cenho.

– Não consigo pensar que isso possa ser relevante, Coronel.

– Estou certo de que não consegue, mas, ainda assim, o Major Todd entendeu mal a situação, meu General – disse Revere. Interrompeu-se e, por um momento, pareceu que a sua indignação rebentaria com a violência de um trovão, mas em vez disso sorriu.

–Não é peculato, meu General – disse ele, – e não tenho dúvidas de que não fui omissos ao não verificar os livros, mas os enganos acontecem. Eu concentrei-me em tornar as armas eficazes, meu General, eficazes! – Caminhou na direção de Wadsworth, e o seu tom de voz era agora baixo.

–Tudo o que sempre pedi, meu General, foi uma oportunidade de lutar pelo meu país. Lutar pela causa que amo. Lutar pelo futuro dos meus filhos. Tem filhos, meu General?

– Tenho.

– Tal como eu. Queridos filhos. E acha que eu arriscaria manchar o nome da minha família, a sua reputação, e a causa que amo por trinta nacos de pão? Ou trinta peças de prata?

Wadsworth aprendera, como mestre-escola, a julgar os seus alunos pela atitude. Os rapazes, descobrira ele, raramente olhavam nos olhos com autoridade quando mentiam. As raparigas eram muito mais difíceis de interpretar, mas os rapazes, quando mentiam, quase sempre pareciam

desconfortáveis. O seu olhar não seria constante, mas o olhar de Revere era firme, e Wadsworth sentiu uma onda de alívio. Meteu uma mão no interior da casaca e tirou um papel, dobrado e selado.

–Sempre esperei que fosse satisfatório, Coronel, pela minha saúde, esperei isso. E o senhor foi.

–Sorriu e estendeu o papel a Revere.

Os olhos de Revere cintilaram quando pegou no mandado. Quebrou o selo e abriu-o, para encontrar uma carta escrita por John Avery, vice-secretário do Conselho de Estado, e assinada também pelo General Solomon Lovell. A carta nomeava o Tenente-Coronel Paul Revere como comandante do comboio de artilharia que deveria acompanhar a expedição a Majabigwaduce, tendo ordens para ali fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para «capturar, matar ou destruir todas as forças inimigas». Revere leu o mandado pela segunda vez, depois levantou firmemente o rosto.

– Meu General – disse ele, e a sua voz tinha qualquer coisa, – isto é tudo o que desejo.

– Fico contente, Coronel – disse Wadsworth calorosamente.

–Receberá ordens hoje, mais tarde, mas posso dizer-lhe qual é o plano deles.

Os seus canhões deverão ser levados para o Long Wharf, prontos para embarcar, e o senhor deverá retirar do paiol público toda a pólvora que requerer.

– Shubael Hewes tem de autorizar isso – disse Revere, distraidamente, ainda a ler o mandado.

– Shubael Hewes?

– O Ajudante do Xerife, meu General, mas não se preocupe, eu conheço Shubael.

–Revere dobrou o mandado cuidadosamente, depois esfregou os olhos com os punhos e fungou.

–Vamos capturá-los, matá-los e destruí-los, meu General. Vamos fazer com que aqueles sacanas de casaca vermelha desejassem nunca ter saído de Inglaterra.

– Certamente que os desalojaremos – disse Wadsworth com um sorriso.

– Mais do que desalojar esses monstros – disse Revere, vingativamente, – devemos massacrá-los! E os que não matarmos, meu General, vamos exibi-los pelas ruas da cidade para dar ao povo a possibilidade de saber como são bem-vindos ao Massachusetts.

Revere estendeu-lhe a mão.

– Estou impaciente por servir consigo, Coronel.

– Estou impaciente por partilhar a vitória consigo, meu General – disse Revere, apertando a mão que lhe fora estendida.

Revere viu Wadsworth sair, depois, ainda com o mandado na mão como se se tratasse do Santo Graal, voltou ao pátio onde Josiah Flint estava a deitar manteiga num prato de rabanetes picados.

– Vou para a guerra, Josiah – disse Revere, com solenidade.

– Eu já fiz o mesmo – disse Flint – e nunca tive tanta fome desde que nasci.

– Tenho estado à espera disto – disse Revere.

- Não haverá rabanetes de Nantucket para onde vai – disse Flint.
- Não sei porque sabem melhor, mas, pela minha saúde, os rabanetes de Nantucket são inultrapassáveis. Acha que é do ar salgado?
- O comando da artilharia do Estado!
- Alguna vez viajou para Leste? Não é um lugar cristão, Coronel. Nevoeiro e mosquitos, e o nevoeiro gela-nos e os mosquitos mordem como o próprio demônio.
- Vou para a guerra. Foi tudo o que sempre pedi! Uma oportunidade, Josiah!
- O rosto de Revere estava radiante. Rodou, fazendo um círculo completo, triunfante, e depois bateu com o punho na mesa.
- Vou para a guerra!

O Tenente-Coronel Paul Revere ouvira o toque de cornetim e ia para a guerra. O barco de James Fletcher balançava contra a maré vazante, empurrado por um oportuno vento de sudoeste que fazia o Felicity subir o rio, para além da alta falésia de Majabigwaduce. O Felicity era uma pequena embarcação, apenas com sete metros de comprimento, com um mastro atarracado, no qual uma descorada vela vermelha se suspendia da carangueja. O sol cintilava de forma agradável nas pequenas ondas da baía de Penobscot, mas atrás do Felicity um banco de nevoeiro espesso encobria a visão do oceano distante. O Brigadeiro McLean, instalado num amontoado de redes mascarradas no centro do barco, queria ver Majabigwaduce tal como o inimigo a veria, da água. Queria pôr-se nos sapatos do inimigo e decidir como atacaria a península se fosse rebelde. Olhou fixamente para a praia e de novo notou como o cenário lhe recordava a costa ocidental da Escócia.

- Não concorda? – perguntou ele ao Tenente Moore, que era um dos dois jovens oficiais que tinham recebido instruções para acompanharem o Brigadeiro.
- Não muito diferente, meu Brigadeiro – disse Moore, embora distraidamente, como se tivesse articulado uma cortesia em vez de uma resposta pensada.
- Aqui há mais árvores, claro – disse o Brigadeiro.
- Com efeito, meu Brigadeiro, com efeito – disse Moore, continuando a não prestar a atenção devida às observações do seu comandante. Em vez disso, olhava fixamente para a irmã de James Fletcher, Bethany, que manobrava a cana do leme do Felicity com a mão direita.

McLean suspirou. Gostava muito de Moore, considerando o jovem muito promissor, mas também compreendia que qualquer jovem preferiria olhar para Bethany Fletcher do que fazer conversa com um oficial mais velho. Ela possuía uma beleza rara que não se pensaria poder encontrar naquele lugar longínquo. O seu cabelo era dourado, emoldurando um rosto bronzeado pelo sol ao qual o nariz longo emprestava força. Os seus olhos azuis eram confiantes e amigáveis, mas a característica que a tornava bela era o seu sorriso, que poderia iluminar a noite mais escura. Era um sorriso extraordinário, largo e generoso, que deslumbrara John Moore e o seu companheiro, o Tenente Campbell, que também estava embasbacado como se nunca tivesse visto uma jovem. Não parava de ajustar o seu kilt escuro, que o vento levantava junto às coxas.

– E os monstros marinhos daqui são extraordinários – continuou McLean, – como dragões, não acha o mesmo, John? Dragões cor-de-rosa com manchas verdes.

– Com efeito, meu Brigadeiro – disse Moore; depois teve um sobressalto quando percebeu, de seguida, que o Brigadeiro o estava a provocar.

– Desculpe, meu Brigadeiro.

James Fletcher riu-se.

– Aqui não há dragões, General.

McLean sorriu. Olhou para o nevoeiro distante.

– Tem muito nevoeiro por aqui, Senhor Fletcher?

– Temos nevoeiro na primavera, General, e nevoeiro no verão, e depois vem o nevoeiro de outono e depois disso a neve, que geralmente não se vê porque está escondida pelo nevoeiro – disse Fletcher com um sorriso tão largo como o da sua irmã.

– Nevoeiro e mais nevoeiro.

– Mesmo assim, gosta de viver aqui? – perguntou McLean suavemente.

– É a própria terra de Deus – respondeu Fletcher, entusiasticamente

– e Deus esconde-a dos bárbaros envolvendo-a em nevoeiro.

– E você, Menina Fletcher? – inquiriu McLean.

– Gosta de viver em Majabigwaduće?

– Gosto imenso – disse ela com um sorriso.

– Não navegue demasiado perto da costa, Menina Fletcher – disse McLean, com ar severo.

– Nunca me perdoaria se algum descontente disparasse contra os nossos uniformes e, em vez disso, a atingisse a si.

– McLean tentara dissuadir Bethany de acompanhar a viagem de reconhecimento, mas não o fizera com um entusiasmo transbordante, sabendo que a companhia de uma rapariga bonita era um prazer raro.

James Fletcher afastou os receios.

– Ninguém vai disparar contra o Felicity – disse ele, com confiança

– e, além disso, a maior parte da gente daqui é leal a Sua Majestade.

– Como você, James Fletcher? – perguntou o Tenente Moore, com acutilância.

James fez uma pausa e o Brigadeiro viu-lhe uma tremura nos olhos dirigida à sua irmã. Depois, James fez um sorriso.

– Não tenho qualquer zanga com o Rei – disse ele.

– Ele deixa-me em paz, e eu deixo-o em paz, e por isso entendemo-nos os dois bastante bem.

– Então fará o juramento? – perguntou McLean, e viu com quanta solenidade Beth fixou o seu irmão.

– Não tenho muita escolha, pois não? Sobretudo se quero pescar e fazer pela vida.

O Brigadeiro McLean fizera uma proclamação dirigida à população sobre Majabigwaduće, garantindo aos seus habitantes que, se fossem leais a Sua Majestade e jurassem essa lealdade, não teriam nada a temer das suas forças, mas se algum homem se recusasse a fazê-lo, ele e a sua família passariam

tempos difíceis.

– Você tem realmente uma escolha a fazer – disse McLean.

– Fomos educados para amar o Rei – disse James.

– Fico feliz por ouvir isso – disse McLean. Olhou para o arvoredo escuro.

– Julgo saber – continuou o Brigadeiro – que as autoridades de Boston têm estado a recrutar homens?

– Têm feito isso – anuiu James.

– Você não foi mobilizado?

– Oh, eles bem tentaram – disse James, desvalorizando a questão – mas são uns espertalhões desta zona do Massachusetts.

– Espertalhões?

– Não há muita simpatia pela rebelião, aqui, General.

– Mas algumas pessoas daqui estão descontentes? – perguntou McLean.

– Alguns – disse James – mas há algumas pessoas que nunca estão contentes.

– Muita gente veio para aqui fugida de Boston – disse Bethany – e são todos lealistas.

– Quando os Britânicos se foram embora, Menina Fletcher? É isso que quer dizer?

– Sim, senhor. Como o Doutor Calef. Não queria ficar numa cidade governada pela rebelião.

– Foi isso que vos aconteceu? – perguntou John Moore.

– Oh, não – disse James, – a nossa família está aqui desde que Deus fez o mundo.

– Os vossos pais vivem em Majabigwaduce? – perguntou o Brigadeiro.

– O pai está enterrado no cemitério, Deus o tenha em descanso – disse James.

– Lamento – disse McLean.

– E a mãe é como se tivesse morrido – continuou James.

– James! – disse Bethany, em tom reprovador.

– Paralisada, acamada e sem falar – disse James. Seis anos antes, explicou ele, quando Bethany tinha doze anos e James catorze, a mãe viúva fora escornada por um touro que levava a pastar. Então, dois anos depois, sofrera um ataque que a deixara a gaguejar e confusa.

– A vida tem sido difícil – disse McLean. Olhou para uma cabana para guardar lenha que fora construída junto da margem do rio e notou a enorme pilha de madeiros empilhados contra uma parede exterior.

– E deve ser duro fazer uma vida nova num território selvagem quando se está acostumado a uma cidade como Boston.

– Selvagem, General? – perguntou James, divertido.

– É duro para a gente de Boston que veio para cá – disse Bethany, mais prática.

– Têm de aprender a pescar, General – disse James, – ou cultivar cereais, ou cortar madeira.

– Que cereais cultiva? – perguntou McLean.

– Cevada, aveia e batatas – respondeu Bethany – e milho.

– E podem caçar com armadilhas, General – acrescentou James.

—O nosso pai fez uma bela vida com isso! Castores, martas e doninhas.
— Um dia apanhou um arminho — disse Bethany, orgulhosamente.
— E certamente que esse bocado de pele está à volta do pescoço de alguma bela senhora de Londres, General — disse James.
—E, depois, há a madeira para mastros — continuou ele.
—Não tanto em Majabigwaduce, mas mais ao longo do rio, e qualquer homem pode aprender a cortar e desbastar uma árvore. E há imensas carpintarias! Deve haver umas trinta carpintarias entre aqui e a nascente do rio. Podem fazer-se bitolas e aduelas, placas ou postes, o que se quiser!
—Negoceia em madeira? — perguntou McLean.
— Eu pesco, General, e é um pobre aquele que não consegue sustentar a família da pesca.
— Que apanha?
— Bacalhau, General, e percas, arenque, pescada, enguias, linguado, escamudo, raia, cavalas, salmão, sável. Temos tanto peixe que não sabemos o que fazer com ele! E todos bons para comer! É o que dá a Beth este bonito corpo, todo esse peixe!
Bethany lançou ao seu irmão um olhar de afeto.
— És um tonto, James — disse ela.
—Não é casada, Menina Fletcher? — perguntou o General.
—Não, senhor.
— A nossa Beth estava noiva, General — explicou James, — de um homem bom como há poucos. Capitão de uma escuna. Estavam para casar na primavera. McLean olhou suavemente para a rapariga.
— Estavam?
— Ele foi dado como desaparecido no mar — disse Bethany.
— Andava a pescar nos bancos — explicou James.
—Foi apanhado por um vento de nordeste, General, e os ventos de nordeste já levaram muito boa gente deste mundo para o outro.
— Lamento.
— Ela há de encontrar outro — disse James, descuidadamente.
—Não és a rapariga mais feia do mundo — sorriu ele, — pois não?
O Brigadeiro virou a sua atenção para a costa. Por vezes, dava-se ao pequeno luxo de pensar que o inimigo não viria atacá-lo, mas sabia que isso era improvável. A pequena força de McLean era agora o único elemento da presença britânica entre a fronteira canadiana e Rhode Island e os rebeldes certamente queriam ver essa presença destruída. Eles viriam. Apontou para sul.
— Podemos regressar, agora? — sugeriu ele, e Bethany obedeceu, voltando o Felicity contra o vento. O irmão retesou a bujarrona, a vela de estai e a principal, para que o pequeno barco se inclinasse enquanto avançava contra a viva brisa e salpicos aguçados embateram nas casacas vermelhas dos três oficiais. McLean olhou de novo para a elevada falésia ocidental sobranceira ao largo rio.
— Se fossem vocês a comandarem — perguntou ele aos dois tenentes, — como defenderiam o local? — O Tenente Campbell, um jovem esguio com um nariz

proeminente e uma maçã-de-adão igualmente proeminente, engoliu nervosamente e não disse nada, ao passo que o jovem Moore se recostou nas redes amontoadas como se considerasse dormir uma sesta.

—Vamos lá — repreendeu o Brigadeiro, — digam-me o que fariam.

— Isso não depende do que o inimigo faz, meu General? — disse Moore, ociosamente.

— Então vamos assumir que eles trazem mais de uma dúzia de navios e, digamos, mil e quinhentos homens.

Moore fechou os olhos, enquanto o Tenente Campbell tentou mostrar entusiasmo.

— Pomos os nossos canhões na falésia, meu General — sugeriu ele, fazendo um gesto na direção da elevação que dominava o rio e a entrada do porto.

— Mas a baía é larga — salientou McLean — pelo que o inimigo pode passar por nós junto à margem mais distante e desembarcar a montante. Depois atravessam aquele gargalo de terra — ele apontou para o istmo estreito de terras baixas que ligava Majabigwaduce ao continente — e atacam-nos do lado de terra.

Campbell franziu o sobrolho e mordeu o lábio enquanto ponderava uma sugestão.

— Então pomos canhões aí também — sugeriu ele, — talvez um forte mais pequeno?

McLean assentiu encorajadoramente, depois olhou para Moore.

— A dormir, Senhor Moore?

Moore sorriu, mas não abriu os olhos.

— Wer alies verteidigt, verteidigt nichts — disse ele.

— Creio que der alte Fritz pensou nisso muito antes de si, Senhor Moore — respondeu McLean, depois sorriu para Bethany.

—O nosso tesoureiro está a exhibir-se, Menina Fletcher, citando Frederico, o Grande. E tinha também toda a razão, aquele que tudo defende, não defende nada. Então — o Brigadeiro olhou para Moore, — que defenderia aqui em Majabigwaduce?

— Defenderia, meu General, aquilo que o inimigo deseja possuir.

— E isso é?

— O porto, meu General.

— Então, permitiria que o inimigo desembarcasse as suas tropas no gargalo de terra? — perguntou McLean. O reconhecimento que o Brigadeiro fizera convencera-o de que os rebeldes provavelmente desembarcariam a norte de Majabigwaduce. Poderiam tentar entrar no porto, abrindo caminho por entre as corvetas de Mowat para desembarcarem tropas na praia, abaixo do forte, mas se fosse McLean a comandar os rebeldes, decidiu que escolheria desembarcar na praia inclinada do istmo largo. Ao fazê-lo, o inimigo separá-lo-ia do continente e poderia atacar os seus baluartes ao abrigo de qualquer fogo de canhão dos navios da Marinha Real. Havia uma pequena hipótese de que eles fossem ousados e atacassem a falésia para conquistarem os terrenos altos da península, mas o declive da falésia era assustadoramente íngreme. Suspirou para dentro. Não poderia defender tudo porque, como o grande

Frederico dissera, ao defender tudo, um homem não defende nada.

– Desembarcarão em qualquer lado, meu General – foi a resposta de Moore à pergunta do Brigadeiro, – e quase não podemos fazer nada para os impedir de desembarcar, pelo menos se vierem em força suficiente. Mas por que razão desembarcam eles, meu General?

– Diga-me você.

– Para capturar o porto, meu General, porque isso é o ponto mais valioso deste lugar.

– Não estais longe do reino dos Céus, Senhor Moore, – disse McLean

– e eles querem o porto, de facto, e virão para o tomarem, mas esperemos que não venham cedo.

– Quanto mais cedo vierem, meu General – disse Moore, – mais cedo os poderemos matar.

– Gostaria de terminar o forte primeiro – disse McLean. O forte, que ele decidira batizar como Forte George, mal começara a ser construído. O solo era rarefeito, rochoso e difícil de trabalhar, e a crista tão densa de arvoredo que, após uma semana de labuta, não se poderia dizer que tivessem desobstruído o suficiente para um campo de batalha. McLean sabia que se o inimigo viesse em breve, não teria outra opção senão disparar umas quantas armas em desafio e depois arriar a bandeira.

– É um homem de oração, Senhor Moore? – perguntou McLean.

– Sou, na verdade, meu General.

– Então reze para que o inimigo tarde – disse McLean com ardor, e depois olhou para James Fletcher.

– Senhor Fletcher, leva-nos de volta à praia?

– É isso que farei, General – disse James, alegremente.

– E reze por nós, Senhor Fletcher.

– Não tenho a certeza de que o bom Deus me dê ouvidos.

– James! – disse Bethany, em reprovação.

James sorriu.

– Precisa de orações para se proteger, General?

McLean interrompeu-se durante um instante, depois encolheu os ombros.

– Depende, Senhor Fletcher, da força do inimigo, mas eu desejaria ter o dobro dos homens e dos navios para me sentir seguro.

– Talvez não venham, General – disse Fletcher.

– Aquela gente de Boston nunca deu muita importância ao que se passa aqui. Tufos de névoa flutuavam ao vento quando a Felicity passou pelas três corvetas que guardavam a entrada do porto. James Fletcher notou como os três navios estavam ancorados de vante para ré para que não balançassem com a maré ou o vento, desse modo permitindo a cada corveta manter o costado voltado para a entrada do porto. O navio mais próximo da praia, a North, tinha dois jatos de água a jorrarem intermitentemente de bombordo, e James conseguiu ouvir o estrépito das bombas de madeira de ulmo enquanto os homens impeliam as longas alavancas. Aquelas bombas raramente paravam, sugerindo que North era um navio doente, embora os seus canhões fossem, sem dúvida, suficientemente eficazes para ajudar a proteger a boca

do porto e, para reforçar a proteção dessa entrada, marinheiros de casaca vermelha estavam a picar o magro solo e as rochas de Cross Island, que confinava com o lado sul do canal. Fletcher calculou que estivessem a fazer uma bateria ali. Atrás das três corvetas, e constituindo uma segunda linha que atravessava o porto, estavam três dos navios de transporte que tinham levado os casacas vermelhas para Majabigwadu. Esses transportadores não estavam armados, mas só o seu tamanho fazia deles um obstáculo formidável para qualquer navio que tentasse passar pelas corvetas, de menor dimensão. McLean deu a Fletcher um pacote de tabaco envolvido num oleado e um dos dólares de prata espanhóis que eram moeda corrente, como pagamento pela utilização do seu barco.

– Venha, Senhor Moore – chamou ele rispidamente quando o tesoureiro ofereceu um braço a Bethany para a ajudar sobre a praia irregular.

– Temos trabalho para fazer!

James Fletcher também tinha trabalho para fazer. Ainda se estava no pino do verão, mas havia que acumular lenha para o inverno e, ao entardecer, ele rachou madeiros no exterior da sua casa. Trabalhou até escurecer, transformando, a vigorosos golpes de machado, troncos em bocados de lenha utilizáveis.

– Estás a pensar, James.

– Bethany viera de dentro de casa e observava-o. Usava um avental sobre o seu vestido cinzento.

– Isso é mau?

– Trabalhas sempre de mais, quando estás a pensar – disse ela. Sentou-se num banco, frente à casa.

– A mãe está a dormir.

– Ótimo – disse James. Deixou o machado enterrado num cepo e sentou-se ao lado da irmã, no banco, de onde se via o porto. O céu estava púrpura e negro, as águas cintilavam do prateado da ondulação em volta dos barcos ancorados; reflexos de luzes refletiam-se nas pequenas ondas. Ouviu-se o toque de cornetim vindo da crista, onde, em dois acampamentos, as tendas abrigavam os casacas vermelhas. Um piquete de seis homens guardava as armas e as munições que tinham sido arrumadas na praia, acima da linha de maré.

– Aquele oficial jovem gostou de ti, Beth – disse James. Bethany sorriu, mas nada disse.

– São tipos bastante simpáticos – disse James.

– Eu gosto do General – disse Bethany.

– Um bom homem, ao que parece – disse James.

– Pergunto-me o que lhe aconteceu ao braço.

– Soldados, Beth. Os soldados são feridos.

– E mortos.

– Sim.

Permaneceram sentados em amistoso silêncio por um bocado, enquanto a escuridão se fechava lentamente sobre o rio, sobre o porto e sobre a falésia.

– Então vais assinar o juramento? – perguntou Bethany, passado algum tempo.

– Certamente não tenho muita escolha – disse James, tristemente.

– Mas vais assinar?

James tirou um pedaço de tabaco de entre os dentes.

– O pai haveria de querer que eu assinasse.

– Não tenho a certeza de que o pai pensasse muito nisso – disse Bethany.

– Nunca tivemos qualquer governo aqui, nem real nem rebelde.

– Ele amava o Rei – disse James.

– Odiava os Franceses e amava o Rei.

– Suspirou.

– Temos de ganhar a vida, Beth. Se não faço o juramento, eles tiram-nos o Felicity, e depois o que fazemos? Não posso permitir isso.

– Um cão uivou algures na povoação e James esperou que o som morresse.

– Eu gosto bastante do McLean – disse ele – mas...

– deixou que o pensamento se desvanecesse na escuridão.

– Mas? – perguntou Bethany. O irmão encolheu os ombros e não respondeu.

Beth deu uma palmada num mosquito. «Escolhei hoje a quem quereis servir – citou ela – ou aos deuses, a quem serviram os vossos pais do outro lado do rio, ou...» – Ela deixou o versículo da Bíblia incompleto.

– Há demasiada amargura – disse ele.

– Achas que nos vai passar?

– Espero que passe. Seja como for, que quer alguém de Bagaduce?

Bethany sorriu.

– Os Holandeses estiveram aqui, os Franceses fizeram um forte aqui, parece que o mundo inteiro nos quer.

– Mas é o nosso lar, Beth. Nós fizemos este lugar, é nosso.

– James fez uma pausa. Não estava seguro de conseguir articular o que lhe estava na cabeça.

– Sabes que o Coronel Buck partiu?

Buck era o comandante local da Milícia do Massachusetts e fugira para norte, pelo rio Penobscot, quando os Britânicos chegaram.

– Ouvi dizer – disse Bethany.

– E John Lymburner e os seus amigos andam a dizer que Buck é um covarde, e isso é um disparate! É tudo apenas amargura, Beth.

– Então, vais ignorá-lo? – perguntou ela.

– Assinas o juramento e finges que nada está a acontecer?

James baixou os olhos e fitou as mãos.

– Que achas que devo fazer?

– Sabes o que penso – disse Bethany, firmemente.

– Apenas porque o teu amigo era um maldito rebelde – disse James, sorrindo. Olhou para os reflexos cintilantes lançados das lanternas a bordo das três corvetas.

– O que eu quero, Beth, é que todos eles nos deixem em paz.

– Não vão fazer isso, agora – disse ela.

– James concordou.

– Não vão, por isso escreverei uma carta, Beth – disse ele – e poderás levá-la ao outro lado do rio, a John Brewer. Ele saberá como fazê-la chegar a Boston.

Bethany ficou silenciosa durante algum tempo, depois carregou o sobrolho.

– E o juramento? Vais assiná-lo?

– Atravessaremos essa ponte quando tivermos de o fazer – disse ele.

– Não sei, Beth, sinceramente, não sei.

James escreveu a carta numa página em branco, arrancada da parte de trás da Bíblia da família. Escreveu de forma simples, dizendo o que vira em Majabigwaduce e no seu porto. Disse quantos canhões havia a bordo das corvetas e onde os Britânicos estavam a fazer aterros, quantos soldados ele achava que tinham vindo para a povoação e quantas armas tinham sido desembarcadas na praia. Utilizou o outro lado do papel para um mapa grosseiro da península, no qual desenhou a posição do forte e o lugar onde as três corvetas estavam ancoradas. Marcou a bateria em Cross Island, depois virou a página e assinou a carta com o seu nome, mordendo o lábio inferior enquanto formava as mal-ajeitadas letras.

– Talvez não deveses pôr aí o teu nome – disse Bethany.

James selou o papel dobrado com cera de vela.

– Os soldados provavelmente não te incomodarão, Beth, por isso és tu quem deve levar a carta, mas se o fizerem, não quero que te culpem. Dizes que não sabias o que estava escrito nela e deixa que me punam a mim.

– Então, agora és um rebelde?

James hesitou, depois assentiu.

– Sim – disse ele, – suponho que sou.

– Ótimo – disse Bethany.

Ouviu-se o som de uma flauta, vindo de uma casa mais acima, na encosta. As luzes ainda cintilavam nas águas do porto e a noite fechou-se sobre Majabigwaduce.

Excertos de uma carta dos Notáveis de Newburyport, Massachusetts, para o Tribunal Geral do Massachusetts, de 12 de julho de 1779:

Na última sexta-feira um tal James Collins habitante de Penobscot a caminho de casa ido de Boston passou por esta Cidade... Após Exame descobrimos que tem sido um Inimigo dos Estados unidos da América... e que imediatamente após a Frota Britânica chegar a Penobscot este Collins... arranjou maneira de ir de Kennebeck para Boston... onde chegou na Terça-Feira, e tanto quanto percebemos reuniu toda a Informação que conseguiu Relativa aos movimentos da nossa Armada e Exército... suspeitamos que deva ser um Espião e de acordo com isso Encarcerámo-lo na Cadeia desta Cidade.

Ordem dirigida ao Conselho de Guerra do Massachusetts a 3 de julho de 1779:

Ordena-se por este meio que o Conselho de Guerra fique encarregado de obter trezentos e cinquenta Barris de Farinha, Cento e dezasseis Barris de Carne de Porco, Cento e Sessenta e cinco Barris de Carne de Vaca, Onze Pipas de Arroz, Trezentos e Cinquenta alqueires de Ervilhas, quinhentos e sessenta e dois Litros de Melaço, Novecentos e Oitenta quilos de Sabão e Trinta quilos de Velas sendo uma Quantidade insuficiente... a bordo dos Transportes para a planeada Expedição a Penobscot.

No domingo, 18 de julho de 1779, Peleg Wadsworth prestava culto na Christ Church em Salem Street, onde o reitor era o Reverendo Stephen Lewis que fora, até há dois anos, capelão do exército britânico. O reitor fora capturado com o resto do exército britânico derrotado em Saratoga, porém, enquanto esteve em reclusão, mudara de obediência e jurara lealdade aos Estados Unidos da América, o que significava que, naquele domingo de verão, a sua igreja estava a abarrotar de cidadãos curiosos de saber como iria ele pregar no momento em que o seu país adotivo estava prestes a lançar uma expedição contra os seus antigos camaradas. O Reverendo Lewis escolheu o seu texto do Livro de Daniel. Nele se relatava a história de Sidrac, Micac e Abed-Nego, os três homens que tinham sido lançados na fornalha do Rei Nabucodonosor e que, pela graça de Deus, tinham sobrevivido às chamas. Durante uma hora ou mais, Wadsworth perguntou-se até que ponto a Escritura era relevante para os preparativos militares que obcecavam Boston, e mesmo se alguma antiga e prolongada lealdade tornaria o reitor ambivalente, mas, nesse momento, o Reverendo Lewis entrou na parte final da sua peroração. Contou como todos os homens do rei se reuniram para observarem a execução e, em vez dela, viram que o «fogo não tinha efeito».

– Os conselheiros do rei, repetiu o reitor com ferocidade, viram que «o fogo não tinha efeito!» Existe a garantia de Deus, no vigésimo sétimo versículo do terceiro capítulo de Daniel! O fogo acendido pelos homens do rei não tinha efeito! – O Reverendo Lewis olhava diretamente para Wadsworth quando repetiu as últimas três palavras, «não tinha efeito», e Wadsworth pensou nos casacas vermelhas em Majabigwadu e rezou para que o fogo deles realmente não tivesse efeito. Pensou nos navios ancorados no porto de Boston, pensou na milícia que se reunia em Townsend, onde os navios se encontrariam com as tropas, e rezou de novo para que o fogo inimigo se mostrasse impotente.

Depois do serviço, Wadsworth apertou uma multidão de mãos e recebeu bons votos de muitos fiéis, mas não abandonou a igreja. Em lugar disso, esperou sob a caixa do órgão até ficar só, depois voltou para trás pela nave lateral, abriu uma bancada reservada ao acaso e ajoelhou num genuflexório recém-bordado com a bandeira dos Estados Unidos. Em volta da bandeira, estavam cosidas as palavras «Deus Vela por Nós» e Wadsworth rezou para que isso fosse verdade, e rezou para que Deus velasse pela sua família, cujos membros nomeou um por um: Elizabeth, a sua querida esposa, depois Alexander, Charles e Zilpha. Rezou para que a campanha contra os Britânicos em Majabigwadu fosse breve e bem-sucedida. Breve, porque o nascimento da próxima criança de Elizabeth estava previsto para dali a cinco ou seis semanas e ele temia por ela e queria estar junto dela quando o bebê nascesse. Rezou pelos homens que comandaria em batalha. Deu voz à oração, as palavras quase formaram um murmúrio, mas cada uma delas nítida e ardente no seu espírito. A causa é justa, disse ele a Deus, e vão ter de morrer homens

por ela, e implorou a Deus para receber esses homens na sua nova morada celestial, e rezou pelas que haveriam de ficar viúvas e pelos que haveriam de ficar órfãos.

– E, por favor, Deus – disse ele, numa voz ligeiramente mais alta, – não deixes que Elizabeth fique viúva e permite que os meus filhos cresçam com um pai em sua casa.

– Perguntou-se quantas mais orações semelhantes teriam sido feitas naquela manhã de domingo.

– Senhor General Wadsworth? – disse uma voz hesitante por trás dele.

Wadsworth virou-se e deparou com um jovem alto e esbelto com uma casaca de uniforme verde-escura cruzada por um cinto branco. O jovem parecia ansioso, preocupado, talvez por ter perturbado a devoção de Wadsworth. Tinha cabelo escuro, atado numa curta mas espessa trança. Por um instante, Wadsworth supôs que o homem era portador de ordens para ele, depois a recordação de um rapaz bem mais novo inundou-lhe o espírito e essa memória permitiu que reconhecesse o jovem.

– William Dennis! – disse Wadsworth com sincero prazer. Fez uma rápida conta de cabeça e percebeu que Dennis deveria ter agora dez anos.

– A última vez que nos vimos foi há oito anos!

– Tinha a esperança de que me reconhecesse – disse Dennis, contente.

– Claro que me lembro de ti! – Wadsworth chegou-se ao outro lado da bancada para apertar a mão do jovem.

– E lembro-me bem de ti!

– Ouvi dizer que estava aqui, meu General – disse Dennis, – e tomei a liberdade de o procurar.

– Estou contente por isso!

– E agora o senhor é general.

– Um salto desde mestre-escola, não é? – disse Wadsworth, ironicamente.

– E tu?

– Tenente dos fuzileiros continentais, meu General.

– Felicito-te.

– E em vias de partir para Penobscot, meu General, tal como o senhor.

– Estás a bordo da Warren?

– Estou, sim, meu General, mas colocado no Vengeance.

– O Vengeance era um dos navios corsários, armado com vinte e uma peças.

– Nesse caso, partilharemos a vitória – disse Wadsworth. Abriu a porta da bancada reservada e acenou na direção da rua.

– Acompanhas-me até ao porto?

– Claro, meu General.

– Compareceste ao serviço religioso, espero.

– O Reverendo Frobisher pregou na West Church – disse Dennis.

– e eu queria ouvi-lo.

– Não pareces muito impressionado – disse Wadsworth, divertido.

– Escolheu um texto do Sermão da Montanha – disse Dennis.

– «Ele faz que o sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores.»

– Ah! – disse Wadsworth, com uma careta.

– Estaria ele a dizer que Deus não está do nosso lado? Se for esse o caso, parece desanimador.

– Ele estava a garantir-nos, meu General, que as verdades reveladas da nossa fé não dependem do resultado de uma batalha, de uma campanha ou mesmo de uma guerra. Ele disse que não podemos conhecer a vontade de Deus, meu General, a não ser a parte que ilumina a nossa consciência.

– Suponho que seja verdade – concordou Wadsworth.

– E disse que a guerra é o negócio do demónio, meu General.

– Isso é certamente verdade – disse Wadsworth, quando saíam da igreja – mas dificilmente se pode dizer que seja um sermão adequado numa cidade prestes a enviar os seus homens para uma guerra.

– Fechou a porta da igreja e viu que os chuviscos trazidos pelo vento que o empurrara encosta acima tinham parado e que o céu se limpava de nuvens altas e velozes. Caminhou com Dennis em direção à água, perguntando-se quando partiria a frota. O Comodoro Saltonstall dera ordem para largar o pano na terça-feira anterior, mas adiarda a partida porque o vento se transformara em vendaval capaz de partir os cabos dos navios. Mas a grande frota deveria partir em breve. Iria para leste, na direção do inimigo, em direção ao negócio do demónio.

Olhou para Dennis. Tornara-se um bonito rapaz. A sua casaca ver-de-escura era guarnecida a branco e os calções brancos eram debruados a verde. Usava uma espada direita, numa bainha de couro ornamentada com folhas de carvalho prateadas.

– Nunca percebi – disse Wadsworth – por que razão os fuzileiros usam o verde. O azul não seria, digamos, mais marítimo?

– Disseram-me que o único tecido disponível em Filadélfia, meu General, era verde.

– Ah! Isso nunca me ocorreu. Como estão os teus pais?

– Muito bem, obrigado, meu General – disse Dennis com entusiasmo.

– Vão ficar contentes quando souberem que o encontrei.

– Transmite-lhes os meus cumprimentos – disse Wadsworth. Ensinara Dennis a ler e a escrever, ensinara-lhe Gramática do latim e do inglês, mas depois a família mudara-se para o Connecticut e Wadsworth perdera o contacto. Lembrava-se bem de Dennis, apesar disso. Fora um rapazinho brilhante, atento e malicioso, mas nunca malévolo.

– Bati-te uma vez, não foi? – perguntou ele.

– Duas vezes, meu General – disse Dennis com um sorriso, – e mereci ambos os castigos.

– Não foi nunca um dever de que gostasse – disse Wadsworth.

– Mas necessário?

– Oh, certamente.

A conversa deles era constantemente interrompida por homens que queriam apertar-lhes a mão e desejar-lhes sucesso contra os Britânicos.

– Dê-lhes o inferno, General – disse um homem, um sentimento repetido por todos os que interpelavam os dois homens. Wadsworth sorriu, apertou as

mãos estendidas e, por fim, escapou aos entusiastas entrando no Bunch of Grapes, uma taverna junto a Long Wharf.

—Acho que Deus nos perdoará por atravessarmos a soleira da porta de uma taverna num domingo — disse ele.

— Nesta altura, é mais o quartel-general do exército — disse Dennis, divertido. A taverna estava cheia de homens de uniforme, muitos dos quais se aglomeravam junto de uma parede onde tinham sido afixados anúncios, tantos que se sobrepunham uns aos outros. Alguns ofereciam recompensas aos homens dispostos a servir nos navios corsários, outros tinham sido lá postos pela gente de Solomon Lovell.

— Vamos dormir a bordo esta noite! — gritou um homem, que depois viu Wadsworth.

—É porque vamos largar pano amanhã, meu General?

— Espero que sim — disse Wadsworth — mas certifiquem-se de que estão todos a bordo ao cair da noite.

— Posso levá-la? — perguntou o homem. Tinha um braço à volta de uma das prostitutas da taverna, uma rapariga ruiva bastante nova, que parecia já estar embriagada.

Wadsworth ignorou a pergunta, preferindo conduzir Dennis até uma mesa vazia ao fundo da sala, que fremia de conversas, esperança e otimismo. Um homem corpulento com uma casaca de marinheiro manchada de sal levantou-se e deu um murro na mesa. Ergueu uma caneca de cerveja quando se fez silêncio em volta.

— Esta é à vitória em Bagaduce! — gritou ele.

—Morte aos Tories, e ao dia em que passearmos a cabeça gorda do Rei George pelas ruas de Boston na ponta de uma baioneta!

— Espera-se muito de nós — disse Wadsworth, quando os vivas terminaram.

— Talvez o Rei George não nos obsequie com a sua cabeça — disse Dennis, divertido — mas estou certo que não os desapontaremos em relação às outras expectativas.

—Esperou, enquanto Wadsworth encomendava ensopado de ostras e cerveja.

—Sabe que há gente a comprar ações da expedição?

— Ações?

— Os navios privados, meu General, estão a vender o saque que esperam fazer. Presumo que não tenha investido?

— Nunca fui especulador — disse Wadsworth.

—Como é que isso funciona?

— Bem, o Capitão Thomas, do Vengeance, meu General, espera obter um saque no valor de quinhentas libras e, nessa expectativa, oferece uma centena de ações a quinze libras cada.

— Meu Deus! E se ele não obtiver material no valor de quinhentas libras?

— Então, os especuladores ficam a perder, meu General.

— Suponho que percam, sim. E as pessoas estão a comprar?

— Muitas! Creio que, neste momento, as ações da Vengeance estão a ser compradas acima das vinte e duas libras cada uma.

— Que mundo este em que vivemos — disse Wadsworth, divertido.

– Diz-me – disse ele, empurrando a caneca de cerveja para junto de Dennis, – que fazias antes de te alistares nos fuzileiros?

– Estudava, meu General.

– Harvard?

– Yale.

– Então, ou não te bati vezes suficientes ou não o fiz com força suficiente – disse Wadsworth.

Dennis riu-se.

– A minha ambição são as leis.

– Nobre ambição.

– Espero que sim, meu General. Quando os Britânicos forem derrotados, voltarei aos meus estudos.

– Vejo que os trazes contigo – disse Wadsworth, indicando com a cabeça um volume em forma de livro na aba da casaca do Tenente – ou isso são as Escrituras?

– Beccaria, meu General – disse Dennis, tirando o livro do bolso da aba.

– Estou a lê-lo por gosto, ou deverei dizer para instrução?

– Por ambas as coisas, espero. Ouvi falar dele – disse Wadsworth – e quero muito lê-lo.

– Permite que lho empreste quando tiver terminado?

– Isso seria muito simpático – disse Wadsworth. Abriu o livro, *On Crime and Punishments* de Cesare Beccaria, recentemente traduzido do italiano, e viu as notas minuciosamente escritas a lápis nas margens de quase todas as páginas, e pensou como era triste que um jovem de tanto valor como Dennis devesse ir para a guerra. Depois pensou que, embora a chuva pudesse de facto cair da mesma maneira sobre os justos e os pecadores, era impensável que Deus permitisse que homens honestos, combatendo por uma causa nobre, perdessem. Era uma reflexão reconfortante.

– Beccaria não tem umas ideias estranhas? – perguntou ele.

– Ele acha que a execução judicial é ao mesmo tempo errada e ineficaz, meu General.

– A sério?

– Ele defende a sua opinião convincentemente, meu General.

– Bem precisa!

Comeram e, depois, foram a pé até ao porto onde os mastros dos navios eram como que uma floresta. Wadsworth procurou a corveta que o levaria para a batalha, mas não conseguiu distinguir a Sally entre o emaranhado de cascos, mastros e massames. Uma gaivota gritou por cima da sua cabeça, um cão correu ao longo do molhe com uma cabeça de bacalhau na boca e um pedinte sem pernas arrastou-se na sua direção.

– Ferido em Saratoga – disse o pedinte, e Wadsworth deu-lhe um shilling.

– Posso chamar um barco para si, meu General? – perguntou Dennis.

– Isso seria simpático.

Peleg Wadsworth olhou para a frota e recordou as suas orações da manhã. Havia, em Boston, tanta confiança, tanta esperança e tantas expectativas, mas a guerra, sabia-o por experiência, era verdadeiramente o negócio do

demoníio.

E era tempo de ir para a guerra.

– Isto não é decente – disse o Doutor Calef.

O Brigadeiro McLean, que estava ao lado do médico, ignorou o protesto.

– Isto não é decente! – disse Calef, falando mais alto.

– É necessário – retorquiu o Brigadeiro McLean num tom suficientemente ríspido para amedrontar o médico. Nessa manhã de domingo, as tropas tinham assistido ao serviço religioso ao ar livre, as vozes escocesas cantando com força ao vento, que soprava em rajadas, arrastando sapatadas de chuva que salpicavam todo o porto. O Reverendo Campbell, capelão do 82.º, pregara a partir de um texto de Isaías: «Naquele dia o Senhor ferirá com a Sua espada pesada, temperada e forte, a Leviatã», um texto que McLean aceitava como relevante, mas perguntava-se se teria uma espada suficientemente pesada, temperada e forte para punir as tropas que ele sabia que viriam para o desalojar. A chuva caía agora de forma mais regular, ensopando a crista do monte, onde o forte estava a ser construído e onde dois regimentos formavam em quadrado.

– Estes homens nunca estiveram numa guerra – explicou McLean a Calef – e a maior parte nunca viu uma batalha, pelo que precisam de aprender as consequências da desobediência.

Dirigiu-se ao centro do quadrado, onde uma cruz de Santo André fora erguida. Um jovem, de tronco nu, estava atado à cruz com as costas expostas ao vento e à chuva.

Um sargento meteu uma tira de couro dobrada entre os dentes do jovem.

– Morde isso, rapaz, e aguenta o teu castigo como um homem.

McLean levantou a voz para que todos os soldados o pudessem ouvir.

– O Soldado Macintosh tentou desertar. Ao fazê-lo, quebrou o seu juramento de fidelidade ao Rei, ao seu país e a Deus. Por isso, será punido, como qualquer outro que tentar seguir o seu exemplo.

– Não me interessa se ele é punido – disse Calef, quando o Brigadeiro se lhe juntou de novo – mas deverá sê-lo no dia do Senhor? Não pode esperar até amanhã?

– Não – disse McLean, – não pode.

– Fez um aceno de cabeça ao Sargento.

– Cumpre o teu dever.

Dois tocadores de tambor deveriam chicotear enquanto um terceiro tocava os golpes no tambor. O Soldado Macintosh fora apanhado a tentar fugir através do aperto de terra baixa e pantanosa, que ligava Majabigwa-duce ao continente. Essa era a única rota para sair da península, a menos que alguém roubasse um barco ou, num aperto, nadasse através do porto, e McLean colocara um piquete no arvoredor, junto ao istmo. Tinham trazido Macintosh de volta e fora sentenciado a duzentas chicotadas, a punição mais severa que McLean alguma vez ordenara, mas ele já contava com muito poucos homens e precisava de dissuadir outros de desertarem.

A deserção era um problema. A maioria dos homens estava relativamente satisfeita, mas havia sempre alguns que viam, na vastidão da América do

Norte, a promessa de uma vida melhor. Ali, a vida era bem mais fácil do que nas Terras Altas da Escócia, e Macintosh tentara a sua sorte e agora seria punido.

– Uma! – gritou o sargento.

– Deem-lhe com força – disse McLean aos dois tocadores de tambor,

– não estão aqui para lhe fazerem cócegas.

– Duas!

McLean deixou a sua mente vaguear enquanto os chicotes de couro cruzavam as costas do homem. Vira muitas flagelações durante os seus anos de serviço, e também já ordenara execuções, porque as flagelações e as execuções eram formas de impor o dever. Viu muitos soldados horrorizados com o que viam, pelo que a punição estava provavelmente a resultar. McLean não gostava de punições públicas, ninguém no seu perfeito juízo poderia gostar, mas elas eram inevitáveis e, com sorte, Macintosh ainda daria um bom soldado.

E que Leviatã, perguntou-se McLean, teria Macintosh de combater? Uma escuna, comandada por um lealista, chegara a Majabigwadu na semana anterior com o relatório de que os rebeldes, em Boston, estavam a reunir uma frota e um exército.

– Disseram-nos que quarenta ou mais navios estavam a vir na nossa direção – dissera-lhe o comandante da escuna – e estão a juntar para cima de três mil homens.

Talvez fosse verdade, talvez não fosse. O comandante da escuna não estivera em Boston, apenas ouvira o rumor em Nantucket, e os rumores, como McLean sabia, podiam transformar uma companhia num batalhão e um batalhão num exército. Apesar disso, ele tomara a informação a sério o suficiente para enviar a escuna de volta para Sul com um despacho para Sir Henry Clinton em Nova Iorque. O despacho dizia apenas que McLean esperava ser atacado em breve e que não se conseguiria aguentar sem reforços. Por que razão, perguntava-se ele, lhe tinham sido dados tão poucos homens e navios? Se a coroa queria este pedaço de território, porque não enviar vima força adequada?

– Trinta e oito! – gritou o Sargento. Havia agora sangue nas costas de Macintosh, sangue diluído pela chuva, mas ainda suficiente para escorrer e escurecer a faixa da cintura do seu kilt.

– Trinta e nove – rugiu o Sargento

– e deem-lhe com força!

McLean ressentia o tempo que aquela punição pública lhe roubava aos preparativos. Sabia que o tempo era pouco e que o forte não estava, nem por sombras, perto de estar terminado. O fosso à volta das quatro muralhas só tinha sessenta centímetros de profundidade e os parapeitos não tinham muito mais de altura. Era um projeto de forte, uma pequena obra patética, e ele precisava de homens e de tempo. Oferecera salário a qualquer civil que estivesse disposto a trabalhar e, quando não apareceram homens em número suficiente, enviou patrulhas para recrutar trabalhadores à força.

– Sessenta e uma! – gritou o Sargento. Macintosh agora choramingava, mas o

som era abafado pela mordança de couro. Mexeu-se para mudar o peso do corpo e o sangue foi contido por um sapato, depois transbordou sobre a borda do sapato.

– Ele não aguenta muito mais – grunhiu Calef.

Calef estava a substituir o médico do batalhão que estava doente com febre.

– Continuem! – disse McLean.

– Quer matá-lo?

– Quero que o batalhão – disse McLean – fique com mais medo da chicotada do que do inimigo.

– Sessenta e duas! – berrou o Sargento.

– Diga-me – disse McLean virando-se de súbito para o médico, – por que razão se espalhou o rumor de que eu tenciono enforçar qualquer civil que apoia a rebelião?

Calef pareceu desconfortável. Encolheu-se quando o chicoteado choramingou de novo, depois olhou com ar de desafio para o General.

– Para persuadir esses descontentes a deixarem a região, claro. Não quer rebeldes emboscados por estes arvoredos.

– Nem quero a reputação de carrasco! Não viemos aqui para perseguir pessoas, mas para as persuadir a voltarem a uma obediência mais adequada. Ficaria grato, Doutor, se fosse espalhado um contrarrumor. De que não tenho intenção de enforçar ninguém, rebelde ou não.

– E sangue de Deus, homem, consigo ver o osso! – protestou o médico, ignorando os preciosismos de McLean. O choro tornara-se gemido. McLean viu que os rapazes do tambor punham agora menos vigor nos golpes, não por os seus braços estarem a fraquejar, mas por piedade, e nem ele nem o Sargento os corrigiram.

McLean interrompeu o castigo às cem chicotadas.

– Chega, Sargento – ordenou ele, – e levem-no para casa do médico.

– Afastou-se da desordem sangrenta na cruz.

– Qualquer um de vós que siga o exemplo do Macintosh seguiu-lo a nisto também! Agora, destrocem e os homens que vão às suas tarefas.

Os civis que se tinham voluntariado ou tinham sido recrutados para trabalharem arrastaram-se penosamente encosta acima. Um homem, alto e muito magro, de cabelo escuro revoltado e olhar irado, passou pelos ajudantes de McLean para confrontar o General.

– Será punido por isto! – rosnou o homem.

– Pelo quê? – inquiriu McLean.

– Por trabalhar ao dia de descanso! – disse o homem. Agigantou-se sobre McLean.

– Em toda a minha vida, nunca trabalhei ao domingo, nunca! Transformou-me num pecador!

McLean conteve-se. Uma dúzia de outros homens tinham parado e estavam a olhar para o homem magro, e McLean suspeitou que se juntariam ao protesto e se recusariam a profanar o domingo, trabalhando, se ele gritasse.

– Mas então porque não trabalhar num domingo, caro senhor? – perguntou McLean.

– É o dia do Senhor, e devemos mantê-lo sagrado.
–O homem espetou um dedo na direção do Brigadeiro, parando a tempo antes de atingir o peito de McLean.
–É mandamento de Deus!
– E Cristo ordenou que desses a César o que é de César – retorquiu McLean – e hoje César pede que faças um parapeito. Mas eu vou harmonizar as coisas, caro senhor, vou harmonizar tudo não te pagando. Trabalho é uma tarefa remunerada, mas hoje oferecer-me-ás a tua assistência sem remuneração, o que, caro senhor, é um ato Cristão.
– Não me...
–começou o homem a dizer.
– Tenente Moore! – disse McLean, levantando a vara de abrunheiro para convocar o Tenente, embora o gesto tenha parecido ameaçador, e o homem magro deu um passo atrás.
–Chamem de novo os rapazes do tambor! – gritou McLean.
–Preciso que chicoteiem outro homem! – Voltou a olhar para o homem.
–Ou me ajuda, caro senhor – disse ele, tranquilamente, – ou será flagelado.
O homem alto olhou para a cruz de Santo André, vazia.
– Rezarei pela tua destruição – foi a sua promessa, mas o ardor desaparecera-lhe da voz. Lançou um último olhar de desafio a McLean e, depois, afastou-se. Os civis trabalharam. Ergueram a muralha do forte mais trinta centímetros, depositando troncos ao longo do baixo rebordo de leste. Alguns homens deitaram mais árvores abaixo, abrindo campos de tiro para o forte, enquanto outros usaram picaretas e pás para escavarem um poço no bastião nordeste do forte. McLean ordenou que um tronco comprido de abeto fosse descascado e, depois, um marinheiro da Albany prendeu uma pequena polia na extremidade mais estreita do tronco e uma longa corda foi passada pela roldana. Foi feito um buraco fundo no bastião de sudoeste e o tronco de abeto foi levantado como pau de bandeira. Os soldados atulharam o buraco com pedras e, quando o pau foi considerado estável, McLean ordenou que a bandeira da união fosse içada no céu húmido.
– Chamaremos a este lugar...
–interrompeu-se quando o vento soprou na bandeira, desfraldando-a à luz nublada do dia.
–Forte George
– disse McLean com hesitação, como se testasse o nome.
–Forte George
– anunciou ele, firmemente, e tirou o chapéu.
–Que Deus proteja o Rei!
Os homens do 74.º, homens das Terras Baixas, iniciaram uma obra de menor dimensão, um posicionamento de canhão, que situaram perto da costa e de frente para a boca do porto. O solo era mais macio perto da praia e rapidamente amontoaram uma porção de terra, que reforçaram com pedras e troncos. Foram rachados outros troncos para fazer plataformas para os canhões que ficariam apontados para a boca do porto. Estava a ser construída uma bateria semelhante em Cross Island de modo a que um navio inimigo,

que ousasse passar a boca do porto, deparasse com os três costados do Capitão Mowat e o fogo de artilharia dos bastiões, de ambos os lados da entrada.

A chuva parou e o nevoeiro pairava sobre toda a largura do rio. A nova bandeira esvoaçava, brilhante, sobre Majabigwaduce, mas por quanto tempo, interrogava-se McLean, por quanto tempo?

A segunda-feira amanheceu excelente, em Boston. O vento soprava de sudoeste e o céu estava limpo.

– Temos visibilidade – anunciou o Comodoro Saltonstall ao General Solomon Lovell a bordo da fragata continental Warren.

– Estamos de partida, meu General.

– E que Deus nos assegure uma boa viagem e um regresso vitorioso

– respondeu Lovell.

– Ámen – disse Saltonstall de má vontade, e depois gritou ordens para que fossem feitos sinais para que a frota levantasse ferro e seguisse o navio almirante para fora do porto.

Solomon Lovell, com quase cinquenta anos de idade, excedia o Comodoro em altura. Lovell era lavrador, legislador e patriota, e era considerado no Massachusetts que o nome lhe ficava bem, pois gozava da reputação de ser um homem sábio, judicioso e sensível. Os seus vizinhos, em Weymouth, elegeram-no para a Assembleia, em Boston, onde era apreciado porque, numa legislatura de fratura, Lovell era um pacificador. Possuía um otimismo inextinguível, na convicção de que a equidade e a disposição para entender o ponto de vista do outro trariam prosperidade mútua, enquanto a sua altura e forte compleição, conseguida por anos de trabalho árduo na

sua quinta, aumentava a impressão de extrema confiança que transmitia. O seu rosto era longo, de feição determinada, ao mesmo tempo que os olhos se lhe enrugavam em fácil divertimento. O seu espesso cabelo escuro ficara grisalho nas têmporas, dando-lhe uma aparência distinta, e por isso não admirava que os seus pares tivessem achado apropriado dar-lhe uma alta patente na Milícia do Massachusetts. Podia-se confiar em Lovell, consideraram eles. Uns quantos descontentes resmungaram que a sua experiência militar era praticamente nenhuma, mas os seus apoiantes, e eram muitos, acreditavam que Solomon Lovell era o homem certo para a tarefa. Punha as coisas em ação. A sua falta de experiência era compensada pelo seu vice, Peleg Wadsworth, que combatera sob as ordens do General Washington, e sob as do Comodoro Saltonstall, o comandante naval, que era um oficial ainda mais experimentado. Lovell nunca teria falta de sábio aconselhamento onde assentar o seu sólido julgamento.

O grande cabo da âncora foi içado para bordo. Ao cabrestante, os marinheiros entoavam uma lengalenga enquanto andavam em volta.

– Eis uma corda! – gritou um contramestre.

– Para enforcar o Papa! – responderam os homens.

– É um bocado de queijo!

– Para o sufocar!

Lovell sorriu, em aprovação, depois caminhou até à grinalda de popa, de onde observou a frota, admirando-se como o Massachusetts reunira tantos navios

em tão pouco tempo. Junto à Warren estava um brigue, o Diligent, que fora capturado à Marinha Real Britânica, e para além dele uma corveta, a Providence, que a capturara, ambos os navios com doze peças e ambas pertencentes à marinha continental. Ancorado atrás deles, ostentando a bandeira com o pinheiro da marinha do Massachusetts, estavam dois brigues, o Tyrannicide e o Hazard, e um brigantino, o Active. Todos eles estavam armados com catorze canhões e, tal como a Warren, possuíam agora a tripulação completa, porque o Tribunal Geral e o Conselho de Guerra tinham dado autorização para recrutar gangues que tirassem os marinheiros das tavernas de Boston e dos navios mercantes que estavam no porto.

A Warren era, com os seus canhões de oito e de cinco quilos, o navio mais poderoso da frota, mas outros sete navios poderiam, todos eles, igualar ou superar o número de armas de qualquer uma das três corvetas britânicas que, segundo as notícias, estavam à espera, em Majabigwaduce. Esses sete navios eram, todos eles, corsários. O Hector e o Hunter possuíam dezoito peças cada, enquanto o Charming Sally, o General Putnam, o Black Prince, o Monmouth e o Veengeance transportavam cada um vinte canhões. Havia, também, navios corsários mais pequenos, como o Sky Rocket, com os seus dezasseis canhões. No total, navegariam para Majabigwaduce dezoito navios de guerra e o número de peças desses navios ascendiam a mais de trezentas, enquanto os vinte e um navios de transporte levariam homens, mantimentos, armas e as ardentes esperanças do Massachusetts. Lovell estava orgulhoso do seu Estado. Compensara as deficiências dos mantimentos, e os navios levavam agora comida suficiente para alimentar seiscentos homens durante dois meses. Só de farinha, havia seis toneladas! Seis toneladas!

Lovell, pensando nos esforços extraordinários que tinham sido feitos para provisionar a expedição, tomou consciência, lentamente, de que havia homens dos outros navios a gritar para a Warren. A âncora não fora ainda içada, mas o contramestre ordenou aos marinheiros para interromperem o canto e o trabalho. Parecia que a frota não iria partir, afinal. O Comodoro Saltonstall, que estivera de pé junto da roda do leme da fragata, voltou-se e caminhou na direção de Lovell.

– Parece – disse o Comodoro, acidamente – que o comandante da artilharia ainda não está a bordo do seu navio.

– Devia estar – disse Lovell.

– Devia?

– As ordens eram claras. Os oficiais deveriam estar a bordo ontem à noite.

– O Samuel comunica que o Coronel Revere não está a bordo. Nesse caso, o que devemos fazer, meu General?

Lovell ficou surpreendido com a pergunta. Pensara que lhe dariam informações, não que lhe pedissem para tomar decisões. Olhou através das águas cintilantes da luz do Sol como se o distante Samuel, um brigue que transportava os canhões da expedição, pudesse sugerir uma resposta.

– Bem? – pressionou Saltonstall.

– Largamos pano sem ele e os seus oficiais?

– Os seus oficiais? – perguntou Lovell.

– Diz-se – Saltonstall pareceu adorar dar as más notícias – que o Coronel Revere deu permissão aos seus oficiais para passarem a noite em terra.

– Em terra? – perguntou Lovell, espantado, e depois olhou fixamente, de novo, para o brigade distante.

–Precisamos do Coronel Revere – disse ele.

– Precisamos? – perguntou Saltonstall, sarcasticamente.

– Oh, é um bom oficial! – disse Lovell, com entusiasmo.

–Foi um dos homens que foi a cavalo avisar Concord e Lexington. O Doutor Warren, Deus guarde a sua alma, enviou-os, e este navio foi batizado com o seu nome, não foi?

– Foi? – perguntou Saltonstall, com indiferença.

– Um grande patriota, o Doutor Warren – disse Lovell, com sentimento.

– E como é que isso muda na ausência do Coronel Revere? – perguntou Saltonstall abruptamente.

– Isso – começou Lovell a dizer e depois percebeu que não fazia ideia do que responder, pelo que se endireitou e alinhou os ombros.

–Vamos esperar – declarou ele, com firmeza.

–Vamos esperar! – gritou Saltonstall para os seus oficiais. Começou, de novo, a caminhar a passos largos pela tolda, de bombordo para estibordo, de estibordo para bombordo, lançando de vez em quando um olhar malévolamente a Lovell, como se o General fosse pessoalmente responsável pelo oficial desaparecido. Lovell achou desconfortável a hostilidade do Comodoro e, por isso, virou-se para mirar a frota outra vez. Muitos navios tinham perdido as gáveas e os homens arrastavam-se, agora, ao longo das vergas para ferrar os panos.

– General Lovell? – veio uma nova voz perturbá-lo, e Lovell virou-se, vendo um oficial dos fuzileiros, alto, cuja presença súbita fez o General dar um passo involuntário atrás. O fuzileiro possuía uma tal intensidade no rosto, uma ferocidade que o tornava formidável. Ficava-se impressionado só de o ver. Conseguia ser mais alto do que Lovell, que não era um homem baixo, e tinha ombros largos, que retesavam o tecido verde do casaco do seu uniforme. Segurava o chapéu na mão, respeitosa e, revelando cabelo escuro, cortado curto na maior parte da cabeça, mas que deixara ficar mais comprido atrás para que pudesse usar uma trança curta, endurecida com breu.

– Chamo-me Welch – disse o fuzileiro numa voz funda, que combinava com o seu rosto.

–Capitão John Welch, dos fuzileiros continentais.

– Tenho muito gosto em conhecê-lo, Capitão Welch – disse Lovell, e isso era sincero. Se um homem tem de partir para a batalha, deverá rezar para que tenha um homem como Welch ao seu lado. O punho do sabre de Welch estava gasto pelo uso e, como o seu dono, parecia feito para o uso eficaz da pura violência.

– Falei com o Comodoro, meu General – disse Welch, com muita formalidade – e ele deu consentimento para que os meus homens estejam à sua disposição sempre que não sejam requisitados para tarefas navais.

– Isso é muito animador – disse Lovell.

– Duzentos e vinte e sete fuzileiros, meu General, bem preparados. Bons homens, meu General.

– Não duvido.

– Bem treinados – continuou Welch, olhando sem pestanejar nos olhos de Lovell – e bem disciplinados.

– É um reforço valioso das nossas forças – disse Lovell, inseguro sobre o que poderia dizer mais.

– Quero combater, meu General – disse Welch, como se suspeitasse que Lovell poderia não utilizar os seus fuzileiros.

– Estou confiante de que a oportunidade surgirá – disse Lovell, pouco à vontade.

– Espero que sim, meu General – disse Welch, depois afastou finalmente o olhar do General e indicou com um aceno um navio de belo aspeto, o General Putnam, um dos quatro corsários que tinham sido encomendados pela marinha do Massachusetts porque os seus proprietários se tinham recusado a oferecer voluntariamente as suas embarcações. O General Putnam levava vinte canhões, todos de quatro quilos, e era considerado um dos melhores navios da costa da Nova Inglaterra.

– Pusemos um grupo de fuzileiros no Putnam – disse Welch, – comandados pelo Capitão Carnes. Sabe quem é, meu General?

– Conheço John Carnes – disse Lovell, – comanda o Hector.

– Este é irmão dele, meu General, e é um bom oficial. Serviu sob as ordens do General Washington como capitão de artilharia.

– Uma excelente posição – disse Lovell – e, apesar disso, trocou-a pelos fuzileiros?

– O Capitão Carnes prefere ver os homens de perto quando os mata, meu General – disse Welch, sem entoação, – mas conhece bem a artilharia, meu General. E um artilheiro muito competente.

Lovell compreendeu de imediato que Saltonstall enviara Welch com as notícias, sugerindo implicitamente que o Coronel Revere poderia ser deixado para trás e substituído pelo Capitão Carnes, e ficou eriçado com a sugestão.

– Precisamos do Coronel Revere e dos seus oficiais – disse ele.

– Não sugeri o contrário, meu General – disse Welch, – apenas disse que o Capitão Carnes tem conhecimentos que lhe podem ser úteis.

Lovell sentiu um enorme desconforto. Pressentia que Welch tinha pouca fé na milícia e estava a tentar robustecer as forças de Lovell com o profissionalismo dos seus fuzileiros, mas este estava determinado a que fosse o Massachusetts que colhesse os louros da expulsão dos Britânicos.

– Tenho a certeza de que o Coronel Revere sabe do seu ofício – disse Lovell, resolutamente. Welch não replicou, mas olhou fixamente para Lovell, que de novo se sentiu desconcertado pela intensidade do seu olhar.

– Claro, qualquer conselho que o Capitão Carnes tenha...

– disse Lovell, e deixou que a sua voz se desvanecesse.

– Só queria que soubesse que tem um homem da artilharia nos fuzileiros, meu General – disse Welch, depois recuou um passo e fez continência a Lovell.

– Obrigado, Capitão – disse Lovell, sentindo-se aliviado quando o fuzileiro enorme se afastou.

Os minutos passaram. Os relógios das igrejas de Boston bateram a hora, depois os quartos de hora e, depois, de novo, a hora. O Major William Todd, um dos dois maiores de brigada da expedição, trouxe uma caneca de chá ao General.

– Acabado de fazer, na cozinha, meu General.

– Obrigado.

– As folhas foram capturadas pelo brigue King-Killer, meu General – disse Todd, sorvendo o seu próprio chá.

– É simpático o inimigo abastecer-nos de chá – disse Lovell, alegremente.

– É, com efeito, meu General – disse Todd e, após uma pausa perguntou: – Então, o Senhor Revere está a atrasar-nos?

Lovell sabia da antipatia entre Todd e Revere e fez o que pôde para atenuar o que quer que estivesse no espírito do Major. Todd era bom homem, metucioso e trabalhador, mas pouco flexível.

– Tenho a certeza de que o Tenente-Coronel Revere tem boas razões para estar ausente – disse ele com firmeza.

– Tem sempre – disse Todd.

– Durante todo o tempo que comandou Castle Island, duvido que tenha lá passado uma única noite. O Senhor Revere, meu General, gosta do conforto da cama da sua mulher.

– Não gostamos todos?

Todd escovou um bocado de linha da casaca do seu uniforme azul.

– Ele disse ao General Wadsworth que forneceu rações para os homens do Major Fellows.

– Estou certo de que houve uma razão para isso.

– Fellows morreu com a febre, em agosto – disse Todd, e depois recuou um passo por deferência para com o Comodoro, que se aproximou.

Saltonstall lançou, sob o bico do seu alto chapéu, um olhar irado a Lovell.

– Se o seu maldito amigo não vem – disse Saltonstall, – talvez possamos ter autorização para andar para a frente com esta maldita guerra sem ele?

– Estou certo de que o Coronel Revere estará aqui muito em breve – disse Lovell, com brandura – ou receberemos notícias suas. Foi enviado um mensageiro a terra, Comodoro.

Saltonstall resmungou e afastou-se. O Major Todd franziu o sobrolho, perante a retirada do Comodoro.

– Acho que ele sai à família da mãe. Os Saltonstall são normalmente gente muito agradável.

Lovell foi dispensado de responder por um grito do brigue Diligent. O Coronel Revere, ao que parecia, fora avistado. Ele e três outros oficiais estavam a ser levados à força de remos na bem arranjada barcaça que servia Castle Island, e à popa da embarcação, cujos remos eram manobrados por doze homens de camisa azul, havia um grande monte de bagagem, e, quando a barcaça se aproximou da Warren, a caminho do brigue Samuel, Revere acenou a Lovell.

– Que Deus nos faça velozes, meu General! – gritou ele.

– Onde esteve? – chamou Lovell, rispidamente.

– Última noite com a família, meu General! – gritou Revere alegremente, mas, depois, ficou longe de mais para se ouvir.

– Última noite com a família? – perguntou Todd, extasiado.

– Deve ter interpretado mal as minhas ordens – disse Lovell, incomodado.

– Acho que irá descobrir, meu General – disse Todd – que o Coronel Revere interpreta mal todas as ordens que não são a seu gosto.

– É um patriota, Major – censurou Lovell, – um grande patriota!

Levou mais tempo a içar a bagagem do grande patriota para bordo do brigue do que a barcaça demorou a ser preparada para a viagem. Parecia que o Coronel Revere queria que a barcaça de Castle Island fizesse parte do seu equipamento, pois os remos foram amarrados aos bancos e, depois, foi ligada ao Samuel por um cabo de rebocar. Então, finalmente, quando o Sol subiu, a frota ficou pronta. Os cabrestantes giraram de novo, as grandes âncoras foram içadas, e, de velas a brilhar ao sol de verão, o poderio do Massachusetts partiu do porto de Boston.

Para capturar, matar e destruir.

O Tenente John Moore sentou-se sobre um banco do acampamento com uma perna de cada lado de um barril de pólvora vazio, que servia de mesa. Uma tenda abrigava-o das rajadas do vento oeste, que fazia os salpicos de chuva embaterem na lona amarelecida. O trabalho de Moore como tesoureiro do 82.º Regimento entediava-o, apesar de o trabalho minucioso ser feito pelo Cabo Brown, que fora empregado num contabilista de Leigh antes de, uma manhã, se ter embriagado e oferecido como voluntário para o exército. Moore virou as páginas do livro de deve e haver, encadernado a preto, onde se registavam os prês do regimento.

– Por que razão estão a ser descontados quatro pence por semana ao Soldado Neill? – perguntou Moore.

– Perdeu a graxa, meu Tenente.

– A graxa para as botas não pode custar assim tanto, pois não?

– É material caro, meu Tenente – disse o Cabo Brown.

– Claramente. Devia comprar alguma e revendê-la ao regimento.

– O Major Fraser não iria gostar disso, meu Tenente, porque o irmão dele já faz isso mesmo.

Moore suspirou e virou outra página do grosso livro. Deveria verificar as contas, mas sabia que o Cabo Brown fizera já um trabalho metucioso, pelo que, em vez disso, olhou para além dos toldos das tendas, para a muralha ocidental do Forte George, onde alguns artilheiros estavam a construir uma plataforma para um dos seus canhões. A muralha estava apenas à altura da cintura, embora ao longo do fosso houvesse agora uma linha de espigões de madeira, que pareciam mais formidáveis quando se olhava do que quando se decidia entrar. Para lá do parapeito havia uma longa extensão de solo limpo pontuado por troncos de pinheiro descascados. Esse pedaço de terreno ascendia suavemente para a falésia da península, onde o arvoredo continuava a ser denso e onde filamentos de névoa se espalhavam através dos ramos escuros. O Cabo Brown viu para onde Moore estava a olhar.

– Posso perguntar-lhe uma coisa, meu Tenente?

– Tudo o que te passar pela cabeça, Brown.

O cabo fez um aceno de cabeça na direção da falésia cheia de arvoredo, que estava a cerca de oitocentos metros do forte.

– Por que razão o Brigadeiro não fez o forte ali, meu Tenente?

– Terias feito isso, Cabo, se fosses tu a mandar?

– É o ponto mais alto, meu Tenente. Não é aí que se deve fazer um forte?

Moore franziu o cenho, não porque desaprovasse a pergunta, a qual, pensava ele, era uma interrogação eminentemente pertinente, mas porque não sabia como enquadrar a resposta. Para Moore, a razão pela qual McLean escolhera um ponto mais baixo era óbvia. Tinha que ver com a interligação dos tiros de canhão dos navios e dos canhões do forte, com dificultar as coisas ao máximo, mas, embora soubesse a resposta, não sabia bem como exprimi-la.

– Daqui – disse ele, – as nossas armas comandam a entrada do porto e o próprio porto. Supõe que estávamos todos lá mais em cima. Os inimigos podiam passar por nós, tomar o porto e a povoação, e depois matar-nos à fome à vontade deles.

– Mas se os sacanas tomam aquele ponto alto, meu Tenente – disse Brown, com ceticismo, sem terminar o pensamento.

– Se os sacanas tomarem aquele ponto alto, Cabo – disse Moore, – colocarão canhões ali e dispararão contra o forte.

– Esse fora o risco que McLean decidira correr. Dera ao inimigo a oportunidade de tomar o ponto alto, mas apenas para que pudesse fazer melhor o seu trabalho, que era defender o porto.

– Não temos homens suficientes – continuou Moore

– para defender a falésia, mas não consigo imaginar que desembarquem homens ali. É demasiado íngreme.

Mas os rebeldes desembarcariam em qualquer lado. Debruçando-se para a frente no seu banco improvisado, Moore conseguia ver as três corvetas ancoradas em linha de um lado ao outro da boca do porto. O General McLean sugerira que o inimigo poderia tentar atacar essa linha, rompê-la, e depois desembarcar os homens na praia, abaixo do forte, e Moore tentou imaginar um tal combate. Tentou transformar os tufos de névoa em fumo de pólvora, mas a sua imaginação fracassou. O jovem de dezoito anos, John Moore, nunca estivera numa batalha, e todos os dias se perguntava como reagiria ao cheiro da pólvora e aos gritos dos feridos e ao caos.

– Uma senhora aproxima-se, meu Tenente – avisou o Cabo Brown.

– Uma senhora? – perguntou Moore, acordando em sobressalto do seu devaneio, e depois viu que Bethany Fletcher se aproximava da tenda. Levantou-se e espreitou por baixo do toldo da tenda para a cumprimentar, mas a visão do seu rosto atou-lhe a língua, por isso apenas ficou ali, embaraçado, de chapéu na mão, sorrindo.

– Tenente Moore – disse Bethany, parando a um passo de distância.

– Menina Fletcher – conseguiu Moore dizer, – é um prazer, como sempre.

– Curvou-se.

– Disseram-me para lhe entregar isto.

– Bethany estendeu-lhe um pedaço de papel.

O papel era um recibo do milho e do peixe que James Fletcher vendera ao quartel-mestre.

—Quatro shillings\ – disse Moore.

— O quartel-mestre disse que o senhor me pagaria – disse Bethany.

— Se o Senhor Reidhead assim ordena, eu obedecerei. E será meu o prazer de lhe pagar, Menina Fletcher – disse Moore. Olhou de novo para o recibo.

—Deve ter sido uma quantidade excepcional de milho e peixe! Para valer quatro shillings!

Bethany conteve-se.

— Foi o Senhor Reidhead que decidi a quantia.

— Oh, não estou a insinuar que a quantia é excessiva – disse Moore, corando. Se perdesse a compostura quando confrontado por uma rapariga, como seria quando enfrentasse o inimigo? – Cabo Brown!

— Meu Tenente?

— Quatro shillings para a senhora!

— Imediatamente, meu Tenente – disse Brown, vindo da tenda, embora, em vez das moedas, trouxesse um martelo e um cinzel, que levou para um bloco de madeira ali perto. Tinha um dólar de prata, que depo-sitou sobre a madeira, depois colocou cuidadosamente a lâmina do cinzel para um único corte radial na moeda. Bateu com o martelo e a moeda saltou ao ser mordida pelo cinzel.

—É uma loucura, meu Tenente, partir uma moeda em cinco bocados – resmungou Brown, substituindo o dólar.

—Porque não podemos fazer quatro bocados de um shilling e três pence cada?

— Porque é mais fácil cortar uma moeda em quatro bocados em vez de cinco? – perguntou Moore.

— Claro que é, meu Tenente. Para cortar em quatro apenas é preciso um cinzel de lâmina larga e dois cortes – resmungou Brown, e depois martelou para fazer outro corte no dólar, separando uma lasca de prata, que empurrou em direção a Bethany através do bloco de madeira.

—Aqui tem, menina, um shilling.

Bethany pegou na lasca cortante.

— É assim que paga aos soldados? – perguntou ela a Moore.

— Oh, nós não somos pagos, menina – respondeu o Cabo Brown, – a não ser com notas promissórias.

— Dá à Menina Fletcher o resto da moeda – sugeriu Moore, – ficará com os quatro shillings e tu não precisas de cortar mais.

—Havia escassez de moedas, por isso o Brigadeiro decretara que cada dólar de prata valia cinco shillings.

—Parem de olhar! – gritou rispidamente Moore para os artilheiros, que tinham interrompido o seu trabalho para admirar Beth Fletcher. Moore pegou no dólar escavacado e estendeu-o a Bethany.

—Aqui está, Menina Fletcher, o seu pagamento.

— Obrigada.

—Bethany colocou o shilling de novo sobre o bloco de madeira.

—Então, quantas notas promissórias tem de fazer por semana? – perguntou ela.

- Quantas? – Moore ficou momentaneamente perplexo com a questão.
- Oh, não emitimos notas desse modo, Menina Fletcher, mas registamos os prês que devemos no livro de deve e haver. O metal fica para cumprir obrigações mais importantes, como pagar-lhe pelo seu milho e o seu peixe.
- E deve precisar de uma grande quantidade de milho e de peixe para dois regimentos inteiros – disse ela.
- Quanto é isso? Duzentos homens?
- Era bom se fôssemos assim tantos – disse Moore, com um sorriso. – Na verdade, Menina Fletcher, os dos 74.º são apenas quatrocentos e quarenta homens e, nós, os Hamilton, não somos mais do que metade disso. E ouvimos dizer que os rebeldes estão a preparar uma frota e um exército para nos atacarem!
- E acha que essas notícias são verdadeiras? – perguntou Bethany.
- A frota talvez já venha a caminho.
- Bethany olhou para lá das três corvetas, para onde os tufos de névoa flutuavam sobre o largo rio Penobscot.
- Rezo – disse ela – para que não haja luta.
- E eu rezo para que aconteça o contrário – disse Moore.
- A sério? – Bethany pareceu surpreendida. Virou-se para ver o jovem tenente como se não tivesse dado por ele anteriormente.
- Quer que haja uma batalha?
- Ser soldado foi a profissão que escolhi, Menina Fletcher – disse Moore, e sentiu-se uma fraude ao dizer isso – e a batalha é o fogo no qual os soldados são temperados.
- O mundo seria melhor sem esse tiroteio – disse Bethany.
- É verdade, sem dúvida – disse Moore – mas não fomos nós que esfregámos a pederneira no ferro, Menina Fletcher. Foram os rebeldes que o fizeram, eles atearam o fogo e a nossa tarefa é extinguir as chamas.
- Bethany não disse nada, e Moore achou que tinha sido pomposo.
- Você e o seu irmão deverão ir a casa do Doutor Calef esta noite – disse ele.
- Devemos? – perguntou Bethany, olhando de novo para Moore.
- Haverá música no jardim se o tempo o permitir, e baile.
- Não danço, Tenente – disse Bethany.
- Oh, são os oficiais quem dança – disse Moore, apressadamente – a dança da espada.
- Ele conteve o impulso de demonstrar uma cabriola.
- Seria muito bem-vinda – disse ele, em vez disso.
- Obrigada – disse Bethany, depois enfiou no bolso o dólar escava-cado e afastou-se.
- Menina Fletcher! – chamou Moore, atrás dela.
- Ela virou-se.
- Tenente?
- Mas Moore não fazia ideia sobre o que dizer, na verdade ficara surpreendido ao chamá-la. Ela olhava para ele, à espera.
- Obrigado pelos abastecimentos – conseguiu ele dizer.
- É negócio, Tenente – disse Beth, sem emoção.

– Mesmo assim, obrigado – disse Moore, confuso.

– Isso significa que também venderia aos Ianques, menina? – perguntou o Cabo Brown, alegremente.

– A eles, poderíamos dar – disse Beth, e Moore não era capaz de dizer se ela estava a fazer troça ou não. Ela olhou para ele, fez um meio-sorriso e afastou-se.

– Uma rapariga bonita como poucas – disse o Cabo Brown.

– Achas? – perguntou Moore, de forma pouco convincente. Olhava para o fundo do declive, para onde as casas da povoação se espalhavam ao longo da linha de costa do porto. Tentou imaginar homens a combater ali, fileiras de homens a dispararem tiros de mosquete, os canhões a ribombarem pelos céus, o porto cheio de navios meio naufragados, e pensou como seria triste morrer nesse caos sem nunca ter apertado nos braços uma rapariga como Bethany.

– Acabámos as contas do deve e haver, meu Tenente? – perguntou Brown.

– Acabámos as contas do deve e haver – disse Moore.

Perguntou-se se era, de facto, um soldado. Perguntou-se se teria coragem para enfrentar a situação de batalha. Olhou para o ponto onde Bethany desaparecera e sentiu-se perdido.

– Relutância, meu General, relutância. Imensa relutância – disse o Coronel Jonathan Mitchell, que comandava a Milícia do Condado de Cumberland, olhando para o Brigadeiro-General Peleg Wadsworth como se fosse tudo culpa de Wadsworth.

– Relutância sem desculpa.

– Deu ordens para que fossem recrutados? – perguntou Wadsworth.

– Claro que temos ordens, caramba. Tivemos de o fazer! Metade destes filhos da mãe recentes foi recrutada à força. Não arranámos voluntários, apenas uma lamúria de desculpas, por isso decidimos declarar a lei marcial, meu General, e enviar tropas para todas as cidades, cercar os sacanas, mas muitos fugiram e esconderam-se. Estão relutantes, é o que lhe digo, relutantes! A frota levará dois dias a chegar a Townsend, onde a milícia tinha ordens para se reunir. O General Lovell e o Brigadeiro-General Wadsworth estavam a contar com mil e quinhentos homens, mas estavam à espera para embarcar menos de novecentos.

– Oitocentos e noventa e quatro, meu General, para ser exato – informou Marston, o secretário de Lovell.

– Meu Deus – disse Lovell.

– Não é certamente demasiado tarde para solicitar um batalhão continental – sugeriu Wadsworth.

– Nem pensar – disse Lovell, imediatamente. O Estado do Massachusetts declarara-se capaz de, por si próprio, expulsar os Britânicos, e o Tribunal Geral não veria com bons olhos um pedido de ajuda das tropas do General Washington. O Tribunal estivera, de facto, relutante em aceitar o auxílio do Comodoro Saltonstall, mas a Warren era um navio tão obviamente formidável que ignorar a sua presença nas águas do Massachusetts teria sido perverso.

– Na verdade, temos o Comodoro dos fuzileiros – salientou Lovell – e estou certo de que o Comodoro estará na disposição de os libertar para fazer serviço

em terra, em Majabigwaduce.

– Vamos precisar deles – disse Wadsworth. Inspeccionara os três batalhões da milícia e ficara horrorizado com o que encontrara. Alguns homens pareciam ser os adequados, jovens e ansiosos, mas muitos deles eram demasiado velhos, ou demasiado novos, ou demasiado doentes. Um homem desfilara mesmo de muletas.

– Não podes combater – dissera Wadsworth ao homem.

– Foi isso que eu disse aos soldados quando nos foram buscar – disse o homem. Tinha barba grisalha, era alto e de cabelo revoltado.

– Então vá para casa – disse Wadsworth.

– Como?

– De alguma maneira que consiga – dissera Wadsworth; o desespero tornava-o irritável. Alguns passos abaixo encontrou um rapaz de cabelo encaracolado, com cara de quem nunca usara uma lâmina de barbear.

– Como te chamas, rapaz? – perguntou Wadsworth.

– Israel.

– Israel quê?

– Trask.

– Que idade tens, Israel Trask?

– Quinze anos – disse o rapaz, tentando endireitar-se mais. A voz ainda não mudara e Wadsworth supôs que mal teria catorze anos.

– Três anos no exército, meu General – disse Trask.

– Três anos? – perguntou Wadsworth, com ceticismo.

– Flautista de infantaria, meu General – disse Trask. Tinha um saco de pano às costas e uma flauta esguia de madeira sobressaía na boca do saco.

– Demitiste-te da infantaria? – perguntou Wadsworth, divertido.

– Fui feito prisioneiro, meu General – disse Trask, visivelmente ofendido com a pergunta, – e trocado. E aqui estou eu, meu General, pronto para lutar outra vez contra aqueles filhos da mãe sífilíticos.

Se algum rapaz tivesse usado aquela linguagem nas aulas de Wadsworth, isso teria provocado uma sessão de bengaladas, mas aqueles eram tempos estranhos e, por isso, Wadsworth apenas deu umas palmadinhas no ombro do rapaz, antes de continuar ao longo da extensa fila. Alguns homens olharam para ele com ressentimento e calculou que fossem os homens recrutados à força pela milícia. Uns dois terços pareciam suficientemente jovens e saudáveis para a vida militar, mas o resto eram espécimes miseráveis.

– Pensei que, só no Condado de Cumberland, você tinha uns mil homens alistados – observou Wadsworth ao Coronel Mitchell.

– Naa – disse Mitchell.

– Naa? – respondeu friamente Wadsworth.

– O exército continental leva-nos os melhores que temos. Descobrimos uma dúzia de recrutas decentes e os Continentais levam-nos seis e os outros seis fogem para se juntarem aos corsários privados.

– Mitchell colocou uma bola de tabaco na boca.

– Gostava que tivéssemos mil, mas Boston não nos envia os prés e não temos rações. E há alguns sítios onde não conseguimos recrutar.

– Sítios lealistas?

– Sítios lealistas – assentiu Mitchell, sombriamente.

Wadsworth caminhara ao longo da fila, notando um homem só com um olho, que tinha qualquer tipo de problema nervoso que lhe fazia tremer os músculos da face. O homem sorriu, e Wadsworth arrepiou-se.

– Ele tem os parafusos todos? – perguntou ele ao Coronel Mitchell.

– Os suficientes para disparar a direito – disse Mitchell, com severidade.

– Metade deles nem sequer tem mosquete!

A frota levava quinhentos mosquetes do arsenal de Boston para serem alugados à milícia. A maioria dos homens pelo menos sabia usá-los, pois nesses Condados de Leste, as pessoas caçavam para se alimentarem e vestiam-se com a pele das suas presas. Usavam coletes e calças de pele de veado, sapatos de pele de veado, bolsas e mochilas de pele de veado. Wadsworth inspecionou todos e considerou que teria sorte se quinhentos fossem de utilidade, depois pediu o cavalo emprestado ao pastor e fez-lhes um discurso de cima da sela.

– Os Britânicos – bradou ele – invadiram o Massachusetts! Devem desprezarmos, pois enviaram poucos homens e navios! Acham que não temos força para os mandar embora, mas vamos mostrar-lhes que os homens do Massachusetts defenderão a sua terra! Embarcaremos nos nossos navios! – Acenou na direção dos mastros que surgiam acima dos telhados mais a sul.

– Lutaremos com eles, derrotá-los-emos e expulsá-los-emos! Vós regressareis a casa com louros sobre as vossas frentes! – Não era um discurso muito inspirado, pensou Wadsworth, mas sentiu-se encorajado quando os homens deram vivas. O aplauso tardou a começar, de início foi tímido, mas depois os homens que estavam na formatura tornaram-se entusiásticos.

O pastor, um homem cordial cerca de dez anos mais novo do que Wadsworth, ajudou o Brigadeiro a desmontar.

– Acredito que terão louros sobre a frente – disse o pastor – mas a maior parte preferiria ter bifés no estômago.

– Acho que eles também vão descobrir isso – disse Wadsworth.

O Reverendo Jonathan Murray pegou nas rédeas do cavalo e levou-o para sua casa.

– Podem não parecer muito impressionáveis, General, mas é boa gente!

– Quem precisa de ser pressionado? – inquiriu Wadsworth, secamente.

– Apenas uns quantos – respondeu Murray.

– Estão preocupados com as famílias e as sementeiras. Leve-os até Majabigwaduce e eles servirão com bastante boa vontade.

– Os cegos, os coxos e os aleijados?

– Esses homens são bons o suficiente para Nosso Senhor – disse Murray, com toda a seriedade.

– E, depois, que tem o facto de alguns estarem meio cegos? Um homem precisa apenas de um olho para apontar um mosquete.

O General Lovell instalara-se na ampla casa do pastor e, nessa noite, reuniu todos os oficiais superiores da expedição. Murray tinha uma bela mesa redonda, de madeira de bordo, na qual costumava orientar estudos das Escrituras, mas que nessa noite serviu para acomodar os comandantes navais

e terrestres. Os que não conseguiram encontrar uma cadeira, ficaram em volta da sala, a qual estava iluminada por oito velas em suportes de estanho, agrupadas ao centro da mesa. Esvoaçavam traças em voltas das chamas. O General Lovell escolhera a cadeira de espaldar alto do pastor, e tamborilou suavemente sobre a mesa para que houvesse silêncio.

– Esta é a primeira vez – disse Lovell – em que todos nos reunimos. Provavelmente, os senhores conhecem-se todos uns aos outros, mas permitam-me que faça algumas apresentações.

– Foi em volta da mesa, nomeando Wadsworth em primeiro lugar, depois o Comodoro Saltonstall e os três coronéis dos regimentos de milícia. O Major Jeremiah Hill, o Ge-neral-Ajudante da expedição, assentiu solenemente quando o seu nome foi pronunciado, tal como fizeram os dois Majores de brigada, William Todd e Gawen Brown. O quartel-mestre, o Coronel Tyler, sentou-se ao lado do Doutor Eliphalet Downer, o cirurgião-geral.

– Confio que não precisaremos dos serviços do Doutor Downer – disse Lovell com um sorriso, indicando depois os homens que estavam de pé junto às paredes. O Capitão John Welch dos fuzileiros continentais, de ar ameaçador, estava junto do Capitão Hoysteed Hacker, da marinha continental e que comandava a Providence, enquanto o Capitão Philip Brown comandava o brigue Diligent. Tinham comparecido seis capitães corsários e Lovell nomeou-os a todos, depois sorriu ao Tenente-Coronel Revere, que estava junto à porta.

– E, por último, mas não menos importante, o comandante da nossa artilharia, o Coronel Revere.

– De cujos serviços – disse Revere, – eu creio que precisará!

Um murmúrio de riso espalhou-se pela sala, embora Wadsworth notasse o olhar de impiedosa aversão no rosto, marcado pelos óculos, de Todd. O Major olhou uma vez de relance para Revere, depois, com ar estudado, evitou olhar para o seu inimigo.

– Pedi também ao Reverendo Murray para estar presente – continuou Lovell, depois de os risos se terem calado – e peço-lhe agora que abra os nossos trabalhos com uma oração.

Os homens entrelaçaram os dedos das mãos e baixaram as cabeças enquanto Murray rogava a Deus Todo-Poderoso para espalhar a sua Bênção sobre os homens e navios reunidos em Townsend. Wadsworth tinha a cabeça curvada, mas deu uma espreitadela a Revere que, registou ele, não baixara a cabeça, mas olhava malignamente para Todd. Wadsworth voltou a fechar os olhos.

– Senhor, empresta a Tua Força a estes homens – rezou o Reverendo Murray – e traz estes guerreiros em segurança, de volta a casa, vitoriosos, para junto das suas mulheres, dos seus filhos e das suas famílias. Pedimos tudo isto, Senhor, pelo Teu nome sagrado. Ámen.

– Ámen – ecoaram os oficiais reunidos.

– Obrigado, Reverendo – disse Lovell, sorrindo alegremente. Inspirou profundamente e olhou em volta da sala, depois enunciou a razão de estarem ali reunidos.

– Os Britânicos desembarcaram em Majabigwaduce, como sabeis, e as nossas ordens são para os capturar, matar ou destruir. Major Todd, tenha a bondade

de nos dizer o que sabemos sobre as disposições do inimigo?

O Major Todd, cujos óculos refletiam a luz das velas, folheou os seus papéis.

– Recebemos informações – disse na sua voz seca – de patriotas da região de Penobscot. Nomeadamente do Coronel Buck, mas também de outros. Sabemos, de fonte certa, que desembarcou uma considerável força inimiga, que ela é guardada por três corvetas e que é comandada pelo Brigadeiro-General Francis McLean.

– Todd estudou os rostos sérios, em volta da mesa.

– McLean – continuou ele – é um soldado experiente. A maior parte do seu serviço foi prestada aos Portugueses.

– Um mercenário? – perguntou o Comodoro Saltonstall, numa voz que roçava o escárnio.

– Julgo saber que foi destacado para serviço dos Portugueses pelo Rei de Inglaterra – disse Todd, – por isso, não, não é um mercenário. Ultimamente, tem sido governador de Halifax e, agora, foram-lhe confiadas as forças em Majabigwaduque. A minha opinião – Todd recostou-se como para sugerir que, agora, estava a especular – é que se trata de um homem de idade, que foi posto na prateleira em Halifax, e cujo tempo talvez tenha passado já.

– Encolheu os ombros, como que para mostrar incerteza. –

Comanda dois regimentos, nenhum deles com registo de atividade recente. Na verdade, o seu próprio regimento foi recentemente constituído e, por conseguinte, é totalmente inexperiente. O total ideal de um regimento britânico é um milhar de homens, mas raramente excede os oitocentos, pelo que uma estimativa razoável sugere que o nosso inimigo compreenda mil e quinhentos ou mil e seiscentos homens de infantaria, com o apoio da artilharia e, claro, os Fuzileiros Reais e a tripulação de três navios.

– Todd desenrolou um grande rolo de papel no qual estava desenhado um mapa grosseiro de Majabigwaduque e, quando os homens se inclinaram para a frente, mostrou onde estavam situadas as defesas. Começou com o forte, marcado com um quadrado.

– Na quarta-feira – disse ele, – as muralhas estavam ainda suficientemente baixas para um homem poder saltar por cima delas. Ao que soubemos, o trabalho avança lentamente.

– Bateu com a mão nas três corvetas que formavam uma barreira logo a seguir à entrada do porto.

– Os costados estão virados para a baía de Penobscot – disse ele – e são apoiados por baterias em terra. Há uma dessas baterias aqui – apontou para Cross Island – e outra, aqui, na península. Estas duas baterias estão em linha com a entrada do porto.

– Não há nenhuma em Dyces Head? – perguntou Hoysteed Hacker.

– Dyces Head? – perguntou Lovell, e Hacker, que conhecia bem a costa, apontou para o lado sul do porto e explicou que a entrada era dominada por uma alta falésia que tinha o nome de Dyces Head.

– Se bem me lembro – continuou Hacker, – é o ponto mais alto de toda a península.

– Não fomos informados de quaisquer baterias em Dyces Head – disse Todd,

cautelosamente.

– Então, entregaram o ponto mais elevado? – perguntou Wadsworth, com ceticismo.

– A nossa informação já tem alguns dias – avisou Todd.

– Um ponto elevado – disse Lovell, inseguramente – seria um local esplêndido para colocar os nossos canhões.

– Oh, seria de facto – disse Wadsworth, e Lovell pareceu aliviado.

– Os meus canhões estarão prontos – disse Revere, em atitude beligerante.

Lovell sorriu para Revere.

– Talvez queira ter a bondade de dizer aos nossos coronéis da milícia que apoio de artilharia lhes vai oferecer?

Revere endireitou-se e William Todd olhou fixamente para o tampo da mesa.

– Tenho seis canhões de nove quilos – disse Revere, com segurança

– com quatrocentas balas cada um. São mortíferos, cavalheiros, e ousou dizer que são mais pesados do que quaisquer armas que os Britânicos tenham à nossa espera. Tenho dois canhões de quatro quilos com trezentas balas cada um, e um par de obuses de catorze centímetros com cem balas cada.

John Welch pareceu surpreendido com isto, e depois franziu o sobrolho. Começou a dizer qualquer coisa, mas avaliou as palavras antes de estas se tornarem inteligíveis.

– Ia dizer alguma coisa, Capitão? – interrompeu Wadsworth.

O fuzileiro, alto, no seu uniforme verde-escuro, estava ainda de sobrolho carregado.

– Se eu quisesse bombardear um forte, meu General – disse ele, – queria mais obuses. Atirar bombas sobre as muralhas e matar os filhos da mãe pelo lado de dentro. Obuses e morteiros. Temos morteiros?

– Temos morteiros? – Wadsworth colocou a questão a Revere.

Revere ficou com ar ofendido.

– Os canhões de nove quilos derrubarão as muralhas como as trombetas de Jericó – disse ele – e para terminar – ele olhou para Lovell com indignação, como se tivesse ficado ofendido de o general ter permitido a interrupção – temos quatro peças de dois quilos, duas das quais feitas de metal francês e equivalentes a qualquer peça de três quilos.

O Coronel Samuel McCobb, que comandava a Milícia do Condado de Lincoln, levantou uma mão.

– Podemos oferecer um de cinco quilos e meio – disse ele.

– Muito generoso – disse Lovell, e depois abriu a discussão, embora, na verdade, nada ficasse decidido nessa noite. Durante duas horas, os homens fizeram sugestões e Lovell recebeu cada uma delas com gratidão, mas sem dar opinião sobre nenhuma. O Comodoro Saltonstall concordou com o facto de as três corvetas britânicas deverem ser destruídas, para que a sua esquadra entrasse no porto e usasse os costados para bombardear o forte, mas recusou-se a indicar quando isso poderia ser feito.

– Temos de avaliar as defesas deles – insistiu o Comodoro, com solenidade.

– Estou certo de que todos apreciam a sensatez de um reconhecimento minucioso.

–Falou num tom condescendente, como se ofendesse a sua dignidade de oficial continental lidar com meros milicianos.

– Todos apreciamos o valor de um reconhecimento minucioso – assentiu Lovell. Sorriu benevolmente em volta da sala.

–Inspecionarei a milícia pela manhã – disse ele – e depois embarcaremos. Quando chegarmos ao rio Penobscot, descobriremos que obstáculos temos pela frente, mas estou confiante de que os ultrapassaremos. Agradeço a todos, cavalheiros, agradeço-vos a todos.

E com isso o Conselho de Guerra terminou.

Alguns homens juntaram-se, na escuridão do exterior da casa do pastor.

– Eles têm mil e quinhentos ou mil e seiscentos homens – resmungou um oficial da milícia – e nós só temos novecentos?

– Temos também os fuzileiros – rosnou o Capitão Welch das sombras, mas, então, antes que alguém pudesse ter respondido, soou um tiro. Os cães começaram a ladrar. Os oficiais levaram a mão ao punho das suas espadas enquanto corriam em direção às luzes das lanternas de Main Street, onde havia homens a gritar, mas não se ouviram mais tiros de mosquete.

– Que foi isto? – perguntou Lovell, quando o tumulto se acalmou.

– Um homem do Condado de Lincoln – disse Wadsworth.

– Disparou o mosquete por engano?

– Alvejou os dedos do pé esquerdo.

– Oh, céus, pobre homem.

– Deliberadamente, meu General. Para não ser mobilizado.

Agora, havia um homem a menos a ir para Leste, e entre os restantes havia demasiados miúdos, aleijados e velhos. Mas havia os fuzileiros. Graças a Deus, pensou Wadsworth, havia os fuzileiros.

De uma carta de John Brewer, escrita em 1779 e publicada no Bangor Whig and Couriera 13 de agosto de 1846:

Disse então ao Comodoro que... assim que o vento levantasse ele poderia avançar com os seus navios, silenciava os dois (sic) vasos e as seis baterias, e desembarcava as tropas com a cobertura dos seus próprios canhões, e em meia hora teria tudo em seu poder. Em resposta a isto, ele empinou o seu longo queixo e disse «Pareces saber tudo sobre este assunto! Não vou arriscar 05 meus navios nesse maldito buraco!»

Excertos de uma carta de John Preble para o Excelentíssimo Jeremiah Powell, Presidente, Conselho do Estado do Massachusetts, a 24 de julho de 1779:

Tenho estado no Comando dos índios há cinco Semanas e há agora 60 guerreiros a maior parte dos quais prontos para a Guerra e apenas à espera de Ordens para partir e ajudar os seus Irmãos os Americanos. O Inimigo não podia ter despertado mais a sua antipatia ao vir para o Rio deles ou para perto dele fazer um forte e eles declararam que Derramarão Todo o seu Sangue em defesa da sua Terra e Liberdade e parecem ser cada vez mais Sensíveis às diabólicas intenções do Inimigo e à Justeza da nossa Causa... Neste momento, a frota apareceu à Vista o que dá uma Alegria sem igual tanto aos Soldados Brancos como Pretos Todos estão ansiosos e desejosos de ação e posso assegurar a vossas Excelências que na minha passagem por aqui numa Canoa as pessoas de Naskeeg e ao longo da costa declararam que estavam prontas... para lutarem por nós, apesar de terem Jurado Fidelidade ao lado Britânico.

A frota navegou para leste, levada por uma viva brisa de sudoeste, embora os navios corsários e os navios de guerra, que eram os mais velozes, tivessem de encurtar as velas para não se afastarem dos pesados transportadores. Demorou apenas um dia de navegação para chegarem ao rio Penobscot, embora tivesse sido um dia longo, do amanhecer ao anoitecer, que fora animado quando uma vela desconhecida foi avistada para sul. O Comodoro Saltonstall ordenou ao Hazard e ao Diligent, ambos brigantinos e ambos barcos velozes, para investigar o desconhecido. Saltonstall ficou na orla costeira, enquanto os dois brigues soltavam mais pano e voavam para sul, deixando a frota a arrastar-se pela costa, junto a cabos rochosos onde o mar rebentava em espuma. A todo o instante um estrondo ecoava por um dos navios, quando a sua quilha embatia num tronco errante, posto a flutuar num dos rios abaixo e que escapara aos lenhadores, na boca do rio.

Aquela era a primeira viagem do Comodoro Saltonstall na Warren e ele encarniçava-se no seu equilíbrio, ordenando que fosse posto balastro à frente a fim de melhorar o seu desempenho. Ordenou, por duas vezes, que soltassem mais velas e deixou que a fragata navegasse à velocidade máxima por entre a frota.

– Como se está a portar? – perguntou ele ao Timoneiro durante a segunda parte da jornada, depois de o Guarda-Marinha Fanning ter tirado mais meia tonelada de balastro da popa.

– Não está tão presa, meu Comandante. Acho que a domesticou.

– Mais de sete nós! – gritou um tripulante que suspendera uma corda da grinalda. Os homens dos navios de transporte deram vivas quando viram a fragata avançar a todo o pano por entre a frota.

– Devíamos tê-la domesticado a favor do vento – disse Saltonstall, fatigado – mas atrevo-me a dizer que vai precisar de ser equilibrada de novo antes de chegarmos.

– Atrevo-me a dizer que vai precisar, meu Comandante – anuiu o timoneiro. Era um homem idoso, de peito forte, com longos cabelos brancos enrolados numa trança que lhe chegava à cintura. Os seus antebraços nus estavam cheios de tatuagens de âncoras e de coroas, sinal de que servira em tempos na marinha britânica. Soltou a roda do leme, que girou para a direita, depois firmou-se e retrocedeu lentamente.

– Está a ver, meu Comandante? Ela está a gostar disto.

– Estou a ver – disse Saltonstall – mas podemos fazer melhor. Senhor Coningsby! Mais duzentos quilos à frente! Com energia, agora!

– Imediatamente, meu Comandante – disse o Guarda-Marinha Fanning.

O Hazard e o Diligent apanharam a frota ao final da tarde. O Diligent rizou as velas à medida que deslizava para sotavento da Warren e apresentou o relatório sobre o veleiro desconhecido que fora avistado a sul.

– Era o General Glover ao largo de Marblehead, meu Comandante! – gritou o Capitão Philip Brown a Saltonstall.

—É um navio de carga, meu Comandante, que leva tabaco, rum e madeira para França!

—Ocupe o seu lugar! — gritou Saltonstall e observou o brigue a tomar lugar à sua ré. O Capitão Brown, recentemente nomeado para o seu comando, fora 1.º Tenente na corveta Providence quando esta capturara o Diligent à Marinha Real e o seu navio ainda ostentava as marcas dessa batalha. O velho navio de Brown, Providence, igualmente com o casco remendado com madeira nova, navegava agora na primeira linha da frota de Saltonstall, com a bandeira com a serpente e as listas da marinha rebelde.

A frota era impressionante, e mais três navios tinham-se-lhe juntado, vindos diretamente de Townsend, pelo que agora navegavam para leste quarenta e dois navios, metade deles navios de guerra. O Brigadeiro-General Lovell, admirando as velas desfraldadas do convés da popa da corveta Sally, estava orgulhoso de o seu Estado, na verdade o seu país, ter conseguido reunir um tal número de navios. A Warren era o maior, mas mais uma dúzia de outros navios de guerra eram quase tão formidáveis como a fragata.

O Hampden, que transportava vinte e duas peças, sendo assim o segundo navio mais poderoso da frota, fora enviado pelo Estado de New Hampshire e, quando chegara a Townsend, disparara uma salva de tiros de canhão de quatro quilos que atroaram os ares com a saudação.

—Gostava mesmo que encontrássemos agora um dos navios do Rei George — disse Solomon Lovell, — pela minha honra, dávamos-lhe uma tarefa!

—E daremos, pela graça de Deus, daremos, pois! — anuiu convictamente o Reverendo Jonathan Murray. Peleg Wadsworth ficara de algum modo surpreendido pelo facto de o reitor de Townsend ter sido convidado a juntar-se à expedição, mas era evidente que Murray e Lovell simpatizavam um com o outro, e, por isso, o sacerdote, que aparecera a bordo da Sally com um punhado de grandes pistolas presas à cintura, era agora o capelão da expedição. Lovell insistira que saíssem de Townsend a bordo da corveta Sally em vez da fragata de Saltonstall, que era maior.

—É melhor estar junto dos homens, não acha? — perguntara o General a Wadsworth.

—Com efeito, meu General — anuiu Wadsworth, embora suspeitasse, para si próprio, que Solomon Lovell achava difícil a companhia do Comodoro Saltonstall. Lovell era um homem gregário, ao passo que Saltonstall chegava a ser rude de tão reticente.

—Embora os homens me preocupem, meu General — acrescentou Wadsworth.

—Preocupam-no! — respondeu Lovell, jovialmente.

—Mas por que razão? — Ele tomara de empréstimo o telescópio do Capitão Carver e olhava através dele para Monhegan Island.

Wadsworth hesitou, não querendo introduzir uma nota de pessimismo numa manhã de Sol tão brilhante e vento tão útil.

—Temos a expectativa de encontrar mil e quinhentos ou mil e seiscentos homens, meu General, e temos menos de novecentos. E muitos deles são de utilidade duvidosa.

O Reverendo Murray, segurando um chapéu de abas largas, fez um gesto como que a sugerir que as preocupações de Wadsworth eram deslocadas.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa que aprendi – disse o Reverendo, – em qualquer diligência, General Wadsworth, em que se reúnam homens para servir os bons propósitos de Deus, há sempre um núcleo de homens, apenas um núcleo, que faz o trabalho! O resto apenas observa.

– Temos homens suficientes – disse Lovell, baixando o telescópio e virando-se para Wadsworth, – o que não quer dizer que não gostasse de ter mais, mas temos os suficientes. Temos navios que cheguem e Deus está do nosso lado!

– Ámen – juntou o Reverendo Murray – e temo-lo a si, General! – disse ele, fazendo uma vénia a Lovell.

– Oh, é muita bondade sua – disse Lovell, embaraçado.

– Deus, na Sua infinita sabedoria, escolhe os Seus instrumentos – disse Murray, efusivamente, fazendo outra vénia a Lovell.

– E estou certo de que Deus nos enviará mais homens – continuou Lovell apressadamente.

– Dizem-me que existem patriotas ansiosos na região de Penobscot, e não duvido de que hão de servir a nossa causa. E os índios enviar-nos-ão guerreiros. Lembre-se do que lhe digo, Wadsworth, vamos expulsar os casacas vermelhas, vamos expulsá-los!

– Mesmo assim, gostaria de ter mais homens – disse Wadsworth, em voz baixa.

– Eu gostaria do mesmo – disse Lovell, com ardor – mas temos de nos governar com o que o bom Deus nos dá e lembre-se de que somos Americanos!

– Ámen para isso – disse o Reverendo Murray – e ámen outra vez.

A meio-navio da Sally havia quatro chatas mandadas vir do porto de Boston. Todos os navios de transporte tinham uma carga semelhante. Essas embarcações de fundo raso eram para o desembarque das tropas, e Wadsworth olhava fixamente agora para os milicianos que, por sua vez, observavam a costa da amurada de bombordo da Sally. Grandes colunas de fumos elevavam-se misteriosamente das encostas cobertas de arvoredo escuro e Wadsworth tinha o sentimento incômodo de que essas colunas eram sinais de fogo. Estaria a costa infestada de lealistas que estavam a dizer aos Britânicos que os Americanos estavam a chegar?

– O Capitão Carver esteve a resmungar-me ao ouvido – irrompeu Lovell pelos pensamentos de Wadsworth. Nathaniel Carver era o capitão da Sally.

– Queixa-se que o Estado encomendou transportes a mais!

– Pensámos que havia mais homens – disse Wadsworth.

– E eu disse-lhe – continuou Lovell, alegremente – como é que você espera levar os prisioneiros britânicos para Boston sem navios para o efeito? Não teve resposta para isto!

– Mil e quinhentos prisioneiros – disse o Reverendo Murray com uma risada.

– O que não vai ser preciso para os alimentar!

– Oh, acho que serão mais de mil e quinhentos! – disse Lovell, convictamente.

– O Major Todd esteve a fazer uma estimativa, apenas uma estimativa, e acho

que o inimigo não enviou menos de dois mil! Teremos de enfiar duzentos prisioneiros em cada um dos navios, mas Carver garante que as escotilhas do convés podem ser pregadas com tábuas. Que regresso a Boston vai ser, hein, Wadsworth?

– Rezo por esse dia, meu General – disse Wadsworth. Os Britânicos teriam mesmo mil e quinhentos homens, perguntou-se ele, e se tivessem, que razão poderia ter Lovell para o seu otimismo?

– É uma pena que não tenhamos uma banda! – disse Lovell.

– Poderíamos fazer um desfile! – Lovell, um político, estava a imaginar os ganhos do sucesso: a aclamação da multidão, o agradecimento do Tribunal Geral e um desfile a lembrar os triunfadores da Roma Antiga, em que os inimigos feitos prisioneiros eram exibidos por entre o escárnio da multidão.

– Acho – continuou o Brigadeiro, inclinando-se mais para Wadsworth – que McLean trouxe a maior parte da guarnição de Halifax para Majabigwaduce!

– Estou certo de que Halifax não está ao abandono, meu General – disse Wadsworth.

– Mas está mal defendida! – disse Lovell, calorosamente.

– Por mim, Wadsworth, talvez devêssemos considerar fazer uma incursão!

– Suspeito que o General Ward e o Tribunal Geral poderiam querer discutir o assunto primeiro, meu General – disse Wadsworth, secamente.

– Artemas é um homem bom e corajoso, mas temos de ver mais adiante, Wadsworth. Uma vez que tenhamos derrotado McLean, o que nos impedirá de atacar os Britânicos noutra sítio qualquer?

– A Marinha Real, meu General? – sugeriu Wadsworth com um sorriso irónico.

– Oh, construiremos mais navios! Mais navios! – Lovell estava agora imparável, imaginando a sua vitória em Majabigwaduce estender-se à captura da Nova Escócia e, quem saberia, talvez de todo o Canadá? – A Warren não tem um ar magnífico? – exclamou ele.

– Olhem para ela! Poderá haver um melhor navio a navegar?

Ao crepúsculo, a frota virou para a grande boca do rio Penobscot, onde ancorou ao largo das Fox Islands, com exceção do Hazard e do Tyrannicide, que receberam ordens para fazer um reconhecimento pelo rio acima. Os dois pequenos brigues, ambos da marinha do Massachusetts, navegaram lentamente para norte, utilizando a suave luz do anoitecer para se aproximarem de Majabigwaduce, que ficava a umas boas vinte e seis milhas náuticas do mar alto.

O Comodoro Saltonstall observou os dois brigues até a escuridão se adensar sobre as suas velas, depois jantou na tolda, debaixo de um céu brilhante de estrelas. A tripulação deixou-o em paz, até que uma figura alta se atravessou à frente do Comodoro.

– Um jarro de vinho, meu Comandante?

– Capitão Welch – saudou Saltonstall, – fico-lhe grato.

Os dois oficiais ficaram lado a lado na grinalda da Warren. Ouviu-se um violino no castelo de vante do brigue Palias, que estava ancorado perto da fragata. Durante algum tempo, nem o Comodoro nem o fuzileiro disseram nada, mas

simplesmente escutaram a música e o suave som das ondas a baterem contra o casco.

– Então – disse Saltonstall, quebrando o silêncio amistoso, – que pensa?

– O mesmo que o senhor, acho eu, meu Comandante – disse Welch na sua voz profunda.

O Comodoro bufou.

– Boston deveria ter exigido um regimento continental.

– Isso é que deveria, meu Comandante.

– Mas eles querem que todo o crédito seja para o Massachusetts! É a ideia deles, Welch. Lembre-se do que eu lhe estou a dizer. A nós, não nos agradecerão muito.

– Mas faremos o nosso trabalho, meu Comandante.

– Oh, temos de fazer! – disse Saltonstall. No seu breve período de comando efetivo, o Comodoro lograra já alcançar a reputação de homem difícil e intimidante, mas construíra uma amizade com o fuzileiro. Saltonstall reconhecera nele uma alma gêmea, um homem que se empenhava por tornar os seus homens o melhor que pudessem ser.

– Teremos de fazer o trabalho deles – continuou Saltonstall, – se ele puder, de todo, ser feito.

– Interrompeu-se, oferecendo a Welch uma oportunidade para fazer um comentário, mas o fuzileiro não disse nada.

– Pode ser feito? – instou Saltonstall.

Welch ficou em silêncio durante um bocado, depois assentiu.

– Temos os fuzileiros, meu Comandante, e ousa dizer que cada fuzileiro vale dois inimigos. Talvez descubramos quinhentos milicianos que possam lutar. Isso deverá chegar, meu Comandante, se der conta dos navios deles.

– Três corvetas – disse Saltonstall, num tom que não sugeria nem confiança nem pessimismo sobre as perspectivas de destruir a esquadra da Marinha Real.

– Os meus homens combaterão – disse Welch – e, por Cristo, lutarão como diabos. São bons homens, bem treinados.

– Isso sei eu – disse Saltonstall, – mas, por Deus, não deixarei que Lovell os afaste. Só lutará em terra com a minha autorização.

– Com certeza, meu Comandante.

– E se lhe derem ordens que não façam nenhum sentido, remeta-as para mim, compreende?

– Perfeitamente, meu Comandante.

– Ele é um lavrador – disse Saltonstall, em tom trocista, – não um soldado, mas um maldito lavrador.

A bordo da Sally, na camarinha estreita do Capitão, o lavrador embalava uma caneca de chá cruzada com rum. Lovell partilhava a mesa com o seu secretário, John Marston, com Wadsworth e com o Reverendo John Murray, que parecia ter sido promovido a assessor de patente superior.

– Devemos atingir Majabigwaduce amanhã – disse Lovell, fitando cada um dos rostos à luz fraca da lanterna suspensa do vigamento – e presumo que o Comodoro impedirá os navios inimigos de deixarem o porto e assim obstruírem a nossa passagem, caso em que deveríamos desembarcar imediatamente, não

acham?

– Se for possível – disse Wadsworth, cautelosamente.

– Vamos ser otimistas! – disse Lovell. Sonhava com o desfile do triunfo em Boston e os votos de reconhecimento da legislatura, mas a sua mente foi infiltrada por pequenas dúvidas quando olhou para o grosseiro mapa de Majabigwaduce que estava desdobrado sobre a mesa, onde ainda estavam os restos do jantar. O cozinheiro da Sally fizera um excelente ensopado de peixe com pão recém-cozido.

– Poderemos precisar de ancorar ao largo e lançar as chatas ao mar – disse Lovell, distraidamente, e depois utilizou uma côdea do pão de milho para assinalar a falésia na extremidade ocidental da península.

– Poderá McLean ter deixado mesmo o seu ponto elevado sem defesas?

– Sem fortificação, certamente, se os relatos forem verdadeiros – disse Wadsworth.

– Então deveríamos aceitar o convite, não acham?

Wadsworth assentiu cautelosamente.

– Amanhã saberemos mais, meu General – disse ele.

– Quero estar preparado – disse Lovell. Tocou de novo no mapa.

– Não podemos deixar os nossos amigos ficarem sentados a ver enquanto o Comodoro destrói os navios inimigos. Temos de colocar os homens em terra, rapidamente.

– Lovell olhava fixamente para o mapa como se isso pudesse trazer uma solução para os problemas do dia seguinte. Porque não teria McLean colocado o forte no cimo da falésia? Seria uma armadilha?

Se a defesa da península lhe tivesse sido atribuída, estava certo de que teria construído uma fortaleza à entrada do porto, no cimo do promontório que dominava simultaneamente a baía e o porto, por isso, porque não teria McLean feito o mesmo? E McLean, recordava Lovell a si mesmo, era um soldado profissional, e, por essa razão, que saberia McLean que ele não sabia? Sentiu um arrepio nervoso, e depois consolou-se com o facto de a responsabilidade não ser só sua. O Comodoro Saltonstall era o comandante naval e os seus navios eram em tão maior número que nenhum profissionalismo poderia alterar esse desequilíbrio.

– Temos de acreditar – disse Lovell – que os nossos inimigos sofrem de excesso de confiança.

– São Britânicos – disse o Reverendo Murray em concordância – e «a soberba precede a ruína e a altivez de coração precede a queda». Provérbios, dezasseis – acrescentou ele didaticamente, – versículo dezoito.

– Sábias palavras – disse Lovell – e, na verdade, eles subestimam-nos!

– O General olhava para o mapa à procura do optimismo que alegrara a sua manhã.

– Deverão sofrer pela sua arrogância – disse Murray, levantando a mão, reverente.

– «Que estais a fazer? Quereis revoltar-vos contra o rei? Respondi-lhes: O próprio Deus do Céu é Quem nos fará triunfar.» – Sorriu, benignamente.

– Palavras de Neemias, General.

– Far-nos-á triunfar, com efeito – ecoou Lovell, – e talvez o senhor nos conduza numa oração, Reverendo?

– De bom grado.

– Os homens baixaram as cabeças enquanto o Reverendo Murray rezou para que Deus lhes enviasse uma vitória rápida.

– Possam as forças do bem glorificar o Vosso nome, Senhor – implorou o Reverendo Murray – e que nós possamos mostrar a magnanimidade no triunfo que as Vossas palavras nos prometeram. Pedimos-Te isto pelo Teu sagrado nome, ámen.

– Ámen – disse Lovell, com ardor e de olhos fechados – e ámen.

– Ámen – murmurou o Brigadeiro McLean, respondendo à oração de graças antes do jantar. Fora convidado para casa do Doutor Calef, que ficava a cerca de duzentos metros para leste do Forte George. Tal nome, pensou ele lugubrememente, era demasiado imponente para um forte que era dificilmente defensável. O Capitão Mowat enviara cento e oitenta corpulentos marinheiros para ajudarem nos trabalhos, mas, mesmo assim, as muralhas não ultrapassavam a altura da cintura e apenas dois canhões tinham sido instalados nos bastiões do canto.

– Então os miseráveis já cá estão? – perguntou Calef.

– É o que nos dizem, Doutor, é o que nos dizem – respondeu McLean. As notícias da chegada da frota inimiga tinham vindo da boca do rio, trazidas por um pescador que fugira dos rebeldes tão rapidamente que não fora capaz de contar os navios, conseguindo apenas dizer que eram numa quantidade terrível.

– Parece que enviaram uma frota considerável – comentou McLean, e depois agradeceu à mulher do médico, que lhe passara um prato com feijão. A mesa, oval e de nogueira polida, era iluminada por três velas. A maior parte do mobiliário do médico viera da sua casa de Boston e parecia estranhamente deslocada ali, como o recheio de uma bela mansão de Edimburgo que tivesse sido mudado para um descampado das Hébridas.

– Virão esta noite? – perguntou nervosamente a Senhora Calef.

– Dizem-me que ninguém consegue navegar pelo rio na escuridão – disse McLean, – pelo que não, minha senhora, esta noite não.

– Estarão aqui amanhã – declarou Calef.

– E disso que estou à espera.

– Em força? – perguntou Calef.

– Assim dizem os relatos, Doutor, embora não me seja dado a saber qualquer pormenor mais específico.

– McLean encolheu-se ao morder

um pedaço de pedra da mó que ficara incrustado no pão de milho.

– Excelente pão, minha senhora – disse ele.

– Fomos maltratados em Boston – disse Calef.

– Lamento saber.

– A minha mulher foi insultada na rua.

McLean sabia o que ia na cabeça de Calef, que se os rebeldes tomassem Majabigwaduque, as perseguições iriam recomeçar.

- Tenho pena de que tenha sido assim, Doutor.
- Atrevo-me a dizer – disse Calef – que se os rebeldes me descobrem, General, meter-me-ão na cadeia.
- O médico apenas brincava com a comida, ao mesmo tempo que a sua mulher o observava ansiosamente.
- Nesse caso, farei tudo o que me for possível – disse McLean – para impedir que seja feito prisioneiro e que a sua mulher seja insultada.
- Acabe com eles – disse Calef, zangado.
- Garanto-lhe, Doutor, que é essa a nossa intenção – disse McLean, e depois sorriu para a mulher do médico.
- Que excelente feijão, minha senhora.

Depois disto, ficaram a maior parte do tempo em silêncio. McLean desejava poder tranquilizar mais os lealistas de Majabigwaduce, mas a chegada da frota rebelde certamente significava uma derrota iminente. O forte estava incapaz. Era verdade que montara três baterias para cobrir a entrada do porto. Havia uma em Cross Island, a grande bateria em Half Moon, junto à costa, e uma terceira, muito mais pequena, no cimo da alta falésia sobranceira à boca do porto, mas nenhuma delas era um forte. Havia posições de canhões que deveriam disparar contra os navios inimigos, mas nenhuma dessas barreiras poderia aguentar um ataque de uma companhia de infantaria determinada. Pura e simplesmente, não houvera tempo suficiente, e agora o inimigo estava ali.

Muitos anos antes, quando lutava contra os Holandeses, McLean fora capturado pelos Franceses e feito prisioneiro. Não fora muito desagradável. Os Franceses eram generosos e tinham-no tratado com cortesia. Perguntava-se sobre como se comportariam os Americanos e temia, ao mesmo tempo que mastigava os feijões duros e mal cozidos, que estivesse prestes a descobrir.

No dia seguinte.

O Tenente Fuzileiro Downs, do Tyrannicide, desembarcou homens no ponto mais a norte das Fox Islands. Era noite cerrada quando o escaler aportou numa praia de cascalho, por baixo das sombras negras de meia dúzia de casas que ficavam no plano mais elevado. Luzes fracas brilhavam atrás das cortinas e junto às portas e, quando os fuzileiros puxaram o seu barco mais para dentro da praia, vima voz soou na escuridão.

– Quem são vocês?

– Fuzileiros de Sua Majestade! – gritou Downs em resposta. As Fox Islands eram conhecidas por serem lealistas e Downs não queria que algum dos seus homens fosse morto ou ferido pelo disparo maldoso de algum tory.

–Um grupo para auxiliar Majabigwaduce!

– Que querem daqui? – disse a voz, ainda com desconfiança.

– Água, notícias, e algumas mulheres também seriam bem-vindas!

Ouviu-se o som de botas no cascalho e um homem alto emergiu das sombras. Trazia um mosquete que pendurou ao ombro, quando viu a dúzia de homens junto ao escaler. Notara os cinturões brancos, mas na escuridão da noite as casacas pareciam verdes e não vermelhas.

– Estranha altura para procurar água – disse ele.

– Procuramos água e notícias – disse Downs alegremente.

– O General McLean ainda está em Majabigwaduce?

– Ainda ninguém o tirou de lá.

– Viu-o?

– Estive lá ontem.

– Então, caro senhor, vai dar-me a honra de me acompanhar ao meu navio – disse Downs. Os seus fuzileiros, tal como os do Hazard, tinham sido enviados para descobrir alguém que tivesse visto as fortificações de McLean.

O ilhéu retrocedeu um passo.

– De que navio são? – perguntou ele, ainda cheio de desconfiança.

– Levem-no – ordenou Downs, e dois fuzileiros agarraram o homem, confiscando-lhe o mosquete e arrastando-o para o escaler.

– Não faças barulho – avisou o Tenente Downs – ou esmagamos-te a cabeça como se fosse um ovo.

– Filhos da mãe – disse o homem e depois gemeu quando um dos fuzileiros lhe deu um soco no estômago.

– Somos patriotas – corrigiu Downs e, deixando dois homens de guarda ao prisioneiro, foi ver se encontrava mais lealistas que pudessem contar aos expedicionários o que os esperava mais acima.

A madrugada trouxe com ela um nevoeiro denso, no qual o Tenente Moore penetrou com vinte homens em direção à pequena bateria que McLean colocara no cimo da falésia de Majabigwaduce. A bateria possuía três canhões com projéteis de três quilos, assentes num reparo naval, e era assistida por marinheiros da HMS North, comandados por um Guarda-Marinha que, ao jovem Moore, de dezoito anos, parecia não ter mais de doze ou treze.

– Tenho quinze, meu Tenente – respondera o Guarda-Marinha à pergunta de Moore – e três de marinha, meu Tenente.

– Chamo-me John Moore – apresentou-se Moore.

– Pearce Fenistone, meu Tenente, e é uma honra conhecê-lo.

– A bateria de Fenistone não era uma fortaleza, mas apenas uma posição de fogo. Fora aberta uma clareira entre as árvores e fora feita uma cama de terra e uma plataforma de troncos para os reparos. Tinham sido deixadas, deliberadamente, três árvores de pé, e os artilheiros usavam os seus troncos para prender as cordas de amortecimento. Um canhão naval era amparado por estas cordas, que estavam presas ao casco e impediam um recuo demasiado extenso no convés, ao passo que o mecanismo de fixação era utilizado para recolocar a peça em posição de tiro, e os homens de Fenistone usavam os troncos das árvores para domar as suas feras.

– Elas sustêm o recuo, meu Tenente – disse Fenistone, quando Moore admirou a engenhosa artimanha, – embora fiquemos cobertos de agulhas dos pinheiros de cada vez que disparamos.

– A bateria não tinha parapeito e o paiol era apenas um buraco escavado atrás da plataforma improvisada. Havia duas grades com um monte de balas esféricas, ao lado das quais havia pilhas do que pareciam argolas de corda para jogar chinquilha de crianças.

– Argolas de enchimento, meu Tenente – explicou Fenistone.

– Argolas de enchimento?

– As peças estão apontadas para baixo, meu Tenente, e as argolas seguram as balas dentro do cano. Pareceríamos um pouco idiotas se carregássemos e as balas rolassem para fora antes de dispararmos. É muito embaraçoso quando isso acontece.

A bateria fora colocada acima da boca do porto em vez de o ter sido no limiar ocidental da falésia. As peças, que tinham sido retiradas do costado de bombordo da North, eram demasiado leves para serem eficazes a longa distância, mas se os navios inimigos tentassem entrar no porto, seriam forçados a navegar sob o fogo das três peças prontas a disparar sobre os seus conveses.

– Gostaria de ter material mais pesado, meu Tenente – disse Fenistone, melancolicamente.

– E um forte capaz de defender os seus canhões?

– No caso de um ataque de infantaria? – perguntou Fenistone.

– Bem, combater a infantaria não é a nossa tarefa, é a sua.

– O Guarda-Marinha sorriu. Para um rapaz de quinze anos, pensou Moore, Fenistone estava extraordinariamente confiante.

– O Capitão Mowat deu-nos instruções precisas sobre o que fazer se formos atacados por terra, meu Tenente – continuou ele.

– Que são?

– Disparar e fugir como maricas, meu Tenente – respondeu Fenistone com um sorriso – e levar os artilheiros de volta à North, meu Tenente – disse ele, dando uma palmada para matar um mosquito.

Moore baixou os olhos para os navios de Mowat, que estavam envolvidos pela névoa. As três corvetas pareciam bastante formidáveis no seu alinhamento, embora ele soubesse que estavam muito menos armadas do que a maior parte dos navios de guerra. Por trás delas, formando uma linha paralela, estavam os três navios de transporte, que pareciam muito maiores e mais ameaçadores, mas que eram, na verdade, cascos indefesos, que ali estavam para servirem de meros obstáculos, no caso de o inimigo conseguir romper a primeira linha estabelecida por Mowat.

– Virão hoje, meu Tenente? – perguntou Fenistone, ansiosamente.

– É com isso que estamos a contar – disse Moore.

– Dar-lhes-emos calorosas boas-vindas britânicas, meu Tenente.

– Tenho a certeza que sim – disse Moore, com um sorriso, e depois fez um gesto para os seus homens para que não ficassem embaçados a olharem para os canhões e para que o seguissem por entre as árvores, para ocidente. Parou à beira da falésia. Diante dele estava o largo rio Penobscot, sob uma fina mortalha de névoa. Moore olhou para sul, mas não conseguiu ver nada que se movesse na brancura distante.

– Então, virão hoje, meu Tenente? – perguntou o Sargento McClure.

– Temos de assumir que sim.

– E o nosso trabalho, meu Tenente?

– É fixar aqui um local de vigia, Sargento, no caso de os patifes tentarem desembarcar.

– Moore olhou para o declive íngreme e pensou que os rebeldes seriam loucos se tentassem desembarcar na estreita praia rochosa no sopé da falésia. Supunha que desembarcariam mais a norte, talvez para lá do gargalo de terreno, e desejou ter sido colocado no istmo. Travar-se-ia combate e ele nunca combatera; uma parte de si receava esse batismo de fogo e outra parte ansiava por essa experiência.

– Seriam uns mariconços tolos se desembarcassem aqui, meu Tenente – disse McClure, ao lado de Moore, olhando para o fundo do precipício.

– Esperemos que sejam mariconços tolos.

– Atingi-los-emos facilmente, meu Tenente.

– Se formos em número suficiente.

– Isso é verdade, meu Tenente.

O nevoeiro ficou menos denso quando o vento refrescou. O Tenente Moore posicionara-se no canto mais a sudoeste da península, em Dyces Head, e quando o Sol subiu, um número cada vez maior de homens foram até àquela posição para verem se o inimigo vinha. O Brigadeiro McLean apareceu, tateando o caminho estreito por entre os pinheiros com a sua vara, à frente de um grupo de sete oficiais casacas vermelhas, que ficaram a olhar para o rio, a sul, cintilante da luz do Sol de verão. Chegaram ainda mais oficiais e, com eles, vieram civis, como o Doutor Calef, que ficou junto do Brigadeiro, tentando fazer conversa. O Capitão Mowat estava ali com dois outros oficiais da marinha, todos eles com longos telescópios, embora nada houvesse para ver. O rio estava vazio.

– Esqueci-me de perguntar ontem à noite – disse McLean a Calef, – como está Temperance?

– Temperance? – perguntou Calef, perplexo, mas depois lembrou-se.

– Ah, está a recuperar. Quando um bebé sobrevive a um dia de febre, normalmente recupera. Viverá.

– Fico contente – disse McLean.

– Não há nada mais deprimente do que uma criança doente.

– Tem filhos, General?

– Nunca casei – disse McLean, tirando o chapéu quando surgiram outros aldeões com o Coronel Goldthwait. Goldthwait era americano e lealista, um criador de cavalos cujo posto fora alcançado ao serviço da Milícia Real. Receando que uma qualquer força rebelde ao longo do rio pudesse perseguir os Lealistas, levava a sua família para viver sob a proteção dos homens de McLean. As suas duas filhas acompanharam-no até à falésia, juntamente com Bethany Fletcher e as gémeas de Aaron Bank, e a presença de tantas raparigas atraíu os oficiais escoceses mais jovens.

O Tenente Moore perfilou-se para abordar Bethany. Tirou o chapéu e fez uma vénia.

– O seu irmão não veio? – perguntou ele.

– Foi pescar, Tenente – mentiu ela.

– Pensei que ninguém tivesse autorização para abandonar a península

– interrogou-se Moore.

– James saiu antes de essa ordem ser dada – disse Bethany.

– Espero que regresse em segurança – disse Moore.
– Se os rebeldes o apanharem, Menina Fletcher, receio que o possam deter.
– Se eles o apanharem a si, Tenente – disse Bethany com um sorriso,
– poderão detê-lo.
– Então tenho de me assegurar que não sou apanhado – disse Moore.
– Bom-dia, Menina Fletcher – disse o Brigadeiro McLean alegremente.
– Bom-dia, General – disse Bethany, e alumiou a manhã do Brigadeiro com o seu sorriso mais deslumbrante. Sentiu-se embaraçada. O seu vestido de linho verde-claro estava remendado com um vulgar tecido castanho e a sua touca era bicuda e fora de moda. As filhas de Goldthwait usavam airosos vestidos de algodão estampado que deviam ter recebido de Boston antes de os Britânicos terem retirado da cidade. Os oficiais britânicos, pensou Beth, deviam achar que ela era uma simplória.

Thomas Goldthwait, um homem alto e bonito que vestia a casaca vermelha desbotada da velha milícia, tomou McLean de parte.

– Queria dar-lhe uma palavra, General – disse Goldthwait. Parecia embaraçado.

– Estou ao seu serviço, Coronel – respondeu McLean.

Goldthwait olhou para sul por um instante.

– Tenho três filhos – disse ele, por fim, ainda com o olhar fixo no sul

– e quando o senhor chegou, General, dei-lhes a escolher.

McLean assentiu.

– «Escolhei hoje a quem quereis servir»? – tentou ele adivinhar, citando as Escrituras.

– Sim – disse Goldthwait. Tirou uma caixa de rapé do bolso e atrapalhou-se com a tampa.

– Lamento – continuou ele – que Joseph e Benjamin tenham escolhido juntar-se aos rebeldes.

– Olhou, por fim, diretamente para McLean.

– Não era esse o meu desejo, General, mas queria que o soubesse. Não lhes sugeri a deserção e garanto-lhe que não somos uma família que tenta cavalgar dois cavalos ao mesmo tempo.

– Interrompeu-se abruptamente, e encolheu os ombros.

– Se eu tivesse um filho – disse McLean, – esperaria que as suas lealdades fossem as minhas, Coronel, mas também pediria a Deus que pensasse pela sua própria cabeça. Garanto-lhe que não teremos menos consideração por si por causa das loucuras dos seus filhos.

– Obrigado – disse Goldthwait.

– Não se fala mais nisso – disse McLean, e depois voltou-se abruptamente quando o Capitão Mowat chamou, dizendo que havia gáveas à vista.

E por um momento ninguém falou, pois não havia nada de útil para dizer.

O inimigo chegara, e a primeira evidência da sua chegada era uma massa de velas de gávea que se mostrava por entre os restos do nevoeiro sobre um promontório, mas gradualmente, implacavelmente, a frota surgiu no canal, junto a Long Island, e nenhum dos homens e mulheres que observavam podia ter outro sentimento que não fosse de espanto pela visão de tantas

velas, tantos cascos escuros, tantos navios.

– É uma Armada – disse o Coronel Goldthwait, quebrando o silêncio.

– Deus meu – disse McLean, suavemente. Olhou fixamente para a massa de navios a avançarem lentamente empurrados por uma brisa fraca.

– Ainda assim é uma visão gloriosa – disse ele.

– Gloriosa, General? – perguntou Bethany.

– Não é todos os dias que se vê tantos navios juntos. Lembre-se disto, Menina Fletcher, como uma visão para contar aos seus filhos.

– Sorriu-lhe e depois virou-se para os três oficiais da marinha.

– Capitão Mowat! Já determinou quantos são?

– Ainda não – respondeu Mowat, laconicamente. Olhava por um telescópio pousado no ombro de um casaca vermelha. A frota inimiga mantivera-se junta ao passar pelos rebordos traiçoeiros que existiam sob as águas, a este de Long Island, mas, agora, os navios estavam a espalhar-se e a navegar com vento em direção à grande baía a oeste da península. Os navios de guerra, mais velozes do que os de transporte, alongavam-se para diante e Mowat fazia pequenos ajustamentos na lente para tentar distinguir as diferentes embarcações, uma tarefa dificultada pelas árvores que obscureciam uma parte da sua visão. Demorou longo tempo a observar a Warren, contando as portinholas das peças e tentando avaliar pela quantidade de homens visíveis no convés até que ponto estava bem guarnecida. Resmungou, evasivamente, quando terminou a sua inspeção, e depois dirigiu a lente para a sua esquerda para contar os transportes.

– Tanto quanto posso ver, meu General – disse ele por fim, – têm vinte transportes. Talvez vinte e um.

– Meu Deus do Céu – disse McLean, calmamente, – e quantos navios de guerra?

– Sensivelmente os mesmos – disse Mowat.

– Vêm realmente em força – disse McLean, ainda calmamente.

– Diz vinte transportes, Mowat?

– Talvez vinte e um.

– É altura de fazer algumas contas, Tesoureiro – disse McLean para o Tenente Moore.

– Quantos homens levam os nossos navios de transporte?

– A maior parte dos homens veio em quatro navios de transporte, dos nossos

– disse Moore, – isso dá duzentos em cada um.

– Multiplique isso por vinte.

Houve uma pausa quando todos os oficiais que ouviram o diálogo tentaram fazer mentalmente a conta.

– Quatro mil, meu General – disse, por fim, Moore.

– Ah, aprendeu a mesma aritmética do que eu, Senhor Moore – disse McLean, sorrindo.

– Deus meu – disse um oficial escocês, horrorizado com a dimensão da frota que se aproximava, – nesses navios todos? Podem vir bem uns cinco mil homens!

McLean abanou a cabeça.

– Na falta do Nosso Senhor e Salvador – disse o Brigadeiro, – acho que teriam problemas em dar de comer a essa gente toda.

– Alguns dos navios deles são mais pequenos que os nossos – observou Mowat.

– E qual é a sua conclusão, Mowat? – perguntou McLean.

– Entre três e quatro mil homens – disse Mowat, vivamente.

– Os suficientes, de qualquer modo. E os filhos da mãe têm perto de trezentas peças nos costados.

– Estou a ver que vamos ter muito que fazer – disse McLean, alegremente.

– Com a sua autorização, meu General – disse Mowat, que terminara a sua inspeção e baixara a lente, – vou regressar à Albany.

– Permita-me que deseje que desfrute bem o dia, Mowat – disse McLean.

– Deixe-me desejar-lhe o mesmo, McLean – respondeu Mowat, e depois parou para apertar a mão ao Brigadeiro.

Os três oficiais navais foram para os seus navios. McLean ficou na falésia, sem dizer nada, enquanto o inimigo se aproximava cada vez mais. Era uma regra adquirida da guerra que, para o assalto a um forte ser bem-sucedido, a relação entre os atacantes e os defensores devia ser de três para um, mas o Forte George estava inacabado. Os bastiões estavam ainda tão baixos que um homem poderia saltar por cima deles. O posicionamento das armas mal ficara esboçado. Um milhar de rebeldes tomaria o forte com facilidade, e era claro pela dimensão da frota que entrava naquele momento na baía que deveriam ter pelo menos dois ou três mil homens.

– Temos de fazer o nosso melhor – disse McLean, por fim, a ninguém em particular, e depois sorriu.

– Alferes Campbell! – chamou ele, bruscamente.

– A mim!

Seis oficiais de kilt responderam e Bethany pareceu perplexa.

– Temos excedente de Campbells – disse Moore.

– O 74.º tem quarenta e três oficiais – explicou mais didaticamente McLean – e vem de Argyle, Menina Fletcher, que é um lugar habitado por uma grande quantidade de Campbells. Vinte e três de um total de quarenta e três oficiais chamam-se Campbell. Grite o nome junto à linha das tendas, Menina Fletcher, e pode originar o caos.

– O Brigadeiro sabia que todos os lealistas que estavam no promontório sentiam a proximidade do desastre e ele estava decidido a mostrar-lhes confiança.

– Ocorre-me – disse ele para os seis jovens oficiais de kilt – que Sir Walter Raleigh jogou petanca enquanto a Armada se aproximava. Conseguimos igualar os Ingleses em matéria de despreocupação, não conseguimos?

– Jogando petanca, meu General? – perguntou um dos Campbell.

– Prefiro espada a bolas – disse McLean, e desembainhou a espada.

O seu braço direito aleijado dificultou o gesto de desembainhar e teve de usar o braço esquerdo para ajudar a libertar a lâmina da bainha. Baixou-se e colocou a espada sobre as ervas.

Foram colocadas no solo mais onze espadas. Não havia músicos em Dyces

Head, pelo que o Brigadeiro bateu palmas ritmicamente e os seis alferes começaram a dançar por cima das lâminas cruzadas. Alguns dos outros oficiais do 74.º cantaram enquanto batiam palmas. Cantaram em gaélico, e McLean, sorrindo, fez coro.

Bethany bateu palmas em conjunto com os outros espetadores. Os alferes dançavam e os seus pés rondavam as espadas, sem nunca lhes tocarem. Terminada a canção em gaélico, McLean indicou que a desafiadora dança das espadas poderia acabar e os jovens oficiais sorriram quando o público aplaudiu, e as espadas foram retiradas.

– Aos vossos postos, meus senhores – disse McLean aos oficiais.

– Minhas senhoras e meus senhores – disse ele para os civis, – não posso prever o que irá acontecer agora, mas, se ficarem nas vossas casas, acredito que serão tratados com o civismo adequado.

– Não estava nada confiante de que isso acontecesse, mas que outra coisa poderia dizer? Voltou-se para observar a frota uma última vez. Um ruído de chapinhar e o ressoar de cabos ecoou pelas águas quando o primeiro navio lançou a âncora. As suas velas, soltas pela ação do vento, bateram loucamente até que os homens as ferraram nas longas vergas. Um brilho de luz no convés da popa do navio cintilou nos olhos de McLean e ele soube que um rebelde estava a examinar a costa com um telescópio. Afastou-se, regressando ao seu forte inacabado.

James Fletcher passara a noite na margem oriental do Penobscot, com o Felicity em segurança numa pequena enseada. Viu aparecer a frota do Massachusetts, vinda de sul, e esperou até que os navios quase tivessem alcançado Majabigwaduce antes de remar para fora do seu esconderijo. Depois, o vento encheu a vela grande e pôde guardar os remos, aproveitando a brisa para junto do local onde a frota estava a lançar ferro. Os navios de transporte tinham ido mais para norte, ancorando a ocidente da falésia e, tal como os navios de guerra, bem fora do alcance de qualquer canhão que os Britânicos pudessem ter na costa.

Fletcher dirigiu-se para o navio maior, considerando que deveria ser o do comandante, mas muito antes de chegar à Warren foi intercetado por um barco de guarda tripulado por uma dúzia de remadores e quatro fuzileiros de uniforme verde. Mandaram-no parar e ele virou o Felicity contra o vento e esperou que o escaler o alcançasse.

– Tenho notícias para o General – gritou ele ao oficial fuzileiro.

– Terá de falar com o Comodoro – insistiu o fuzileiro, apontando para a Warren. A bordo da fragata, os marinheiros pegaram no cabo que Fletcher atirou, e depois de arriar a carangueja, este escalou até à amurada da fragata. Ficou no convés até chegar um jovem e nervoso Guarda-Marinha para o escoltar.

– O Comodoro está ocupado, Senhor Fletcher – explicou ele.

– Estou certo de que está.

– Mas irá querer vê-lo.

– Espero que sim! – disse James alegremente.

Os navios de guerra rebeldes tinham ancorado para ocidente da boca do porto,

que estava preenchida pelas três corvetas do Capitão Mowat. Essas corvetas, ancoradas de vante para ré para conservarem os costados de estibordo virados para a baía, tinham as canhoneiras abertas e desfraldavam o estandarte azul à popa, enquanto na ponta de cada mastro, três por cada corveta, flutuava a bandeira britânica. Dois jorros brancos pulsavam ritmicamente do flanco da North e Fletcher sorriu.

– Não param de tirar água de dentro dela – disse ele.

– Dela?

– Da North – apontou James.

– A corveta mais próxima de Dyces Head, está a ver? Acho que as ratazanas a roeram até ao fundo.

O Guarda-Marinha Fanning olhou com solenidade para o navio inimigo.

– É um navio velho? – tentou ele adivinhar.

– Velho e apodrecido – disse James, – um par de balas de canhão naquele casco e fica feito em lenha.

– Você vive aqui? – perguntou Fanning.

– Toda a minha vida.

O Comodoro Saltonstall baixou-se ao sair pela porta da camarinha, seguido por um homem que James Fletcher conhecia bem. John Brewer era capitão da milícia local, embora tivesse tão poucos recrutas que mal tinha quem comandar. Fora ao Capitão Brewer que James Fletcher enviara o mapa e a carta, e Brewer sorriu ao vê-lo.

– Seja bem-vindo, jovem Fletcher! – disse Brewer, fazendo um gesto na direção do Comodoro.

– Este é o Capitão Saltonstall. Atrevo-me a dizer que o jovem James tem notícias para si, meu Comandante.

– Tenho, sim – disse James, com ansiedade.

Saltonstall pareceu pouco impressionado. Olhou uma vez para James Fletcher, depois virou-se para o varandim de bombordo, onde ficou longo tempo a olhar por um óculo para os navios de Mowat.

– Senhor Coningsby! – virou-se ele, subitamente.

– Meu Comandante? – respondeu o Guarda-Marinha Fanning.

– As pontas soltas do mecanismo de fixação do número quatro parecem cobras em lua-de-mel! Trate disso.

– Sim, meu Comandante.

O Capitão Brewer, um homem jovial vestido com roupas grosseiras e com um sabre de abordagem de lâmina larga amarrado à cintura, sorriu a Fletcher enquanto Saltonstall continuava a inspecionar os três navios que guardavam a boca do porto.

– Como te chamas? – inquiriu bruscamente o Comodoro.

James Fletcher decidiu que a pergunta lhe era dirigida.

– James Fletcher, Comandante. Vivo em Bagaduce.

– Então vem cá, James Fletcher de Bagaduce – ordenou Saltonstall e James foi colocar-se junto do Comodoro e, tal como ele, olhou para leste. Para a esquerda viu a falésia coberta de arvoredos que escondia o forte da vista do Comodoro. Depois estavam as três corvetas numa linha que combinava vinte

e oito peças e, para sul destas, os canhões de Cross Island.

– Tu vives aqui – disse Saltonstall numa voz que sugeria piedade por um tal destino – e eu vejo três corvetas e uma bateria; que não vejo eu?

– Uma outra bateria em Dyces Head, Comandante – disse James, apontando.

– Tal como eu lhe disse, meu Comandante! – interveio Brewer, prazenteiro. Saltonstall ignorou o Capitão miliciano.

– Com que poder?

– Só vi três peças pequenas a serem arrastadas lá para cima, Comandante – disse James.

– Peças de menos de três quilos, provavelmente – disse Brewer.

– Mas que abrirão fogo sobre nós assim que chegarmos à boca do porto – observou Saltonstall.

– Acho que foi para isso que as puseram lá em cima, Comandante – disse James – e há uma outra bateria na praia do porto.

– Então, temos três baterias e três corvetas – disse Saltonstall, baixando o óculo e virando-se para observar Fletcher. Não parecia ter gostado do que vira.

– Que altura de água tem o porto?

– De quanto precisa, Comandante?

– Três metros e meio – disse Saltonstall. Estava ainda a falar com James, mas agora olhava para além da cabeça deste, fixando o passadiço do tombadilho.

– Há água que chegue para si, Comandante – disse James, com a sua habitual boa disposição.

– A maré?

– De quatro metros e meio a cinco e meio, à volta disso – disse James, – mas consegue passar por aquela mesmo com a maré vazia – disse ele, apontando para a Nautilus, o navio de Mowat mais a sul.

– Pode passar por ela, Comandante, com uma margem de três metros, e uma vez lá dentro não tem mais nada com que se preocupar.

– Passar por ela? – perguntou Saltonstall, trocista.

– Tem muito espaço, Comandante.

– E uma bateria a menos de cem passos? – perguntou Saltonstall com aspereza, referindo-se aos canhões de Cross Island. Eles estavam visíveis e atrás deles havia tendas para os artilheiros e uma bandeira britânica flutuava no alto de um mastro improvisado.

– E uma vez lá dentro – continuou ele, – como diabo vou sair?

– Sair? – perguntou James, desconcertado pela evidente antipatia do Comodoro.

– Eu sigo o seu conselho – disse sarcasticamente Saltonstall – e navego até Majabigwaduce, mas, uma vez lá, estou ao alcance dos canhões do forte, ou não estou? E sem poder sair.

– Sem poder, Comandante? – disse James, nervoso com o imaculado Saltonstall.

– Por amor de Deus, seu cabeça dura! – vociferou Saltonstall.

– Qualquer idiota é capaz de entrar nesse porto, mas como diabo consegue sair de novo? Responda-me a isso!

– Não precisa de sair, Comandante – disse James. O Comodoro tinha razão, é

claro, em relação ao facto de que seria fácil utilizar o vento favorável para entrar no porto, mas que seria diabólico conseguir sair, sobretudo sob o fogo dos canhões do forte.

– Louvado seja Deus – disse Saltonstall, – então deverei simplesmente ficar ali, não é, e deixar que as baterias da costa me reduzam o navio a cacos?

– Pelo santo nome de Deus, não. Pode subir o rio Bagaduce – disse James.

– Ali as águas são profundas e longe do alcance dos canhões deles.

– Lá em cima no rio, deve ter uns dez metros na maré vazia – interveio Brewer.

– Uns seis tem de certeza – disse James.

– Parece ser um grande conhecedor da matéria – disse Saltonstall, virando-se para o Capitão Brewer.

– Vivo aqui – disse Brewer.

– Não vou arriscar meter os meus navios naquele maldito buraco – disse Saltonstall com firmeza, e depois voltou-se para observar as defesas.

– Que maldito buraco, Comodoro? – interrompeu uma voz clara.

Saltonstall virou-se e viu Peleg Wadsworth, que acabara de subir a bordo da fragata.

– Bom-dia, General – resmungou o Comodoro.

O Brigadeiro Wadsworth parecia feliz. As suas preocupações sobre a adequação da milícia tinham-se dissipado ao ver as defesas britânicas, que se tornaram visíveis do convés da Sally ao navegar para norte. Wadsworth observara, através do telescópio, o forte, acima da povoação, e vira que as muralhas eram penosamente baixas, confirmando o teor dos relatos sobre o facto de os parapeitos não estarem terminados. Dois residentes, que tinham sido levados para a frota pelos fuzileiros do Tyrannicide, confirmaram que as obras de McLean estavam longe de estar completadas e que os canhões do forte não estavam ainda montados.

– Deus tem-nos sido favorável – disse Wadsworth – e os Britânicos não estão preparados.

– Sorriu a Fletcher.

– Olá, jovem, aquele barco preso ao costado é seu?

– Sim, senhor.

– Parece uma embarcação muito aprumada – disse Wadsworth, caminhando depois para junto do Comodoro.

– O General Lovell está decidido a atacar esta tarde – disse ele a Saltonstall.

Saltonstall resmungou outra vez.

– E pedimos a intervenção dos seus fuzileiros, Comandante.

Saltonstall resmungou pela terceira vez e, então, após um silêncio, chamou em voz alta:

– Capitão Welch!

O corpulento fuzileiro aproximou-se a passos largos pelo convés.

– Meu Comandante?

– Que tipo de ataque, General? – perguntou Saltonstall.

– Diretamente à falésia – disse Wadsworth, com firmeza.

– Há uma bateria de artilharia na falésia – avisou Saltonstall, indicando com

um gesto vago Fletcher e o Capitão Brewer, – eles sabem.

– Peças com balas de menos de três quilos – disse o Capitão Brewer – mas apontadas para sul.

– Os canhões estão virados para a boca do porto, Comandante – explicou James.

– Não estão apontados à baía – acrescentou ele.

– Então, esses canhões não deverão incomodar-nos – disse Wadsworth, alegremente. Fez uma pausa como se estivesse à espera da concordância do Comodoro, mas Saltonstall olhava para além do Brigadeiro, e o seu rosto comprido sugeria que tinha coisas mais importantes para fazer do que se preocupar com os problemas de Wadsworth.

– Se os seus fuzileiros tomarem a direita da linha – sugeriu Wadsworth.

O Comodoro olhou para Welch.

– Bem?

– Seria uma honra, meu Comandante – disse Welch.

Saltonstall assentiu.

– Então pode contar com os meus fuzileiros, Wadsworth – disse ele.

– Mas tome bem conta deles! – Isto era uma graça, evidentemente, pois o Comodoro soltou uma breve gargalhada.

– Estou-lhe muito grato – disse Wadsworth, com sinceridade – e o General Lovell pediu-me para saber, Comodoro, se planeia um ataque aos navios? – perguntou Wadsworth com o maior tato.

– Quer atacar pelos dois lados, Wadsworth? – perguntou o Comodoro, ferozmente.

– Quer os meus fuzileiros para atacar por terra, mas nega-me os serviços deles no assalto aos navios do inimigo? Afinal o que quer, por terra ou por mar?

– Quero o triunfo da causa da liberdade – disse Wadsworth, sabendo que soava pomposo.

Ainda assim, as palavras pareceram ter sacudido o Comodoro, que vacilou e depois olhou de novo para as três corvetas inimigas.

– Elas são a rolha no gargalo da garrafa – disse ele.

– Poder-se-á pensar que não são uma grande rolha, mas o gargalo é extraordinariamente estreito. Posso destruir aqueles navios, Wadsworth, mas com que custo, hein? Diga-me! Com que custo? Metade da nossa frota?

O Capitão Brewer e James Fletcher tinham recuado, respeitosamente, como para deixar os dois oficiais superiores discutirem, enquanto o Capitão Welch permaneceu, com ar ameaçador, junto do Comodoro. Apenas Wadsworth parecia perfeitamente à-vontade. Sorriu.

– Três navios conseguem fazer todos esses danos? – perguntou ele a Saltonstall.

– Não os malditos navios, mas o maldito forte e as malditas baterias

– disse Saltonstall.

– Eu entro ali, Wadsworth, e a minha frota fica debaixo do fogo dos canhões do forte. Vamos ser triturados, homem, triturados.

– O forte ainda não tem...

– começou o Capitão Brewer a dizer.

– Eu sei que não têm muitos canhões! – disse Saltonstall, voltando-se irado para Brewer.

–Mas isso era ontem. Hoje, quantos mais têm? Sabemos isso? Não sabemos! E quantas outras armas estão escondidas na povoação? Sabemos? Não sabemos! E uma vez dentro da maldita garrafa, não consigo sair, a não ser que apanhe a maré a encher ou um vento de leste. E não – disse ele, olhando acidamente para James Fletcher, – não estou na disposição de subir, com o meu navio, um rio onde podem estar colocadas armas do inimigo. Então, General – disse ele, virando-se de novo para Pe-leg Wadsworth, – quer explicar ao Conselho da Marinha a perda de mais uma fragata continental?

– O que eu quero, Comodoro – disse Wadsworth ainda num tom respeitoso, – é que os fuzileiros inimigos estejam a bordo dos navios e não em terra, à nossa espera.

– Ah, isso é diferente – disse Saltonstall, de má vontade.

–Quer que eu mantenha os navios deles ocupados. Muito bem. Mas não levo a minha frota para aquele maldito buraco, compreende? Mantemo-los ocupados de fora do porto.

– E estou certo de que essa ação manterá os fuzileiros inimigos onde queremos que eles estejam – disse Wadsworth.

– Assinalou-me esse mapa? – disse Saltonstall, virando-se para o Capitão Brewer.

– Ainda não, meu Comandante.

– Então, faça-o. Muito bem, Wadsworth, vou malhar em cima deles, para si. Wadsworth retrocedeu, sentindo-se como se tivesse feito oscilar uma vela acesa sobre um barril de pólvora sem tampa e tivesse conseguido sobreviver sem causar uma explosão. Sorriu para James Fletcher.

– Creio ter entendido que conhece bem Majabigwaduice, jovem? – perguntou ele.

– Bagaduce? Sim, senhor.

– Então dê-me a honra de me acompanhar. O senhor também, Capitão Welch? Temos de elaborar um plano.

O Felicity foi deixado preso à Warren, enquanto James Fletcher era levado, juntamente com Wadsworth e Welch, para a Sally, a qual funcionava, de momento, como quartel-general do exército. Wadsworth avaliou James Fletcher e gostou do que viu.

– Então, Senhor Fletcher – perguntou ele, – porque está aqui?

– Para lutar, General.

– Grande homem!

O sol cintilava nas águas e estas resplandeciam. A expedição chegara a Majabigwaduice e seguiria de imediato para a batalha.

O Brigadeiro McLean ordenara a todos os civis que permanecessem dentro das suas casas, pois, se os rebeldes viessem, ele não queria baixas desnecessárias. Ele estava, agora, no exterior do comprido armazém que fora construído dentro das muralhas inacabadas do Forte George. Os preciosos mantimentos da guarnição estavam guardados na comprida edificação de madeira, exceto as munições da artilharia, que estavam enterradas em buracos alinhados,

mesmo por trás dos parapeitos inacabados. A bandeira da União batia ruidosamente abaixo do bastião mais próximo da entrada do porto.

– Acho que se está a levantar vento – observou McLean ao Tenente Moore.

– Acho que sim, meu General.

– Um vento que empurrará o inimigo para dentro do porto – disse McLean.

– Meu General? – disse Moore, num tom queixoso.

– Eu sei o que você quer, John – disse McLean, com simpatia.

– Por favor, meu General.

McLean interrompeu-se, enquanto um sargento gritava a um soldado para que apagasse o seu maldito cachimbo. Não era permitido fazer fumo no interior do Forte George porque os paióis não estavam propriamente terminados, e as cargas de pólvora estavam protegidas das faíscas e do tempo por nada mais sólido do que três panos de vela.

– Você é o nosso tesoureiro, Tenente – disse McLean, provocador, – não me posso dar ao luxo de perder um bom tesoureiro, não acha?

– Sou soldado, meu General – disse Moore, teimosamente.

McLean sorriu, e depois condescendeu.

– Leve vinte homens. E leve o Sargento MClure. Apresente-se ao Capitão Campbell, quer dizer, ao Archibald Campbell. E, John?

John Moore, que assim obtinha autorização para se juntar aos piquetes no cimo da falésia, voltou um rosto de felicidade para o Brigadeiro.

– Meu General?

– O Duque não me vai agradecer se você morrer. Tome cuidado.

– Sou imortal, meu General – disse Moore, cheio de contentamento, – e muito obrigado, meu General.

Moore correu e McLean virou-se para saudar o Major Dunlop, que era o oficial mais velho do 82.º e substituirá McLean no comando desse batalhão enquanto ele tivesse mais altas responsabilidades. O vento era suficientemente vivo para tirar o tricórnio da cabeça do Major Dunlop.

– Enviei Moore para se juntar aos piquetes da falésia, Dunlop – disse McLean, ao mesmo tempo que uma sentinela corria atrás do tricórnio errante, – espero que não tenha objeções.

– Nenhuma – disse Dunlop – mas duvido que ele veja lá alguma ação.

– Eu também duvido, mas isso manterá o cachorrinho contente.

– Decerto – anuiu Dunlop e os dois homens falaram durante um momento, antes de o Brigadeiro caminhar até ao solitário canhão de cinco quilos e meio que ocupava o bastião sudoeste do Forte George. Os homens de farda azul da Artilharia Real puseram-se em sentido quando o General se aproximou, mas ele pô-los à vontade com um gesto. O canhão estava apontado à boca do porto, o seu cano visando acima dos canhões da bateria de

Half Moon, escavada na linha de costa. McLean olhou para lá dos navios de Mowat, para onde conseguia distinguir uma mão-cheia de navios inimigos, embora a parte maior da frota inimiga estivesse oculta mais além da falésia.

– Será que vêm hoje, meu General? – perguntou um sargento de artilharia.

– Como se chama, Sargento?

– Lawrence, meu General.

– Bem, Sargento Lawrence, receio que não lhe possa dizer o que o inimigo fará, mas se eu estivesse no lugar deles, certamente atacaria hoje.

Lawrence, um homem de rosto largo, na casa dos trinta, acariciou a culatra do seu comprido canhão.

– Dar-lhes-emos umas boas-vindas à inglesa, meu General.

– E também à escocesa – disse McLean, com ar de censura.

– Dessas também, meu General – respondeu Lawrence, energicamente.

O Brigadeiro caminhou para norte, ao longo do parapeito. Era deplorável, como defesa, à altura da cintura de um homem e protegido por apenas dois canhões e por uma fiada de espigões de madeira, espetados na vala pouco funda. McLean tomara as suas medidas, mas era demasiado velho e demasiado experiente para se iludir a si próprio. O inimigo viera em força. Dispunha de mais navios e homens. Considerava que havia dois locais em que eles poderiam desembarcar. Ou abririam caminho até ao porto e desembarcavam na praia mais próxima, ou desembarcavam os homens no gargalo de terra. As companhias que enviara para esses locais dariam certamente boa conta de si, mas acabariam por ser forçadas a retroceder para o Forte George, e, então, os rebeldes avançariam sobre aqueles patéticos parapeitos e seriam recebidos pelos seus canhões, mas que podiam dois canhões contra três mil homens ou mais?

– Far-se-á a vontade de Deus – disse McLean.

Ao anoitecer, achava ele, estaria prisioneiro. Se tivesse sorte.

O Tenente-Coronel Revere sentou-se a um canto da camarinha de popa da Sally, apinhada de gente. Esta era dominada por um fogão de chumbo preto, apagado, à volta do qual os oficiais superiores da expedição estavam reunidos. O Capitão Welch, cujos fuzileiros se juntariam à milícia para o assalto, também estava presente. O General Lovell estava de pé, sobre os tijolos que rodeavam o fogão, mas o vigamento da camarinha era tão baixo, que ele era forçado a inclinar-se. Um vento refrescante saudava a corveta, sacudindo-a e fazendo-a estremecer, na âncora.

– O General Wadsworth tem boas notícias – disse Lovell, abrindo os trabalhos. Wadsworth, mais alto do que Lovell, não se levantou, ficando sentado sobre um baú.

– Quarenta índios de Penobscot juntaram-se a nós – disse ele.

– O inimigo tentou subverter a tribo com missangas e promessas, mas eles estão determinados a lutar pela liberdade.

– Louvado seja Deus – interveio o Reverendo Jonathan Murray.

– E hão de vir mais índios, tenho a certeza – continuou Wadsworth

– e são fortes, estes tipos.

– São uns malditos selvagens – murmurou alguém do canto mais escuro da camarinha.

Wadsworth ignorou deliberadamente o comentário e optou por fazer um gesto na direção do bonito jovem que estava acorçado junto à parede da camarinha.

– E o Senhor Fletcher esteve em Majabigwaduce ainda ontem. Contou-nos que o forte está longe de estar acabado e que o inimigo não tem mais de um

milhar de homens.

– Louvado seja – disse o Reverendo.

– Então, esta tarde – disse Lovell, tomando a palavra, – o Comodoro Saltonstall atacará os navios inimigos! – Não explicou que o Comodoro recusara fazer entrar a esquadra no porto e que preferira bombardear as corvetas com tiros de longo alcance.

– Rezamos pelo êxito da marinha – continuou Lovell – mas não deixaremos a luta toda para eles! Vamos desembarcar, meus senhores. Atacaremos o inimigo com ânimo! – O olhar feroz que acompanhou estas palavras era bastante minado pela sua posição constrangida.

– O Capitão Welch desembarcará pela direita, à frente dos seus fuzileiros.

– Deus os abençoe – interveio o Reverendo.

– O Coronel McCobb destacará duas companhias para apoiar os fuzileiros – disse Lovell – enquanto o resto do seu esplêndido regimento fará o assalto pelo centro.

Samuel McCobb, que comandava a Milícia do Condado de Lincoln, assentiu. Tinha um rosto esguio e marcado, no qual se destacavam os olhos muito azuis e o bigode, muito branco. Olhou para o Capitão Welch e pareceu aprovar o que viu.

– Os homens do Condado de Cumberland atacarão pela esquerda

– disse Lovell, – sob o comando do Coronel Mitchell. O Coronel Davis atribuirá barcos a cada navio de transporte, não é verdade, Coronel?

– As ordens estão dadas – disse o Coronel Davis, laconicamente. Era um dos ajudantes de Lovell, responsável pela ligação com os comandantes civis dos navios de transporte.

– E nós? – perguntou um homem mais ou menos da idade de Wadsworth. Usava roupa grosseira e pele de veado e tinha um rosto forte e entusiasta, bronzeado pelo sol.

– Não vai deixar de fora os homens do Condado de York, pois não, meu General?

– Ah, Major Littlefield – disse Lovell, reconhecendo o homem.

– Os nossos amigos estão ansiosos por entrar em ação, meu General, e não vão ficar contentes se forem deixados a bordo dos navios – disse Littlefield.

– É uma questão de barcos e escaleres – retorquiu Lovell.

– Não temos os suficientes para desembarcar todos os homens ao mesmo tempo, pelo que vão ter de regressar para levar a Milícia do Condado de York

– Assegure-se de que os seus amigos estão preparados, quando chegar o momento – disse o Coronel Davis.

– E vocês assegurem-se de que deixam alguma luta para nós! – disse Daniel Littlefield, com ar desapontado.

– Não temos chatas de desembarque que cheguem? – perguntou Revere, usando da palavra pela primeira vez. Parecia incrédulo.

– Não temos barcos que cheguem?

– Nem perto – disse Davis, bruscamente, – pelo que desembarcaremos quantos homens conseguirmos e depois os barcos voltam para vir buscar o resto.

– E as minhas armas? – perguntou Revere.

– O General Wadsworth comandará o ataque – respondeu Lovell, – por isso talvez ele possa responder ao Coronel Revere?

Wadsworth sorriu ao indignado Revere.

– Tenho esperança, Coronel, de que as suas armas não sejam necessárias.

– Não sejam necessárias! Não as trouxe até aqui apenas para servirem de balastro!

– Se as nossas informações estão corretas – disse Wadsworth brandamente, – acredito que conquistaremos a falésia e depois avancemos para o forte.

– A toda a velocidade – insistiu Welch.

– Velocidade? – perguntou Lovell.

– Quanto mais depressa formos, maior será o choque – disse Welch. – É como num combate de competição – explicou ele.

– Damos um forte abalo ao inimigo e depois atingimo-lo outra vez. Mantemo-lo atordoado, em desequilíbrio e continuamos a atingi-lo.

– Esperamos – disse Wadsworth – avançar com tal fervor que tomemos o forte antes que o inimigo recupere.

– Ámen a isso – disse o Reverendo Murray.

– Mas se o forte não for tomado imediatamente – disse Wadsworth de novo virado para Revere, – nesse caso as suas armas serão trazidas para terra.

– E os canhões que conseguirmos capturar – insistiu Revere – pertencem ao Estado do Massachusetts. Não é assim?

O Capitão Welch refreou-se e não disse nada.

– Claro – disse Lovell.

– De facto, tudo o que capturarmos pertencerá ao grande Estado do Massachusetts! – disse ele, radiante, falando para a assembleia.

– Creio, meu General – interveio tranquilamente John Marston, o secretário do general, – que o Conselho decretou que qualquer saque feito por corsários privados será considerado sua propriedade.

– Claro, claro! – disse Lovell, desconcertado.

– Mas estou certo de que haverá saque mais do que suficiente para satisfazer os investidores.

– Voltou-se para o Reverendo Murray.

– Capelão? Uma palavra de oração antes de dispersarmos?

– Antes de rezarem – interrompeu o Capitão Welch, – uma última coisa.

– Olhou duramente para os homens que comandavam a milícia.

– Vai haver barulho, fumo e confusão. Vai haver sangue e gritos. Haverá caos e incerteza. Certifiquem-se de que os vossos homens fixam as baionetas. Não vamos derrotar estes filhos da mãe corpo a corpo, mas o aço afiado irá acagaçá-los. Fixem as baionetas e carreguem direitos ao inimigo. Gritem enquanto carregam e, acreditem-me, eles fugirão.

– Fez uma pausa, e os seus olhos duros percorreram um a um todos os comandantes da milícia que, com exceção do Major Daniel Littlefield que assentira entusiasticamente, pareceram de algum modo atemorizados pelas palavras ameaçadoras do fuzileiro.

–Usem aço afiado e coragem cega – rugiu Welch – e venceremos.

–Articulou as últimas duas palavras lenta e distintamente, dando-lhes uma ênfase impiedosa.

A camarinha ficou em silêncio enquanto os homens digeriam as palavras do fuzileiro, e depois o Reverendo Murray aclarou a voz.

– Meus senhores – disse ele, – curvemo-nos.

–Fez uma pausa.

–Senhor – continuou ele, – Tu que prometeste cobrir-nos com as Tuas fortes asas, protege-nos agora que partimos...

–Foi interrompido pelo disparo de canhões. O ruído foi súbito e assustadoramente alto. O eco do disparo ressoou na falésia e, depois, a tarde foi fendida pelos tiros das armas, canhão a canhão, eco a eco, e o resto da oração ficou por dizer enquanto os homens se apressavam a sair para o convés para verem os navios do Comodoro Saltonstall desferirem o seu primeiro ataque.

Do Juramento exigido pelo Brigadeiro-General Francis McLean aos habitantes dos arredores do rio Penobscot, em julho de 1779:

Invocando o Deus mais sagrado como garantia da verdade das minhas Intenções, muito solenemente prometo e juro que prestarei Fidelidade sincera e serei fiel súbdito de sua Majestade sagrada George Terceiro Rei da Grã-Bretanha França e Irlanda, e das Colónias da América do N., agora falsamente autodenominadas Estados Unidos da América...

Da Proclamação aos habitantes da região de Penobscot, emitida pelo Brigadeiro-General Solomon Lovell, a 29 de julho de 1779:

Venho por este meio garantir aos habitantes de Penobscot e Territórios adjacentes que, se acharem tão perdidos de todas as virtudes dos bons Cidadãos... ao ponto de serem os primeiros a desertar a causa da Liberdade da Virtude e de Deus... devem esperar serem também os primeiros a experimentar o justo ressentimento deste País ferido e traído com a adequada punição que a sua traição merece.

Excerto da carta do Coronel John Frost, da Milícia do Massachusetts, para o Conselho do Massachusetts, de 20 de julho de 1779:

Venho pedir licença para informar vossas Excelências de que ao pedir para os Oficiais do terceiro Regimento da Brigada se apresentarem para minha Surpresa descobri que o deles não era Oficial no dito Regimento... que tinha Patente Adequada a razão é que todos os Oficiais do dito Regimento foram nomeados no ano de 1776 com o Selo do Rei George Terceiro e o Coronel Tristrum Jordan comandou então o dito regimento mas não tomou devida atenção a que as Patentes fossem alteradas em concordância com uma Lei deste Estado... ficarei contente por ter Orientação de vossas Excelências sobre este Assunto e esperarei pelas Ordens de vossas Excelências.

O *Tyrannicide*, na qual flutuava a bandeira com o pinheiro da marinha do Massachusetts, foi o primeiro navio a dar que fazer ao inimigo. Surgiu de oeste, empurrado por um vento refrescante, dirigindo-se para a entrada estreita do porto. Aos homens que observavam a partir de terra, ia determinado a forçar a entrada, penetrando no pequeno espaço entre a *HMS Nautilus* e a bateria de Cross Island, mas, depois, rodou de bombordo, passando a navegar em direção a norte, paralelamente às corvetas britânicas. A sua peça dianteira de estibordo abriu a batalha. O *Tyrannicide* estava equipado com sete peças de três quilos em cada costado, e o seu primeiro disparo envolveu o brigue num fumo espesso. A bala bateu no mar, a escassas centenas de metros da *Nautilus*, ressaltou numa pequena onda, depois ressaltou uma segunda vez e afundou-se, ao mesmo tempo que toda a linha britânica desaparecia por trás do seu próprio fumo quando os navios do Capitão Mowat decidiram responder ao desafio. Hampden, o grande navio de New Hampshire, entrou em ação a seguir, disparando as suas peças de quatro quilos na direção do fumo britânico. A única coisa que o Capitão Salter, do Hampden, conseguia ver das corvetas inimigas era o topo dos mastaréis acima da nuvem.

– Cheguem-lhes, rapazes! – bradou ele alegremente aos seus artilheiros.

O vento soprava vivamente e depressa empurrou a nuvem. Titus Salter olhou, vendo reaparecer a *North* de entre a nuvem de fumo, e, então, uma nova descarga flamejou de uma das portinholas da corveta britânica, e ele ouviu o estrondo quando o projétil esférico atingiu a frente do *Tyrannicide*, e depois a sua visão foi obscurecida de novo pelo fumo cinzento e acre das suas próprias peças.

– Recarregar! – gritou um homem. O Hampden velejou para fora da nuvem de fumo e o Capitão Salter, pondo as mãos em concha, gritou:

– Suspender fogo! Suspender!

Uma bala britânica silvou quase por cima das suas cabeças, fazendo um buraco na vela de mezena do Hampden.

– Suspendam o maldito fogo! – gritou Salter, zangado.

Subitamente, aparecera um brigue a estibordo do Hampden. Era uma embarcação muito mais pequena, guarnecida com catorze peças de três quilos, e o seu comandante, em vez de seguir o navio de New Hampshire, estava a passar-lhe à frente, colocando-se entre as peças do Hampden e as corvetas britânicas.

– Maldito idiota – resmungou Salter.

– Esperem até se ver bem! – gritou ele para os artilheiros.

O brigue, onde flutuava o estandarte com o pinheiro da marinha do Massachusetts, era o *Hazard*, e o seu comandante vomitava, devido a um vício distúrbio estomacal, pelo que o seu Primeiro-Tenente, George Little, tomara o comando. Ignorando o Hampden, estava apenas preocupado em aproximar o seu navio tanto quanto pudesse do inimigo e depois massacrar as corvetas

com o seu costado munido de sete peças. Desejara que o Comodoro tivesse ordenado um assalto em forma, um ataque direto à boca do porto, mas se lhe ordenavam que se contivesse, queria pelo menos que os seus canhões provocassem danos a sério.

– Matem os filhos da mãe! – gritou ele para os artilheiros.

Little estava na casa dos vinte e poucos, era um pescador transformado em oficial naval, um homem de paixões, um patriota, e ordenou que soltassem os cabos para que as velas perdessem força e o Hazard abrandasse de modo a dar aos seus artilheiros uma plataforma mais estável.

– Fogo, seus filhos da mãe!

Olhou para a nuvem de fumo que envolvia o navio britânico Nautilus e viu-o resplandecer com um brilho vermelho quando um canhão disparou. A bala atingiu o Hazard por baixo, junto à linha de água, fazendo o casco estremecer. O navio abanou de novo quando os seus canhões fizeram fogo e o ruído pareceu encher todo o universo.

– Onde diabo está a Warren? – protestou Little.

– Está lá atrás, meu Tenente – respondeu o Timoneiro.

– Para quê?

O Timoneiro encolheu os ombros. Os artilheiros da peça mais próxima estavam a limpar o cano, fazendo saltar um jorro de vapor através do ouvido que fez lembrar a Little o esguicho de uma baleia.

– Tapem esse ouvido! – gritou-lhes.

O sopro de ar provocado pela fricção do lanado poderia facilmente inflamar os resíduos de pólvora, fazendo com que a haste fosse ejetada e rebentasse nas entranhas dos artilheiros.

– Usa a proteção do polegar, homem – rosou ele para o artilheiro, – e tapa o ouvido enquanto limpas!

Ele observou, com ar aprovador, a carga, o enchimento e a bala a serem enfiados eficientemente no cano limpo e, depois, quando as cordas de fixação foram retesadas e o canhão disparou. A carreta ressoou no convés, a tripulação afastou-se, o artilheiro tocou com a mecha junto ao compartimento cheio de pólvora e o canhão vomitou furia e fogo. Little estava certo de ter ouvido o satisfatório estalo de uma bala a atingir o inimigo.

– É assim mesmo, rapazes! – gritou ele.

– É a única mensagem que aqueles filhos da mãe entendem! Matem-nos!

Não conseguia manter-se quieto. Não parava de mudar o peso do corpo de um pé para o outro, inquieto, como se toda a sua energia fosse frustrada pela sua incapacidade de se aproximar mais do inimigo odiado.

O Capitão Salter fizera agora o Hampden acercar-se do Hazard e ficar de novo adiante dele. De tarde, o Comodoro fizera um giro pela frota ancorada, a bordo da veloz escuna Rover, dela transmitindo as suas instruções aos comandantes dos navios que iriam ocupar-se dos Britânicos. Apontem às correntes da âncora, ordenara ele, e Salter estava a tentar fazer tudo para obedecer. Tinha os seus canhões municados com projéteis encadeados e outros de palanqueta, concebidos para quebrar a mastreação, e, apesar de duvidar da precisão de tiro dos seus artilheiros no meio daquela fumarada, Salter

percebia o que Saltonstall queria. As três corvetas britânicas eram mantidas de vante para ré por âncoras, a que estavam ligadas regeiras que, ao serem mais ou menos apertadas, ajustavam os cascos ao vento e à corrente e assim conservavam o seu alinhamento ao longo da boca do porto. Se uma regeira ou uma corrente de âncora pudesse ser danificada, um dos navios oscilaria como uma cancela a abrir-se, deixando um buraco imenso, pelo qual um navio rebelde poderia entrar para disparar sobre as corvetas.

As balas encadeadas eram formadas por dois hemisférios ligados por um pedaço de corrente grossa. Quando eram disparadas, faziam um repentino silvo, como o de uma foice. As duas metades ligadas giraram ao voarem, mas desapareceram na névoa de fumo, e Salter, perseguindo os mastaréis, não conseguiu ver qualquer sinal de que os projéteis tivessem provocado danos nos cabos. Ao invés, os artilheiros britânicos estavam a ripostar rapidamente, mantendo uma constante fumarada em volta dos cascos dos seus navios, e mais fogo, mais pesado, atingia a Warren a partir da bateria colocada em Cross Island. Sobre a grande falésia da península também se formou um círculo de fumo amarelo-acinzentado quando a pequena bateria de Dycles Head se juntou ao tiroteio.

A maré estava a encher, levando os navios para mais perto da boca do porto, e Salter ordenou que retesassem o massame para que o Hampden pudesse velejar para longe e afastar o perigo de encalhar. O brigue continental Diligent, com as suas pequenas peças, penetrou no meio da nuvem de fumo deixada pelo Hampden e o seu costado curto cuspiu fogo direito ao inimigo. O Hazard, percebendo que corria também o risco de encalhar, conseguiu juntar-se e cruzava agora junto à popa do navio de Salter.

— Onde diabo está a Warren? — gritou o Tenente Little para Salter.

— Ainda ancorada! — gritou Salter em resposta.

— Ela pode disparar balas de oito quilos! Por que diabo não está ela a massacrar os... ?

Salter não ouviu a última palavra devido a um projétil de três quilos, disparado de Dyce's Head, ter beijado o seu convés e arrancado grandes lascas do sobrado, antes de desaparecer por bombordo. Por milagre ninguém ficou ferido. Dois outros navios seguiam o Diligent por entre o fumo, com as suas peças a cuspirem fogo e ferro sobre as corvetas reais. O ruído era constante, um som que percutia sem cessar nos ouvidos. O Tenente Little continuava a gritar, mas o Hazard afastara-se e Salter não conseguia ouvi-lo por cima do barulho ensurdecedor. Uma bala silvou mesmo por cima e Salter, levantando os olhos, ficou surpreendido ao ver um segundo buraco na sua vela de mezena. Um outro projétil esférico fendeu o casco, fazendo o grande navio estremecer, e ele esperou ouvir gritos, mas ficou aliviado ao não ouvir nenhum. A fumarada instável que escondia as três corvetas britânicas era constantemente iluminada por fogachos, fazendo com que a nuvem de fumo cinzento ficasse incandescente por instantes, se apagasse e depois resplandecesse de novo. Incandescência após incandescência, implacavelmente, chamejando ao longo da linha de fumo, por vezes fundindo-se num vermelho mais brilhante quando dois ou três clarões se

juntavam, Salter reconhecia a competência que estava por trás da frequência daqueles clarões. Os artilheiros eram rápidos. Mowat, pensou ele sombriamente, treinara bem os seus homens.

– Talvez os filhos da mãe fiquem sem munições – disse ele para ninguém em particular, e, depois, quando o seu navio se virou para ocidente, por baixo de Dyces Head, levantou os olhos e viu casacas vermelhas entre as árvores no alto da falésia. Um tufo de fúmo pairava ali, e Salter presumiu que um mosquete disparara contra o navio, mas não fazia ideia onde tinha ido parar a bala. Duas outras manchas de fúmo apareceram por entre as árvores, e logo a seguir o Hampden ficou a descoberto, descendo em direção aos navios de transporte ancorados, e Salter manobrou para virar de novo o Hampden.

O carpinteiro do Hazard, com as calças encharcadas até à cintura, surgiu da escotilha de ré.

– Fomos atingidos mesmo abaixo da linha de água – relatou ele ao Tenente Little.

– É grave?

– Bastante feio. Partiu um par de longarinas. Acho que vai precisar das duas bombas.

– Liga-as – disse Little.

– Também matou um rato – disse o carpinteiro, obviamente divertido.

– Liga-as! – gritou Little ao homem.

– Porque vamos dar a volta outra vez. Carregar as peças com carga dupla! – Deu a última ordem do convés e depois virou um rosto irado para o Timoneiro.

– Para a próxima, quero chegar mais perto!

– Há rochas antes da entrada – avisou o Timoneiro.

– Mais perto, disse eu!

– Sim, meu Capitão, mais perto, meu Capitão – disse o Timoneiro. Sabia que não valia a pena discutir, tal como sabia que não dava para chegar o barco mais perto de Cross Island do que ele já estava. Transferiu a bola de tabaco para o outro lado da boca e girou a roda do leme para levar de novo o brigue para sul. Uma bala britânica zuniu mesmo à frente da retranca da bujarrona do Hazard, ressaltou numa pequena onda, e por fim espadanou, afundando-se a poucas centenas de metros de distância de onde a Warren estava ancorada.

O Tenente John Moore observava das alturas de Dyces Head. A batalha parecia-lhe muito lenta. O vento era áspero e, mesmo assim, os navios pareciam arrastar-se através das águas envoltas em fumo. Os canhões jorravam vagas de fumo, através das quais os grandes navios se moviam com graça solene. O barulho era assustador. A todo o momento eram disparadas trinta ou quarenta peças e o ruído de cada uma desaparecia num estrondo maior e mais prolongado do que qualquer trovão. As chamas tornavam o fúmo momentaneamente mais claro e Moore foi subitamente assaltado pelo pensamento de que aquela era a imagem do próprio Inferno, mas ainda assim, apesar do som e da fúria, parecia haver poucos danos de parte a parte. Os três navios de Mowat continuavam inamovíveis e o fogo inimigo não diminuía a capacidade de fogo dos seus costados, enquanto os navios

americanos navegavam serenamente através do chapinhar provocado pelo bombardeamento britânico. Algumas balas atingiam os alvos; Moore ouviu distintamente o estalar da madeira a lascarse, mas não viu qualquer sinal de destruição e os bem esfregados conveses dos navios inimigos pareciam não apresentar manchas de sangue.

Um navio inimigo, maior do que os outros, passou mesmo por baixo de Dyces Head e Moore autorizou que os seus homens disparassem os mosquetes sobre o inimigo, embora soubesse que a distância era excessiva e a esperança de atingir outra coisa que não fosse a água era quase nenhuma. Viu distintamente um homem no convés da popa do navio a olhar para a falésia e Moore teve o instinto absurdo de lhe acenar. Conteve-se. Uma súbita rajada de vento forte dissipou o fumo em volta das três corvetas da Marinha Real e Moore não viu quaisquer danos nos seus cascos, ao mesmo tempo que os mastros estavam ainda de pé e as suas bandeiras continuavam desfraldadas. Uma peça disparou da Albany e, mesmo antes de o fumo voltar a obscurecer o navio, Moore viu as águas em frente da portinhola achatarem-se, projetando-se para a frente como um leque.

Nove navios inimigos estavam a atacar a linha de Mowat, mas, para espanto de Moore, nenhum deles tentava romper essa linha. Em vez disso, faziam círculos e os seus costados disparavam, à vez, sobre as corvetas. Logo por trás das corvetas de Mowat, e ancorados numa formação em linha similar, estavam os três grandes navios de transporte que tinham levado os homens de McLean para Majabigwadu. As suas tripulações debruçavam-se nas amuradas e observavam o fumo dos canhões. Um projétil inimigo, passando entre as corvetas, embateu contra os transportes, cuja missão era esperar e ver se algum navio americano conseguia passar pela linha de Mowat e, depois, tentar atrapalhá-lo, mas nenhum inimigo parecia disposto a passar através da boca do porto.

O Tenente George Little queria entrar no porto, mas as ordens que tinha eram para ficar a ocidente da entrada, pelo que fez o Hazard navegar em círculos, com as velas a baterem como balas de canhão à medida que manobrava, e depois levou o pequeno brigue em direção a Cross Island. Uma bala de canhão, disparada da bateria da ilha, assobiou por cima do convés, por pouco não atingindo o Timoneiro.

– Que desperdício de pólvora – resmungou Little.

– Mantém-no direito.

– Adiante há rochas salientes, meu Tenente.

– Que se lixem as rochas, que tu te lixes e que se lixem os Britânicos. Aproxima-te mais!

O Timoneiro girou a roda do leme, tentando levar o Hazard para norte, de modo a que o seu costado cuspsse ferro em desafio às corvetas britânicas, mas Little agarrou-se à roda, fazendo-a girar ao contrário.

– Aproxima-te mais, disse eu!

– Meu Jesus – disse o Timoneiro, soltando a roda do leme.

Outro projétil, que pelo som era pesado, embateu nas rodas de proa do Hazard, e depois o navio estremeceu, ouvindo-se um som de raspar quando o

casco embateu numa rocha submersa. Little fez uma careta, depois fez girar a roda e o Hazard vacilou. O ruído de esmagamento continuou a ouvir-se lá em baixo, mas depois o brigue deu um solavanco, libertou-se da rocha e prosseguiu na sua nova rota.

— Mãos nessas bombas! — gritou Little.

— E, artilheiros, apontem bem!

Os canhões recuaram contra as cordas de amortecimento e o fumo floresceu; uma bala britânica atingiu as cavilhas de amarração à ré do mastro dianteiro, lascando-as, e Little gritava aos seus artilheiros para que recarregassem.

No cimo da falésia, Moore observava o pequeno brigue. Por um momento, pensou que o seu comandante tencionava abalroar a Nautilus, mas depois o brigue virou-se e penetrou no fumo deixado pelos canhões do Black Prince, um grande navio corsário. O brigue cuspiu fogo e ferro.

— Um pequeno navio cheio de bravura — disse Moore.

— Se se aproximar mais, vai ter de vender o casco como lenha, meu Tenente — disse o Sargento McClure.

Moore observou o Hazard a navegar no seu limite. Viu projéteis a atingirem-lhe o casco, mas a sua cadência de tiro nunca diminuiu. Ele virou para oeste, abaixo dele, e Moore viu os seus canhões a serem recarregados.

— Esse aí é um cão de caça — disse ele.

— Mas nós não somos ratazanas, meu Tenente, pois não?

— Não somos ratazanas, Sargento — disse Moore, divertido. Os pequenos canhões de Pearce Fenistone dispararam, mesmo por trás do piquete, e os seus projéteis golpeavam os navios inimigos, lá em baixo, e o fumo que faziam envolvia as árvores. O Sol estava baixo, a oeste, e fazia com que o fumo brilhasse.

— Vem aí o Capitão Campbell, meu Tenente — avisou McClure num murmúrio.

Moore voltou-se e viu a figura alta, envergando um kilt, do Capitão Archibald Campbell a aproximar-se, vindo de norte. Campbell, um escocês nortenho do 74.º, comandava todos os piquetes que estavam na falésia.

— Moore — saudou ele o Tenente, — acho que os lanques planeiam estorvar-nos.

— Vieram para isso mesmo, meu Capitão — replicou Moore alegremente.

Campbell pestanejou ao olhar para o jovem, como se suspeitasse estar a ser alvo de tróça. Retraiu-se quando o canhão mais próximo recuou, e o som dele ribombou por entre as árvores. As cordas de amortecimento dos três canhões tinham sido amarradas a pinheiros, pelo que cada tiro provocava uma chuva de agulhas e pinhas.

— Venha ver — ordenou Campbell, e Moore seguiu o esguio escocês das Terras Altas através do cume da falésia até um sítio onde uma abertura entre as árvores possibilitava a visão da ampla baía.

Os navios de transporte do inimigo estavam ancorados na baía, cujas águas estavam a ser varridas por rabanadas de vento, que levantavam ondas. O grupo de navios estava bem longe do alcance de qualquer canhão que McLean pudesse ter posicionado no cimo da falésia.

– Está a ver? – disse Campbell, apontando para a frota, e Moore, fazendo sombra nos olhos contra o Sol poente, viu escaleres aninhados junto dos cascos dos navios de transporte.

Moore tirou um pequeno óculo do bolso e alongou os seus elementos. Demorou um instante a adaptar e ajustar a lente, depois viu homens de casaca verde a descerem para um dos escaleres.

– Creio – disse ele, ainda com os olhos naquela visão – que planeiam pôr-nos em xeque.

– Não tenho óculo – disse Campbell, com ressentimento.

Moore aproveitou a deixa e ofereceu o óculo ao Capitão, que levou uma eternidade a ajustar as lentes. Campbell, tal como Moore, viu os homens a encherem os pequenos barcos. Viu, também, que transportavam mosquetes com eles.

– Acha que nos vão atacar? – perguntou ele, parecendo surpreendido perante um tal pensamento.

– Acho que o melhor é assumirmos que sim – sugeriu Moore. Era possível que os homens estivessem a ser redistribuídos pelos navios de transporte, mas porquê fazer isso naquele momento? Parecia muito mais provável que os Americanos estivessem a planear um desembarque.

– Traga os seus homens para aqui – ordenou Campbell.

Os navios de guerra americanos estavam a disparar contra as corvetas de Mowat, embora o seu fogo fosse agora desconexo e nenhum deles, nem mesmo o Hazard, se aventurava a aproximar-se da boca do porto. Dois dos navios atacantes tinham já navegado para longe e lançado ferro. Moore levou os seus homens para se juntarem ao resto dos piquetes de Campbell, no momento em que os escaleres abandonaram o abrigo oferecido pelos cascos dos transportes e avançaram em direção à costa. O Sol estava agora muito baixo, fazendo resplandecer as casacas vermelhas por entre o arvoredado da falésia.

– Vêm aí! – disse o Capitão Campbell, parecendo espantado.

– Os mosquetes dos homens estão carregados, Sargento? – perguntou Moore a McClure.

– Sim, meu Tenente.

– Eles que não armem os mosquetes – ordenou Moore. Não queria tiros desperdiçados pelo descuido de alguém que carregasse acidentalmente no gatilho.

– Alferes Campbell, John Campbell! – gritou o Capitão Campbell. – Volte depressa para o forte e diga ao Brigadeiro que os cabros vêm aí!

O Alferes de kilt partiu e Moore observou os barcos que se aproximavam, notando que estavam a passar um mau bocado devido ao vento que se levantara. As ondas na baía eram curtas e fortes, batendo com força contra os grandes barcos a remos, e molhando remadores e passageiros.

– É melhor que McLean envie reforços – disse Campbell, nervosamente.

– Nós damos conta desses tipos – respondeu Moore, surpreendido pela sua própria confiança. Havia cerca de oitenta casacas vermelhas na falésia e o inimigo, supunha ele, deveria rondar pelo menos os duzentos homens, mas

esses duzentos tinham de escalar a falésia e os primeiros quinze ou vinte metros eram tão íngremes que nenhum homem poderia subi-los e usar um mosquete ao mesmo tempo. Depois disso, o declive era menos acentuado, mas continuava a ser escarpado, e os casacas vermelhas, posicionados no topo, poderiam apontar para os homens que, em baixo, se esforçavam para conseguir subir a encosta. Ouviu-se uma ultima rajada de tiros de canhão, vinda de sul, o seu eco atroou brevemente, e Moore, sem pedir ordens a Campbell, saltou alguns metros do declive para um sítio onde conseguia ver os atacantes mais nitidamente.

– Esperaremos pelos reforços do Brigadeiro – gritou Campbell, em tom de censura.

– Claro, meu Capitão – disse Moore, ocultando o desdém pelo escocês alto. Campbell enviara o Alferes ao forte, mas essa era uma viagem de mais de um quilómetro, através de vegetação emaranhada, e os reforços de McLean tinham de fazer o mesmo caminho. Quando chegassem, os lanques teriam desembarcado havia muito tempo. Se queriam barrar o caminho aos Americanos, teriam de ser os homens de Campbell a fazer esse trabalho, mas Moore pressentiu o nervosismo do seu comandante.

– Traga os homens para aqui, Sargento – gritou ele para McClure e, ignorando a questão lamurienta de Archibald Campbell sobre o que pensava ele que estava a fazer, conduziu McClure e os outros Hamilton para norte, pela aba da falésia. Estavam no lugar onde terminava a parte superior, menos íngreme, do declive, mesmo acima da parte mais íngreme da encosta, e Moore posicionou os seus homens de modo a que ficassem diretamente sobre a praia, para a qual os Americanos remavam. Sentia uma súbita excitação. Sonhara com a batalha durante tanto tempo e agora ela estava iminente, embora não fosse nada como nos seus sonhos. Nesses sonhos, ele aparecia num vasto campo aberto e o inimigo formava densas fileiras atrás dos seus estandartes, a cavalaria estava nos flancos, havia bandas a tocar, e Moore imaginara muitas vezes sobreviver às descargas do inimigo até dar ordens aos seus homens para ripostar, mas em vez disso arrastava-se por entre o arvoredo e observava uma flotilha de grandes lanchas a serem vigorosamente empurradas para terra.

Esses barcos estavam já próximos, a não mais de cento e cinquenta metros da praia estreita onde as pequenas ondas, agitadas pelo vento, rebentavam, brancas. Então, ouviu-se um canhão. Moore viu uma nuvem de fumo aparecer a meio de um dos navios de transporte e percebeu que fora disparado por um pequeno canhão a bordo desse navio. O disparo estalou ruidosamente por entre o arvoredo da falésia, espantando pássaros pelo céu anoitecido, e Moore pensou que aquele único tiro devia pressagiar um bombardeamento, mas nenhum outro tiro foi disparado. Em vez disso, surgiram duas bandeiras na verga do navio e os remos das lanchas subitamente pararam. Os barcos ficaram suspensos nas águas revoltas e depois começaram a virar. Estavam a voltar para trás.

– Deus os amaldiçoe – disse Moore. Observou os barcos a voltarem, com atrapalhação, e compreendeu que os Americanos tinham abandonado os seus

planos.

– Deem-lhes uma saraivada de tiros – ordenou ele a McClure. A distância era enorme, mas a frustração de Moore fervilhava.

– Fogo! – vociferou ele para o Sargento.

Os Hamilton armaram os mosquetes, apontaram, e descarregaram. O som rasgado dos mosquetes ressoou por entre as árvores. Moore estava de pé de um dos lados e estava seguro de que viu um homem, no escaler mais próximo, ser violentamente atirado para a frente.

– Cessar fogo! – gritou Campbell, zangado, do cume.

– Atingimos um homem – disse Moore para McClure.

– A sério? – disse o Sargento num tom cético.

– Um rebelde a menos, Sargento – disse Moore, – Deus amaldiçoe as suas almas desleais.

O vento levou o fúmo dos mosquetes para longe e o Sol, que ficara momentaneamente obscurecido pela nuvem que se formara acima da margem ocidental da baía, brilhou subitamente, resplandecente. Fez-se silêncio, só se ouvindo o sopro do vento e a rebentação das ondas.

Brados de aclamação ressoaram enquanto o Sol se punha. O Brigadeiro McLean conduziu os seus oficiais até à margem e ao longo da praia até um local mesmo por trás da bateria de Half Moon e ali, de modo a que fosse ouvido nas três corvetas da Marinha Real, dirigiu-lhes uma saudação. Para McLean, observando dos baixos parapeitos inacabados do Forte George, parecera que os Americanos tinham tentado entrar no porto, mas tinham sido rechaçados pelos canhões de Mowat, e, por isso, McLean quis agradecer à marinha. Os oficiais voltaram-se de frente para os navios, levantaram os chapéus e McLean comandou três sentidos hurras.

A bandeira da União flutuava ainda no cimo do Forte George.

– Um índio chamado John – disse Wadsworth.

– O que foi isso? Quem? – O General Lovell estivera a conversar em sussurro com o seu secretário e perdeu as palavras do segundo homem do comando.

– O homem que morreu, meu General. Era um índio chamado John.

– E nesse momento havia quarenta – disse um homem do limiar da camarinha.

– Então, não foi nenhum dos nossos – disse Saltonstall.

– Um homem de coragem – disse Wadsworth, franzindo o sobrolho a ambos os comentários. O índio fora atingido por uma bala de mosquete ao princípio da noite do dia anterior, logo depois de os barcos de assalto se terem afastado da praia. Uma pequena saraivada de tiros de mosquete estalara, vinda do arvoredo da falésia, e, apesar de a distância estar longe de permitir precisão de tiro, a bala britânica atingira o índio no peito, matando-o em poucos segundos. Wadsworth, a bordo da Sally, vira os sobreviventes embarcarem, com as casacas salpicadas do sangue de John.

– Por que razão desistimos do desembarque de ontem à noite? – perguntou Saltonstall, em tom severo. O Comodoro inclinara a cadeira para trás, de modo que olhava para os oficiais de cima do seu longo nariz.

– O vento estava demasiado forte – explicou Lovell – e compreendemos que

iríamos ter dificuldade em fazer regressar os barcos até aos navios de transporte para embarcar a segunda divisão.

Os chefes da expedição estavam reunidos em Conselho de Guerra na camarinha do Comodoro, a bordo da Warren. Estavam apinhados em volta da mesa vinte e um homens, doze dos quais eram comandantes de navios de guerra e os restantes eram majores e coronéis da milícia. Era segunda-feira de manhã, o vento amainara, não havia nevoeiro e o céu estava limpo e azul na baía de Penobscot.

– A questão – disse Lovell, batendo com um longo dedo na mesa polida do Comodoro para abrir os trabalhos – é saber se deveremos, hoje, exercer toda a nossa força contra o inimigo.

– Que outra coisa se pode fazer? – perguntou o Capitão Hallet, que comandava o brigantino Active, da marinha do Massachusetts.

– Se é para atacar os navios inimigos – sugeriu Lovell timidamente – e para desembarcar os homens, acho que Deus favorecerá os nossos esforços.

– Certamente o fará – disse o Reverendo Murray com confiança.

– Querem que eu entre no porto? – perguntou Saltonstall, alarmado.

– E se for necessário destruir os navios inimigos? – respondeu Lovell com uma pergunta.

– Deixe-me recordar-lhe – o Comodoro deixou a cadeira tombar para a frente com estrondo – que o inimigo apresenta uma linha de peças apoiadas por baterias e sob a artilharia de uma fortaleza. Levar navios para aquele maldito buraco sem qualquer reconhecimento seria o cúmulo da loucura.

– Uma loucura que combateria – murmurou alguém da parte de trás da camarinha, e Saltonstall fitou os oficiais presentes, mas não fez qualquer comentário.

– Está talvez a insinuar que não fizemos um suficiente reconhecimento? – continuou Lovell a responder com perguntas.

– Não fizemos – disse Saltonstall, com firmeza.

– Ainda assim, sabemos onde estão situadas as armas do inimigo – disse Wadsworth, com idêntica firmeza.

Saltonstall fitou o jovem Brigadeiro.

– Levo a minha frota para aquele maldito buraco – disse ele – e vou enredar-me com aqueles malditos navios e tudo o que vão obter é confusão e destroços, talvez em chamas, e durante todo esse tempo o maldito inimigo vai massacrar-nos com fogo das baterias de campanha. Deseja explicar ao Conselho da Marinha que perdi uma preciosa fragata por insistência da Milícia do Massachusetts?

– Deus velará por si – garantiu o Reverendo Murray ao Comodoro.

– Deus, caro pastor, não pertence à guarnição das peças! – rosnou Saltonstall ao sacerdote.

– Gostaria que pertencesse, mas o que temos é um grupo de homens sob pressão! Metade dos cabrões nunca viu disparar um canhão!

– Não nos exaltemos – apressou-se Lovell a intervir.

– Ajudaria, Comodoro, se a bateria de Cross Island fosse removida? – perguntou Wadsworth.

– A sua remoção é essencial – disse Saltonstall.

Lovell olhou desamparadamente para Wadsworth, que começou a pensar que tropas poderiam utilizar para o ataque à ilha, mas o Capitão Welch interveio.

– Nós conseguimos fazer isso, meu General – disse, com segurança, o fuzileiro enorme.

Lovell sorriu de alívio.

– Então parece que temos um plano de ação, meus senhores – disse ele, e decidiram que sim. Levou uma hora de discussões a decidir os pormenores do plano, mas quando a hora chegou ao fim, fora decidido que o Capitão Welch chefiaria mais de duzentos fuzileiros no ataque à bateria britânica de Cross Island e, enquanto essa operação estava a ser levada a cabo, os navios manteriam as três corvetas ocupadas, de modo a que as suas armas não fossem apontadas aos homens de Welch. Ao mesmo tempo, para impedir os Britânicos de enviarem reforços para sul, através do porto, o General Lovell lançaria um outro ataque à península. Lovell pôs o plano à votação do Conselho e foi recompensado com a aprovação unânime.

– Estou confiante – disse Lovell alegremente, – absolutamente confiante de que Deus Todo-Poderoso fará recair as suas bênçãos nas diligências deste dia.

– Ámen – disse o Reverendo Murray – e ámen.

O Capitão Michael Fielding procurou o General McLean pouco depois de amanhecer. O General estava sentado à luz do recém-aparecido Sol, no exterior do grande armazém que acabara de ser terminado dentro do forte. Um criado barbeava McLean, que sorriu com pesar a Fielding.

– Fazer a barba é difícil com o braço direito aleijado – explicou o General.

– Levante o queixo, meu General – disse o criado, e durante um momento ninguém disse nada, enquanto a lâmina raspava o pescoço do General.

– Que tem em mente, Capitão? – perguntou McLean enquanto a lâmina era limpa.

– Um abatisti, meu General.

– Excelente coisa para ter em mente – disse McLean alegremente, depois ficou de novo silencioso enquanto o criado lhe limpava a cara com uma toalha.

– Obrigado, Laird – disse ele quando o pano à volta do pescoço foi retirado.

– Já tomou o pequeno-almoço, Capitão?

– A magra ração dos soldados, meu General.

McLean sorriu.

– Disseram-me que as galinhas começaram a pôr ovos. Não vos podemos deixar morrer à fome. Laird? Sê um bom companheiro e vê se Graham consegue desencantar uns ovos escalfados.

– Imediatamente, meu General – o criado juntou a taça, a toalha, a navalha e o instrumento de afiar – e café, meu General?

– Promovo-te a Coronel se conseguires arranjar-me um café, Laird.

– Promoveu-me ontem a general, meu General – disse Laird, com um grande sorriso.

– Promovi? Então dá-me razões para te conservar nesse altíssimo posto.

– Vou fazer o possível, meu General.

McLean conduziu Fielding ao parapeito ocidental do forte que ficava virado para a falésia de arvoredos denso. Era ridículo chamar-lhe parapeito, pois estava ainda inacabado e um homem ginasticado poderia facilmente saltar-lhe por cima. Os homens de McLean tinham começado a trabalhar durante a madrugada para elevar a muralha, mas o General sabia que precisaria de mais uma semana de trabalho ininterrupto apenas para fazer os parapeitos suficientemente altos para dissuadir um ataque. Serviu-se da vara para conseguir subir o monte de troncos e terra batida que constituíam o parapeito e olhou para o porto, para além da flotilha de Mowat, para o local da baía onde os navios inimigos estavam ancorados.

– Não está nevoeiro esta manhã, Capitão.

– Nenhum.

– Deus sorri-nos, hein?

– Ele é inglês, meu General, lembre-se disso – sugeriu Fielding com um sorriso. O Capitão Michael Fielding, um homem da artilharia com uma casaca azul-escura, também era inglês. Tinha trinta anos de idade, cabelo claro, olhos azuis e era incrivelmente elegante, parecendo que estaria muito mais à vontade num salão de Londres do que naquele território selvagem americano. Constituía a sùmula do tipo de inglês de que McLean instintivamente não gostava. Era demasiado langoroso, demasiado superior e demasiado bonito, mas, para espanto de McLean, o Capitão Fielding era também eficaz, cooperativo e inteligente. Chefiava cinquenta artilheiros e tinha sob o seu comando um estranho sortido de canhões: dos de três aos de seis quilos, alguns em carretas de campanha, uns quantos em reparos fixos e o resto em reparos navais. Os canhões tinham sido recuperados da sucata de Halifax para fazer baterias improvisadas, e, então, McLean pensou como tudo naquela expedição era improvisado. Não havia homens, navios, ou canhões suficientes.

– Sim – disse McLean avidamente, – gostaria de um abatis.

– Se me puder emprestar quarenta homens, meu General – sugeriu Fielding. McLean pensou no pedido. Tinha quase duzentos homens espalhados por uma linha de piquetes, de guarda àqueles locais onde os lanques poderiam tentar desembarcar. Considerou que a aproximação que o inimigo fizera à falésia na noite anterior fora apenas uma manobra de diversão. Queriam que ele pensasse que atacariam o extremo ocidental da península, mas estava certo de que optariam pelo porto ou pelo gargalo de terra, e este último era de longe o local mais provável. Apesar disso, tinha de guardar todos os locais de desembarque possíveis, e os piquetes de vigilância consumiam quase um terço dos seus homens. O resto estava a trabalhar para aprofundar o fosso e levantar as muralhas do forte, mas se acedesse ao pedido de Fielding, teria de destacar alguns desses homens, o que significava um avanço mais lento dos parapeitos vitais. Ainda assim, o abatis era uma boa ideia.

– Quarenta homens chegam?

– Precisaremos também de uma junta de bois, meu General.

– Pois precisarão – disse McLean, mas as juntas de bois estavam ocupadas a

levar material da praia, onde a maior parte das armas de Fielding ainda estavam.

McLean olhou para os bastiões simétricos que ladeavam a muralha ocidental do forte. Até àquele momento, ele só tinha dois canhões posicionados, o que constituía uma defesa insignificante. Seria bastante fácil levar mais canhões para o forte, mas a muralha estava agora à altura em que esses canhões precisavam de plataformas, e para fazer plataformas eram necessários tempo e homens.

– Onde colocaria o abatis? – perguntou ele.

Fielding acenou para oeste.

– Cobriria a aproximação por esse lado, meu General, e pelo lado norte.

– Sim – anuiu McLean. Um abatis que rodeasse os lados oeste e norte do forte obstruiria qualquer ataque ianque, tanto da falésia como do gargalo de terra.

– A maior parte da madeira já está cortada, meu General – disse Fielding, na tentativa de persuadir McLean.

– Pois está, pois está – disse McLean, distraidamente. Chamou o inglês para fora da muralha e atravessaram o fosso para que não pudessem ser ouvidos pelos homens que colocavam troncos em cima do parapeito.

– Deixe-me ser franco consigo, Capitão – disse McLean, com ar pesado.

– Com certeza, meu General.

– Há milhares destes rebeldes cabrões. Se vierem, e não de vir, tenho de assumir que seremos atacados por dois ou três mil. Sabe o que isto significa?

Fielding ficou em silêncio durante uns segundos, depois assentiu.

– Sei sim, meu General.

– Já vi muita guerra – disse McLean, pesarosamente.

– Quer dizer, meu General, que não conseguimos aguentar três mil homens?

– Oh, claro que aguentamos, Capitão. Podemos esmurrar-lhes os narizes, bem esmurrados, mas conseguiremos derrotá-los? – McLean voltou e fez um gesto em direção à muralha meio acabada.

– Se esse parapeito tivesse três metros de altura, poderia morrer de velho dentro do forte, e se tivéssemos uma dúzia de canhões lá montados, atrevo-me a dizer que poderíamos derrotar dez mil homens. Mas se eles vierem hoje? Ou amanhã?

– Correm connosco, meu General.

– Sim, não de correr. E não é cobardia falar assim, Capitão.

Fielding sorriu.

– Ninguém, meu General, pode acusar o General McLean de cobardia.

– Agradeço-lhe, Capitão – disse McLean, e depois olhou para oeste em direção à elevação de terreno. A crista elevava-se suavemente, cheia de troncos de árvores abatidas.

– Estou a ser sincero consigo, Capitão – continuou ele.

– O inimigo vai vir, e nós vamos desafiá-lo, mas não quero que haja aqui um massacre. Já vi isso acontecer. Já vi homens enraivecidos pela fúria e vi-os massacrar uma guarnição, e não vim para aqui para atirar bons jovens escoceses para uma sepultura prematura.

– Compreendo o que diz, meu General – disse Fielding.

– Espero que sim.

–McLean virou-se para olhar para norte, para onde o terreno limpo descia para o arvoredor que ocultava o largo gargalo. Era dali que ele pensava que o inimigo surgiria.

–Cumpriremos o nosso dever, Capitão – disse ele – mas não lutarei até ao último homem a menos que veja uma hipótese de derrotar aqueles patifes. Já há suficientes mães escocesas que perderam os seus filhos.

–Fez uma pausa, e depois fez um sorriso ao oficial de artilharia.

–Mas também não me renderei facilmente, por isso, eis o que faremos. Faça o seu abatis. Comece do lado norte, Capitão. Quantos canhões de campanha tem?

– Três com balas de quatro quilos, meu General.

– Coloque-os fora do forte, no canto nordeste. Tem lanternetas?

– Muitas, meu General, e o Capitão Mowat enviou algumas pirâmides.

– Muito bem. Então, se o inimigo vier por norte, o que eu acho que acontecerá, pode dar-lhes umas calorosas boas-vindas.

– E se vierem por ali, meu General? – perguntou Fielding, apontando para a alta falésia, a oeste.

– Perdemos a jogada – admitiu McLean. Esperava ter avaliado bem o inglês alto. Um homem tolo poderia interpretar a conversa como cobardia, até mesmo como uma cobardia que significasse traição, mas McLean considerava que Fielding era suficientemente subtil e sensível para compreender o que acabara de dizer. O Brigadeiro Francis McLean vira guerra que bastasse para saber quando era inútil combater, e não queria centenas de mortes desnecessárias na sua consciência, mas não queria também entregar uma vitória fácil aos rebeldes. Lutaria, cumpriria o seu dever, e terminaria o combate quando visse que a derrota era inevitável. McLean virou-se de novo para o forte, e depois lembrou-se subitamente de um assunto que necessitava de ser falado.

–Os seus malandros têm andado a roubar batatas da horta do Doutor Calef?

– Que eu saiba, não, meu General.

– Bem, alguém o tem feito, e o Doutor não está contente!

– Não é cedo para batatas, meu General?

– Isso não faz com que parem! E certamente sabem bastante bem, por isso diga aos seus camaradas que o próximo tipo que for apanhado a roubar as batatas do Doutor Calef será chicoteado. Batatas, ou quaisquer outros vegetais. Credo, os soldados fazem-me desanimar. Se marchar com eles até ao Paraíso, roubarão todas as harpas.

–McLean indicou o forte com um gesto.

–Agora, vejamos se os ovos estão prontos.

Havia uma hipótese, pensava McLean, apenas uma pequena hipótese de que o ataque rebelde pudesse ser rechaçado e o abatis que Fielding propusera aumentava um pouco essa hipótese. Um abatis era apenas um tosco obstáculo de madeira; uma linha de ramos grandes e troncos por descascar. Um abatis poderia não impedir um assalto inimigo, mas torná-lo-ia mais lento, pois os homens teriam de procurar um ponto por onde passar pelo

emaranhado de troncos e, quando os lanques se aglomerassem atrás da teia de ramos, os canhões de Fielding poderiam atingi-los com metralha, como se disparassem espingardas gigantescas. McLean colocaria os três canhões no seu flanco direito para que, quando o inimigo chegasse a campo aberto, no final do abatis, avançasse direito ao fogo dos canhões, e a tropa apeada, sem experiência de guerra, ficasse intimidada pelo fogo concentrado da artilharia. Havia a possibilidade, apenas a possibilidade, de que o abatis desse aos canhões tempo suficiente para persuadirem o inimigo a não apro-fundar muito o ataque. Era uma possibilidade ínfima, mas se os lanques viessem de oeste, da falésia, então McLean achava que não havia nenhuma possibilidade. Pura e simplesmente, não dispunha de artilharia suficiente e, neste caso, recebê-los com os tiros dos dois canhões colocados nas defesas ocidentais e, depois, submeter-se-ia ao inevitável.

Laird escalfara os ovos, que esperavam sobre uma mesa posta ao ar livre.

– E tem batatas fritas, meu General – disse ele alegremente.

– Batatas, Laird?

– Batatas novas e pequenas, meu General, frescas como margaridas.

E café, meu General.

– És um patife, Laird, és um maldito patife sem princípios.

– Sim, meu General, sou, meu General, e obrigado, meu General.

McLean sentou-se para o pequeno-almoço. Levantou os olhos para a bandeira que esvoaçava, brilhante à luz do novo dia, e perguntou-se que bandeira flutuaria ali quando o Sol se pusesse.

– Temos de fazer o nosso melhor – disse ele a Fielding – e isso é tudo o que podemos fazer. O nosso melhor.

Os fuzileiros estariam ocupados no ataque a Cross Island, o que significava que o General Wadsworth não os poderia utilizar no assalto à falésia.

– Isso não é muito significativo, na realidade – declarou o General Lovell.

– Estou certo de que os fuzileiros são tipos excelentes – dissera ele a Wadsworth – mas, nós, homens do Massachusetts, temos de fazer o trabalho! E conseguiremos fazer o trabalho, pela minha saúde, conseguiremos!

– Sob a sua inspirada chefia – soou a voz do Reverendo Murray.

– Sob a chefia de Deus – disse, em tom de censura, Lovell.

– O bom Deus escolhe os Seus instrumentos – disse Murray.

– Mas esta será a vitória apenas da milícia – dissera Lovell a Wadsworth.

E Wadsworth pensou que talvez Lovell tivesse razão. Teve essa esperança, estando no convés da popa da corveta Bethaiah e ouvindo o Major Daniel Littlefield falar aos homens da Milícia do Condado de York.

– Os casacas vermelhas são apenas rapazes! – disse Littlefield aos seus homens.

– E não estão treinados para combaterem do modo como nós combatemos. Lembram-se de todas aquelas noites que passaram no campo de treinos? Alguns de vós queixaram-se disso, teriam gostado mais de estar a beber a cerveja de abeto de Ichibod Flander, mas agradecer-me-ão quando desembarcarem. Vocês têm treino! E são melhores do que qualquer maldito casaca vermelha! Eles não são tão hábeis e não têm tanta pontaria como vós,

e estão com medo! Lembrem-se disso! São rapazinhos assustados, longe de casa.

—Littlefield sorriu para os seus homens, depois indicou um gigante barbado que estava acororado na primeira fila das tropas reunidas.

—Isaac Whitney, diz-me isto. Porque é que os soldados britânicos se vestem de vermelho?

Whitney franziu o cenho.

— Talvez para que o sangue não se veja?

— Não! — gritou Littlefield.

—Eles vestem-se de vermelho para serem alvos fáceis! — Os homens riram-se.

—E vocês são todos bons atiradores

— continuou Littlefield — e hoje vão disparar pela liberdade, pelos vossos lares, pelas vossas esposas, pelas vossas queridas, e para que nenhum de nós tenha de viver sob uma tirania estrangeira!

— Ámen a isso — disse um homem.

— Não mais impostos! — gritou outro homem.

— Ámen a isso! — disse Littlefield. O Capitão do Condado de York transpirava confiança, e Wadsworth, ao vê-lo e ouvi-lo, sentiu-se imensamente animado. A milícia estava sob pressão e demasiados de entre eles eram homens de barba grisalha ou, pelo contrário, quase nem homens ainda eram, e no entanto Daniel Littlefield conseguia inspirá-los.

— Vamos desembarcar — disse Littlefield — e temos de subir aquele declive íngreme como poucos. Estão a vê-lo, rapazes? — Ele apontou para a falésia.

—Será uma subida dura e difícil, mas vão estar entre as árvores. Os casacas vermelhas não vos conseguem ver por entre as árvores. Oh, claro que irão disparar, mas não farão pontaria, e vocês só têm de subir, rapazes. Se não souberem por onde ir, sigam-me. Eu estarei a ir direito lá acima e de lá vou enxotar alguns daqueles rapazes de casaca vermelha de volta a casa por cima do oceano. E lembrem-se

— fez uma pausa, olhando francamente para os seus homens, um a um,

— lembrem-se! Eles têm mais medo de vós do que vós tendes deles. Oh, eu sei que eles parecem muito bons e bonitos na parada, mas é quando está no meio do avoredo e as armas começam a falar que um soldado merece o seu pré, e nós somos melhores soldados. Estão a ouvir-me? Somos melhores soldados, e vamos dar-lhes um pontapé nos seus reais traseiros daqui até ao outro mundo! — Os homens aclamaram este sentimento. Littlefield esperou que a animação terminasse.

—Agora, rapazes, vão limpar as armas, olear os fechos e afiar as baionetas. Temos muito trabalho de Deus a fazer.

— Um belo discurso — felicitou Wadsworth o Major.

Littlefield sorriu.

— Um discurso de verdade, meu General.

— Nunca duvidei disso.

—Aqueles casacas vermelhas são apenas rapazes assustados — disse Littlefield, olhando na direção da falésia, para onde presumia que a infantaria britânica estivesse à espera entre as árvores.

—Nós exageramos o inimigo, meu General. Pensamos que, por usarem casacas vermelhas, devem ser ogres, mas são apenas rapazes. Marcham muito bem e sabem muito bem alinhar-se, mas isso não faz deles soldados! Vamos derrotá-los. O senhor esteve em Lexington, não foi?

— Estive.

— Então viu como os casacas vermelhas corriam!

— Vi-os bater em retirada, sim.

— Oh, não nego que sejam disciplinados, meu General, mas ainda assim fê-los recuarem. Não foram treinados para este tipo de combate. Foram treinados para grandes batalhas em campo aberto, não para serem mortos por entre a vegetação, por isso não tenha dúvidas, meu General. Vamos vencer.

E o Major estava certo, refletiu Wadsworth, os casacas vermelhas eram treinados para grandes batalhas, onde os homens eram obrigados a ficar de pé em campo aberto e a trocar descargas de mosquete. Wadsworth vira isso em Long Island e admirara, com relutância, a disciplina de ferro do inimigo, mas ali? Ali, entre o arvoredo escuro de Majabigwaduce? A disciplina seria certamente minada pelo medo.

A bateria britânica no cimo da falésia retumbava e fumejava. Não era visível da Bethaiah devido ao facto de os Britânicos a terem posicionado de modo a disparar para sul, para a entrada do porto, e não tanto para oeste, para os transportes ancorados. Os canhões disparavam na direção do Hampden, que estava de novo a bombardear as corvetas britânicas. O Tyrannicideo Black Prince navegavam por trás do navio de New Hampshire, com a tarefa de distrair os Britânicos e manter os fuzileiros a bordo das corvetas. Wadsworth perguntou-se até que ponto as armas, nas alturas de Dyces Head, estariam bem protegidas.

— A sua missão — disse ele a Littlefield — é apenas a de ameaçar o inimigo. Compreende?

— Uma demonstração, meu General, para dissuadir o inimigo de enviar reforços para Cross Island?

— Exatamente.

— Mas e se vislumbrarmos uma oportunidade? — perguntou Littlefield com um sorriso.

— Seria decerto uma bênção para o Comodoro se conseguíssemos destruir aqueles canhões — disse Wadsworth, indicando com a cabeça a névoa de fumo de pólvora que pairava em volta da falésia.

— Não prometo, meu General — disse Littlefield, — mas acho que os homens se sentirão melhor com a boa terra de Deus debaixo dos pés. Deixe-me cheirar o inimigo, meu General. Se forem poucos, vamos fazer com que fiquem ainda menos.

— Mas sem riscos desnecessários, Major — disse severamente Wadsworth.

— Não o quero perder esta noite!

— Oh, não me vai perder! — disse Littlefield, divertido.

— Tenho intenção de ver o último casaca vermelha abandonar a América e vou ajudá-lo, dando-lhe com uma bota no real traseiro.

—Virou-se para os seus homens.

– Muito bem, seus patifes! Para os barcos! Temos casacas vermelhas para matar!

– Tenha cuidado, Major – disse Wadsworth, e imediatamente se arrependeu daquelas palavras, porque lhe soaram fracas aos seus ouvidos.

– Não se preocupe, meu General – disse Littlefield, – vamos vencer!
E Wadsworth acreditou nele.

Nessa tarde, quando os navios americanos se aproximaram de novo da boca do porto e abriram fogo contra as três embarcações britânicas, o Capitão Welch, dos fuzileiros, estava a bordo da corveta continental, a Providence, que comandava os dois brigues da marinha do Massachusetts, o Palias e o Defence. O vento era fraco e os três pequenos navios seguiam todos movidos a remos.

– Chamamos a isto vento de freixo – disse Hoysteed Hacker, o comandante da Providence, a Welch.

Os remos de freixo eram monstruosamente compridos e difíceis de puxar, mas os tripulantes trabalhavam com entusiasmo para levar a corveta para sul, contra a maré enchente. Remavam na direção do canal que passava a sul de Cross Island.

– Existe um rochedo bem no maldito centro do canal – disse Hacker

– e ninguém sabe qual a fundura a que está. Mas a maré vai ajudar-nos assim que entrarmos no canal.

Welch assentiu, mas não disse nada. Olhava para trás, para norte. Os navios americanos estavam de novo a bombardear as três corvetas britânicas, que agora ripostavam, tornando os cascos brancos com o fumo cinzen-to-claro. Mais fumo envolvia a parte norte de Cross Island, de onde a bateria britânica atirava contra os atacantes americanos. Mais para norte, Welch via os escaleres a afastarem-se dos navios de transporte. Ótimo. Os Britânicos deveriam saber a razão de a Providence, o Palias e o Defence estarem a rodear Cross Island, mas não ousariam enviar reforços através do porto, pelo menos enquanto houvesse a ameaça de um ataque em força à falésia.

– Desembarcaremos em breve – rosou Welch para os seus homens, quando os remadores viraram a corveta em direção ao estreito canal, – fixamos as baionetas e vamos rapidamente! Percebem? Vamos rapidamente!

Porém, nesse mesmo momento, ouviu-se um rangido no fundo do casco da Providence e a corveta foi sacudida, estacando instantaneamente.

– Rocha – explicou laconicamente Hoysteed Hacker.

E, assim, os fuzileiros, mais de duzentos, não poderiam andar rapidamente pois teriam de esperar até que a maré libertasse o casco da Providence da rocha submersa. Welch fenda. Queria matar, queria lutar, e, em vez disso, estava encahalado no canal e a única coisa que agora conseguia ver era a corcova arborizada de Cross Island e um fumo que tirava a cor ao céu acima dela.

– Maldição! – explodiu Welch.

– A maré está a encher – disse Hoysteed Hacker. Era um homem grande, tão alto quanto Welch, cujos largos ombros repuxavam as costuras do seu uniforme. Tinha um rosto grave, grossos sobrolhos e um queixo quadrado, com uma cicatriz irregular do lado esquerdo da face. A cicatriz fora causada

por um arpão de abordagem lançado por um marinheiro britânico contra o HMS Diligent, o brigue que Hacker capturara. O marinheiro morreria, trespassado pelo pesado sabre de Hacker, e o Diligent estava agora ancorado na baía de Penobscot e ostentava o estandarte da marinha continental. Hoysteed Hacker não ficaria intimidado pela impaciência de Welch.

– Não é possível apressar a maré – disse ele.

– Quanto tempo, por amor de Deus?

– O tempo que levar.

Tiveram de esperar meia hora, mas por fim a quilha da Providence libertou-se da rocha submersa e a corveta foi remada até uma pequena praia pedregosa. A proa tocou a terra e o vento fraco susteve-a ali. Os dois brigues mais pequenos atracaram um de cada lado e os fuzileiros de casaca verde saltaram para a água e caminharam com dificuldade para terra, transportando caixas com cartuchos e mosquetes acima das cabeças. Welch comandava uma companhia enquanto o Capitão Davis, que continuava a envergar a casaca azul da marinha continental e não a verde, dos fuzileiros, comandava a outra.

– Vamos – disse Welch.

Os fuzileiros fixaram as baionetas. As árvores abafaram o som dos canhões da bateria, apenas a uns trezentos metros para norte. Os Britânicos tinham colocado sentinelas do lado sul da ilha, mas Welch sabia que eles teriam visto os mastros acima das árvores e calculou que estariam a virar um canhão para enfrentar o ataque anunciado.

– É para andar rápido! – gritou Welch, liderando o grupo.

Duzentos e vinte fuzileiros introduziram-se no meio do arvoredor.

Avançaram irregularmente, com as baionetas a brilharem no Sol baixo que faiscava por entre os grossos pinheiros. Treparam pelo declive da ilha, dobraram o cume, e ali, abaixo deles, apenas visível por entre os troncos grossos, estava um pequeno acampamento na praia. Havia quatro tendas, um pau de bandeira, e a bateria, onde se podiam ver casacas vermelhas e azuis; Welch, vendo o inimigo tão perto, sentiu o instinto da batalha subir por ele, uma raiva alimentada pelo seu ódio aos Britânicos. Não havia nenhum canhão voltado para ele. O amaldiçoado inimigo continuava a disparar contra os navios americanos. Dar-lhes-ia uma lição sobre como matar Americanos! Fez deslizar o sabre ao longo da bainha, soltou um grito de guerra e liderou a carga pela colina abaixo.

Vinte e dois artilheiros constituíam a guarnição da bateria e vinte fuzileiros faziam a guarda. Ouviram os fuzileiros inimigos gritarem, viram a luz do Sol refletida nas suas longas lâminas, e fugiram. Tinham escaleres na praia, perto da bateria, e abandonaram as armas, abandonaram tudo, e correram velozmente para os barcos. Empurraram os três barcos pelo cascalho e subiram a bordo no exato momento em que os fuzileiros americanos surgiam do meio das árvores. Um dos barcos era lento. Flutuava, mas quando os dois homens que manejavam os remos tombaram sobre a borda, o barco voltou a ficar preso. Um sargento artilheiro empurrou de novo a proa, e ouviu-se uma voz de aviso quando um enorme fuzileiro penetrou na água pouco profunda. O sargento voltou a tentar soltar a proa, mas a sua casaca foi agarrada e ele

voou, atirado para trás, em direção à praia. O escaler ficou livre e os seus remadores puxaram desesperadamente, virando-o e tentando levá-lo em direção à Nautilus, a corveta britânica mais próxima. Os fuzileiros de uniforme verde dispararam contra os remadores. Balas de mosquete embateram na amurada e um remador soltou o cabo do seu remo para agarrar com a mão o braço subitamente brilhante de sangue, e depois uma descarga de mosquete soou do castelo de vante da Nautilus e as balas assobiaram junto das cabeças dos fuzileiros.

O sargento de artilharia, de casaca azul, deu um soco a Welch que lhe bloqueou o punho com a mão esquerda e, enraivecido, deu um golpe de sabre no pescoço do sargento. Welch viu a lâmina penetrar e o sangue esguichar. Welch continuava a gritar. A sua visão ficou raiada de vermelho enquanto agarrava o cabelo do homem ferido e o puxava de encontro à lâmina recém-afiada, e agora havia ainda mais sangue a jorrar, e o sargento fazia um ruído sufocado, gorgolejante, e Welch, em cujo uniforme verde se viam manchas escuras com salpicos de sangue britânico, resmungava enquanto tentava que a lâmina penetrasse mais profundamente. A maré diluía o sangue e, depois, o sargento caiu e a água pouco profunda turvou-se em volta do seu corpo tremendo. Welch pôs uma bota sobre a cabeça do homem e forçou-a a ficar debaixo de água. Manteve assim o homem moribundo até o seu corpo ficar imóvel.

Mais mosquetes foram disparados da Nautilus, embora os Fuzileiros Reais que estavam no castelo de vante da corveta estivessem a disparar a grande distância e nenhum dos Americanos na praia de Cross Island foi atingido. O costado da Nautilus estava voltado a ocidente e nenhuma arma poderia ser virada para a praia, por isso, os fuzileiros optaram por fazer tiro de mosquete. – Para a bateria! – gritou o Capitão Davis. A bateria capturada estava voltada para noroeste e estava protegida da Nautilus por uma pequena elevação de terra e pedras, pelo que os rebeldes estavam a salvo se estivessem metidos na trincheira até à altura do peito. Encontraram quatro canhões naquela posição. Dois deles ainda tinham o cano demasiado quente de terem estado a disparar contra os navios americanos, mas o outro par tinha ainda de ser montado nos reparos, que permaneciam abandonados junto de um buraco que fora escavado para funcionar como paiol.

O Capitão Davis passou um dedo pelo desenho da insígnia real gravado num dos canos por montar e pensou que era simpático da parte do Rei George fornecer armas à luta pela liberdade. Os homens saquearam as tendas. Havia mantas, facas com cabo de osso, um fragmento de espelho e um estojo cor de avelã que continha três navalhas de barbear com cabo de marfim. Havia uma Bíblia, evidentemente muito usada, dois baralhos de cartas e um conjunto de dados trabalhados. Havia um barril aberto de carne de porco seca, uma caixa de biscoitos e dois pequenos barris de rum. Ao lado das armas, estavam os maços e os espigões, que poderiam ter sido usados para inutilizar os canhões, mas a rapidez do ataque fizera com que os Britânicos fugissem antes de poderem meter os espigões no orifício por onde se colocava a pólvora. A bandeira britânica ainda estava içada. Welch arriou-a e, pela primeira vez

nesse dia, um sorriso desenhou-se no seu rosto manchado de sangue. Dobrou cuidadosamente a bandeira e depois acenou a um dos seus sargentos.

– Leva este trapo para a Providence – ordenou ele – e pergunta ao Capitão Hacker pelo empréstimo de um barco e tripulação. Ele está à espera da pergunta. Depois leva a bandeira ao General Lovell.

– Ao General Lovell? – perguntou o Sargento, surpreendido.

– Não ao Comodoro, meu Capitão?

Era o Comodoro Saltonstall quem comandava os fuzileiros, não o Brigadeiro.

– Leva-a ao General Lovell – disse Welch.

– Aquela bandeira – e apontou para a elevação rochosa onde, à luz do entardecer, se via a bandeira içada sobre o Forte George, – aquela bandeira será para os fuzileiros.

– Baixou os olhos para as pregas do pano comido pelo sol que segurava nas suas grandes mãos, e, então, com um estremecimento, cuspiu-lhe em cima.

– Diz ao General Lovell que isto é um presente.

– Lançou a bandeira para as mãos do Sargento.

– Percebeste? Diz-lhe que é um presente dos fuzileiros.

Porque Welch achava que o Brigadeiro-General Maldito Fosse Solomon Lovell precisava de saber quem ia vencer aquela campanha. Não era a milícia de Lovell, mas os fuzileiros. Os fuzileiros, os melhores, os vencedores. E Welch conduzi-los-ia à vitória.

De uma Petição assinada por trinta e dois oficiais pertencentes aos navios de guerra americanos na baía de Penobscot e enviada ao Comodoro Sal-tonstall, a 27 de julho de 1779:

Ao Excelentíssimo Comodoro e Comandante em Chefe da Frota. .. nós que vos dirigimos esta petição fortemente Impressionados com a importância da Expedição e que sinceramente desejamos prestar ao nosso País todos os Serviços ao nosso alcance Queremos transmitir a vossa Excelência que os mais rápidos Esforços deverão ser usados para Realizar o desígnio a que nos propusemos. Pensamos que Atrasos no presente Caso são extremamente perigosos: dado que os nossos Inimigos diariamente se Fortificam e Fortalecem... Não é nossa intenção Aconselhar ou Censurar a sua Conduta anterior, Mas queremos apenas expressar o nosso desejo de aproveitar a presente Oportunidade de entrar Imediatamente no Porto, e Atacar os Navios Inimigos.

1779:

O nosso inimigo pensou que a noite era a altura mais Favorável para invadir Acampamentos... e Nenhuns estão mais prontos para tirar proveito dessa Vantagem do que os súbditos de sua majestade agora em Rebelião, que em campo Aberto tremeriam diante de um soldado Britânico.

Do livro de ordens do General Lovell, 24 de julho de 1779, Quartel-General a bordo do Transporte Sally:

Os oficiais verificarão cuidadosamente que todos os homens estão completamente Equipados com Armas e Munições e que têm o que beber nos seus Cantis e um bocado de pão nos Bolsos... o General ficará lisonjeado se surgir uma Oportunidade em que contará com os maiores Esforços de todos os Oficiais e Soldados não só para manter, mas para acrescentar novo Brilho à Fama da Milícia do Massachusetts.

¹Obstáculo de natureza militar composto de ramos e troncos de árvore, dispostos de forma adequada. [N.T.]

A luz do dia estava a desaparecer. O céu brilhava, vermelho, a oeste, e a sua luz refletia-se na pálida ondulação incessante da baía. Os navios rebeldes tinham estado a disparar contra as três corvetas britânicas, mas, tal como no dia anterior, nenhum tentara furar a linha de Mowat e, assim, entrar no porto. Disparavam de uma certa distância, fazendo pontaria à nuvem avermelhada de fumo da pólvora, que atravessava os mastros, envolvendo os navios reais.

Uma aclamação elevou-se dos navios rebeldes quando viram a bandeira tomada em Cross Island. Os Britânicos tinham perdido a bateria virada a sul da entrada do porto e os Americanos poderiam agora fazer ali a sua própria bateria, uma bateria que estaria próxima da linha de Mowat e poderia massacrar implacavelmente os seus três navios. Cross Island, o baluarte sul do porto, fora capturado e, à medida que o Sol derramava um fogo escarlate no ocaso e os navios rebeldes ainda atiravam na direção das corvetas distantes, a milícia do Major Littlefield era levada à força de remos para o baluarte norte.

Esse baluarte era Dyces Head, a alta falésia escarpada, na qual os casacos vermelhas estavam à espera e da qual a bateria de canhões de três quilos fazia fogo contra os navios atacantes. O entardecer era tão calmo que o fumo dos canhões pairava nas árvores, na verdade a brisa quase não chegava para mover os navios americanos, que vomitavam chamas, balas de pa-lanqueta, balas encadeadas e balas rasas contra as três corvetas de Mowat, mas um capricho desse vento tão leve, um súbito sopro de ar estival, soprou durante o tempo suficiente para varrer o fumo em redor da HMS Albany, que estava no centro da linha de Mowat, e o capitão escocês, postado no convés da popa, viu os escaleres a afastarem-se dos navios de transporte americanos e dirigirem-se para a falésia.

– Senhor Frobisher! – chamou Mowat.

O Primeiro-Tenente da Albany, que supervisionava as peças de estibordo, voltou-se para o seu comandante.

– Meu Capitão?

Um tiro assobiou por cima das suas cabeças. Projéteis de barro ou de corrente, achou Mowat pelo som. Os rebeldes pareciam estar a fazer pontaria sobretudo à mastreação, mas a sua artilharia era pouco eficaz e as corvetas não tinham sofrido danos significativos. Algumas enxárcias e ostagas tinham sido rompidas, e os cascos estavam chamuscados, mas as corvetas não tinham perdido nem homens nem peças.

– Há lanchas a aproximarem-se da costa – gritou Mowat para Frobisher, – está a vê-las?

– Sim, meu Capitão, estou a vê-las!

Frobisher tocou no ombro de um chefe artilheiro. O artilheiro era um homem de meia-idade com uma longa trança de cabelo grisalho. Tinha um lenço enrolado à volta das orelhas. Viu para onde Frobisher estava a apontar e acenou com a cabeça para mostrar que percebia o que era pretendido. O seu

canhão, que disparava balas de quatro quilos, estava carregado.

– Ponham-no de fora! – ordenou ele, e a guarnição agarrou nos cabos de fixação e puxaram o canhão de modo a que a boca se projetasse para fora da amurada. Gritou aos homens, ensurdecidos pelo ruído, que virassem a pesada carreta, o que eles fizeram com ajuda de longas pontas de ferro, vincando o convés cuidadosamente polido de Mowat.

– Não creio que consigamos atingir aqueles maricas – disse o chefe artilheiro a Frobisher – mas podemos molhá-los um pouco.

– Ele já não conseguia ver os barcos a remos rebeldes porque o vento caprichoso caíra e o fumo denso e acre estava de novo a envolver a Albany, mas considero que a peça estava apontada na direção certa. O chefe artilheiro lançou um fino espigão pelo ouvido da arma para furar o invólucro da pólvora que estava na culatra, depois introduziu um morrão, um tubo cheio de pólvora finamente esmagada, no furo que acabara de fazer.

– Para trás, meus sacanas! – gritou ele, lançando fogo ao morrão.

A peça estilhaçou o ar do anoitecer com o seu ruído. Lançou uma vaga de fumo, denso como um nevoeiro londrino, fedorento. Uma chama rompeu o fumo, iluminando-o, para instantaneamente se desvanecer. A peça saltou para trás, as rodas da carreta chiaram até que as cordas presas à culatra se retesaram até ao limite para conterem o recuo.

– Arrefeçam-no! – gritou o chefe artilheiro, metendo o polegar protegido com o dedal de couro no ouvido da arma.

– Atirem mais uma àquelas lanchas – gritou Frobisher acima do barulho das armas – e depois volte a apontar aos navios.

– Sim, meu Capitão!

Os canhões tinham feito fogo sobre os navios americanos que manobravam a mais de um quilómetro para oeste. As lanchas estavam sensivelmente à mesma distância, pelo que o chefe artilheiro não precisara de modificar a ligeira elevação do cano. Utilizara uma carga de cerca de um quilo de pólvora, e a bala esférica saiu da boca do cano a uma velocidade de cerca de trezentos metros por segundo. A bala perdeu alguma velocidade ao percorrer cerca de mil e trezentos metros antes de atingir a água, mas levava menos de cinco segundos a cobrir essa distância. Bateu numa onda, ricocheteou ligeiramente para cima e, depois, originando uma chuva de salpicos, atingiu o escaler do Major Littlefield a meio.

Ao General Wadsworth, que observava a bordo da Bethaiah, pareceu como se o escaler da frente simplesmente se tivesse desintegrado. Barrotes de madeira voaram pelo ar, um homem virou-se de pernas para o ar, houve um jorro de água e espuma e, depois, mais nada a não ser remos a flutuarem, pedaços de madeira partida e homens a tentarem boiar. Os outros escaleres foram em socorro, tirando os náufragos da água, enquanto uma segunda bala embatia perto, na água, sem consequências.

Os escaleres deixaram de remar em direção à falésia. Wadsworth esperara que desembarcassem os homens e voltassem para levar mais, na verdade planeava ir para terra com esse segundo grupo, mas, em vez disso, os escaleres viraram e começaram a regressar aos navios de transporte.

- Espero que Littlefield não esteja ferido – disse Wadsworth.
- É preciso mais do que um simples tiro para deitar o Major abaixo, General – comentou alegremente James Fletcher. Fletcher fora integrado no pessoal de Wadsworth como auxiliar e guia.
- Tenho de supor que Littlefield decidiu não desembarcar – disse Wadsworth.
- É difícil combater quando se está molhado como um rato afogado, General.
- É verdade – disse Wadsworth com um sorriso, e depois tirou consolo do facto de a ameaça contra a falésia parecer ter alcançado os seus intentos, que eram de impedir os Britânicos de enviarem reforços ou uma força de contra-ataque para Cross Island.

A luz desaparecia rapidamente. A oeste, o céu estava já escuro, embora ainda não houvesse estrelas, e os disparos desvaneceram-se com o cair da noite. Os navios de guerra americanos regressaram lentamente ao seu ponto de ancoragem, enquanto os homens de Mowat, ilesos após o duelo ao anoitecer, tratavam das suas armas. Wadsworth debruçou-se sobre a amurada da Bethaiah e olhou para baixo quando os barcos se aproximaram como sombras da corveta.

- Major Littlefield! – chamou ele.
- Major Littlefield! – chamou ele, de novo.
- Afogou-se, meu General – respondeu uma voz.
- O quê?
- Ele e dois outros homens, meu General. Mortos, meu General.
- Oh, meu Deus – disse Wadsworth. Em terra, no cimo da falésia, via-se uma fogueira por entre as árvores. Alguém a fazer chá, talvez, ou a cozinhar o jantar.

E o Major Littlefield estava morto.

- Trágico – disse o General Lovell quando Wadsworth lhe deu a notícia da morte de Daniel Littlefield, embora Wadsworth não estivesse inteiramente certo de que o seu comandante tivesse ouvido o que ele dissera. Lovell, ao invés, examinava uma bandeira britânica que fora levada para bordo da Sally por um baixo mas forte sargento fuzileiro.
- Não é magnífica? – exclamou Lovell.
- Acho que devemos presentear o Tribunal Geral com ela. Um primeiro troféu, Wadsworth!
- O primeiro de muitos que Vossa Excelência enviará para Boston – observou o Reverendo Jonathan Murray.
- E uma oferenda dos fuzileiros – acrescentou o Sargento, imperturbável.
- Já me tinha dito, já me tinha dito – disse Lovell, com uma ponta de irritação, depois sorriu – e tem de apresentar ao Capitão Welch a minha mais sincera gratidão.
- Olhou para a mesa, que estava coberta de papéis.
- Tire esses documentos por um instante, Marston – ordenou ele ao secretário e, depois de a mesa estar livre de papéis, tinta e canetas, desdobrou a bandeira sob as lanternas que balouçavam suavemente. Escurecera, agora, e a camarinha era iluminada por quatro lanternas.
- P’la minha saúde!

- disse Lovell, recuando um pouco para admirar o troféu.
- Mas isto vai causar sensação em Faneuil Hall!
- Poderia considerar a possibilidade de enviá-la à mulher do Major Littlefield – disse Wadsworth.
- A mulher dele? – perguntou Lovell, obviamente perplexo com a sugestão.
- Para que haveria ela de querer uma bandeira?
- Uma recordação da bravura do marido?
- Oh, você irá escrever-lhe – disse Lovell – e garantir-lhe que o Major Littlefield morreu pela causa da liberdade, mas não me parece que ela precise de uma bandeira inimiga. Não me parece mesmo. Tenho de ir a Boston.
- Virou-se para o Sargento dos fuzileiros.
- Obrigado, meu caro amigo, obrigado! Eu farei com que o Comodoro saiba do meu apreço.

Lovell convocara a sua família militar. Marston, o secretário, estava a escrever no livro de ordens, Wadsworth folheava os registos da milícia, enquanto o Tenente-Coronel Davis, o oficial de ligação com os navios de transporte, contabilizava as pequenas embarcações disponíveis para desembarque. O Reverendo Murray beneficiava todos com um sorriso, ao passo que o Major Todd limpava uma pistola com um pedaço de flanela.

- Enviou as minhas ordens ao Regimento de Artilharia? – perguntou Lovell a Todd.
- Evidentemente, meu General – disse Todd, e depois soprou o pó da caçoleta da pistola.
- O Coronel Revere compreende a necessidade de urgência?
- Tornei bem clara essa necessidade, meu General – disse pacientemente Todd.

O Tenente-Coronel Revere recebera ordens para levar canhões para a recém-capturada Cross Island, que passaria agora a ser defendida por uma guarnição de marinheiros da Providence e do Palias, sob o comando de Hoysteed Hacker.

- Então os canhões do Coronel Revere deverão estar prontos a ser usados ao amanhecer? – perguntou Lovell.
 - Não vejo razões para que não estejam – disse Wadsworth.
 - E isso deverá arrumar os navios inimigos – disse Lovell alegremente – e assim abrir caminho ao nosso sucesso. Ah, Filmer! Obrigado!
- Filmer, um criado, servira um jantar de bacon, feijões e pão de milho, que Lovell e os seus companheiros comeram à mesa, onde a bandeira capturada serviu de guardanapo para as mãos gordurosas de Lovell.
- Os fuzileiros regressaram aos seus navios? – perguntou Lovell.
 - Regressaram, sim, meu General – respondeu Wadsworth.
 - Embora eu ache que temos de pedir ao Comodoro para os utilizar outra vez – disse Lovell com ar resignado.
 - São formidáveis – disse Wadsworth.

Lovell pôs um ar maquiavélico, exibindo um meio-sorriso na face, habitualmente solene.

- Ouviram dizer que os oficiais navais enviaram uma carta ao Comodoro? Ai a minha vida! Censuraram-no por não ter entrado com o navio no porto!

Acredita numa coisa destas?

– A carta demonstra um zelo admirável, meu General – disse Wadsworth, sem entoação.

– E deve ter-lhe causado embaraço! – disse Lovell, claramente agradado com tal pensamento.

– Pobre homem – acrescentou ele, atenciosamente – mas talvez o protesto o estimule a esforçar-se mais?

– Rezo para que sim – disse o Reverendo Murray.

– Rezemos para que não o torne mais obstinado na sua conduta – disse Wadsworth, – especialmente porque vamos precisar dos seus fuzileiros quando atacarmos a sério.

– Calculo que precisaremos deles – disse Lovell de má vontade – se o Comodoro concordar, claro.

– Isso significa usar uma dúzia de lanchas para desembarcar todos os seus fuzileiros – disse Davis – e nós já não temos barcos que cheguem.

– Não gosto da ideia de um desembarque aos bochechos – disse Lovell, obviamente acalentando a ideia de atacar sem os fuzileiros e, assim, manter toda a glória do triunfo na milícia.

– Porque não usar uma das escunas mais pequenas? – sugeriu Wadsworth.

– Já as vi serem movidas a remos. Estou certo de que poderíamos levar uma até bem junto da costa, e uma escuna pode levar pelo menos uma centena de homens.

Davis ponderou aquela solução, e depois anuiu.

– A Rachel não precisa de águas muito profundas – disse ele.

– E nós precisamos realmente dos fuzileiros – disse Wadsworth, firmemente.

– Calculo que precisemos, sim – admitiu Lovell.

– Bem, requisitaremos a assistência deles.

– Fez uma pausa, batendo com a faca no prato de estanho.

– Quando capturarmos o forte – disse ele, pensativamente, – não quero que nenhuns casacas vermelhas escapem pelo Norte, através do istmo. Deveríamos colocar aí uma força, no caminho para o Norte? Uma força de bloqueio?

– Usamos os índios? – sugeriu o Major Todd, cujos óculos refletiam a luz da lanterna.

– Os Britânicos têm pavor dos nossos selvagens.

– São muito mais valiosos como combatentes – apressou-se a dizer Wadsworth, – quero contar com eles no assalto.

– Valiosos, talvez, quando estão sóbrios – disse o Major Todd com um ostensivo estremeamento, – mas esta manhã estavam de novo embriagados.

– Os índios? – perguntou Lovell.

– Estavam bêbedos?

– Inconscientes, meu General. Os milicianos dão-lhes rum para se divertirem.

– O diabo está no meio de nós – disse Murray sombriamente – e tem de ser extirpado.

– Tem mesmo, Capelão – disse Lovell, e olhou para Marston, – acrescente um ponto à ordem de serviço diária. Ninguém pode fornecer rum aos índios. E,

claro, acrescente um ponto a lamentar a morte do Major. ..

– interrompeu-se.

– Littlefield – disse Wadsworth.

– Littlefield – continuou Lovell como se não tivesse havido qualquer interrupção.

– Coitado do Littlefield. Veio de Wells, não veio? Uma bela cidade. Será que os homens dele podem bloquear o istmo? Oh, Marston, expresse reconhecimento aos fuzileiros, pode ser? Devemos louvar quando o louvor é devido, sobretudo se quisermos requisitar o serviço deles outra vez.

– Rapou a gordura do prato com um bocado de pão e meteu-o na boca no momento em que se ouviu bater com força na porta da camarinha. Antes que alguém pudesse ter respondido, a porta foi empurrada, revelando um Tenente-Coronel Revere indignado, que se aproximou da extremidade da mesa e olhou para Lovell que, de boca cheia, apenas conseguiu fazer um gesto cordial de saudação.

– Mandou-me desembarcar com os canhões – disse Revere, em tom de acusação.

– Pois mandei – conseguiu Lovell dizer de boca cheia, – pois mandei. Já estão colocados no lugar?

– Não pode estar a falar a sério – disse Revere, com indignação evidente. Lançou um olhar de indiferença ao seu inimigo, o Major Todd, e depois olhou de novo para o General.

Lovell fitou o comandante da sua artilharia com estupefação.

– Precisamos de canhões em Cross Island – disse ele, por fim – e uma outra bateria. A sua missão é, sem dúvida, colocá-los, não?

– Tenho deveres – disse Revere, energicamente.

– Sim, Coronel, claro que tem – disse Lovell.

– O seu dever é estabelecer uma bateria na ilha – disse Wadsworth com veemência.

– Não posso estar em toda a parte – declarou Revere a Lovell, ignorando Wadsworth, – não é possível.

– Acho que as minhas ordens foram claras – disse o General – e determinavam que levasse para terra os canhões necessários.

– E eu digo-lhe que tenho responsabilidades – protestou Revere.

– Meu caro Coronel – disse Lovell, recostando-se, – eu quero uma bateria de Cross Island.

– E irá tê-la! – disse Revere firmemente.

– Mas não é tarefa de um coronel aplanar terrenos, cavar paióis ou abater árvores para estabelecer campos de tiro!

– Não, não, claro que não – disse Lovell, retraindo-se devido à ira de Revere.

– É tarefa de um coronel estabelecer e comandar uma bateria – disse Wadsworth.

– Vai ter a sua bateria! – rosnou Revere.

– Então, ficarei satisfeito – disse Lovell, de forma apaziguadora. Revere fitou o General por um instante e, depois, com um ligeiro aceno da cabeça, virou-se e saiu. Lovell ouviu as passadas pesadas subirem pelo

passadiço, depois expirou longamente.

–Que razão mirabolante originou esta demonstração?

– Não faço ideia – respondeu Wadsworth, tão perplexo quanto Lovell.

– O homem só arranja sarilhos – disse Todd acidamente, lançando um olhar acusatório a Wadsworth, que ele sabia ter removido as objeções à indicação de Revere para comandar a artilharia.

– Estou certo de que foi um mal-entendido – disse Lovell, – ele é um excelente tipo! Não cavalgou ele até Lexington para os avisar? – enunciou ele a pergunta de Wadsworth.

– Ele e mais vinte – respondeu Todd antes que Wadsworth pudesse reagir, – e quem acha que foi o cavaleiro que não conseguiu chegar a Concord? O Senhor Revere – disse ele, enfatizando maliciosamente o «senhor» – que foi capturado pelos Britânicos.

– Recordo-me, de facto, de Revere nos ter ido avisar de que os regulares estavam a caminho – disse Wadsworth, – ele e William Dawes.

– Revere foi capturado pelos Britânicos? – perguntou Lovell.

–Oh. Coitado.

– Os nossos inimigos deixaram-no ir, meu General – disse Todd – mas ficaram-lhe com o cavalo, mostrando assim uma boa apreciação do valor do Senhor Revere.

– Vá lá, então – repreendeu Lovell o seu Major de brigada.

–Porque antipatiza tanto com ele?

Todd tirou os óculos e limpou-os à borda da bandeira.

– Parece-me a mim, meu General – disse ele, e o tom da sua voz indicava que tomara a pergunta do General muito a peito, – que os pontos essenciais do êxito militar são a organização e a cooperação.

– Você é o homem mais organizado que eu conheço! – acrescentou Lovell.

– Obrigado, meu General. Mas o Coronel Revere, meu General, não gosta de receber ordens. Ele acha, suponho eu, que deveria ser ele a dar ordens. Ele fará tudo à sua maneira, meu General, e nós faremos à nossa, e não teremos dele qualquer cooperação nem organização.

–Todd enganchou de novo, cuidadosamente, os óculos sobre as orelhas.

–Servi com ele, meu General, na artilharia, e houve uma constante fricção, irritação e conflito.

– Ele é eficaz – disse Lovell, inseguramente, e depois com mais vigor, – toda a gente me garante que ele é eficaz.

– No que lhe interessa, sim – disse Todd.

– E sabe de canhões – afirmou Wadsworth.

Todd olhou para Wadsworth e fez uma pausa antes de falar.

– Espero que sim, meu General.

– É um patriota! – disse Lovell, pretendendo pôr fim à conversa.

–Ninguém pode negar isso! Agora, meus senhores, voltemos ao trabalho.

Estava Lua cheia e o luar bordava de prata toda a baía. A maré estava a encher, levando as águas do Penobscot para o largo Atlântico, enquanto em Cross Island os rebeldes cavavam um novo posicionamento dos canhões que massacrariam os navios de Mowat.

E, na falésia, os piquetes dos casacas vermelhas esperavam.

O General McLean ficara imensamente grato pelos dois dias de pausa que os rebeldes lhe tinham concedido. A frota inimiga chegara no domingo, e agora era terça à noite e ainda não se verificara qualquer ataque ao Forte George, o que lhe dera oportunidade para dispor mais dois canhões e levantar o parapeto mais meio metro. Sabia muitíssimo bem como a sua situação era vulnerável. Resignara-se a isso. Fizera o seu melhor.

Nessa noite, estava no portão do Forte George, que não era mais do que uma barricada pintada que poderia ser desviada pelas duas sentinelas. Olhava para sul, admirando o reflexo do luar nas águas do porto. Era uma pena que os artilheiros tivessem sido afastados da bateria em Cross Island, mas McLean sempre soubera que aquela posição era indefensável. Wer alies verteidigt, verteidigt nichts. Fazer aquela bateria consumira homens e tempo que poderia ter sido mais bem gasto no fortalecimento do Forte George, mas McLean não o lamentava. A bateria cumprira a sua missão, dissuadindo os navios americanos de entrar no porto e, assim, ganhar os dois últimos dias, mas agora, supunha McLean, os navios rebeldes lançariam o assalto e com eles viria a infantaria.

– Está com ar pensativo, meu General – disse o Tenente Moore, juntando-se ao General na entrada.

– Não deveria estar a dormir?

– Estou, meu General. Isto é apenas um sonho.

McLean sorriu.

– Quando é que entra de serviço?

– Só daqui a duas horas, meu General.

– Então poderá acompanhar-me – sugeriu o General, começando a caminhar para leste.

– Ouviu dizer que o inimigo voltou a aproximar-se da falésia?

– O Major Dunlop disse-me, meu General.

– E voltou a recuar – disse McLean, – o que sugere que estão a tentar enganar-nos.

– Ou falta-lhes a coragem para fazer um ataque, meu General.

McLean abanou a cabeça.

– Nunca subestime o inimigo, Tenente. Trate todos os inimigos como se eles tivessem o trunfo na mão e, então, depois de mostrarem o trunfo, não será desagradavelmente surpreendido. Acho que o nosso inimigo quer que acreditemos que atacam a falésia e desse modo fixemos tropas ali, mas na verdade planeia desembarcar noutro lado qualquer.

– Então coloque-me noutro lado qualquer, meu General.

– Ficaré na falésia – disse McLean com firmeza. O General decidira fortalecer a linha de piquetes virada para norte, na direção do istmo pantanoso que ligava Majabigwaduce ao continente, porque acreditava ainda ser aquela a aproximação mais provável. A linha de piquetes deveria atrasar os rebeldes, e o emaranhado do abatis sustê-los-ia por uns momentos mais, mas inevitavelmente romperiam essas duas defesas e marchariam contra o forte.

– Se o inimigo desembarcar de facto naquele gargalo de terra – disse ele a

Moore, – voltarei a chamar o seu piquete e virá ajudar a defender o forte.

– Sim, meu General – disse Moore, resignadamente. Receava a batalha e, ao mesmo tempo, desejava-a. Se o grosso do combate do dia seguinte, se no dia seguinte acontecesse realmente um combate, fosse no gargalo de terra, então Moore queria lá estar, mas sabia que não mudaria o que estava na cabeça de McLean, por isso nem tentou.

Os dois homens, um muito jovem e outro veterano da Flandres e de Portugal, caminharam pelo trilho a norte da plantação de Hatch. Nas janelas da casa do Doutor Calef, para onde se dirigiam, brilhava luz de candeias. O médico devia tê-los visto aproximarem-se à luz da Lua, pois abriu a porta antes que McLean pudesse bater.

– Tenho uma casa cheia de mulheres – saudou-os o médico, taciturno.

– Algumas pessoas são mais afortunadas do que outras – disse McLean.

– Boa-noite para si, Doutor.

– Creio que há chá – disse Calef, – ou alguma coisa mais forte?

– Chá será um prazer – disse McLean.

Uma dúzia de mulheres estava reunida na cozinha. Estava lá a mulher do médico, tal como as duas filhas do Coronel Goldthwait, as Meninas Banks e Bethany Fletcher. Sentavam-se em cadeiras e bancos à volta da grande mesa, que estava coberta com pedaços de tecido. Era evidente que a reunião estava no fim, porque estavam a arrumar o trabalho em sacos.

– Um círculo de costura? – perguntou McLean.

– A guerra não para o trabalho das mulheres, General – respondeu a Senhora Calef.

– Nada o faz – disse McLean. As mulheres pareciam ter estado a fazer e a remendar roupas de criança, e McLean recordou-se de a sua própria mãe integrar um grupo semelhante àquele todas as semanas. As mulheres falavam, contavam histórias e por vezes cantavam enquanto remendavam e cosiam.

– Fico contente por estarem todas aqui – disse McLean – porque vim avisar o bom doutor de que espero um ataque rebelde amanhã.

Ah, obrigado.

– Estas últimas palavras foram para a criada que lhe levava uma caneca de chá.

– Tem a certeza, acerca de amanhã? – perguntou o Doutor Calef.

– Não posso falar pelo inimigo – disse McLean, – mas se estivesse no lugar deles, viria amanhã.

– Na verdade, se McLean estivesse no lugar do inimigo, já teria atacado.

– Quero dizer-vos – continuou ele – que, em caso de ataque, devem ficar dentro de casa.

– Olhou para os rostos ansiosos, iluminados pela luz das candeias, em volta da mesa.

– Há sempre a tentação de testemunhar um combate, mas na confusão, minhas senhoras, uma cara entrevista por entre o fumo pode ser tomada por um inimigo. Não tenho razões para crer que os rebeldes queiram capturar as vossas casas, pelo que deverão estar seguras dentro de paredes.

– Não estaríamos mais seguros dentro do forte? – perguntou o Doutor Calef.

– O último sítio para estar – disse McLean, com firmeza.

– Por favor, todos vós, fiquem em casa. Excelente chá, este!

– Se os rebeldes...

– começou a Senhora Calef a dizer, depois pensou melhor no que estivera quase a dizer.

– Se os rebeldes capturarem o forte? – ajudou McLean.

– Descobrirão todos aqueles juramentos – disse a Senhora Calef.

– E vingar-se-ão – acrescentou Jane Goldthwait, a quem todos chamavam Lil por qualquer razão há muito esquecida.

– Senhor Moore – disse McLean olhando para o jovem Tenente, – se parecer certo que o forte caia nas mãos do inimigo, fica responsável por queimar os juramentos.

– Preferia estar a matar inimigos nas muralhas, meu General.

– Estou certo de que o fará – disse McLean, – mas primeiro destruirá os juramentos. E uma ordem, Tenente.

– Sim, meu General – disse Moore, num tom mais compungido.

Mais de seiscentas pessoas tinham ido para Majabigwaduce e assinado o juramento de lealdade ao Rei George, e Lil Goldthwait tinha razão, os rebeldes queriam vingar-se dessa gente. Dúzias de famílias que viviam junto do rio tinham sido já forçadas a sair de suas casas em Boston e arredores e agora enfrentavam a possibilidade de serem de novo expulsas. McLean sorriu.

– Mas não ponhamos a carroça à frente dos bois, minhas senhoras.

O forte não caiu e, posso garantir-vos, faremos tudo para repelir o inimigo. Aquilo não era verdade. McLean não tinha qualquer desejo de resistir até ao último homem. Uma tal defesa seria heróica, mas puramente inútil.

– Há homens que iriam de boa vontade para as muralhas convosco – disse o Doutor Calef.

– Fico grato – replicou McLean, – mas uma tal ação exporia as vossas famílias à fúria do inimigo e eu preferiria que isso não acontecesse. Por favor, todos vós, fiquem nas vossas casas.

O General ficou até acabar o chá e, depois, ele e Moore saíram. Ficaram por um momento no jardim do médico e observaram o faiscar do luar no porto.

– Acho que amanhã vai estar nevoeiro – disse McLean.

– O ar está quente – disse Moore.

McLean desviou-se para deixar passar um grupo de mulheres vindo de casa. Fez-lhes uma vénia. As Meninas Banks, ambas jovens, regressavam a casa do pai, do lado ocidental da povoação que ficava abaixo do forte, enquanto Bethany Fletcher ia diretamente pela encosta para casa do irmão.

– Não tenho visto o seu irmão, ultimamente, Menina Fletcher – disse McLean.

– Foi pescar, General – disse Bethany.

– E não voltou ainda? – perguntou Moore.

– Às vezes fica fora uma semana inteira – disse Bethany, perturbada.

– Senhor Moore – disse McLean, – tem tempo de levar a Menina Fletcher a casa em segurança antes de se apresentar ao serviço?

– Sim, meu General.

– Então, peço-lhe esse favor.

– Eu fico em segurança – disse Bethany.

– Satisfaça o desejo de um homem de idade, Menina Fletcher – disse McLean, fazendo uma vénia – e deseje-lhe uma boa noite.

Moore e Bethany desceram a colina em silêncio. Não era longe até à pequena casa. Pararam junto à pilha de lenha, sentindo-se ambos embaraçados.

– Obrigada – disse Bethany.

– O prazer foi meu, Menina Fletcher – disse Moore, e não arredou pé.

– Que vai acontecer agora? – perguntou Bethany.

– Talvez não aconteça nada.

– Os rebeldes não atacarão?

– Acho que têm de o fazer – disse Moore, – mas essa é uma decisão deles. Deverão atacar em breve.

– Deverão? – perguntou Bethany. O luar reluzia como prata nos seus olhos.

– Pedimos reforços – disse Moore, – embora não saiba se virá alguma coisa parecida com isso.

– Mas se atacarem – disse Bethany, – vai haver combate?

– É para isso que aqui estamos – disse Moore, sentindo uma guinada no coração ao pensar que no dia seguinte descobriria que tipo de soldado era realmente, ou talvez a guinada fosse de fitar os olhos de Bethany à luz da Lua. Quis dizer-lhe coisas, mas sentiu-se confuso e de língua presa.

– Tenho de ir para dentro – disse ela.

– Molly Hatch está a tomar conta da minha mãe.

– A sua mãe não está melhor?

– Não vai melhorar nunca – disse Bethany.

– Boa-noite, Tenente.

– Ao seu serviço, Menina Fletcher – disse Moore, inclinando a cabeça, mas mesmo antes de a ter levantado, já ela se fora. Moore foi buscar os homens que iriam render o piquete de serviço em Dyces Head.

A madrugada nasceu envolta em nevoeiro, embora da nova bateria de Cross Island os navios britânicos fossem claramente visíveis. O mais próximo, a HMS Nautilus, estava agora a uns quatrocentos metros dos grandes canhões que os homens de Revere tinham levado para terra. Esses homens tinham trabalhado durante toda a noite e bem. Tinham aberto um caminho por entre o arvoredo de Cross Island e arrastado para o cimo da ilha, onde o terreno rochoso constituía uma plataforma perfeita para a artilharia, dois canhões de oito quilos, um de seis quilos e um obus de cento e quarenta milímetros. Tinham abatido mais árvores para abrir o campo de tiro dos canhões e, de madrugada, o Capitão Hoysteed Hacker, cujos marinheiros estavam armados com mosquetes para protegerem os artilheiros, olhava para as três corvetas britânicas. A mais distante, a North, não era mais do que uma forma cinzenta no nevoeiro cinzento e em grande parte ocultada pelo vulto das outras duas corvetas, mas a mais próxima, a Nautilus, era claramente visível. A sua figura de proa era um marinheiro de tronco nu, cujos cabelos louros estavam cobertos de algas.

– Não deveríamos reduzir aquele navio a lenha? – perguntou Hacker ao oficial de artilharia. Os artilheiros estavam de pé junto das suas armas formidáveis, mas ninguém parecia estar a carregá-las ou a apontá-las.

– Temos falta de enchimento – explicou o Tenente Philip Marett, um primo do Coronel Revere e o oficial no comando da bateria.

– Tem falta de quê?

Marett pareceu envergonhado.

– Parece que temos falta de argolas de enchimento, meu Capitão.

– As balas também são do tamanho errado – disse um sargento, em tom severo.

Hacker mal podia acreditar no que estava a ouvir.

– As balas? Do tamanho errado?

O Sargento fez a demonstração, levantando uma bala esférica e empurrando-a pelo cano de um dos canhões de cento e vinte e sete. Um dos seus homens calcou o projétil com o soquete, levando a bala ao longo do cano, o qual, por estar posicionado no ponto mais alto de Cross Island, estava dirigido ligeiramente para baixo, de modo a ficar apontado à proa da Nautilus. O artilheiro tirou o soquete e desviou-se. Hacker ouviu um pequeno ruído vindo da arma. O ressoar do metal a bater em metal tornou-se cada vez mais forte enquanto a bala rolava lentamente pelo cano e, depois, pateticamente, caiu pela boca com um baque, sobre as agulhas de pinheiro que revestiam o chão.

– Oh, meu Deus – disse Hacker.

– Devem ter feito confusão em Boston – disse Marett, desamparado. Apontou para uma impecável pirâmide de balas.

– Parece que são para canhões de seis quilos – continuou ele – e mesmo que lhes puséssemos enchimento, a deslocação do ar torná-las-ia praticamente inúteis.

A deslocação do ar fazia-se pela pequeníssima folga entre o projétil e a alma do cano do canhão. Em todos os canhões isso acontecia, mas se a folga fosse demasiado grande, uma boa parte do material explosivo perder-se-ia em volta dos bordos da bala.

– Mandaram chamar o Coronel Revere?

Os olhos de Marett perscrutaram em volta da clareira como se estivesse à procura de um lugar para se esconder.

– Estou certo de que haverá munições de oito quilos no Samuel, meu Capitão – disse ele, evasivamente.

– Cristo crucificado – disse Hacker, ferozmente, – ir buscá-las lá abaixo demorará duas horas!

O Samuel estava ancorado bem para norte, bastante longe da linha de água a sul de Cross Island.

– Poderíamos abrir fogo com o de seis quilos – sugeriu Marett.

– Tem enchimento para esse?

– Poderíamos utilizar ervas?

– Oh, por amor de Deus, façamos isto como deve ser – disse Hacker, e depois teve uma inspiração súbita.

–A Warren tem peças de oito quilos, não tem?

– Não sei, meu Capitão.

– Tem, e está muito mais perto do que o Samuell Vamos pedir-lhe munições.

A inspiração de Hoysteed Hacker mostrou ser produtiva. O Comodoro Saltonstall bufou de escárnio quando ouviu o pedido de munições, mas acedeu a ele, e o Capitão Welch foi enviado ao General Putnam e ordenou ao Capitão Thomas Carnes para reunir um grupo de fuzileiros para levar o enchimento necessário e as balas para terra. Carnes, antes de estar nos fuzileiros, servira no Regimento de Artilharia do Coronel Gridley e depois disso comandara uma bateria da artilharia de New Jersey, do exército continental, e era um homem bem-disposto e enérgico, que esfregou as mãos de contentamento quando viu quanto a Nautilus estava próxima dos canhões.

– Podemos usar as balas de canhão de seis quilos nos de oito quilos – afirmou ele.

– Podemos? – perguntou Marett.

– Usamos duas balas – disse Carnes.

– Pomos uma bala de oito quilos junto da carga e colocamos enchimento numa de seis quilos por cima. Vamos desfazer aquele navio mais próximo, rapazes! – Observou os artilheiros do Massachusetts, todos contagiados agora pelo entusiasmo e energia de Carnes, carregarem e disporem o canhão. Carnes inclinou-se e espreitou ao longo do cano.

– Apontem ligeiramente mais para cima – disse ele.

– Mais para cima? – perguntou Marett.

– Quer que apontemos aos mastros?

– Um cano frio dispara baixo – disse Carnes, – mas à medida que aquece, torna-se mais certo. Baixem-no depois de disparar três tiros, e coloquem-no um grau mais abaixo do que acharem necessário. Não sei qual a razão, mas as balas esféricas sobem sempre ao serem disparadas. É apenas uma fração, mas, se compensarem, dispararão mais certa e duramente quando os canhões estiverem quentes.

O Sol brilhava por entre o nevoeiro quando, finalmente, a bateria abriu fogo. Os dois grandes canhões de oito quilos destinavam-se a destruir navios e Carnes utilizou-os para disparar contra o casco da Nautilus, enquanto o de seis quilos disparava balas de palanqueta contra a sua mastreação, e o obus arremessava bombas por cima dela de modo a devastar os mastreses da North e da Albany.

O longo recuo dos canhões fazia um duro impacto no solo rochoso. Precisavam de ser realinhados após cada tiro, e as descargas enchiam o espaço entre as árvores com o fumo espesso da pólvora, que ficava a pairar no ar parado. O fumo adensava o nevoeiro até ao ponto de não ser possível apontar até que a visão ficasse mais nítida, e essa necessidade diminuía a cadência de tiro, mas Carnes ouvia o ruído gratificante das balas a fazer estalar a madeira. Os Britânicos não podiam ripostar. A Nautilus não possuía canhões de proa e o seu costado de nove peças estava apontado a oeste, na direção da entrada do porto. O Capitão Thomas Farnham, que comandava a Nautilus, poderia ter dado uma volta ao navio de modo a ficar de frente para Cross Island, mas assim Mowat teria perdido um terço dos canhões que montavam a guarda ao

canal, pelo que a corveta tinha de aguentar.

O Comodoro, satisfeito pelo facto de a bateria estar finalmente em ação, enviou ordem para que Carnes e o seu grupo de marinheiros regressassem aos seus navios, mas, antes de partir, Carnes utilizou um pequeno telescópio para fixar a Nautilus e viu buracos a rasgarem-lhe a proa.

— Estamos a dar-lhe com força, Comandante! — disse ele a Maret.

— Não se esqueça! Aponte baixo a esta distância e a meio do dia terá afundado o filho da mãe! Bom-dia para si, meu General! — Esta saudação era dirigida ao Brigadeiro-General Lovell que viera observar a nova bateria em ação.

— Bom-dia! Bom-dia! — disse Lovell, sorrindo, radiante, para os artilheiros.

— Pela minha saúde, rapazes, estão a dar com força naquele navio! — Serviu-se do telescópio de Carnes.

— P'la minha saúde, tiraram um braço àquela feia carranca! Bem feito! Continuem assim e vão afundá-la não tarda!

A Nautilus estava ainda a flutuar uma hora antes do meio do dia, quando o Coronel Revere chegou com as munições para o canhão de seis quilos do Samuel. Chegou na sua barcaça elegante pintada de branco, que pertencia à guarnição de Castle Island e que Revere requisitara para a expedição. Revere deu ordens aos marinheiros da Providence para carregarem as balas até à bateria, depois subiu a encosta, encontrando o General Lovell ainda junto dos canhões. O nevoeiro levantara e o General espreitava por um óculo que pousara no ombro de um artilheiro.

— Coronel! — saudou ele Revere, alegremente.

— Estou a ver que lhes estamos a dar com força!

— Que diabo quer você dizer com munições erradas? — disse Revere, ignorando Lovell e confrontando o Capitão Maret, que apontou para as balas de seis quilos e começou a gaguejar uma explicação das suas dificuldades, mas Revere empurrou-o para o lado.

— Se você trouxe as balas erradas — disse ele, — você é que tem a culpa.

— Depois observou os artilheiros a arrastarem um dos grandes canhões de oito quilos para a sua posição. O artilheiro puxou o cano para o lado e, depois, utilizou um espeque comprido para servir de cunha por baixo da culatra. A parte de trás do cano ficou ligeiramente levantada, baixando assim a boca do canhão e o artilheiro, satisfeito com o ângulo, acenou com a cabeça para os seus homens recarregarem a arma.

— Devem estar a sofrer, Coronel — disse Lovell, cheio de contentamento, — consigo ver distintamente os danos no casco!

— Que está a fazer? — disse Revere, de novo ignorando Lovell e aproximando-se de Maret. O Coronel espreitara o cano e não gostou do que vira.

— Vai disparar contra a água, Comandante? Qual é a vantagem de disparar contra a água?

— O Capitão Carnes...

— começou Maret a dizer.

— O Capitão Carnes? É um oficial deste regimento? Sargento! Quero o cano levantado. Dê uma folga de dois graus à cunha. Bom-dia, meu General — disse ele, finalmente cumprimentando Lovell.

– Vim felicitar os artilheiros – disse Lovell.

– Apenas cumprimos o nosso dever – disse vivamente Revere e de novo se acocorou atrás do canhão depois de o sargento ter fogado a cunha.

– Muito melhor!

– Espero que esteja presente no Conselho de Guerra desta tarde – disse Lovell.

– Lá estarei, meu General. De que estão à espera? – disse ele para os artilheiros.

– Deem umas pastilhas de ferro aos filhos da mãe!

O sargento furara o saco de pólvora com um espigão e agora introduzia-a no bota-fogo.

– Para trás! – gritou ele, e depois, dando-se por satisfeitos com o espaço vazio por trás da arma, acendeu a mecha. Ouvia-se um silvo, uma pequena nuvem de fumo saiu do ouvido do canhão, seguiu-se um estrondo e uma vaga de fumo encheu o céu em volta da bateria. O canhão saltou para trás e as rodas da carreta ressaltaram no solo pedregoso.

O tiro rasou o convés da Nautilus e não atingiu os mastros por pouco, mas passou suficientemente próximo para despedaçar um conjunto de piques de abordagem que estava na base do mastro grande antes de ir beijar inofensivamente a praia da península. Um marinheiro da corveta girou e caiu, agarrado ao pescoço, e o Capitão Farnham viu sangue na garganta do homem, onde um fragmento da madeira do cabo partido de um dos piques se espetara.

– Levem-no para baixo! – ordenou ele.

O assistente do cirurgião tentou tirar o estilhaço, mas o homem teve uma convulsão antes de ter conseguido extrair-lho. O sangue derramou-se pela escura primeira cobertura, os olhos do homem abriram-se desmesuradamente e ele ficou a fixar o vazio enquanto mais sangue lhe saía pela garganta e pela boca. Teve outra convulsão e, depois, imobilizou-se. Estava morto, era o primeiro homem que morria a bordo da corveta. O cirurgião ficara ferido, num dos disparos anteriores, por um bocado de casco lascado que lhe penetrara a coxa. Havia seis homens na enfermaria, todos eles atingidos por estilhaços de madeira. O cirurgião e o assistente extraíam os fragmentos e ligavam os feridos, sempre à espera da temida marretada no casco provocada pelo tiro seguinte. O carpinteiro do navio ajustava cunhas com o martelo e calafetava as rodas de proa danificadas, e o ruído das bombas não parava enquanto os homens tentavam impedir que a água subisse no porão.

– Creio – disse o Capitão Farnham depois de outra bala de oito quilos ter assobiado sobre o convés – que estão a apontar mais alto. Agora, estão a tentar destruir-nos os mastros.

– É melhor do que tentarem destruir o casco – observou o seu Pri-meiro-Tenente.

– Com efeito – disse Farnham com evidente alívio, – oh, com efeito.

– Apontou o óculo para fora do porto e viu, para seu ainda maior alívio, que os navios rebeldes não apresentavam qualquer sinal de se prepararem para um novo ataque.

– Um sinal da Albany, meu Capitão! – gritou um Guarda-Marinha.

– Preparar para mover o navio, meu Capitão!
– Não surpreende, pois não? – disse Farnham.

A bateria do Coronel Revere em Cross Island começara o dia numa confusão, mas agora conseguira realizar um objetivo. As três corvetas britânicas que barravam a entrada do porto estavam a ser desviadas para leste.

E a porta para Majabigwaduice ficara aberta.

O General McLean estava em Dyces Head e olhava na direção da bateria inimiga em Cross Island. Não conseguia ver os canhões rebeldes porque o fumo envolvia a clareira que tinham feito no cume da ilha, mas reconhecia os danos feitos nas suas defesas. Ainda assim, nunca teria podido dispensar homens suficientes para guarnecer Cross Island adequadamente. A sua queda fora inevitável.

– Os malvados Ianques agiram bem – disse ele de má vontade.

– Uma cadência de tiro lenta – observou o Capitão Michael Fielding.

Mesmo se os artilheiros rebeldes eram ligeiramente mais lentos do que os homens da Artilharia Real, ainda assim tinham desbloqueado a entrada no porto. O Capitão Mowat enviara a terra um jovem Tenente, que deu com McLean na falésia.

– O Capitão lamenta, meu General, que tenha tido de afastar as corvetas dos canhões inimigos.

– Sim, ele tinha de o fazer – concordou McLean, – tinha mesmo de o fazer.

– Ele propõe fazer uma nova linha no centro do porto, meu General.

– Transmita ao Capitão Mowat os meus votos de felicidades – disse McLean – e diga que agradeço ter-me informado.

As três corvetas e os respectivos navios de transporte estavam já a mover-se mais para leste. O Capitão Mowat marcara o novo local de ancoragem com boias feitas de barris vazios e McLean podia ver que a nova posição não era nem de perto tão formidável como a antiga. Os navios formariam uma nova linha bem para este da entrada do porto e deixavam de ser a rolha no estreito gargalo da garrafa; a rolha agora estava meio metida para dentro da garrafa, e a sua retirada constituiria certamente o convite para um ataque da frota inimiga. Era uma pena, pensou McLean, mas compreendia que Mowat não tinha outra opção senão a de recuar, agora que os rebeldes estavam na posse de Cross Island.

O Brigadeiro fora à falésia ver se os canhões de seis quilos de Fielding podiam ser dirigidos para baixo, de modo a dispararem contra a nova bateria rebelde de Cross Island. Os pequenos canhões de três quilos que estavam na falésia disparavam já contra a posição rebelde, mas eram canhões muito fracos e, além disso, a nova bateria inimiga estava colocada no centro da ilha e disparava por um corredor de árvores abatidas apontado a norte. As armas, essas, estando para noroeste da bateria inimiga, não se viam de Dyces Head, e os três canhões do Guarda-Marinha Fenistone cuspiam as suas pequenas balas em cima das árvores, na esperança de atingir o que estivesse escondido pelo fumo, entre a folhagem.

– Não estou certo de que ganhemos alguma coisa utilizando balas de seis quilos, meu General – disse Fielding, – a não ser estragar mais aquelas árvores.

McLean assentiu, depois andou alguns passos para oeste para observar os navios inimigos. Estava espantado por os Americanos ainda não terem feito nada para o atacar. Esperara que os navios de guerra inimigos estivessem à entrada do porto, acrescentando fogo ao da nova bateria, e que a infantaria rebelde estivesse já em pleno ataque, mas a frota continuava pacificamente ancorada ao sol. Via roupa pendurada, a secar, em cordas estendidas entre os mastros dos navios de transporte.

– O meu receio – disse ele a Fielding – é que, se pusermos aqui canhões de seis quilos, não teremos tempo de os retirar quando o inimigo atacar.

– Sem parselhas de cavalos – anuiu Fielding, – não teremos.

– Sinto falta dos meus cavalos – disse McLean, suavemente. Tirou o bicórneo e fitou, pesarosamente, a faixa de couro interior, que se estava a soltar. O seu cabelo branco levantou-se devido a um súbito golpe de vento.

– Bem – disse ele, – atrevo-me a dizer que não nos podemos dar ao luxo de perder este trio de canhões, mas não aguentaria a perda de quaisquer canhões de seis quilos.

– McLean voltou-se e olhou para o fumo que envolvia Cross Island, depois voltou a colocar, cuidadosamente, o chapéu.

– Deixe os de seis quilos no forte – decidiu ele – e obrigado, Capitão.

– Virou-se ao ouvir passadas ruidosas por entre as árvores. O Tenente Caffrae, um Hamilton, vinha a correr em direção ao General.

– Mais más notícias, suspeito – disse McLean.

Caffrae, um jovem ágil e vigoroso, ofegava quando parou diante de McLean.

– Os rebeldes desembarcaram homens a norte do gargalo de terra, meu General.

– Ah, desembarcaram? E estão a avançar?

Caffrae abanou negativamente a cabeça.

– Vimos cerca de sessenta homens em barcos, meu General. Desembarcaram num local fora do nosso campo de visão, meu General, mas estão entre as árvores, para lá do pântano.

– Só sessenta homens?

– Foram todos quantos vimos, meu General.

– O Major Dunlop está a par?

– Foi ele que me enviou para lhe contar, meu General.

– O demónio move-se de forma misteriosa – disse McLean.

– Estará a tentar fazer com que nós nos fixemos no que se passa a norte, enquanto ele ataca aqui? Ou será esta a guarda avançada do seu verdadeiro ataque? – Sorriu ao ofegante Caffrae, que considerava um dos seus melhores oficiais mais novos.

– Teremos de esperar e ver, mas a carnificina deve estar a chegar. Bem, vou regressar ao forte e você, Caffrae, vá dizer ao Major Dunlop que lhe vou reforçar o piquete naquela garganta de terra.

A bordo das corvetas, os marinheiros preparavam-se para lançar ferro na sua nova posição. As armas de Cross Island ainda massacravam a Nautilus, onde havia homens a sangrar e a morrer. Para norte do istmo, os rebeldes iniciaram trabalhos para instalarem canhões que dominariam a rota de fuga dos casacas

vermelhas de Majabigwaduce. Era uma terça-feira, 27 de julho, e o cerco em volta do Forte George apertava-se.

– Creio que posso dizer com grande segurança – disse Lovell, dirigindo-se ao Conselho de Guerra reunido na camarinha do Comodoro a bordo da Warren – que realizámos coisas esplêndidas! Nobres coisas! – O General estava no auge do paternalismo, sorrindo aos homens que se apinhavam à volta da mesa e ao longo das paredes da camarinha.

–Agora temos de prosseguir e realizar os nossos mais altos desígnios. Temos de capturar, matar e destruir o tirano!

Por um momento, o Conselho comprazeu-se benevolmente com a captura de Cross Island, um triunfo que certamente pressagiava uma vitória ainda maior do lado norte do porto. Os fuzileiros foram saudados, na pessoa do Capitão Welch, que não disse nada e apenas permaneceu atrás da cadeira de Saltonstall com ar severo. O Comodoro, silencioso também, parecia entediado. Por uma ou duas vezes, dignou-se inclinar a cabeça quando Lovell lhe dirigiu uma pergunta direta, mas na maior parte do tempo pareceu estar à margem dos assuntos em discussão. Nem pareceu minimamente inferiorizado pela petição que lhe fora enviada por trinta e dois oficiais dos navios rebeldes que lhe tinham, respeitosamente, solicitado que destruísse ou capturasse, sem mais demora, as três corvetas britânicas. A carta fora delineada nos mais corretos termos, mas nenhuma cortesia poderia esconder que a petição constituía uma crítica ácida ao comando de Saltonstall. A quase totalidade dos homens que tinham assinado aquela carta estava na camarinha, mas Saltonstall ignorou-os ostensivamente.

– Presumo, meus senhores, que estamos de acordo em que temos de atacar em breve? – perguntou Lovell.

Ouviram-se murmúrios de assentimento.

– Esta noite, vamos esta noite – sugeriu impetuosamente George Little, Primeiro-Tenente do Hazard.

– Esperem tempo de mais – disse o Coronel Jonathan Mitchell, comandante da Milícia do Condado de Cumberland – e eles ainda vão conseguir terminar o maldito forte. Quanto mais cedo atacarmos, mais cedo vamos para casa.

– Esperem tempo de mais – avisou George Little – e ainda hão de ver os reforços britânicos a subir o rio.

–Apontou para as grandes janelas da camarinha sobre a popa. A maré vazante virara a Warren sobre a sua corrente da âncora e as janelas davam agora para sudoeste. O Sol estava a pôr-se, fazendo brilhar as águas da baía de Penobscot em coleantes matizes de vermelho e ouro.

– Não antecipemos esse tipo de coisas – disse Lovell.

Wadsworth pensou que eram coisas que valia a pena antecipar, sobretudo se isso apressasse o trabalho que tinham em mãos.

– Sugeriria, meu General – disse ele calorosamente, – que fizéssemos o ataque esta noite.

– Esta noite! – exclamou Lovell, olhando para o seu substituto imediato.

– Temos Lua cheia – disse Wadsworth – e com alguma sorte o inimigo estará pouco atento. Sim, meu General, esta noite.

–Um rosnydo de aprovação ressoou pela camarinha.

– E quantos homens pode você empenhar num tal ataque? – perguntou uma voz rspida, e Wadsworth viu que fora o Tenente-Coronel Revere quem colocara a questão.

Wadsworth sentiu que a pergunta era impertinente. Não cabia a Revere saber quantos homens de infantaria poderiam ser desembarcados, mas Solomon Lovell não pareceu preocupado com a pergunta brusca.

– Podemos desembarcar oitocentos homens – disse o General, e Revere acenou com a cabeça como se a resposta o satisfizesse.

– E quantos homens pode o contingente de artilharia colocar em terra? – perguntou Wadsworth.

Revere vacilou, como se a pergunta o tivesse ofendido.

– Oitenta homens, não incluindo os oficiais – disse ele com ressentimento.

– E confio – disse Wadsworth, ele próprio surpreendido pelo tom provocatorio da sua voz – que, desta vez, as munições estejam de acordo com os canhões?

Revere ficou como se tivesse levado uma estalada. Ficou a olhar para Wadsworth, abriu a boca e voltou a fechá-la, depois contraiu-se como se fosse dar uma resposta rancorosa, mas o Coronel Mitchell interveio.

– Mais importante – disse Mitchell, –  saber quantos homens consegue o inimigo reunir.

William Todd, que t também se contivera quando Revere falou, esteve quase a dar a sua estimativa, geralmente alta, mas Peleg Wadsworth silenciou-o com um gesto.

– Conversei longamente com o jovem Fletcher – disse Wadsworth

– e a sua informao não é um mero palpite, não é uma estimativa, mas vem diretamente do tesoureiro do inimigo.

– Fez uma pausa, olhando em redor da mesa.

– Estou persuadido de que os regimentos inimigos não reúnem mais de setecentos soldados de infantaria.

Alguém deu um assobio de surpresa. Outros pareceram duvidosos.

– Tem confiança nesse número? – perguntou o Major Todd, ceticamente.

– Toda a confiança – disse Wadsworth, com firmeza.

– Eles t também têm homens de artilharia – avisou Lovell.

– E têm os Fuzileiros Reais – disse o Capitão de um dos navios, de um dos limites da camarinha.

– Nós temos fuzileiros melhores – insistiu o Capitão Welch.

O Comodoro Saltonstall remexeu-se e o seu olhar percorreu, desinteressado, a mesa, como se estivesse ligeiramente surpreendido de se encontrar entre tal companhia.

– Vamos pedir duzentos e vinte e sete fuzileiros emprestados  milia

– disse ele.

– Isto é magnifico – disse Lovell na tentativa de fazer crescer o fervor entre os membros do Conselho, – verdadeiramente magnifico! – Recostou-se na cadeira, colocou os punhos afastados sobre a mesa e sorriu para os companheiros.

—Então, meus senhores, temos uma moção! E a moção é que ataquemos esta noite com todas as nossas forças terrestres. Permitam-me que coloque uma proposta à votação do Conselho, e sugiro que tentemos aprová-la por aclamação. Meus senhores, a moção é: acham que as forças que temos são suficientes para atacar o inimigo?

Ninguém respondeu. Estavam todos demasiadamente espantados. Até Saltonstall, que parecera inteiramente desinteressado da discussão que estava a ter lugar na sua camarinha, fitava agora Lovell de olhos esbugalhados.

Por um instante, Wadsworth esteve tentado a pensar que o General arriscara fazer uma brincadeira sem graça, mas via-se pela expressão de Lovell que estava a falar a sério. Ele estava realmente à espera que cada um dos oficiais presentes votasse a moção como se estivesse numa Assembleia-Geral. O silêncio prolongou-se, quebrado apenas pelos passos dos vigias no convés superior.

— A favor, sim — conseguiu Wadsworth dizer, e as suas palavras romperam o estado de surpresa, na camarinha, pelo que um coro de vozes aprovou a moção.

— E alguém se opõe? — perguntou Lovell.

—Ninguém? Excelente!

O sim ganhou.

—Olhou para o seu secretário, John Marston.

—Registe nas atas que a moção que afirma possuímos forças suficientes para fazer um assalto passou por unanimidade e aclamação.

—Sorriu, radiante, para os oficiais reunidos, e depois olhou interrogativamente para Saltonstall.

—Comodoro? Apoiará o nosso ataque com ações navais?

Saltonstall olhou para Lovell com um rosto inexpressivo, mas que, apesar disso, conseguia transmitir a ideia de que achava o General um louco desprovido de inteligência.

— Por um lado — Saltonstall quebrou, por fim, o embaraçoso silêncio,— querem que os meus fuzileiros participem no vosso ataque, e, por outro lado, desejam que eu ataque os navios inimigos sem os meus fuzileiros?

— Eu, bem...

—começou a dizer Lovell, desajeitadamente.

— Bem? — interrompeu asperamente Saltonstall.

—Quer os meus fuzileiros ou não?

— Gostaria muito do auxílio deles — disse Lovell, debilmente.

— Então, ocuparemos o inimigo com tiros de canhão — anunciou Sal-tonstall, com alvivez.

Ouviu-se um murmúrio de protesto dos oficiais que tinham assinado a carta a condenar o Comodoro, mas o murmúrio morreu sob o olhar trocista de Saltonstall.

A única coisa que havia agora a decidir era onde e quando atacar, e ninguém pôs objeções à proposta de Wadsworth de atacar a falésia de novo, mas desta vez à luz da Lua.

— Vamos atacar à meia-noite — disse Wadsworth — e assaltaremos diretamente

a falésia.

Para desespero de Wadsworth, Lovell insistiu em submeter o local e a hora à votação do Conselho, mas ninguém votou contra, embora o Coronel Mitchell tivesse observado, timidamente, que aquela hora deixava pouco tempo para fazer os preparativos necessários.

– Não há melhor hora do que esta – disse Wadsworth.

– Estão à espera que eu ataque os navios à noite? – disse Saltonstall, reentrando na discussão.

– Querem os meus navios afundados no escuro?

– Pode talvez atacar de madrugada? – sugeriu Lovell, recebendo um breve gesto de assentimento.

O Conselho terminou e os homens regressaram aos seus navios enquanto a Lua brilhante ascendia, entre as estrelas. Os rebeldes tinham votado unanimemente fazer o ataque, forçar o inimigo à batalha e, com a ajuda de Deus, obter uma grande vitória.

O nevoeiro surgiu, lentamente, na manhã de quarta-feira, dia 28 de julho de 1779. Inicialmente, era uma névoa que, impercetivelmente, se adensou como uma nuvem que assombrou a Lua, a qual ficou envolta por um anel brilhante. A maré ondulava ao longo dos navios ancorados. A meia-noite passara e ainda não se verificara qualquer ataque. O Hunter e o Sky Rocket, os dois navios corsários que teriam de disparar contra o cimo da falésia quando os rebeldes desembarcassem, tiveram de subir o rio à força de remos, antes de ancorarem perto da costa, e ambos os navios chegaram tarde. Alguns navios de transporte tinham escaleres e lanchas a mais, e outros tinham a menos, e a confusão teve de ser desfeita. O tempo passava e Peleg Wadsworth fervia. Aquele era o ataque que tinha de vingar, o ataque para conquistar a falésia e forçar o assalto ao forte. Por isso a frota viera para a baía de Penobscot, mas, ainda assim, a uma hora da manhã passara, depois as duas, as três, e as tropas continuavam a não estar prontas. Um capitão miliciano sugeriu que se deveria desistir do ataque, porque o crescente nevoeiro humedeceria a pólvora nas caçoletas dos mosquetes, uma ideia que Wadsworth rejeitou com uma raiva que o surpreendeu.

– Se não os conseguir matar a tiro, Capitão – vociferou ele, – mate-os à pancada com a coronha do mosquete.

– O Capitão olhou-o com um rosto ofendido.

– Foi para isso que veio, não foi? – perguntou Wadsworth.

– Para matar os inimigos?

James Fletcher, ao lado de Wadsworth, sorriu. O único sinal de uniforme que trazia era uma bandoleira branca, da qual pendia uma cartucheira, mas a maioria dos milicianos estava vestida de modo idêntico. Apenas os fuzileiros e alguns oficiais da milícia usavam uniformes reconhecíveis como tal. O coração de James pulsava visivelmente. Estava nervoso. A sua missão era mostrar aos atacantes que trilhos levavam ao cimo da falésia, mas naquele preciso momento a falésia não passava de um penedo ensombrado no meio da névoa. Não se via qualquer luz. Os escaleres embatiam e acotovelavam-se ao longo dos navios de transporte, à espera de levar os soldados para terra,

enquanto, no convés, os homens afiavam navalhas e baionetas e verificavam, obsessivamente, que as pederneiras, nos fechos, estavam firmemente inseridas no cão das armas. Wadsworth e Fletcher estavam a bordo da corveta Centurion, a partir da qual embarcariam com os fuzileiros de Welch. Estes fuzileiros, de blusão verde-escuro, esperavam pacientemente a meio do navio e entre eles havia um rapaz de Townsend, do qual Wadsworth se recordava. O rapaz sorriu ao General, que tentou desesperadamente lembrar-se do nome dele.

– És o Israel, não és? – disse Wadsworth quando, subitamente, o nome lhe veio à cabeça.

– Agora sou o Fuzileiro Flautista Trask – disse o rapaz sem hesitação na voz.

– Foste para os fuzileiros! – disse Wadsworth a sorrir.

Tinham fornecido um uniforme ao rapazinho, uma casaca verde-escuro reduzida ao tamanho mínimo, e da sua cintura pendia uma espada-baio-neta. Faltava-lhe o colarinho de couro dos fuzileiros e, em vez disso, tinha um lenço preto apertado à volta do pescoço descarnado.

– Raptámos o sacana, meu General – disse um fuzileiro da escuridão.

– Então, certifiquem-se de que tomam conta dele – disse Wadsworth – e porta-te bem, Israel Trask

Um barco a remos embateu num dos lados da Centurion e um atormentado Tenente miliciano arrastou-se sobre a amurada com uma mensagem do Coronel McCobb.

– Desculpe, meu General, ainda vai demorar um bocado, o Coronel diz que lamenta, meu General.

– Maldição! – não pôde deixar de exclamar Wadsworth.

– Ainda não há barcos suficientes, meu General – explicou o Tenente.

– Usem os barcos que tiverem – disse Wadsworth – e enviem-nos de volta para levarem o resto dos homens. Mandem-me dizer quando estiverem prontos!

– Sim, meu General.

–O Tenente, vexado, regressou ao seu barco.

– E dizem que estão sempre prontos! – perguntou com uma ponta de ironia o Capitão Welch, que surgira junto de Wadsworth.

Wadsworth ficou surpreendido por o severo Capitão fuzileiro ter dito alguma coisa. Welch era uma presença sombria, tão sinistro que o seu habitual silêncio era bem-vindo, apesar de a sua voz ter soado amistosa, na escuridão.

– Os seus homens têm comida? – perguntou Wadsworth. Era uma pergunta desnecessária, mas o fuzileiro alto punha-o nervoso.

– Tem a sua razão – disse Welch, ainda num tom divertido.

O General Lovell enviara uma mensagem ordenando que todos os homens levassem «uma razão para terra, de modo a aliviar a fome», e Wadsworth passara-a obedientemente, embora suspeitasse que a fome seria o menor dos problemas deles.

– Alguma vez estive em Inglaterra, meu General? – perguntou subitamente Welch.

– Não, não. Nunca.

– Bela terra, alguns pontos pelo menos.
– Visitou-a já?
Welch assentiu.
– Não foi planeado. O nosso navio foi capturado e eu fui levado para lá como prisioneiro.
– Foi trocado?
Welch sorriu, e os seus dentes brilharam, muito brancos, na escuridão.
– Nem pensar. Saí para dar uma volta e andei todo o maldito caminho até Bristol. Inscrevi-me como ajudante num navio mercante que ia sair para Nova Iorque. Vim para casa.
– E ninguém suspeitou de si?
– Nem uma só alma. Pedi esmola e roubei comida. Conheci uma viúva que me alimentou.
– Sorriu ao recordar-se.
– Gostei de ver o lugar, mas não voltarei nunca mais.
– Gostaria de ver Oxford, um dia – disse Wadsworth, com certa ânsia, – e talvez Londres.
– Construiremos uma Londres e uma Oxford aqui – disse Welch.
Wadsworth perguntou-se se o habitualmente lacónico Welch estava conversador porque estava nervoso, e, depois, com um sobressalto, percebeu que o fuzileiro estava a falar porque adivinhara o seu próprio nervosismo. O General fixou com o olhar a falésia sombria que, na névoa que se adensava, começava a ser pintada por uma vaga luminosidade do céu, vinda de este, apenas um laivo de cinzento no negrume.
– A madrugada está a surgir – disse Wadsworth.
E, então, subitamente, não houve mais demoras. O Coronel McCobb e a Milícia do Condado de Lincoln estavam prontos, e rapidamente os homens desceram para os barcos e Wadsworth tomou o seu lugar à popa do escaler. Os fuzileiros tinham os rostos cinzentos àquela luz lívida, mas, a Wadsworth, pareciam resolutos, determinados e assustadores, e isso tran-quilizava-o. As suas baionetas estavam fixadas. Os marinheiros da Centurion deram um viva em voz baixa quando os barcos se afastaram do navio de transporte. Um viva mais sonoro ressoou do Sky Rocket, e depois Wadsworth ouviu claramente o Capitão William Burke gritar para a sua tripulação.
– Por Deus e pela América! Fogo!
O Sky Rocket rasgou a madrugada com as suas oito peças do costado. As chamas saltaram e ondularam, o fumo espalhou-se sobre as águas e os primeiros projéteis atingiram terra.
Os rebeldes iam a caminho.

Excerto de uma carta enviada pelo Conselho do Massachusetts ao Briga-deiro-General Solomon Lovell, a 23 de julho de 1779:

É Vontade do Conselho... que urja as Operações com todo o

Vigor possível e inicie e termine o assunto da Expedição antes que quaisquer reforços possam chegar ao inimigo em Penobscot. Também se diz aqui e muitos acreditam que um navio de Quarenta Peças e a Fragata Delaware saíram de Sandy Hook no dia Dezasseis do Corrente e estão para Este; o seu destino não era conhecido.

Excerto de uma Ordem do Conselho do Estado do Massachusetts, de 27 de julho de 1779:

Ordena-se, pela presente ordem, que o Conselho de Guerra forneça os dois índios da Tribo Penobscot, agora na Cidade de Boston, com Dois Chapéus um deles bordado duas Mantas e duas Camisas.

Excerto da ordem de serviço diária do Brigadeiro-General Solomon Lovell, de 27 de julho de 1779:

Todos os Oficiais e Soldados do Exército estão estritamente impedidos de dar ou vender rum aos Índios, exceto aqueles que os comandam diretamente, sob pena de sofrerem a maior desaprovação. .. Deseja-se que os Oficiais tomem particular Atenção para que os homens não desperdicem Munições e que mantenham as suas Armas em boa Ordem.

Os primeiros tiros rebentaram nas árvores, explodindo galhos, agulhas e folhas. Pássaros chiaram e esvoaçaram na madrugada. Os rebeldes utilizavam projéteis encadeados e de palanqueta, que giravam e rompiam por entre os ramos e, quando atingiam a face da falésia, espalhavam salpicos de terra e nacos de pedra.

– Pelo Deus vivo – disse o Capitão Archibald Campbell. Era ele o escocês que comandava os piquetes da falésia e olhava horrorizado para as linhas de escaleres que emergiam do nevoeiro e avançavam para a sua posição. No meio deles, desajeitadamente remada por homens que manobravam pás muito compridas, uma escuna deslizava em direção à praia, com o convés apinhado de homens. Dois navios de guerra inimigos estavam ancorados perto da costa e esses navios, que ainda eram apenas formas escuras entre o fumo e o nevoeiro, tinham começado a disparar para a falésia. O Hunter possuía nove canhões de dois quilos a carregar sobre a falésia, ao passo que o Sky Rocket tinha oito daqueles pequenos canhões no costado, mas, embora as armas fossem pequenas, os projéteis atingiam o alvo com uma brutalidade que atordoava. Campbell parecia gelado. Tinha oitenta homens sob o seu comando, a maior parte deles espalhados ao longo da falésia, onde o declive íngreme se começava a suavizar.

– Digo aos homens para se deitarem, meu Capitão? – sugeriu um Sargento.

– Sim – disse Campbell, mal dando conta de que estava a dizer alguma coisa.

As peças dos navios disparavam agora mais irregularmente, à medida que as guarnições mais rápidas ultrapassavam as mais lentas. Cada disparo constituía um estrepito que repercutia nos ouvidos e todos iluminavam a falésia com um rápido clarão, que era ocultado quase instantaneamente pelo fumo da pólvora. Campbell tremia. O estômago ardia-lhe, tinha a boca seca e a perna direita estremecia incontrolavelmente. Havia centenas de rebeldes a avançarem! O mar, oculto pelo nevoeiro, estava obscurecido pela falésia, mas ele conseguia distinguir o brilho das pás dos remos sob o fumo das armas e ver o reflexo cinzento das baionetas. Galhos, pedaços da casca dos troncos, folhas, pinhas e agulhas dos pinheiros choviam sobre o piquete quando os tiros irrompiam por entre o arvoredado da falésia. Um projétil com corrente desfez um tronco podre caído. Os escoceses mais próximos de Campbell olhavam nervosamente para o seu oficial.

– Informamos o General McLean, meu Capitão? – sugeriu estoicamente o Sargento.

– Vão – conseguiu ele articular, – sim, vão, vão!

O Sargento voltou-se e foi atingido no pescoço por uma bala de palanqueta. Cortou-lhe a trança e separou-lhe a cabeça do corpo e, à luz sombria da madrugada, a chuva de sangue pareceu extraordinariamente brilhante, como gotas rubis a que a luz do Sol, filtrada pelo arvoredado e que o nevoeiro tornava difusa, dava um brilho suplementar. Um jato de sangue esguichou para cima, parecendo erguer-lhe a cabeça, que se virou, dando a ideia de que o Sargento

olhava com uma expressão de censura para Campbell, que deu um pequeno grito de horror e, depois, se curvou e vomitou. A cabeça, ensopada em sangue, caiu com um baque sobre a terra e rolou alguns metros pelo declive. Um outro projétil rompeu por cima deles, desfazendo galhos. Os pássaros gritaram. Um casaca vermelha disparou o mosquete em direção ao fumo dos canhões e ao nevoeiro.

– Não disparem! – gritou Campbell num timbre demasiado estridente.

– Não disparem! Esperem até eles chegarem à praia! – Cuspiu. Sentia a boca acre e os músculos da mão direita contraíram-se. Tinha sangue na casaca e vomitado sobre as botas. O corpo sem cabeça do Sargento estremeceu, até que, por fim, se imobilizou.

– Por que razão, em nome de Deus, não podemos disparar? – interrogou-se em voz alta o Tenente John Moore, colocado do lado esquerdo das tropas escocesas. Chefiava vinte e dois Hamilton, posicionados em Dyces Head, no local onde o declive era mais íngreme. O seu piquete estava exatamente entre os barcos que se aproximavam e a pequena bateria britânica, no cimo da falésia, e Moore estava determinado a proteger essa bateria. Observou o inimigo a aproximar-se e observou-se também a si próprio com olho crítico. Uma bala de corrente inimiga embateu numa árvore, nem a cinco passos de distância, e lascas de tronco choveram sobre Moore, como uma saudação do Diabo, e sabia que deveria estar com medo, ainda que, na verdade, não desse conta desse medo. Sentia apreensão, sim, porque ninguém deseja morrer ou ser ferido, mas, em vez de um medo que o tornasse mais frágil, sentia um crescente sentimento de júbilo. Deixem vir os filhos da mãe, pensou ele, e depois compreendeu que aquele autoexame o estava a consumir de tal modo que continuava absorto e em silêncio enquanto os seus homens olhavam para ele em busca de confiança. Obrigando-se a caminhar lentamente ao longo do intervalo da falésia, desembainhou a espada e fez adejar a sua lâmina esguia na direção do espesso matagal.

– É simpático o inimigo debastar as árvores para nós – disse ele.

– Melhora a vista, não acham?

– Os maricas querem debastar mais do que árvores – murmurou o Soldado Neill.

– Não sei se reparou numa coisa, meu Tenente – disse calmamente o Sargento McClure.

– Diga-me, Sargento. Dê alegria à minha manhã.

McClure apontou para os barcos que se aproximavam e iam ficando mais nítidos à medida que emergiam do nevoeiro adensado pelo fumo.

– Aqueles filhos da mãe, ali, estão fardados, meu Tenente. Acho que estão a enviar o melhor que têm contra nós. Mas os patifes que vêm mais além – apontou para os escaleres mais a norte – trazem umas roupas velhas quaisquer. Um bando de vagabundos, é o que parecem.

Moore deitou um olhar para oeste, e depois olhou para os barcos mais a norte.

– Tem razão, Sargento – disse ele. Nos barcos mais próximos, viu as cartucheiras brancas sobre as casacas verdes-escuras dos fuzileiros e presumiu que os uniformes pertencessem a um regimento do exército

continental do General Washington.

– Enviam-nos os seus melhores soldados – disse ele em voz alta – e não podemos censurá-los.

– Não podemos?

– Vão enfrentar o mais formidável regimento do exército britânico – disse Moore alegremente.

– Oh, sim, os vinte e dois que somos ao todo – disse McClure.

– Se eles soubessem o que vão enfrentar – disse Moore, – davam meia-volta e iam-se embora.

– Peço licença para que fiquem a saber, meu Tenente – disse McClure, horrorizado com a bazófia do jovem oficial.

– Em vez disso, vamos matá-los, Sargento – disse Moore, embora as suas palavras se tivessem perdido, pois um projétil com corrente rompeu ruidosamente por entre os ramos acima, fazendo cair sobre eles pinhas e agulhas de pinheiro.

– Não disparem ainda! – gritou o Capitão Archibald Campbell do centro da falésia.

– Esperem até chegarem à praia!

– Parvalhão – disse Moore. E, assim, de espada desembainhada e debaixo do fogo dos costados dos navios inimigos, caminhou pela falésia e observou o inimigo a aproximar-se mais. O momento da batalha, pensou ele, finalmente chegava e, em todos os seus dezoito anos de vida, John Moore nunca se sentira tão cheio de vida.

Wadsworth retraía-se ao sentir as gotas de água atiradas pelos remos salpicarem-lhe o rosto. Poder-se-ia estar em junho, mas o ar era frio e a água mais fria ainda. Tremia dentro da casaca do uniforme do exército continental e rezava para que nenhum dos fuzileiros tomasse aquele tremor por medo. Ao seu lado, o Capitão Welch parecia completamente despreocupado, como se estivesse apenas a ser transportado para tratar de alguma incumbência mundana. Israel Trask, o rapazinho flautista, sorria à proa do escaler, não parando de se virar para ver a falésia, onde não havia qualquer inimigo à vista. A falésia elevava-se a uns sessenta metros a partir da praia, e uma grande parte do seu declive era quase perpendicular, mas com o nevoeiro parecia muito mais alta. As árvores eram fustigadas pelo impacto das balas e os pássaros voavam em círculo sobre a elevação, mas Wadsworth não conseguia ver nem um casaca vermelha e nenhum novelo de fumo que indicasse fogo de mosquete. O nevoeiro cirandava em redor dos ramos altos. Os barcos da frente estavam agora perfeitamente ao alcance dos tiros de mosquete, mas o inimigo continuava sem disparar.

– Tu ficas na praia, rapaz – disse Welch a Israel Trask.

– Não posso...

– começou o rapaz a dizer.

– Ficas na praia – disse Welch outra vez, e depois trocou um olhar malicioso com Wadsworth – com o General.

– Isso é uma ordem? – perguntou Wadsworth, divertido.

– A vossa missão é enviar os barcos para irem buscar mais homens e enviar

esses homens para onde forem necessários – disse Welch, aparentemente impassível ao dizer a Wadsworth o que este deveria fazer.

—A nossa missão é matar quantos filhos da mãe encontrarmos no cimo deste declive.

— Se lá houver algum – disse Wadsworth. O barco estava quase na praia, batida por pequenas ondas, e o inimigo continuava sem oferecer resistência.

— Pode ser que estejam a dormir – disse Welch, – pode ser.

Então, assim que a proa do barco deslizou sobre a praia de seixos, ruído e fumo explodiram da parede da falésia. Wadsworth viu uma língua de fogo lá em cima, ouviu as balas de mosquete silvarem ao passarem por ele, viu a água espadunar ao ser atingida, e depois os fuzileiros gritaram ao saltarem para terra. Outros barcos tocaram a estreita praia, que rapidamente ficou cheia de homens de casaca verde à procura de um caminho que os levasse ao cimo da falésia. Um fuzileiro cambaleou para trás com a cartucheira subitamente tingida de vermelho. Caiu de joelhos sobre a pequena ondulação e tossiu violentamente, vertendo sangue escuro a cada arranco.

James Fletcher, de mosquete na mão, teve de correr para um grande rochedo de granito que quase bloqueava a praia.

— Há um caminho aqui! – gritou ele.

— Ouviram o que ele disse! – gritou Welch.

—Então, sigam-me! Vamos lá, seus patifes!

— Começa a tocar, rapaz – disse Wadsworth a Israel Trask, – dá-nos uma boa melodia!

Os fuzileiros trepavam o declive, que era íngreme o bastante para que os obrigasse a pôr os mosquetes ao ombro e usassem as duas mãos para se içarem, agarrando-se aos rebentos e às rochas. Uma bala atingiu uma pedra, fez ricochete e passou acima da cabeça de Wadsworth. Um fuzileiro cambaleou para trás e o seu rosto era uma máscara vermelha. Uma bala atravessara-lhe o osso malar e a carne da bochecha pendia-lhe sobre o colarinho de couro. Wadsworth conseguia ver-lhe os dentes através do rasgão, mas o fuzileiro recobrou e continuou a subir, fazendo ruídos incoerentes quando uma corrente deslocou o ar por cima da sua cabeça e desfez um lariço. Wadsworth ouviu distintamente uma voz a gritar aos homens para que fizessem pontaria baixa e, com um sobressalto, percebeu que estava a ouvir a voz de um oficial inimigo. Sacou a pistola e apontou-a para cima do íngreme declive, mas não conseguiu ver um alvo para o qual disparasse, apenas farrapos de fumo cinzento-esbranquiçado que revelavam que o inimigo estava a meio do declive. Gritou às tripulações dos escaleres para que regressassem aos navios de transporte, onde havia mais homens à espera, depois caminhou para norte, ao longo da praia, e as suas botas esmagaram a linha de algas secas e destroços que marcavam o lugar onde a maré-alta chegava. Encontrou uma dúzia de milicianos acorados numa concavidade rochosa e instou-os a subirem o declive. Fitaram-no como se estivessem atordoados e, então, subitamente, um deles fez um aceno com a cabeça, saiu do abrigo a correr e os outros seguiram-no.

Mais proas tocaram terra e mais homens se amontoaram sobre as amuradas.

A praia estreita sob a falésia estava agora cheia, em todo o seu comprimento, de homens que corriam para as árvores e começavam a subir. As balas zuniam, espadanavam na água ou atingiam as pedras, e os canhões do Hunter e do Sky Rocket continuavam a fazer estalar o ar, com o ribombar entontecedor dos seus projéteis malignos. O ruído dos canhões e mosquetes saturava a praia enevoadada, mas Israel Trask tocava uma melodia em contraponto ao percutir dos disparos. Trilava a alegre «Rogues March», na praia, exposto, e, enquanto tocava, fitava de olhos esbugalhados a falésia. Wadsworth agarrou-lhe o colarinho, provocando um súbito soluço na melodia, e arrastou-o para o lado do grande rochedo que estava virado ao mar. – Fica aqui, Israel – ordenou Wadsworth, considerando que o rapaz ficaria a salvo naquele abrigo de granito.

Um corpo, de barriga para baixo, flutuava mesmo junto à rocha. O homem usava um blusão de antílope e um buraco nas suas costas mostrava onde a bala fatal lhe trespassara o corpo. O cadáver era empurrado para a frente pela ondulação e depois sugado. Era movido para a frente e para trás, implacavelmente. O morto era Benjamin Goldthwait, que escolhera abandonar as lealdades do seu pai e lutar ao lado dos rebeldes.

Um capitão da milícia arrastara-se até ao cimo do rochedo e gritava aos seus homens para que continuassem a subir até ao topo da falésia. O inimigo devia tê-lo visto porque ouviram-se estalar balas de mosquete na pedra.

– Suba também à falésia! – gritou Wadsworth para o Capitão e, nesse preciso momento, uma bala atingiu o oficial miliciano na barriga e o seu grito transformou-se em gemido à medida que se dobrava sobre si e o sangue lhe alastrava pelas calças. Caiu lentamente para trás e, de súbito, o sangue esguichou em arco sobre ele. Deslizou por um dos lados do rochedo e caiu sobre a rebentação, ao lado do cadáver de Ben Goldthwait. Os olhos de Israel Trask esbugalharam-se mais.

– Deixa lá os corpos, rapaz – disse Wadsworth, – não pares de tocar.

James Fletcher, cujas ordens eram para ficar perto de Wadsworth, meteu-se na ondulação para puxar o oficial ferido da água, mas no instante em que o agarrou pelos ombros, um jato de sangue esguichou para a sua cara e o maltratado Capitão contorceu-se, em agonia.

– Vocês! – Wadsworth apontava para uns marinheiros que se preparavam para levar o seu barco de regresso aos transportes.

– Levem este ferido convosco! Há um cirurgião no Hunter! Levem-no para lá.

– Acho que está morto – disse James, estremecendo com o sangue que o atingira na cara e se espalhava na ondulação.

– Comigo, Fletcher – disse Wadsworth, – vamos! – E seguiu o caminho junto ao rochedo. À sua esquerda, a milícia debatia-se na densa vegetação que abafava a falésia, mas Wadsworth teve a sensação de que os fuzileiros, à sua direita, estavam muito mais em cima. O caminho inclinava-se para sul, ao longo da parede da falésia. Não era bem um caminho, era um vago trilho, interrompido por raízes, arbustos e árvores caídas, e Wadsworth teve de usar as duas mãos para se alçar sobre as partes mais difíceis. O trilho serpenteava de volta para norte e, na curva, um fuzileiro atava um pedaço de pano em

volta de uma coxa ensanguentada, enquanto, mesmo atrás dele, um outro fuzileiro jazia como que a dormir, de boca aberta, mas sem qualquer sinal de ferimento. Wadsworth sentiu um baque quando olhou para o rosto do jovem; tão bonito, que desperdiçou.

— Está morto, meu General — disse o fuzileiro ferido.

Uma bala embateu numa árvore ao lado de Wadsworth, fazendo um lanho no tronco. Obrigou-se a subir a encosta. Ouvia o tiroteio dos mosquetes perto, adiante de si, e ouvia Welch a rugir ordens por cima desse ruído fragmentado. Os fuzileiros continuavam a avançar, mas o declive era agora menos acentuado, o que lhes libertava as mãos para poderem utilizar os mosquetes. Um grito ressoou por entre as árvores e foi abruptamente cortado.

— Não deixem que os filhos da mãe se levantem! — gritava Welch.

— Estão a fugir! Mantenham-nos em fuga!

— Vamos, Fletcher! — chamou Wadsworth. Sentia uma súbita exaltação. O perfume da vitória sentia-se no fedor a ovos podres do fumo da pólvora. Viu um casaca vermelha entre as árvores, à sua esquerda, apontou-lhe a pistola e puxou o gatilho, e embora duvidasse da sua pontaria àquela distância, sentiu um deleite feroz em disparar contra os inimigos do seu país. James Fletcher disparou o mosquete para cima e o coice da arma quase o atirou para fora do trilho.

— Continue a andar! — gritou Wadsworth. Estavam a desembarcar mais milicianos e também eles tinham a sensação de que estavam a vencer aquele combate e trepavam com um novo entusiasmo. Os mosquetes disparavam agora ao longo de toda a falésia, tanto americanos como britânicos, e os tiros enchiam o arvoredo de balas e fumo, mas Wadsworth sentia que o fogo mais pesado vinha dos Americanos. Os homens gritavam uns aos outros, encorajando-se mutuamente e apupando, deliciados, ao verem os casacas vermelhas retrocederem cada vez mais para cima.

— Mantenham-nos em fuga! — gritou Wadsworth. Meu Deus, pensou ele, estavam a vencer!

Um miliciano levou a bandeira americana para terra e a visão dela inspirou Wadsworth.

— Vamos! — gritou ele para um grupo de homens do Condado de Lincoln, e lançou-se para cima. Uma bala passou-lhe tão perto que a deslocação do ar lhe sacudiu a cara, mas Wadsworth sentia-se indestrutível. À sua direita, via uma linha irregular de fuzileiros com as baionetas a cintilarem à medida que subiam a parte menos íngreme do declive, enquanto à sua esquerda o arvoredo se adensava de milicianos, com os seus blusões de antílope. Ouvia, na distância, os gritos de guerra dos índios, à esquerda do lado americano, e depois a milícia pegou no mote e encheu o arvoredo de gritos agudos e fantasmagóricos. O fogo rebelde era muito mais intenso do que o tiroteio de mosquete do inimigo. Os dois navios de guerra tinham suspenso o fogo e os seus costados constituíam maior perigo para o seu próprio lado do que para o inimigo, mas o ruído dos disparos dos mosquetes americanos era incessante. O cume da falésia estava a ser crivado de tiros de mosquete e estes levavam os atacantes, a cada momento, um pouco mais para cima.

Rachel, uma das escunas de transporte mais pequenas, foi levada à força de remos para junto da costa. A sua proa tocou a praia de seixos e mais atacantes ainda saltaram para a praia. Levavam a bandeira da Milícia do Massachusetts.

– Continuem até lá acima! – gritou-lhes Israel Trask interrompendo a sua música.

–Vão perder o combate! Continuem até lá acima!

Os homens obedeceram-lhe, fluindo pelo trilho para reforçar os atacantes. Wadsworth percebeu que estava agora próximo do cume e achou que poderia reunir os atacantes lá e mantê-los a andar pela crista de Majabigwadu até ao forte. Sabia que o forte estava inacabado, sabia que não abundava em canhões, e, com tão excelentes homens e com tal ímpeto, porque não deveria a tarefa ser concluída antes de o Sol dissipar o nevoeiro?

– Em frente! – gritou ele.

–Vamos! Vamos! Vamos!

Ouviu um tiro de canhão, um som muito mais profundo e mais ri-bombante do que qualquer mosquete, e, por um instante, temeu que os Britânicos tivessem artilharia no alto da falésia, depois viu o fumo inclinar-se para sul e percebeu que os pequenos canhões do inimigo em Dyces Head deviam estar ainda a disparar para Cross Island. Aquelas armas não constituíam um perigo, portanto, gritou aos fuzileiros dizendo que o fogo de canhão não era dirigido a eles.

– Continuem! – gritou ele, e arrastou-se mais para cima, entre uma mistura de fuzileiros e milicianos. Um homem, vestido com uma túnica grosseira, estava encostado a uma árvore tombada, ofegante, a ganhar fôlego.

–Estás ferido? – perguntou Wadsworth, e o homem apenas abanou a cabeça.

–Então continua! – disse Wadsworth.

–Já não estamos longe!

– Um corpo jazia estendido no caminho de Wadsworth e ele viu, quase com espanto, que era o cadáver de um casaca vermelha. O soldado morto usava um kilt escuro, tinha os punhos fechados e as moscas pululavam na bancada de carneiro que fora o seu peito. Então Wadsworth atingiu o cume. Os homens davam vivas, os Britânicos fugiam, as bandeiras americanas estavam a ser transportadas para cima e Wadsworth estava triunfante.

Por a falésia ter sido tomada, por os casacas vermelhas estarem a ser derrotados e por o caminho até ao forte estar aberto.

De súbito, o Tenente John Moore compreendeu que o inconcebível estava a acontecer, que os rebeldes estavam a vencer o combate. A compreensão disto foi terrível, danada, esmagadora, e a sua reação foi redobrar esforços para os fazer recuar. Os seus homens tinham disparado a partir do ponto mais íngreme da falésia e, a princípio, com os inimigos de casaca verde a debaterem-se na parte mais árdua da sua escalada, Moore vira o seu fogo fazer retroceder os atacantes. Esses atacantes seguiam por um caminho rude e irregular que serpenteava pela falésia e os homens de Moore podiam disparar contra eles, embora na escuridão os atacantes fossem difíceis de ver.

– Fogo! – gritou Moore, mas percebeu logo que a ordem era desnecessária. Os

seus homens disparavam tão rapidamente quanto conseguiam recarregar as armas, e, ao longo de toda a falésia, os casacas vermelhas faziam descargas de tiros de mosquete contra o arvoredado emaranhado. Por alguns instantes, Moore pensara que estavam a vencer, mas havia colunas de atacantes que, assim que atingiam a zona do terreno menos inclinada, começavam a responder ao fogo. A falésia crepitava de tiros que não acabavam, o fumo envolvia os ramos e pesadas balas embatiam nas árvores e na carne.

O Capitão Archibal Campbell, horrorizado pelo número de atacantes, gritou aos seus homens para que retirassem.

– Ouviu aquilo, meu Tenente? – perguntou o Sargento McClure a Moore.

– Fiquem onde estão! – rosnou Moore aos seus homens.

Tentou perceber o que acontecera, mas o barulho e o fumo eram caóticos. A única coisa certa era que, abaixo dele, no declive, havia homens fardados e o seu dever era empurrá-los de volta para o mar e, por isso, ficou na parede superior da falésia enquanto o resto do piquete de Campbell retrocedia para o cimo.

– Continuem a disparar! – disse ele a McClure.

– Jesus, Maria, José – disse McClure, e disparou o mosquete contra um grupo de atacantes. A reação foi o estampido de tiros de mosquete e chamas que ascenderam envoltas em fumo, e o soldado McPhail, de apenas dezassete anos, produziu uma espécie de miado e largou o mosquete. Um bocado de costela, espantosamente branca à luz da madrugada, rompia através da sua casaca vermelha e as suas calças de pele ficaram vermelhas quando ele caiu sobre os joelhos e produziu um novo miado.

– Não podemos ficar aqui, meu Tenente – gritou McClure a Moore, por cima do ruído dos mosquetes.

– Para trás! – concedeu Moore.

– Devagar! Continuem a disparar!

– Agachou-se junto de McPhail, cujos dentes batiam, depois o rapaz estremeceu convulsivamente e ficou imóvel, e Moore percebeu que morrera.

– Atenção à sua direita, meu Tenente – avisou McClure, e Moore ficou em pânico durante um segundo quando viu rebeldes passarem por ele, através dos densos arbustos. Dois esquilos saltaram, acima da sua cabeça.

– É altura de irmos para cima, meu Tenente – disse McClure.

– Para trás! – gritou Moore aos seus homens, – mas devagar! De-em-lhes fogo!

– Embainhou a espada, desapertou o cinto de McPhail com a cartucheira, depois carregou o cinto, a cartucheira e o mosquete pelo declive acima. Os fuzileiros, mais a norte, viram-no e as balas silvaram à sua volta, mas depois desviaram-se para os homens da retaguarda do Capitão Campbell, e essa distração deu mais tempo a Moore para se debater com os últimos metros até ao topo da falésia, de onde gritou aos seus homens para se levantarem e formarem uma linha. Algumas agulhas de pinheiro tinham-lhe caído para a nuca e pescoço e estavam presas na gola. Causavam-lhe irritação. Não conseguia ver os homens do Capitão Campbell e parecia que o seu pequeno piquete era a única presença britânica que restava na falésia, mas nesse momento um tenente de artilharia, de casaca azul, apareceu a correr vindo

de leste.

O Tenente, um dos homens do Capitão Fielding, comandava os três canhões pequenos colocados mesmo por trás de Dyces Head. Os artilheiros tinham substituído as guarnições navais, libertando os marinheiros para regressarem aos seus navios, que esperavam um ataque da frota inimiga.

O Tenente de artilharia, um rapaz da mesma idade de Moore, parou junto ao piquete.

– Que está a acontecer?

– Um ataque – disse Moore, com uma simplicidade brutal. Tinha enlaçado o cinto do soldado morto no cinto da sua espada e, agora, procurava tirar um cartucho da bolsa, mas McClure desviou a sua atenção.

– Devíamos ir para trás, meu Tenente – afirmou o Sargento.

– Ficamos aqui e continuamos a disparar! – insistiu Moore. Os seus Hamilton formavam agora uma única linha no topo da falésia. Atrás deles havia uma pequena clareira, depois um grupo de pinheiros, para além dos quais os três canhões continuavam a disparar, através do porto, contra a bateria rebelde de Cross Island.

– Deverei levar as armas daqui? – perguntou o Tenente de artilharia.

– Consegue disparar para baixo da falésia? – perguntou Moore.

– Para baixo da falésia?

– Contra eles! – disse Moore com impaciência, apontando para onde os atacantes de casaca verde estavam momentaneamente visíveis entre o matagal obscuro.

– Não.

Uma rajada de fogo de mosquete irrompeu à direita de Moore. Dois dos seus homens caíram e outro largou o mosquete para agarrar o ombro. Um dos que caíra contorcia-se, em agonia, enquanto o sangue se espalhava pelo chão. Começou a gritar com uivos agudos e os homens que restavam retrocederam com horror. Mais tiros foram disparados do arvoredo e um terceiro homem caiu sobre os joelhos, com a coxa direita desfeita por uma bala. A pequena linha de Moore estava agora esfarrapada e, pior do que isso, os seus homens estavam a recuar. Estavam pálidos e rolavam os olhos de medo.

– Vão deixar-me aqui? – gritou-lhes Moore.

– Vão os Hamilton deixar-me sozinho? Voltem cá! Portem-se como soldados! – Moore estava surpreendido consigo próprio por parecer tão confiante e ficou ainda mais surpreendido quando o piquete lhe obedeceu. O medo tinha-se apoderado deles e o medo estivera a um passo de se transformar em pânico, mas a voz de Moore detivera-os.

– Fogo! – gritou ele, apontando para a nuvem de fumo da pólvora que se via onde a saraivada inimiga fora disparada. Tentou ver o inimigo que a disparara, mas as casacas verdes dos fuzileiros confundiam-se com as árvores. Os homens de Moore dispararam, e as pesadas coronhas dos mosquetes escoicearam nos ombros magoados.

– Temos de tirar os canhões dali! – disse o Tenente de artilharia.

– Então tire! – rosnou Moore, e afastou-se. As varetas dos seus homens matraquearam nos canos sujos de pólvora quando recarregaram.

Uma bala atingiu o Tenente de artilharia ao fundo das costas e ele dobrou-se.
– Não – disse ele, mais surpreso do que dorido, – não! – Arrastou as botas na terra coberta de folhas.

– Não – disse ele de novo, e receberam outra saraivada, desta vez vinda de norte, e Moore percebeu que corria o perigo de ficar separado do forte.

– Ajudem-me – disse o Tenente de artilharia.

– Sargento! – chamou Moore.

– Temos de ir, meu Tenente – disse o Sargento McClure, – somos os únicos que restam.

O Tenente de artilharia arqueou, subitamente, as costas e guinchou. Mais um dos homens de Moore caiu por terra e o sangue ensopava-lhe as calças de pele desbotadas.

– Temos de ir para trás, meu Tenente! – gritou McClure zangado.

– Recuem para as árvores – gritou Moore aos seus homens, – com calma! – Recuou com eles, detendo-os de novo quando chegaram ao grupo de pinheiros. Os canhões estavam agora mesmo por trás deles, enquanto à frente estava a clareira onde jaziam os mortos e os moribundos e, para além da qual, o inimigo se estava a juntar.

– Fogo! – gritou Moore, com voz rouca. O nevoeiro estava menos denso e era iluminado pelo Sol nascente, fazendo com que o fumo dos mosquetes parecesse elevar-se como um vapor reluzente.

– Temos de ir, meu Tenente – instou McClure, – temos de voltar para o forte, meu Tenente.

– Não de vir reforços – disse Moore, e uma bala atingiu a boca do Sargento McClure, partindo-lhe os dentes, atravessando-lhe a garganta e paralisando-lhe a coluna. O Sargento caiu sem um ruído. O seu sangue salpicou os calções imaculados de John Moore.

– Fogo! – gritou Moore, mas poderia ter chorado de frustração. Era a sua primeira batalha e estava a perdê-la, mas não cederia. Certamente o Brigadeiro enviaria mais homens, e, assim, John Moore, ainda com o mosquete do soldado morto nas mãos, permaneceu em terreno incerto.

E mais rebeldes ainda trepavam pela falésia.

O Capitão Welch estava frustrado. Queria aproximar-se do inimigo. Queria aterrorizar, matar, conquistar. Sabia que liderava os melhores soldados e se os conseguisse conduzir até ao inimigo, os seus fuzileiros de farda verde penetrariam nas fileiras vermelhas com uma eficácia feroz. Apenas precisava de se aproximar do inimigo, de o fazer recuar aterrorizado, e depois continuar a avançar, até o forte, com todos os malditos casacas vermelhas dentro dele, penderem aos fuzileiros.

O declive frustrara-o. Era íngreme e o inimigo, retrocedendo devagar, mantinha um fogo atormentador sobre os seus homens, um fogo a que os fuzileiros mal podiam responder a maioria das vezes. Disparavam para cima quando podiam, mas o inimigo estava meio oculto pelas árvores, pelas sombras e pelo nevoeiro de novelos de fumo, e demasiadas balas eram desviadas por ramos ou se perdiam nos ares.

– Continuem! – gritava Welch. Quanto mais alto subiam, menos íngreme o

declive se tornava, mas até chegarem a esses terrenos mais amistosos, muitos homens estavam a ser mortos ou feridos, atingidos pelas balas dos mosquetes que choviam implacavelmente de cima, e a cada tiro Welch ficava mais zangado e mais determinado.

Sentia, mais do que via, que era contrariado por um pequeno grupo de homens. Disparavam constantemente, mas, por serem poucos, o seu fogo era limitado.

– Tenente Dennis! Sargento Sykes! – gritou Welch.

– Levem os vossos homens pela esquerda! – Queria rodear os filhos da mãe.

– Sim, meu Capitão! – rugiu Sykes em resposta. Welch ouvia os canhões disparar acima dele, mas nenhuma bala esférica ou conjunto de pirâmides foi ao seu encontro, apenas as malditas balas de mosquete. Agarrou um ramo de abeto e içou-se pelo declive acima, mas uma bala atingiu o tronco do abeto, cobrindo-lhe o rosto de lascas; no entanto, agora estava na parte menos íngreme e gritava aos seus homens para se lhe juntarem.

Agora conseguia ver o inimigo, conseguia ver que era um grupo pequeno de homens de casacas vermelhas e guarnições pretas que retrocediam, teimosamente, por uma clareira.

– Matem-nos! – gritou ele aos seus homens, e os mosquetes dos fuzileiros vomitaram fumo e ruído, e, quando o fumo se dissipou, Welch viu que ferira o inimigo. Havia homens no chão, mas os restantes continuavam de pé e continuavam a responder ao fogo, e Welch ouvia o oficial a gritar-lhes. Aquele oficial aborrecia-o. Era uma figura delicada e elegante que envergava uma casaca que, mesmo à luz nevoenta da madrugada, parecia dispendiosamente talhada. Os botões resplandeciam como ouro, tinha rendas junto ao pescoço, os calções eram imaculadamente brancos e as suas botas altas reluziam. Um cachorrinho, pensou acidamente Welch, um filho do privilégio, um alvo. Welch, durante o tempo de cativo, conhecera um bando de britânicos arrogantes que lhe tinham insuflado na alma o ódio às castas. Era esse género de homens que tinham tomado os Americanos por estúpidos, que tinham pensado que poderiam dominá-los como a uma casta desprezada, e que agora tinham de aprender uma lição sangrenta.

– Matem o oficial – disse ele aos seus homens, e os mosquetes dos fuzileiros lançaram mais uma saraivada de balas. Os homens mordiam os cartuchos, deixavam a pele dos nós dos dedos nas baionetas fixadas ao enfiarem as varetas pelos canos, escorvavam os fechos, disparavam de novo, mas o maldito cachorrinho continuava vivo. Segurava um mosquete, enquanto a espada, que pendia de correntes de prata, estava embainhada. Usava um tricórnio, cuja orla era decorada a prata, e sob ele o seu rosto obscurecido parecia muito jovem e, pensou Welch, arrogante. Maldito cachorrinho, pensou Welch, e o maldito cachorrinho gritou aos seus homens para que disparassem e a pequena saraivada de balas embateu nos fuzileiros, depois os homens do Tenente Dennis dispararam a partir do norte e esse fogo do flanco obrigou o cachorrinho e os seus casacas vermelhas a retrocederem mais pela clareira. Deixavam corpos para trás, mas o jovem oficial arrogante continuava vivo. Fez parar os seus casacas vermelhas junto às árvores mais distantes e

ordenou-lhes que matassem Americanos, mas Welch tivera a sua conta. Tirou o seu pesado sabre da bainha de couro. Passou a lâmina pela mão. Viu que os casacas vermelhas estavam a recarregar, rompendo os cartuchos enquanto mantinham a coronha dos mosquetes no chão. Outro casaca vermelha foi atingido, salpicando com o seu sangue os calções imaculados do jovem oficial, cujos homens, porque se encontravam ainda a recarregar, estavam agora à mercê.

—Usem as baionetas! — gritou Welch.

— E carreguem sobre eles!

Welch liderou a carga através da clareira. Haveria de retalhar o cachorrinho. Haveria de massacrar aqueles malditos idiotas, levaria os canhões atrás deles e depois conduziria os seus mortíferos casacas verdes ao longo da crista de Majabigwaduice para tomar o forte. Os fuzileiros tinham atingido o cimo da falésia e, para o Capitão John Welch, isso significava que a batalha estava ganha.

O General McLean convencera-se de que o ataque rebelde seria lançado através do gargalo de terra e por isso ficou surpreendido pelo assalto à falésia de madrugada. Inicialmente, a escolha agradou-lhe, considerando que o piquete de Archibald Campbell era suficiente para infligir sérios danos aos atacantes, mas a curta duração da luta indicou que Campbell pouco conseguira. McLean não conseguia ver o combate do Forte George porque o nevoeiro envolvia a crista, mas o que ouviu disse tudo o que precisava de saber, e angustiou-se porque se preparara para um ataque vindo de norte. Em vez disso, o ataque viria de oeste, e a intensidade do tiroteio de mosquete indicou a McLean que o ataque teria uma força esmagadora. O nevoeiro estava agora a dissipar-se, desfazendo-se em arabescos de névoa que eram soprados com o fumo das armas ao longo dos madeiros, pela crista. Assim que os rebeldes conquistassem o cimo da falésia, e os ouvidos de McLean diziam-lhe que isso já estava a acontecer, e assim que alcançassem o limite do arvoredo, veriam que o Forte George era apenas um nome e não ainda uma fortaleza. Apenas tinha dois canhões apontados para o lado da falésia, o parapeito não passava de um obstáculo ridículo e o abatis uma frágil barricada para proteger a obra inacabada. Os rebeldes capturariam, decerto, o forte, e Francis McLean lamentava o facto.

— Os azares da guerra — disse ele.

— McLean? — perguntou o Tenente-Coronel Campbell, o comandante dos escoceses das Terras Altas. A maior parte do regimento, todos os que não estavam na linha de piquetes, estava agora atrás do parapeito. Os seus dois estandartes estavam no centro da linha e McLean sentiu uma pontada de tristeza por aquele orgulho de bandeiras ter de se tornar troféu dos rebeldes.

—Disse alguma coisa, McLean? — perguntou Campbell.

— Nada, Coronel, nada — disse McLean, olhando para ocidente através do nevoeiro esparso. Atravessou o parapeito e caminhou na direção do abatis porque queria estar mais próximo do combate. O crepitar dos tiros de mosquete continuava a elevar-se e a baixar, soando como espinhos secos a estalarem no fogo. Enviou um dos seus ajudantes para mandar regressar o

piquete do Major Dunlop, o qual estivera a montar guarda ao istmo.

– E diz ao Major Dunlop que eu preciso da companhia do Tenente Caffrae! Vai lá, rápido.

Apoiou-se na vara e virou-se para ver que os homens do Capitão Fiei-ding já tinham mudado um canhão de cento e vinte e um do canto de nordeste para o bastião de noroeste. Bom, pensou ele, mas duvidava que, agora, qualquer esforço fosse suficiente. Olhou para trás, para a elevação, onde o fumo e o nevoeiro eram filtrados pelas árvores e de onde os casacas vermelhas surgiam da linha de árvores mais distante. Então, o seu piquete, pensou ele pesarosamente, não atrasara o inimigo por muito tempo. Viu homens a disparar, viu um homem cair, e depois os casacas vermelhas fluíram para trás, para a área limpa de árvores, correndo através das pilhas de troncos, fugindo aos inimigos, cujas casacas os tornavam invisíveis entre as árvores distantes. O único sinal dos rebeldes era o fúmo dos seus mosquetes, que florescia e se desvanecia na brisa leve da manhã.

Havia uma pequena abertura no abatis, ali deixada deliberadamente para que os defensores conseguissem entender-se com o emaranhado de ramos, e os casacas vermelhas em fuga enfileiraram-se para passar por essa abertura, onde McLean os encontrou.

– Formem fileiras – disse ele, em saudação. Os homens olharam para ele com uma expressão de surpresa.

– Formem por companhias – disse ele.

– Sargento? Aprume as fileiras!

Os fugitivos fizeram três fileiras e, por trás delas, retirados imperativamente dos seus deveres no piquete de serviço no terreno sobranceiro ao gargalo de terra, chegaram o Major Dunlop e a companhia do Tenente Caffrae.

– Espere um momento, Major – disse McLean a Dunlop.

– Capitão Campbell! – gritou ele, indicando com a vara que se referia a Archibald Campbell, o qual retrocedera tão precipitadamente quanto os seus homens.

Campbell, magro e nervoso, agitou-se diante de McLean.

– Meu General?

– Foram obrigados a retirar? – perguntou McLean.

– São às centenas, meu General – disse ele, sem encarar os olhos de McLean, – centenas!

– E onde está o Tenente Moore?

– Feito prisioneiro, meu General – disse Campbell, após uma pausa. Os seus olhos cruzaram-se com os de McLean, afastando-os imediatamente.

– Ou pior, meu General.

– Então que significa todo este tiroteio? – perguntou McLean.

Campbell virou-se e olhou para as árvores mais longínquas, de entre as quais continuavam a ouvir-se tiros de mosquete.

– Não sei, meu General – disse o homem das Terras Altas, com ar lastimoso.

McLean voltou-se para o Major Dunlop.

– Leve, o mais rapidamente que puder – disse ele, – a companhia de Caffrae e avance até ao dobro do terreno, veja se consegue descobrir o jovem Moore.

Não se pegue com os rebeldes, veja apenas se encontra Moore.

O Major Dunlop, temporariamente comandante do 82.º, era um oficial de rara energia e capacidade e não perdeu tempo. Gritou as suas ordens e a companhia, de mosquetes aperrados, começou a marchar para oeste. Teria sido suicídio avançar ao longo da crista desflorestanda e assim irem direito aos rebeldes, que se juntavam agora perto do limite do arvoredo, pelo que, em vez disso, a companhia utilizou o terreno mais em baixo, junto ao porto, que ficava oculto pelas casas dispersas e pelo milho, cuja altura era agora maior do que a de um homem. McLean viu-os desaparecerem, ouviu que a luta continuava, e rezou para que Moore tivesse sobrevivido. O General achava que o jovem John Moore prometia, mas essa não era razão suficiente para o resgatar, nem era razão suficiente o facto de Moore ser amigo do patrono do regimento, o Duque de Hamilton, mas sim porque a guarda de Moore lhe fora entregue. McLean não o abandonaria, nem a qualquer outro homem ao seu cuidado, por isso enviara Dunlop e a companhia para o meio do perigo. Porque era o seu dever.

Solomon Lovell desembarcou na praia estreita uma hora depois de os fuzileiros do Capitão Welch terem liderado o ataque americano. O General chegou com o Tenente-Coronel Revere e os seus oitenta artilheiros que estavam, naquele dia, armados de mosquetes e serviriam como força de reserva aos novecentos e cinquenta homens que tinham já desembarcado, a maioria dos quais estava agora no cimo da falésia. Uns quantos não tinham conseguido subir e os seus corpos jaziam no declive íngreme, ao passo que outros, os feridos, tinham sido transportados para a praia, onde Eliphalet Downer, o cirurgião-geral da Milícia do Massachusetts, organizava o seu tratamento e evacuação. Lovell acocorou-se ao lado de um homem que tinha uma ligadura sobre os olhos.

– Soldado? – disse Lovell.

– Sou o General Lovell.

– Batemo-los, meu General.

– Claro que batemos! Tem dores, Soldado?

– Fiquei cego, meu General – disse o Soldado. Uma bala fizera saltar fragmentos de faia, afiados como lâminas, para os seus dois olhos.

– Mas verá o seu país em liberdade – disse Lovell, – prometo.

– E como alimento a minha família? – perguntou o homem.

– Sou agricultor.

– Tudo ficará bem – disse Lovell, e deu uma palmada no ombro do homem.

– O seu país olhará por si.

– Endireitou-se, ouvindo o matraquear ritmado dos mosquetes no cimo da falésia, indicando-lhe que alguns casacas vermelhas deviam estar ainda a lutar lá no alto.

– Vamos precisar de trazer artilharia para terra, Coronel – disse ele a Revere.

– Assim que nos liberte, meu General – disse Revere. Havia uma ponta de ressentimento na sua voz, sugerindo que ele pensava que era degradante para os seus homens trazerem mosquetes em lugar de operar canhões.

– Assim que nos liberte – disse ele de novo, embora desta vez mais

voluntariosamente.

– Vamos ver primeiro o que já conseguimos – disse Lovell. Deu outra palmadinha no ombro do soldado cego e começou a subir a falésia, agarrando-se aos rebentos para se içar.

–Vai ser uma tarefa difícil içar canhões por este declive, Coronel.

– Nós tratamos disso – disse Revere, com confiança. Levar artilharia pesada por um declive acentuado constituía um problema prático e o Tenente-Coronel Revere gostava de resolver esse tipo de desafios.

– Não cheguei a felicitá-lo pelo êxito dos seus artilheiros em Cross Island – disse Lovell.

–Danificou os navios inimigos! Uma bela façanha, Coronel.

– Apenas cumprimos o nosso dever, meu General – disse Revere, mas agradado pelo cumprimento.

–Matámos alguns malditos britânicos! – continuou ele, alegremente.

–Sonhava matar as bestas malditas!

¹Minutemen, no original, era a designação dos milicianos sempre prontos a apresentarem-se ao serviço. [N.T.]

– E fez com que os navios inimigos recuassem! Agora não existe nada que impeça a nossa frota de entrar no porto.

– Nada mesmo, meu General – anuiu Revere.

O ritmo sincopado do tiroteio continuava a ouvir-se do lado direito de Lovell, prova de que alguns casacas vermelhas ainda permaneciam na elevação sobre a baía, mas era claro que a maior parte das forças inimigas tinham retirado, porque, quando Lovell chegou à parte menos íngreme do declive, perto do cimo da falésia, encontrou milicianos sorridentes que o aclamaram.

– Vamos derrotá-los, meu General!

– Claro que os vamos derrotar – disse Lovell, radiante – e a todos vós – ele levantou a voz e ergueu as mãos num gesto de bênção, – a todos vós os meus agradecimentos e felicitações por este magnífico feito!

O arvoredado, no cimo da falésia, estava agora nas mãos dos rebeldes, todo ele, exceto um grupo de pinheiros, acima de Dyces Head, que estava muito para a direita do General e de onde ainda se ouviam tiros de mosquete. A milícia de Lovell enxameava o arvoredado. Tinham escalado o declive quase a pique, tinham sofrido baixas, mas tinham enxotado os Britânicos, fazendo-os recuar até ao forte. Os homens pareciam felizes. Falavam com excitação, recontando os incidentes da luta durante a escalada, e Lovell apreciou a felicidade deles.

– Bom trabalho! – disse ele, outra e outra vez.

Foi até ao limite do arvoredado e ali, diante dele, estava o inimigo. O nevoeiro quase desaparecera e ele conseguia ver com detalhe o forte, que ficava apenas a menos de um quilómetro para leste. O inimigo levantara uma cortina de ramos entre o bosque e o forte, mas do ponto elevado onde se encontrava, Lovell conseguia ver para lá da frágil barricada e viu que o Forte George não se parecia nada com uma fortaleza, mas assemelhava-se, sim, a

uma cicatriz de terra no solo da cumeada. O parapeito mais próximo apresentava uma linha densa de casacas vermelhas, mas ele continuou a sentir alívio. O forte, que na imaginação de Lovell surgia numa perspectiva assustadora, com muralhas de pedra e parapeitos maciços, revelava-se agora um mero rabisco na terra.

O Coronel McCobb, da Milícia do Condado de Lincoln, saudou o General, alegremente.

– Uma boa manhã de trabalho, meu General!

– Uma que vai ficar nos livros de História, McCobb! Sem dúvida, vai ficar nos livros de História! – disse Lovell.

– Mas ainda não acabámos, acho que deveríamos continuar, não acha?

– Porque não, meu General? – respondeu McCobb.

O coração de Solomon Lovell pareceu bater descompassado. Ele mal ousara crer na rapidez e dimensão da vitória da manhã, mas a visão daqueles casacas vermelhas ao longe, por trás do baixo parapeito, disse-lhe que a vitória ainda não estava completa. Teve uma visão dos mosquetes dos casacas vermelhas a lançarem saraivadas de balas contra os seus homens.

– O General Wadsworth está aqui?

– Esteve, meu General.

– McCobb disse que Wadsworth estivera no limite do bosque, onde o encorajara e ele e ao Coronel Mitchell a manterem os milicianos a avançar para o terreno desflorestado, mas ambos lhe pediram tempo para reorganizar as tropas. As unidades tinham ficado fragmentadas enquanto escalavam a falésia e a necessidade de transportar os feridos até à praia indicava que a maioria das companhias ficara desfalcada. Além disso, a captura do bosque parecera uma vitória em si mesma e os homens queriam saborear esse triunfo antes de avançarem sobre o Forte George. Peleg Wadsworth insistira na pressa, mas a sua atenção fora desviada pelo fogo de mosquete que continuava a encher de fumo o arvoredo em Dyces Head.

– Acho que ele foi pela direita – continuou McCobb – até aos fuzileiros.

– Os fuzileiros continuam ainda a combater? – perguntou Lovell a McCobb.

– Alguns filhos da mãe teimosos continuam ali – disse McCobb.

Lovell hesitou, mas a visão das bandeiras inimigas inclinaram a sua indecisão para o lado da confiança.

– Vamos avançar até à vitória! – anunciou ele, alegremente. Queria acrescentar aquelas bandeiras arrogantes aos seus troféus.

– Forme os seus excelentes homens em linha – disse ele a McCobb, depois agarrou a manga do Coronel quando uma outra dúvida lhe atravessou o espírito.

– O inimigo disparou contra si? Com canhões, quero eu dizer?

– Nem um tiro.

– Bem, vamos pôr os seus homens a mexer do arvoredo! Diga-lhes que vão comer bifés britânicos ao jantar! – O ruído do tiroteio que provinha de Dyces Head intensificou-se, subitamente, transformando-se num crepitar furioso e concentrado, e, depois, de novo subitamente, fez-se silêncio. Lovell olhou para o fumo, o único sinal visível da batalha que estava a ter lugar entre

aquelas árvores.

–Deveríamos dizer aos fuzileiros que vamos avançar – disse ele.

–Major Brown? Faz chegar essa mensagem ao Capitão Welch? Diga-lhe para avançar conosco logo que esteja preparado.

– Direi, meu General – disse o Major Gawen Brown, o segundo major de brigada de Lovell, começando a dirigir-se para sul.

Lovell não podia deixar de sorrir. A Milícia do Massachusetts tomara a falésia! Tinham escalado o precipício, tinham lutado contra os soldados do exército britânico e tinham realizado a conquista.

– Creio – disse ele ao Tenente-Coronel Revere – que, afinal, talvez possamos não precisar dos seus canhões! Isto é, se conseguirmos expulsar o inimigo do seu reduto com a infantaria.

– Ainda assim gostaria de ter a hipótese de os bombardear – disse Revere. Olhava para o forte e o que via não o impressionava. A muralha era baixa e os bastiões dos flancos estavam inacabados, e achou que a sua artilharia poderia reduzir aquele projeto de forte a um monte de terra ensanguentada.

– O seu zelo fala pela sua reputação – disse Lovell, – fala realmente, Coronel. Por trás dele, os sargentos e oficiais da milícia retiravam homens de entre as árvores e gritavam para que formassem em linha, em campo aberto. As bandeiras do Massachusetts e dos Estados Unidos da América flutuavam acima deles e aquele era o momento do ataque decisivo.

O Tenente Moore ouviu a ordem para carregar, viu os homens de uniforme verde irromperem das árvores e teve noção de mosquetes a chamejarem inesperadamente da sua esquerda e o caos do momento esmagou-o. Só havia terror na sua cabeça. Abriu a boca para gritar uma ordem, mas as palavras não lhe saíram, e um rebelde imensamente grande, de casaca verde cruzada por cinturões brancos e uma longa trança preta a bater-lhe nas costas, com um sabre cuja lâmina captava o sol da manhã na mão direita, corria direito a ele e John Moore, quase sem pensar, levantou o mosquete que retirara ao Soldado McPhail e o seu dedo pousou sobre o gatilho, e então lembrou-se de que nem sequer carregara nem armara o mosquete, mas era demasiado tarde pois o rebelde enorme estava quase sobre ele e o seu rosto era uma careta de ódio, selvagem e assustadora, e Moore puxou convulsivamente o gatilho e o mosquete disparou.

Fora armado e carregado, e Moore não dera sequer por isso.

A bala atingiu o rebelde abaixo do queixo, queimando-o através da boca e saindo pelo crânio, levantando-lhe o chapéu no trajeto. A onda de choque da bala, comprimida pelo crânio, fez-lhe sair um dos olhos da órbita. O sangue cobriu-o, formando uma mancha de gotas vermelhas, quando o rebelde, instantaneamente morto, caiu para diante sobre os joelhos. O sabre soltou-se e os braços do morto enrolaram-se à volta da cintura de Moore e depois escorregaram lentamente até aos seus pés. Moore, horrorizado, reparou que a trança pingava sangue.

– Por amor de Deus, jovem Moore, quer ganhar esta maldita guerra sozinho?

– foi a saudação do Major Dunlop ao jovem Tenente. Os homens de Dunlop tinham lançado uma saraivada de tiros das árvores à esquerda de Moore, e

esses súbitos disparos tinham servido para obrigar os fuzileiros, momentaneamente em desvantagem numérica, a recuarem para o arvoredo. Moore não conseguia falar. Uma bala arrepelara-lhe as abas da casaca. Fitava o rebelde morto, cuja cabeça era uma massa de sangue, cabelos ensopados de vermelho e pedaços de osso.

– Vamos, rapaz – disse Dunlop, agarrando o cotovelo de Moore, – temos de sair daqui.

A companhia retirou, levando com ela os sobreviventes do piquete de Moore. Retrocederam ao longo do caminho mais baixo, ao lado do porto, ao mesmo tempo que os fuzileiros americanos capturavam os três canhões navais abandonados em Dyces Head. A bateria rebelde disparava de Cross Island, despejando implacavelmente balas sobre os navios do Capitão Mo-wat. A crista da falésia estava apinhada de rebeldes e os casacas vermelhas não tinham agora outro lugar para onde irem senão o inacabado Forte George.

E o Capitão John Welch estava morto.

Demorou algum tempo a retirar a milícia de entre as árvores, mas, gradualmente, foram formados em linha. Era uma linha irregular, que se estendia pela elevação com os fuzileiros à direita, os índios à esquerda e os porta-estandartes ao centro. Os homens de Paul Revere, a reserva de Lovell, estavam formados em três fileiras atrás das duas bandeiras, uma delas a orgulhosa bandeira com estrelas e listas dos Estados Unidos e a outra o estandarte com o pinheiro da Milícia do Massachusetts.

– Que magnífica manhã de trabalho – disse Lovell, saudando Peleg Wadsworth.

– Felicito-o, meu General.

– Agradeço-lhe, Wadsworth, agradeço-lhe! Mas agora avançamos até à vitória final?

– Até à vitória final, meu General – disse Wadsworth. Decidiu que não contaria a Lovell que o Capitão Welch morrera, pelo menos até a batalha ter terminado e a vitória estar assegurada.

– Deus garante a nossa vitória! – anunciou o Reverendo Jonathan Murray. Reunira-se a Lovell no cume e, além das suas pistolas, levava uma Bíblia com ele. Levantou o livro bem alto.

– Deus garantiu «Como o vento do oriente, eu o dispersarei diante dos seus inimigos!»

– Ámen – disse Lovell. Israel Trask tocava a sua flauta atrás dos fuzileiros, enquanto os três tambores e mais dois outros flautistas tocavam a «Rogues March» ao lado das duas bandeiras. O coração de Lovell inchava de orgulho. Desembainhou a espada, olhou na direção do inimigo e apontou a lâmina para diante.

– Até à vitória!

A cerca de oitocentos metros, dentro do forte, o General McLean observou os rebeldes formarem junto à linha das árvores. Vira os homens do Major Dunlop subirem até à bateria de Dyces Head e, com a ajuda de um telescópio, vira que o jovem Moore e os seus homens tinham sido resgatados. Esses casacas vermelhas regressavam agora ao forte pelos terrenos baixos, junto ao porto,

enquanto os piquetes que tinham guardado o gargalo de terra já estavam todos no interior do Forte George, onde as tropas de McLean permaneciam formadas em três fileiras, atrás do parapeito ocidental. A missão deles era defender essa muralha baixa com rajadas de tiros. McLean, vendo a linha rebelde engrossar, acreditava ainda que era enfrentado por milhares, não centenas, de soldados de infantaria inimiga, quando mais rebeldes surgiam agora de norte, visíveis junto das árvores sobranceiras ao gargalo de terra. Então, seria atacado por dois lados? Olhou para o porto e viu, para sua surpresa, que os navios inimigos não tinham feito qualquer movimentação agressiva, mas porque o fariam? O forte cairia sem o auxílio deles. McLean coxeou até ao parapeito inacabado.

– Capitão Fielding!

– Meu General? – O inglês, comandante da artilharia, apressou-se a juntar-se a McLean.

– Acho que lhes podemos atirar uns quantos balázios.

– Espero até eles avançarem, meu General? – sugeriu Fielding.

– Acho que os podemos servir agora, Capitão – disse McLean.

– Estão muito longe para usarmos pirâmides ou lanternetas, meu General.

– Então dê-lhes bolas de ferro – disse McLean. As suas palavras revelavam cansaço. Sabia o que se ia seguir. Os rebeldes avançariam e, tal era a extensão da linha deles, que deveriam rodear, inevitavelmente, três dos lados do forte inacabado. Teriam algumas baixas no abatis, que estavam bem ao alcance das pirâmides que o Capitão Mowat enviara para terra, mas os poucos canhões de Fielding apenas poderiam causar danos limitados e os rebeldes certamente se lançariam ao assalto sobre as pequenas muralhas. Haveria caos, pânico e baionetas. Os seus homens aguentar-se-iam de pé, disse McLean estava seguro, mas aguentar-se-iam para morrerem.

Então, a batalha estava perdida. Ainda assim, a honra forçava-o a mostrar alguma resistência, antes de entregar o forte. Ninguém o culparia por essa perda, pelo menos numa situação de tão grande desproporção, mas seria desprezado por todos se se rendesse sem mostrar alguma oposição, e por isso McLean decidira o rumo da sua ação. Dispararia balas esféricas e manter-se-ia a dispará-las até os rebeldes começarem a avançar, e, depois, antes de estarem ao alcance dos projéteis mais letais do Capitão Fielding, pirâmides e lanternetas, arriaria a bandeira. Era triste, pensou ele, mas a rendição salvaria os seus homens de serem massacrados.

McLean caminhou até ao mastro da bandeira, no bastião de sudoeste. Pedira aos seus ajudantes para colocarem uma mesa ao lado do alto poste, mas o seu leve coxear e o braço aleijado tornaram difícil o esforço de subir para cima da mesa.

– Precisa de ajuda, meu General? – perguntou o Sargento Lawrence.

– Obrigado, Sargento.

– Quer ver como os nossos canhões vão abater os rebeldes, meu General? – perguntou o Sargento, alegremente, após ter ajudado McLean a subir para a mesa.

– Oh, eu sei que vocês nos podem defender – mentiu McLean. Endireitou-se

sobre a mesa e perguntou-se por que razão não tinham vindo gaiteiros com os dois regimentos. Sorriu por tão estranho pensamento lhe ter ocorrido num momento daqueles.

—As gaitas fazem-me mesmo falta — disse ele.

— Gaitas de foles, meu General? — perguntou Lawrence.

— Com efeito! A música da guerra.

— Prefiro uma boa banda inglesa, em qualquer altura.

McLean sorriu. A sua pouca grandiosa posição, sobre a mesa, dava-lhe uma excelente perspectiva do terreno pelo qual os rebeldes deveriam avançar. Tirou do bolso da sua casaca vermelha um canivete dobrado.

— Sargento, faz-me o favor de abrir isto?

— Vai espetar um rebelde, meu General? — perguntou Lawrence enquanto fazia sair a lâmina.

—Acho que a sua espada causará mais dano.

McLean pegou de novo no canivete. A mão do seu braço direito aleijado não tinha força suficiente para soltar o cabo que prendia a bandeira e, por isso, segurou a pequena lâmina na sua mão esquerda, pronto para cortar o cabo quando chegasse o momento.

O Capitão Fielding foi ao bastião, insistindo em preparar ele próprio o canhão de seis quilos.

— Qual é a carga? — perguntou ele a Lawrence.

— Um quarto, meu Capitão — disse Lawrence, — um quilo e meio.

Fielding assentiu e fez alguns cálculos de cabeça. O canhão estava frio, o que significava que o tiro perderia alguma força, pelo que elevou o cano um nada e, depois, utilizou o espeque traseiro para apontar o canhão a um grupo de homens que estavam perto das bandeiras brilhantes dos rebeldes. Satisfeito com a direção e elevação da arma, deu um passo atrás e fez um aceno com a cabeça para o Sargento Lawrence.

— Prossiga, Sargento — disse ele.

Lawrence escorvou a arma, mandou a guarnição tapar os ouvidos e desviar-se, depois pegou fogo à mecha. O canhão rugiu, o fumo envolveu o bastião, e a bola de ferro voou.

Voou sobre o abatis e sobre os troncos espalhados, começando a perder altura à medida que o terreno se elevava ao seu encontro. A Peleg Wadsworth, que estava do lado esquerdo de Lovell, a bala pareceu uma risca plúmbea no céu. Era uma tremulação cinzenta, um risco a lápis sobre o fumo da pólvora, subitamente mais esbranquiçado, que obscurecia o forte, e, depois, a risca desvaneceu-se e a bala embateu. Atingiu um miliciano no peito, desfazendo-lhe as costelas, provocando uma explosão de sangue e carne, e mergulhou, deixando para trás arcos de sangue, para rasgar um homem pelo escroto, fazendo saltar pelos ares mais sangue e carne, e depois embateu no chão, ressaltou, e decapitou um dos artilheiros de Revere, antes de desaparecer ruidosamente entre o arvoredado que ficava por trás.

Solomon Lovell estava de pé apenas a dois passos do primeiro homem a ser atingido pela bala. Um fragmento de costela bateu no ombro do General e um esguicho de carne ensanguentada salpicou-o no rosto, e nesse preciso

momento a HMS North, cuja posição era mais próxima do forte, disparou as peças do costado contra os fúzeiros que estavam na direita das linhas de Lovell, e o estrépito do disparo da corveta encheu o céu de Majabigwaduce ao mesmo tempo que o segundo canhão do Capitão Fielding fez fogo. Esta segunda bala atingiu uma árvore defronte dos homens do Coronel McCobb e embateu com tal violência que quase a desenraizou, desfazendo-lhe o tronco em bocados que saltaram na direção da fileira da frente de McCobb. Um homem gritou de dor.

A guarnição do Sargento Lawrence, treinada e com prática, tinha limpado e recarregado o primeiro canhão, agora colocado de novo em posição para que Lawrence o pudesse disparar uma segunda vez. A bala embateu no chão a poucos passos de Lovell e ressaltou inofensivamente por cima do grupo que envolvia o General, mas não sem antes ter provocado uma chuva de terra sobre ele.

O homem cujo escroto fora amassado pelo primeiro tiro ainda estava vivo, mas ficara com as vísceras de fora, enroladas no chão, e a sua respiração eram espasmos, breves e desesperados. Lovell, petrificado, olhou horrorizado para o sangue que golfava, obscenamente denso, do tronco escavado do homem. O ferido produzia um ruído patético e o Tenente-Coronel Revere, cujo uniforme ficara salpicado de sangue, estava pálido, de olhos esgazeados, imóvel. Wadsworth notou as agulhas de pinheiro espetadas nas circunvoluções do intestino que estava no chão. O homem conseguiu, de algum modo, erguer a cabeça e olhou com ar implorante para Wadsworth, e este involuntariamente aproximou-se dele, perguntando-se o que, pelo santo nome de Deus, poderia ele fazer ou dizer, quando, após outra golfada de sangue das suas entranhas destruídas, a cabeça lhe caiu para trás.

– Oh, meu Deus – disse Lovell, sem se dirigir a ninguém.

– Deus tenha a sua alma em descanso – disse o Reverendo Jonathan Murray, com uma voz pouco usualmente contida.

Wadsworth olhou para o rosto do morto. Nada nele se mexia, exceto uma mosca pousada na face, por barbear. Atrás de Wadsworth um homem vomitou. Virou-se para fixar o forte, onde pairava o fumo dos canhões.

– Devíamos avançar, meu General – disse ele a Lovell, e ficou surpreendido não só por ter conseguido falar, mas também por parecer tão distante. Lovell pareceu não o ter ouvido.

– Devíamos avançar, meu General! – disse Wadsworth em voz mais sonora.

Solomon Lovell olhava para o forte, onde um novo novelo de fumo se levantava de um dos bastiões inacabados. A bala passou à esquerda do General, embatendo numa árvore, por trás da milícia.

– Coronel Revere? – perguntou Lovell, ainda de olhos no forte.

– General – disse Revere, acusando a sua presença.

– A sua artilharia consegue destruir o forte?

– Consegue – disse Revere, embora sem a sua habitual segurança.

– Consegue – disse ele outra vez, incapaz de tirar os olhos da sangrenta desordem espalhada pelo chão.

– Então vamos dar essa hipótese aos seus canhões – disse Lovell.

–Os homens abrigar-se-ão nas árvores.
– Mas agora é o momento de avançar e...
–começou Wadsworth a dizer, em protesto.
– Não posso atacar diante daquelas armas! – interrompeu Lovell, estridentemente. Pestanejou, surpreendido pelo seu próprio tom de voz.
– Não posso – recomeçou ele, depois pareceu esquecer-se do que queria dizer.
–Temos de lhes destruir as muralhas com a artilharia – disse ele, resolutamente, depois franziu-se, quando outro canhão britânico lançou uma bala sobre a crista.
–O inimigo poderá contra-atacar – continuou ele, com uma ponta de pânico na voz, – por isso temos de estar preparados para o repelir. Para o meio das árvores! – Voltou-se e agitou a espada na direção do denso bosque.
–Levem os homens para o meio das árvores!
– gritou ele aos oficiais da milícia.
–Cavem trincheiras! Aqui, na linha das árvores. Quero fazer fortificações.
–Interrompeu-se, observando os homens a retrocederem, depois conduziu o seu pessoal para o abrigo constituído pelo alto arvoredado.
O Brigadeiro-General McLean observou, com espanto, o inimigo a desaparecer. Seria um truque? Pouco antes, houvera ali centenas de homens formados em fileiras, depois, de repente, tinham retirado para o meio das árvores. Observou e esperou, mas à medida que o tempo passava, percebeu que os rebeldes tinham ido realmente para o meio das árvores e não mostravam sinais de voltarem a atacar. Expirou longamente, tirou a mão do cabo da bandeira e voltou a meter o canivete no bolso.
– Coronel Campbell – chamou ele, – nomeie três companhias! Forme grupos de trabalho para elevar os parapeitos!
– Sim, meu General! – respondeu Campbell.
O Forte George ainda se aguentaria mais umas horas de pé.
Do despacho do Brigadeiro-General Lovell para Jeremiah Powell, Presidente do Conselho de Administração do Estado de Massachusetts Bay, datado de 28 de julho de 1779:

Esta manhã desembarquei em segurança na Ponta SO da Península que tem trinta metros de altura e é praticamente perpendicular muito densamente coberta de Arbustos e árvores, os homens subiram o Precipício com vivacidade e depois de um confronto vigoroso desbaratámo-los, deixando alguns mortos e feridos entre o Arvoredado e nós fizemos alguns Prisioneiros as nossas baixas foram cerca de trinta mortos e feridos, estamos a 500 metros do principal forte Inimigo colocado num Terreno elevado, e espero que em breve tenha o Gosto de o informar da captura do Exército todo, desculpar-me-á não ser mais preciso, mas

pode Avaliar a minha situação.

Sou de Vós o mais Obediente e Humilde Servidor

Do Diário do Brigadeiro-General Solomon Lovell. Quarta-feira, 28 de julho de 1779:

Quando regresssei à Praia foi com grande admiração que vi o Precipício que tínhamos subido, não tendo tido tempo de observar tão minuciosamente a vista no momento da Batalha, o lugar onde desembarcámos tem pelo menos cem metros de altura e é quase perpendicular e os homens foram obrigados a içarem-se agarrados aos rebentos e às árvores. Acho que um desembarque assim não era feito desde Wolfe.

Da carta do Coronel John Brewer a David Perham, escrita em 1779 e publicada no Bangor Whig and Courier, a 13 de agosto de 1846:

O General (McLean) recebeu-me com toda a cortesia, e disse...

«não estava em situação de me defender, apenas quis disparar uma vez ou duas para que não pudessem chamar-me cobarde, e depois arriaria a minha bandeira, o que estive à espera de fazer durante algum tempo, pois não queria desperdiçar as vidas dos meus homens para nada».

O Capitão Fuzileiro Thomas Carnes estivera, com trinta homens, no flanco direito dos fuzileiros que tinham enfrentado a subida da falésia. A parte que coubera a Carnes era a mais íngreme da falésia e os seus homens só alcançaram o cimo após Welch ter sido alvejado e após o súbito contra-ataque de uma companhia de casacas vermelhas que, após uma saraivada de tiros, retirara tão subitamente como tinha chegado. O Capitão Davis assumira o comando de Dyces Head e o seu problema mais imediato eram os fuzileiros feridos.

– Eles precisam de um médico – disse ele a Carnes.

– O cirurgião mais próximo está, provavelmente, ainda na praia – disse Carnes.

– Maldição, maldição – disse Davis com ar atormentado.

– Os seus homens podem transportá-los para baixo? E precisamos de cartuchos.

Então, Carnes levou os seus trinta homens de novo para a praia. Escoltaram dois prisioneiros e, uma vez que carregavam oito feridos e não querendo que eles sofressem ainda mais, desceram a falésia muito devagar e com todo o cuidado. Os feridos foram depositados sobre os seixos, junto de outros que esperavam pelos cirurgiões. Carnes levou depois os dois cativos para o local onde outros seis prisioneiros eram guardados pela milícia, junto do grande rochedo de granito.

– Que nos vai acontecer, Capitão? – perguntou um dos prisioneiros, mas o sotaque escocês do soldado era tão estranho que Carnes teve de o fazer repetir a pergunta duas vezes antes de a compreender.

– Cuidaremos de vocês – disse ele – e, provavelmente, muito melhor do que cuidaram de mim – acrescentou ele, acidamente. Carnes fora feito prisioneiro dois anos antes e passara seis meses de fome em Nova Iorque, antes de ser trocado.

Havia azáfama na estreita faixa de praia. O Doutor Downer, que se distinguia pelo avental ensanguentado e um velho chapéu de palha, utilizava uma sonda para detetar uma bala de mosquete incrustada na nádega de um miliciano. Dois dos assistentes do médico seguravam o homem, enquanto o Reverendo Murray se ajoelhava junto a um moribundo, segurando-lhe a mão e recitando o salmo vinte e três. Marinheiros desembarcavam caixas com munições para os mosquetes, enquanto os feridos que não requeriam tratamento imediato esperavam, pacientemente. Alguns milicianos, demasiados na perspetiva de Carnes, pareciam não ter o que fazer na praia, e estavam sentados, sem fazerem nada. Alguns tinham mesmo feito pequenas fogueiras, algumas das quais estavam perto de mais das caixas recém-chegadas cheias de cartuchos, que estavam empilhadas fora do alcance da maré-alta. Essas munições pertenciam à milícia, e Carnes suspeitou que os chamados sempre-prontos não seriam generosos se ele lhes pedisse cartuchos suplentes.

- Sargento Sykes?
 - Meu Capitão?
 - Quantos ladrões temos no nosso grupo?
 - São todos, meu Capitão. São fuzileiros.
 - Duas ou três daquelas caixas poderiam fazer-nos jeito.
 - Pois poderiam.
 - Trate disso, Sargento.
 - Que se passa lá em cima, Capitão? – perguntou o Doutor Eliphalet Downer a alguns passos de distância.
 - Encontrei a bala – disse ele para os assistentes ao mesmo tempo que escolhia um par de pinças sujas de sangue, – por isso segurem-no bem. Fique quieto, homem, não está a morrer. Apenas tem uma bala britânica enfiada no seu rabo americano. Os casacas vermelhas contra-atacaram?
 - Ainda não, Doutor – disse Carnes.
 - Mas poderão fazê-lo?
 - O General está convencido disso.
- A conversa foi interrompida por um arquejo do ferido, e depois ouviu-se o estrondo de um disparo de um canhão britânico, vindo do forte distante. Quando Carnes partira lá de cima para trazer os feridos para a praia, todas as forças americanas tinham recuado para o arvoredo, mas os artilheiros britânicos faziam ainda fogo irregular, presumivelmente para manter os Americanos à distância.
- Então e agora o que se segue? – perguntou Eliphalet Downer, e depois resmungou ao forçar as pinças no interior da ferida estreita.
 - Limpem esse sangue.
 - O General Lovell chamou a artilharia – disse Carnes, – pelo que calculo que os iremos desgastar antes de os atacar.
 - Já tenho a bala – disse Downer, sentindo a ponta das pinças roçar e depois agarrar a bala com força.
 - Desmaiou, Doutor – disse um dos assistentes.
 - Um tipo sensível. Aqui está ela.
 - A extração da bala provocou uma golfada de sangue, que o assistente parou com uma compressa de gaze ao mesmo tempo que Downer avançava para o paciente seguinte.
 - Serra e uma faca – ordenou Downer depois de olhar para a perna esmagada do homem.
 - Bom-dia Coronel! – Este último cumprimento era para o Tenente-Coronel Revere, que acabara de surgir na praia cheia de gente com três dos seus artilheiros.
 - Ouvi dizer que vai levar canhões lá para cima – disse Downer, bem-disposto, ao mesmo tempo que se ajoelhava ao lado do ferido.
- Revere pareceu surpreendido com a observação, talvez porque pensasse que Downer não tinha nada com isso, mas assentiu.
- Sim, Doutor, o General quer instalar baterias.
 - Espero que isso não signifique mais trabalho para nós, hoje – disse Downer, – e não significará, se os seus canhões mantiverem os miseráveis bem longe.

– Manterão, Doutor, não se aflija – disse Revere, e depois dirigiu-se à sua barcaça pintada de branco, que esperava a alguns metros da praia de seixos.

– Esperem aqui – gritou ele aos seus homens, – estarei de volta depois do pequeno-almoço.

Carnes não estava certo de ter ouvido bem aquelas últimas palavras.

– Meu Coronel? – teve de repetir a palavra para conseguir chamar a atenção de Revere.

– Meu Coronel? Se precisar de ajuda para levar os canhões pelo declive, os meus fuzileiros estão prontos.

Revere parou junto da barcaça, lançando a Carnes um olhar desconfiado.

– Não precisamos de ajuda – disse ele, bruscamente, – temos homens que cheguem.

– Ele não conhecia Carnes e não fazia ideia de que aquele era o oficial fuzileiro que fora artilheiro no exército do General Washington. Passou sobre a amurada da barcaça.

– Regressar ao Samuel – ordenou ele à tripulação.

O General queria artilharia no cimo da falésia, mas o Coronel Revere queria um pequeno-almoço quente. Por isso, o General tinha de esperar.

O Tenente John Moore acompanhou os seus dois homens feridos ao celeiro do Doutor Calef, que agora servia de hospital à guarnição. Tentou consolar os dois homens, mas sentiu que as suas palavras eram inadequadas e, depois, foi até à pequena horta, onde, assaltado pelo remorso, se sentou na pilha de lenha. Estava a tremer. Segurou a mão esquerda e viu que esta es-tremecia, e mordeu o lábio porque sentiu que estava quase a verter lágrimas e não queria que isso acontecesse, pelo menos onde pudesse ser visto; para se distrair, olhou para o porto, onde os navios de Mowat disparavam contra a bateria rebelde em Cross Island.

Alguém veio do interior da casa e, sem nada dizer, lhe ofereceu uma caneca de chá. Levantou os olhos e viu que era Bethany Fletcher e a visão provocou-lhe as lágrimas que tão arduamente tentara sufocar. Rolaram-lhe pela face. Tentou levantar-se por cortesia, mas tremia demasiado e o gesto não foi bem-sucedido. Fungou e olhou para o chá.

– Obrigado – disse ele.

– Que aconteceu? – perguntou ela.

– Fomos batidos pelos rebeldes – disse Moore, debilmente.

– Não tomaram o forte – disse Beth.

– Não. Ainda não.

– Moore agarrou fortemente a caneca com ambas as mãos. O fumo dos canhões pairava como nevoeiro sobre o porto e mais fumo se enovelava a partir do forte, onde os canhões do Capitão Fielding disparavam para as árvores distantes. Os rebeldes, apesar de terem conquistado a elevação, não mostravam sinais de querer atacar o forte, embora Moore calculasse que estavam a organizar esse ataque a coberto do arvoredos.

– Falhei – disse ele, com amargura.

– Falhou?

– Deveria ter retirado, mas fiquei. Matei seis dos meus homens.

– Moore bebeu um pouco de chá, que estava muito doce.

– Queria vencer – disse ele, – por isso fiquei.

– Beth não disse nada. Usava um avental de linho manchado de sangue e Moore encolheu-se ao recordar-se da morte do Sargento McClure, depois lembrou-se do americano alto de casaca verde a carregar pela clareira. Ainda conseguia ver a lâmina do sabre erguida, refletindo a luz do novo dia, os dentes arreganhados, a intensidade do ódio no rosto do rebelde, a determinação para matar, e recordou o seu próprio pânico e a pura sorte que salvara a sua vida. E forçou-se a beber mais chá.

– Porque usam eles cinturões brancos cruzados? – perguntou ele.

– Cinturões brancos? – disse Beth, perplexa.

– Mal se conseguem ver entre as árvores, mas os cinturões brancos torna-os mais visíveis – disse Moore.

– Cinturões pretos – disse ele, – os cinturões deveriam ser pretos.

– E teve a visão repentina do esguicho de sangue que saiu da boca do Sargento McClure.

– Matei-os – disse ele – por ter sido egoísta.

– Estava no seu direito – disse Beth compreensivamente.

E fora tão diferente de tudo o que Moore esperara. No seu espírito, durante anos, houvera uma visão de casacas vermelhas formados em fileiras, com as bandeiras brilhantes a flutuarem sobre eles, e o inimigo disposto similarmente e as bandas a tocarem enquanto se trocavam saraivadas de tiros de mosquete. A cavalaria era sempre resplandecente com todos os seus adornos, ornamentando o campo de batalha com sonhos de glória, mas, em vez disso, Moore fora derrotado no meio do caos e do escuro arvoredo. O inimigo estivera entre as árvores e os seus homens, formando uma linha vermelha, tinham sido alvos fáceis para aqueles homens de casacas verdes.

– Mas porquê cinturões brancos? – perguntou ele, de novo.

– Houve muitos mortos? – perguntou Beth.

– Seis dos meus homens – respondeu Moore, debilmente. Recordou o fedor a merda do cadáver de McPhail e fechou os olhos, como se não pudesse apagar a recordação.

– E entre os rebeldes? – perguntou Beth ansiosamente.

– Alguns, sim, não sei.

– Moore estava demasiadamente absorvido pela sua culpa para se dar conta da ansiedade na voz de Bethany.

– O resto do piquete fugiu, mas devem ter matado alguns.

– E agora?

Moore acabou de beber o chá. Não olhava para Beth, mas fitava, sim, os navios no porto, notando como a HMS Albany baloiçava quando os canhões disparavam.

– Fizemos tudo mal – disse ele, franzindo o sobrolho.

– Deveríamos ter movido todo o piquete para a praia e disparar contra eles enquanto remavam para terra, e depois colocar mais homens a meio do declive. Poderíamos tê-los batido! – Pousou a caneca nos toros e viu que a sua mão deixara de tremer. Pôs-se de pé.

–Desculpe, Menina Fletcher, não lhe agradecei o chá.

–Agradeceu sim, Tenente – disse Beth.

–O Doutor Calef disse-me para lho dar – acrescentou ela.

– Foi simpático da parte dele. Está a ajudá-lo?

– Estamos todas – disse Beth, referindo-se às mulheres de Mjabi-gwaduće. Observou Moore, notando o sangue na sua roupa muito bem talhada. Parecia tão jovem, pensou ela, apenas um rapaz com uma grande espada.

– Tenho de voltar para o forte – disse Moore.

–Obrigado pelo chá.

–A sua missão, recordou ele, era queimar os juramentos antes de os rebeldes os encontrarem. E, agora, os rebeldes viriam, ele estava certo disso, e a única coisa que podia fazer era queimar papéis, porque falhara. Matara seis homens seus ao tomar a decisão errada e John Moore estava seguro de que o General McLean não mais o deixaria comandar homens.

Regressou ao forte, onde a bandeira continuava desfraldada. O porto tornara-se, de súbito, uma caldeira ruidosa, quando mais canhões enche-ram de fumo a enseada pouco funda, e quando Moore chegou à entrada do forte, viu por que razão. Três navios inimigos tinham soltado as velas de gávea e de traquete e navegavam em direção ao porto.

Iam terminar a tarefa.

O Comodoro Saltonstall prometera manter os navios inimigos ocupados com o fogo das peças e assim abrir espaço para a entrada em ação da Warren. O nevoeiro impedira o envolvimento à primeira luz do dia e logo que esse nevoeiro levantou, houve mais um atraso devido ao facto de o Charming Sally, um dos navios corsários que apoiariam a Warren, ter as amarras enredadas na âncora, mas, por fim, o Capitão Holmes resolveu o problema, fazendo boiar o cabo e lançando-o para bordo por cima da amurada, e depois os três navios navegaram lentamente para leste, empurrados por um vento fraco. O Comodoro planeava entrar pela boca do porto e usar, então, o grande poder de fogo do costado da fragata para massacrar as três corvetas inimigas. As peças britânicas mais pesadas a bordo dessas corvetas disparavam balas de cinco quilos, enquanto as da Warren disparavam projéteis de seis e de oito quilos, que iriam lacerar a madeira e a carne dos Britânicos. O que o Comodoro mais teria gostado de fazer era de ter usado esses canhões grandes nos trinta e dois desavergonhados que se tinham atrevido a enviar-lhe uma carta que, embora expressando-se nos termos mais corteses, implicitamente o acusavam de cobardia. Como se atreveram!

A raiva sufocada fê-lo estremecer ao recordar-se da carta. Há momentos, pensou o Comodoro, em que a ideia de que todos os homens foram criados iguais só levava à insolência.

Voltou-se, vendo que o Black Prince e o Charming Sally seguiam a fragata. A bateria de Cross Island disparava já contra as corvetas britânicas, que agora barricavam o centro do porto. Havia água de cada um dos lados da linha britânica, mas os navios de transporte, maiores, tinham sido ancorados de modo a bloquearem esses canais estreitos. Não que Saltonstall tivesse qualquer intenção de furar ou flanquear os navios de Mowat; apenas queria

manter os Fuzileiros Reais a bordo das corvetas inimigas enquanto Lovell atacava o forte.

O vento era fraco. Saltonstall ordenara velas de batalha, o que queria dizer que as suas duas grandes velas mestras, a grande e a de traquete, estavam enroladas nas vergas para que o pano não bloqueasse a visão para diante. Mantivera a vela de estai ferrada pela mesma razão, pelo que a Warren era empurrada pela giba, pela bujarrona e pelas gáveas. Seguia lentamente, deslizando cada vez mais perto da entrada estreita entre Cross Island e Dyces Head, que estavam agora na mão dos Americanos. Saltonstall conseguia ver, lá no alto, as casacas verdes dos seus fuzileiros. Observavam a Warren e era evidente que a aclamavam, pois acenavam para a fragata com os chapéus.

As três corvetas britânicas tinham disparado contra a bateria rebelde em Cross Island até terem visto as gáveas soltas nos navios inimigos, altura em que imediatamente cessaram fogo para que os canhões pudessem ser manobrados de modo a ficarem apontados para a boca do porto. Todas as peças estavam duplamente carregadas para que cada uma delas disparasse dois projéteis do primeiro costado. A Warren, de longe o maior navio que estava no rio Penobscot, pareceu enorme ao assomar na entrada exígua. O Capitão Mowat, de pé no convés da popa da Albany, ficou surpreendido por ver que apenas três navios se aproximavam, embora estivesse consciente de que três navios eram suficientes. Ainda assim, considerou ele, se estivesse no comando da frota, teria atacado com todos os navios disponíveis de forma irresistível e esmagadora. Aplicou o óculo na Warren, notando que não havia marinheiros no castelo de vante, o que sugeria que a fragata não planeava aproximar-se e abordar as corvetas. Estariam, talvez, escondidos? O beque parecia imenso visto na lente. Baixou o canudo e acenou para o seu Primeiro-Tenente.

– Pode abrir fogo – disse Mowat.

As três corvetas de Mowat possuíam vinte e oito peças no total dos costados, uma mistura de canhões de três e cinco quilos, e todos eles dispararam duas balas contra a Warren. O ruído dos canhões encheu a vasta bacia da baía de Penobscot ao mesmo tempo que a bateria de Half Moon, que fora escavada na encosta a oeste do forte, adicionava ao fogo os seus quatro canhões de cento e vinte e um, com projéteis de seis quilos. Todas as balas foram apontadas às rodas de proa da Warren e a fragata estremeceu sob os golpes em massa.

– Vamos retribuir o fogo, Senhor Fenwick! – gritou Saltonstall ao seu Primeiro-Tenente, e Fenwick deu as ordens, mas as únicas peças que a Warren podia utilizar eram as duas de cinco quilos que tinha à proa, que dispararam em conjunto, envolvendo o gurupés levantado de fumo. As rodas de proa da Warren estavam a ser estilhaçadas pelas balas, cujo impacto enviava ondas de choque através do casco. Um homem estava aos gritos no castelo de vante, um ruído que irritou Saltonstall.

O navio abrandou sensivelmente sob os impactos constantes. Dudley Saltonstall, de pé junto do Timoneiro, conseguia ouvir a madeira a ser esmigalhada. Não era um homem de imaginação, mas de súbito percebeu que aquele fogo concentrado e vingativo era a expressão da raiva britânica contra

os rebeldes, que tinham capturado o ponto elevado da península. Derrotados em terra, estavam a vingar-se a tiro de canhão, tiro feito com pontaria, vivacidade e eficácia, e Saltonstall ferveu de raiva pelo facto de ser o seu belo navio a estar na mira desse fogo. Um projétil de seis quilos, disparado da linha de costa do porto, atingiu uma peça de cinco quilos dianteira, cortando-lhe os cabos de amortecimento, desfazendo-lhe um munhão e matando dois homens da sua guarnição, cujo sangue espirrou pelo convés a uns seis metros de distância. Um intestino vomitado jazia como uma corda desalinhada sobre a mancha ensanguentada. O canhão descaiu sobre o reparo. Um dos homens perdera metade da cabeça, o outro fora eviscerado pela bala, a qual perdera determinação e foi parar junto do passadiço de estibordo.

– Esfregar o convés! – gritou Saltonstall.

– Com energia! – Um Tenente gritou a uns marinheiros para irem buscar baldes com água, mas antes que pudessem ter limpo das tábuas do convés o sangue que alastrava, o Comodoro gritou uma outra vez: – Suspender a ordem!

O Senhor Fenwick, o Primeiro-Tenente, fitou Saltonstall. O Comodoro era famoso por manter limpo o convés dos navios, mas acabara de suspender a ordem para limpar.

– Meu Comandante? – disse Fenwick, inseguro.

– Deixe isso assim – insistiu Saltonstall. Quase sorriu para si mesmo. Ocorrerá-lhe uma ideia de que gostou.

– Lance esses restos borda fora – disse ele, indicando os intestinos, – mas deixe o sangue.

Uma bala de seis quilos atingiu o mastro principal com força suficiente para fazer estremecer o pano da vela da gávea grande. Saltonstall observou o mastro, perguntando-se se iria cair, mas o grande mastro aguentou-se.

– Chame o carpinteiro, Senhor Coningsby – ordenou ele.

– Imediatamente, meu Comandante – respondeu o Guarda-Mari-nha Fanning, resignado a ser chamado Coningsby.

– Quero um relatório sobre o mastro principal. Não fique aí parado! Seja enérgico!

Fanning correu até um passadiço para ir buscar o carpinteiro, que, suspeitou ele, deveria estar algures à proa indagando os estragos que estavam a ser feitos nas rodas de proa da Warren, onde a maior parte dos projéteis inimigos tinham atingido a fragata. Uma bala de cinco quilos cortou as amarras da verga da cevadeira que ficou a oscilar sobre a água, embora, por sorte, a própria cevadeira não se dobrara sobre a tranca e, assim, o pano não era arrastado pela água de modo a abrandar ainda mais a Warren. A retranca da bujarrona estava cortada, o que restava do gurupés estava preso apenas por um estai, e as balas continuavam a cair. O Tenente Denwick pôs seis homens a retirar a verga da cevadeira e um deles ficou, de repente, com uma expressão atônita e sem o braço esquerdo, apenas com um coto rasgado e sangrento de onde o sangue golfava. Fenwick sentiu o sopro da bala e ficou salpicado de sangue.

– Põe um torniquete nisso – ordenou ele, admirando-se por parecer tão

calmo, mas o ferido, antes que alguém o tivesse podido socorrer, caiu na água, e outra bala de três quilos foi escavar a amurada, fazendo saltar grandes estilhaços pontiagudos que dispararam pelo convés. O navio estremeceu de novo e escorreu sangue pelas juntas das tábuas do convés. Um tiro bateu na linha de água, despejando água fria salgada no castelo de vante, e, depois, Fenwick teve a noção de que a Warren estava a virar, a virar muito lenta e pesadamente para estibordo, de modo a que o seu costado de bombordo pudesse enfrentar o inimigo. Os fuzileiros davam vivas à fragata, de Dyce's Head, mas essa consolação não compensou os dois novos projéteis que lhe rasgaram o casco. Uma das duas grandes bombas de ulmo estava agora a trabalhar e os homens que se encarregavam dela manejavam as suas alavancas compridas para que a água jorrasse regularmente da parte lateral da Warren. Algures, um homem choramingava, mas Fenwick não o conseguia ver.

– Lancem aquilo pela borda fora – vociferou ele, apontando o braço decepado. A fragata virou com lentidão agonizante, mas as suas rodas de proa ficaram, por fim, viradas em direção ao lado sul do porto e o seu poderoso costado poderia agora retribuir o fogo britânico. Assim que a lenta rotação deixou a bateria de Half Moon diante do seu costado, o Comodoro ordenou que os canhões maiores fossem disparados e o seu ruído engoliu o universo quando eles atroaram até à posição britânica. Uma vaga de fumo elevou-se pelo menos à altura da vela grande enrolada. Os canhões recuaram e as carretas viajaram pelo convés até os cabos amortecedores se retesarem. A água transformada em vapor silvou quando os artilheiros limpavam os canos. Uma bala de seis quilos atravessou o tombadilho, não fazendo estragos por milagre, exceto num balde que se estilhaçou em mil pedaços.

– Disparem quando estiverem prontos! – gritou Saltonstall, querendo dizer que os seus artilheiros deveriam fazer fogo assim que o navio se voltasse o suficiente para ter as corvetas inimigas na mira, embora os artilheiros estivessem de tal maneira toldados pelo fumo que produziam que mal conseguiam ver os inimigos, os quais, por sua vez, estavam envoltos pelo fumo da sua própria pólvora, constantemente renovada de cada vez que as chamas se expeliam através da nuvem para desferir mais projéteis contra a fragata.

– O carpinteiro diz que vai ver o mastro principal assim que puder, meu Comandante! – O Guarda-Marinha Fanning teve de gritar para conseguir fazer-se ouvir por cima do tiroteio.

– Assim que puder? – repetiu Saltonstall, zangado.

– A proa tem buracos, meu Comandante, ele diz que está a cafetá-los. Saltonstall resmungou e uma bola de ferro de três quilos, disparada da HMS Albany, atingiu Fanning nas virilhas. Ele gritou e caiu. Ficou osso à vista, branco como marfim, por entre os restos dilacerados da sua anca. Fitou Saltonstall, de boca aberta, a gritar, e o seu sangue colou-se pegajoso à roda de leme.

– Mãe – choramingou Fanning, – mãe!

– Oh, por amor de Deus – murmurou Saltonstall.

– Vocês os dois! – gritou o Timoneiro a dois tripulantes acorados junto do parapeito de bombordo.

–Levem o miúdo lá para baixo.

– Mãe, gritava Fanning, – mãe. Estendeu uma mão e agarrou-se à parte de baixo da roda.

–Oh, mãe!

– Fogo! – gritou Saltonstall às guarnições dos canhões, não porque elas precisassem da ordem, mas porque não queria ouvir o choro patético do rapaz, que, abruptamente, se reduziu a nada.

– Está morto – disse um dos marinheiros, – o pobre diabo.

– Tonto na língua! – rosou Saltonstall.

–E levem o Senhor Coninbsgy.

– Levem-no daqui – disse o Timoneiro apontando para Fanning, apercebendo-se de que os marinheiros tinham ficado confusos com a ordem do Comodoro. Baixou-se e libertou a roda da mão apertada do rapaz.

As peças da Warren estavam agora a disparar contras as corvetas inimigas, mas a tripulação da fragata era verde. Poucos de entre os homens eram marinheiros, a maior parte deles fora recrutada no cais de Boston e alimentavam os canhões com mais lentidão do que os Britânicos. O fogo da fragata fazia mais estragos porque as suas peças eram mais pesadas, mas por cada tiro que a Warren disparava, recebia seis. Mais uma bala atingiu o gurupés, quase o dividindo em dois longos bocados, e então uma bola de seis quilos atingiu de novo o mastro principal, que oscilou perigosamente até ficar preso pelas enxárcias.

– Ferrar a vela da gávea grande! – gritou Saltonstall ao Segundo-Te-nente. Precisava de retirar a pressão do mastro danificado ou ele cairia pela borda fora e eles não seriam mais do que um destroço flutuante sob o fogo triturador dos canhões britânicos. Viu, no horizonte, um jorro de fumo que saía do forte e viu aparecer uma fenda na vela de joanete do mastro de vante.

– Recolher as velas de vante! Senhor Fenwick! – gritou Saltonstall pela boca de um tubo de comunicação. A bujarrona e a vela de estai arrastariam o gurupés danificado e desfá-lo-iam, se não fossem ferradas. Uma bola de ferro disparada da bateria de Half Moon embateu com força no casco, fazendo estremecer as enxárcias.

Os dois navios corsários não tinham seguido a Warren pela boca do porto, em vez disso tinham ficado junto da entrada e disparavam para além da fragata, contra as corvetas distantes. Assim, a Warren recebia quase todo o fogo das peças britânicas e SaltonstaU sabia que não podia ficar ali a ser desfeito em estilhaços.

– Senhor Fenwick! Lance dois escaleres ao mar! Virar a proa ao contrário!

– Sim, meu Comandante!

– Mantivemos os fuzileiros ocupados – murmurou Saltonstall.

Fora essa a combinação, os seus navios ameaçariam a linha britânica de maneira a manter os Fuzileiros Reais longe do forte, o qual, presumia ele, o General Lovell estava naquele momento a atacar. Considerou que tudo estaria terminado a meio do dia e não valia a pena ter mais baixas, pelo que iria

retirar. Precisava de rodar a fragata naquele pequeno espaço e devido ao facto de o vento ser inconstante, pusera homens a rodar a proa da Warren. As balas de canhão britânicas faziam cair grandes jatos de água sobre os remadores, mas nenhuma delas atingiu os escaleres, que por fim conseguiram virar a Warren para leste. Saltonstall não se atreveu a soltar a bujarrona, a giba e a vela de estai, pois, mesmo com pouco vento, a pressão exercida nessas velas bastaria para reduzir o gurupés a pedaços, e, assim, confiou nos escaleres para colocar a fragata em segurança. Os homens soerguiam-se ao puxar os remos e, lentamente, persistentemente batidos pelas balas britânicas, a Warren dirigiu-se de novo para a parte mais larga da baía.

Saltonstall ouviu gritos de alegria vindos das três corvetas britânicas.

O Comodoro troçou do ruído. Os idiotas pensavam que tinham batido a sua poderosa fragata, no entanto nunca estivera nos seus planos chegar-se a eles, mas pura e simplesmente manter os fuzileiros deles a bordo enquanto Lovell atacava o forte. Um último tiro rasgou as águas, salpicando a tolda, e depois a Warren foi rebocada para norte sob a proteção de Dyces Head e, por isso, fora da visão do inimigo desavergonhado. As duas âncoras da frente foram lançadas, os remadores dos escaleres puderam descansar, as peças foram recolhidas e era tempo de fazer reparações.

Peleg Wadsworth acocorou-se em frente do escocês capturado que se sentara, encostando-se ao tronco chamuscado de uma faia. O prisioneiro fora encontrado escondido num denso grupo de arbustos, talvez na esperança de conseguir esgueirar-se de novo para o Forte George, mas teria dificuldade em realizar uma fuga pois fora atingido por uma bala de mosquete. O projétil dilacerara-lhe a carne, mas não atingira o osso, e o médico considerou que ele sobreviveria se a ferida não gangrenasse.

– Tem de manter a ferida ligada – disse Wadsworth – e manter a ligadura húmida. Compreende o que estou a dizer?

O homem assentiu. Era um jovem alto, talvez com dezoito ou dezanove anos, de cabelos pretos como as asas de um corvo, pele clara, olhos escuros e uma expressão confundida, como se não tivesse compreendido o que o destino lhe reservava. Olhava alternadamente para Wadsworth e James Fletcher. Tinham-lhe tirado a casaca vermelha e a única coisa que tinha vestido era a camisa e o kilt.

– De onde é, soldado? – perguntou Wadsworth.

O homem respondeu, mas o sotaque era tão acentuado que, mesmo quando ele repetiu o nome, Wadsworth não compreendeu.

– Serás adequadamente tratado – disse Wadsworth.

– Depois, serás levado para Boston.

– O homem falou de novo, embora fosse impossível dizer o quê.

– Quando a guerra terminar – disse Wadsworth devagar, como se se dirigisse a alguém que não falasse inglês. Presumia que o escocês falava, mas não tinha a certeza.

– Quando a guerra terminar, irás para casa. A menos que, claro, queiras cá ficar. A América acolhe os homens bons de bom grado.

James Fletcher ofereceu um cantil com água ao homem, que este agarrou e

bebeu sufregamente. Os seus lábios estavam sujos do pó dos cartuchos que rompera com os dentes durante o combate, e romper cartuchos com os dentes deixa a boca de um homem seca como pó. Devolveu o cantil e fez uma pergunta que nem Fletcher nem Wadsworth puderam compreender e responder.

– Consegue pôr-se de pé? – perguntou Wadsworth.

O homem respondeu pondo-se de pé, embora se tivesse encolhido ao firmar-se na perna esquerda ferida.

– Ajude-o a ir até à praia – ordenou Wadsworth a Fletcher, – depois volte para junto de mim.

Era meio-dia. O fumo erguia-se sobre o cimo da falésia, onde os homens tinham acendido fogueiras para fazer chá. Os canhões britânicos ainda disparavam do forte, mas a sua cadência de tiro era agora muito mais lenta. Wadsworth considerou que passavam pelo menos dez minutos entre cada disparo, e nenhum deles provocava estragos porque os rebeldes se mantinham escondidos entre as árvores, o que queria dizer que o inimigo não tinha um alvo contra o qual disparar e o fogo deles, supunha Wadsworth, constituía uma mera mensagem de desafio.

Caminhou para sul, para onde os fuzileiros controlavam Dyces Head. No porto, a troca de tiros interrompera-se, deixando longosovelos de fumo a flutuarem lentamente sobre a ondulação resplandecente do Sol. A Warren, de proa marcada pelas balas, procurava abrigo para ocidente da falésia, onde os canhões britânicos capturados estavam agora apontados ao forte, à guarda do Tenente William Dennis.

Dennis sorriu quando viu aparecer o seu antigo mestre-escola.

– É bom vê-lo ileso, meu General – saudou ele Wadsworth.

– Do mesmo modo que eu estou em relação a si, Tenente – disse Wadsworth.

– Está a pensar utilizar estes canhões?

– Quem dera que pudéssemos – disse Dennis, apontando para um buraco chamuscado.

– Fizeram explodir o paiol, meu General. Deveriam ter inutilizado os canhões, mas não o fizeram. Assim, pedimos mais sacos de pólvora.

– Lamento o Capitão Welch – disse Wadsworth.

– É difícil de acreditar – disse Dennis, num tom de perplexidade.

– Não o conhecia bem. Não o conhecia de todo! Mas inspirava confiança.

– Achávamos que ele era indestrutível – disse Dennis, fazendo depois um gesto incerto em direção a oeste.

– Os homens querem enterrá-lo aqui em cima, meu General, no sítio onde comandou a luta.

Wadsworth olhou para o local indicado por Dennis e viu um corpo envolvido em duas mantas. Compreendeu que era o cadáver de Welch.

– Parece adequado – disse ele.

– Quando tomarmos o forte, meu General – disse Dennis, – deveria passar a chamar-se Forte Welch.

– Suspeito – retorquiu Wadsworth secamente – que temos de lhe chamar Forte Lovell.

Dennis sorriu ao ouvir o tom de Wadsworth, depois meteu a mão no bolso da aba da casaca.

– O livro que eu lhe ia dar, meu General – disse ele, segurando o volume de Cesare Beccaria.

Wadsworth ia agradecer, quando viu que a capa do livro fora rasgada e as páginas torcidas numa amálgama.

– Meu Deus! – disse ele.

– Uma bala? – O livro era ilegível agora, não passava de um conjunto de papéis rasgados.

– Não o tinha terminado – disse Dennis pesarosamente, tentando separar as páginas.

– Uma bala?

– Sim, meu General. Mas não acertou em mim, o que é um bom augúrio, acho eu.

– Espero que sim.

– Encontrarei outro exemplar para si – disse Dennis, depois convocou um fuzileiro magro com o rosto em cutelo, que estava a alguns passos. – Sargento Sykes! Não foi você que disse que os meus livros só serviam para acender fogueiras?

– É verdade, meu Tenente – disse Sykes, – fui eu.

– Tome! – Dennis atirou o livro destruído ao Sargento.

– Aqui tem gravetos!

Sykes sorriu.

– É para que servem os livros, meu Tenente – disse ele, depois olhou para Peleg Wadsworth.

– Vamos atacar o forte, meu General?

– Estou certo que sim – disse Wadsworth. Encorajara Lovell a atacar mais tarde, quando o Sol poente pudesse encandear os defensores do forte, mas até àquele momento Lovell não se comprometera. Lovell queria ter a certeza de que as linhas americanas estavam a salvo de qualquer contra-ataque britânico, antes de lançar as suas tropas contra o forte, e por isso ordenara às forças rebeldes que cavassem trincheiras e erguessem muralhas de terra no limite do bosque. Os fuzileiros tinham ignorado a ordem.

– Não deveria estar a cavar aqui uma trincheira? – perguntou Wadsworth.

– Deus do Céu, meu General – disse Dennis, – não precisamos de trincheira. Estamos aqui para os atacarmos!

Wadsworth concordava sinceramente com este sentimento, mas não podia expressar essa concordância sem parecer desleal para com Lovell. Pediu emprestado a Dennis um telescópio e dirigiu-o na direção do posicionamento dos pequenos canhões britânicos, que era agora o posto inimigo mais próximo. Não conseguia ver claramente a bateria porque estava meio escondida por um campo de milho, mas conseguia ver o suficiente. A proteção formava um semicírculo a pouca distância do declive que subia do porto e a meio caminho entre os fuzileiros e o forte. Os canhões da bateria apontavam para sudoeste, na direção da entrada do porto, mas Wadsworth supunha que poderiam ser facilmente girados para oeste e assim rasgar por

entre qualquer grupo de infantaria que atacasse a partir de Dyces Head.

– Acha que aqueles canhões constituem uma ameaça, meu General? – perguntou Dennis, vendo para onde Wadsworth estava a olhar.

– Poderiam constituir – disse Wadsworth.

– Podemos-nos aproximar – disse Dennis, com segurança.

– Não nos verão no meio do milho. Cinquenta homens poderiam facilmente tomar aquela bateria.

– Pode ser que não precisemos de a capturar – disse Wadsworth. Desviara a lente para examinar o forte. As muralhas eram tão baixas que os casacas vermelhas que estavam no seu interior se viam da cintura para cima, embora, enquanto ele olhava, via homens a arrastarem um enorme tronco para levantar o parapeito. Então, a sua visão foi obliterada por uma massa branca e ele baixou o telescópio, vendo que um canhão fora disparado, com a diferença de que o fumo desprendido da arma erguia-se do centro da muralha oeste do forte, ao passo que todo o fumo anteriormente observado se erguera dos bastiões de cada uma das extremidades dessa muralha.

– Aquilo é um novo canhão?

– Deve ser – disse Dennis.

Wadsworth não era homem que gostasse de praguejar, mas esteve tentado a isso. Lovell estava a fortificar a parte alta e os Britânicos, dada a preciosa oferta de tempo, levantavam a muralha do forte e colocavam mais canhões nos parapeitos, e cada hora que passava tornaria o forte mais difícil de atacar.

– Creio que você e os seus fuzileiros deverão ficar aqui – disse ele a Dennis – e juntarem-se ao ataque.

– Também espero que sim, meu General, mas essa é uma decisão do Comodoro.

– Suponho que sim – disse Wadsworth.

– Ele entrou até meio do porto – disse Dennis, – massacrou o inimigo durante meia hora e depois saiu.

– Parecia desapontado, como se esperasse mais do navio-bandeira dos rebeldes. Baixou os olhos para os navios britânicos, os quais tinham recomeçado a disparar contra a bateria rebelde de Cross Island.

– Precisamos de armas pesadas aqui em cima – disse ele.

– Se tomarmos o forte – disse Wadsworth, e desejou ter dito quando em vez de se, – não precisaremos de mais baterias.

Porque, uma vez que os Americanos capturassem o forte, as três corvetas britânicas estavam condenadas. E o forte era patético, um rabisco na terra, nem sequer metade estava construída, mas Solomon Lovell, após o êxito da conquista da elevação, decidira cavar defesas em vez de fazer um ataque. Wadsworth devolveu a lente a Dennis e foi para norte ao encontro de Lovell. Têm de atacar, pensou ele, têm de atacar.

Mas não houve qualquer ataque. O longo dia de verão passou, os rebeldes fizeram as suas escavações, os canhões britânicos martelaram o arvoredo e o General Lovell ordenou que se fizesse uma clareira no cimo da falésia para servir como o seu quartel-general. O Tenente-Coronel Revere, limpo e de

camisa lavada, descobriu uma rota mais fácil a partir da praia, que rodeava a extremidade norte da falésia, e os seus artilheiros cortaram árvores para fazerem um caminho. Ao crepúsculo tinham rebocado quatro canhões até ao cimo, mas era demasiado tarde para os posicionar, por isso ficaram arrumados sob o arvoredor. Os mosquitos infestavam as tropas que, à falta de tendas, dormiam debaixo das árvores. Alguns tinham improvisado abrigos com ramos. A noite caiu. O último tiro de canhão britânico do dia iluminou a crista de vermelho envolto em fumo com o seu clarão, fazendo com que as sombras alongadas dos cepos estremecessem. O fumo das armas foi impelido para nordeste e, então, um silêncio inquieto caiu sobre Majabi-gwadu.

– Amanhã – disse o General Lovell junto de uma fogueira no seu novo quartel-general, – faremos um grande ataque.

– Ótimo – disse Wadsworth, firmemente.

– Isto é carne de vaca? – perguntou Lovell, provando de um prato de latão.

– Carne de porco seca, meu General – respondeu Filmer, o criado do General.

– Está muito bom – disse ele num tom ligeiramente dúbio, – quer um pouco, Wadsworth?

– Os fuzileiros tiveram a gentileza de me dar carne de vaca britânica, meu General.

– Que providentes, os nossos inimigos, trazerem-nos comida – disse Lovell, divertido. Observou Wadsworth enquanto ele tirava o blusão do exército continental, se sentava junto da fogueira e fazia aparecer agulha, linha e um botão que, obviamente, se soltara.

– Não tem um homem que lhe faça esse género de coisas?

– Gosto de poder cuidar de mim, meu General – disse Wadsworth. Lambeu a linha e conseguiu enfiá-la no buraco da agulha.

– Achei que o Coronel Revere fez bem em fazer o novo caminho até cá acima.

– Pois não é que fez tão bem! – respondeu entusiasticamente Lovell.

– Queria dizer-lhe isso mesmo, mas parece que regressou ao Samuel ao anoitecer.

Wadsworth começou a coser o botão e a simples tarefa trouxe-lhe, subitamente, à memória a sua esposa, Elizabeth. Era uma visão dela a cerzir meias junto à lareira, com a cesta da costura sobre a larga pedra da lareira, e Wadsworth repentinamente sentiu tanto a sua falta que os olhos se lhe humedeceram.

– Espero que o Coronel Revere traga obuses – disse ele, esperando que ninguém em redor lhe tivesse visto a cintilação nos olhos. Os obuses, ao invés dos canhões, lançavam projéteis em arcos altos, pelo que os artilheiros podiam disparar por cima das cabeças das tropas atacantes.

– Só temos um obus – disse o Major Todd.

– Precisamos dele para o ataque de amanhã – disse Wadsworth.

– Estou certo de que o Coronel sabe o que faz – disse apressadamente Lovell, – mas não haverá ataque a menos que receba garantias do Comodoro Saltonstall de que os nossos bravos navios avançarão de novo pela boca do porto.

Um leve sopro de vento fez com que o fumo rodopiasse em volta do rosto de

Wadsworth. Ele pestanejou, depois franziu o sobrolho para o General por entre as chamas bruxuleantes da fogueira.

– Não haverá ataque, meu General? – perguntou ele.

– Não, a menos que a frota ataque ao mesmo tempo – replicou Lovell.

– Precisamos realmente que eles o façam, meu General? – perguntou Wadsworth.

– Se atacarmos por terra, não vejo como interferem conosco os navios inimigos. Pelo menos, se conservarmos as nossas tropas afastadas do declive mais a sul e longe dos seus costados.

– Quero os fuzileiros britânicos mantidos a bordo dos seus navios – disse Lovell com firmeza.

– Disseram-me que a Warren tem estragos – disse Wadsworth. Estava horrorizado por Lovell exigir um ataque simultâneo. Não havia necessidade! A única coisa que os rebeldes tinham que fazer era atacar por terra e o forte seguramente cairia, com fuzileiros britânicos ou sem fuzileiros britânicos.

– Temos um grande número de navios – disse Lovell, terminando a conversa.

– E quero os nossos navios e os nossos homens, soldados e marinheiros, de mãos dadas, avançando de forma irresistível para ganharem os louros.

– Sorriu.

– Tenho a certeza de que o Comodoro nos favorecerá.

No dia seguinte.

A quinta-feira nasceu com um céu límpido e um suave vento de sul, que agitou a baía. Os comandantes de todos os navios de guerra foram levados em escaleria para a Warren, onde o Comodoro Saltonstall os recebeu com uma cortesia exagerada e nada habitual. Ordenara que todos os capitães visitantes subissem a bordo da Warren pela escada a vante de estibordo, porque esse local de entrada lhes dava uma boa visão do convés manchado de sangue e da base destruída do mastro principal. Queria que os visitantes imaginassem os estragos que o inimigo poderia fazer nos seus próprios navios, nenhum dos quais sendo tão grande ou poderoso como a Warren.

Assim que tivessem visto os estragos, eram escoltados até à camarinha de Saltonstall, onde a mesa comprida estava posta com copos e garrafas de rum. O Comodoro convidou os comandantes a sentarem-se e divertiu-se com o desconforto que muitos deles claramente sentiram perante a pouco usual elegância do mobiliário. A mesa era de carvalho polido e à noite podia ser iluminada por velas de espermacete, que agora estavam apagadas nos seus rebuscados candelabros de prata. Duas das janelas de popa tinham sido quebradas por um projétil britânico e Saltonstall deliberadamente deixara as vidraças partidas e os caixilhos estilhaçados como formas de lembrar aos comandantes o que os navios deles poderiam sofrer se insistissem num ataque.

– Devemos felicitar o exército – iniciou Saltonstall o Conselho de Guerra – pelo êxito de ontem no desalojamento do inimigo do cume, embora lamente profundamente que o Capitão Welch tenha sido perdido nesse êxito.

Alguns homens murmuraram palavras de simpatia, mas a maioria observou atentamente Saltonstall. Ele era conhecido por ser um homem arrogante e

distante, e era o homem a quem eles tinham enviado conjuntamente uma carta, censurando-o por não apressar um ataque aos navios de Mowat; ainda assim, era agora, aparentemente, afável.

– Por favor, compartilhem o rum – disse ele, indicando despreocupadamente as garrafas escuras – fornecido pelos nossos inimigos. Foi tomado a um mercador perto de Nantucket.

– Nunca é cedo de mais para um cálice – disse Nathaniel West, do Black Prince, servindo generosamente um copo.

–À sua saúde, Comodoro.

– Aprecio tanto os vossos sentimentos – disse Saltonstall em tom melífluo – como apreciarei os vossos conselhos.

–Acenou em redor da mesa, indicando que queria a opinião de cada um.

–O nosso exército – disse ele – tem agora o forte sob controlo e pode atacar quando e como quiser. Uma vez que o forte caia, como tem de cair, a posição do inimigo no porto torna-se insustentável. Os navios deles deverão esbarrar nas nossas peças ou renderem-se.

– Ou fazerem um rombo no casco – disse James Johnston, do Palias.

– Ou fazerem um rombo no casco – concordou Saltonstall.

–Eu sei que há uma opinião segundo a qual nos deveríamos antecipar a essa escolha, entrando no porto e atacando o inimigo diretamente. É a adequação dessa ação que eu desejo discutir.

–Interrompeu-se e houve um silêncio de embarço na camarinha, cada um dos homens lembrando-se da carta que tinham assinado coletivamente. Essa carta censurara Saltonstall por não entrar no porto, provocando uma ação contra as três corvetas, ação que seguramente teria como resultado a vitória americana. Saltonstall deixou o embarço deles estender-se desconfortavelmente por um longo período de tempo, e depois sorriu.

–Permitam-me que vos apresente as circunstâncias, meus senhores. O inimigo tem três navios armados dispostos em linha, face à entrada do porto. Por conseguinte, qualquer navio que entrar no porto será varrido a tiro pelos seus costados. A somar a isto, o inimigo tem uma grande bateria no forte e uma segunda bateria no declive abaixo do forte. Esses canhões, combinados, têm qualquer navio atacante à mercê.

Não preciso de vos dizer que os navios da frente sofrerão danos consideráveis e sérias baixas com o fogo inimigo.

– Como o senhor sofreu ontem, meu Comandante – disse lealmente o Capitão Philip Brown, do brigue da marinha continental, Diligent.

– Como nós sofremos – anuiu Saltonstall.

– Mas o inimigo também sofrerá – disse John Cathcart, do Tyrannicide.

– O inimigo certamente sofrerá – concordou Saltonstall, – mas não estamos nós persuadidos de que o inimigo está, de qualquer modo, condenado? A nossa infantaria está prestes a atacar o forte e, quando o forte se render, também os navios terão de se render. Por outro lado – ele interrompeu-se para dar maior ênfase ao que ia dizer a seguir, – a derrota dos navios de modo nenhum obriga o forte a render-se. Faça-me entender? Tomem o forte e os navios estão condenados. Tomem os navios e o forte sobrevive. A nossa tarefa é tirar daqui

as tropas britânicas, razão pela qual o forte tem de ser tomado. Os navios inimigos, meus senhores, dependem tanto do forte como os casacas vermelhas.

Nenhum dos homens em redor da mesa era covarde, mas metade deles estava ali em negócio e o negócio deles era saquear. Nove capitães, dos que estavam à mesa, eram donos do navio que comandavam ou possuíam uma grande participação na propriedade do navio, e um corsário não produzia lucro lutando contra navios de guerra inimigos. Os corsários perseguiram alegremente mercadores armados. Se um navio corsário se perdesse, o investimento do proprietário perdia-se com ele, e aqueles comandantes, sopesando as hipóteses de elevadas baixas e danos caros nos seus navios, começaram a ver a sabedoria contida na sugestão de Saltonstall. Todos tinham visto o convés sujo de sangue e o mastro lascado da Warren e temiam ver coisas piores nos seus próprios navios de elevado custo. Então, porque não deixar que o exército capturasse o forte? Era como se já estivesse capturado, de qualquer modo, e o Comodoro tinha toda a razão sobre o facto de os navios britânicos não terem outra hipótese senão renderem-se quando o forte caísse.

O Tenente George Little, da marinha do Massachusetts, era mais beligerante. – Não tem a ver com o forte – insistiu ele, – tem a ver com matar os filhos da mãe e capturar os navios deles.

– Navios que serão nossos – disse Saltonstall, por milagre conservando a calma – quando o forte cair.

– O que tem de acontecer – disse Philip Brown.

– O que tem de acontecer – anuiu Saltonstall. Obrigou-se a olhar Little nos olhos.

– Suponha que vinte dos seus homens são mortos num ataque aos navios, e que depois da batalha o forte sobrevive. Por que razão morreram, então, os seus homens?

– Viemos para aqui para matar o inimigo – disse Little.

– Viemos para aqui para derrotar o inimigo – corrigiu Saltonstall, e um murmúrio de concordância ressoou pela camarinha. O Comodoro percebeu os estados de espírito e arrancou uma página ao livro do General Lovell.

– Todos vós expressaram o que sentiam numa carta – disse ele – e eu apreciei o zelo que essa carta demonstrava, mas eu humildemente sugeriria – interrompeu-se, tendo ele próprio ficado surpreendido com o uso da palavra «humildemente» – que a carta foi enviada sem a completa apreciação das circunstâncias táticas com que nos confrontamos. Assim, permitam-me que ponha uma moção à votação. Considerando as posições inimigas, não seria mais prudente deixar que o exército leve o seu triunfo até ao fim sem colocar em risco os nossos navios num ataque que se revelará irrelevante para o objetivo expresso da expedição?

A assembleia de comandantes hesitou, mas, um a um, os proprietários dos navios privados votaram contra qualquer ataque levado a cabo pela entrada do porto e, uma vez dado o mote, o resto seguiu-os, exceto George Little, que nem votou contra nem a favor, mas apenas permaneceu carrancudo.

– Agradeço-vos, cavalheiros – disse Saltonstall, escondendo a sua satisfação.

Aqueles homens tinham-se atrevido a escrever-lhe uma carta que, implicitamente, insinuava que ele era covarde, e, mesmo assim, confrontados com os factos da situação, tinham esmagadoramente votado contra os sentimentos que essa carta expressara. O Comodoro desprezava-os.

— Informarei o General Lovell — disse Saltonstall — da decisão do Conselho.

Os navios de guerra não atacariam.

E o General Lovell escavava trincheiras na terra para repelir um ataque britânico.

E o General McLean fortalecia o forte.

O Capitão Welch foi sepultado perto do local onde morrera, em Dyces Head. Já tinham sepultado seis outros companheiros, mais abaixo no declive, onde o solo era mais fácil de cavar e, de início, tinham posto o corpo de Welch nessa sepultura comum, mas um sargento ordenara que o cadáver do Capitão fosse retirado antes de a sepultura ser tapada com terra.

— Ele tomou a parte alta — disse o Sargento — e esta deve ser dele para sempre.

Assim, uma nova sepultura teve de ser cavada no promontório rochoso. Peleg Wadsworth foi ver o corpo ser descido no buraco e com ele estava o Reverendo Murray, que pronunciou algumas palavras sombrias à luz cinzenta da madrugada. Um sabre e uma pistola foram colocados sobre o cadáver envolto numa manta.

— Para que ele possa matar os malditos casacas vermelhas no Inferno — explicou o Sargento Sykes.

O Reverendo Murray sorriu, corajosamente, e Wadsworth aprovou com um aceno de cabeça. Foi colocado um monte de pedras sobre a sepultura do Capitão para que os animais necrófagos não conseguissem retirá-lo à terra que conquistara.

Quando a breve cerimónia terminou, Wadsworth caminhou até à linha de árvores e olhou para o forte. O Tenente Dennis juntou-se-lhe.

— A muralha está mais alta, hoje — disse Dennis.

— Pois está.

— Mas podemos subir por ela — disse Dennis, com firmeza.

Wadsworth utilizou um pequeno telescópio para examinar os trabalhos dos Britânicos. Os casacas vermelhas estavam a aprofundar o fosso ocidental que dava para as linhas americanas e a utilizar a terra da escavação para aumentar a muralha, mas a muralha mais distante, o parapeito oriental, ainda não passava de um rabisco na terra.

— Se pudéssemos ir por trás deles...

— meditou ele em voz alta.

— Oh, mas podemos! — disse Dennis.

— Acha que sim?

O ribombar do fogo de canhão obliterou a resposta do Tenente fuzileiro. A bateria semicircular dos Britânicos, na parte baixa da encosta do porto, disparara os seus canhões contra Cross Island. Mal o som se dissipara e já as três corvetas inimigas começavam a fazer fogo.

— O Comodoro está a atacar? — perguntou Wadsworth.

Os dois homens caminharam até à crista sul e viram que dois navios corsários estavam a disparar da entrada do porto, embora nenhum deles estivesse em vias de tentar navegar através da abertura estreita. Faziam tiro de longa distância e as três corvetas respondiam.

– Tiro de treino – disse Dennis, em tom de repúdio.

– Acha que podemos ir por trás do forte? – perguntou Wadsworth.

– Tome aquela bateria, meu General – disse Dennis, apontando para o semicírculo de terra que protegia os canhões britânicos.

– Assim que tivermos tomado aquela, podemos caminhar ao longo da linha de costa do porto. Temos muita coisa que nos oculta! – A rota ao longo da linha do porto vagueava por campos cultivados com milho, troncos empilhados, casas e celeiros, e tudo isso poderia esconder os homens dos canhões do forte e dos costados dos navios.

– O jovem Fletcher guiar-nos-ia – disse Wadsworth. James Fletcher resgatara o seu barco de pesca, o *Felicity*, e utilizava-o para transportar homens para o hospital que os rebeldes tinham estabelecido em Wasaumkeag Point, o ponto mais longínquo da baía.

– Mas continuo a pensar que um ataque direto seria o melhor – acrescentou Wadsworth.

– Direto ao forte, meu General?

– Porque não? Ataquemos antes de eles aumentarem ainda mais a muralha mais próxima.

– Um canhão disparou para norte, e o ruído soou súbito, próximo e sonoro. Era um cento e vinte e sete do Regimento de Artilharia do Massachusetts e disparara do arvoredado lá de cima contra os casacas vermelhas que trabalhavam para erguer o pano de muralha do forte. O ruído do canhão animou Wadsworth.

– Agora não precisaremos de ir por trás – disse ele a Dennis.

– Os canhões do Coronel Revere reduzirão aqueles parapeitos a nada!

– Então atacamos pelo dorso do monte? – perguntou Dennis.

– É a forma mais simples – disse Wadsworth – e, para mim, essa simplicidade é boa.

– O Capitão Welch aprovaria isso, meu General.

– E eu vou recomendá-la – disse Wadsworth.

Estavam tão perto, o forte não estava terminado, e a única coisa que precisavam de fazer era atacar. – Odeio Nova Iorque – disse Sir George Collier. Achava Nova Iorque um bairro de lata; um inferno na terra, superpovoado, sem maneiras, pestilento e húmido.

– Devíamos, pura e simplesmente, dar aquilo aos malditos rebeldes – rosnou ele, – deixarmos os filhos da mãe estufar lá dentro.

– Fique quieto, por favor, Sir George – disse o médico.

– Oh, por Cristo, homem, continue lá com isso! Pensei que Lisboa era o inferno sobre a terra e afinal é um maldito paraíso comparada com esta maldita cidade nojenta.

– Permite-me que sangre a sua coxa? – disse o médico.

– É até pior do que a Bristol – resmungou Sir George.

O Almirante Sir George Collier era um homem pequeno, irascível e desagradável que comandava a frota britânica na costa americana. Estava doente, razão pela qual desembarcara em Nova Iorque, e o médico estava a sangrá-lo para tentar diminuir a febre. Utilizava um dos mais recentes e sofisticados instrumentos médicos de Londres, um escarificador, que agora erguera, fazendo com que as suas vinte e quatro lâminas de aço polido desaparecessem suavemente no interior brilhante.

– Está pronto, Sir George?

– Deixe-se de tagarelice, homem. Faça lá isso.

– Terá uma ligeira sensação de desconforto, Sir George – disse o médico, escondendo o prazer que lhe dava esse pensamento, depois colocou a caixa de metal contra a coxa descarnada do paciente e puxou o gatilho. As lâminas foram impulsionadas para fora das suas ranhuras para penetrar na pele de Sir George e iniciarem um fluxo de sangue, que o médico estancou com um pano turco.

– Gostaria de ver mais sangue, Sir George – disse o médico.

– Não seja idiota, homem. Você secou-me.

– Devia embrulhar-se com qualquer coisa de flanela, Sir George.

– Com este maldito calor?

O rosto de Sir George, aguçado como o focinho de uma raposa, reluzia com suor. O inverno em Nova Iorque era brutalmente frio, o verão era um inferno fumegante, e entre eles era meramente insuportável. Na parede dos seus aposentos, junto a uma gravura da sua casa, em Inglaterra, havia um cartaz emoldurado publicitando que o Drury Lane Theatre, de Londres, estava a apresentar Selima and Azor, um divertimento Musical em Cinco Atos escrito por Sir George Collier. Londres, pensou ele, isso é que era uma cidade! Teatro decente, prostitutas bem vestidas, excelentes clubes e nenhuma daquela maldita humidade. O dono de um teatro de Nova Iorque pensara agradecer a Sir George, oferecendo-se para apresentar Selima and Azor no seu palco, mas Sir George proibira-o. Ouvir as suas canções assassinações por americanos miadores? Só de pensar nisso ficava maldisposto.

– Entre! – gritou ele em resposta a uma batida na porta. Um Tenente da marinha entrou no quarto. O recém-chegado estremeceu ao ver o sangue que manchava a coxa nua de Sir George, depois desviou os olhos e ficou, respeitosamente, junto da porta.

– Então, Forester? – rosnou Sir George.

– Lamento informá-lo, meu Comandante, de que a Íris não estará pronta para navegar – disse o Tenente Forester.

– A caldeira?

– É verdade, meu Comandante – disse Forester, aliviado por as suas más notícias não terem sido recebidas com ira.

– É pena – resmungou Sir George. A HMS Íris era uma bela fragata de 32 peças que Sir George capturara dois anos antes. Nessa altura, o seu nome era Hancock, um navio americano, mas, embora a Marinha Real normalmente conservasse os nomes dos navios de guerra capturados, Sir George seria amaldiçoado e condenado a arder no inferno de Nova Iorque se permitisse

que um navio britânico ostentasse o nome de qualquer nojento rebelde traidor, e por isso a Hancock fora rebatizada com o nome de uma esplêndida atriz londrina.

—Pernas compridas como a verga de uma cevadeira — disse Sir George, saudoso.

— Meu Comandante? — perguntou o Tenente Forester.

— Não te metas onde não és chamado.

— Sim, meu Comandante.

— A caldeira, dizes tu?

— Tem pelo menos duas semanas de trabalho, meu Comandante.

Sir George resmungou.

— A Blonde?

— Pronto, meu Comandante.

— A Virginia?

— Tripulação completa e em condições de navegar, meu Comandante.

— Escreve ordens para ambas — disse Sir George. A Blonde e a Virgínia eram ambas fragatas de 32 peças e a Blonde, proveitosamente, acabara de regressar do rio Penobscot, o que significava que o Capitão Barkley conhecia aquelas águas.

—A Greyhound? A Camille? A Galatea?

— A Greyhound está a abastecer-se, Sir George. A Galatea e a Camille precisam ambas de tripulantes.

— Quero as três prontas para navegar daqui a dois dias. Envia os grupos de recrutamento.

— Imediatamente, meu Comandante.

A Greyhound transportava vinte e oito peças, ao passo que a Camille e a Galatea eram fragatas mais pequenas, com apenas vinte peças cada uma.

— O Otter — disse Sir George — que leve os despachos.

— O Otter era um brigue de 14 peças.

— Sim, meu Comandante.

Sir George observou o médico a ligar-lhe a coxa.

— E o Reasonable — disse ele, com um sorriso feroz.

— O Reasonable, Sir George? — perguntou, atónito, Forester.

— Foi o que eu disse! Diz ao Capitão Evans que tem de estar pronto para navegar daqui a dois dias. E diz-lhe que irá desfraldar a minha bandeira.

O Reasonable era um navio francês capturado e era, também, um navio de guerra adequado para estar numa linha de batalha. Transportava sessenta e quatro peças, as mais pesadas das quais eram canhões que disparavam balas de quase quinze quilos, e os rebeldes não tinham nada que se lhe assemelhasse em cima de água, apesar de que era um dos navios de linha mais pequenos da Marinha Real.

— Vai para o mar, Sir George? — perguntou, nervosamente, o médico.

— Vou para o mar.

— Mas a sua saúde!

— Oh, pare de chilrear, seu imbecil. Como é que isso me pode fazer mal? Até o Mar Morto é mais saudável do que Nova Iorque.

Sir George ia para o mar e levava com ele sete navios, liderados por um enorme navio de guerra, longo e alto, que poderia, com um único costado, varrer das águas qualquer navio rebelde.

E a frota navegaria para leste. Em direção ao rio Penobscot, à baía de Penobscot e a Majabigwaduque.

Excertos das ordens do Brigadeiro-General Solomon Lovell para as suas tropas, Penobscot, 30 de julho de 1779:

O General está muito alarmado com o Comportamento indisciplinado, desordeiro e desatento do Acampamento... Como o Sucesso Militar abaixo de Deus depende principalmente da boa Subordinação o General espera que cada Oficial e cada Soldado a quem reste uma última Centelha de honra se esforçará por Executar as suas Ordens e que o Coronel Revere e os Corpos sob o seu Comando acampem de futuro com o Exército em Terra, para não só fortalecerem as Linhas mas também para tratarem dos Canhões.

Excertos de uma carta enviada pelo General George Washington ao Conselho do Massachusetts, a 3 de agosto de 1779:

Quartel-General, West Point.

Acabei de receber uma Carta de Lorde Stirling despachada de Jerseys e datada de ontem... segundo a qual os Navios de Guerra em Nova Iorque foram todos postos a navegar. Acho ser meu dever comunicar a Informação para que os Navios utilizados nesta expedição a Penobscot possam ser colocados de Sobreaviso, pois é muito provável que estes Navios possam destinar-se a combater contra eles e se fossem surpreendidos as consequências poderiam ser muito desagradáveis. Tenho a honra de ser com grande respeito e muita estima, o mais Obediente dos Servidores de Vossas Excelências

George Washington

Do testemunho de John Lymburner ao Juiz de Paz Joseph Herbert, a 12 de maio de 1788:

(Fui) feito prisioneiro pelos Americanos no Cerco de Penobscot, e estive em rigoroso enclausuramento... fomos tratados muito severamente por aderir às tropas Britânicas, chamaram-nos Tories e Refugiados, fomos ameaçados de ser enforcados logo que eles tivessem tomado o Forte George.

Onde diabo está Revere? – perguntou Lovell. Fizera a pergunta uma dúzia de vezes nos dois dias que se seguiram a ter tomado o cume de Maja-bigwaduuce e em cada uma houvera uma crescente irritação na sua voz habitualmente calma.

– Esteve ele presente num único Conselho de Guerra?

– Ele gosta de dormir a bordo do Samuel – disse William Todd.

– Dormir? Mas estamos em pleno dia! – Era um exagero, pois havia apenas uns minutos que o Sol fazia brilhar o nevoeiro do lado leste.

– Creio – disse Todd alegremente – que ele acha os seus aposentos a bordo da Samuel mais convenientes ao seu conforto.

– Limpava as lentes dos óculos à parte de baixo da sua casaca e o seu rosto pareceu estranhamente vulnerável sem eles.

– Não estamos aqui para ter conforto – disse Lovell.

– Não estamos, com efeito, meu General – disse Todd.

– E os homens dele?

– Também dormem no Samuel, meu General – disse Todd, enganchando cuidadosamente os óculos nas orelhas.

– Assim não pode ser – explodiu Lovell, – não pode ser!

– Não pode, com efeito, meu General – concordou o Major Todd, e depois hesitou. O nevoeiro tornava indistintas as copas das árvores e inibia os artilheiros em Cross Island e a bordo dos navios britânicos, pelo que uma espécie de quietude envolvia Majabigwaduuce. O fúmo das fogueiras onde as tropas ferviam água para o chá espalhava-se por entre as árvores.

– Se estivesse de acordo, meu General – disse cuidadosamente Todd, observando Lovell a andar para trás e para a frente diante do tosco abrigo feito com ramos e ervas que constituía o seu dormitório, – eu poderia referir-me à ausência do Coronel Revere na ordem de serviço?

– Poderia referir-se? – perguntou Lovell secamente. Parou e voltou-se para fitar o Major.

– Referir-se?

– Poderia adicionar um ponto na ordem de serviço requerendo que o coronel e os seus homens devem dormir em terra – sugeriu Todd. Duvidava que Lovell estivesse de acordo, pela razão de que qualquer ordem desse género seria reconhecida em todo o exército como uma reprimenda pública.

– Que bela ideia – disse Lovell, – um excelente parecer. Faça isso. E faça-me também o rascunho de uma carta para o Coronel!

Antes que Lovell pudesse mudar de ideias, Peleg Wadsworth chegou à clareira. O General, mais novo, usava um sobretudo abotoado para se defender do gelo da madrugada.

– Bom-dia! – saudou ele Lovell e Todd, alegremente.

– O sobretudo não lhe assenta bem, General – observou o Major Todd com uma gravidade irónica.

– Pertencia ao meu pai, Major. Era um homem grande.

– Sabia que Revere dorme a bordo do navio? – perguntou Lovell, com indignação.

– Sabia, sim, meu General – disse Wadsworth, – mas pensei que tivesse autorização sua.

– Não tem tal. Não estamos aqui num cruzeiro de diversão! Quer chá? – disse Lovell, indicando com um gesto a fogueira, onde o seu criado estava acocorado junto de uma caçarola.

–A água já deve ter fervido.

– Primeiro gostaria de lhe dar uma palavra, meu General.

– Claro, claro. Em privado?

– Se não se importa, meu General – disse Wadsworth e os dois generais afastaram-se alguns metros para oeste, onde o arvoredo era menos denso e de onde podiam olhar as águas, assombradas pelo nevoeiro, da baía de Penobscot. O topo dos mastros dos navios de transporte aparecia acima da camada mais baixa e densa do nevoeiro, como estilhaços num banco de neve.

– Que aconteceria se dormíssemos todos a bordo dos nossos navios, hein? – perguntou Lovell, ainda indignado.

– Realmente, referi esse facto ao Coronel Revere – disse Wadsworth.

– Referiu?

– Ontem, meu General. Disse-lhe que devia mudar o alojamento para terra.

– E que respondeu ele?

Fúria, pensou Wadsworth. Revere reagira como um homem insultado. «Os canhões não podem disparar à noite» lançara ele a Wadsworth, «para quê manter a guarnição à noite? Eu sei como comandar o meu regimento!»

Wadsworth censurou-se por ter de deixar cair o assunto, mas naquele momento tinha uma preocupação maior.

– O Coronel discordou de mim, meu General – disse ele, sem qualquer ênfase, – mas queria falar-lhe sobre outro assunto.

– Sim, com certeza, o que quiser.

– Lovell franziu o sobrolho para o topo dos mastros.

– Dormir a bordo do navio!

Wadsworth olhou para sul, onde o nevoeiro jazia agora como um grande rio branco entre as colinas que bordejavam o rio Penobscot.

– Se o inimigo enviar reforços, meu General...

– começou ele a dizer.

– Virão por esse rio acima, certamente – interrompeu Lovell, seguindo o olhar de Wadsworth.

– E encontrar a nossa frota, meu General – continuou Wadsworth.

– Claro que encontrarão, sim – disse Lovell, como se a questão não fosse muito importante.

– Meu General – a voz de Wadsworth era agora urgente.

– Se o inimigo vier em força, serão como lobos no meio de um rebanho. Poderei instar para que seja tomada uma precaução?

– Uma precaução – repetiu Lovell como se a palavra lhe fosse pouco familiar.

– Permita que eu explore o rio para montante, meu General – disse

Wadsworth, apontando para norte, onde o rio Penobscot desaguava na vasta baía.

–Deixe-me encontrar e fortificar um lugar para onde possamos retirar se o inimigo vier. O jovem Fletcher conhece a parte de cima do rio. Diz-me que ele se estreita, meu General, e serpenteia por entre margens altas. Se fosse necessário, meu General, poderíamos levar a frota pelo rio acima e abrigarmos por trás de uma falésia. Um canhão posicionado numa curva do rio observaria qualquer perseguição do inimigo.

– Encontrar e fortificar, hein? – disse Lovell, mais como forma de ganhar tempo do que como resposta coerente. Voltou-se e olhou para o nevoeiro, a norte.

–Construiria um forte?

– Certamente posicionaria alguns canhões, meu General.

– Em barreiras?

– As baterias têm de ser defendidas. O inimigo seguramente trará tropas.

– Se vierem – disse Lovell, ceticamente.

– É prudente, meu General, prepararmo-nos para a eventualidade menos desejável.

Lovell contorceu o rosto numa careta, depois pousou paternalmente uma mão no ombro de Wadsworth.

– Preocupa-se de mais, Wadsworth. Isso é bom! Devemo-nos preocupar com as eventualidades – disse ele, abanando sabiamente a cabeça.

–Mas asseguro-lhe que vamos capturar o forte muito antes de chegarem mais casacas vermelhas.

–Viu que Wadsworth ia dizer algo e apressou-se a continuar: – Iria precisar de homens para construir uma posição e nós não nos podemos dar ao luxo de destacar homens para trabalharem num forte de que podemos nunca precisar! Precisaremos de todos os homens que temos para fazer o ataque, assim que o Comodoro concorde com a entrada no porto.

– Se concordar – disse Wadsworth, secamente.

– Oh, vai concordar, tenho a certeza. Não viu? Os navios do inimigo foram empurrados para trás outra vez! Agora, é só uma questão de tempo!

– Empurrados para trás? – perguntou Wadsworth.

– As sentinelas dizem que sim – disse Lovell, exultante, – é isso que elas dizem.

–Os três navios de Mowat, constantemente massacrados pelos canhões do Coronel Revere em Cross Island, tinham-se movido ainda mais para leste durante a noite. O topo dos seus mastros, onde flutuavam as bandeiras britânicas, era tudo o que estava visível, naquele momento, e as sentinelas postadas em Dyces Head consideravam que esses topos estavam agora quase a um quilómetro e meio da entrada do porto.

– O Comodoro não tem, agora, de forçar o caminho para entrar no porto – disse Lovell alegremente – porque os empurrámos para mais longe. Graças a Deus, empurrámo-los! Agora, quase todo o porto nos pertence!

– Mas mesmo que o Comodoro não entre no porto, meu General...

–começou Wadsworth a dizer.

– Oh, eu sei! – interrompeu o homem mais velho.

– Você pensa que podemos tomar o porto sem a ajuda da marinha, mas não podemos, Wadsworth, não podemos.

– Lovell repetiu todos os seus velhos argumentos, como os navios britânicos haveriam de bombardear as tropas atacantes e como os fuzileiros britânicos iriam reforçar a guarnição, e Wadsworth anuiu educadamente, embora não acreditasse em nada daquilo. Observou o rosto franco de Lovell. O homem era, agora, uma figura eminente, proprietário de terras, um notável, curador da igreja e legislador, mas o mestre-escola que havia em Wadsworth tentava imaginar Solomon Lovell enquanto rapazinho, e a imagem que lhe surgia era a de um rapaz grandalhão, desajeitado, que queria sinceramente ser útil, mas que nunca seria um transgressor. Lovell declarava a sua convicção de que os homens de McLean eram em número superior aos seus.

– Oh, eu percebo que não concorde, Wadsworth – disse Lovell – mas vocês, jovens, têm ideias fixas. Na verdade, enfrentamos um inimigo malévolo e poderoso, e para o derrotarmos, temos de aparelhar todos os nossos bois!

– Temos de atacar, meu General – disse Wadsworth, com firmeza.

Lovell riu-se, embora sem grande vontade.

– Ora me diz para nos prepararmos para a derrota, ora quer que eu ataque!

– Uma coisa acontecerá sem a outra, meu General.

Lovell franziu o cenho enquanto digeriu o significado do que Wadsworth dissera, depois abanou a cabeça, em repúdio.

– Vamos conquistar! – disse ele, e depois descreveu a sua ideia grandiosa de como os navios do Comodoro deveriam entrar majestosamente no porto, com os canhões em brasa, enquanto ao longo da crista do monte o exército rebelde avançava sobre um forte batido pela artilharia naval.

– Imagine só – disse ele, entusiasticamente, – todos os nossos navios a bombardearem o forte! Meu Deus, apenas teremos de dar um passeio sobre aqueles parapeitos!

– Preferia que atacássemos na madrugada de amanhã – disse Wadsworth, – no nevoeiro. Podemos aproximar-nos do inimigo no nevoeiro, meu General, e apanhá-los de surpresa.

– O Comodoro não consegue manobrar no nevoeiro – disse Lovell, terminantemente.

– Completamente impossível!

Wadsworth olhou para leste. O nevoeiro parecia ter-se adensado de tal modo que apenas o topo dos mastros de um dos navios era visível, e tinha de ser um navio porque havia três topos, cada um deles cruzado por uma verga de joanete. Três cruces. Wadsworth pensava que não importava se o Comodoro atacasse ou não, ou melhor, pensava que isso não deveria ser importante, pois Lovell tinha homens para atacar o forte quer o Comodoro atacasse, quer não. Era como no xadrez, pensou Wadsworth, e teve uma súbita imagem da sua mulher, sorrindo ao tomar-lhe um castelo com o bispo dela. O forte era o rei, e a única coisa que Lovell tinha de fazer era mover uma peça para conseguir fazer xeque-mate, mas o General e Sal-tonstall insistiam num plano mais complexo. Queriam bispos e cavaleiros a ziguezaguear por todo o

tabuleiro e Wadsworth sabia que nunca conseguiria persuadir qualquer um deles a escolher a via mais simples. Então, pensou ele, deviam fazer com que as suas jogadas complicadas funcionassem, e com que funcionassem depressa, antes que os Britânicos levassem novas peças para o tabuleiro.

—O Comodoro concordou em entrar no porto? — perguntou ele a Lovell.

— Não exatamente — disse Lovell, com desconforto, — ainda não.

— Mas está convencido de que vai concordar, meu General?

— Estou certo de que concordará — disse Lovell, — com o tempo, concordará.

Tempo era precisamente o que faltava aos rebeldes, ou assim acreditava Wadsworth.

— Se controlarmos a entrada do porto...

— começou ele a dizer, mas foi de novo interrompido por Lovell.

— E aquela miserável bateria na linha de costa do porto — disse o General, e Wadsworth sabia que ele se estava a referir ao abrigo semicircular que os Britânicos tinham escavado para cobrirem a entrada do porto. Essa bateria era agora a posição inimiga mais próxima.

— Então, se a bateria fosse capturada, meu General — sugeriu Wadsworth, — o Comodoro aproveitar-se-ia disso?

— Eu esperaria que sim — disse Lovell.

— Então, porque não preparo eu um plano para a capturar? — perguntou Wadsworth.

Lovell fitou Wadsworth como se o mais novo de entre eles acabasse de forjar um milagre.

— Você faria isso? — perguntou o General, imensamente agradado.

— Sim, faça isso! Então, poderemos avançar em conjunto. Soldados e marinheiros, fuzileiros e milícia, em conjunto! Quando é que conseguirá ter um tal plano? Ao meio-dia, talvez?

— Estou certo de que consigo, meu General.

— Então, proporei o seu plano no Conselho desta tarde — disse Lovell

— e vou instar com todos os presentes para o votarem. Meu Deus, se capturássemos aquela bateria, o Comodoro...

—Lovell reprimiu o que estava para dizer porque se ouviu um súbito estalar de tiros de mosquete. Cresceu de intensidade e foi respondido por um tiro de canhão.

—Que diabo estão aqueles patifes agora a fazer? — perguntou Lovell, em tom lamentoso, apressando-se em direção a leste para descobrir. Wadsworth seguiu-o.

Ao mesmo tempo que a manhã era estilhaçada por fogo de canhão.

— Não podemos dar qualquer descanso ao inimigo — dissera o Brigadeiro McLean. O escocês ficara espantado por os rebeldes não terem atacado o forte, e ainda mais surpreendido ficara quando se tornou claro que o General Lovell estava a abrir defesas no alto do monte. McLean sabia agora o nome do seu oponente, soubera-o por um desertor americano que de noite se arrastara pela cumeada e, chegado ao abatis, chamara as sentinelas. McLean interrogara-o e ele, tentando ser útil, exprimiu a sua convicção de que Lovell levava para a península dois mil homens.

– Podem até ser mais – disse o homem.

– Ou menos – retorquiu McLean.

– Sim, meu General – dissera o desgraçado – mas pareciam muitos, em Townsend – o que não ajudava nada. O desertor era um homem na casa dos quarenta, que reclamava ter sido obrigado a alistar-se na milícia e não tinha qualquer desejo de combater.

– Só quero ir para casa, meu General – disse ele, em tom lamurioso.

– Como todos nós – dissera McLean, e pôs o homem a trabalhar na cozinha do hospital.

Os canhões dos rebeldes tinham aberto fogo no dia seguinte a terem tomado a elevação de terreno. A cadência de tiro não era elevada, e muitas balas foram perdidas, mas o forte era um alvo grande e próximo, e as balas do grande canhão de cento e vinte e sete embateram no parapeito recém-feito, espalhando terra e pedaços de madeira. O novo armazém foi repetidamente atingido até o seu telhado de duas águas ficar quase destruído, mas até àquele momento nenhum tiro conseguira atingir qualquer um dos canhões de McLean. Seis deles estavam agora montados na muralha ocidental e o Capitão Fielding mantinha fogo regular contra a longínqua linha de árvores. Os rebeldes, em vez de disporem os seus canhões no limiar do arvoredo, posicionaram-nos bem dentro do bosque e depois construíram corredores que lhes serviam como avenidas de tiro.

– Podemos não atingir grande coisa – dissera McLean a Fielding – mas dá-lhes com que se preocuparem e esconde-nos a nós com o fumo.

Não era suficiente dar algo com que o inimigo se preocupasse, McLean sabia que tinham de ser mantidos em desequilíbrio e, por isso, ordenara ao Tenente Caffrae que reunisse quarenta homens dos mais enérgicos numa companhia de escaramuça. Caffrae era um jovem sensível e inteligente e gostou das suas novas ordens. Acrescentou um par de tambores e quatro flautistas à sua unidade e a companhia utilizou o nevoeiro, outras vezes as árvores, para se aproximar das linhas inimigas. Uma vez lá chegados, a pequena banda tocava «Yankee-Doodle», uma melodia que, por alguma razão, aborrecia os rebeldes. Os seus homens gritavam ordens dirigidas a soldados imaginários e disparavam contra as trincheiras dos rebeldes, e, sempre que um grupo grande de inimigos saía para desafiar a companhia de Caffrae, este recuava para onde tinha cobertura, reaparecendo num outro lugar para, de novo, escarmecer e fazer fogo. Caffrae, provisoriamente promovido a Capitão, dançava diante dos homens de Lovell. Provocava, desafiava. Por vezes, ia de noite perturbar o sono dos rebeldes. Aos homens de Lovell não era permitido descansarem ou terem conforto, mas sim serem constantemente assediados e alarmados.

– Deixe-me ir, meu General – suplicou o Tenente Moore a McLean.

– Há de ir, John, há de ir – prometeu McLean.

Caffrae estava no território entre as duas linhas e os seus homens tinham acabado de disparar uma saraivada de tiros para abrir a manhã. As flautas dos escaramuçadores trinavam a melodia de escárnio, que provocava sempre uma reação selvática de mosquetes disparados ao acaso do arvoredo onde os rebeldes se abrigavam. McLean olhou para o lado do ocidente numa tentativa

de descobrir a posição de Caffrae entre as farripas de nevoeiro, que lentamente começava a dissipar-se, e, em vez dele, viu os corredores dos canhões dos rebeldes encherem-se subitamente de fumo, quando os rebeldes iniciaram o seu fogo diário. Os primeiros tiros caíram longe, derrapando na cumeada e lançando pelos ares flocos de terra e pedaços de troncos.

O fogo dos rebeldes era um aborrecimento, mas McLean estava grato por não ser mais do que isso. Se o escocês estivesse a comandar os sitiantes, teria ordenado aos seus artilheiros que concentrassem as balas num determinado ponto das defesas e, quando esse ponto estivesse totalmente destruído, que apontassem ligeiramente mais à esquerda ou à direita e assim demolissem o forte sistematicamente. Em vez disso, os artilheiros inimigos disparavam para onde lhes apetecia, ou apontavam ao forte de uma forma geral, e para McLean ia sendo relativamente fácil reparar os estragos que as balas faziam no pano de muralha ocidental e respetivos bastiões laterais. Ainda assim, apesar de o fogo não ser tão destruidor quanto ele temera, ia erodindo a confiança dos seus homens. As sentinelas tinham de ficar de pé, com as cabeças expostas, acima do parapeito, se quisessem vigiar o inimigo e, no primeiro dia do bombardeamento rebelde, uma dessas sentinelas fora atingida por uma bala de canhão que lhe desfizera a cabeça numa massa de sangue, osso e cérebro. A bala atingira depois o que restava da empena do armazém e fora parar, ainda coberta de cabelos sangrentos, de encontro a um barril de água. Outros homens tinham ficado feridos, a maioria atingidos por pedras e estilhaços arrancados do parapeito por uma bala. Os rebeldes estavam também a utilizar um obus, uma arma que McLean temia mais do que o maior dos canhões deles, mas os artilheiros não eram experientes e o obus semeava os seus projéteis explosivos ao acaso pela cumeada.

– Tenho, agora, uma tarefa para si, Tenente – disse McLean a Moore.

– Com certeza, meu General.

– Venha comigo – disse McLean, caminhando na direção do portão do forte, espetando a sua vara de abrunheiro no chão a cada passada. Sabia que o início do dia com fogo de canhão rebelde poria os seus homens nervosos e queria diminuir o receio deles.

– Capitão Fielding!

– Meu General? – gritou em resposta o artilheiro inglês.

– Suspenda o fogo por uns instantes!

– É o que farei, meu General.

McLean saiu do forte, depois levou Moore para noroeste até estarem ambos a uns vinte metros do fosso do Forte George e totalmente à vista das linhas rebeldes.

– A nossa tarefa é apenas ficar aqui, Tenente – explicou McLean.

Moore estava divertido.

– Ai é, meu General?

– Mostrar aos homens que não têm de ter receio de nada.

– Ah, e se formos mortos, meu General?

– Nesse caso, terão alguma coisa de que ter receio – disse McLean.

– Sorriu.

– Mas, Tenente, esta é uma parte importante da responsabilidade de um oficial.

– Morrer muito à vista, meu General?

– Dar o exemplo – disse McLean.

– Quero que os nossos homens vejam que você e eu não temos medo dos tiros dos canhões.

– Virou-se e olhou para as árvores distantes.

– Por que razão, em nome de Deus, não nos atacam eles?

– Talvez devêssemos nós atacá-los, meu General? – sugeriu Moore.

McLean sorriu.

– Estou a pensar que poderíamos fazer isso mesmo – disse ele, com lentidão – mas com que finalidade?

– Derrotá-los, meu General?

– Eles estão a fazer isso por si próprios, Tenente.

– Eles despertarão para essa realidade, meu General, não é verdade?

– Sim, é verdade. E quando perceberem a proporção da sua vantagem numérica, virão em massa – acenou com a vara na direção do dorso da cumeada – mas agora temos umas quantas armas posicionadas, e as muralhas estão mais altas, e não seremos uma noz fácil de quebrar.

– O Brigadeiro estava ainda convencido de que os rebeldes contavam, pelo menos, com três mil homens. Por que outra razão tinham precisado de tantos navios de transporte? – Mas vão precisar de o fazer depressa, Tenente, porque eu ousou ter esperança de que vêm reforços a caminho.

– Estendeu a vara a Moore.

– Segura-me nisto, por favor? – perguntou ele, e depois tirou do bolso uma caixa de mechas e um cachimbo de barro cheio de tabaco. Moore, sabendo das dificuldades de McLean com o braço aleijado, pegou na caixa de mechas e fez saltar a chama a partir do linho queimado. McLean inclinou-se para a frente para acender o cachimbo, depois retomou a caixa de mechas e a vara.

– Obrigado, John – disse ele, tirando fumaças com satisfação, ao mesmo tempo que uma bala levantava terra, a uns vinte metros de distância, e ressaltava, sobrevoando depois o forte.

– Atrevo-me a dizer que poderíamos atacá-los – continuou McLean o seu raciocínio – mas não tenho intenção de o fazer. Lutar entre as árvores torna-se muito confuso e assim que eles vissem como somos poucos, o mais provável seria reagruparem-se e contra-atacarem. Tudo se poderia tornar lamentavelmente confuso. Não, por agora é melhor deixá-los morrer sob a mira dos canhões do Capitão Fielding, hã? E cada dia que passa, Tenente, para nós vale por um milhar de homens. O fosso fica mais fundo e a muralha mais alta. Está a ver? – Voltara-se para ver um boi puxar o tronco de um carvalho desde a povoação, pela encosta acima. O enorme tronco seria utilizado para elevar o parapeito ocidental.

McLean virou-se para trás quando um renovado crescendo de tiros de mosquete ressoou de onde o Capitão Caffrae estava, obviamente, a picar o ninho das abelhas.

– Por favor, meu General, deixe-me acompanhar Caffrae – suplicou Moore de

novo.

– Ele sabe quando retirar, Tenente – disse McLean, severamente.

Moore acusou o suave toque da reprimenda.

– Peço desculpa, meu General.

– Não, não, você aprendeu a lição. E mostrou o instinto certo, isso posso assegurar-lhe. A missão de um soldado é lutar, que Deus o ajude, e você lutou bem. Pelo que, sim, vou deixá-lo ir, mas obedece às ordens de Caffrae!

– Claro que sim, meu General. E, meu General...

– Fosse o que fosse que Moore ia dizer, ficou por dizer, porque um golpe repentino atirou-o para trás. Foi como se tivesse recebido um murro na barriga. Cambaleou meio metro e, instintivamente, levou a mão aonde sentira o golpe, mas descobriu que não estava ferido nem o seu uniforme estava danificado. McLean também fora atirado para trás, ficando de pé apenas devido à sua vara de abrunheiro, mas estava igualmente ileso.

– O que...

– começou Moore a dizer. Tinha a noção de que os seus ouvidos tinham por causa de um ruído gigantesco, mas não sabia o que o causara.

– Não se mexa – disse McLean – e ponha um ar alegre.

Moore fez um sorriso forçado.

– Isto foi uma bala de canhão?

– Foi, com efeito – disse McLean, – e passou pelo meio de nós.

– Olhou para o forte, onde o boi mugia. O projétil, que voara por entre os dois casacas vermelhas, atingira os quadris do boi. O animal, caído, estava a sangrar e a mugir no caminho, apenas a alguns metros da entrada do Forte George. Uma sentinela correu do portão, armou o mosquete e matou o animal com um tiro mesmo abaixo dos olhos. Este teve uma convulsão e ficou imobilizado.

– Carne fresca! – disse McLean.

– Meu Deus – disse Moore.

– A morte roçou por si, Senhor Moore – disse McLean – mas creio que você nasceu sob uma estrela da sorte.

– O senhor também, meu General.

– Agora, esperamos mais quatro tiros – disse McLean.

– Quatro, meu General?

– Eles divertem-se a disparar quatro canhões contra nós – disse McLean, – dois de nove quilos, um de seis quilos – calou-se enquanto um canhão rebelde disparava – e um obus.

– A bala ribombou-lhes, alta, por cima das cabeças, e caiu longe, algures para leste.

– Assim, o quarto tiro, John, será quase de certeza disparado pelos mesmos cavalheiros que por pouco não nos acertaram, e eu quero ver se eles disparam contra nós outra vez.

– Uma curiosidade bem natural, meu General – disse Moore, fazendo rir o Brigadeiro.

O obus disparou a seguir e a sua bomba aterrou a pouca distância do forte, onde ficou a esguichar fumo do detonador até explodir sem perigo.

O canhão de seis quilos fez embater uma bala no bastião de sudoeste e, depois,

o de nove quilos, que estivera perto de matar McLean e Moore, disparou de novo. A bala tocou ao de leve no abatis, bem para norte do sítio onde estava o General, ressaltou perto do fosso e voou sobre os parapeitos, espetando-se num abeto da propriedade do Doutor Calef.

– Está a ver – disse McLean, – eles não apontam com método. A pontaria deles não é consistente. Capitão Fielding!

– Meu General?

– Pode entreter o inimigo outra vez! – gritou McLean enquanto levava Moore de regresso ao forte.

Os canhões britânicos abriram fogo. Durante todo o dia, as artilharias oponentes travavam duelo, o Capitão Caffrae provocava o inimigo, os parapeitos do Forte George cresciam e o General Lovell esperava pelo Comodoro Saltonstall.

Peleg Wadsworth queria uma força de fuzileiros, marinheiros e milicianos para o seu ataque à bateria de Half Moon. Decidira atacar a coberto da escuridão, e fazê-lo nessa mesma noite. Os rebeldes tinham já capturado as baterias britânicas em Cross Island e em Dycles Head, agora tomariam a última das posições britânicas no exterior e assim que ela fosse tomada, restaria apenas o forte para ser conquistado.

– O que o senhor não compreende – dissera o Comodoro Saltonstall a Wadsworth, – é que o forte é formidável.

Wadsworth fora nessa tarde à Warren procurar a ajuda dos fuzileiros e encontrara Saltonstall a examinar quatro argolas de ferro que tinham sido colocadas em volta do mastro danificado da fragata. O Comodoro saudara Wadsworth com um resmungo e depois convidara-o a ir para a tolda.

– Presumo que queira os meus fuzileiros outra vez? – perguntou Saltonstall.

– Quero sim, Comodoro. O Conselho do Exército aprovou a realização de um ataque esta noite e a requisição do auxílio dos seus fuzileiros.

– Pode ter Carnes, Dennis e cinquenta homens – disse Saltonstall energicamente, como se ao concordar rapidamente pudesse ver-se livre da companhia de Wadsworth.

– E ficaria também grato por ter o seu conselho, Comodoro – disse Wadsworth.

– O meu conselho, hein? – Saltonstall parecia cético, mas o seu tom suavizara-se. Olhou cautelosamente para Wadsworth, mas o rosto do mais novo dos dois homens era tão aberto e honesto que o Comodoro decidiu que não havia nada oculto na pergunta.

– Bem, os conselhos são grátis – disse ele com humor pesado.

– O General Lovell está convencido de que o forte não cairá enquanto os navios inimigos permanecerem – disse Wadsworth.

– O que não é a sua opinião? – tentou adivinhar Saltonstall com astúcia.

– Sou segundo em relação ao General Lovell, Comodoro – disse, com tato, Wadsworth.

– Ah.

– Os navios inimigos podem ser tomados, Comodoro? – perguntou Wadsworth, abordando o assunto diretamente.

– Oh, podem ser tomados! – disse Saltonstall, terminantemente. Desconcertou Wadsworth ao olhar, não para os seus olhos, mas para algures além da orelha esquerda do Brigadeiro.

– Claro que podem ser tomados.

– Então...

– Mas a que preço, Wadsworth? Diga-me! A que preço?

– Tem de me dizer, Comodoro.

Saltonstall dignou-se olhar diretamente para Wadsworth por um momento como se estivesse a decidir se valeria a pena responder a uma tal pessoa. Decidiu, evidentemente, que valia, pois suspirou pesadamente como se estivesse cansado de explicar o óbvio.

– O vento sopra de sudoeste – disse ele, olhando de novo para além de Wadsworth, – o que significa que conseguimos entrar no porto, mas não sair. Uma vez dentro do porto, ficamos à mercê dos canhões do inimigo. Esses canhões, Wadsworth, como já deve ter observado, são manejados com eficácia.

– Calou-se, claramente tentado a fazer a comparação com a artilharia da milícia, mas conseguiu sustentar o comentário.

– O porto é apertado – continuou ele, – o que nos obriga a entrar em fila, o que, por sua vez, quer dizer que o navio da frente tem de, inevitavelmente, aguentar fortes danos feitos pelo fogo inimigo.

– Indicou vigorosamente a proa da Warren, a qual mostrava ainda sinais de reparações feitas à pressa no gurupés e no castelo de vante.

– Uma vez lá dentro, não temos espaço de manobra, pelo que temos de lançar âncora para manter a nossa posição face ao inimigo. Ou isso ou avançar direito a eles e abordá-los. E, enquanto isso, Wadsworth, estamos sob o fogo dos canhões do forte, e o que o senhor não compreende é que o forte é formidável.

Wadsworth perguntou-se se deveria argumentar, mas decidiu que argumentar incentivaria a teimosia de Saltonstall.

– Parece-me que o que está a dizer, Comodoro – disse ele, – é que os navios não cairão até o forte ser tomado?

– Exatamente! – Saltonstall pareceu aliviado, como se Wadsworth fosse um aluno apagado que tinha, finalmente, entendido a mais simples das proposições.

– Ao passo que o General Lovell está convencido de que o forte não pode ser tomado até os navios serem destruídos.

– O General Lovell tem direito à sua opinião – disse Saltonstall, com altivez.

– Se fomos bem-sucedidos na captura da última bateria de costa do inimigo – insinuou Wadsworth, – isso tornará a sua tarefa mais fácil, Comodoro?

– A minha tarefa?

– De capturar os navios inimigos, Comodoro.

– A minha tarefa, Wadsworth, é apoiar as vossas forças na conquista do forte.

– Obrigado, Comodoro – disse Wadsworth, disfarçando o seu exaspero, – mas posso garantir ao General Lovell que atacará os navios deles se nós organizarmos um ataque ao forte?

– Isso pressupõe que vocês teriam tratado da bateria inimiga em terra?

– Sim, Comodoro.

– Um ataque conjunto, hein? – O tom de Saltonstall era ainda de desconfiança, mas depois de uma pequena hesitação, anuiu cautelosamente.

– Ponderaria um ataque conjunto – disse ele de má vontade, – mas você realmente percebe, creio eu, que a posição dos navios de Mowat se torna insustentável uma vez o forte tomado?

– Percebo, Comodoro.

– Mas que a posição de McLean continua a ser formidável quer os navios sejam tomados ou não?

– Compreendo isso também, Comodoro.

Saltonstall virou-se para olhar para a cobertura da Warren, mas não viu nada que originasse uma queixa.

– O Congresso, Wadsworth, gastou dinheiros públicos preciosos para construir uma dúzia de fragatas.

– Assim é, na verdade, Comodoro – disse Wadsworth, perguntando-se o que teria isso a ver com o forte na península de Majabigwaduice.

– A Washington, a Effingham, a Congress e a Montgomery, todas elas foram afundadas, Wadsworth. Perdidas.

– Sim, uma tristeza, Comodoro – disse Wadsworth. As quatro fragatas tinham sido destruídas para impedir que fossem capturadas.

– A Virgínia foi tomada – continuou Saltonstall, implacavelmente, – a Hancock, tomada. A Raleigh, tomada. A Randolph, tomada. Quer que acrescente a Warren a este triste rol?

– Claro que não, Comodoro – disse Wadsworth. Levantou os olhos para a bandeira com a cobra em relevo que flutuava à popa da Warren. Ela exibia o orgulhoso lema «Não Me Pisem», mas como poderiam os Britânicos sequer tentar, se a única ambição da serpente era evitar a batalha?

– Conquistem a bateria em terra – disse Saltonstall no seu tom mais arrogante – e a frota reconsiderará as suas hipóteses.

– Obrigado, Comodoro – disse Wadsworth.

Esteve em silêncio enquanto foi levado da Warren para terra. Saltonstall estava certo, Wadsworth discordava realmente de Lovell. Wadsworth sabia que o forte era o rei no tabuleiro de xadrez de Majabigwaduice, e os três navios britânicos eram peões. Se o forte fosse tomado, os peões rendiam-se, mas se tomasse os peões, o rei permaneceria; no entanto, Lovell não ficaria mais persuadido a atacar o forte do que Saltonstall a acautelar o vento de sudoeste e a destruir as três corvetas de Mowat. Assim, a bateria tinha de ser atacada na esperança de que um assalto bem-sucedido persuadissem os dois comandantes a serem mais corajosos.

Restava-lhes pouco tempo, e cada vez menos, pelo que Peleg Wadsworth atacaria nessa noite. Na escuridão.

James Fletcher bolinou o Felicity para sul de Wasaumkeag Point, onde os rebeldes tinham ocupado o que restava do Forte Pownall, uma fortaleza de madeira e terra, em ruínas, que fora erguida cerca de trinta anos antes para dissuadir incursões dos Franceses. Não havia nenhum lugar adequado para

abrigar os feridos no ponto alto de Majabigwaduice, pelo que a casa e os armazéns do velho forte serviam agora de hospital aos rebeldes. Wasaumkeag Point ficava na margem mais distante da baía de Penobscot, a sul do local onde o rio se abria, deixando de ser um canal estreito e torrencial correndo entre margens altas. James, quando Wadsworth não precisava dele, utilizava o Felicity para transportar os feridos para o hospital e, agora, fazia o possível para regressar, ansioso por se juntar a Wadsworth antes do anoitecer e do ataque à bateria britânica.

O percurso do Felicity era frustrante. Progredia bastante bem a cada guinada para estibordo, mas inevitavelmente o vento empurrava o pequeno barco cada vez para mais perto da margem oriental e, então, James tinha de aguentar uma longa guinada para bombordo que, com a maré a encher, parecia levá-lo cada vez para mais longe da falésia de Majabigwaduice, sob a qual James pretendia ancorar o Felicity. Mas James estava acostumado ao vento de sudoeste.

– Não se pode apressar a brisa – dissera-lhe o pai – e não se lhe pode mudar a feição, por isso não vale a pena ficar irritado com ela.

James perguntou-se o que o seu pai teria achado da rebelião. Nada de bom, calculava ele. O pai, como muitos que viviam junto ao rio, tivera orgulho de ser inglês. Não lhe interessava que os Fletcher vivessem no Massachusetts havia mais de cem anos, continuavam a ser Ingleses. Uma velha e amarelada litografia do Rei Charles I estivera pendurada na casa da lenha durante toda a infância de James e estava agora pregada sobre a cama onde a mãe estava doente. O Rei parecia altivo, mas de algum modo triste, como se soubesse que um dia uma rebelião o haveria de derrubar e levar ao cadafalso. Em Boston, ouvira dizer James, havia uma taberna chamada Cromwells Head, cuja tabuleta estava pendurada tão baixo que os homens tinham de curvar a cabeça sob o executor do Rei de todas as vezes que lá entravam. Essa história enfurecera o seu pai.

James flanqueou, à bolina, a Industry, à qual estava amarrado um escaler. Havia três homens no escaler e, acima deles, na amurada da corveta, dois homens ameaçavam-nos com mosquetes. Então, com um choque, James reconheceu os três cativos: Archibald Haney, John Lyburner e William Greenlaw, todos eles de Majabigwaduice. Haney e Lyburner tinham sido amigos do seu pai, ao passo que Will Greenlaw acompanhara muitas vezes James em pescarias, ao longo do rio, e cortejara Beth uma ou duas vezes, embora sem nunca ter tido sucesso. Todos eles eram tories, lealistas, e agora eram, obviamente, prisioneiros. James soltou os cabos, pelo que o Felicity abrandou e estremeceu.

– Que diabo fazes com estes filhos da mãe? – gritou Archibald Haney. Haney era como se fosse tio de James.

Antes que James pudesse dizer uma palavra em resposta, um marinheiro surgiu na amurada, por cima do escaler. Tinha na mão um balde de madeira.

– Ei, tories! – gritou o marinheiro, depois virou o balde para despejar urina e bostas sobre a cabeça dos prisioneiros. Os dois guardas riram-se.

– Para que diabo fez isso? – gritou James.

O marinheiro articulou qualquer resposta e afastou-se.

– Põem-nos aqui uma hora por dia – disse Will Greenlaw penosamente – e atiram-nos os despejos para cima.

A maré levava o Felicity para norte e James apertou o cabo da bujarrona para lhe dar alguma direção.

– Lamento – gritou ele.

– Vais lamentar quando o Rei perguntar quem lhe foi leal! – gritou Archibald Haney, irado.

– Os Ingleses tratam os nossos prisioneiros muito pior! – gritou Will Young da popa da Industry.

James fora forçado a guinar para bombordo e o vento afastou-o da corveta. Archibald Haney gritou qualquer coisa, mas as palavras perderam-se todas no vento, todas menos uma. Traidor.

James guinou outra vez e dirigiu-se para a praia. Lançou o ferro, ferrou a vela grande e guardou os traquetes, depois chamou uma barçaça que o levasse seco para terra. Traidor, rebelde, tory, lealista? Se o seu pai ainda fosse vivo, perguntou-se ele, atrever-se-ia ele a ser rebelde?

Trepou a falésia, retirou o mosquete do lugar onde o escondera e caminhou, para sul, por Dyces Head em busca de Peleg Wadsworth. O Sol estava agora baixo e lançava uma comprida sombra sobre a crista e a linha de costa do porto. Os homens de Wadsworth estavam a reunir-se no arvoredo, onde não podiam ser vistos do forte.

– Está com um ar pensativo, jovem James – saudou-o Wadsworth.

– Estou bem, General – disse James.

Wadsworth olhou-o com mais atenção.

– O que se passa?

– Sabe o que estão a fazer aos prisioneiros? – perguntou James, e depois contou a história toda.

– São meus vizinhos, General – disse ele, – e chamaram-me traidor.

Wadsworth ouviu tudo pacientemente.

– Isto é uma guerra, James – disse ele com suavidade, – e isso desperta paixões que não sabíamos que possuíamos.

– É boa gente, General!

– E se os libertássemos – disse Wadsworth, – trabalharíamos para os nossos inimigos.

– Sim, é verdade – concedeu James.

– Mas isso não é razão para os maltratarmos – disse Wadsworth com firmeza – e prometo que falarei nisso ao General.

– Embora soubesse bem que qualquer que fosse o protesto que fizesse, ele não mudaria nada. Os homens sentiam-se frustrados. Queriam que a expedição terminasse. Queriam voltar para casa.

– E você não é um traidor, James – disse ele.

– Não? O meu pai diria que sou.

– O seu pai era britânico – disse Wadsworth – e você e eu nascemos ambos britânicos, mas tudo isso mudou agora. Somos Americanos.

– Articulou a palavra como se não estivesse habituado a ela. E hoje, pensou

ele, os Americanos darão um pequeno passo em direção à liberdade. Iriam atacar a bateria.

Na escuridão.

Os índios juntaram-se aos milicianos de Wadsworth depois de o Sol se pôr. Apareceram silenciosamente e, como sempre, Wadsworth achou a presença deles inquietante. Não conseguia deixar de ter a impressão de que os guerreiros de pele escura o avaliavam e o achavam desprovido, mas fez um sorriso forçado de boas-vindas, na escuridão da noite.

– Estou contente por estarem aqui – disse ele a Johnny Feathers, que era, aparentemente, o chefe do grupo. Feathers, cujo nome lhe fora dado por John Preble, que em nome do Estado negociava com a tribo Penobscot, não respondeu, nem pareceu ter dado pela saudação. Feathers e os seus homens, trouxera dezasseis com ele, acocoraram-se na orla das árvores e raspavam as lâminas dos seus pequenos machados numa pedra de amolar. Tomahawks, calculou Wadsworth. Perguntou-se se estariam embriagados.

A ordem do General segundo a qual era proibido dar álcool aos índios não tivera um grande êxito, mas tanto quanto Wadsworth podia dizer, aqueles homens estavam tão sóbrios como mordomos da igreja. Não que lhe interessasse, ébrios ou sóbrios os índios estavam entre os seus melhores combatentes, embora Solomon Lovell fosse mais cético sobre as suas lealdades.

– Vão querer alguma coisa em troca de nos ajudarem – dissera ele a Wadsworth – e não apenas bugangas. Armas, provavelmente, e só Deus sabe o que farão com elas.

– Caçar?

– Caçar o quê?

Mas os índios estavam ali. Os dezassete bravos tinham mosquetes, mas todos eles optaram por levar tomahawks como primeira arma. Os milicianos e os fuzileiros tinham mosquetes com as baionetas colocadas.

– Não quero que ninguém dispare cedo de mais – disse Wadsworth aos seus milicianos e viu, à luz escassa do quarto minguento, um olhar de incompreensão em demasiados rostos.

– Não armem os mosquetes antes de precisarem de disparar – disse-lhes ele.

– Se tropeçarem e caírem, não quero que um tiro alerte o inimigo. E tu – apontou para um rapazinho que estava armado com uma baioneta embainhada e um tambor enorme, – mantém o tambor em silêncio até termos vencido!

– Sim, meu General.

Wadsworth examinou o rapazinho, que parecia ter pouco mais de onze ou doze anos de idade.

– Como te chamas, rapaz?

– John, meu General.

– John quê?

– John Freer, meu General.

– A voz de John Freer ainda não rompera. Era escanzelado, só ossos e uns grandes olhos, mas esses olhos eram brilhantes e as costas direitas.

– Um bom nome – disse Wadsworth, – não só livre, mas ainda mais livre. Diz-

me, John Freer, que letras tens?

– Letras, meu General?

– Sabes ler e escrever?

O rapaz pareceu matreiro.

– Sei ler alguma coisa, meu General.

– Então, quando tudo isto tiver acabado – disse Wadsworth, – temos de te ensinar o resto, hein?

– Sim, meu General – disse Freer sem grande entusiasmo.

– Ele dá-nos sorte, meu General – interveio um homem mais velho. Colocou uma mão protetora sobre o ombro do rapaz.

– Não podemos perder se Johnny Freer estiver connosco, meu General.

– Onde estão os teus pais, John? – perguntou Wadsworth.

– Morreram ambos – respondeu o homem mais velho – e eu sou avô dele.

– Quero ficar com a companhia, meu General! – disse ansiosamente John Freer. Adivinhara que Wadsworth estava a ponderar mandá-lo ficar para trás.

– Nós tomamos bem conta dele, meu General – disse o avô, – fazemo-lo sempre.

– Mantém o tambor calado até os termos batido, John Freer – disse Wadsworth e passou a mão pela cabeça do rapaz.

– Depois disso, não quero saber se acordas os mortos.

Wadsworth tinha trezentos milicianos, ou melhor, duzentos e noventa e nove milicianos e um pequeno tocador de tambor. Saltonstall mantivera a sua palavra e enviara cinquenta fuzileiros; acrescentara um grupo de marinheiros da Warren, armados com sabres, espigões de abordagem e mosquetes.

– A tripulação quer combater – assim explicou Carnes a presença dos marinheiros.

– São muito bem-vindos – dissera Wadsworth.

– E combaterão! – disse Carnes entusiasticamente.

– Uns demónios, é o que eles são.

Os marinheiros estavam na direita. Os milicianos e os índios estavam no centro e o Capitão Carnes e os seus fuzileiros na esquerda. O Tenente Dennis era o segundo na cadeia de comando dos fuzileiros. Estavam todos alinhados na orla das árvores, junto de Dyces Head, perto da campa do Capitão Welch, e para leste o terreno inclinava-se suavemente em direção à bateria de Half Moon. Wadsworth conseguia ver a pequena fortificação de terra do inimigo à fraca luz da Lua, e mesmo se estivesse escuro, a posição teria sido traída por duas pequenas fogueiras acesas por trás da plataforma. O forte era uma silhueta escura no horizonte.

Mesmo para além da bateria inimiga, estavam as casas mais ocidentais da povoação. A mais próxima, que um enorme celeiro apequenava, ficava apenas a alguns metros para lá dos canhões britânicos.

– Aquela é a casa de Jacob Dyce – contou James Fletcher a Wadsworth, – é um holandês.

– Então, não adora os Britânicos?

– Oh, o Jacob adora os Britânicos. O mais provável é que o velho Jacob dispare

contra nós.

– Esperemos que esteja a dormir – disse Wadsworth, esperando que todos os inimigos estivessem a dormir. Passava da meia-noite, agora era domingo, e o luar vestia toda a península de negro e prata. Pequenas farripas de fumo evoluíram-se das chaminés e das fogueiras.

As corvetas britânicas eram negras contra as águas distantes, e não se via nenhuma luz a bordo.

Dois dos navios de transporte tinham sido puxados para a praia, na ponta oriental de Majabigwaduce, enquanto o terceiro fora adicionado à linha de corvetas, porque, no novo posicionamento, os Britânicos estavam a tentar bloquear uma maior extensão de água. O navio de transporte, que estava ancorado na extremidade sul da linha, parecia muito maior do que as três corvetas, mas Carnes, que utilizara um telescópio para examinar o navio durante o dia, considerou que possuía apenas seis peças pequenas.

– Parece grande e mau – disse ele agora, observando os navios inimigos no escuro – mas é fraco.

– Como o forte – acrescentou o Tenente Dennis.

– O forte todos os dias fica mais formidável – disse Wadsworth, – razão pela qual nos devemos apressar.

– Ficara horrorizado quando, no Conselho de Guerra da tarde, o General Lovell alimentara a ideia de fazer sair os Britânicos de Forte George pela fome. O Conselho expressara-se contra um tal plano, empurrado pela insistência de Wadsworth de que os Britânicos estariam certamente a preparar uma força de socorro à guarnição cercada, mas Lovell, Wadsworth sabia, não desistiria facilmente da ideia. Isso tornava crucial a ação daquela noite. Uma vitória clara ajudaria a persuadir Lovell de que as suas tropas poderiam vencer os casacas vermelhas em combate e Wadsworth, olhando para os fuzileiros, não tinha dúvidas de que poderiam. Enquanto esperavam, os homens de casaca verde tinham um ar severo, esguio e assustador. Com tal tropa, pensou Wadsworth, um homem poderia conquistar o mundo.

Os milicianos não eram tão ameaçadores. Alguns pareciam ansiosos, mas a maioria parecia assustada e uns quantos rezavam de joelhos, embora o Coronel McCobb, com o seu bigode muito branco destacando-se contra o rosto queimado do sol, depositasse confiança nos seus homens.

– Portar-se-ão bem – disse ele a Wadsworth.

– Quantos acha que são os inimigos?

– Não mais de sessenta. Pelo menos não conseguimos ver mais de sessenta.

– Torcer-lhes-emos as caudas com limpeza – disse McCobb alegremente.

Wadsworth bateu as palmas das mãos para atrair de novo a atenção dos milicianos.

– Quando eu disser – avisou ele para os homens acorados na orla do arvoredo, – avançamos em linha. Não vamos a correr, vamos a andar! Quando nos aproximarmos do inimigo, darei ordem para carregar e, então, correremos para a posição deles.

– Wadsworth achou que falara com bastante segurança, mas sentiu que fora pouco natural e foi assaltado pelo pensamento de que estava apenas a

brincar aos soldados. Elizabeth e os filhos deveriam estar a dormir. Desembainhou a espada.

—De pé!

— Que o inimigo também estivesse a dormir, pensou ele enquanto esperava que a linha se levantasse.

—Pela América! — gritou ele.

—E pela liberdade, em frente!

E, ao luar, os homens caminharam ao longo da orla do bosque. Wadsworth olhava para a direita e para a esquerda e ficou espantado por ver quão visíveis eles eram. A luz prateada cintilava nas baionetas e iluminava os cinturões brancos dos fuzileiros. A longa linha descia, um pouco esfarrapada, pela colina, através de pastagens e árvores esparsas. O inimigo estava silencioso. O brilho das fogueiras marcava o local da bateria. Ali, os canhões estavam apontados à entrada do porto, mas quanto tempo poderiam levar os Britânicos a virá-los contra os patriotas que se aproximavam? Ou estariam os artilheiros a dormir profundamente? Os pensamentos de Wadsworth deslizavam e ele sabia que isso era causado pelo nervosismo. Sentia o estômago vazio e ácido. Agarrou a espada com força e levantou os olhos para o forte, que parecia formidável daquele ponto mais baixo. Aquilo era o que eles deveriam estar a atacar, pensou Wadsworth. Lovell deveria ter todos os homens sob o seu comando a atacar o forte, um ataque fulminante na escuridão e tudo aquilo terminaria. Ao invés, estavam a fazer um ataque à bateria e talvez isso apressasse o fim da campanha. Uma vez tomada a bateria, os Americanos poderiam montar os seus próprios canhões na costa norte do porto e massacrar os navios e assim que os navios desaparecessem, Lovell não teria qualquer desculpa para não atacar o forte.

Wadsworth saltou uma pequena vala. Conseguia ouvir as ondas a rebentarem na praia de seixos à sua direita. A longa linha de atacantes estava agora muito desligada e ele lembrou-se das crianças nos terrenos comuns da cidade, em casa, e de como ele treinara a manobra de transformação da coluna em linha. Talvez devesse ter avançado em coluna? Os canhões estavam agora apenas a duzentos metros, era tarde para voltar atrás e mudar a formação. James Fletcher caminhava ao lado de Wadsworth, com o mosquete aperrado nas mãos.

— Estão a dormir, General — disse Fletcher, num fio de voz.

— Espero que sim — disse Wadsworth.

Então, a noite rebentou.

O primeiro canhão foi disparado do forte. A chama saltou e serpenteou no céu noturno, o páldio clarão chegou até à margem sul do porto antes de o fumo da pólvora obscurecer a silhueta do forte. A bala caiu algures para a direita de Wadsworth, ressaltou e embateu nos prados que havia por trás, e, depois, mais dois tiros rasgaram a noite, e Wadsworth deu por si a gritar.

— À carga! À carga!

À frente dele surgiu uma chama e, depois, ficou encandeado, ao mesmo tempo que ouviu o ruído de um canhão e o assobio de pirâmides. Um homem gritou. Outros davam vivas e corriam. Wadsworth tropeçou e caiu sobre o

chão áspero. Os fuzileiros eram formas escuras à sua esquerda. Uma nova bala esférica embateu nas ervas, ressaltou e continuou a sua trajetória. Uma luz relampejou de um mosquete inimigo, na bateria, depois ouviu-se um outro disparo de canhão e fervilharam pirâmides em redor de Wadsworth. James Fletcher estava com ele, mas quando Wadsworth olhou para a direita e para a esquerda, viu muito poucos milicianos. Onde estavam eles? Outros mosquetes lampejaram da bateria, lançando fumo e metal. Havia homens de pé no parapeito, homens que desapareciam por trás de um riacho de fumo enquanto mais mosquetes perfuravam a noite. Os fuzileiros estavam agora à frente de Wadsworth, correndo aos gritos, os marinheiros vinham da praia e a bateria agora estava perto, tão perto. Wadsworth não tinha fôlego para gritar, mas os atacantes não precisavam de ordens. Os índios ultrapassaram-no e um canhão disparou, da bateria, e o som ensurdeceu Wadsworth, perfurou o ar em volta dele, atordoou-o, envolveu-o no fedor a ovos podres do fumo da pólvora, que era denso como nevoeiro, e ouviu gritos mesmo à sua frente e o entrecocar das lâminas, e uma ordem que foi abruptamente cortada, e depois encontrou-se na plataforma da bateria e viu a boca fumegante de um canhão mesmo à sua direita ao mesmo tempo que Fletcher o empurrava para cima.

O diabo estava à solta no interior da plataforma, onde os fuzileiros, os índios e marinheiros trucidavam os casacas vermelhas. Um canhão disparou do forte, mas a bala voou alta, caindo inofensivamente no porto. O Tenente Dennis espetara a espada num sargento britânico, que se dobrou em dois, fazendo com que o aço ficasse preso na sua carne. Um fuzileiro golpeou um homem na cabeça com a coronha do mosquete. Os índios emitiam um grito estridente enquanto matavam. Wadsworth viu sangue, brilhante como o clarão de uma arma, esguichar de um crânio rachado por um tomahawk. Virou-se para um oficial britânico de casaca vermelha, cuja expressão era uma máscara de horror, deu um golpe de espada na direção do casaca vermelha, e a lâmina silvou no ar ao mesmo tempo que um fuzileiro enterrava a baioneta no baixo-ventre do homem, rasgando-o com um movimento para cima, levantando o homem no ar, enquanto um índio lhe espetava uma machadinha na coluna. Um outro casaca vermelha recuava em direção às fogueiras, de mãos levantadas, mas, mesmo assim, um fuzileiro alvejou-o, e depois esmagou-lhe o rosto com o cabo do mosquete. O resto dos Britânicos fugia. Estavam a fugir! Desapareciam no milheiral de Jacob Dyce, fugindo pela encosta em direção ao forte.

– Façam prisioneiros! – gritou Wadsworth. Não havia necessidade de mais mortes. A plataforma dos canhões fora tomada e, com uma alegria feroz, Wadsworth percebeu que a bateria estava num plano demasiado baixo para ser atingida pelos canhões do forte. Eles tentavam, mas os tiros sobrevoavam-na para tombarem, em vão, no porto.

– Ouçamos agora o tambor, John Freer! – gritou Wadsworth.

– Agora podes tocar o mais alto que quiseres!

Mas John Freer, de doze anos de idade, fora espancado até à morte com uma coronha debruada a metal de um casaca vermelha.

– Oh, Deus do Céu – disse Wadsworth, fitando o pequeno corpo. O crânio ensanguentado era negro à luz da Lua.

– Não devia tê-lo deixado vir – disse ele, sentindo uma lágrima num olho.

– Foi aquele filho da mãe – disse um fuzileiro, indicando o corpo convulsivo do casaca vermelha que tentara render-se e que fora alvejado antes de o fuzileiro o ter conseguido esmurrar.

– Eu vi o filho da mãe bater no rapaz.

– O fuzileiro caminhou até ao casaca vermelha caído e deu-lhe um pontapé na barriga.

– Grande filho da puta amarelo.

Wadsworth agachou-se ao lado de Freer e pôs-lhe um dedo no pescoço, mas não tinha pulsação. Levantou os olhos para James Fletcher.

– Corre até lá acima – disse ele – e diz ao General Lovell que estamos na posse da bateria.

– Estendeu uma mão a Fletcher. Olhava para leste, para os navios britânicos. As suas formas obscuras pareciam agora muito próximas.

– Diz ao General que agora precisamos de pôr os nossos canhões aqui – disse ele. Wadsworth capturara os canhões britânicos, mas eles eram mais pequenos do que ele esperara. Os canhões de seis quilos deviam ter sido levados de volta para o forte e substituídos por outros de três quilos.

– Diz ao General que precisamos de um par de canhões de nove quilos – disse ele – e diz-lhe que precisamos deles aqui ao amanhecer.

– Sim, meu General – disse Fletcher e correu de volta para a elevação, e Wadsworth, ao vê-lo a ir, viu milicianos espalhados pela longa subida que levava a Dyces Head. Demasiados milicianos. Pelo menos metade tinha-se recusado a atacar, evidentemente aterrados pelo fogo dos canhões britânicos. Alguns tinham continuado o caminho e estava agora na bateria, observando os quinze prisioneiros a serem revistados, mas a maior parte fugira pura e simplesmente e Wadsworth estremeceu de fúria. Os fuzileiros, índios e marinheiros tinham realizado a missão dessa noite, enquanto a maior parte dos milicianos sempre prontos tinham-se deixado ficar para trás com medo. John Freer fora mais valente do que todos os seus camaradas, e o seu crânio esmagado demonstrava-o.

– Parabéns, meu General – disse o Tenente Dennis, com um sorriso, a Wadsworth.

– Você e os seus fuzileiros é que conseguiram isto – disse Wadsworth, ainda a olhar para a milícia.

– Batemos os fuzileiros deles, meu General – disse Dennis animadamente. A posição tivera a proteção de Fuzileiros Reais. Dennis sentiu o descontentamento de Wadsworth e viu para onde o General estava a olhar.

– Eles não são soldados, meu General – disse ele, indicando com um aceno os milicianos que se tinham recusado a atacar. A maior parte dos retardatários estavam agora a dirigir-se para a bateria, assediados pelos seus oficiais.

– Mas eles são soldados! – disse com amargura Wadsworth.

– Somos todos!

– Querem voltar para as suas quintas e para junto das suas famílias – disse

Dennis.

– Então como tomamos o forte? – perguntou Wadsworth.

– Têm de estar motivados, meu General – disse Dennis.

– Motivados! – Wadsworth riu-se, embora não por divertimento.

– Eles segui-lo-ão a si, meu General.

– Como fizeram esta noite?

– Da próxima vez, faça-lhes um discurso, meu General – disse Dennis, e Wadsworth sentiu a suave censura do seu antigo aluno. Dennis tinha razão, pensou ele, devia ter levantado os ânimos, devia ter recordado à milícia a razão porque lutavam, mas nesse momento um estranho ruído de rasgar interrompeu os seus remorsos e virou-se, vendo um índio acocorado junto de um cadáver. A casaca vermelha do fuzileiro morto fora-lhe tirada e agora estava a ser escarpado. O índio cortara a pele em volta do topo da cabeça e agora soltava-a puxando os cabelos. O homem sentiu o olhar de Wadsworth e virou-se, e os seus olhos e dentes brilharam ao luar. Quatro outros cadáveres tinham já sido escarpados. Os fuzileiros revistaram as acomodações, descobrindo tabaco e comida. Os milicianos apenas olhavam. O Coronel McCobb arengava para as três centenas de homens, dizendo-lhes que se deveriam ter portado melhor. Um fuzileiro quebrou a parte de cima de uma das duas enormes barricadas que estavam nas traseiras da plataforma e Wadsworth perguntou-se o que conteriam elas, depois foi distraído por um cão que ladrava ferozmente da orla sul da bateria. Um marinheiro tentou acalmar o cão, mas este atirou-se a ele e o marinheiro matou-o descontradadamente com um tiro. Um outro fuzileiro riu-se.

Aquele foi o último disparo da noite. A névoa adensava-se sobre o porto. James Fletcher regressou à bateria capturada mesmo antes de amanhecer para dizer que o General Lovell queria que Wadsworth voltasse lá para cima.

– Ele vai enviar os canhões? – perguntou Wadsworth.

– Acho que ele quer que seja o senhor a tratar disso, General.

O que significava que Lovell queria que fosse Wadsworth a tratar com o Tenente-Coronel Revere. Os marinheiros tinham já regressado aos seus navios e o Capitão Carnes recebera instruções para voltar com os fuzileiros o mais depressa possível, mas não agradava a Wadsworth deixar a milícia de guarda à bateria capturada e Carnes aceitou que uma dúzia de fuzileiros devia ficar sob o comando do Tenente Dennis.

– Irei deixar um bom sargento com o jovem Dennis – disse Carnes.

– Ele precisa disso?

– Todos precisamos disso, meu General – disse Carnes, e gritou ao Sargento Sykes que escolhesse uma boa dúzia de homens.

O Coronel McCobb estava oficialmente encarregado da bateria.

– Poderia começar por erguer um parapeito – sugeri-lhe Wadsworth. O parapeito semicircular existente estava virado para a entrada do porto e Wadsworth queria uma plataforma virada para o forte.

– Estarei de volta com os canhões o mais depressa que puder – disse ele.

– Ficarei à espera, meu General – prometeu McCobb.

Agora, trezentos homens estavam de guarda à bateria capturada, que poderia

ser utilizada para destruir os navios. Depois, Lovell poderia atacar o forte. E, então, os Britânicos ir-se-iam embora.

O Brigadeiro McLean apareceu de gorro de dormir. Estava de uniforme e tinha um sobretudo cinzento, mas não lhe tinham dado tempo para se pentear e por isso estava de gorro vermelho com uma longa borla azul. Chegou ao bastião sudoeste do Forte George e olhou para o terreno, lá em baixo, onde a posição de Half Moon estava quase totalmente escondida por um milheiral.

– Acho que estamos a desperdiçar o nosso fogo de canhão – disse ele a Fielding, que fora, também ele, acordado pelo súbito irromper dos disparos.

– Cessar fogo! – gritou Fielding.

Um sargento fuzileiro atento vira, de Dyces Head, os rebeldes atacarem a colina e abria fogo.

– Deem-lhe uma ração suplementar de rum – disse McLean – e o meu agradecimento.

Os fuzileiros tinham-se portado bem, pensou McLean, mas os seus esforços não tinham salvado a bateria de Half Moon. Os Fuzileiros Reais e os artilheiros expulsos da posição dispersavam-se pelo forte, contando a sua história sobre magotes de rebeldes a precipitarem-se sobre o parapeito da bateria. Diziam que eram centenas de atacantes e que os defensores eram apenas cinquenta.

– Chá? – perguntou Fielding.

– Deviam fazer chá – disse McLean, indicando os derrotados.

Centenas? Interrogou-se ele. Talvez duas centenas. As sentinelas que estavam nos parapeitos do Forte George tinham tido uma imagem nítida dos atacantes e os mais fidedignos achavam que tinham visto duzentos ou trezentos rebeldes, muitos dos quais não tinham acompanhado o ataque até ao fim. Um crescente nevoeiro obscurecia agora a parte baixa.

– Mandou chamar-me, meu General? – disse o Capitão Iain Campbell, um dos melhores oficiais do 74.º, juntando-se ao Brigadeiro, sobre o parapeito.

– Bom-dia, Campbell.

– Bom-dia, meu General.

– Só que não é um bom dia – disse McLean.

– O nosso inimigo mostrou iniciativa.

– Já ouvi dizer, meu General.

– Iain Campbell vestira-se à pressa e um dos botões do casaco estava por abotoar.

– Alguma vez capturou uma bateria inimiga, Campbell?

– Não, meu General.

– A menos que os seus homens sejam muito disciplinados, conduz à desorganização – disse McLean, – o que me leva a crer que os nossos inimigos estão neste momento bastante desorganizados.

– Sim, meu General – disse o oficial das Terras Altas, sorrindo ao perceber o que estava o Brigadeiro a insinuar.

– E o Capitão Mowat não vai gostar se o inimigo mantiver a posse da bateria de Half Moon, não vai gostar mesmo nada.

– E nós temos de ajudar a Marinha Real, meu General – disse Campbell, ainda a sorrir.

– Temos, com efeito, é o nosso dever, um dever que nos foi atribuído por Deus. Por isso, leve os seus excelentes rapazes até lá – disse McLean – e enxote os patifes, pode ser?

Cinquenta fuzileiros tinham sido surpreendidos e expulsos da bateria de Half Moon, pelo que McLean iria enviar cinquenta escoceses para a reconquistar. McLean foi, por fim, pentear os seus cabelos.

Excerto de uma carta do Brigadeiro-General Solomon Lovell para Jeremiah Powell, Presidente do Conselho de Administração do Estado de Massachusetts Bay, a 11 de agosto de 1779:

... que com as Tropas que agora constituem o meu Exército não é praticável obter uma Conquista pela invasão e não é provável uma derrota por meio de um cerco normal sem dispor de um certo período de tempo. Para o devido Efeito, a Primeira Coisa que tenho de requisitar são algumas tropas regulares disciplinadas e Quinhentas granadas de mão... pelo menos quatro Morteiros de Nove Polegadas ou o mais próximo disso que houver no vosso Arsenal com um grande abastecimento de projéteis de Tiro.

Excerto de uma carta do Conselho de Guerra para o Conselho de Administração do Massachusetts, de 3 de agosto de 1779:

O Conselho de Guerra vem expor a Vossas Excelências que dado a grande despesa que a expedição a Penobscot envolveu eles encontram-se tão faltos de Dinheiro que se encontram no maior embaraço para executarem o Orçamento do Gabinete, e são agora chamados a fazer o pagamento de 100 000 libras, devidas por fornecimentos enviados para essa expedição. A atual escassez de pão nos armazéns públicos, quer do estado quer continentais, é alarmante e pode envolver consequências fatais...

Excerto de uma carta de Samuel Savage, Presidente do Conselho de Guerra, em Boston, para o Major-General Nathaniel Gates, de 3 de agosto de 1779:

Os relatos dizem que as nossas Forças em Penobscot, após a mais vigorosa resistência, obrigaram o Inimigo a render-se,

quer as forças Navais quer as Terrestres, Prisioneiros de Guerra, e que esse glorioso acontecimento teve lugar no passado Sábado.

O Sol ainda não nascera quando Peleg Wadsworth despertou o Tenente-Coronel Paul Revere, que, publicamente mandado dormir em terra, erguera as tendas capturadas em Cross Island, tendo feito nelas o seu quartel-general. Eram as únicas tendas no exército de Lovell e alguns dos homens perguntavam-se porque não tinham elas sido oferecidas ao próprio Lovell.

– Acabei de adormecer – resmungou Revere, empurrando a porta de pano da tenda. Tal como quase todo o exército, também ele vira o clarão dos tiros na escuridão da noite.

– A bateria inimiga foi tomada, Coronel – disse Wadsworth.

– Eu vi. Muito satisfatório.

– Revere ajeitou uma manta de lã sobre as costas.

– Friar!

Um homem arrastou-se para fora de um abrigo de ervas e troncos.

– Meu Coronel?

– Atiça a fogueira, homem, está um gelo.

– Sim, meu Coronel.

– Muito satisfatório – disse Revere, olhando outra vez para Wadsworth.

– Estamos a construir defesas na nova bateria – disse Wadsworth – e precisamos de levar os nossos canhões mais pesados para lá.

– Os canhões mais pesados – disse Revere como um eco.

– E prepara chá, Friar.

– Chá, sim senhor, meu Coronel.

– Os canhões mais pesados – disse de novo Revere, – suponho que se refere aos de nove quilos.

– Temos seis desses, não temos?

– Temos.

– A nova bateria está perto dos navios inimigos. Quero que sejam massacrados com toda a força, Coronel.

– Todos queremos isso – disse Revere. Aproximou-se da fogueira, onde, depois de atiçada, as chamas crepitavam, altas. Teve um arrepio. Poder-se-ia estar no pino do verão, mas as noites no Leste do Massachusetts podiam ser espantosamente frias. Ficou junto das labaredas que lhe iluminavam o rosto brusco.

– Estamos com falta de projéteis para os de nove quilos – disse ele, – a menos que o Comodoro nos possa fornecer alguns.

– Estou certo de que o fará – disse Wadsworth.

– As balas destinam-se a ser disparadas contra os navios inimigos, em princípio não tem como objetar.

– Em princípio – disse Revere, obviamente divertido, depois abanou a cabeça como se sacudisse um pensamento desagradável da sua mente.

– O senhor tem filhos, meu General?

Wadsworth foi apanhado de surpresa pela pergunta.

– Sim – disse ele, após um silêncio, – tenho três. Vem outro a caminho.

– Tenho saudades dos meus filhos – disse Revere, com ternura, – tenho muitas saudades deles.

–Fixou o olhar nas chamas.

–Bules e fivelas

– disse ele, pesarosamente.

– Bules e fivelas? – perguntou Wadsworth, perguntando-se se seriam as alcunhas dos filhos de Revere.

– Como um homem ganha a vida, General. Bules e fivelas, jarros de leite e cutelaria.

–Revere sorriu, depois sacudiu as saudades de casa.

–Então – suspirou ele – quer levar dois dos canhões de nove quilos aqui das nossas linhas?

– Se são os que estão mais perto, sim. Logo que os navios forem afundados, podem ser devolvidos.

Revere fez um careta.

– Se eu puser dois desses lá – disse ele, – os Britânicos não vão gostar. Como é que vamos defender esses canhões?

Era uma boa pergunta. O Brigadeiro McLean dificilmente iria ficar parado enquanto dois canhões de nove quilos despedaçavam as três corvetas.

– O Coronel McCobb tem trezentos homens na bateria – disse ele a Revere – e lá ficarão até que os navios sejam destruídos.

– Trezentos homens – disse Revere, duvidoso.

– E o senhor pode colocar lá canhões mais pequenos, como defesa

– sugeriu Wadsworth, – e neste momento as trincheiras devem já estar adiantadas. Creio que a bateria estará segura.

– Eu poderia levar lá os canhões no meio do nevoeiro – sugeriu Revere. O ar estava húmido e havia já farripas de névoa entre os ramos das árvores mais altas.

– Então, vamos a isso – disse Wadsworth, vigorosamente. Se os canhões estivessem em posição pelo meio-dia, os navios inimigos poderiam estar duramente danificados ao anoitecer. A distância era curta e as balas de nove quilos embateriam com uma força louca. Com os navios afundados, o porto ficaria nas mãos dos patriotas, e, depois disso, Lovell não teria qualquer razão para não carregar sobre o forte. Wadsworth, pela primeira vez desde que os rebeldes tinham tomado o cimo de Majabigwaduce, sentiu-se otimista.

Leva isto até ao fim, pensou ele. Arreia a bandeira inimiga. Vence.

E, depois, os mosquetes fizeram-se ouvir.

O Capitão Iain Campbell conduziu os seus cinquenta homens das Terras Altas até à povoação, depois seguiu um trilho de carroça até a companhia ter atingido o limite das terras de Jacob Dyce. Uma pequena luz bruxuleava por trás das cortinas do holandês, indicando que ele estava acordado.

Os Escoceses acoraram-se junto do milho e Campbell ficou de pé, acima deles.

– Todos me estão a ouvir bem? – perguntou-lhes ele.

–Pois tenho uma coisa para vos dizer.

Eles estavam a ouvir. Eram muito jovens, a maioria não atingira os vinte anos,

e confiavam em Iain Campbell porque ele era ao mesmo tempo um cavaleiro e um bom oficial. Muitos daqueles homens tinham sido criados na propriedade do pai do Capitão Campbell, o senhor das terras, e a maior parte deles ostentava o seu apelido. Alguns, na verdade, eram meios-irmãos do Capitão, embora esse facto não fosse admitido por nenhum dos lados. Os pais tinham-lhes dito que os Campbell de Ballaculish eram gente boa e que o senhor de lá era um homem duro, mas justo. A maior parte conhecera Iain Campbell antes de ele se ter tornado um homem e supunham que o conheceriam até acompanharem o seu caixão à igreja. Um dia, Iain Campbell iria viver para a casa grande e aqueles homens, e os filhos deles, tirar-lhe-iam o chapéu e pedir-lhe-iam ajuda quando estivessem em dificuldades. Diriam aos filhos que Iain Campbell era um homem duro, mas justo, e di-lo-iam não por ele ser o senhor das terras onde viviam, mas porque recordariam a noite em que o Capitão Iain Campbell correria todos os riscos que lhes pedira a eles que corressem. Era um privilegiado, um homem corajoso e muito bom oficial.

– Os rebeldes – disse Campbell em voz baixa e com firmeza – capturaram a bateria de Half Moon ontem à noite. Estão lá agora e nós vamos recuperá-la. Falei com alguns dos homens que eles expulsaram de lá e que os ouviram gritar uns com os outros. Ficaram a saber o nome do oficial que os chefiava. É um MacDonald.

A companhia, acocorada, produziu um ruído grave de rosnido. Iain Campbell poderia ter-lhes feito um discurso inflamador, um discurso sobre lutar a ferro e fogo pelo Rei, e mesmo se lhe fosse dado possuir a língua de um anjo e a eloquência do diabo, um tal discurso poderia não ter funcionado tão bem como o nome MacDonald.

Ele inventara, claro, a existência daquele MacDonald. Não fazia ideia de quem chefiava os rebeldes, mas sabia que os Campbell odiavam os MacDonald e que os MacDonald temiam os Campbell, e ao dizer aos seus homens que o inimigo era um MacDonald, despertava neles uma furia antiga. Deixava de ser uma guerra para reprimir uma rebelião, era uma questão de sangue ancestral.

– Vamos pelo meio do milho – disse o Capitão Campbell – e formamos em linha do outro lado e, depois, carregamos sobre eles com as baionetas fixadas. Avançamos rapidamente. Vencemos.

Não disse mais nada, exceto para dar as ordens necessárias, depois conduziu os cinquenta homens para lá do campo cultivado com milho, que era mais alto do que a cabeça de um escocês de boina. O nevoeiro espalhava-se a partir das águas, adensando-se sobre a bateria e ocultando as formas escuras dos homens das Terras Altas.

O céu, por trás de Campbell, adquiria agora uma luz cinzenta-escura, mas o milho alto cobria os seus homens enquanto estes se espalhavam, formando uma linha. Levavam os mosquetes carregados, mas não armados. Ouvia-se o ruído do metal a raspar em metal quando os homens encaixaram e rodaram as baionetas na boca dos canos das armas. As baionetas eram espigões de quarenta centímetros, aguçados a um ponto fatal. A bateria estava apenas a cerca de cem metros de distância, mas os rebeldes ainda não tinham avistado os soldados escoceses de kilt. Iain Campbell desembainhou a sua larga espada

e sorriu na semiobscuridade.

– Vamos ensinar ao Clã MacDonald quem manda aqui – disse ele aos seus homens – e, agora, vamos lá matar os filhos da mãe.

Carregaram.

Eram homens das terras difíceis da costa ocidental da Escócia. A guerra estava-lhes no sangue, tinham mamado histórias de batalhas no leite das suas mães, e acreditando agora que um MacDonald os esperava, carregaram com toda a ferocidade do clã. Lançavam gritos ao carregarem, corriam para serem os primeiros a chegar ao inimigo e tinham, do seu lado, a vantagem da surpresa. Mesmo assim, Iain Campbell não conseguia acreditar na rapidez com que o inimigo cedeu. A medida que se aproximava da bateria e conseguia ver mais através do escuro nevoeiro, teve um momento de alarme porque parecia haver centenas de rebeldes, eram de longe mais numerosos do que a sua companhia, e pensou que aquele era um lugar bem ridículo para morrer. A maior parte dos rebeldes estavam na própria bateria, tão apinhada de gente como uma reunião metodista. Apenas cerca de vinte homens trabalhavam nas trincheiras e era evidente que não tinham colocado quaisquer sentinelas ou, se tinham formado piquetes, essas sentinelas estavam a dormir. Rostos de espanto viraram-se para fitar os homens das Terras Altas aos gritos. Demasiados rostos, pensou Campbell. Haveria uma placa de mármore na igreja com o seu nome, a data daquele dia e um epitáfio digno, e depois a visão desvaneceu-se porque o inimigo estava já a correr.

– Matem! – deu por si Campbell a gritar.

– Matem! – E o grito impeliu ainda mais o inimigo a fugir para oeste. Largaram picaretas e espadas, treparam o parapeito virado a ocidente e fugiram. Uns quantos, muito poucos, dispararam contra os Escoceses que se aproximavam, mas a maior parte esqueceu-se de que levava um mosquete consigo e simplesmente abandonou a bateria e fugiu.

Um grupo, vestido com uniforme escuro cruzado por cinturões brancos, não fugiu. Tentou formar uma linha, empunhou os mosquetes e disparou uma saraivada de tiros na direção dos homens de Campbell, que saltavam sobre a vala recém-escavada. Iain Campbell sentiu o sopro de uma bala raspar-lhe na face e, de seguida, balançou a pesada lâmina da sua espada sobre um mosquete fumegante, atirando-o para o lado enquanto num gesto rápido levou a lâmina atrás e a espetou mais abaixo. O aço penetrou tecido, pele, carne e músculo, e depois os Campbell surgiram de todos os lados, gritando ódio e investindo com as baionetas, e o inimigo, inferiorizado, cedeu.

– Atirem-lhes uma saraivada! – gritou Campbell. Girou a lâmina no interior da barriga do inimigo e acertou com o punho esquerdo na cara do homem. O Cabo Campbell somou a isso a sua baioneta, e o homem caiu. O Capitão Campbell afastou o mosquete do seu alcance com um pontapé e arrancou a lâmina limpa de carne agarrada. Os clarões dos mosquetes iluminaram súbita e cruamente o sangue, o caos e a fúria dos Campbell.

Um único oficial americano tentou reunir os seus homens. Lançou um golpe de espada sobre Campbell, mas o filho do senhor das terras aprendera a esgrimir na Academia do Major Teague, no Grassmarket de Edimburgo, e

parou-o sem esforço, invertendo o ataque; girou o pulso e deu uma estocada direita ao peito do oficial americano. Sentiu a espada raspar numa costela, fez uma careta e carregou com mais força. O homem sufocou, arquejou, cuspiu sangue e caiu.

– Atirem-lhes uma saraiuada! – gritou outra vez Campbell. Não precisara de pensar para bater o oficial rebelde, agira totalmente por instinto. Libertou a espada com um arranco e viu um sargento americano, de uniforme verde, cambaleiar e cair. O sargento não fora ferido, mas um escocês batera-lhe nas fontes com a coronha do mosquete e ele ficara atordoado.

– Tirem-lhe o mosquete! – disse Campbell, terminantemente.

– Não o matem! Façam-no apenas prisioneiro!

– Pode ser um MacDonald – disse um soldado Campbell, pronto para meter a baioneta na barriga do sargento.

– Façam-no prisioneiro! – vociferou Campbell. Virou-se e olhou para o alto, onde a luz da madrugada iluminava o declive, mas o nevoeiro escondia os rebeldes em fuga. Os mosquetes escoceses tossiam fumo, trespassavam o nevoeiro com chamas e disparavam para o alto, para onde os Americanos se tinham retirado.

– Sargento MacKellan! – gritou Campbell.

– Forme um piquete! Rapidamente!

– Tem a certeza de que este filho da mãe não é um MacDonald? – perguntou o soldado, de pé sobre o rebelde atordoado.

– Chama-se Sykes – disse uma voz, e Campbell virou-se, vendo que fora o oficial ferido quem falara. O homem soerguera-se sobre um cotovelo. O seu rosto, muito pálido à luz difusa da madrugada, estava manchado do sangue que deitara pela boca. Olhou para o sargento de uniforme verde.

– O nome dele não é MacDonald – conseguiu ele dizer, – é Sykes.

Campbell ficou impressionado pelo facto de o jovem oficial, apesar de ferido no peito, tentar salvar a vida ao Sargento. O Sargento estava agora sentado, vigiado por Jamie Campbell, o filho mais novo do ferreiro de Ballaculish. O oficial ferido cuspiu mais sangue.

– Chama-se Sykes – disse ele ainda mais uma vez – e eles estavam bêbedos.

Campbell agachou-se ao lado do oficial ferido.

– Quem estava bêbedo? – perguntou ele.

– Descobriram barris de rum – disse o homem – e eu não os consegui impedir. Os milicianos.

– Os Escoceses continuavam a disparar contra a neblina, apressando a retirada dos rebeldes, que agora tinham desaparecido no meio do nevoeiro que se espalhava inextinguivelmente pela encosta acima.

– Eu falei com McCobb – disse o oficial ferido – mas ele disse que eles mereciam o rum.

– Descanse – disse Campbell ao homem. Havia duas grandes barricas nas traseiras da bateria que tinham obviamente contido rum dos navios, e os rebeldes, ao celebrarem a vitória, tinham-na celebrado em excesso. Campbell encontrou uma mochila abandonada e pô-la sob a cabeça do oficial ferido.

– Descanse – voltou ele a dizer.

– Como se chama?

– Tenente Dennis.

O sangue na casaca de Dennis parecia negro e Campbell não teria sequer percebido que era sangue não fosse o facto de refletir o débil brilho da luz.

– É fuzileiro?

– Sim – disse Dennis, num sufoco, e o sangue subiu-lhe aos lábios e escorreu-lhe pela face. A sua respiração era estridente.

– Mudámos as sentinelas – disse ele, e soluçou subitamente de dor. Queria explicar que a derrota não era culpa dele, que os seus fuzileiros tinham cumprido a sua missão, mas o piquete da milícia que substituíra os fuzileiros falhara.

– Não fale – disse Campbell. Viu a espada caída ali perto e fê-la deslizar na bainha de Dennis. Era permitido aos oficiais capturados conservarem as suas espadas e Campbell considerou que o Tenente Dennis a merecia como recompensa pela sua bravura. Bateu levemente no ombro húmido de sangue de Dennis e levantou-se. Robbie Campbell, cabo e quase tão idiota como o pai, que era um vaqueiro bêbedo, encontrara um tambor pintado como uma águia e a palavra «Liberdade» e estava a bater-lhe com os punhos e a fazer cabriolas, como idiota que era.

– Para com esse barulho, Robbie Campbell! – gritou Campbell, e recebeu o silêncio como resposta. O cadáver do rapazinho do tambor jazia ao lado de uma campa recentemente aberta.

– Jamie Campbell! Tu e o teu irmão vão fazer uma maca. Dois mosquetes, dois blusões! – A maneira mais fácil de improvisar uma maca era atar as mangas de dois blusões num par de mosquetes.

– Levem o Tenente Dennis para o hospital.

– Matámos o MacDonald, meu Capitão?

– O MacDonald fugiu – disse Campbell, terminantemente.

– Que se poderia esperar de um MacDonald?

– Grandes filhos da mãe! – exclamou um soldado iradamente e Campbell voltou-se, vendo as cabeças ensanguentadas dos cadáveres dos Fuzileiros Reais com os escalpes cortados e arrancados.

– Malditos bárbaros selvagens, grandes filhos da mãe – rosnou o homem.

– Levem o Tenente Dennis até aos cirurgiões – ordenou Campbell

– e o prisioneiro para o forte.

– Descobriu um pedaço de pano rasgado num canto da bateria e limpou a comprida lâmina da sua espada. Agora, era quase de dia. Começou a chover, uma chuva pesada que lavou os restos da bateria, diluindo o sangue.

A bateria de Half Moon estava novamente em mãos britânicas e, lá no alto, Pleg Wadsworth desesperava.

– São patriotas! – queixou-se o General Lovell.

– Tem de lutar pela sua liberdade!

– São agricultores – disse Wadsworth, fatigado, – e carpinteiros e trabalhadores, são os que não se ofereceram para o exército continental, e metade deles não queria sequer combater. Foram obrigados a combater pelos grupos de recrutamento.

– A Milícia do Massachusetts – disse Lovell com voz magoada. Estava de pé, abrigado debaixo de uma vela que fora esticada e presa a duas árvores de modo a fazer uma tenda que servisse de quartel-general. A chuva tamborilava sobre o pano e sibilava na fogueira, do lado de fora da tenda.

– Não são os mesmos milicianos que lutaram em Lexington – disse Wadsworth – ou que invadiram Breeds Hill. Esses foram todos para o exército – ou para a sepultura, pensou ele – e nós temos o que restou.

– Ontem à noite, desertaram mais dezoito – disse Lovell, com desespero. Colocara um piquete no gargalo de terra, mas pouco fizera para impedir os homens de se escaparem na escuridão. Alguns, supunha ele, tinham desertado para os Britânicos, mas a maior parte fora para o Norte, internando-se na floresta, na esperança de encontrarem o caminho para casa. Os que eram apanhados estavam condenados ao Cavalo, um castigo brutal, no qual um homem era montado sobre uma barra estreita com mosquetes atados às pernas, mas o castigo não era, evidentemente, suficientemente brutal, pois os milicianos continuavam a desertar.

–Estou envergonhado – disse Lovell.

– Ainda temos homens que cheguem para atacar o forte – disse Wadsworth, sem ter a certeza de acreditar nas suas palavras.

Lovell ignorou-as, de qualquer modo.

– Que podemos fazer? – perguntou ele, desamparado.

Wadsworth queria levantar o ânimo do homem. Podia liderar-nos, pensou ele, podia assumir o comando, mas, para ser justo, e Peleg Wadsworth era um homem inclinado a ser honesto consigo próprio, não achava que também ele estivesse a mostrar uma grande capacidade de liderança. Suspirou. O nevoeiro da madrugada dissipara-se, revelando que os Britânicos tinham abandonado a bateria recapturada, deixando o local vazio, e havia algo de insultuoso naquele abandono. Pareciam estar a dizer que poderiam recapturar a bateria quando quisessem, embora Lovell não mostrasse nenhuma vontade de aceitar o desafio.

–Não conseguimos segurar a bateria – disse o General, em tom de desespero.

– Claro que conseguimos, meu General – insistiu Wadsworth.

– Viu o que aconteceu! Fugiram! Os miseráveis fugiram! Quer que ataque o forte com estes homens?

– Acho que temos de o fazer, meu General – disse Wadsworth, mas Lovell não lhe respondeu. A chuva caía com mais força, obrigando Wadsworth a levantar a voz.

–E, meu General – continuou ele, – pelo menos vimo-nos livres da bateria inimiga. Poderia o Comodoro entrar no porto?

– Poderia – disse Lovell num tom que sugeria que também os porcos poderiam ganhar asas e voar em círculos sobre o alto de Majabigwaduce a cantar aleluias.

–Mas eu receio...

–começou ele a dizer, e calou-se.

– Receia, meu General?

– Precisamos de tropas disciplinadas, Wadsworth. Precisamos dos homens do

General Washington.

Deus seja louvado, pensou Wadsworth, mas sem fazer transparecer a sua reação. Sabia quão difícil fora para Lovell admitir aquilo. Lovell queria que a glória daquela expedição recaísse sobre o Massachusetts, mas o General teria agora de dividir a fama com os outros Estados revoltosos ao chamar o exército continental. Esse exército tinha soldados a sério, disciplinados e treinados.

– Um só regimento seria suficiente – disse Lovell.

– Permita que faça chegar esse pedido a Boston – sugeriu o Reverendo Jonathan Murray.

– Faria isso? – perguntou ansiosamente Lovell. Estava mais do que farto da confiança pia do Reverendo Murray. Deus poderia querer realmente que os Americanos conquistassem aquele lugar, mas nem mesmo o Todo-Poderoso conseguira, até ali, empurrar os navios do Comodoro para lá de Dyces Head. O sacerdote não era militar, mas possuía poder de persuasão e Boston ouviria certamente o seu apelo.

–Que lhes dirá?

– Que o inimigo é demasiado poderoso – disse Murray – e que aos nossos homens, ainda que cheios de zelo e imbuídos de amor pela liberdade, falta a disciplina necessária para derrubar os muros de Jericó.

– E peça morteiros – disse Wadsworth.

– Morteiros? – perguntou Lovell.

–Não temos bombas – disse Wadsworth – mas podemos fazer chover fogo e enxofre sobre as cabeças deles.

– Sim, morteiros – disse Lovell. Num cerco, um morteiro poderia ser ainda mais letal do que um obus, e, de qualquer modo, Lovell apenas possuía um obus. Os morteiros disparariam os seus projéteis bem alto para o céu de modo a que eles caíssem verticalmente no forte e, quanto mais as muralhas do forte aumentassem, mais conteriam as explosões, espalhando a morte entre os casacas vermelhas.

–Vou escrever a carta – disse Lovell, pesadamente.

Porque os rebeldes precisavam de reforços.

No dia seguinte, Peleg Wadsworth atou um grande bocado de pano branco a um pau comprido e caminhou em direção ao forte inimigo. Os canhões do Coronel Revere já tinham sido silenciados e, pouco tempo depois, os canhões britânicos também se calaram.

Wadsworth foi sozinho. Pedira a James Fletcher que o acompanhasse, mas este desculpou-se

– Eles conhecem-me, General.

– E gosta de alguns deles?

– Sim, General.

– Então fique aqui – dissera Wadsworth, e agora caminhava pelo suave declive da cumeada, por entre os troncos destruídos, e viu dois oficiais saírem do forte e dirigirem-se para ele. Pensou que não queriam que ele se aproximasse demasiado e visse o estado em que estavam as paredes do forte, mas estava obviamente enganado, pois os dois homens esperaram junto ao abatis. Parecia que não se importavam que ele ficasse com uma boa visão dos

parapeitos. Estes estavam sob ataque constante dos canhões de Revere, mas, aos olhos de Wadsworth, não pareciam extraordinariamente danificados. Talvez por isso os oficiais britânicos não se importassem que ele visse as paredes. Troçavam dele.

Chovera de novo, nessa manhã. A chuva parara, mas o vento era húmido e as nuvens continuavam baixas e ameaçadoras. O tempo húmido ensopara os homens acampados na elevação, humedecera os cartuchos armazenados e aumentara a angústia dos milicianos. Alguns homens assobiaram a Lovell, quando o General acompanhou Wadsworth até à orla do arvoredado, e ele fingiu não ter ouvido.

O abatis fora deitado abaixo pelo fogo dos canhões e não era difícil encontrar passagem por entre os ramos emaranhados. Wadsworth sentiu-se ridículo a pegar na bandeira de tréguas sobre a cabeça, por isso baixou-a à medida que se aproximava dos dois oficiais inimigos. Um deles, o mais baixo, tinha cabelo grisalho sob o bicórneo. Apoiava-se numa vara e sorriu quando Wadsworth se aproximou.

– Bom-dia – gritou ele, cordialmente.

– Bom-dia – respondeu Wadsworth.

– Não está nada um bom dia, pois não? – disse o homem. O braço direito pendia-lhe sem naturalidade.

– Está uma manhã gelada e húmida. Sou o Brigadeiro-General McLean, e o senhor?

– Brigadeiro-General Wadsworth – disse Wadsworth, sentindo-se a cometer uma fraude ao nomear a sua patente.

– Permite-me que lhe apresente o Tenente Moore, General – disse McLean, indicando o jovem elegante que o acompanhava.

– General – cumprimentou Moore, imobilizando-se por instantes e curvando a cabeça.

– Tenente – disse Wadsworth, reconhecendo a cortesia.

– O Tenente Moore insistiu em fazer-me companhia para o caso de o senhor planear matar-me – disse McLean.

– Sob uma bandeira de tréguas? – perguntou Wadsworth, severamente.

– Perdoe-me, General – disse McLean, – estava a brincar. Não pensaria que fosse capaz de uma tal perfídia. Posso perguntar o que o trouxe até nós?

– Há um jovem – disse Wadsworth, – um oficial fuzileiro chamado Dennis. Conheço a família dele – fez uma pausa, – ensinei-o a ler e escrever. Creio que é vosso prisioneiro.

– Creio que sim – disse McLean suavemente.

– E ouvi dizer que ontem foi ferido. Tinha a esperança...

– Wadsworth interrompeu-se porque estivera quase a chamar «meu General» a McLean, mas conseguiu conter esse impulso idiota mesmo a tempo.

– Esperava que o senhor me pudesse tranquilizar em relação ao seu estado.

– Com certeza – disse McLean, virando-se para Moore.

– Tenente, faça-me um favor e corra até ao hospital, pode ser?

Moore partiu e McLean fez um gesto indicando dois cepos.

– Bem podemos ficar mais confortáveis enquanto esperamos – disse ele.

– Creio que me perdoará se não o convidar a entrar no forte?

– Não esperaria isso – disse Wadsworth.

– Então, por favor, sente-se – disse McLean, ele próprio sentando-se.

– Fale-me do jovem Dennis.

Wadsworth empoleirou-se no tronco adjacente. Inicialmente, falou com embaraço, dizendo meramente que conhecera a família de Dennis, mas a sua voz tornou-se mais calorosa à medida que falava do caráter alegre e honesto de William Dennis.

– Sempre foi um excelente rapaz – disse Wadsworth – e tornou-se num excelente homem. Um jovem bom – enfatizou o «bom» – e espera ser advogado quando tudo isto terminar.

– Ouvi dizer que existem advogados honestos – disse McLean com um sorriso.

– Ele será um advogado honesto – disse Wadsworth com firmeza.

– Então fará muito bem a este mundo – disse McLean – e o senhor, General? Presumo que tenha sido mestre-escola?

– Sim.

– Então já fez muito bem a este mundo – disse McLean.

– Quanto a mim? Alistei-me há quarenta anos e, depois de vinte batalhas, ainda aqui estou.

– Sem fazer muito bem a este mundo? – Wadsworth não conseguiu resistir a fazer a pergunta.

McLean não ficou ofendido.

– Comandei tropas do Rei de Portugal – disse ele, sorrindo – e todos os anos há lá uma procissão no dia de Todos os Santos. Era magnífico! Camelos e cavalos! Bem, dois camelos, e que animais sarmentos eles eram

– interrompeu-se, recordando, – e depois havia sempre bostas na praça que o Rei precisava de atravessar para chegar à catedral, pelo que um grupo de homens e mulheres era destacado para a limpar com vassouras e pás. Varriam as bostas. É esse o trabalho do soldado, General, varrer as bostas que os políticos fazem.

– É isso que está aqui a fazer?

– Com certeza que é – disse McLean. Tirara de um bolso da casaca o cachimbo de barro e metera-o entre os dentes. Pegou desajeitadamente na caixa de acendalhas com a mão direita estropiada e raspou o aço com a esquerda. O linho inflamou-se e McLean acendeu o cachimbo, depois fechou a caixa, com um estalo, para extinguir a chama.

– O vosso povo – disse ele, quando o cachimbo começou a ter boa tiragem – tem um desacordo com o meu, e você ou eu, General, bem poderíamos ter conversado e chegado a um acordo, mas os nossos mestres e senhores não foram capazes de se entender e, agora, você e eu temos de decidir os argumentos deles de uma forma diferente.

– Não – disse Wadsworth.

– No meu entendimento, General, o senhor é o camelo, não o varredor.

McLean riu-se.

– Deus sabe como sou sarmento. Não, General, não fui eu que fiz a bosta, mas

sou leal ao meu Rei e esta terra é dele, e quer que eu a mantenha dele.

– O Rei poderia tê-la mantido – disse Wadsworth, – não tivesse ele escolhido governar pela tirania.

– Oh, ele é um tirano terrível! – disse McLean, ainda divertido.

– Os vossos chefes, creio eu, são homens ricos. Proprietários de terras, não são? E comerciantes? E advogados? Esta é uma rebelião liderada pelos ricos. É estranho como tais homens prosperaram tanto sob uma tirania.

– A Liberdade não é a liberdade de prosperar – disse Wadsworth – mas a liberdade de fazer escolhas que afetem o nosso próprio destino.

– Mas uma tirania permitir-vos-ia prosperar?

– Restringiram o nosso comércio e aumentaram os impostos sem o nosso consentimento – disse Wadsworth, desejando não parecer tão didático.

– Ah! Então a tirania consiste em não permitir que se tornassem ainda mais ricos?

– Nem todos somos ricos – disse Wadsworth, acaloradamente – e como bem sabe, General, a tirania é a negação da liberdade.

– E quantos escravos mantém o senhor? – perguntou McLean.

Wadsworth teve a tentação de retorquir que aquela era uma pergunta reles, só que ela o picara.

– Nenhum – disse ele, rigidamente.

– No Massachusetts não é habitual termos Negros.

– Sentiu-se fortemente incomodado. Sabia que não argumentara bem, mas fora apanhado de surpresa pelo inimigo. Antecipara um oficial britânico pomposo e arrogante e, em vez disso, encontrou um homem cortês, com idade para ser seu pai, que parecia muito à-vontade naquele encontro tão pouco natural.

– Bem, aqui estamos nós os dois a conversar – disse McLean, alegremente, – um tirano e a sua vítima oprimida.

– Apontou com o cachimbo na direção do forte, para onde John Moore fora no seu caminho para o hospital.

– O jovem Moore lê História. Também ele é um jovem excelente. Gosta de História, e aqui está ele, aqui estamos ambos, a escrever um novo capítulo. Gostaria, por vezes, de espreitar o futuro e ler o capítulo que escrevemos.

– Poderia não gostar dele – disse Wadsworth.

– Acho que seguramente um de nós não gostará – disse McLean.

A conversa decaiu. McLean tirava fumaças do seu cachimbo e Wadsworth olhava para os parapeitos próximos. Conseguia ver os espigões de madeira no fosso e, acima deles, a parede de terra e troncos que era agora mais alta do que a cabeça de um homem. Agora ninguém conseguiria saltar sobre os parapeitos, a parede precisaria de ser escalada e conquistada. Seria uma tarefa difícil e sangrenta, e ele perguntou-se se mesmo o exército continental a conseguiria levar a cabo. Conseguiria, se houvesse brechas na parede, e Wadsworth procurou sinais de que os canhões do Coronel Revere tinham tido efeito, mas, com exceção do telhado amassado do armazém, no interior do forte, havia poucos vestígios dos tiros de canhão. Havia pontos em que a parede sofrera o embate de projéteis esféricos, mas todos esses pontos tinham

sido reparados. Morteiros, pensou ele, morteiros. Precisavam de transformar o interior do forte num caldeirão de metal guinchante e chamas mordentes. O pano de muralha entre as esquinas com bastiões salientes apresentava uma Hnha de casacas vermelhas que fitavam Wadsworth, admirados com a proximidade de um rebelde. Wadsworth tentou contá-los, mas eram demasiados.

– Mantenho oculta a maior parte dos meus homens – disse McLean.

Wadsworth sentiu-se apanhado, o que era ridículo, pois era seu dever estudar o inimigo. Na verdade, o General Lovell só concordara com aquela indagação sobre o estado do Tenente Dennis porque ela oferecia a Wadsworth uma oportunidade para examinar as defesas inimigas.

– Nós também mantemos a maior parte dos nossos escondida – disse Wadsworth.

– O que é sensato da vossa parte – disse McLean.

– Vejo pelo seu uniforme que serviu no exército do Senhor Washington?

– Fui ajudante do General, sim – disse Wadsworth, ofendido pelo costume britânico de se referirem a George Washington como «senhor».

Um homem extraordinário – disse McLean.

– Peço desculpa por o jovem Moore demorar tanto tempo.

– Wadsworth não respondeu e o escocês sorriu, maliciosamente.

– Vocês quase o mataram.

– Ao Tenente Moore?

– Insistiu em ganhar a guerra sozinho, o que suponho que é um bom defeito num oficial jovem, mas estou profundamente grato por ele ter sobrevivido. Promete muito.

– Como soldado?

– Como homem e como soldado. Tal como o seu Tenente Dennis, ele é um jovem bom. Se eu tivesse um filho, General, gostaria que fosse como Moore. Tem filhos?

– Dois filhos e uma filha, e outro bebé que nascerá em breve.

McLean sentiu calor na voz de Wadsworth.

– É um homem de sorte, General.

– Acho que sim.

McLean tirou uma fumaça e depois expirou um sopro de fumo para o ar húmido.

– Se aceitar as orações de um inimigo, General, deixe-me rezar para que volte a reunir-se à sua família.

– Obrigado.

– Claro – disse McLean com brandura – que poderia realizar esse reencontro se retirasse, agora.

– Mas temos ordens para o capturar primeiro – disse Wadsworth num tom divertido.

– Não rezo por isso – disse McLean.

– Acho que talvez devêssemos tê-lo tentado há uma semana – disse Wadsworth pesarosamente, e desejou de imediato não ter articulado aquelas palavras. McLean não disse nada, apenas inclinando a cabeça, e esse pequeno

gesto poderia ter sido interpretado como assentimento.

–Mas vamos tentar fazê-lo de novo – terminou Wadsworth.

– Tem de cumprir o seu dever, General, claro que tem – disse McLean, e depois virou-se porque Wadsworth olhara para o canto sudoeste do forte. John Moore surgira lá e agora caminhava em direção a eles com uma espada embainhada numa mão. O Tenente olhou para Wadsworth, depois curvou-se e segredou ao ouvido de McLean e o General retraiu-se e fechou os olhos por um instante.

–Lamento, General Wadsworth – disse ele,

– mas o Tenente Dennis morreu esta manhã. Pode ter a certeza de que recebeu o melhor tratamento possível, mas, enfim, a assistência não bastou.

– McLean pôs-se de pé.

Wadsworth também se pôs de pé. Olhou para o rosto grave de McLean e, depois, para vergonha sua, as lágrimas rolaram-lhe pela face. Voltou-se abruptamente.

–Não tem nada de que se envergonhar – disse McLean.

– Era um excelente homem – disse Wadsworth, e sabia que não estava a chorar pela morte de Dennis, mas por causa do desperdício e da indecisão daquela campanha. Fungou, recompôs-se e virou-se de novo para McLean.

–Por favor, agradeça ao vosso médico pelos seus esforços.

– Agradecerei – disse McLean – e, por favor, esteja certo de que faremos ao Tenente Dennis um enterro cristão.

– Sepultem-no de uniforme, por favor.

– Faremos isso, claro – prometeu McLean. Tomou a espada embainhada das mãos de Moore.

–Presumo que trouxe isto porque pertencia ao Tenente? – perguntou ele a Moore.

– Sim, meu General.

McLean entregou a espada a Wadsworth.

– Poderá querer devolver isto à família dele, General, e pode dizer-lhes, da parte do inimigo, que o filho deles morreu heroicamente a lutar. Podem orgulhar-se dele.

– Direi – disse Wadsworth, pegando na espada.

–Agradeço-lhe ter concordado com esta indagação – disse ele a McLean.

– Tive muito prazer em conversar consigo – disse McLean e estendeu a mão na direção do abatis, como se fosse um anfitrião a conduzir um visitante muito considerado até à porta da frente.

–Lamento sinceramente pelo seu Tenente Dennis – disse ele, caminhando para ocidente ao lado do americano, muito mais alto do que ele.

–Talvez um dia, General, o senhor e eu nos possamos sentar em paz e conversar acerca destas coisas.

– Gostaria que isso acontecesse.

– Tal como eu – disse McLean, parando a pouca distância do abatis. Sorriu maquiavelicamente.

–E por favor dê os meus cumprimentos ao jovem James Fletcher.

– Fletcher – disse Wadsworth, como se o nome fosse uma novidade para ele.

– Temos telescópios, General – disse McLean, divertido.

– Lamento a sua opção de lealdade. Lamento-o mesmo muito, mas diga-lhe, por favor, que a irmã dele está bem e que os tiranos lhe dão de comer, a ela e à mãe.

– Estendeu a mão.

– Não retomaremos o nosso treino de canhão até que esteja de volta ao bosque – disse ele.

Wadsworth hesitou, depois apertou a mão estendida.

– Obrigado, General – disse ele, e depois iniciou a longa e solitária caminhada de regresso pelo dorso da cumeada.

McLean ficou junto do abatis a observar o passeio solitário de Wadsworth.

– É um homem bastante bom, acho eu – disse ele quando o americano já estava suficientemente longe para não ouvir.

– É um rebelde – disse Moore, em tom de censura.

– E se você ou eu tivéssemos nascido aqui – disse McLean, – provavelmente também seríamos rebeldes.

– Meu General! – John Moore pareceu chocado.

McLean riu-se.

– Mas nascemos do outro lado do oceano, e não foi assim há tantos anos que tivemos os nossos próprios rebeldes, na Escócia. E eu realmente gostei dele.

– Continuava a observar Wadsworth.

– É um homem que usa a honestidade como uma divisa, mas felizmente para si e para mim ele não é um soldado. É um mestre-escola, e inimigos assim tornam-nos afortunados. Agora, vamos voltar para dentro antes que comecem de novo a disparar contra nós.

Nesse dia, ao anoitecer, o Tenente Dennis foi enterrado com o seu uniforme verde. Quatro homens das Terras Altas dispararam uma salva à luz evanescente e depois foi cravada uma cruz no solo. O nome Dennis foi rabiscado na cruz, a carvão, mas dois dias depois um cabo tirou a cruz para servir de lenha. E o cerco continuou.

Os três casacas vermelhas deslizaram para fora do acampamento a meio da tarde do dia em que o oficial inimigo viera ao forte com um sinal de tréguas. Não faziam ideia da razão porque o rebelde viera, nem isso lhes importava. Importavam-se com as sentinelas colocadas para impedirem os homens de se escaparem do acampamento para a floresta, mas esse piquete não era difícil de evitar, e os três homens desapareceram por entre as árvores e depois viraram para oeste, direitos ao inimigo.

Dois deles eram irmãos, de nome Campbell, o terceiro era Mackenzie. Todos usavam o kilt escuro de Argyle e levavam mosquetes. Para a esquerda deles, os canhões disparavam, fazendo um ruído esporádico, súbito, de percussão, que se tornara parte do seu quotidiano.

– Por ali – disse Jamie Campbell, apontando, e os três seguiram um vago trilho que descia pela encosta através das árvores. Os três sorriam de excitação. O dia estava cinzento e, a sudoeste, caíam uns borrifos de chuva.

O trilho levava ao istmo pantanoso que ligava a península de Maja-bigwaduice ao continente. Jamie, o mais velho dos irmãos e o líder reconhecido dos três,

não queria chegar ao istmo, esperava antes encontrar um caminho que fosse pelo declive florestado, acima do pântano. Os rebeldes patrulhavam aquele sítio. Ele vira-os lá. Por vezes, a companhia do Capitão Caffrae ia para a mesma zona e emboscava a patrulha rebelde, ou então troçava dos Americanos com música de flauta e zombarias. Naquela tarde, porém, o bosque acima do pântano parecia vazio. Os três acocoraram-se junto aos arbustos e olharam para ocidente na direção das linhas inimigas. Para a direita, as árvores eram mais esparsas, enquanto para a frente havia uma pequena clareira, na qual borbulhava uma nascente.

– Nem viva alma, aqui – resmungou Mackenzie.

– Eles vêm aqui – disse Jamie. Tinha dezanove anos, olhos escuros, cabelo preto e o rosto vigilante dos caçadores.

– Atenção ao declive – disse ele ao irmão, – não queremos que o sacana do Caffrae nos descubra.

Esperaram. Os pássaros, agora acostumados tanto aos tiros dos canhões como às tropas, cantavam asperamente nas árvores. Um pequeno animal, estranhamente listado, esvoaçou pela clareira. Jamie Campbell acariciou a coronha do mosquete. Adorava o seu mosquete. De tal modo tratava a coronha com óleo e graxa, que ela estava macia como seda, e a carícia nas curvas escuras da arma trouxe-lhe à cabeça a viúva do Sargento em Halifax. Sorriu.

– Ali! – sussurrou o seu irmão Robbie.

Tinham surgido quatro rebeldes do outro lado da clareira. Usavam casacas castanhas lisas, calças de xadrez e chapéus, e exibiam cintos, bolsas e bainhas de baioneta. Três deles carregavam dois baldes cada um, o quarto levava um mosquete nas mãos. Seguiram, a bambolear, até à nascente e baixaram-se para encherem os baldes.

– Agora! – disse Jamie, e os três mosquetes chamejaram ruidosamente. Um dos homens que estavam na nascente foi atirado para o lado e o seu sangue cintilou, vermelho, na chuva cinzenta. O quarto rebelde disparou contra o fumo que surgira entre as árvores, mas Mackenzie e os irmãos Campbell corriam já, gritando e rindo.

Era um desporto. O General proibira-o e ameaçara com um castigo claro quem deixasse as linhas para disparar contra o inimigo sem autorização, mas os jovens escoceses adoravam o risco. Se os rebeldes não iam ter com eles, iriam eles ter com os rebeldes, quisesse o General ou não. Agora, a única coisa que precisavam de fazer era voltar a salvo para as tendas sem terem sido descobertos.

Depois, no dia seguinte, iriam outra vez.

Samuel Adams chegou já tarde ao quartel-general do Major-General Horatio Gates, em Providence, Rhode Island. Acumulavam-se nuvens intumescidas e para oeste já se ouviam trovões. Estava quente e húmido e Adams foi introduzido numa saleta, onde, apesar das janelas abertas, não havia sinal de uma brisa aliviadora. Limpou o rosto com um grande lenço às bolas.

– Toma um chá? – perguntou um pálido tenente do exército continental.

– Cerveja – disse Samuel Adams firmemente.

– Cerveja?

– Cerveja – disse Adams ainda com maior firmeza.

– O General Gates vem ter consigo imediatamente – disse o Tenente fria e, suspeitou Adams, inexactamente, depois desapareceu nas regiões baixas da casa.

Trouxeram a cerveja. Era amarga, mas bebível. Os trovões atroaram mais ruidosamente, embora não chovesse e não soprasse ainda qualquer vento através das janelas de guilhotina abertas. Adams perguntou-se se estaria a ouvir o ruído dos canhões a massacrarem os Britânicos em Newport, mas todas as informações diziam que as tentativas de expulsar aquela guarnição não tinham sido eficazes e pouco depois o longínquo clarão de um relâmpago confirmava que, de facto, se tratava de trovões. Um cão uivou e uma mulher levantou a voz, em fúria. Samuel Adams fechou os olhos e dormitou.

Foi acordado pelo som de botas cardadas no chão de madeira da entrada. Pôs-se de pé ao mesmo tempo que o Major-General Gates entrava na saleta.

– Veio de Boston, Senhor Adams? – lançou o General como cumprimento.

– Vim, com efeito.

Apesar do calor, Gates trazia um sobretudo que, naquele momento, atirou para o Tenente.

– Chá – disse ele, – chá, chá, chá.

– Muito bem, sua excelência – disse o Tenente.

– E chá para o Senhor Adams!

– Cerveja! – corrigiu Adams, mas o Tenente já se fora.

Gates tirou a espada embainhada que usava sobre o uniforme do exército continental e atirou-a para cima de uma mesa onde se amontoavam papéis.

– Como estão as coisas em Boston, Adams?

– Fazemos o trabalho do Senhor – disse Adams suavemente, embora a ironia tivesse escapado inteiramente a Gates. O General era um homem alto, uns anos mais novo do que Samuel Adams que, depois da sua longa cavalgada desde Boston Post Road, sentia cada um dos seus cinquenta e sete anos. Gates fixou os papéis que jaziam sob a sua espada. Ele era, pensou Adams, um homem muito dado a olhar fixamente. O General tinha uma enorme papada e uma peruca empoeirada que não era suficientemente grande para esconder os cabelos grisalhos. O suor escorria-lhe do interior da cabeleira.

– E como passa o senhor, nesta graciosa ilha? – perguntou Adams.

– Ilha? – perguntou Gates, olhando desconfiado para o seu visitante.

– Ah, Rhode Island. Que nome idiota. É tudo culpa dos Franceses, Adams, dos Franceses. Se os malditos Franceses tivessem mantido a palavra, teríamos expulsado o inimigo de Newport. Mas os Franceses, que ardam no inferno, não trouxeram os navios. Malditos lambe-cus, todos eles.

– Ainda assim, são os nossos prezados aliados.

– Isso também os malditos Espanhóis são – disse Gates depreciativamente.

– Como os malditos Espanhóis são – concordou Adams.

– Lambe-cus e papistas – disse Gates, – que tipo de aliados são esses, hã? – Sentou de frente para Adams, com as suas pernas compridas esparramadas no tapete desbotado. As solas das suas botas estavam empastadas com lama e

bosta de cavalo. Cruzou os dedos e fitou o visitante.

–Que o traz a Providence? – perguntou ele.

–Não, não me diga ainda. Em cima da mesa. Sirva-nos.

–As últimas cinco palavras foram dirigidas ao Tenente pálido, que colocou o tabuleiro em cima da mesa e, depois, em estranho silêncio, serviu duas chávenas.

–Agora pode ir – disse Gates ao infeliz Tenente.

–Um homem não pode viver sem chá – declarou ele a Adams.

– Uma bênção do império britânico? – insinuou maliciosamente Adams.

– Trovões – disse Gates, reparando no ribombar que se ouviu sonoramente – mas não chegam aqui. Ao fim do dia desaparecem.

–Sorveu o chá ruidosamente.

–Tem muitas notícias de Filadélfia? –Não se lê pouco, nas notícias.

– Estamos a engonhar, a adiar, a perder tempo. Precisamos de muito mais energia, Adams.

– Estou certo de que vossa excelência tem razão – disse Adams, seguindo a expressão que o Tenente utilizara para se dirigir ao General. Gates tinha a alcinha de «Avozinho», embora Adam pensasse que era demasiado simpática para um homem tão suscetível e cioso da sua dignidade. O Avozinho nascera e crescera em Inglaterra e servira no exército britânico durante muitos anos, antes de a escassez de dinheiro, a promoção lenta e uma mulher ambiciosa o terem levado a estabelecer-se na Virgínia. A sua insofismável competência como administrador valeu-lhe um alto posto no exército continental, mas não era segredo para ninguém que Horatio Gates pensava que a sua patente deveria ser ainda mais elevada. Desprezava abertamente o General Washington, acreditando que a vitória apenas seria alcançada quando o comando dos exércitos continentais fosse entregue ao Major-General Horatio Gates.

–E que esforço sugere vossa excelência que façamos? – perguntou Adams.

– Bem, não é nada bom ter de ficar em Nova Iorque, sentado em cima deste rabo grande a olhar para o inimigo – disse Gates energicamente, – nada bom mesmo!

Adams rodou as mãos num gesto que poderia significar concordância. Quando pousou as mãos de novo no colo, viu o ligeiro tremor dos seus dedos. Aquilo não iria desaparecer. Era a idade, supunha ele, e suspirou para dentro.

– O Congresso tem de recuperar a sensatez – afirmou Gates.

– O Congresso, claro, presta muita atenção aos sentimentos do Massachusetts – disse Adams, fazendo oscilar uma enorme cenoura diante da ávida boca de Gates. O General queria que o Massachusetts pedisse a demissão de George Washington e a nomeação de Horatio Gates como comandante do exército continental.

– E você concorda comigo? – perguntou Gates.

– Como poderia eu discordar de um homem com a sua experiência militar, General?

Gates ouviu o que queria ouvir, naquela resposta. Pôs-se de pé e serviu-se de mais chá.

- Então, o Estado do Massachusetts quer a minha ajuda? – perguntou ele.
- E eu nem cheguei a declarar o meu propósito – disse Adams, com admiração fingida. – Não é difícil de perceber, pois não? Enviou os seus paineleiros para a baía de Penobscot e eles não conseguem fazer o trabalho.
- Virou o rosto trocista para Adams.
- Sam Savage escreveu para me dizer que os Britânicos se tinham rendido. Não é verdade, hein? – Não é verdade, ai de mim – disse Adams, suspirando.
- A guarnição parece ser uma noz mais difícil de quebrar do que se supunha.
- McLean, certo? Um homem competente. Não brilhante, mas competente. Quer mais chá?
- Chega tão perfeitamente quanto é delicioso – disse Adams, tocando com um dedo na chávena intocada.
- Você enviou a sua milícia. Quantos eram?
- O General Lovell comanda cerca de um milhar de homens.
- Que quer ele?
- Tropas regulares.
- Ah, ah! Quer soldados a sério, é isso? – Gates bebeu a segunda chávena de chá, serviu uma terceira e voltou a sentar-se.
- Quem paga?
- O Massachusetts – disse Adams. Só Deus sabia a fortuna que o Massachusetts já gastara na expedição, mas parecia que era agora necessário que outra fortuna fosse gasta, e ele rezou para que o Brigadeiro-General McLean tivesse uma grande arca de tesouro escondida no seu forte de brincar ou a dívida do Estado seria devastadora.
- As razões e o transporte – insistiu Gates, – ambas têm de ser pagas!
- Com certeza.
- E como fará chegar as minhas tropas ao rio Penobscot?
- Há navios em Boston – disse Adams.
- Deviam ter-me pedido isso há um mês – disse Gates.
- Devíamos, com efeito.
- Mas suponho que o Massachusetts quer os louros da batalha para si, há? Adams inclinou a cabeça suavemente, indicando assentimento, tentou imaginar este inglês irascível, suscetível e rancoroso numa carga do exército continental e ficou profundamente grato a George Washington.
- Tenente! – bradou Gates.
- O pálido Tenente apareceu à porta. – Vossa excelência?
- Os meus cumprimentos ao Coronel Jackson. Os homens dele deverão marchar para Boston ao romper do dia. Marcham com armas, munições e ração para um dia. Esta noite serão enviadas mais ordens. Diga ao Coronel que guarde uma lista detalhada, note bem, detalhada, de todas as despesas. Vá.
- O Tenente foi.
- Não é bom adiar – disse Gates a Adams.
- Henry Jackson é um bom homem e o seu regimento é dos melhores que tenho visto. Eles acabarão com o disparate do McLean.
- É muito atencioso, General – disse Adams.
- Nada atencioso, eficaz. Temos uma guerra para ganhar! Não é bom enviar

lambe-cus e paneiros para fazerem trabalho de soldados. Dá-me a honra de jantar comigo?

Samuel suspirou para dentro perante a perspectiva, mas a liberdade tinha o seu preço.

— Será um distinto privilégio, vossa excelência — disse ele.

Porque, finalmente, um regimento de soldados americanos treinados iam para a baía de Penobscot.

Carta do Brigadeiro-General Lovell para o Comodoro Saltonstall, de 5 de agosto de 1779:

Avancei tanto quanto Posso com o presente plano e achei-o pouco eficaz para o propósito de desalojar ou destruir os Navios tendo por conseguinte de pedir uma resposta sua quer você se decida a enviar o seu Navio Rio acima para destruí-los ou não para que Eu possa agir em concordância.

Das Atas do Conselho de Guerra do Brigadeiro-General Lovell, Majabi-gwaduce, 11 de agosto de 1779:

Grande necessidade de Disciplina e Obediência sendo muitos dos Oficiais extremamente negligentes nos seus Deveres, os Soldados tão avessos ao Serviço e o bosque no qual montámos acampamento tão denso que em situação de alerta ou em alguma ocasião especial quase um quarto do Exército foge ao dever e esconde-se.

Do Diário do Sargento Lawrence, Artilharia Real, Forte George, Majabi-gwaduce, 5 de agosto e 12 de agosto de 1779:

O General ficou muito surpreendido por ver tantos Homens deixarem hoje o Forte para dispararem tiros contra o Inimigo sem licença. Ele garante que qualquer um que seja Culpado disso outra vez será muito severamente punido por desobediência às ordens.

Quarta-feira, 11 de agosto, amanheceu com um nevoeiro espesso e um ar parado. Pequenas ondas batiam sem ânimo nos rochedos do porto, onde uma gaivota gritava. Peleg Wadsworth, de pé em Dyces Head, não conseguia ver nem o forte, nem os navios inimigos. O nevoeiro esvaziara o mundo. Também os canhões não disparavam porque o manto branco ocultava os alvos, tanto dos rebeldes como dos homens do Rei.

O Coronel Samuel McCobb trouxera para o prado que havia mesmo por baixo de Dyces Head duzentos homens da sua Milícia do Condado de Lincoln. Eram os mesmos homens que tinham fugido da bateria de Half Moon e agora esperavam pelo General Lovell, que decidira enviá-los de novo para a bateria.

– Se cair de um cavalo – perguntara Lovell a Peleg Wadsworth na noite anterior, – que faz?

– Volto a subir para a sela?

– É o que eu sinto, é o que eu sinto – declarou Lovell. O General, que dois dias antes entrara em desespero, aparentemente voltara a subir para a sua sela da confiança.

– Limpa o pó – dissera Lovell – e trepa outra vez para cima dela! Os nossos camaradas precisam que lhes mostrem que podem bater o inimigo.

James Fletcher estava à espera, com Peleg Wadsworth. Fletcher guiaria os homens de McCobb até ao milheiral de Jacob Dyce, que ficava a meio da encosta, cerca de cem metros acima da bateria agora deserta. Lá, a milícia esconder-se-ia. Era uma armadilha concebida por Lovell, que estava seguro de que McLean não seria capaz de resistir ao engodo. Wadsworth instara com Lovell para atacar o forte diretamente, mas o General insistira que os homens de McCobb precisavam de ser encorajados.

– Precisam de uma vitória, Wadsworth – afirmara Lovell.

– Precisam, realmente, meu General.

– Como as coisas estão – admitira Lovell com uma fraca honestidade, – não estamos preparados para atacar o forte, mas se a confiança da milícia for restaurada, se o fervor patriótico for excitado, creio que não haverá nada que eles não possam realizar.

Peleg Wadsworth esperava que aquilo fosse verdade. Chegara uma carta de Boston a avisar que uma frota de navios de guerra britânicos deixara o porto de Nova Iorque, e supunha-se, embora ninguém soubesse ao certo, que o seu destino era a baía de Penobscot. Não havia muito tempo. Era possível que a frota inimiga fosse para qualquer outro sítio, para Halifax ou talvez para as Carolinas, ao longo da costa, mas Wadsworth estava preocupado pelo facto de um dia qualquer ver o topo dos mastros aparecerem sobre as ilhas do lado do mar, no rio Penobscot. Alguns dos homens instavam já para que o cerco fosse abandonado, mas Lovell não estava disposto a contemplar o fracasso, e em vez disso queria que a sua milícia obtivesse uma pequena vitória que conduziria a um triunfo maior.

E, assim, fora arquitetada aquela emboscada. McCobb deveria levar os seus

homens até ao esconderijo que o milheiral constituía, de onde enviaria uma pequena patrulha para ocupar a bateria abandonada. Esses homens levariam picaretas e pás, de modo a que parecesse que iam fazer um novo parapeito virado para os Britânicos, um desafio que Lovell estava certo de que provocaria uma reação de Forte George. McLean enviaria homens para expulsarem a pequena patrulha e a emboscada seria ativada. Quando os Britânicos atacassem os homens que aumentavam o paredão, os homens de McCobb irromperiam do milheiral e atacariam o inimigo pelo flanco.

– Deem-lhes uma boa saraivada – Lovell encorajara McCobb na noite anterior, – depois expulsem-nos na ponta das baionetas. Balas e baionetas! Isso bastará.

O General Lovell surgia agora do nevoeiro matinal.

– Bom-dia, Coronel! – gritou o General, animadamente.

– Bom-dia, meu General – respondeu McCobb.

– Bom-dia, bom-dia, bom-dia! – gritou Lovell para os homens reunidos, que na sua maioria o ignoraram. Um ou dois retribuíram o cumprimento, embora nenhum com grande entusiasmo.

– Os seus homens estão animados? – perguntou o General a McCobb.

– Prontos e entusiasmados com o que o dia nos trará, meu General – respondeu McCobb, embora, na verdade, os seus homens tivessem um ar esfarrapado, taciturno e desanimado. Os dias de acampamento no bosque tinham-nos deixado imundos e a chuva apodrecera-lhes as solas dos sapatos de couro, embora as armas estivessem razoavelmente limpas. McCobb inspecionara as armas, verificando as pedrneiras, retirando as baionetas das bainhas ou metendo um dedo no cano para se assegurar de que não havia resíduos de pólvora agarrados ao metal.

– Vão encher-nos de orgulho, meu General – disse McCobb.

– Esperemos que o inimigo faça a sua parte! – declarou Lovell. Ergueu os olhos.

– O nevoeiro está a levantar?

– Um pouco – disse Wadsworth.

– Então, deve ir, Coronel, mas primeiro deixa-me dizer uma palavra ou duas aos homens?

Lovell queria inspirá-los. Sabia que o ânimo era perigosamente reduzido, ouvia relatos diários sobre homens que desertavam das linhas ou que se escondiam no arvoredo para se furtarem aos seus deveres, pelo que enfrentou os homens de McCobb e disse-lhes que eram Americanos, que os seus filhos e os filhos dos seus filhos quereriam saber da proeza que tinham realizado, que deveriam regressar a casa com louros sobre a testa. Alguns homens assentiam enquanto ele falava, mas a maior parte escutou com um rosto inexpressivo, à medida que Lovell avançava em direção a um clímax planeado.

– Deixem os tempos vindouros dizerem – afirmou com floreios de orador – que aqui se ergueram como homens inspirados, que aqui lutaram, e a lutar alguns tombaram, e os outros permaneceram vitoriosos, firmes, inflexíveis!

Interrompeu-se abruptamente, como se esperasse ouvir um grito de aclamação, mas os homens apenas o fitaram com um olhar vazio, e Lovell, desconcertado, fez um gesto para que McCobb os levasse pela colina abaixo.

Wadsworth observou-os a passarem.

– Acho que correu muito bem – disse Lovell a Wadsworth, – não acha?

– O seu discurso, meu General? Foi animador.

– Apenas uma forma de se lembrarem dos seus deveres e do nosso destino – disse Lovell. Observou os últimos milicianos a desaparecerem no nevoeiro.

– Quando o dia clarear – continuou ele, – poderia tratar das novas baterias?

– Sim, meu General – disse Wadsworth, sem entusiasmo. Lovell queria que ele estabelecesse novas baterias de canhões que pudessem bombardear os navios britânicos. Essas novas baterias, insistia agora Lovell, eram a chave para o sucesso do exército, mas a ideia fazia pouco sentido para Wadsworth. Construir mais baterias desviaria os canhões da sua missão primordial de disparar contra o forte, e, além disso, os artilheiros tinham já avisado Lovell de que havia poucas munições. As balas de seis quilos estavam praticamente esgotadas e havia menos de duas centenas de projéteis para dividir pelos canhões de nove quilos. O Coronel Revere era acusado de ser o culpado por essa escassez de pólvora e balas, mas, com toda a franqueza, toda a gente esperara que, após a chegada da frota, os Britânicos fossem derrotados numa semana, e o exército estava acampado diante do Forte George havia quase três semanas. Havia mesmo falta de cartuchos para mosquetes porque as munições de reserva não tinham sido adequadamente protegidas da chuva. O General McLean, pensou Wadsworth amargamente, nunca teria permitido que os seus cartuchos se deteriorassem. O encontro com o escocês perturbara-o. Era estranho sentir uma tal simpatia pelo inimigo, e o ar de confiança de McLean minara as esperanças de Wadsworth.

Lovell notara a falta de entusiasmo na voz de Wadsworth.

– Temos de nos ver livres daqueles navios – disse ele, vigorosamente. O topo dos mastros dos quatro navios britânicos eram agora visíveis acima do nevoeiro e Wadsworth olhou, instintivamente, para sul, por onde temia que os reforços do inimigo chegassem, mas a foz do Penobscot estava totalmente coberta de nevoeiro.

– Se nós conseguirmos estabelecer aquelas novas baterias – continuou Lovell, mais a falar como se se dirigisse a uma assembleia de eleitores do que a fazer confiança no seu vice, – podemos causar tais danos ao inimigo que o Comodoro se sentirá à-vontade para entrar no porto.

Wadsworth teve uma vontade súbita de cometer um homicídio. A responsabilidade da captura do forte não era de Saltonstall, e a única coisa que Lovell fazia era estabelecer essa obrigação.

O sentimento violento foi tão estranho para Peleg Wadsworth que, por um instante, não disse nada.

– Meu General – disse ele, por fim, dominando o impulso para ser mordaz, – os navios não são capazes...

– Os navios são a chave! – contradisse-o Lovell, antes mesmo de a objeção ter sido articulada.

– Como posso eu fazer avançar os meus homens se os navios estiverem no seu flanco? – Facilmente, pensou Wadsworth, mas sabia que iria chegar a lado nenhum se o dissesse.

–E se o Comodoro não me livra dos navios – continuou Lovell, – teremos de ser nós próprios a fazê-lo. Mais baterias, Wadsworth, mais baterias.

–Ele espetou um dedo na direção do segundo comandante.

–E essa a sua missão hoje, General, colocar mais canhões no terreno.

Era claro para Wadsworth que Lovell faria qualquer coisa em vez de atacar o forte. Mordiscaria as bordas, mas nunca se atreveria a morder o centro. O velho receava fracassar no grande empreendimento, por isso procurava êxitos de menor dimensão, e, ao fazê-lo, arriscava-se a ser derrotado, se os reforços britânicos chegassem antes de virem tropas americanas. Porém, Lovell não seria persuadido a mostrar mais coragem, pelo que Wadsworth esperou que o nevoeiro se dissipasse, depois foi até à praia, onde encontrou o Capitão Fuzileiro Carnes de pé entre dois grandes caixotes. Os canhões, lá no alto, tinham recommençado a disparar e Wadsworth conseguia ouvir o som mais distante dos canhões britânicos a responderem ao fogo.

– Munições de seis quilos – saudou Carnes animadamente Wadsworth, apontando para os caixotes, – por cortesia da Warren.

– Precisamos delas – disse Wadsworth, – e obrigado.

Carnes fez um aceno para o escaler, que estava na praia.

– Os meus camaradas estão a levar as primeiras caixas lá para cima para as baterias, e eu fiquei de guarda ao resto, para ter a certeza de que nenhum corsário patife as rouba.

–Deu um pontapé nos seixos.

–Ouvi dizer que os seus milicianos planeiam surpreender o inimigo?

– Espero que o inimigo não tenha ouvido dizer isso – disse Wadsworth.

– O inimigo está provavelmente contente por não fazer nada – disse Carnes – enquanto nós giramos os polegares.

– Fazemos mais do que isso – disse Wadsworth, contendo-se perante a crítica implícita, com a qual, para ser honesto, ele concordaria.

– Deveríamos estar a atacar o forte – disse Carnes.

– Deveríamos, sem dúvida.

Carnes olhou astutamente para o outro homem, mais alto.

– Acha que a milícia consegue fazê-lo, meu General?

– Se lhes disserem que o caminho mais rápido para casa passa pelo forte, sim. Mas gostaria que alguns fuzileiros fossem à frente.

Carnes sorriu.

– E gostaria que a sua artilharia concentrasse o fogo.

Wadsworth lembrava-se da visão próxima que tivera da parede ocidental de Forte George e sabia que o fuzileiro tinha razão. Pior, Carnes fora oficial de artilharia do exército continental e, por isso, sabia do que estava a falar.

– Falou sobre isso com o Coronel Revere? – perguntou ele.

– Não se pode falar com o Coronel Revere, meu General – disse Carnes, acidamente.

– Talvez devamos falar ambos com ele – disse Wadsworth, por muito que tivesse pavor de uma tal conversa. O Tenente-Coronel Revere reagia agressivamente à crítica, porém, se as munições remanescentes devessem ser usadas cautelosamente, os canhões tinham de ser sabiamente posicionados.

Wadsworth, pela sua parte, sentia uma pontada de culpa por ter indicado Revere para participar da expedição, depois abafou os pensamentos de arrependimento. Já se espalhara demasiada censura por toda a expedição, a marinha troçava do exército, e quase todos se queixavam da artilharia.

– Podemos falar com ele – disse Carnes, – mas com o devido respeito, meu General, faria melhor se o substituísse.

– Oh, certamente que não – disse Wadsworth, tentando desviar a conversa depreciativa que se aproximava.

– Observa o fogo a mais de duzentos metros dos canhões – disse Carnes – e considera que um tiro é bom desde que atinja o forte. Não o vi corrigir a pontaria uma só vez! Disse-lhe que deveria disparar sobre o mesmo lançamento de muralha com todos os canhões disponíveis, mas disse-me apenas para deixar de ser impertinente.

¹A chama era obtida produzindo uma faísca sobre linho (ou algodão) carbonizado. [N.T.]

– Ele é espinhoso – disse Wadsworth, com simpatia.

– Ele já não acredita – replicou Carnes, debilmente.

– Duvido disso – disse Wadsworth, lealmente.

– Ele detesta os Britânicos.

– Então bem poderia matá-los – disse Carnes, com rancor, – mas ouço dizer que ele vota pelo abandono do cerco nos vossos Conselhos de Guerra.

– Tal como o seu irmão – disse Wadsworth, sorrindo.

Carnes arreganhou os dentes num sorriso.

– General, o John não tem medo de perder o navio! Mas não faz dinheiro ancorado neste rio. Quer levar o Hector para o mar e pôr as mãos nos carregamentos britânicos. Que tem o Coronel Revere a perder se ficar?

– Não esperou pela resposta, mas indicou com um aceno da cabeça para o ancoradouro, onde a barcaça branca de Castle Island acabara de deixar o Samuel.

– Falai no diabo – disse ele, sombriamente. O Tenente-Coronel Revere devia ter obedecido à ordem para dormir em terra, mas continuava a visitar o Samuel duas ou três vezes por dia e, naquele momento, estava obviamente a ser levado para terra após uma dessas visitas.

– Vai ao Samuel tomar o pequeno-almoço – disse Carnes.

Wadsworth permaneceu em silêncio.

– Depois vai novamente para jantar – continuou Carnes, implacavelmente.

Wadsworth continuou sem dizer nada.

– E habitualmente também para cear – disse Carnes.

– Preciso de um barco – disse Wadsworth bruscamente, tentando evitar um maior rol de críticas – e estou certo de que o Coronel corresponderá ao que é necessário.

– Havia, habitualmente, meia dúzia de escaleres na praia de seisos, cujas tripulações dormitavam acima da linha de maré-cheia, mas, agora, o único

barco que estava na praia era o que trouxera Carnes e as munições, e os remadores transportavam essas munições para o cimo da falésia; assim, Wadsworth caminhou para onde a barça de Revere aportaria.

– Bom-dia, Coronel! – gritou ele, quando Revere se aproximou.

– Tem munições de seis quilos acabadas de chegar!

– McCobb já foi? – foi a resposta de Revere.

– Foi, com efeito, há hora e meia.

– Deveria ter levado com ele uma peça de setenta e cinco – disse Revere. O seu barco deslizou pelos seixos e ele saiu pela frente caminhando sobre os bancos dos remadores.

– Receio que seja tarde de mais, agora – disse Wadsworth, estendendo a mão para que Revere se equilibrasse ao saltar por cima da proa. Revere ignorou o gesto.

– Vai agora ficar em terra por algum tempo? – perguntou Wadsworth.

– Claro – disse Revere, – tenho trabalho para fazer aqui.

– Então não se importa que eu utilize o seu barco? Preciso de ir a Cross Island. Revere refreou-se, perante o pedido.

– Esta barça é para uso da artilharia! – disse ele, indignadamente,

– não pode ser cedida a outras pessoas.

Wadsworth quase não acreditava no que acabara de ouvir.

– Não ma empresta, para minha utilização, por cerca de uma hora?

– Nem por um minuto – disse Revere, terminantemente.

– Tenha um bom dia.

Wadsworth observou o Coronel a afastar-se.

– Se esta guerra durar mais vinte anos – disse ele, expressando por fim a sua amargura, – não servirei com aquele homem nem mais um dia!

– A minha tripulação estará de volta em breve – disse o Capitão Carnes. Tendo ouvido à distância a observação de Wadsworth, sorria.

– Pode usar o meu barco. Onde vamos?

– Para o canal a sul de Cross Island.

Os fuzileiros de Carnes levaram Wadsworth e o Capitão a remo para sul pelo canal que havia por trás de Cross Island. Essa ilha era uma de um colar de ilhas e ilhéus que ligavam uma enseada à parte sul do porto de Majabigwadu. Um istmo estreito separava a enseada do porto e Wadsworth desembarcou nessa faixa pedregosa, onde desdobrou o mapa tosco que James Fletcher desenhara a seu pedido. Apontou sobre as águas calmas do porto mais interior de Majabigwadu para a praia oriental, coberta por denso arvoredo.

– Um homem chamado Haney cultiva terra ali – disse ele a Carnes

– e o General Lovell quer lá uma bateria.

Uma bateria nas terras de Haney massacraria os navios britânicos de leste. Wadsworth subiu a um dos outeiros íngremes e repleto de vegetação que estavam espalhados pelo istmo e, uma vez lá no topo, utilizou o potente telescópio do Capitão Carnes para observar o inimigo. Começou por examinar os quatro navios britânicos. O mais próximo era o transportador, Saint Helena, que se agigantava junto das corvetas, mais pequenas, embora esses navios

mais pequenos estivessem de longe mais bem fornecidos de armas. As portinholas viradas para leste estavam fechadas, mas Wadsworth achou que não havia armas escondidas por trás daquelas placas de madeira quadradas. Os rebeldes tinham visto marinheiros britânicos a levarem canhões para terra e o veredicto fora que o Capitão Mowat oferecera os canhões do costado de bombordo para a defesa do forte. Se Wadsworth necessitasse de alguma confirmação dessa suspeita, teve-a ao ver que as corvetas estavam muito ligeiramente tombadas para estibordo. Deu o telescópio a Carnes e pediu-lhe para examinar os navios.

– Tem razão, meu General – disse o fuzileiro, – eles estão a ademar.

– Armas apenas de um lado?

– Isso explicaria o facto.

Assim, os canhões colocados nas terras de Haney não teriam qualquer oposição, pelo menos até Mowat conseguir mudar algumas peças dos costados virados a oeste. Fossem postos canhões nas terras de Haney e os rebeldes ficariam apenas a menos de mil metros das corvetas, uma distância a que os de nove quilos seriam letais.

– Mas como pomos lá homens e armas? – perguntou-se Wadsworth em voz alta.

– Do mesmo modo que viemos para aqui, meu General – disse Carnes.

– Levamos os barcos através desta faixa de terra e depois pomos-as de novo na água.

Wadsworth sentiu uma raiva surda pelo estúpido desperdício de energias. Seriam precisos duzentos homens e dois dias para fazer a bateria nas terras de Haney, e depois? Mesmo se os navios britânicos fossem afundados ou tomados, isso tornaria a conquista do forte mais fácil? Era verdade que os navios americanos poderiam entrar seguramente no porto e poderiam disparar as suas peças contra o forte, mas que estragos poderiam fazer os seus costados numa muralha tão acima deles?

Wadsworth assentou o telescópio sobre o Forte George. De início, não ajustou bem a secção central e ficou espantado por o forte parecer tão pequeno, depois desviou o olho da lente e viu que estava a ser construído um novo forte e que era essa segunda obra que ele estava a observar. O novo forte, mais pequeno do que o Forte George, ficava sobre a cumeada, para leste da obra maior. Assentou de novo o telescópio e viu oficiais navais, de casaca azul, ao passo que os homens que cavavam o solo não usavam qualquer uniforme.

– Marinheiros – disse ele em voz alta.

– Marinheiros?

– Estão a construir um novo reduto. Porquê?

– Estão a fazer um refugio – disse Carnes.

– Um refúgio?

– Se os navios forem derrotados, as tripulações irão para terra. É para onde elas irão.

– Porque não para o forte principal?

– Porque McLean quer uma construção exterior – disse Carnes.

– Observe o forte, meu General.

Wadsworth deslocou o telescópio para ocidente. Árvores e casas deslizaram pela lente, depois firmou esta para examinar o Forte George.

– Deus me abençoe – disse ele.

Olhava para a parede leste do forte, que estava escondida de todos que estivessem na elevação, para oeste. E aquele pano de muralha oriental estava inacabado. Ainda estava baixo. Wadsworth não viu nenhum canhão lá, apenas um pequeno monte de terra, que supôs ter uma vala do outro lado, mas a coisa importante, a coisa que fez com que a sua esperança renascesse e o coração lhe batesse mais depressa, foi que a muralha era ainda suficientemente baixa para ser facilmente escalada. Baixou a direção da lente, examinando a povoação com os seus milheirais, matagais, celeiros e pomares.

Se ele conseguisse chegar àqueles terrenos mais baixos, estava convencido de que conseguiria esconder os seus homens quer dos navios, quer do forte.

A bandeira arrogante que flutuava acima do forte ainda poderia ser arriada.

– McLean sabe que é vulnerável do lado leste – disse Carnes – e que aquele novo reduto o protege. Porá lá canhões.

– Ou fá-lo-á quando estiver acabado – disse Wadsworth, e era claro que o novo reduto estava longe de estar terminado. Deveríamos atacar por leste, pensou el e, porque é lá que os Britânicos são mais fracos.

Wadsworth apontou o telescópio para Dyces Head, mas os navios britânicos obstruíam a sua visão e não conseguiu ver nada da emboscada, se na verdade ela fora armada. Não havia fumo de pólvora no ar sobre a bateria abandonada. Wadsworth desviou de novo o telescópio para a direita para o fixar para além da ponta leste da península de Majabigwadu. Olhava para as terras que ficavam para norte da península. Fixou-as durante muito tempo e depois devolveu o telescópio a Carnes.

– Olhe para ali – apontou ele.

– Há um prado junto da margem. Conseguo ver lá uma casa mesmo acima dele. É a única casa que consigo lá ver.

Carnes assentou a lente.

– Consigo vê-la.

– A casa pertence a um homem chamado Westcot. O General Lovell também quer uma bateria lá, mas os canhões alcançarão os navios britânicos?

– Com balas de nove quilos, sim – disse Carnes, – mas é longe de mais para canhões mais pequenos. Devem ser mais de dois quilómetros, por isso precisará dos de nove quilos.

– O General Lovell insiste para que os navios sejam anulados – explicou Wadsworth – e a única forma de o fazer é afundá-los a tiro de canhão.

– Ou fazendo entrar os nossos navios no porto – disse Carnes.

– Isso acontecerá?

Carnes sorriu.

– O Comodoro está tão acima de mim, meu General, que nunca ouço nada do que ele diz. Mas se o senhor enfraquecer os navios britânicos? Acho que no fim ele acabará por entrar.

–Virou a lente para examinar as corvetas.

—Aquele corveta mais próxima de terra? Não tem parado de bombear os porões desde que chegámos. Afundar-se-á num instante.

— Então, construiremos as baterias — disse Wadsworth — e esperamos poder crivá-los de balas.

— E o General Lovell tem razão numa coisa, meu General — disse Carnes.

— Precisa de se ver livre dos navios.

— Os navios render-se-ão se conquistarmos o forte — disse Wadsworth.

— Sem dúvida — disse Carnes, — mas se chegar uma frota britânica com reforços, meu General, queremos que todos os nossos navios estejam no porto. Porque, nesse caso, as mesas ficavam viradas de pernas para o ar e seriam os Britânicos que teriam de abrir caminho por entre o fogo de canhão para atacar o porto, mas apenas se este estivesse nas mãos dos rebeldes, e a única forma de os Americanos conquistarem o porto era avançar e invadir o forte.

Era tudo tão simples, pensou Wadsworth, tão simples, e mesmo assim Lovell e o Comodoro estavam a tornar tudo tão complicado.

Wadsworth e Carnes foram levados de regresso para a praia, sob a falésia de Majabigwadu. A medida que o escaler passava pelos navios de guerra ancorados, Wadsworth olhava para sul, na direção do mar, de onde os reforços, fossem Americanos ou Britânicos, surgiriam.

E o rio estava vazio.

— Creio — McLean observava o sul com um telescópio — que é o meu amigo, o Brigadeiro Wadsworth.

— Estava a olhar para dois homens, um de casaca verde, que estavam na parte mais a sul do porto.

— Duvido que estejam a apanhar ar. Acha que ponderam a colocação de mais baterias?

— Seria sensato da parte deles, meu General — respondeu o Tenente Moore.

— Estou certo de que Mowat os viu, mas vou dizer-lhe.

— McLean baixou a lente e virou-se para ocidente.

— Se os patifes se atreverem a construir uma bateria na borda do porto, vamos fazê-los dançar uma alegre dança.

E que medidas aqueles bandidos estão a tomar? — Apontou para baixo, na direção da bateria de Half Moon, onde um grupo de rebeldes parecia estar a cavar uma vala. Era difícil de ver, porque a casa, o celeiro e o milheiral de Jacob Dyce estavam no caminho.

— Posso, meu General? — perguntou Moore, estendendo uma mão para o telescópio.

— Claro. Os seus olhos são mais frescos que os meus.

Moore olhou para os homens.

— Não estão a trabalhar com muito afinco, meu General — disse ele, depois de observar durante algum tempo. Seis homens estavam a cavar, enquanto os outros descansavam entre os restos da bateria.

— Então, o que estão a fazer?

— A tornar a bateria defensável, meu General.

— Mas se é isso que querem fazer — perguntou McLean, — porque não enviar uma centena de homens? Duas centenas! Três! Ergueriam uma barreira num

instante. Porquê enviar tão poucos homens?

Moore não respondeu porque não sabia a resposta. McLean pegou de novo no telescópio e utilizou o ombro do Tenente como apoio. Lançou um olhar rápido ao desanimado grupo de trabalhadores, depois ergueu a lente para observar o arvoredo de Dyces Head.

– Ah – disse ele, pouco depois.

– Ah, meu General?

– Está um grupo de homens na elevação. Não estão lá, habitualmente. Observam e esperam.

– Baixou o tubo do telescópio.

– Creio, Tenente, que o nosso inimigo nos preparou uma armadilha.

Moore sorriu.

– Acha mesmo?

– Que observam aqueles tipos? Não é possível que estejam ali para verem cavar uma vala! – McLean encolheu-se, quando olhou para ocidente. Um projétil de canhão voou-lhe sobre a cabeça. O som dos canhões era agora tão normal que ele mal dava por ele, embora registasse cuidadosamente o efeito do fogo rebelde, a maior parte do qual se perdia, e divertia McLean que o Capitão Fielding ficasse tão ofendido por isso. Como artilheiro, o capitão inglês esperava mais dos artilheiros inimigos, embora McLean ficasse encantado por os apontadores rebeldes serem tão perdulários. Se gastassem um minuto mais a dispor cuidadosamente cada ca-nhão, poderiam ter já destruído a parede ocidental de Forte George, mas pareciam ficar satisfeitos por disparar às cegas. Então, que faziam aqueles homens em Dyces Head? Estavam claramente a olhar na direção do forte, mas para ver o quê? E porque estariam tão poucos homens na bateria de Half Moon? – Estão ali para nos fazer sair – decidiu McLean.

– Os cavadores da vala?

– Querem que os ataquemos – disse McLean, – e porque queriam eles uma coisa dessas?

– Porque têm mais homens ali?

McLean assentiu. Considerava que metade da condução da guerra residia em saber ler a mente do inimigo, uma capacidade que o escocês trazia entranhada. Combatera na Flandres e em Portugal, passara toda uma vida a observar inimigos e a aprender a traduzir todos os seus pequenos movimentos, e a traduzir o que via sabendo que, muitas vezes, esses movimentos eram concebidos para enganar. A princípio, quando os rebeldes tinham chegado, McLean ficara perplexo com eles. Tinha estado tão perto de conquistar o forte, depois tinham-se decidido por um cerco em vez de uma invasão, e ele preocupara-se com a esperteza que se ocultava nessa tática, mas agora estava quase certo de que não havia qualquer esperteza. O inimigo era pura e simplesmente cauteloso, e a melhor maneira de o conservar assim era feri-lo.

– Estão a convidar-nos para dançar uma música rebelde, Tenente.

– E vamos declinar essa honra, meu General?

– Oh, bom Deus, não, não! Nada disso! – disse McLean, divertindo-se.

—Alguns lá em baixo, está um corpo muito maior de tropas inimigas. Acho que devemos avançar para o meio da sala com eles!

— Nesse caso, meu General, talvez...

— Quer dançar? — interrompeu McLean.

— Com certeza, Tenente.

— Era tempo de tirar a trela a Moore, decidira o General. O jovem ainda se culpava, e com razão, pela sua bravata estúpida no dia em que os rebeldes tinham conquistado a elevação, mas era tempo de dar a Moore a oportunidade de se redimir desse erro.

— Irá com o Capitão Caffrae — disse McLean — e vai dançar.

O Comodoro Saltonstall afirmou que seria responsável pela construção da bateria nas terras de Haney se o General Lovell estivesse disposto a enviar um par de canhões de nove quilos para a nova construção. Saltonstall não comunicou diretamente com Lovell, mas mandou Hoysteed Hacker, comandante da corveta continental Providence, fazer a oferta. Ele transmitiu o acordo de Lovell a Saltonstall e, assim, nessa tarde, oito escaleres largaram dos navios ancorados e foram para sul de Cross Island, desembarcando no delgado istmo. Os barcos transportavam mais de uma centena de marinheiros equipados com pás e picaretas, que carregaram, juntamente com os barcos, através do estreito gargalo de terra. Voltaram a pôr os barcos na água e remaram até chegarem ao lado este do porto de Majabigwaduce. Foram conduzidos pelo próprio Comodoro Saltonstall, que quis assentar, ele próprio, a nova bateria.

Descobriu o lugar perfeito para a bateria, um promontório apontado diretamente, como um dedo, aos navios britânicos e com espaço suficiente para dois canhões que massacrassem as corvetas britânicas.

— Cavem aqui — ordenou ele. Levantaria um parapeito à volta do promontório. Provavelmente, ele sabia-o, Mowat arrastaria peças pelo convés das corvetas para responder ao fogo, pelo que o parapeito precisaria de ser suficientemente alto e robusto para proteger os canhões.

Mowat estava obviamente atarefado porque Saltonstall via barcos a irem e virem constantemente entre as corvetas e terra. Estava a ser construído um novo forte, mais pequeno, a leste do Forte George, e Saltonstall suspeitava que iria servir para acrescentar poder de fogo às defesas do porto.

— Se trouxermos os nossos navios para aqui — disse ele ao seu Primei-ro-Tenente, — eles farão chover balas sobre nós.

— Pois farão, meu Comandante — disse lealmente o Tenente Fenwick.

Saltonstall apontou para a nova obra que os Britânicos estavam a fazer.

— Estão a pôr mais canhões lá em cima. Mal podem esperar para ter os nossos navios debaixo do fogo deles. É uma armadilha mortal.

— A menos que Lovell conquiste o forte, meu Comandante.

— Conquiste o forte! — disse Saltonstall sarcasticamente.

— Ele não conseguia capturar uma gota de mijo com um penico. O homem não passa de um maldito agricultor.

— Que estão eles a fazer? — Fenwick apontou para as corvetas britânicas, das quais estavam a largar quatro escaleres, cada um deles apinhado com

Fuzileiros Reais de casaca vermelha, dirigindo-se para nordeste, em direção ao rio Majabigwaduće.

– Não estão a vir nesta direção – disse Saltonstall.

– Suponho que poremos fuzileiros aqui, meu Comandante? – perguntou Fenwick

– Vamos precisar de pôr.

–A nova bateria estava isolada e, se os Britânicos o desejassem, poderia ser facilmente atacada. Porém, os canhões não teriam de ficar ali durante muito tempo. Sempre que o fogo rebelde escaldara, os navios britânicos tinham mudado de posição e Saltonstall estava convencido de que uma bateria ali, nas terras de Haney, e outra para norte levariam Mowat a alterar a sua posição atual. O escocês levaria as corvetas para norte, pelo canal estreito do rio Majabigwaduće ou procuraria refugio nos pontos mais a sul do porto, mas em qualquer desses sítios não seria capaz de apoiar o forte com os costados e, uma vez as corvetas afastadas, Saltonstall poderia considerar a entrada dos navios no porto e a utilização das suas peças para bombardear o forte que se erguia na cumeada. Mas apenas se Lovell atacasse ao mesmo tempo. Observou os Fuzileiros Reais a remarem calmamente pelo rio Majabigwaduće acima.

–Talvez à procura de alimentos? – calculou ele. Os barcos desapareceram por trás de uma ponta de terra distante.

Os marinheiros estavam com dificuldades porque o solo era ralo. O Comodoro, sentindo-se inquieto e aborrecido pelo trabalho enfadonho, encarregou o Tenente Fenwick de supervisionar o trabalho e caminhou por um trilho que ia dar a uma quinta. Era igualmente uma quinta miserável, pouco mais do que uma cabana coberta de líquenes com uma chaminé de pedra, um celeiro arruinado, alguns milheirais e um prado pedregoso com duas vacas magras, tudo aquilo arrancado à floresta. A pilha de lenha era maior do que a casa e o monte de bosta maior ainda. A chaminé fumegava, sugerindo que havia alguém dentro da casa, mas Saltonstall não tinha qualquer vontade de se pôr à conversa com um camponês pobre e sujo, pelo que evitou a casa, rodeando em vez disso a orla da pastagem das vacas e subindo na direção do topo da colina, para leste da casa, de onde, pensou ele, poderia obter uma boa visão do novo forte do inimigo.

Sabia que Solomon Lovell o censurava por não atacar os navios britânicos e essa censura fazia com que Saltonstall desprezasse Lovell. O homem era um agricultor do Massachusetts, não um soldado, e não tinha qualquer noção sobre questões navais. A Solomon Lovell tudo parecia muito fácil. Os navios americanos deveriam atravessar corajosamente a entrada do porto e utilizar os seus costados para destruir os navios inimigos, mas Saltonstall sabia o que aconteceria se ele tentasse fazer uma tal manobra. O vento e a maré levariam a Warren lentamente e as suas rodas de proa ficariam expostas a todas as peças de Mowat, os canhões do forte despejariam as suas balas pesadas sobre o seu casco e já escorreria sangue pelos embornais quando ele alcançasse vento e conseguisse que o seu próprio costado respondesse. Depois, era verdade, ele poderia submeter uma das corvetas e os outros navios rebeldes de

maior dimensão estariam lá para ajudar, mas mesmo se todos os navios britânicos fossem tomados, o forte continuaria a martirizar, lançando balas lá para baixo. E provavelmente balas aquecidas. McLean não era tolo e, naquele momento, deveria seguramente ter construído uma fôrnelha para aquecer as balas, e as balas incandescentes, alojadas nas madeiras de uma fragata, poderiam atear um incêndio que chegasse ao paiol e fazer com que a Warren explodisse, espalhando a sua preciosa madeira pelo porto.

Sendo assim, Saltonstall não tinha intenção de atacar, a não ser que o forte fosse alvo de um assalto terrestre simultâneo e o General Lovell não mostrava qualquer vontade de fazer uma tal ação invasiva. E não admirava, pensou o Comodoro, pois na sua opinião a milícia de Lovell era pouco mais do que ralé. Talvez, se chegassem soldados a sério, o ataque fosse possível, mas até um tal milagre se produzir, Saltonstall manteria a sua preciosa frota bem fora do alcance dos canhões inimigos. O Comodoro chegara, entretanto, ao ponto mais elevado da colina, onde tirou o telescópio do bolso da aba da casaca. Queria contar os canhões que havia no Forte George e procurar o tremeluzir provocado pelo calor, que denunciaria a existência de uma fôrnelha.

Ajustou a lente num abeto. Demorou um instante a focar e depois viu casacas vermelhas a deixarem o forte e a dispersarem-se pelo caminho até à povoação. Levantou o tubo para obter uma imagem do forte. A lente era potente, dando a Saltonstall uma visão aproximada de um canhão a disparar. Viu a carreta saltar e ser projetada para trás, viu o fumo irromper e observou os artilheiros a aproximarem-se da arma, prontos para a preparar para o disparo seguinte. Esperou que o ruído chegasse até ele.

Mas, em vez disso, ouviu tiros de mosquete.

Os homens do Capitão Caffrae não tinham deixado o forte juntos, em vez disso tinham ido para a povoação em pequenos grupos para que nenhum rebelde que estivesse a observar do ponto alto a oeste ficasse alertado para a colocação da companhia no terreno.

Caffrae reuniu-os junto da casa de Perkins, onde a recém-nascida Temperance estava a chorar. Inspecionou armas, disse aos seus dois tambores e três flautistas para manterem os seus instrumentos em silêncio, e depois levou a companhia para oeste. Mantiveram-se por caminhos que não podiam ser vistos de cima e assim chegaram a casa de Aaron Banks, onde um grande celeiro lhes providenciava esconderijo.

– Leve um piquete para o meio do milho – ordenou Caffrae a Moore – e não quero heroísmos, Senhor Moore!

– Vamos só observar – disse John Moore.

– Observar – confirmou Caffrae – e rezar, se quiser, mas não de olhos fechados.

Moore levou seis homens. Passaram o celeiro e um pequeno canteiro de nabos junto da casa. As duas lindas filhas de Aaron Banks, Olive e Esther, olharam-nos com olhos arregalados de uma janela, e Moore, vendo-as, colocou um dedo sobre os lábios. Olive sorriu e Esther acenou com a cabeça.

O piquete entrou no esconderijo que o milho oferecia.

– Proibido fumar – disse Moore aos seus homens, pois não queria que o fumo

dos cachimbos denunciasse a sua presença. Os homens baixaram-se e deslizaram para diante, fazendo os possíveis para não estragar os caules altos. Quando chegaram à orla ocidental do campo, ficaram quietos. A missão deles era observar quaisquer movimentos rebeldes que pudessem ameaçar os homens escondidos de Caffrae, embora por enquanto os rebeldes não mostrassem quaisquer sinais de energia. Moore via nitidamente dezasseis milicianos na bateria de Half Moon. Qualquer entusiasmo pela trincheira que tivessem mostrado desvanecera-se e estavam agora sentados em grupo dentro da antiga plataforma. Uns quantos estavam a dormir.

Para a esquerda de Moore ficava a casa de Jacob Dyce, ao passo que para a direita, uns cinquenta metros acima na encosta, estava o milheiral do holandês. À sua frente a comprida colina estendia-se, subindo até à falésia distante. Havia homens mesmo no seu topo, obviamente à espera de ver o que haveria de ocorrer na bateria. Os canhões rebeldes estavam ocultados entre as árvores, para lá do horizonte, mas o seu ruído martelava a tarde e o seu fumo esbranquiçava o céu.

Pouco depois, Jacob Dyce saiu de casa. Era um homem de meia-idade, magro, com uma barba de profeta. Levava na mão uma enxada que usava agora para schar feijões. Trabalhava lentamente, aproximando-se gradualmente, mas cada vez mais, do milheiral do seu vizinho.

– Os patifes estão no meu milho – disse ele subitamente sem levantar os olhos do que estava a fazer. Baixou-se para arrancar umas ervas.

– Há montes de patifes escondidos. Estão a ouvir-me? – disse ele, continuando sem olhar para Moore e os seus homens.

– Estou a ouvi-lo – disse Moore em voz baixa, – quantos são?

– Montes deles – disse o holandês. Dava golpes selvagens com a lâmina da enxada.

– Montes deles! São de duivelsgebroed! – Olhou de relance para onde Moore estava escondido.

– De duivelsgebroed! – disse ele outra vez, depois voltou lentamente para casa.

Moore enviou o Cabo MacRae, um homem de confiança, contar a Caffrae que os filhos do demónio estavam na verdade escondidos na encosta. Moore espreitou para o milheiral do holandês e pensou ver caules a mexerem-se, mas não podia ter a certeza. Caffrae veio, ele próprio, juntar-se a Moore e espreitar o milho.

– Os filhos da mãe querem apanhar-nos pelo flanco – disse ele.

– Se avançarmos – disse Moore.

– Oh, temos de avançar – disse Caffrae ferozmente, – por que outra razão estamos aqui?

– Podem estar trezentos homens ali escondidos – avisou Moore.

– Provavelmente não mais de uma centena, a precisar de uma boa tarefa.

Era aquela a tática do Brigadeiro McLean. Sempre que os rebeldes tentassem fazer uma manobra, tinham de ser atingidos tão duramente que o moral deles ficasse ainda mais em baixo. McLean sabia que os seus opositores eram na sua maioria milicianos e ele inculcara essa ideia na cabeça dos seus oficiais.

– Vós sois profissionais, sois soldados – dizia ele repetidamente – e eles não são. Façam com que eles vos temam! Pensem neles como voluntários.

–Na Grã-Bretanha havia soldados civis voluntários, amadores entusiásticos que, do ponto de vista de McLean, apenas brincavam aos soldados.

–Eles podem ter fuzileiros com eles – avisou Moore.

– Então damos-lhes uma sova também – disse Caffrae com confiança, – ou melhor, você dará.

– Eu darei?

– Eu trago a companhia para a frente e você comanda-a. Avance para a bateria, mas vigie a sua direita. Se estiverem ali, vão carregar sobre si, por isso rode quando puder, dê-lhes uma saraivada e contra-ataque.

O coração de Moore deu um salto. Sabia que McLean devia ter sugerido que Caffrae o deixasse comandar a companhia, e sabia também que aquela era a sua oportunidade para se redimir. Faz isto bem e serás perdoado pelos pecados cometidos no dia do desembarque dos rebeldes.

– Vamos fazer isto com muito barulho – disse Caffrae, – com tambores e gritos. Vamos fazer com que saibam que somos os galos deste monte de esterco.

O que poderia correr mal? Moore supunha que seria um desastre se o número de inimigos ascendesse a duas ou três centenas, mas o que McLean estaria a observar era se Moore demonstrava bom senso. A sua missão era atingir o inimigo, não ganhar a guerra.

– Tambores e gritos – disse ele.

– E baionetas – disse Caffrae com um sorriso.

–E divirta-se, Tenente. Eu trago os cães, e você pode fazer saltar a presa.

Era tempo de dançar.

Os mosquetes estavam perto, tão perto que Saltonstall deu um salto involuntário com o choque. Quase largou o telescópio.

No sopé da colina, entre ele e o porto, estavam casacas vermelhas. Corriam ordenados sem rigidez. Tinham obviamente disparado uma saraivada, pois o fumo ficara a flutuar atrás deles. Não tinham parado para recarregar, mas faziam agora seguir os disparos de uma carga de baioneta, e Saltonstall compreendeu que aqueles homens tinham de ser os Fuzileiros Reais que vira desaparecer no rio Majabigwadu. Pensara que deviam ter ido em busca de mantimentos para norte, mas em vez disso tinham desembarcado na margem leste do rio e depois caminhado para sul através da floresta, e agora expulsavam os homens que tinham estado a fazer a bateria nas terras de Haney. Davam vivas. A luz do Sol cintilava nas suas longas baionetas. Saltonstall vislumbrou os seus homens a fugirem para sul, depois os fuzileiros britânicos mais próximos viram o Comodoro no cimo da colina e meia dúzia virou na sua direção. Um mosquete disparou e a bala deslizou por entre as folhas.

Saltonstall fugiu. Desceu a colina para leste, saltando as partes mais íngremes, irrompendo pelos arbustos, correndo o mais depressa que podia. Um veado com uma pequena cauda branca correu à sua frente, alarmado com os gritos e os tiros. Saltonstall tropeçou num riacho, cortou para sul e

continuou a correr até encontrar um matagal denso. Sentia uma dor do lado esquerdo, ofegava, e acocorou-se entre as folhas escuras, tentando acalmar-se.

Os seus perseguidores estavam silenciosos. Ou tinham abandonado a caçada. Ouviram-se mais mosquetes, o seu estrelejar constituía um som inconfundível, mas agora pareciam mais distantes, o contraponto maligno do som grave dos grandes canhões para além do porto.

Saltonstall não se atreveu a mexer-se até começar a escurecer. Depois, sozinho, apenas acompanhado de uma nuvem de mosquitos, caminhou cautelosamente para oeste. Ia muito devagar, sempre alerta, embora quando chegou à orla do porto, viu que os casacas vermelhas tinham desaparecido todos.

E também os seus escaleres. Conseguia vê-los. Tinham todos sido capturados e levados para junto das corvetas inimigas. Os Britânicos nem se tinham dado ao trabalho de deitar abaixo o pequeno parapeito da nova bateria que os homens de Saltonstall tinham erguido. Sabiam que a podiam reconquistar quando quisessem e deixar lá o pequeno muro era um convite para os rebeldes voltarem e serem de novo caçados.

Saltonstall estava agora encalhado. O porto, cheio de inimigos, estendia-se entre ele e a sua frota, e não viria qualquer socorro. Não havia outra opção senão a de ir a pé. Recordava-se do mapa na camarinha da Warren e sabia que, se seguisse a orla do porto, devia ir ter, a uma dada altura, ao rio Penobscot. Uns oito ou nove quilómetros? Talvez dez, e a luz quase desaparecera por completo, os mosquitos banquetevam-se e o Comodoro sentia-se infeliz.

Começou a caminhar.

Para norte, para lá do gargalo de terra, Peleg Wadsworth descobrira uma plataforma de terras de pasto na quinta de Westcot. Não precisara de realizar quaisquer obras para defender o local, pois este era limitado por um declive abrupto que constituía uma suficiente defesa. Cinquenta milicianos, incitados e comandados pelo Capitão Carnes, dos fuzileiros, tinham arcado com o peso de um dos canhões de nove quilos do Coronel Revere, colocando-o a bordo de uma chata que fora levada a remos para norte. O canhão foi desembarcado e depois arrastado ao longo de quase dois quilómetros, através do arvoredado, até chegar à quinta. Houvera alguns momentos de preocupação quando, pouco depois de Wadsworth e Carnes terem descoberto o sítio, quatro escaleres cheios de fuzileiros britânicos tinham subido o rio Majabigwaduce e Wadsworth temera que fossem desembarcar ali perto, mas em vez disso tinham ido até à margem mais distante do rio, onde não constituíam qualquer ameaça para o grande canhão que, por fim, foi rebocado para a pastagem. Os milicianos tinham levado trinta projéteis, os quais Carnes dispôs enquanto anoitecia.

— Os canos estão frios — disse ele aos homens da guarnição, — por isso os tiros sairão um pouco baixos.

A distância parecia demasiada aos olhos inexperientes de Peleg Wadsworth. Diante dele havia uma faixa de águas pouco fundas e depois a extremidade

rasa e pantanosa da península de Majabigwaduce. Os canhões estavam apontados por sobre essa extremidade aos navios britânicos, visíveis no porto, que ficava mais além. Carnes apontara à corveta do meio, a HMS Albany, embora Wadsworth duvidasse de que ele estivesse seguro de acertar nalgum dos navios àquela distância.

Peleg Wadsworth percorreu um longo caminho para leste até estar suficientemente longe do canhão para ter a certeza de que o fumo não afetaria a sua visão. Pedira emprestado o excelente telescópio do Capitão Carnes e, sentado no solo húmido, apoiou os cotovelos nos joelhos para manter o longo tubo direito. Viu um grande grupo de escaleres vazios acorrentados à Albany e um marinheiro inclinado no parapeito acima. A corveta estremeceu de cada vez que disparava uma das suas peças contra a bateria de Cross Island, a qual mantinha o seu assédio. O ruído fragmentado dos tiros de mosquete estalejava a grande distância, mas Wadsworth resistiu à tentação de desviar a lente. Se aquilo era a emboscada de Lovell, estaria oculta na massa enorme da cumeada. Continuou a observar a corveta inimiga.

Carnes demorou muito tempo a apontar o canhão, mas por fim ficou satisfeito. Levara consigo tacos de madeira e empurrou três para a vegetação, um ao lado de cada roda, e o terceiro próxima da culatra.

– Se estiver bem apontado – disse ele à guarnição, – estes tacos guiar-nos-ão para o tiro seguinte. Se estiver mal, sabemos por onde começamos a corrigir.

– Avisou a guarnição para se afastar e proteger os ouvidos. Soprou na ponta do bota-fogo para avivar o rastilho incandescente, depois inclinou-se para pegar fogo ao tubo cheio de pólvora enfiado no ouvidor.

O canhão deu um salto para trás. O estrondo fez estalar os céus. O fumo jorrou para lá da plataforma e espalhou-se sobre a água mais próxima. Uma chama encaracolou-se e desapareceu no interior do fumo. O barulho foi tão repentino e alto que Wadsworth deu um salto e, por momentos, perdeu o foco da sua atenção, depois fixou a lente, encontrou a Albany e viu um marinheiro a fumar cachimbo no parapeito, e, então, para seu espanto e alegria, viu-o dar um salto para trás ao mesmo tempo que surgia um lanho de madeira esmagada no casco da corveta, mesmo acima da linha de água.

– Um tiro em cheio! – gritou ele.

– Capitão! Bom trabalho! Um tiro em cheio!

– Recarregar e para trás! – gritou Carnes.

Era um fuzileiro. Não falhava.

Solomon Lovell pensou que a sua meticulosa cilada falhara. Esperou, esperou, a manhã deu lugar à tarde, e a tarde foi-se dissolvendo no primeiro escurecer, e os Britânicos continuavam a não dar sinais de enfrentarem os homens que tinham ocupado a bateria abandonada, junto à orla do porto. Um pequeno grupo aglomerara-se do lado leste de Dyces Head, onde havia muitos comandantes dos navios ancorados que tinham ouvido dizer que os Britânicos estavam prestes a ser valentemente zurzidos e que tinham desembarcado para gozar o espetáculo. O Comodoro Saltonstall não estava presente, fora, com toda a evidência, fazer uma nova bateria na orla mais distante do porto e Peleg Wadsworth estava ocupado numa coisa semelhante, a norte e leste do

istmo.

– Baterias novas! – disse Lovell, exultante, ao Major Todd.

–É uma vitória durante o dia de hoje! Amanhã estaremos em excelente situação.

Todd olhou para sul, onde novos navios poderiam surgir, mas não se via nada do lado da foz do rio.

– O General Wadsworth mandou pedir um canhão de nove quilos – contou ele a Lovell.

–Já lhe deve ter chegado, nesta altura.

– Já? – respondeu Lovell, deliciado. Sentia que fora virada uma página em toda a expedição e que a esperança se renovara.

–Agora só precisamos que McLean morda o isco – disse Lovell, com ansiedade. Olhou para a bateria, lá em baixo, onde os milicianos, que deveriam fingir estarem a levantar um parapeito defensivo, estavam em vez disso sentados enquanto o Sol se punha.

– Ele não morderá o isco se estivermos todos a olhar – disse uma voz áspera.

Lovell virou-se e viu o Coronel Revere, que viera até à falésia.

– Coronel – disse ele em fatigada saudação.

– Têm aqui uma multidão a olhar embasbacada como os finórios de Boston durante a Pope Night – disse Revere. Ignorou, ostensivamente, Todd.

– Esperemos que a destruição iguale a da Pope Night – respondeu Lovell, cordialmente. A 5 de novembro de cada ano, as gentes de Boston faziam efígies enormes do Papa, que desfilavam pelas ruas. Os apoiantes das efígies rivais lutavam entre si, uma zaragata soberba que deixava ossos partidos e crânios ensanguentados, e no fim as efígies eram queimadas ao longo da noite, enquanto os inicialmente adversários bebiam até perderem os sentidos.

– McLean não é idiota – disse Revere.

–Calculará que alguma coisa se passa, com esta gente toda aqui!

Lovell receou que o comandante da artilharia tivesse razão, na verdade já lhe ocorrera que a presença de tantos observadores poderia dar a entender aos Britânicos que algo de extraordinário se passava, mas queria que aqueles homens testemunhassem o êxito da emboscada. Precisava que se espalhasse pelo exército e pela frota a notícia de que os casacas vermelhas de McLean podiam ser derrotados. Os homens pareciam ter esquecido a grande vitória da tomada da falésia e toda a expedição parecia ter-se atolado em pessimismo, precisando de ser empurrada de novo para o otimismo.

– Com que então, McLean não é idiota, pois não? – perguntou Todd, causticamente.

Porque no sopé da encosta, entre um celeiro e um milheiral, os casacas vermelhas tinham surgido.

E Solomon Lovell teria a sua emboscada.

– São todos seus, Senhor Moore! – gritou o Capitão Caffrae.

Cinquenta homens, dois tambores e três flautistas estavam agora à responsabilidade de Moore. A companhia formara um pouco a norte da casa de Jacob Dyce. Estavam alinhados em três fileiras, com os músicos atrás. Caffrae, antes de tirar os seus homens do esconderijo, mandara-os carregar os

mosquetes e fixar as baionetas.

– Ouçamos o «British Grenadier»! – gritou Moore.

–Vamos, rápido!

Os tambores rufaram, os flautistas acertaram o ritmo e a jovial melodia começou a ouvir-se.

– Ninguém dispara até eu mandar! – disse Moore à companhia. Caminhou ao lado da primeira fileira, mais pequena, depois virou-se para ver se os rebeldes que estavam na bateria de Half Moon tinham saltado da sua posição sentada. Olhavam para ele. Desembainhou a espada e o seu coração deu um baque ao ouvir a longa lâmina raspar na entrada da bainha. Estava nervoso, excitado e exultante. O Capitão Caffrae tinha-se posicionado ao lado dos músicos, sem dúvida pronto para tomar o comando da companhia se Moore tomasse as decisões erradas. Ou se morresse, pensou Moore, e sentiu um nó na garganta. De súbito, uma terrível vontade de urinar. Ó meu Deus, pensou ele, não me deixes ficar com as calças molhadas. Caminhou para o lado direito da companhia.

–Vamos expulsar aqueles canalhas – disse ele, tentando parecer descontraído. Colocou-se à direita e inclinou a espada sobre o ombro.

–Companhia, avançar! Direita, marchar!

Os flautistas tocavam, os tambores rufavam e os casacas vermelhas seguiram a ritmo regular, pisando o canteiro de feijões que Jacob Dyce acabara de schar. A fileira da frente levava os mosquetes baixos, formando uma linha de aço cintilante e oleado com as baionetas. Os canhões atroavam pela cumeada e outros canhões ressoavam pelo porto, mas esses confrontos pareciam muito distantes. Moore não olhou, deliberadamente, para a sua direita, porque não queria dar qualquer indício aos rebeldes escondidos de que sabia que eles estavam ali. Caminhou em direção à bateria de Half Moon e a mão-cheia de rebeldes que lá estava viram-no a ir. Um deles levantou um mosquete e disparou, mas a bala saiu alta.

– Suspendam fogo! – gritou Moore aos seus homens.

–Afugentem-nos apenas com o aço!

Os poucos rebeldes recuaram. Perante a companhia que avançava, estavam em desvantagem numérica, e as ordens eram para atrair os casacas vermelhas até ao local onde poderiam ser atacados pelos duzentos homens de McCobb, escondidos entre o milho, e por isso retrocederam pelo parapeito semicircular, subindo o declive que havia atrás.

– Firmes! – gritou Moore. Não conseguia resistir a dar uma olhadela rápida para a sua direita, mas nada se mexia na parte mais alta do terreno. Teriam os rebeldes abandonado a ideia de uma emboscada? Talvez o holandês estivesse errado e não houvesse nenhuns rebeldes escondidos no milho. Um canhão retumbou na crista, fazendo uma nuvem de fumo, acima da qual as gaivotas esvoaçaram como pedaços de papel num redemoinho de vento. A mente de Moore deslizava como as gaivotas. E se fossem duzentos rebeldes? Ou trezentos? E se os fuzileiros de casaca verde lá estivessem?

Então, ouviu-se um grito vindo da direita, o milho começou a ser pisado, ouviram-se mais dois gritos e o Tenente Moore sentiu uma estranha calma.

–Companhia, alto! – ouviu-se ele a si próprio gritar.

–Alto! – Voltou as costas ao inimigo para observar os seus casacas vermelhas. Tinham mantido os uniformes em ordem e as fileiras estavam alinhadas e cerradas.

– À direita! – comandou ele em voz sonora.

–Meia-volta, virar! – Ficou imóvel, enquanto as três curtas fileiras giravam como uma cancela até ficarem viradas para norte. Moore virou-se para olhar para o declive, onde, de dentro do milho alto, surgia uma horda de inimigos. Meu Deus, pensou Moore, mas eram muito mais do que ele esperara.

–Quero ouvir tambores e flautas! – gritou ele.

–Companhia, avançar! Direita, marchar!

E agora é ir direito a eles, pensou. Sem hesitação. Se hesitasse, os inimigos cheirariam o medo e isso dar-lhes-ia coragem. Então, era só avançar de baionetas levantadas e com o «British Grenadier» a encher os ares, em desafio; não havia qualquer ordem no inimigo, era uma massa de homens que surgia do milho, demasiado distante para que uma saraivada surtisse algum efeito, e por isso Moore marchou apenas pelo declive ao encontro deles, e na sua mente relampejou o pensamento de que eles eram de longe mais numerosos e que o seu dever era, agora, retirar. Era isso que McLean queria? Caffrae não o aconselhava e Moore sentiu que não precisava de retirar. Os inimigos tinham começado a disparar os mosquetes, mas a distância era ainda muito grande. Uma bala esvoaçou pela erva, ao lado de Moore, uma outra açoitou o ar por cima da sua cabeça. Um rebelde disparou a vareta por engano e a longa haste girou no ar até cair sobre as ervas. O inimigo estava obscurecido por tufos de fumo da pólvora que flutuavam para trás, em direção ao milho pisado, mas Moore conseguia ver como estavam desorganizados. Os rebeldes olhavam para a direita e para a esquerda, tentando ver o que os companheiros faziam, antes de obedecerem aos gritos estridentes dos seus oficiais. Um deles tinha cabelos brancos quase até à cintura, outro tinha barbas brancas, e alguns pareciam miúdos da escola a quem tinham dado um mosquete. Estavam claramente nervosos.

E, subitamente, Moore compreendeu que a disciplina dos seus homens era uma arma em si mesma. Os rebeldes, cansados e com fome após um longo dia no milheiral, estavam assustados. Não viam cinquenta jovens igualmente nervosos, viam uma máquina de matar vestida de vermelho.

Viam confiança. E, embora tivessem irrompido do meio do milho, não tinham carregado pela encosta abaixo, e estavam naquele momento a ser alinhados em fileiras à força pelos oficiais e sargentos. Tinham cometido um erro, pensou Moore. Deveriam ter carregado. Em vez disso, estava ele a atacar e eles teriam de se defender, e era a altura de os assustar ainda mais. Mas não perto de mais, pensou Moore. Decidiu que não esperaria até que o inimigo estivesse ao alcance fácil das balas dos mosquetes. Aproximar-se demasiado poderia fazer com que o inimigo percebesse quão facilmente os seus cinquenta homens poderiam ser dominados e, por isso, quando ele calculou que deveria estar a uns cento e quarenta metros dos rebeldes, mandou fazer alto.

– Fileira da frente, ajoelhar! – gritou Moore.

Um homem na fileira da retaguarda caiu para trás, com uma súbita floração vermelha no rosto no sítio onde fora atingido por uma bala.

– Cerrar fileiras! – gritou Caffrae.

– Companhia! – Moore acentuou a última sílaba. Olhava para o inimigo.

–Apontar! – Os mosquetes foram levantados. A boca dos canos tremia um pouco porque os homens não estavam habituados a apontar com as baionetas a pesarem.

–Fogo! – gritou Moore.

Os mosquetes lançaram fogo e fumo. Bocados de enchimento, saídos dos canos, provocaram pequenos incêndios na vegetação. A saraivada caiu sobre os rebeldes e o milho.

– Companhia, avançar o dobro! – Moore não iria perder tempo a recarregar.

–Marchar! – Havia corpos na extremidade do milheiral. Sangue ao anoitecer. Um homem arrastava-se de volta aos altos caules, deixando um rasto de sangue nas ervas. O fumo era denso como nevoeiro.

– Baionetas! – gritou Moore. Não era uma ordem, pois os seus homens já tinham as baionetas colocadas, era mais uma palavra para assustar os já assustados inimigos.

–Escócia para sempre! – gritou ele e os seus homens deram vivas e hurras por entre os restos do fumo que a sua própria pólvora provocara. Eram conduzidos pelos tambores, pelo desafio e pelo orgulho, e os rebeldes fugiam. Os milicianos fúgiam em direção à falésia. Todos eles, como se estivessem a fazer uma corrida. Alguns deles atiravam até os mosquetes fora para poderem correr mais depressa. Não havia uniformes verdes, notou Moore. Os seus Escoceses apupavam os inimigos, perdendo coesão, mas Moore queria que eles mantivessem a disciplina.

–Companhia, alto! – gritou ele.

–Alto! – A sua voz cortante susteve os casacas vermelhas.

–Sargento Mackenzie! Alinhe as fileiras, por favor. Vamos, pelo menos, tentar parecer soldados de Sua Majestade e não maltrapilhos de Sua Majestade! – O tom de Moore era severo, mas estava a sorrir. Não conseguia evitar. Os seus homens também sorriam. Sabiam que se tinham portado bem e os mais experientes dentre eles sabiam que tinham sido bem comandados. Moore esperou que as fileiras fossem adequadamente formadas.

–A companhia vai rodar à esquerda! – gritou ele.

– A esquerda, meia-volta, rodar!

Os Escoceses sorriam ainda quando começaram a marchar de frente para os espetadores que os observavam de Dyces Head. Soaram longínquas aclamações vindas do Forte George. O declive que Moore tinha pela frente estava cheio de rebeldes que corriam, coxeavam ou se afastavam. Quatro rebeldes, mortos ou feridos, jaziam estendidos sobre as ervas. Moore colocou a ponta da espada na bainha e enfiou a lâmina no seu lugar. Fitou o declive. Vós, filhos da mãe, quereis o nosso forte, pensou ele, então venham-no tomar.

– Felicitações, Moore – disse Caffrae, mas desta vez o gentil Moore não replicou cortesmente. Precisava urgentemente de uma outra coisa e por isso

foi até à extremidade do campo de milho de Jacob Dyce, desabotoou a braguilha dos calções e urinou longa e fortemente. A companhia riu-se, e Moore sentiu-se mais feliz do que nunca. Era um soldado.

Excertos da Proclamação do General Solomon Lovell às suas tropas, a 12 de agosto de 1779:

Temos agora uma Porção da nossa Empresa para completar, na qual, se formos bem-sucedidos, e estou confiante que seremos, sendo em número superior e tendo a Característica Liberal de «Filhos da Liberdade e da Virtude» repito de novo, devemos cavalgar vitoriosamente sobre a diabólica e grossa Corrente da Escravidura e os Monstros enviados para prender as suas Cadeias. .. Existe neste campo alguém capaz de pegar em Armas? Capaz de esconder a Cara no Dia da Batalha; existe aí algum Americano com esse Caráter? Existe aí alguém tão destituído de Honra?... Que cada homem fique junto do seu Oficial, e cada Oficial, animado, faça tudo para atingir o Objetivo em vista; depois atemorizaremos o inimigo fanfarrão, que nos quer intimidar com um pequeno Desfile, e atacaremos com Terror o Orgulho Britânico.

De um Despacho do Departamento da Marinha Continental para o Comodoro Saltonstall, a 12 de agosto de 1779:

As nossas Apreensões sobre o perigo que corre têm sido sempre por causa do Reforço do Inimigo. Não pode esperar ficar muito mais tempo sem que isso aconteça... As nossas ordens são por conseguinte que logo que receba isto tome as Medidas Mais Eficazes para a Captura ou Destruição dos Navios Inimigos e com a maior rapidez que a natureza e a Situação das coisas Permita.

De uma Ordem do Conselho, Boston, 8 de agosto de 1779:

Ordena-se que os Senhores Thomas Cushing e Samuel Adams formem um Comité para ficar à espera de saber pelo próprio se o Capitão da Fragata Francesa estará disposto ou não a seguir para Penobscot com o seu Navio com o objetivo de reforçar a frota Americana – que informou terem esperado por sua Excelência o Cavaleiro

De la Luzerne que lhes disse que iria falar com o Capitão da referida Fragata e se possível influenciar a sua ida para Penobscot.

De um relatório recebido em Boston a 9 de agosto de 1779:

Gilbert Richmond marinheiro de primeira classe, da Argo – declara que a 6 do corrente, ao largo de Marthas Vineyard – encontrou oito Veleiros – devendo constituir uma força – dirigindo-se para Sul com o baixio de Nantucket à vista – o Comodoro levava luz no tombadilho. O informante acha – estavam a cerca de 40 Milhas a Sul da ponta Oeste de Vineyard.

E, de repente, havia esperança.

Após o desapontamento do dia anterior, após a fuga ignominiosa frente a uma força inimiga com um quarto do tamanho, instalou-se subitamente um novo espírito, uma segunda oportunidade, uma expectativa de sucesso.

Hoysteed Hacker era a causa. O Capitão Hacker era o comandante naval alto que capturara o HMS Diligent e foi levado para terra à primeira luz do dia, subindo à clareira do bosque que servia de quartel-general a Lovell.

– O Comodoro desapareceu – disse ele a Lovell, que tomava o pequeno-almoço numa mesa desmontável.

– Desapareceu? – disse Lovell, levantando os olhos para o Capitão naval.

– Que quer isso dizer? Desapareceu?

– Foi-se – disse Hacker com a sua voz profunda e sem expressão, – desapareceu.

– Estava com os marinheiros que foram atacados ontem, e calculo que tenha sido capturado.

– Hacker fez uma pausa.

– Talvez tenha sido morto.

– Encolheu os ombros, como se não se ralasse muito.

– Sente-se, Capitão. Já comeu?

– Já comi.

– Beba um chá, pelo menos. Wadsworth, ouviu esta notícia?

– Acabei de ouvir, meu General.

– Sente-se, por favor – disse Lovell.

– Filmer! Uma chávena para o Capitão Hacker.

– Wadsworth e Todd partilhavam o banco em frente de Lovell, e Hacker sentou-se ao lado do General que olhou para o grande e impassível oficial naval como se fosse Gabriel e trouxesse notícias dos céus. O nevoeiro fluuava por entre as árvores altas.

– Deus me acuda – disse Lovell, finalmente compreendendo as notícias, – então o Comodoro foi capturado? – Não pareceu minimamente desconsolado.

– Ou morto – disse Hacker.

– Isso faz de si o oficial naval mais velho? – perguntou Lovell.

– Faz sim, meu General.

– Como é que tudo aconteceu? – perguntou Wadsworth, e ouviu Hacker descrever o ataque inesperado dos fuzileiros britânicos, que expulsaram os marinheiros da bateria das terras de Haney e os empurraram para sul. O Comodoro ficara separado dos restantes, que tinham conseguido voltar a salvo pela margem do rio a sul de Cross Island.

– Então, não houve baixas? – perguntou Lovell.

– Nenhuma, meu General, exceto talvez o Comodoro. Pode ter sido ferido.

– Ou pior – disse Lovell, continuando depois apressadamente: – Deus queira que não.

– Deus queira – disse Hacker no mesmo tom respeitoso.

Lovell encolheu-se quando mordeu um pedaço de pão duro.

– Mas você – perguntou ele – é agora o comandante da frota?

– Acho que sim, meu General.

– Tomou o comando da Warren? – perguntou Wadsworth.

– Formalmente não, meu General, mas agora sou o oficial mais velho, pelo que me mudarei para a Warren durante a manhã.

– Bem, se é o senhor que comanda a frota – disse Lovell, muito sério, –tenho de lhe fazer um pedido.

– Meu General? – perguntou Hacker.

– Tenho de lhe pedir, Capitão, para atacar os navios inimigos.

– Por essa razão aqui estou – disse Hacker, imperturbavelmente.

– Ah sim? – Lovell pareceu surpreendido.

– Parece-me, a mim, meu General, que deveríamos atacar muito em breve. Hoje.

– Hacker tirou do bolso um bocado de papel esfarrapado e estendeu-o sobre a mesa.

– Posso sugerir um método, meu General?

– Faça favor – disse Lovell.

O papel era um mapa do porto desenhado a lápis, no qual estavam marcados os quatro navios do inimigo, embora Hacker tivesse colocado uma cruz sobre o casco do Saint Helena, o navio de transporte que estava na extremidade sul da linha de Mowat. Estava ali apenas para impedir os Americanos de rodearem o flanco de Mowat e estando armado apenas com seis peças pequenas não era motivo de preocupação.

– Temos de atacar as três corvetas – disse Hacker, – pelo que me proponho entrar no porto para atacar a Albany.

– Bateu repetidamente sobre o mapa com um dedo, indicando a corveta do meio da linha formada pelos três navios de guerra de Mowat.

– Serei apoiado pelo General Putnam e pelo Hampden. Eles fundearão de través para a North e a Nautilus, meu General, e farão fogo sobre elas. O General Putnam e o Hampden vão ser duramente atingidos, meu General, é inevitável, mas acredito que a Warren esmagará a Albany com suficiente rapidez e, depois, poderemos utilizar as peças mais pesadas para forçar a rendição das outras duas corvetas.

– Hacker falou num tom inexpressivo, que dava a impressão de um espírito lento, impressão que Wadsworth percebeu que era bastante errônea. Hacker dedicara ao problema uma impressionante quantidade de reflexões.

– Bem, meu General – continuou o Capitão naval, – a preocupação do Comodoro sempre foi o forte e os seus canhões. Eles podem fazer mergulhar balas sobre os nossos navios, e tanto quanto sabemos, podem ter balas incandescentes, meu General.

– Incandescentes? – perguntou Lovell.

– Não é uma ideia agradável, meu General – disse Hacker.

– Se uma bala incandescente se aloja no madeiramento de um navio, meu General, pode provocar um incêndio. Navios e fogo não são os melhores amigos, pelo que quero manter os navios da frente longe das balas do inimigo

o mais tempo possível. Proponho que a Sally, o Vengeance, o Black Prince, o Hector, o Monmouth, o Sky Rocket e o Hunter nos sigam para dentro do porto e façam aí uma linha de batalha.

–Indicou uma linha tracejada que ele desenhara paralela à orla norte do porto.

–Podem disparar para cima contra o forte, meu General. Provocarão poucos estragos, mas deverão distrair os artilheiros inimigos, meu General, e afastar o fogo deles da Warren, do Putnam e do Hampden.

– Isto é exequível? – perguntou Lovell, mal ousando acreditar no que estava a ouvir.

– A maré certa é esta tarde – disse Hacker num tom de absoluta naturalidade.

–Acho que vai levar hora e meia para colocar os primeiros três navios em posição e uma hora de trabalho para destruir as corvetas. Mas, preocupa-me que tenhamos a melhor parte da nossa frota dentro do porto, meu General, e que mesmo depois de termos tomado os navios inimigos, estejamos debaixo do fogo dos canhões do forte.

– Então quer que ataquemos o forte? – adivinhou Wadsworth.

– Acho que é o mais aconselhável, meu General – disse Hacker, respeitosamente – e eu tenciono colocar uma centena de fuzileiros em terra, meu General, para auxiliar a vossa tarefa. Posso sugerir que eles ocupem a parte mais baixa, com alguns dos vossos milicianos? – Colocou um largo dedo, manchado de alcatrão, sobre o mapa, indicando o terreno entre o forte e os navios britânicos.

– Porquê esse terreno? – perguntou Lovell.

– Para impedir os fuzileiros do inimigo de virem dos navios destruídos para terra – explicou Hacker, – e se os nossos fuzileiros atacarem o forte a partir de sul, meu General, o resto das suas forças poderão atacar de oeste.

– Sim – disse entusiasticamente Peleg Wadsworth, – sim!

Lovell estava em silêncio. O nevoeiro estava demasiado espesso para permitir a qualquer artilheiro disparar com exatidão, pelo que os canhões dos dois lados estavam silenciosos. Uma gaivota gritou. Lovell recordava a vergonha do dia anterior, a visão dos milicianos de McCobb a fugirem. Perante a recordação, vacilou.

– Desta vez será diferente – disse Wadsworth. Estivera a observar o rosto de Lovell e adivinhara os seus pensamentos.

– De que modo? – perguntou Lovell.

– Nunca utilizámos os nossos homens todos para atacar o forte, meu General – disse Wadsworth.

–Apenas atacámos o inimigo aos poucos de cada vez. Agora, utilizaremos toda a nossa força! Quantas peças iremos ter dentro do porto? – Esta pergunta dirigira-se a Hoysteed Hacker.

– Aqueles navios – Hacker colocou o dedo manchado de alcatrão sobre o mapa – levarão mais de duzentas peças, meu General, digamos umas cem nos costados.

– Cem canhões, meu General – disse Wadsworth a Lovell.

–Uma centena de canhões a encher o porto! Só o barulho irá distrair o

inimigo. E os fuzileiros, meu General, abrirão o caminho. Lançaremos um milhar de homens contra o inimigo, todos de uma vez!

– Isso deve chegar para resolver o assunto – disse Hacker no mesmo tom que teria usado para descrever os estragos no topo de um mastro ou a transferência de uma tonelada de balastro.

– Uma centena de fuzileiros – disse Lovell num tom de lamúria que tornava claro que preferiria ter todos os fuzileiros em terra.

– Preciso de alguns para abordar os navios inimigos – disse Hacker.

– Claro, claro – concedeu Lovell.

– Mas os fuzileiros estão desejosos de uma boa luta – rosnou Hacker.

–Mal podem esperar para se porem à prova. E assim que os navios inimigos sejam tomados ou destruídos, meu General, mandarei o resto dos fuzileiros, bem como todos os marinheiros que possa dispensar, juntarem-se ao seu ataque.

– Navios e homens, meu General – disse Wadsworth, – lutando como se fossem um só.

O olhar de Lovell alternava incertamente entre Wadsworth e Hacker.

– E acha que isto pode ser feito? – perguntou ele ao oficial naval.

– Assim que a maré encher – disse Hacker, – o que acontecerá esta tarde.

– Então, deixemos que se faça! – decidiu Lovell. Fincou os dois punhos na mesa.

–Vamos lá terminar a tarefa! Vamos lá buscar a nossa vitória!

– Meu General? Meu Capitão? – Um Guarda-Marinha surgiu na orla da clareira.

–Meu Capitão?

– Rapaz! – disse Hacker, tomando consciência da presença do rapaz sem fôlego.

–Que é?

– Cumprimentos do Comodoro Saltonstall, meu Capitão, e é para regressar à Providence, meu Capitão.

Os homens que estavam à mesa ficaram todos a olhar para o rapaz.

– O Comodoro Saltonstall? – Lovell quebrou o silêncio, por fim.

– Foi encontrado esta manhã, meu General.

– Encontrado? – perguntou Lovell com uma voz irreal.

– Na margem do rio, meu General! – O Guarda-Marinha parecia convencido de que trouxera boas notícias.

–Está são e salvo, a bordo da Warren, meu General.

– Diz-lhe...

–disse Lovell, e depois não conseguiu pensar no que queria dizer a Saltonstall.

– Meu General?

– Nada, rapaz, nada.

Hoysteed Hacker amarfanhou lentamente o mapa desenhado à mão e atirou-o para a fogueira do acampamento. O primeiro disparo de canhão do novo dia soou.

O Tenente Moore, tesoureiro do 82.º Regimento Apeado de Sua Majestade, bateu nervosamente à porta da casa. Um gato observou-o, sobre a pilha de

lenha. Três galinhas, no interior de um galinheiro feito de juncos entrelaçados, cacarejaram. No jardim da casa do lado, a que ficava mais próxima do porto, uma mulher batia um tapete suspenso de uma corda estendida entre duas árvores. Ela olhou-o tão desconfiadamente quanto o gato. Moore tirou o chapéu à mulher, mas ela virou as costas ao cumprimento e continuou a bater o pó do tapete ainda com mais energia. Um canhão disparou do forte e o ruído foi abafado pelas árvores que rodeavam as pequenas casas feitas de troncos.

Bethany Fletcher abriu a porta. Usava um velho vestido castanho debaixo de um avental branco ao qual limpou as mãos, que estavam vermelhas de esfregar a roupa. Os cabelos estavam em desalinho e John Moore pensou que ela era linda.

– Tenente – disse ela, surpreendida, pestanejando à luz do dia.

– Menina Fletcher – disse Moore, curvando-se e tirando o chapéu.

– Traz notícias? – perguntou Beth, subitamente ansiosa.

– Não – disse Moore, – não trago notícias. Trago-lhe isto.

– Estendeu-lhe um cesto.

– Com os cumprimentos do General McLean.

– O cesto continha um presunto, um pequeno saco com sal e uma garrafa de vinho.

– Porquê? – perguntou Beth, sem aceitar oferta.

– O General gosta de si – disse Moore. Encontrara coragem para enfrentar quatro vezes mais rebeldes do que os homens que comandava, mas não teve coragem de acrescentar «tal como eu».

– Ele sabe que a sua vida e a da sua mãe são difíceis, Menina Fletcher – optou ele por explicar, – especialmente com o seu irmão ausente.

– Sim – disse Beth, mas continuou sem aceitar o que lhe era oferecido. Nunca recusara as rações simples oferecidas pela guarnição aos habitantes de Majabigwadu, farinha, carne salgada, ervilhas secas, arroz e cerveja de abeto, mas a generosidade de McLean embaraçava-a. Afastou-se alguns metros da casa de modo a que a vizinha a pudesse ver claramente. Não queria dar motivo a qualquer má-língua.

– O vinho é vinho do Porto – disse Moore.

– Alguma vez provou vinho do Porto?

– Não – disse Beth, perturbada.

– É mais forte do que clarete – disse Moore, – e mais doce. O General gosta. Ele serviu em Portugal e adquiriu gosto pelo vinho, do qual se diz ser um tónico. O meu pai é médico e com frequência receita vinho do Porto. Posso pô-lo aqui? – Moore colocou o cesto na entrada da casa. Lá dentro, para lá de uma porta interior, aberta, vislumbrou a mãe de Beth. Tinha um rosto cavado, imóvel e pálido, a sua boca aberta era escura e os cabelos brancos estavam espalhados sobre uma almofada. Parecia um cadáver e Moore desviou os olhos rapidamente.

– Aqui – disse ele, não encontrando mais nada para dizer.

Beth abanou a cabeça. – Não posso aceitar a oferta, Tenente – disse ela.

– Claro que pode, Menina Fletcher – disse Moore, com um sorriso.

– O General não queria...

– começou ela a dizer, depois obviamente pensou duas vezes no que estivera quase a dizer e conteve-se. Afastou uma madeixa de cabelo e prendeu-a sob a touca. Olhava para todo o lado, menos para Moore.

– O General McLean ficaria magoado se não aceitasse a oferta – disse Moore.

– Fico-lhe grata – disse Beth – mas...

– E de novo se remeteu ao silêncio. Tirou um dedal do bolso do avental e rodou-o nos dedos. Encolheu os ombros.

– Mas...

– disse ela de novo, continuando sem olhar para Moore.

– Mas o seu irmão luta ao lado dos rebeldes – disse Moore.

Ela virou os olhos para ele, muito abertos da surpresa. Olhos azuis, notou Moore, olhos azuis de uma vitalidade extraordinária.

– O General sabe? – perguntou ela.

– Que o seu irmão luta ao lado dos rebeldes? Sim, claro que sabe – disse Moore, com um sorriso tranquilizador. Baixou-se para recuperar o dedal que ela deixara cair. Estendeu-lho, mas Beth não fez qualquer movimento para lhe pegar e, por isso, muito deliberadamente, ele colocou-o dentro do cesto. Beth voltou-se para observar o porto por entre as árvores. O nevoeiro desaparecera e as águas de Majabigwaduice faiscavam sob o Sol do verão. Ela permaneceu em silêncio.

– Menina Fletcher...

– começou Moore a dizer.

– Não! – interrompeu-o ela.

– Não, não posso aceitar.

– É uma oferta – disse Moore, – nada mais, nada menos.

Beth mordeu o lábio inferior, depois virou-se, desafiadora, para o Tenente de casaca vermelha.

– Eu queria que James se juntasse aos rebeldes – disse ela, – eu encorajei-o! Levei informações sobre os vossos canhões e homens ao Capitão Brewer! Trá-vos! Acha que o General me oferecia alguma coisa se soubesse que eu fiz tudo isso? Acha?

– Sim – disse Moore.

Aquela resposta desconcertou-a. Pareceu ficar amarfanhada e foi até à pilha de lenha, na qual se sentou, afagando distraidamente o gato.

– Não sabia o que pensar quando vieram para cá – disse ela.

– A princípio foi excitante.

– Fez uma pausa, pensando.

– Era novo e diferente, mas depois começou a haver demasiados uniformes por aqui. Esta é a nossa casa, não a vossa. Vocês tiraram-nos a nossa casa.

– Ela olhou-o pela primeira vez desde que se sentara.

– Vocês tiraram-nos a nossa casa – disse ela outra vez.

– Lamento – disse Moore, sem saber que outra coisa dizer.

Ela assentiu.

– Aceite a oferta – disse Moore, – por favor.

– Porquê?

– Porque o General é um homem decente, Menina Fletcher. Porque ele ofereceu isso como sinal de amizade. Porque ele quer que saiba que pode contar com a sua proteção, qualquer que seja a sua opinião. Porque eu não quero levar o cesto de volta para o forte.

–Beth sorriu perante aquela última razão e Moore ficou, perfilado, à espera. Poderia ter acrescentado que a oferta fora feita porque McLean era um homem tão vulnerável como qualquer outro diante de uma rapariga de cabelos claros e com um sorriso encantador, mas em vez disso apenas encolheu os ombros.

–Porque – terminou ele.

– Porque?

– Por favor, aceite – disse Moore.

Beth assentiu de novo, limpando os olhos com a ponta do avental.

–Agradeça por mim ao General.

– Agradecerei.

Ela pôs-se de pé e foi até à porta, onde se voltou.

– Adeus, Tenente – disse ela, depois pegou no cesto e foi para dentro.

Ele regressou, devagar, ao forte, sentindo-se derrotado.

Os três navios empaparam-se no vento, atacando as ondas altas, as águas abriam-se, brancas, de encontro aos talha-mares, as velas iam retesadas e o vento era vivo à popa. A bombordo, à distância, estava Cape Anne, onde a rebentação atormentava as rochas.

– Devemos ficar junto à costa – disse o Capitão Abraham Burroughs ao Coronel Henry Jackson.

– Porquê?

– Porque os filhos da mãe estão algures por aí – disse o Capitão, acenando com a cabeça para estibordo, onde o banco de nevoeiro se retraíra para sudeste, estendendo-se como uma longa nuvem sombria sobre o oceano sem fim.

– Se encontrarmos uma fragata britânica, Coronel, pode dizer adeus ao seu regimento. Se vir uma fragata por aí, corro para bombordo.

–Fez um aceno com a mão na direção dos outros dois navios.

–Não somos navios de guerra, somos três navios de transporte.

Mas os três navios de transporte levavam o regimento de Henry Jackson, um regimento excelente como havia poucos no mundo, e estava a caminho de Majabigwaduce.

E, no nevoeiro distante, no alto-mar, num lugar onde não havia quaisquer marcas, um barco de pesca de Cape Cod viu o vulto de outros navios emergir da brancura. Os pescadores temiam que os grandes navios os capturassem ou que, pelo menos, lhes roubassem o que tinham apanhado, mas nenhum dos navios britânicos se importou com o pequeno barco de pesca com vela de carangueja. Um por um, os grandes navios passaram, com as cores vivas das suas carrancas e a ornamentação das suas popas apagadas pelo nevoeiro. Todos ostentavam estandartes azuis.

O grande Reasonable ia à frente, seguido por cinco fragatas; a Virginia, a Blonde, a Greyhound, a Galatea e a Camille. O último navio da frota de auxílio,

o pequeno Otter, perdera o contacto e estava algures para sul e este, mas a sua ausência em nada diminuía o poder total dos navios de Sir George Collier. Os pescadores viram passar, em silêncio, o navio de guerra de proa levantada e as cinco fragatas como se fossem fantasmas. Conseguiram sentir o mau cheiro da frota e o fedor de centenas de homens apinhados nos cascos cheios de canhões. Cento e noventa e seis canhões, alguns deles de dezasseis quilos, os dizimadores de navios, estavam a caminho de Majabigwaduće.

– Filhos de uma grandíssima puta – disse o Capitão do barco de pesca, cuspidando após a galeria dourada à popa da Camille ser engolida pelo nevoeiro. E o oceano ficou outra vez vazio.

Os rebeldes estavam na baía de Penobscot havia dezanove dias e na posse da parte alta havia dezasseis desses dias. Houvera mais de vinte Conselhos de Guerra, alguns apenas com os comandantes dos navios, outros com os oficiais superiores do exército e em menor número com ambos. Foram feitas votações, aprovadas moções, e o inimigo continuava sem ter sido capturado ou morto.

A ressurreição e regresso do Comodoro atolara os ânimos de Lovell. Ultimamente, ele e Saltonstall apenas tinham comunicado por carta, mas Lovell achou que era sua obrigação visitar a Warren e felicitá-lo por ter escapado com vida, embora o Comodoro, cujo rosto comprido estava pintalgado por picadas de mosquitos, não parecesse muito reconhecido pela preocupação do General.

– Foi Providência de Deus que não tenha sido feito prisioneiro ou coisa pior – disse Lovell, desajeitadamente.

Saltonstall resmungou.

Lovell abordou, nervosamente, o tema da entrada no porto.

– O Capitão Hacker tinha esperança que...

– começou ele a dizer.

– Conheço os sentimentos de Hacker – interrompeu Saltonstall.

– Ele pensava que a manobra era exequível – disse Lovell.

– Ele pode pensar o que lhe apetece – disse Saltonstall acaloradamente, – mas eu não levo os meus navios para aquele maldito buraco.

– E, a menos que os navios sejam capturados – martelou Lovell de qualquer modo, – acho que o forte não pode ser atacado com uma expectativa de sucesso.

– De uma coisa pode ter a certeza, General – disse Saltonstall, – os meus navios não podem arriscar-se a entrar no porto enquanto o forte permanecer nas mãos do inimigo.

Os dois homens fitaram-se. Os canhões estavam de novo a disparar, embora a cadência de fogo rebelde fosse agora muito menor devido à escassez de munições. Via-se fumo da pólvora em Cross Island, nos altos de Majabigwaduće e na enseada a norte da península. Ainda mais fumo se elevava dos terrenos baixos próximos da bateria de Half Moon. Lovell, furioso por a casa dos Banks e o celeiro terem servido de esconderijo às tropas escocesas que tinham corrido com os seus homens de forma tão ignominiosa, mandara incendiar os edifícios como castigo.

– E a casa do holandês também – insistira ele, pelo que quarenta homens tinham descido a encosta, aos primeiros alvares da madrugada, para lançar fogo às casas e aos celeiros. Não ficaram por lá muito tempo, temendo um contra-ataque dos homens de McLean; tinham apenas posto o fogo e retrocedido.

– Apresentarei as circunstâncias aos meus oficiais – disse Lovell, rigidamente – e discutiremos a exequibilidade de um ataque ao forte. Pode ter a certeza de que lhe farei saber imediatamente a decisão deles.

Saltonstall assentiu.

– Os meu cumprimentos, General.

Nessa tarde, Lovell foi ao Hazard, um dos navios que pertencia à marinha do Massachusetts, de onde convocou os seus majores de brigada, comandantes da milícia, o Coronel Revere e o General Wadsworth. O Conselho de Guerra teria lugar na confortável camarinha da proa do brigue, onde não haveria soldados de boca aberta, especados, a tentar ouvir a discussão. O Capitão John Williams, comandante do Hazard, fora convidado a participar como cortesia e Lovell pediu-lhe para explicar a relutância da marinha em entrar no porto.

– Nem toda a gente está relutante – disse Williams, pensando no seu próprio Primeiro-Tenente, George Little, que estava pronto a amotinar-se se isso significasse poder entrar no porto com o pequeno brigue e lançar-se sobre os Britânicos.

– Mas o Comodoro está a ser prudente.

– De que forma? – perguntou Wadsworth.

– Não é difícil fazer entrar um navio no porto – disse Williams – mas poderia ser diabólico tirá-lo de lá de novo.

– O objetivo – salientou Wadsworth calmamente – é ficar no porto. Ocupá-lo.

– O que significa que tem de destruir aqueles canhões do forte – disse Williams, – e há ainda uma outra coisa. A frota está a ficar com falta de homens.

– Recrutámos homens em Boston! – queixou-se Lovell.

– Mas estão a desertar, meu General – disse Williams.

– E os comandantes dos navios corsários? Não estão contentes. Cada dia que aqui passam é um dia mais sem poderem fazer saques no mar. Falam em partir.

– Porque trouxemos todos esses navios? – perguntou Wadsworth. Colocara a questão a Williams, que apenas encolheu os ombros.

– Trouxemos uma frota de navios de guerra e não os usamos? – perguntou Wadsworth mais acaloradamente.

– Tem de colocar essa questão ao Comodoro – disse Williams, sem entoação. Fez-se silêncio, apenas quebrado pelo estrépito incessante da bomba do Hazard. Os estragos feitos no brigue quando o Tenente Little o levara para muito perto das corvetas de Mowat não estavam ainda adequadamente consertados. O brigue precisaria de ser rebocado para terra para substituir, calafetar e cobrir com breu as madeiras, mas a bomba mantinha-a facilmente a flutuar.

– Então, temos de capturar o forte – disse Peleg Wadsworth, quebrando o

silêncio sombrio, e depois suplantou o coro de vozes que se queixavam de isso ser impossível.

—Temos de levar os nossos homens para a retaguarda do forte — explicou ele — e atacar de sul e de leste. Aí, as muralhas estão inacabadas e o parapeito de leste, tanto quanto posso ver, não tem canhões.

— Os seus homens não atacam — disse Revere, trocista. Havia agora uma semana que, em todos os Conselhos de Guerra, o Tenente-Coronel Revere instara para que o cerco fosse abandonado, e agora avançava a questão.

—Os homens não enfrentarão o inimigo! Vimos isso ontem. Três quartos dos cartuchos das armas mais pequenas desapareceram e metade dos homens estão escondidos no bosque!

— Então, o senhor fugiria? — perguntou Wadsworth.

— A mim, ninguém me acusa de fugir!

— Então, diabos me levem, porra, fique e lute! — A furia de Wadsworth explodia finalmente e só o facto de ter praguejado chegou para impor o silêncio na camarinha.

—Diabos me levem! — gritou ele e bateu na mesa do Capitão Williams com tanta força que um castiçal de latão caiu. Os homens olhavam-no, espantados, e Wadsworth estava ele próprio espantado pela sua súbita veemência e linguagem grosseira. Tentou acalmar-se, mas continuava ainda fora de si.

—Por que razão aqui estamos? — perguntou ele.

—Não para fazer baterias, nem para disparar contra navios! Estamos aqui para conquistar o forte!

— Mas...

—começou Lovell a dizer.

— Exigimos fuzileiros ao Comodoro — Wadsworth sobrepôs-se ao seu comandante, — juntamos todos os homens e atacamos! Atacamos! — Olhou em redor da camarinha vendo ceticismo em demasiados rostos. Os que eram favoráveis ao abandono da expedição, chefiados pelo Coronel Revere, mantinham ardorosamente o seu ponto de vista, enquanto os que estavam dispostos a prosseguir o cerco mostravam, no máximo, uma atitude morna.

—O Comodoro — continuou Wadsworth — não está disposto a entrar no porto enquanto os canhões ali estiverem para incomodar os seus navios. Assim, garantimos-lhe que silenciaremos os canhões. Levaremos os homens pela retaguarda da posição inimiga e atacaremos! E o Comodoro vai apoiar-nos!

— O Comodoro...

—começou Lovell a dizer.

Wadsworth interrompeu-o outra vez.

—Nunca oferecemos ao Comodoro o nosso mais sincero apoio — disse ele enfaticamente.

—Pedimos-lhe para destruir os navios antes de atacarmos e ele pediu-nos para destruímos o forte antes de ele atacar. Porque não fazer um compromisso? Atacamos ambos. Se ele souber que a nossa força terrestre está a fazer um ataque, não terá outra hipótese senão apoiar-nos!

— Talvez cheguem tropas regulares — interveio McCobb.

– O Diligent não deu nenhum sinal – disse Lovell. Diligent, o veloz brigue da marinha continental capturado aos Britânicos, fora colocado na boca do rio Penobscot para servir de vigia e poder avisar a aproximação de quaisquer navios, mas o seu comandante, o Capitão Philip Brown, não enviara qualquer mensagem, o que sugeria a Lovell que os reforços, para qualquer dos lados, estavam pelo menos a um dia de distância.

– Não podemos ficar à espera para ver se Boston nos envia tropas – insistiu Wadsworth – e, além disso, os reforços britânicos são igualmente prováveis! Fomos enviados para aqui para realizar uma missão, por isso, por amor de Deus, vamos lá realizá-la! E façamo-lo agora, antes de o inimigo estar mais forte.

– Duvido que o possamos fazer agora – disse Lovell, – talvez amanhã?

– Amanhã, então! – disse Wadsworth, exasperado.

– Mas façamo-lo! Façamos o que viemos aqui fazer, façamos o que o nosso país espera de nós! Façamo-lo!

Fez-se silêncio, quebrado por Lovell que lançou um olhar brilhante em redor da camarinha.

– Temos, seguramente, algo para discutir – disse ele.

– E, por favor, não o discutamos – disse Wadsworth, com aspereza, – mas tomemos, sim, uma decisão.

Lovell estava surpreso com a firmeza do segundo comandante. Por um momento, pareceu que tentaria recuperar o comando da camarinha, mas perante a expressão severa de Wadsworth, acedeu ao pedido.

– Muito bem – disse ele, rigidamente, – vamos tomar uma decisão. Aqueles que são favoráveis à proposta do General Wadsworth fazem o favor de o indicar?

Wadsworth levantou a mão imediatamente. Lovell hesitou, depois levantou também a sua mão. Os outros seguiram o mote de Lovell, mesmo aqueles que habitualmente apoiavam o fim do cerco. Todos, exceto um.

– E os que se opõem? – perguntou Lovell.

O Tenente-Coronel Revere levantou a mão.

– Declaro a proposta aprovada – disse Lovell, – e vamos pedir ao Comodoro para apoiar o nosso ataque de amanhã.

O dia seguinte seria sexta-feira, dia 13 de agosto.

Sexta-feira, dia 13, o dia amanheceu claro. O vento era fraco e não havia nevoeiro, o que significou que a bateria rebelde de Cross Island abriu fogo aos primeiros alvares, como também o fizeram os canhões de nove quilos, mais distantes, na orla norte, para lá da península. As balas embateram duramente no casco das corvetas britânicas.

O Capitão Mowat estava resignado ao bombardeamento. Movera os navios por duas vezes, mas agora não havia mais nenhum ponto de ancoragem para onde pudesse recuar, a não ser que levasse as corvetas para muito longe do forte. As bombas trabalhavam continuamente nas três corvetas, manejadas por marinheiros que entoavam canções enquanto giravam as grandes alavancas para baixo e para cima. O carpinteiro da Albany remendava o casco o melhor que podia, mas as grandes balas de nove quilos tinham desfeito a

madeira de carvalho com uma força bruta.

– Eu mantenho-a a flutuar, meu Capitão – prometeu o carpinteiro a Mowat, de madrugada. Calafetara três rombos horríveis junto à linha de água, mas para fabricos teria de esperar até a corveta poder ser rebocada para terra ou para uma doca.

– Com sorte, eles vão continuar a atirar alto – disse Mowat.

– Peça a Deus que continuem a fazê-lo, meu Capitão.

– Espero que já esteja a fazer esse maldito pedido! – disse Mowat.

– Dia e noite, meu Capitão, noite e dia.

–O carpinteiro era metodista e conservava um exemplar da Bíblia, muito folheado, no seu avaral de carpintaria. Encolheu-se quando uma bala rebelde atingiu a grinalda e fez chover estilhaços no convés da popa.

–Arranjo as obras mortas quando terminarmos os fabricos nas obras vivas.

– As obras mortas podem esperar – disse Mowat. Não se importava que o navio parecesse mais ou menos despedaçado, desde que flutuasse e pudesse transportar as suas peças. Essas, estavam de momento silenciosas. Mowat achava que as suas peças de cinco quilos não poderiam causar grandes danos à bateria de Cross Island e nenhum dos seus canhões era suficientemente potente para alcançar a nova bateria a norte, por isso não desperdiçou pólvora e balas com os rebeldes. Um dos canhões de seis quilos do Capitão Fielding, lá em cima no forte, disparava contra Cross Island, o que servia apenas para manter os rebeldes escondidos bem dentro do arvoredo. Um estremejar de mosquetes ouviu-se em terra. Nos últimos dias, aquele ruído fora constante, sempre que os homens de McLean se infiltravam no meio das árvores ou batiam os campos e celeiros da povoação à procura de patrulhas rebeldes. Faziam-no sem ordens expressas e McLean, embora aprovasse os sentimentos que determinavam essa caça aos rebeldes, ordenara que isso parasse. Mowat supunha que aqueles tiros eram disparados pela Companhia Ligeira do Capitão Caffrae, que mantinha o assédio às linhas inimigas.

– Alerta convés! – gritou um vigia do mastro de vante.

–Homem na água!

– Caiu alguém pela borda fora? – perguntou Mowat ao oficial de dia.

–Não, meu Capitão.

Mowat foi à frente, vendo que realmente um homem nadava na direção da Albany vindo da boca do porto. Parecia exausto. Deu algumas braçadas, depois flutuou e tentou debilmente recomeçar a nadar, e Mowat gritou ao contramestre para que lhe atirasse um cabo. O homem levou algum tempo até encontrar o cabo, depois foi içado e arrastado para o convés. Era um marinheiro com uma longa trança, que lhe oscilava nas costas nuas, e tatuagens de baleias e âncoras no peito e nos antebraços. Ficou a pingar e depois, exausto e a tremer, sentou-se sobre um dos reparos das peças de cinco quilos.

– Como te chamas, marinheiro? – perguntou Mowat.

– Freeman, Capitão, Malachi Freeman.

– Arranjem-lhe uma manta – ordenou Mowat – e algum chá. Ponham um cálice de rum dentro do chá. De onde és, Freeman?

- De Nantucket, Capitão.
- Um belo sítio – disse Mowat.
- Então, que te trouxe até aqui?
- Fui recrutado à força, Capitão. Em Boston.
- Para que navio?
- Para a Warren, Capitão.

Freeman era um jovem, mal teria vinte anos pela avaliação de Mowat, e nadara desde a Warren a coberto da escuridão da noite. Alcançara a praia sob Dyces Head, onde ficara a tremer, à espera que os barcos da guarda se retirassem de madrugada. Depois, nadara até às corvetas.

– Que fazes tu, Freeman? – perguntou Mowat. Viu como as mãos de Freeman estavam manchadas de negro de continuamente subir pelos mastros cobertos de pez.

– És gajeiro?

– Sim, Capitão, há já quatro anos.

– Sua Majestade aprecia sempre um bom gajeiro – disse Mowat, – e tu, estás disposto a servir Sua Majestade?

– Sim, meu Capitão.

– Vamos ajuramentar-te – disse Mowat, depois esperou que lançassem uma manta sobre os ombros do desertor e lhe pusessem nas mãos uma lata com chá com um cheirinho de rum.

–Bebe isso primeiro.

– Vêm aí, meu Capitão, atrás de si – disse Freeman, a bater os dentes.

– Atrás de mim?

– O Comodoro, meu Capitão. Vem hoje, meu Capitão. Disseram-nos ontem à noite. E está a pôr couraças à proa da Warren, meu Capitão.

– Couraças?

– Estão a fortalecer as rodas de proa, meu Capitão, e a pôr três camadas de troncos sobre o castelo de vante, meu Capitão, para proteger os fuzileiros.

Mowat olhou para o homem trémulo. Considerou a ideia de os rebeldes terem enviado Freeman para deliberadamente lhe dar informações erradas, mas fazia pouco sentido. Se Saltonstall quisesse enganar Mowat, certamente fingiria que retirava, não que atacava. Então, os rebeldes vinham aí, finalmente? Mowat olhou para ocidente, onde podia ver os navios ancorados para lá de Dyces Head.

– Quantos navios virão? – perguntou ele.

– Não sei, meu Capitão.

– Imagino que não – disse Mowat. Caminhou até às enxárcias e apoiou uma lente no cruzamento das cordas. Conseguia ver, sim, que havia homens a trabalhar nas rodas de proa da Warren. Pareciam estar a amarrar cabos novos ao gurupés, ao passo que outros içavam troncos de um escaler. Então, finalmente, vinham aí? – Não virão antes da preia-mar da tarde – disse ele ao seu Primeiro-Tenente.

– Isso dá-nos o dia quase todo para nos prepararmos, meu Capitão.

– Sim, é verdade.

–Mowat baixou o óculo e levantou os olhos para o céu.

–O barómetro? – perguntou ele.

– Continua a descer, meu Capitão.

– Então o mau tempo também aí vem – disse Mowat. O céu estava transparente agora, mas ele achava que haveria nuvens, nevoeiro e chuva antes de anoitecer, quando, sabia ele, teria sido morto ou sido feito prisioneiro. Não alimentava quaisquer ilusões. A sua pequena flotilha poderia causar danos graves aos navios americanos, mas não os conseguiria derrotar. Uma vez que a Warren tivesse o costado voltado para as corvetas, poderia massacrá-las com o fogo das suas peças, que eram duas vezes mais pesadas do que as britânicas, e a derrota seria inevitável. A Warren ficaria ferida, mas a Albany morreria. Isso não era evitável, pelo que o máximo que Mowat poderia esperar era ferir a Warren duramente e depois pôr os seus homens a salvo, em terra, onde poderiam ajudar McLean a defender o forte.

–Os fuzileiros têm de voltar todos para bordo – disse ele ao Primei-ro-Tenente – e todas as peças têm de ser carregadas com munição dupla. Ponham areia nos conveses. Diga ao cirurgião para afiar as suas malditas facas. Afundar-nos-emos a rosnar, mas por Deus, irão ficar a saber que lutaram com a Marinha Real.

Depois enviou uma mensagem a McLean.

Os rebeldes vêm aí.

Peleg Wadsworth pediu voluntários. A milícia, era verdade, desapontara e, tirando o primeiro dia em terra, quando tinham trepado a falésia, fazendo recuar o forte piquete inimigo, não tinham combatido com ânimo. Mas isso não significava que não havia homens valentes entre eles, e Wadsworth apenas queria os valentes. Caminhou pelo arvoredor e falou com grupos de homens, falou com os piquetes que constituíam a guarnição das posições colocadas no bosque, e disse-lhes o que planeava.

– Vamos pela orla do porto – disse ele – e assim que que estivermos por trás do inimigo, entre ele e os navios dele, fazemos um ataque. Não estaremos sozinhos. O Comodoro entrará no porto e lutará com o inimigo, e os seus navios bombardearão o forte enquanto nós atacamos. Preciso de homens dispostos a fazer esse ataque, homens dispostos a subir a colina comigo e a invadir os parapeitos inimigos. Preciso de homens valentes.

Ofereceram-se quatrocentos e quarenta e quatro homens. Reuniram-se entre as árvores, no cimo de Dycles Head, onde o Tenente Downs e cinquenta fuzileiros estavam à espera, e onde Wadsworth dividiu os milicianos voluntários em quatro companhias. Os guerreiros índios formaram a sua própria pequena companhia. Era o começo da tarde. O dia amanhecera brilhante, mas agora o céu enublava-se e um nevoeiro tardio avançava no horizonte.

– O nevoeiro ajudará a esconder-nos – observou Wadsworth.

– Então Deus é americano – disse o Tenente Downs, fazendo sorrir Wadsworth, e depois o Tenente olhou para trás de Wadsworth.

–O General Lovell vem aí, meu General – disse ele, em voz baixa.

Wadsworth voltou-se e viu Solomon Lovell e o Major Todd a aproximarem-se. Significaria isso más notícias? Teria o Comodoro Saltonstall mudado de ideias?

– Meu General – saudou ele o General, cautelosamente.

Lovell estava pálido e sisudo.

– Decidi – disse ele lentamente – que devo ir consigo.

Wadsworth hesitou. Pensara que comandaria aquele ataque e que

Lovell avançaria separadamente com os restantes homens pelo dorso da cumeada, mas algo no rosto de Lovell o fez aceitar a decisão do velho. Lovell queria participar naquele ataque porque precisava de provar a si mesmo que fizera tudo o que poderia ter feito. Ou talvez, pensou Wadsworth com menor benevolência, Lovell tivesse os olhos postos na posteridade e soubesse que a fama esperava o homem que liderasse o ataque triunfante ao Forte George.

– Com certeza, meu General – disse ele.

Lovell parecia desgostoso.

– Acabei de mandar retirar os canhões grandes lá de cima – disse ele, fazendo um gesto na direção do arvoredo onde os canhões de Revere tinham sido posicionados.

– Mandou retirar...

– começou Wadsworth a dizer com perplexidade.

– Não há munições – interrompeu-o Lovell, debilmente.

Wadsworth estava quase a observar que poderiam ser fornecidas mais munições, se não por Boston, talvez então pelo paiol da Warren, mas depois compreendeu a razão pela qual Lovell dera a ordem aparentemente derrotista de retirar os canhões. Fora porque o General compreendera, finalmente, que aquela era a última oportunidade dos rebeldes. Se aquele ataque falhasse, nada mais funcionaria, pelo menos até que chegassem reforços, e, até esse dia, não haveria necessidade de mais armas pesadas.

– O Coronel McCobb e o Coronel Mitchell chefiarão o ataque pela cumeada – continuou Lovell. Nem Lovell nem Wadsworth esperavam muito do segundo ataque, que seria feito pelos homens que não se tinham oferecido, mas mesmo assim a sua presença visível obrigaria os Britânicos a manter alguns homens do lado ocidental do forte, e essa era a razão porque o segundo ataque fora planeado.

– É uma honra tê-lo connosco, meu General – disse generosamente Wadsworth.

– Não interferirei com as suas disposições – prometeu Lovell.

Wadsworth sorriu.

– Dependemos todos da misericórdia de Deus, meu General.

E se Deus fosse misericordioso, os rebeldes desceriam a longa colina plenamente visíveis do forte e debaixo do fogo dos seus canhões. Passariam os restos fumegantes das casas e celeiros incendiados, depois caminhariam através dos milheirais e pomares e pelo meio de pequenas hortas, onde cresciam vegetais. Uma vez abrigados pela povoação, dirigir-se-iam para um grupo de casas que ficavam entre o forte os navios britânicos e, aí, Wadsworth esperaria até que o ataque do Comodoro distraísse os defensores do forte e enchesse o porto de ruído, fumo e fogo.

Com os fuzileiros e os índios integrados nas suas forças, Wadsworth comandava agora quinhentos homens. Os melhores. Seria suficiente? McLean

contava, pelo menos, com setecentos no forte, mas as tropas comandadas pelo Coronel McCobb e o Coronel Mitchell manteriam alguns desses defensores ocupados do lado ocidental, e assim que os navios britânicos fossem tomados ou afundados, o resto dos fuzileiros americanos iria para terra. O número de homens seria mais ou menos idêntico, pensou Wadsworth, e depois decidiu que não poderia vencer aquela batalha por um exercício de cálculo mental. Poderia planejar os seus movimentos apenas até ao limiar do porto, mas depois disso o diabo lançaria os dados e haveria fumo e fogo, gritos e aço, o caos da raiva e do terror, e para que serviria então a matemática? Se os netos de Wadsworth ouvissem um dia falar daquele dia ou daquela vitória, deveriam ouvir falar de coragem e de homens a realizar um grande feito. E se o feito não fosse grande, não seria memorável. Assim, em algum momento, ele teria de se deixar de cálculos e lançar-se na fúria e na decisão. Não havia nenhum caminho fácil. Tanto Lovell como Saltonstall se tinham esquivado à luta porque procuravam uma solução segura, mas uma tal solução não existia. A expedição só triunfaria quando se elevasse acima da prudência e desafiasse os homens a realizarem grandes feitos. Então sim, pensou ele, quinhentos homens seriam suficientes, porque era tudo o que havia para fazer aquilo, e aquilo tinha de ser feito em nome da liberdade da América.

—James? — disse ele a Fletcher.

—Vamos.

Quarenta dos voluntários manejavam cabos de arrastar ligados a dois dos canhões de dois quilos que, até então, mal tinham sido utilizados. Eram demasiado pequenos para serem eficazes sem ser a uma distância muito curta, mas naquele dia poderiam decidir a vitória na batalha. O Tenente Marett, um dos oficiais de Revere, comandava as duas peças, que possuíam uma ampla provisão de balas esféricas, embora o Capitão Carnes, antes de regressar ao General Putnam, tivesse insistido para que os dois pequenos canhões fossem também equipados com pirâmides. Ele próprio fizera os projéteis, recolhendo pedras da praia, que os marinheiros do General Putnam tinham colocado dentro de sacos feitos com pedaços de vela cosidos. Os sacos podiam ser calcados sobre uma bala esférica para que, quando os canhões disparassem, as pedras se espalhassem como chumbos no tiro aos patos. O Tenente Marett protestara nervosamente porque as pedras estragariam os canos dos canhões, mas calara-se perante o olhar maligno de Carnes.

— Que se lixem os canos — dissera Carnes, — o que conta são os estragos que eles farão nas tripas dos Britânicos.

As primeiras falripas de neveiro enrolavam-se sobre o declive enquanto os homens desciam até à praia. Iam sem uma ordem definida, apressando-se ao longo dos prados e através das árvores dispersas. Uma bala esférica disparada do Forte George lavrou uma vala na pradaria. Um segundo canhão disparou, depois um terceiro, mas todas as balas fizeram ricochete no chão sem causar danos. Era um bom augúrio, pensou Wadsworth, e ficou surpreendido de procurar augúrios. Rezara ao amanhecer. Gostava de pensar que a fé e a oração se bastavam a si próprias e que estava, agora, nas mãos de Deus, mas

deu por si a observar tudo o que ocorria à procura de sinais de que aquele ataque seria bem-sucedido. As corvetas britânicas, embora as suas peças alcançassem o porto, não dispararam e nisso estava seguramente a mão da Providência. O fumo das casas a arder era empurrado na direção do Forte George e, embora o espírito racional de Wadsworth lhe dissesse que isso acontecia apenas porque o vento continuava a soprar de sudoeste, queria convencer-se de que era um sinal de que Deus desejava cegar e sufocar o inimigo. Viu seis índios acorados junto ao milheiral onde ele mandara que os homens se reunissem. Formavam um círculo, de cabeças escuras juntas, e interrogou-se sobre a que deus rezavam. Lembrou-se de um homem chamado Eliphalet Jenkins que fundara uma missão no território da tribo Wampanoag e cujo corpo, desentranhado à faca e empalidecido pelo mar, fora atirado para terra pela maré em Fairhaven. Porque se lembrava agora desta velha história? E, então, pensou na história que James Fletcher lhe contara sobre um homem e um rapaz, ambos Ingleses, que havia muitos anos tinham sido castrados e depois queimados vivos pelos índios de Majabigwadu. Seria isso outro augúrio?

Os dois canhões chegaram sem percalços. Cada um deles estava ligado a uma carreta que levava as munições e no mais próximo desses vagões estava pintada a frase «Liberdade ou Morte». Aquilo era fácil de dizer, pensou Wadsworth, mas a morte parecia agora mais iminente. Iminente e imanente. As palavras martelavam-lhe a cabeça. Porque não disparavam os canhões das corvetas inimigas? Estariam a dormir? Um projétil disparado do forte tombou nos escombros escaldantes da casa de Jacob Dyce e explodiu inofensivamente com um estrondo seco e impotente e uma erupção de cinza e madeira incandescente. Iminente, imanente e impotente. Por alguma razão, Wadsworth pensou num texto que constituía o fundamento de um sermão que o Reverendo Jonathan Murray pregara no primeiro domingo após a expedição ter desembarcado, «onde o verme não morre e o fogo não se apaga»2. O verme, dissera Murray, era a maligna tirania britânica e o fogo a justa fúria dos homens que lutavam pela liberdade. Mas para que tinham incendiado aquelas casas, perguntou-se Wadsworth, e quantos homens de Majabigwadu, enfurecidos pelo fogo posto, naquele momento engrossavam os parapeitos do forte? «O verme contorcer-se-á ao secar» garantira Murray, e «chiará ao arder!» Porém, a Escritura, pensou Wadsworth, não garantia essa punição, apenas que o verme não morreria. Seria isso um augúrio?

– Continuamos, meu General? – perguntou Fletcher.

– Sim, sim.

– O senhor parece estar como que a sonhar, meu General – disse Fletcher, sorrindo.

– Estava a perguntar a mim próprio quantos civis estarão a ajudar a guarnição.

– Oh, alguns ajudarão – disse Fletcher em tom desvalorizador.

– O velho Jacob por exemplo, mas ele não consegue disparar a direito. E, claro, o Doutor Calef.

– Conheci Calef em Boston – disse Wadsworth.

– Não é mau tipo. Um bocado pomposo. Mas ele estará lá como médico, não como soldado.

– A caminho, então – disse Wadsworth, e agora tudo aquilo parecia irreal. Os navios continuavam a não disparar e no forte os canhões ficaram silenciosos porque os Americanos estavam no terreno mais baixo, protegidos das armas que estavam na muralha sul por um maciço de terra paralelo à cumeada. Também eram ocultados pelas casas, milheirais e árvores. Os lírios floresciam nos quintais. Uma mulher recolheu apressadamente a roupa estendida, pois o céu escurecia e prometia chuva. Os fuzileiros, formando uma dupla fila, avançavam pela esquerda, prontos para se virarem e enfrentarem qualquer surtida da guarnição do forte, mas McLean não ordenou nenhuma. Um cão preso ladrou aos soldados que passavam até que uma mulher gritou para que se calasse. Wadsworth olhou para a sua esquerda, levantando os olhos, mas a única coisa que conseguiu ver do forte foi a bandeira, que mal se mexia, no cimo do mastro. Atravessou o trilho recém-formado que ia da praia ao portão do forte. Se eu fosse McLean, pensou Wadsworth, mandaria homens para baixo, para lutarem; mas o escocês não fez tal coisa, nem Mowat disparou das suas corvetas, embora devesse estar a ver a fila de rebeldes por entre a povoação.

– Ele não vai gastar munições connosco – sugeriu o Tenente Downs, quando Wadsworth exprimiu o seu espanto por os navios britânicos estarem silenciosos.

– Porque não lhe podemos fazer mal?

– Porque ele colocou cargas duplas nos canhões para dar as boas-vindas aos nossos navios. E a única coisa com que ele está preocupado, meu General, com os navios.

– Ele não tem modo de saber que eles planeiam atacá-lo – observou Wadsworth.

– Se viram o castelo de vante a ser fortalecido – disse Downs, – certamente adivinharam.

E imagine-se que os navios não vinham. Saltonstall aceitara com muita relutância fazer um ataque, imagine-se que mudava de ideias? Os homens de Wadsworth estavam agora em linha com os navios, o que queria dizer que estavam entre Mowat e McLean, e Wadsworth conseguia ver os uniformes vermelhos dos Fuzileiros Reais no convés da HMS North. O nevoeiro adensava-se e caiu um primeiro chuvisco.

Então, uma repariga louira veio a correr de uma casa e lançou os braços em redor do pescoço de James Fletcher, e Wadsworth percebeu que tinham chegado. Ordenou que dois canhões fossem virados para o porto com a missão de abrir fogo para o caso de virem alguns Fuzileiros Reais dos navios. O resto dos seus homens acocorava-se pelos quintais e pomares. Estavam a quinhentos metros do bastião sudeste do forte, ocultados por um grande milheiral. Estavam posicionados. Estavam prontos. Se McLean os conseguia ver, não dava sinais aparentes de preocupação, pois nenhum dos canhões do forte disparou, ao passo que os costados das corvetas pensavam agora bem distantes dos rebeldes. Subimos a encosta por aqui, pensou Wadsworth.

Através do milheiral e pelo terreno aberto e sobre o fosso e pela muralha acima até à vitória, e isso parecia fácil, mas haveria balas esféricas e pirâmides, gritos e sangue, fumo e saraivadas, morte e contorções de agonia, homens a guinchar, aço a resvalar em vísceras, calções borrados de merda e o diabo a rir-se enquanto fazia rolar os dados.

– Eles sabem que estamos aqui – disse Lovell, que não falara desde que tinham partido da elevação, mas agora, olhando para a bandeira desfraldada acima do forte, o seu tom era nervoso.

– Sabem – disse Wadsworth.

– Capitão Burke! – William Burke, o comandante do navio corsário Sky Rocket, fora com os soldados e agora a sua missão era regressar e dizer ao Comodoro Saltonstall que a força de assalto estava em posição. Saltonstall insistira para que fosse um marinheiro a dar-lhe essa informação, uma insistência que divertira Wadsworth porque ela sugeria que o oficial naval não confiava no exército.

– Está satisfeito com o facto de estarmos em posição, Senhor Burke? – perguntou Wadsworth.

– Completamente satisfeito, meu General.

– Então, peço-lhe, diga ao Comodoro que atacaremos assim que ele abra fogo.

– Sim, meu General – disse Burke, e partiu para oeste, escoltado por quatro milicianos. Um escaler esperava-o abaixo de Dyces Head. A mensagem, pensou Wadsworth, demorará uma hora a ser entregue. Começou a chover com mais força. Nevoeiro e chuva na sexta-feira, dia 13, mas pelo menos Wadsworth estava confiante que, finalmente, os navios iriam.

E o forte, com a ajuda de Deus, cairia.

– Não fazemos nada, é claro – disse McLean.

– Nada? – perguntou Moore.

– Suponho que poderíamos ter almoçado mais tarde. Disseram-me que há sopa de rabo de boi.

Moore olhou para baixo desde o bastião de sudeste. Os rebeldes, pelo menos uns quatrocentos, estavam escondidos algures perto da casa de Fletcher.

– Poderíamos mandar duas companhias desalojá-los, meu General – sugeriu o Tenente.

– Têm uma companhia de fuzileiros – disse McLean, – você viu isso.

– Então quatro companhias, meu General.

– O que é exatamente o que eles querem que façamos – disse McLean. Gotejava água da chuva dos bicos do seu bicórneo.

– Querem que enfraqueçamos a guarnição.

– Porque, nesse caso, atacariam desde a elevação?

– Tenho de assumir isso – disse McLean.

– Gosto mesmo de sopa de rabo de boi, sobretudo temperada com um pouco de sherry.

– McLean desceu cautelosamente o pequeno lance de escadas do bastião, apoiando-se na vara de abrunheiro.

– Servirá com o Capitão Caffrae – disse ele a Moore, – mas lembre-se do seu outro dever se os rebeldes passarem.

– Destruir os juramentos, meu General?
– Exatamente isso – disse McLean, – mas garanto-lhe que não passarão.
– Não? – perguntou Moore com um sorriso.
– Os nossos inimigos cometeram um erro – disse McLean – ao separarem a sua força, e ousar acreditar que nenhum dos contingentes tem força para passar as nossas defesas.
– Abanou a cabeça.

– Gosto quando o inimigo faz o meu trabalho. Eles não são soldados, John, eles não são soldados, mas isso não significa que o combate seja fácil. Têm uma causa e estão prontos a morrer por ela. Venceremos, mas será trabalho duro. O Brigadeiro sabia que o momento crítico chegara e estava grato por ter levado tanto tempo a chegar. A mensagem do Capitão Mowat dissera que os navios rebeldes estavam por fim determinados a entrar no porto, e McLean sabia agora que o ataque naval seria acompanhado por um ataque terrestre. Esperava que o corpo principal dos rebeldes viesse da zona alta e, por isso, colocara a maioria dos seus homens do lado ocidental do forte, enquanto três companhias do 82.º foram posicionadas de forma a defenderem o ataque dos homens que tinham avançado ao longo da orla costeira, de modo a ficarem escondidos na zona baixa. Essas companhias foram reforçadas por canhões navais, já carregados com pirâmides, que poderiam tornar o fosso que havia para lá da baixa muralha de leste numa trincheira a transbordar de sangue. E aquilo seria sangrento. McLean sabia que, ao fim de mais uma hora ou duas, Majabigwaduce estaria sitiada pelo ruído, fumo dos canhões e pela malevolência dos mosquetes. As corvetas de Mowat defender-se-iam rijamente, mas seriam certamente destruídas ou tomadas, e isso era triste, ainda que a sua perda não significasse a derrota. O que era importante era manter o forte, e isso McLean estava determinado a fazer, e, assim, embora os seus oficiais ansiassem por fazer uma surtida e atacar os rebeldes escondidos, ele iria manter os casacas vermelhas no interior das muralhas do forte e deixaria que os rebeldes viessem morrer debaixo do fogo dos canhões ou trespassados pelas baionetas.

Porque essa fora a razão pela qual ele construíra o Forte George, para matar os inimigos do Rei, e, agora, esses inimigos convidavam-no a fazê-lo. E, por isso, ele esperou.

Começou a chover mais fortemente, uma chuva constante que desabava quase verticalmente, pois o vento era muito fraco. O nevoeiro movia-se em faixas, por vezes espessas, depois mais esparsas, e, em certos pontos, porções inteiras do rio ficavam visíveis, revelando a água cinzenta e pouco convidativa agitada sob a chuva. A água da chuva pingava das vergas e do velame, escurecendo os conveses dos navios.

– Acredita no exército, Senhor Burke? – perguntou Saltonstall.
– Estão em posição, Comodoro, e prontos para seguir. Sim, meu Comandante, acredito neles.

– Então, suponho que devo fazer-lhes a vontade.
Cinco navios rebeldes entrariam no porto de Majabigwaduce. O General Putnam lideraria o ataque, seguido de perto pela Warren e o navio de New

Hampshire, o Hampden. O Charming Sally e o Black Prince seguiriam atrás dos três navios da frente.

Fora Saltonstall quem tivera a ideia de enviar o General Putnam à frente. Era um navio grande e bem construído, que levava um conjunto de canhões de cinco quilos, e as suas ordens eram para se dirigir diretamente à linha de Mowat e depois virar contra o vento para ancorar em frente da corveta mais a sul, a Nautilus. Uma vez ancorado, o General Putnam massacraria a Nautilus com o seu costado, enquanto a Warren, com peças muito mais pesadas, se colocaria diante do principal navio britânico, a Albany. O Hampden, com uma mistura de peças de cinco e três quilos, aproximar-se-ia então da North, enquanto os dois navios restantes usavam os seus costados para disparar contra o forte.

¹A prole do diabo. [N.T.]

²Evangelho de S. Marcos, 9:48. [N.T.]

– Ele quer ver-nos mortos – comentou Thomas Reardon, Primei-ro-Tenente do General Putnam.

– Mas faz sentido enviar-nos à frente – disse debilmente Daniel Waters, o comandante.

– Para nos ver mortos?

– A Warren é o nosso navio mais poderoso. Não há razão para ser massacrada antes de conseguir abrir fogo.

– E por isso vamos nós ser massacrados em vez dela?

– Sim – disse Waters, – porque é o nosso dever. Mãos no cabrestante.

– Ele está a salvar a pele, esse é o único sentido que isto faz.

– Basta! Cabrestante!

Os braços do cabrestante rangiam à medida que as âncoras eram içadas. As velas de joanete foram as primeiras a ser soltas, fazendo cair água sobre os conveses, nos quais fora espalhada areia para que os artilheiros não escorregassem nas tábuas que haveriam de ficar escorregadias com sangue. Os canhões foram carregados com cargas duplas. Os três navios da frente levavam todos fuzilheiros, cujos mosquetes atormentariam os artilheiros inimigos.

As tripulações dos outros navios deram vivas quando os cinco navios atacantes se puseram a caminho. O Comodoro Saltonstall observou, em atitude de aprovação, a giba ser elevada e apoiada para afastar a Warren do vento, e depois a bujarrona e a vela de estai do mastro do traquete a serem içadas e firmemente amarradas. Os homens escorregavam pelos mastros, corriam sobre as vergas e lutavam com os nós apertados pela chuva para ferrarem as velas grandes, que espalharam mais alguns litros de água da chuva, retida nas pregas dos panos.

– Prendam-nas bem! – gritou Fenwick.

E a Warren começara a mover-se. Inclinou-se até um pouco ao vento

inconstante. A popa, no mastro da mezena, esvoaçava a flâmula com a serpente, enquanto a bandeira com estrelas e listas fora desfraldada no topo do mastro grande, com as suas cores a brilhar orgulhosamente por entre a chuva cerrada e manchas de nevoeiro flutuante. Israel Trask, o pequeno flautista, tocava no castelo de vante da fragata. Começou pela «The Rogues March» porque era uma música alegre, uma melodia capaz de fazer os homens dançarem ou lutarem. Os artilheiros tinham lenços atados sobre as orelhas para abafar o ruído dos canhões e a maioria, apesar de estar um dia gelado, estava despida até à cintura. Se fossem feridos, não queriam que uma bala ou um estilhaço de madeira fizessem com que o tecido penetrasse na carne, pois todos sabiam que isso era um convite à gangrena. Os canhões eram pretos, no meio da chuva. Saltonstall gostava de ter o navio impecável, mas, apesar disso, autorizou que os artilheiros escrevessem com giz nos canos das peças. «Morte aos Reis», dizia um. «Liberdade para sempre», estava escrito num outro, enquanto um terceiro, algo misteriosamente, dizia apenas «Que se lixe o Papa», um sentimento que parecia irrelevante para o assunto daquele dia, mas tão de acordo com os próprios preconceitos do Comodoro, que ele permitira que a frase ficasse.

– Um grau para estibordo – disse Saltonstall para o homem do leme.

– Sim, meu Comandante, seja um grau para estibordo – disse o Timoneiro, não fazendo qualquer correção. Ele sabia o que estava a fazer e sabia, também, que o Comodoro estava nervoso, e os oficiais nervosos eram inclinados a dar ordens desnecessárias. O Timoneiro manteria a Warren atrás do General Putnam, muito próxima, tão próxima que a retranca da bujarrona quase tocava na pequena flâmula do navio. A entrada do porto estava, agora, a uns quinhentos metros. Havia homens a acenar do cimo de Dyces Head, onde a bandeira americana estava içada. Canhão algum disparava. No meio do porto, uma porção desgarrada de nevoeiro quase envolvia os navios britânicos. O forte ainda não se tornara visível. Sentia-se um sussurro de vento, apenas o suficiente para que os navios ganhassem velocidade e o mar espadanava levemente de encontro ao talha-mar da Warren. Dois nós, talvez dois e meio, pensou Saltonstall, e faltaria uma milha náutica para que a roda girasse para colocar o costado da fragata de frente para a Albany. O castelo de vante da Warren não estava bonito, pois os fuzileiros tinham erguido barricadas com troncos para se protegerem do fogo inimigo. E esse fogo começaria assim que a fragata passasse Dyces Head, mas a maior parte dele seria dirigido para o General Putnam e, ao longo de meia milha náutica, o General Putnam teria de aguentar esse fogo sem que fosse capaz de lhe responder. À velocidade de dois nós, essa meia milha náutica seria coberta em quinze minutos. Todos os canhões britânicos disparariam seis ou sete vezes nesse período de tempo. Desse modo, pelo menos três centenas de balas massacrariam a proa do General Putnam, que o Capitão Waters reforçara com madeiros pesados. Saltonstall sabia que alguns dos homens o desprezavam por deixar que fosse o General Putnam a levar com esse embate, mas que sentido fazia sacrificar o maior navio da frota? A Warren era a rainha daquela baía, a única fragata e o único navio equipado com peças de nove quilos, e seria uma

idiotice deixar que o inimigo a inutilizasse com trezentas balas esféricas, antes de ter sido capaz de soltar o seu temível costado.

E para que serviria, de qualquer modo, aquele ataque? Saltonstall sentiu uma picada de fúria por lhe ter sido pedido que fizesse aquilo. Lovell devia ter atacado e tomado o forte havia dias! A marinha continental estava a ter de fazer o trabalho da Milícia do Massachusetts, e Lovell, raios o partissem, devia ter-se queixado aos seus superiores em Boston, que tinham persuadido o Conselho da Marinha a enviar uma reprimenda a Saltonstall.

Que sabiam eles? Não estavam ali! A missão era conquistar o forte, não afundar três corvetas que, uma vez o forte tomado, estavam de qualquer modo condenadas. Desse modo, bons fuzileiros e excelentes marinheiros tinham de morrer porque Lovell era um idiota nervoso.

– Ele nem para ser eleito guardador de gado! tem capacidade – disse sarcasticamente Saltonstall.

– O quê, meu Comandante? – perguntou o Timoneiro.

– Nada – vociferou Saltonstall.

– Está na terceira marca! – gritou um marinheiro da plataforma das latrinas, lançando um cabo com um chumbo para determinar a profundidade.

– Temos água que chegue, meu Comandante – disse o Timoneiro, encorajadoramente.

– Lembro-me da última vez que ficámos com o nariz espetado.

– Silêncio, vê onde pões os olhos – vociferou Saltonstall.

– Seja silêncio então, meu Comandante.

O General Putnam estava agora quase diante de Dyces Head. O vento caiu, embora os navios continuassem o seu caminho. A bordo dos navios britânicos, os artilheiros deveriam estar agachados atrás dos canos para se assegurarem de que o tiro seria certo.

– Meu Comandante! – gritou o Guarda-Marinha Ferraby da grinalda.

– Que é?

– Sinal do Diligent, meu Comandante. Velas desconhecidas à vista.

Saltonstall voltou-se. Lá longe, para sul, emergindo de uma faixa de nevoeiro que obscurecia Long Island, estava o navio de guarda, o Diligent, com brilhantes bandeiras sinalizadoras no lais de uma verga.

– Pergunte quantas velas são – ordenou ele.

– Diz que são três navios, meu Comandante.

– Por que diabo não disseste isso logo da primeira vez, maldito idiota? Que navios são?

– Não sabe, meu Comandante.

– Então, envie ordem para que descubra! – berrou Saltonstall, depois desenganchou o bucal do porta-voz da caixa da bússola e colocou-o na boca.

– Virar em roda! – gritou ele, voltando-se depois para o Guarda-Marinha encarregue dos sinais.

– Senhor Ferraby, grande idiota, faça sinal aos outros navios atacantes para que regressem ao ponto de ancoragem!

– Vamos voltar para trás, meu Comandante? – foi levado a perguntar o Guarda-Marinha Fenwick.

– Não seja parvo, você também! Claro que vamos voltar para trás! Não fazemos nada até saber quem são estes desconhecidos!
E, assim, o ataque foi suspenso. Os navios rebeldes afastaram-se, com as velas a bater como monstruosas asas molhadas. Havia três navios desconhecidos à vista, o que significava que tinham chegado reforços.
Mas reforços para quem?

Do testemunho do Tenente George Little ao Tribunal de Instrução do Massachusetts, prestado sob juramento a 25 de setembro de 1779:

Por ordem do Capitão Williams fui com 50 Homens a Bordo do Hampden como guarnição supondo que ia acontecer o grande Ataque ao Inimigo Pela Mesma altura os Barcos do Comodoro estavam a ser Utilizados para Levar Troncos para Construir uma Barricada no Castelo de vante – ouvi Muitas Vezes o Capitão Williams dizer que desde o primeiro Conselho de guerra o Comodoro sempre pregara Terror Contra entrar no Porto para atacar os Navios Inimigos.

Do despacho do Brigadeiro-General Lovell para Jeremiah Powell, Presidente do Conselho de Administração do Estado de Massachusetts Bay, datado de 13 de agosto de 1779:

Recebi o vosso parecer de 6 de agosto no qual mencionavam a vossa necessidade de informação sobre o Estado do exército sob o meu Comando... Da Situação do meu Exército presentemente só posso dizer que é muito crítica... Muitos dos meus Oficiais e Soldados estão descontentes com o serviço embora haja alguns que merecem o maior crédito pela sua Alacridade e conduta de Soldados... Junto seguem os processos de cinco Conselhos de Guerra, podem avaliar a minha Situação quando o mais importante Navio da Frota e quase todos os Navios de propriedade privada estão contra o Cerco.

Um Fuzileiro Real na grinalda da HMS North disparou o mosquete contra um pequeno grupo de Americanos que se tinham juntado sobre a praia. A bala rodopiou mesmo por cima das suas cabeças e foi enterrar-se no tronco de um abeto. Nenhum dos Americanos pareceu dar-se conta, continuando a olhar fixamente para a entrada do porto. Um sargento fuzileiro gritou ao homem que poupasse as munições.

– A distância é demasiado grande, estúpido filho da mãe.

– Foi apenas para os cumprimentar, meu Sargento.

– Não faltará muito para que eles te venham cumprimentar.

O Capitão Selby, comandante da HMS North, estava a observar os navios rebeldes a aproximarem-se. A sua visão era velada por farripas de nevoeiro e bateladas de chuva, mas reconheceu o significado de as gáveas estarem ferradas. Os rebeldes queriam ver claramente para diante, estavam prontos para a batalha. Caminhou ao longo do convés da corveta, falando com os artilheiros.

– Deem-lhes com força, rapazes. Façam com que todas as balas contem. Apontem à linha de água, afundem os filhos da mãe antes de nos poderem abordar! É a forma de os batermos! – Selby duvidava que as três corvetas conseguissem afundar um navio inimigo, pelo menos antes de os rebeldes abrirem fogo. Era espantoso quanto um navio podia ser castigado antes de começar a afundar-se, mas era seu dever parecer confiante. Via cinco navios inimigos a aproximarem-se da entrada do porto e todos eles pareciam maiores do que a sua corveta. Achou que o inimigo iria tentar abordar e capturar a North e por isso preparara os espigões de abordagem, machados e cutelos com os quais a sua tripulação poderia combater os atacantes.

Parou à proa da North, junto de um grande poste onde estava presa uma das sirgas de dezassete polegadas que ligavam a sua corveta à Albany. Conseguiu ver o Capitão Mowat à popa da Albany, mas resistiu à tentação de estabelecer conversa por sobre a pequena abertura. Um homem tocava violino a bordo da corveta de Mowat e a tripulação cantava, e os seus próprios homens seguiram a canção.

O peito encheremos e o ar atroaremos, pois marinheiros britânicos somos,

Pela distância correremos e vagaremos por todo o mar salgado,

Até águas baixas no Canal da velha Inglaterra encontrarmos,

De Ushant a Scilly são trinta-e cinco léguas.²

Perguntou-se se eram mesmo trinta e cinco léguas. Lembrava-se da última vez que partira de Ushant rumo ao norte, o mar era um monstro cinzento e a ventania do Atlântico assobiava nas enxárcias. Pareceu serem mais de trinta e cinco léguas. Observou o inimigo e entreteve-se a converter trinta e cinco léguas em milhas náuticas. Os números rodopiaram na sua cabeça e obrigou-se a concentrar-se. Um nada abaixo das noventa e uma vírgula quinze milhas náuticas, digamos uma viagem da aurora ao anoitecer numa corveta, com vento vivo e o casco limpo. Voltaria ele a ver Ushant? Ou morreria ali, naquele

porto nevoeiro, chuvoso e esquecido por Deus, da costa rebelde? Continuava a observar o inimigo. Um belo navio de casco escuro vinha na frente, e logo atrás via-se o volume e os mastros altos da Warren. Pensar nos canhões grandes da fragata deu a Selby uma súbita sensação de vazio no estômago e, para disfarçar o nervosismo, levantou a lente na direção dos navios que se aproximavam. Viu fuzileiros de farda verde nos postos de combate da fragata e pensou no fogo de mosquete que iria chover no seu convés, e, depois, inexplicavelmente, viu algumas das velas inimigas rodarem e começarem a desaparecer do seu campo de visão. Baixou a lente, continuando a olhar.

— Bom, bom — disse ele.

A fragata americana estava a virar. Teria perdido o leme? Selby olhava, perplexo, e viu, depois, que todos os navios rebeldes seguiam o exemplo da fragata. Estavam a afastar a proa do vento, com as velas a estremecerem à medida que as tripulações soltavam os cabos.

— Não vão certamente abrir fogo dali? — perguntou-se ele em voz alta. Olhou, quase esperando ver o casco do navio da frente desaparecer numa súbita nuvem de fumo de pólvora, mas não viu fumo nenhum. O navio apenas virava vagarosamente e continuava a virar.

— Os filhos da mãe estão a fugir! — gritou Henry Mowat da Albany. O cântico nas corvetas esmoreceu até morrer, enquanto os homens observavam o inimigo a voltar para trás.

— Não têm estômago para a luta! — gritou Mowat.

— Deus meu — disse Selby, atônito. O seu telescópio mostrara-lhe o nome à popa do navio que liderara o ataque, e que era agora o último da frota que se retirava.

— General Putnam — leu ele em voz alta — e quem diabo é o General Putnam? — perguntou ele. Mas quem quer que fosse, o navio com o seu nome afastava-se agora do porto, como faziam também a fragata rebelde e os outros três navios. Todos eles lutavam agora contra a maré enchente para regressarem ao seu ancoradouro.

— Diabos me levem

— disse Selby, baixando o telescópio.

A bordo da North, a bordo da Albany e no convés areado da Nautilus, os marinheiros davam vivas. O inimigo fugira sem disparar um tiro. Mowat, habitualmente muito sério e concentrado, ria-se. E o Capitão Selby mandou de imediato distribuir uma ração extra de rum.

Porque parecia que afinal iria ver Ushant outra vez.

Os Americanos que estavam na praia eram os Generais Lovell e Wadsworth, o Tenente Downs dos fuzileiros continentais e os quatro majores que comandariam a milícia pela colina acima. Só que agora parecia que não iria haver nenhum ataque, pois os navios do Comodoro Saltonstall estavam a voltar para trás. O General Lovell olhava de boca aberta para os navios a rodarem lentamente em volta, um pouco depois da entrada do porto.

— Não — protestou ele, para ninguém em particular.

Wadsworth não disse nada. Olhava apenas pelo telescópio.

- Ele voltou para trás! – disse Lovell, sem querer acreditar.
- Ataque agora, meu General – instou Downs.
- Agora? – perguntou Lovell, estupefacto.
- Os Britânicos vão estar a olhar para a boca do porto – disse Downs. – Não – disse Lovell, – não, não, não.
- O som da sua voz revelava desânimo.
- Ataque, por favor! – suplicou Downs. Desviou o olhar para Wadsworth.
- Vingue o Capitão Welch, ataque!
- Não – disse Peleg Wadsworth, apoiando a decisão de Lovell. Fechou o telescópio e fitou sem ânimo a boca do porto. Ouvia as tripulações a darem vivas a bordo das corvetas.
- Meu General – começou Downs a fazer um apelo.
- Precisamos de todos os homens para atacar – explicou Wadsworth,
- precisamos de homens a atacar ao longo da cumeada e precisamos de fogo dos canhões a partir do porto.
- O sinal para o Coronel Mitchell e para o Coronel McCobb começarem a avançar era verem os navios americanos a disparar contra os britânicos, mas parecia, agora, que esse sinal não iria ser enviado.
- Se atacarmos sozinhos, Capitão – continuou Wadsworth, – McLean pode concentrar toda a sua força contra nós.
- Havia um tempo para o heroísmo, um tempo para o gesto desesperado que escreveria com letra gloriosa uma nova página da História americana, mas esse tempo não era aquele. Atacar naquele momento seria enviar homens para a morte a troco de nada e dar outra vitória a McLean.
- Temos de voltar lá para cima – disse Lovell.
- Temos de voltar para trás – disse Wadsworth, como um eco.

Começou a chover ainda mais.

Passaram mais de duas horas até que os homens e os dois canhões voltassem ao terreno alto, quando já escurecera. A chuva persistia. Lovell abrigou-se sob a tenda feita de pano de vela que substituíra o seu abrigo anterior.

– Tem de haver uma explicação! – queixou-se ele, mas não tinham chegado quaisquer notícias da frota. Saltonstall navegara em direção ao inimigo e depois, no último momento, voltara para trás. Havia rumores que diziam que tinham sido avistados navios desconhecidos na foz do rio, mas ninguém os confirmara. Lovell esperava uma explicação, mas o Comodoro não enviou nenhuma e, por isso, o Major Todd foi enviado em busca da resposta. Foi descido um escaler do navio de transporte mais próximo e Todd foi levado para sul, onde as lanternas dos navios brilhavam por entre a humidade da noite.

– Warren, olá! – gritou o piloto do escaler, ao embater no casco da fragata. Surgiram mãos na amurada para içarem o Major Todd para bordo.

– Esperem por mim – ordenou Todd à tripulação do escaler, depois seguiu o Tenente Fenwick pelo convés da fragata, passou as peças grandes que ainda exibiam as inscrições feitas a giz, e chegou à camarinha do Comodoro. A casaca e o chapéu de Todd escorriam água e as suas botas transbordavam no tapete axadrezado.

– Major Todd – saudou Saltonstall à chegada do Major Todd. O Comodoro estava sentado à mesa com um copo de vinho. Quatro velas de espermacete em castiçais de prata fina iluminavam o livro que estava a ler.

– O General Lovell envia cumprimentos – começou Todd a dizer, servindo-se de uma mentira diplomática – e pergunta qual a razão de o ataque não ter ocorrido.

Saltonstall achou, evidentemente, a pergunta inusitada, porque inclinou a cabeça em provocação.

– Enviei uma mensagem – disse ele, olhando para a porta almofadada, por cima do ombro de Todd.

– Receio que não tenha chegado qualquer mensagem, meu Comandante.

Saltonstall marcou a página do livro com uma fita de seda, depois voltou a concentrar-se na porta da camarinha.

– Foram avistados navios desconhecidos – disse ele.

– Dificilmente poderia estar à espera que eu atacasse o inimigo com navios desconhecidos à minha retaguarda.

– Navios, meu Comandante? – perguntou Todd e esperou que fossem reforços vindos de Boston. Queria ver um regimento de soldados treinados, com bandeiras desfraldadas e tambores a rufarem, um regimento que pudesse atacar o forte e varrê-lo da face do Massachusetts.

– Navios inimigos – disse Saltonstall, com voz sumida.

Houve um curto silêncio. A chuva tamborilava no convés acima e um relógio de caixa fazia um tiquetaque quase indiscernível.

– Navios inimigos? – repetiu Todd, quase num sopro.

– Três fragatas na primeira linha – continuou implacavelmente Saltonstall – e um navio de linha com mais duas fragatas atrás.

– Voltou a sua atenção para o livro, retirando o marcador de seda.

– Tem a certeza? – perguntou Todd.

Saltonstall dispensou-lhe um olhar de piedade.

– O Capitão Brown, do Diligent, é capaz de reconhecer as cores do inimigo, Major.

– Então e agora...? – começou a dizer Todd, mas depois pensou que não havia necessidade de perguntar ao Comodoro o que deveria acontecer em seguida.

– Retiramos, claro – disse Saltonstall, adivinhando a pergunta não formulada.

– Não temos escolha, Major. O inimigo ancorou para passar a noite, mas de manhã? De manhã temos de subir o rio para descobrir um sítio defensável.

– Sim, meu Comandante – disse Todd, hesitando.

– Vai perdoar-me, Comandante, mas tenho de voltar para informar o General Lovell.

– Sim, deve fazer isso. Boa-noite – disse Saltonstall, virando uma página.

Todd foi levado de volta à praia. Foi a cambalear no escuro, pelo caminho escorregadio, caindo duas vezes, pelo que, quando chegou à tenda improvisada de Lovell, estava tão enlameado quanto molhado. O seu rosto transmitiu as notícias a Lovell, notícias que, de qualquer modo, Todd relatou. A chuva batia na tela e silvava lá fora na fogueira enquanto o Major contava sobre a recém-chegada frota britânica que estava ancorada para sul.

– Parece que vieram em força, meu General – disse Todd, – e o Comodoro creê que temos de retirar.

– Retirar – disse Lovell, com voz fraca.

– De manhã – disse Todd, – se houver vento suficiente, o inimigo estará aqui, meu General.

– Uma frota?

– Cinco fragatas e um navio de linha, meu General.

– Meu Deus.

– Parece ter-nos abandonado, meu General.

Lovell parecia que fora esbofeteado, mas de súbito endireitou-se.

– Todos os homens, todos os canhões, todos os mosquetes, todas as tendas, todas as porções de mantimentos, tudo! Dentro dos navios esta noite! Chame o General Wadsworth e o Coronel Revere. Diga-lhes que não deixamos nada ao inimigo. Mandê evacuar os canhões de Cross Island. Está a ouvir? Não deixamos nada ao inimigo! Nada!

Havia um exército a salvar.

Chovia. A noite estava sem vento pelo que a chuva caía com força e a direito, tornando o trilho improvisado que subia em ziguezague pela extremidade norte da falésia num lamaçal. Não havia luar, mas o Coronel Revere teve a ideia de acender fogueiras na orla do trilho e foi à luz delas que os mantimentos foram transportados para a praia, onde outras fogueiras revelavam os escaleres sobre os seixos.

Os canhões tiveram de ser transportados à mão pelo trilho abaixo. Foram necessários cinquenta homens para cada um dos de nove quilos. Grupos de homens puxavam cabos de rebocar para impedir os enormes canhões de resvalarem, enquanto outros empurravam as enormes rodas das carretas para guiarem as armas até à praia, onde algumas chatas aguardavam para levar a artilharia de volta ao Samuel. As luzes dos navios faziam cintilar a humidade. A chuva fervilhava. Tendas, cartuchos de mosquete, barris de farinha, caixas de velas, picaretas, pás, armas, tudo era levado para a praia, onde os marinheiros carregavam os barcos e remavam até aos navios de transporte.

Peleg Wadsworth tropeçava por entre as árvores escuras e encharcadas para se certificar de que tudo estava a ser levado. Transportava uma candeia, mas a sua luz era fraca. Escorregou uma vez e caiu numa vala abandonada no limiar do arvoredado. Pegou na candeia que, miraculosamente, continuara acesa e olhou para leste, para a escuridão que rodeava o Forte George. Viam-se alguns pontos minúsculos de luz bruxuleante, difusa pela chuva, nas casas abaixo do forte, mas as defesas de McLean estavam invisíveis até um canhão disparar, iluminando toda a cumeada com a sua repen-tina chama, antes de esta se extinguir. A bala abriu um sulco por entre as árvores. Os Britânicos disparavam alguns canhões todas as noites, não por esperarem matar rebeldes, mas para lhes perturbar o sono.

– General? General? – era a voz de James Fletcher.

– Estou aqui, James.

– O General Lovell quer saber se os canhões foram retirados de Cross Island, meu General.

– Disse ao Coronel Revere para tratar disso – indicou Wadsworth. Porque não perguntara Lovell diretamente a Revere? Caminhou ao longo da trincheira e viu que estava vazia.

–Ajude aqui, James – disse ele, estendendo uma mão.

Regressaram pelo meio das árvores. A mesa do General Lovell estava a ser levada e havia homens a deitar abaixo o abrigo, sob o qual na fogueira do acampamento Wadsworth dormira tantas noites. Dois milicianos empilharam os arbustos e os ramos na fogueira, provocando labaredas e uma vaga de fumo. Todas as fogueiras estavam a ser alimentadas para que os Britânicos não suspeitassem que os rebeldes estavam de partida.

A chuva foi amainando à medida que a aurora se aproximava. Apesar da escuridão e do tempo, os rebeldes tinham conseguido resgatar tudo da elevação, embora tivesse havido um súbito alarme quando McCobb percebeu que o canhão da Milícia do Condado de Lincoln ainda estava em Dyces Head. Foram enviados alguns homens para o retirar quando Wadsworth descia cautelosamente o trilho que a chuva tornara escorregadio.

– Não lhes deixámos nada – disse-lhe o Major Todd à laia de saudação, na praia. Wadsworth assentiu, com ar fatigado. Sabia que fora um considerável feito, mas não podia deixar de se interrogar sobre o entusiasmo que os homens tinham mostrado no resgate das armas e mantimentos da expedição, um entusiasmo que não fora evidente quando lhes fora pedido que lutassem.

–Viu o baú dos pagamentos? – perguntou Todd, ansiosamente.

– Não estava na tenda do General?

– Devia estar na tenda, suponho – disse Todd.

A chuva parara por completo e um alvor cinzento e aquoso iluminava o céu, a leste.

– É tempo de partir – disse Wadsworth. Mas para onde? Olhou para sul, mas a baía de Penobscot estava envolta, do lado do mar, por uma névoa que ocultava os navios inimigos. Uma chata estava à espera de levar o canhão de seis quilos que faltava, mas o único outro barco que restava na praia estava lá para levar Todd e Wadsworth para a Sally.

–É tempo de partir – disse de novo Wadsworth. Subiu para o barco e deixou Majabi-gwaduice aos Britânicos.

Nenhum canhão disparou ao alvorecer. A chuva da noite parara, as nuvens limpavam e o céu estava claro, não havia vento e o nevoeiro não obscurecia a serrania de Majabigwaduice. Porém, nenhum canhão disparou nas baterias rebeldes e não se ouvia o mais pequeno ruído dos piquetes rebeldes a limparem a pólvora húmida dos mosquetes. O Brigadeiro McLean olhou para o terreno elevado pela sua lente. A cada momento a desviava para sul, mas a névoa continuava a velar a parte baixa do rio e era impossível dizer que navios lá estavam. A guarnição vira os navios desconhecidos surgirem ao lusco-fusco, mas ninguém tinha a certeza se eram britânicos ou americanos. McLean voltou a olhar para o arvoredo.

– Estão muito sossegados – disse ele.

– Talvez se tenham pisgado – sugeriu o Tenente-Coronel Campbell, comandante do 74.º.

- Se aqueles navios forem nossos?
- Nesse caso, os nossos inimigos estarão a ir em grande correria pela encosta
- disse Campbell – com o rabo entre as pernas.
- Meu Deus, talvez tenha razão.
- McLean baixou o óculo.
- Tenente Moore?
- Meu General?
- Os meus cumprimentos ao Capitão Caffrae e peça-lhe para ter a bondade de levar a companhia a dar uma vista de olhos às linhas inimigas.
- Sim, meu General, e, meu General?
- E sim, pode ir com ele, Tenente – disse McLean.

Os cinquenta homens passaram em fila pelo abatis e dirigiram-se para oeste ao longo da cumeada, mantendo-se próximos do lado norte, onde as árvores estavam escurecidas pela chuva do dia anterior.

Para a esquerda havia troncos de pinheiros abatidos, muitos deles marcados por balas de canhão que tinham caído a curta distância. Quase a meio caminho entre o forte e as trincheiras rebeldes, Caffrae levou a companhia para o meio das árvores. Iam agora com cuidado, continuando a seguir para oeste, mas devagar, sempre alerta em relação a piquetes rebeldes que pudessem estar entre as folhas. Moore desejou ter um uniforme verde como o dos fuzileiros inimigos. Parou uma vez, com o coração aos saltos devido a um súbito ruído à sua direita, mas era apenas um esquilo a arranhar um tronco.

- Acho que se foram embora – disse Caffrae, suavemente.
- Ou talvez estejam armados em espertos – sugeriu Moore.
- Espertos?
- A atrair-nos para uma emboscada.
- Vamos descobrir, não vamos? – disse Caffrae. Espreitou para diante. Aquele bosque fora o seu campo de diversões, onde ele vinha pôr os rebeldes de alarme, mas raramente avançara tanto na cumeada. Pôs-se à escuta, mas não ouviu nada de suspeito.
- Ficar aqui não junta mais molho ao bife, pois não? – disse ele.
- Vamos avançar.

Passaram por entre as árvores húmidas, continuando a andar a passo de caracol. Caifrae recuou, então, para a esquerda, de modo a conseguir ver a clareira e percebeu que avançara bem para lá das trincheiras inimigas mais avançadas, e essas trincheiras estavam vazias. Se fosse uma emboscada, já teriam seguramente saltado.

- Foram-se embora – disse ele, tentando convencer-se a si próprio.
- Seguíam agora mais rapidamente, avançando cinquenta ou setenta metros de cada vez, e chegaram então a uma clareira que fora nitidamente um acampamento rebelde. Troncos caídos rodeavam as cinzas molhadas de três fogueiras e havia abrigos toscos feitos de ramos e ervas na orla da clareira, e, atrás, entre as árvores, um buraco que servira de latrina fedida. Os homens espreitaram o interior dos abrigos, sem nada encontrar, e depois seguiram Caifrae por um caminho que conduzia ao rio. Moore viu um pedaço de papel preso na vegetação e pescou-o com a ponta da espada. O papel estava

molhado e a desintegrar-se, mas conseguia ainda ver-se que alguém escrevera a lápis o nome de uma rapariga. Adelaide Rebecah. O nome estava escrito numerosas vezes numa letra redonda de criança. Adelaide Rebecah.

– Alguma coisa interessante? – perguntou Caífrae.

– Amor mal expresso – disse Moore, atirando o papel fora.

Ao lado do caminho entre dois dos acampamentos havia uma fiada de sepulturas, cada uma delas marcada com uma cruz de madeira e um amontoado de pedras, para impedir os animais de desenterrarem os corpos. Havia nomes escritos a carvão nas cruzes. Isaac Fulsome, Nehemiah Eldredge, Thomas Snow, John Reardon. Havia dezassete nomes e dezassete cruzes. Alguém escrevera as palavras «pela Liberdade» a seguir ao nome de Thomas Snow, mas o espaço faltara e o «e» estava desajeitadamente entalado num canto da travessa.

– Meu Capitão! – chamou o Sargento Logie.

– Meu Capitão! – Caffrae correu para o Sargento.

– Ouça, meu Capitão – disse Logie.

A única coisa que Caífrae conseguiu ouvir, a princípio, foi a água a pingar das folhas e o débil sussurro das ondas na praia da falésia, mas depois ouviu vozes. Então os rebeldes não se tinham ido embora? As vozes pareciam vir do sopé da falésia e Caífrae levou os seus homens nessa direção, descobrindo um caminho escavado na superfície íngreme. O caminho tinha sulcos feitos por rodas, pois fora por ali que os canhões tinham sido rebocados para cima e depois para baixo, e um deles estava ainda em terra.

Caffrae, chegado à beira da falésia, viu um barco sobre os seixos e homens que se debatiam com um canhão no fim do caminho.

– Vamos ficar com aquele canhão, rapazes – disse ele, – por isso, venham!

Uma dúzia de rebeldes levava à mão o canhão de seis quilos para a praia, mas os sulcos da estrada estavam cheios de água, o canhão era pesado, e os homens estavam cansados. Então, ouviram barulho acima deles e viram as casacas vermelhas brilharem entre as árvores.

– Levantem o cano! – ordenou o oficial rebelde. Juntaram-se em volta do canhão e ergueram o cano, tirando-o da carreta, e foram a cambalear, com o peso, pela praia de seixos.

Os casacas vermelhas gritavam e corriam. Os rebeldes quase atolavam a chata ao descarregarem o cano à sua popa, mas o barco continuou a flutuar; os marinheiros saltaram para dentro dele e tiraram os remos quando os primeiros escoceses chegaram à praia. Um rebelde tropeçou quando tentava empurrar o barco para longe de terra. Desequilibrou-se e caiu inteiro dentro de água, no momento em que o barco começou a afastar-se. Os companheiros estenderam-lhe os braços enquanto ele patinhava e espadanava na água tentando chegar ao barco que se afastava, mas este ficou mais longe e um escocês ordenou ao homem que voltasse para a praia. Ficara prisioneiro, mas o cano do canhão fora salvo. A chata afastou-se ainda mais de terra enquanto os restantes homens de Caffrae afluíam à praia, onde um deles, um cabo, levantou o mosquete.

– Não! – gritou Caffrae terminantemente.

–Deixa-os ir!

Não era misericórdia, era cautela, pois alguns dos navios de transporte possuíam pequenos canhões e a praia estava bem ao seu alcance. Disparar um mosquete era um convite à resposta de um canhão carregado com pirâmides. O mosquete foi baixado.

Moore parou junto da carreta abandonada. Diante dele estava a baía de Penobscot e a frota rebelde. Não havia vento, pelo que a frota continuava ancorada. O Sol estava agora bem acima do horizonte e o dia estava cristalino. A névoa da madrugada desvanecera-se, pelo que Moore conseguia ver a segunda frota, uma frota mais pequena, que estava longe, para sul, e no meio dessa pequena frota havia um grande navio, um navio com dois andares de peças, um navio de longe maior do que qualquer outro que os rebeldes possuíssem, e Moore soube, pelo tamanho do navio, que a Marinha Real chegara.

E os rebeldes tinham-se ido embora de Majabigwaduque.

Peleg Wadsworth apelara ao General Lovell para que se preparassem para uma situação de emergência como aquela. Quisera subir o rio e encontrar um ponto onde as baterias pudessem ser instaladas e, depois, se os Britânicos realmente enviassem uma frota, os rebeldes poderiam retirar para trás das suas novas defesas e atingir os navios perseguidores com fogo de canhão, mas Lovell recusara um tal apelo.

Agora, Lovell queria exatamente o que Wadsworth pedira com tanta insistência. James Fletcher foi chamado ao convés da popa da Sally e inquirido sobre o que havia para o lado de cima do rio.

– Há uns dez ou doze quilómetros de baía, General – disse Fletcher a Lovell, – depois o rio estreita bastante. Corre por mais uns trinta quilómetros antes de ser impossível ir mais para a frente.

– O rio muda de direção ao longo desses trinta quilómetros? – perguntou Lovell.

– Em alguns pontos, sim – disse James.

–Existem canais a direito e existem curvas apertadas como a cauda de Satã.

– As margens são acidentadas?

– O caminho todo, General.

– Então, o nosso objetivo – disse Lovell – é descobrir uma curva do rio onde possamos fazer uma fortificação.

–A frota rebelde poderia abrigar-se para lá dessa curva e todos os canhões que pudessem ser levados para terra seriam fortificados para destruir os navios britânicos perseguidores. Desse modo, a frota seria salva e o exército preservado. Lovell sorriu pesarosamente a Wadsworth.

–Não me ralhe, Wadsworth, – disse ele – eu sei que você previu que isto poderia acontecer.

– Esperava que não acontecesse, meu General.

– Mas tudo ficará bem – disse Lovell com sublime confiança.

–Alguna energia e aplicação conservar-nos-á.

Pouco poderia ser feito enquanto não houvesse vento para mover os navios. Porém, Lovell estava satisfeito com o trabalho realizado durante a noite. Tudo

o que poderia ser salvo do alto da falésia, exceto uma carreta, fora embarcado e esse feito, numa noite de chuva e caos, fora notável. Era um bom presságio da sobrevivência do exército.

– Temos todos os nossos canhões – disse Lovell, – todos os nossos homens e todos os nossos mantimentos!

– Quase todos os canhões – corrigiu o Major Todd.

– Quase? – perguntou Lovell com indignação.

– Os canhões de Cross Island não foram recuperados – disse o Major Todd.

– Não foram recuperados? Mas eu dei ordens claras para que fossem retirados de lá!

– O Coronel Revere declarou que estava demasiado ocupado, meu General.

Lovell ficou a olhar para o Major.

– Ocupado?

– O Coronel Revere declarou também, meu General – continuou Todd, retirando prazer da descrição das falhas do seu inimigo, – que as suas ordens tinham deixado de lhe dizer respeito.

Lovell ficou embasbacado a olhar para o seu Major de brigada.

– Ele disse o quê?

– Afirmou que o cerco fora abandonado, meu General, e que, por conseguinte, deixava de estar obrigado a obedecer às suas ordens.

– Não está obrigado a obedecer às minhas ordens? – perguntou Lovell, sem querer acreditar.

– Foi o que ele declarou, meu General – disse Todd, em tom gélido.

– Sendo assim, receio que aqueles canhões estejam perdidos, meu General, a menos que tenhamos tempo de os retirar durante a manhã. Lamento também informá-lo, meu General, que o baú dos pagamentos desapareceu.

– Há de aparecer – disse Lovell, sem dar grande importância, ainda a cismar na insolência desavergonhada do Tenente-Coronel Revere. Não estava obrigado a obedecer às ordens? Quem pensava Revere que era?

– Precisamos do baú dos pagamentos – insistiu Todd.

– Há de ser encontrado, tenho a certeza – disse Lovell, com irritação. A noite anterior fora de caos na escuridão e era inevitável que algumas coisas tivessem sido levadas para o navio de transporte errado, mas tudo isso poderia ser separado assim que fosse descoberto um ancoradouro seguro e protegido.

– Mas, em primeiro lugar, temos de rebocar aqueles canhões para fora de Cross Island – insistiu Lovell.

– Não deixo nada para os Britânicos. Estão a ouvir? Nada!

Mas não havia tempo para resgatar os canhões. As primeiras rabanadas de vento tinham acabado de agitar a baía e a frota britânica estava já a içar as âncoras e a soltar as velas. A frota rebelde tinha de se pôr em movimento e, uma por uma, as âncoras foram levantadas, os panos soltados e os navios, auxiliados pela maré enchente, retrocederam para noroeste. O vento era fraco e inconstante, mal dando para mover a frota, pelo que alguns navios mais pequenos utilizavam os seus longos remos de freixo como auxiliares, enquanto outros eram rebocados por escaleres.

Os canhões de Cross Island foram abandonados, mas tudo o resto foi salvo.

Todos os canhões e mantimentos dos rebeldes tinham sido levados pelo trilho lamacento, na escuridão chuvosa, depois transportados à força de remos para os navios de transporte, e agora esses navios seguiam rumo a norte, em direção à parte estreita do rio e à segurança.

E atrás deles, entre os navios de transporte e a flotilha de Sir George Collier, os navios de guerra rebeldes preparavam-se para entrar em ação e espalhavam-se lentamente pela baía. Se os navios de transporte eram as ovelhas, os navios de guerra de Saltonstall eram os cães.

E os lobos estavam a caminho.

Os casacas vermelhas juntaram-se em Dyces Head para observarem o drama que se ia desenrolar. O criado do Brigadeiro McLean trouxera, previdentemente, um banco de ordenhar para a falésia e McLean agradeceu, sentando-se para ver a batalha que se preparava. Teria uma visão privilegiada de um acontecimento raro, pensou McLean. Dezassete navios rebeldes esperavam seis vasos de guerra da Marinha Real. Três fragatas britânicas vinham na frente, enquanto o grande navio com duas fiadas de peças e as outras duas fragatas avançavam mais lentamente.

– Creio que é a Blonde – disse McLean, observando a fragata mais próxima pelo telescópio.

– É o nosso velho amigo Capitão Barkley!

– Para a direita de McLean, os dezanove navios de transporte chegavam-se lentamente para norte. Àquela distância parecia que as suas velas pendiam flácidas e impotentes, mas avançavam mais a cada minuto que passava.

A Blonde disparou a artilharia de proa. Para os espetadores em terra, foi como se o gurupés tivesse sido engolido por espirais de fumo. Pouco depois, o ruído de dois canhões atrou pela falésia. Um par de nascentes brancas surgiu no sítio onde as balas tinham atingido a água, bem perto da Warren, que estava no centro da linha dos rebeldes. O fumo tornou-se mais ralo e flutuou à frente dos navios britânicos.

– Olhem para aquilo! – exclamou o Tenente-Coronel Campbell. Apontava para a boca do porto, onde as três corvetas de Mowat tinham aparecido. Arrastavam-se para fora do porto contra o vento. Desde que ouvira que os rebeldes tinham abandonado o cerco, Mowat estivera a retirar as peças dos navios das suas posições em terra. Os seus homens tinham trabalhado dura e rapidamente, desesperados por se juntarem na baía à frota prometida, e, agora, com os costados de bombordo recompostos, as três corvetas iam a caminho de se juntarem à flotilha de Sir George. Os escaleres faziam turnos para carregarem as âncoras mais para a frente das proas das corvetas, as âncoras eram lançadas e, depois, as corvetas eram arrastadas para diante pelo cabo, enquanto uma segunda âncora era levada, a remos, ainda mais para diante, com vista à estirada seguinte. Saltitaram, âncora a âncora, para fora do porto e as bombas da North continuavam a tinir e a jorrar, e todos os navios apresentavam estragos nos cascos resultantes dos bombardeamentos rebeldes, mas as suas peças estavam carregadas e as tripulações ansiosas, apesar de cansadas. A Blonde disparou de novo e, uma vez mais, as balas caíram perto dos navios rebeldes.

– Costumam dizer – observou McLean – que disparar os canhões traz o vento.

– Pensei que era ao contrário – disse Campbell, – que os disparos paravam o vento.

– Bem, é de uma maneira ou de outra – disse McLean alegremente, – ou talvez de nenhuma delas. Mas recordo-me de um tipo da marinha mo garantir.

–E talvez os disparos das peças de proa da HMS Blonde tivessem trazido algum vento porque os navios britânicos pareceram navegar mais velozmente à medida que se aproximavam da frota rebelde.

–Vai correr muito sangue – disse McLean. As três fragatas mais avançadas estariam em desvantagem em número de peças, embora o enorme Reasonable não viesse muito atrás e só as suas peças mais baixas fossem suficientes para rebentar, com um só costado, todos os navios de guerra rebeldes. Até mesmo a Warren, com as suas peças de nove quilos, estaria em inferioridade perante os canhões de quinze quilos dispostos nos dois conveses.

–Se bem que – continuou McLean – os marinheiros contem as coisas mais estranhas! Tive um comandante de navio em Portugal que jurava a pés juntos que o mundo era plano. Afirmava ter visto a extremidade do arco-íris!

– O tipo que nos levou a Halifax – disse Campbell – contou-nos histórias de sereias. Disse que se juntavam em rebanho como as ovelhas e que nos mares do Sul as suas mamas e rabos preenchiam o horizonte.

– A sério? – perguntou o Major Dunlop, ansiosamente.

– Foi o que ele disse! Mamas e rabos!

– Ai de mim – disse McLean, – estou a ver que tenho de viajar para o Sul.

–Endireitou-se sobre o banco, observando as três corvetas.

–Oh, bom trabalho, Mowat! – disse ele com entusiasmo. As três corvetas tinham, laboriosamente, utilizado as âncoras para se arrastarem para fora do porto, e agora soltavam os panos.

– E que significa aquilo? – perguntou o Major Dunlop. A pergunta fora suscitada por uma fiada de brilhantes bandeiras de sinais que aparecera no mastro de mezena da Warren. As bandeiras não significavam nada para os espetadores no cimo da falésia, aos quais se tinha agora juntado a maior parte dos habitantes de Majabigwaduice, curiosos de verem um acontecimento que certamente iria tornar famosa a sua aldeia.

– Suponho que os vai conduzir à batalha – sugeriu Campbell.

– Calculo que sim – anuiu McLean, embora não visse que os rebeldes pudessem fazer outra coisa que não o que já estavam a fazer. Os dezassete navios do Comodoro Saltonstall estavam em linha, com todos os costados virados para os navios a caminho, e isso dava aos rebeldes uma enorme vantagem. Podiam disparar vezes sem conta, seguros de que apenas os canhões de proa das três fragatas da frente poderiam ripostar. A Marinha Real, pensou o Brigadeiro, tinha de sofrer sérias baixas antes de o grande vaso de guerra poder aniquilar o desafio dos Americanos.

Só que os Americanos não apresentavam uma atitude de desafio.

– Que diabo se passa? – perguntou McLean.

– Deus me acuda – disse Campbell, igualmente assombrado.

Porque o significado dos sinais de Saltonstall se tornara subitamente claro. Não iria haver combate, pelo menos do lado do Comodoro, pois, um por um, todos os navios rebeldes estavam a virar e a afastar-se. Tinham soltado os panos e deslizavam empurrados pelo vento fraco. Deslizavam rumo ao norte. Para longe. Para a segurança oferecida pelos estrangulamentos do rio. Seis navios e três corvetas perseguiam trinta e sete outros navios.

Todos a fugirem.

Três dos navios rebeldes decidiram optar pelo alto-mar. O Hampden, com as vinte peças, era o maior, ao passo que o Hunter tinha dezoito peças e o Defence apenas catorze. As ordens do Comodoro requeriam que cada navio fizesse tudo para escapar ao inimigo, e por isso os três navios mudaram de rumo para oeste através da baía, com o objetivo de tomar o canal menos utilizado, a ocidente, depois de Long Island, e assim descerem o rio até ao oceano que ficava a vinte e seis milhas náuticas para sul. O Hunter era um navio novo e tinha a reputação de ser a vela mais rápida da costa, enquanto Nathan Brown, o seu comandante, era um homem astucioso que sabia como obter sempre um pouco mais de velocidade tirando partido do casco do seu navio. Havia um vento fraco mas precioso, nem de perto o que ele gostaria de ter, mas mesmo assim o seu casco lustroso deslizava imperceptivelmente mais depressa do que o Hampden, que, sendo maior, deveria ser o navio mais rápido.

No braço de uma verga do HMS Reasonable flutuaram bandeiras de sinais. Durante algum tempo foi difícil dizer o que essas bandeiras anunciavam, pois nada pareceu alterar-se na frota britânica, depois Brown viu as duas fragatas britânicas mais à retaguarda virarem lentamente para oeste.

– Os sacanas querem fazer uma corrida – disse ele.

Era uma corrida desigual. Os dois navios rebeldes mais pequenos poderiam ser mais velozes e ligeiros, mas tinham a desvantagem de navegar mais perto do vento e as duas fragatas facilmente fecharam o intervalo através do qual os rebeldes precisavam de bolinar. Dois disparos da HMS Galatea bastaram como aviso. As balas foram disparadas a grande distância e ambas apenas bafejaram a proa do Defence, mas a mensagem dos dois projéteis era clara. Se tentassem passar pelo intervalo, os pequenos navios ficariam à mercê dos costados das duas fragatas, e para se escapulirem às duas fragatas, os rebeldes precisavam de manobrar ao longo do canal onde as fragatas estavam à espera. Seriam forçados a navegar ao alcance de um tiro de pistola e John Edmunds, o comandante do Defence, teve uma visão dos seus dois mastros a caírem, do convés escorregadio do sangue e do casco a estremecer sob implacáveis e pesados golpes. As suas peças eram apenas de dois quilos e que podiam elas fazer contra todo um costado de uma fragata? Seria a mesma coisa que atirar côdeas de pão ao inimigo.

– Mas, maldito seja eu, se os filhos da mãe tomarem o meu navio – disse ele.

Sabia que a tentativa de passar pelas fragatas falhara e, por isso, tirou a proa do vento e depois levou o brigue, com todas as velas desfaldadas, na direção da orla ocidental da baía de Penobscot.

– Joshua! – gritou ele ao Primeiro-Marinheiro.

– Vamos lançar-lhe fogo! Abram os barris da pólvora.

O Defence deslizou para terra. Os mastros inclinaram-se para diante quando as suas rodas de proa raspam os seixos da praia. Edmunds pensou que os mastros certamente cairiam, mas os brandais aguentaram e as velas foram açoitadas e bateram contra as vergas. Edmunds tirou a bandeira içada à popa e dobrou-a. A tripulação espalhava pólvora e entornava óleo nos conveses.

– Desembarquem, rapazes – gritou Edmunds, e foi para diante, passou as peças agora inúteis, e parou à proa. Queria chorar. O Defence era um lindo navio. O seu lar era o mar alto, onde deveria ter feito jus ao seu nome marcial, dando caça aos gordos mercadores britânicos para enriquecer os seus proprietários, mas, em vez disso, fora apanhado num beco sem saída e era tempo de lhe dizer adeus.

Raspou a pedemeira em aço e entornou o linho ardente da caixa de acendalhas num rastilho de pólvora. Depois passou por cima da amurada e deixou-se cair na praia. Tinha os olhos húmidos quando se virou para ver o seu navio arder. Levou muito tempo. De início, houve mais fumo do que fogo, mas depois as chamas crepitaram pela mastreação coberta de breu e as velas foram apanhadas pelas labaredas; os mastros e vergas ficaram delineados pelo fogo, pelo que o Defence parecia o próprio navio do diabo, um bergantim com mastros de fogo, um desafiador navio de combate velejando em direção ao inferno.

– Oh, malditos filhos da mãe – disse Edmunds, de coração partido, – sacanas filhos de uma grandíssima puta!

O Hunter procurou abrigo numa enseada estreita. Nathan Brown, o seu comandante, fê-lo deslizar suavemente para terra no espaço apertado e mandou que baixassem uma âncora e que ferrassem as velas e, uma vez que o navio estava em segurança, disse à tripulação para descobrir em terra um lugar onde se abrigassem. O Hunter poderia ser um navio veloz, mas nem mesmo ele poderia passar pelos costados das duas fragatas inimigas e os canhões de dois quilos não eram comparáveis aos canhões britânicos, mas, mesmo assim, Nathan Brown não se convenceu a pegar fogo ao navio. Teria sido como assassinar a sua mulher. O Hunter tinha magia nas suas madeiras, era veloz e ágil, um navio enfeitado, e Nathan Brown ousava ter esperança de que os Britânicos o ignorassem. Rezou para que os perseguidores continuassem para norte e que, assim que os navios da Marinha Real passassem, ele poderia subtrair o Hunter da estreita enseada e voltar com ele para Boston, mas essa esperança morreu quando viu dois escaleres a abarrotar de marinheiros a partirem das fragatas britânicas.

Brown ordenara que os seus homens desembarcassem para o caso de os Britânicos tentarem destruir o Hunter com fogo de canhão, mas agora parecia que a intenção do inimigo era mais capturar do que destruir. Os escaleres apinhados aproximavam-se. Pelo menos metade da tripulação do Hunter, que somava cento e trinta homens, estava armada com mosquetes e começou a disparar assim que os escaleres se aproximaram do navio encalhado. Com as balas, a água saltava em volta dos remadores e pelo menos

um marinheiro britânico foi atingido, e os remos enredaram-se momentaneamente, mas os escaleres logo desapareceram por trás da popa do Hunter. Pouco depois, os marinheiros inimigos estavam dentro do navio, prendendo cabos de rebocar à sua popa. A maré traiçoeira levantou-a dos seis e uma bandeira estranha, a bandeira odiada, surgiu na ponta do mastaréu de mezena, enquanto era rebocada de volta ao rio. O Hunter era agora um navio de Sua Majestade. Para sul, escondido da tripulação de Brown por um outeiro arborizado, o paiol da pólvora do Defence explodiu, lançando uma nuvem escura de fumo fervente sobre a terra e uma chuva de estilhaços em brasa que caíam, com um silvo, na baía ou iniciavam pequenos incêndios em terra.

O Hampden era o maior dos três navios que tentaram alcançar o mar, e tendo visto de lá a sorte do Hunter e do Defence, o seu comandante, Titus Salter, voltou atrás para procurar a segurança nas partes estreitas do rio. O Hampden fora doado pelo Estado de New Hampshire e estava bem construído, bem guarnecido de tripulação e equipado sem olhar a meios, mas apesar disso não era um veleiro veloz e, ao final da tarde, ficou ao alcance da HMS Blonde, que abriu fogo. Titus Salter virou o Hampden, de modo a que o seu costado de bombordo, com dez peças, ficasse de frente para o inimigo, e retribuiu o fogo. Seis canhões de cinco quilos e quatro de três quilos cuspiram na direção da enorme Blonde, que replicou com balas de seis e de nove quilos. O HMS Virgínia veio atrás da Blonde e juntou o seu costado à batalha. Os canhões ribombavam pela baía, enquanto um fumo denso se elevava, envolvendo os masts mais baixos. As balas giravam pelos canos dos canhões. Os homens suavam e colocavam as peças no lugar, esfregavam, calçavam e colocavam os canhões nas portinholas, os artilheiros acendiam os bota-fogos, os canhões maiores davam um salto para trás e as balas esféricas martelavam sem dó o casco do Hampden. Os projéteis desfaziam a madeira e arremessavam estilhaços pontiagudos contra os corpos dos homens. O sangue corria pelas juntas do convés. Balas acorrentadas assobiavam no meio do fumo, danificando as enxárcias, os estais e as amarras. As velas contorciam-se e desfaziam-se ao esfarraparem-se e desfazerem-se os panos. O mastro do traquete foi o primeiro a desaparecer, tombando sobre as rodas de proa do Hampden, ocultando os canhões da frente sob as velas rasgadas, mas a bandeira americana continuava a flutuar e os Britânicos continuavam a massacrar o pequeno navio. As fragatas deslizaram para mais perto da presa indefesa. Os seus canhões mais pesados concentravam-se no casco e a fomarada que provocavam envolvia o Hampden. O fogo rebelde diminuiu progressivamente a cadência à medida que os homens eram mortos ou feridos. Uma caixa torácica, despedaçada por uma bala de nove quilos, ficou espalhada pelo convés. Uma mão decepada estava presa num embornal. Um grumete de serviço à camarinha tentava não chorar enquanto um marinheiro lhe colocava um torniquete à volta da coxa ensanguentada e retalhada. O resto da perna estava a três metros de distância, reduzida a polpa por uma bala de seis quilos. Uma outra bala de nove quilos atingiu um canhão de cinco, e o ruído, como o de um grande sino, foi ouvido na longínqua falésia

de Majabigwaduće, derrubando o cano de cima da carreta e fazendo-o cair em cima de um artilheiro, que jazia, a gritar, com ambas as pernas esmagadas; uma outra bala ainda embateu na amurada e foi atingir o mastro principal, que de início oscilou, mas depois caiu sobre a popa, estilhaçando e estalando, rompendo enxárcias e estais, ao mesmo tempo que os homens gritavam a dar o alarme, e os implacáveis projéteis continuavam a cair.

Quinze minutos depois de a Blonde ter começado o combate, Titus Salter acabou com ele. Arriou a bandeira e os canhões calaram-se, o fumo flutuou sobre as águas salpicado de luz do Sol, e um grupo de marinheiros da Blonde abordaram o Hampden em busca do seu prêmio.

O que restava da frota rebelde continuava a rumar para norte.

Em direção às gargantas do rio.

Os rebeldes não tinham ocupado quaisquer edifícios em Majabigwaduće e o Doutor Eliphalet Downer, o cirurgião-chefe da expedição, queixara-se por manter feridos graves em abrigos improvisados construídos com ramos e pano de vela, e, então, os rebeldes tinham decidido estabelecer o hospital no que restava dos edifícios do Forte Pownall, em Wasaumkeag Point, que ficava a cerca de oito quilómetros rio acima e na margem oposta a Majabigwaduće. Agora, enquanto os canhões atrovavam pela baía, Peleg Wadsworth levava quarenta homens para evacuar os pacientes para a corveta Sparrow, que estava ao largo. Os homens, a maior parte com cotos envolvidos em ligaduras, caminhavam por si ou eram transportados em macas feitas de remos e casacas. O Doutor Downer ficara junto de Wadsworth e observava as fragatas distantes massacrarem o Hampden.

– E agora? – perguntou ele, com voz débil.

– Subimos o rio – disse Wadsworth.

– Para território selvagem?

– O senhor leva a Sparrow o mais para norte que puder – disse Wadsworth – e descubra uma casa adequada para servir de hospital.

– Essas disposições deveriam ter sido tomadas há duas semanas – disse Downer, em tom zangado.

– Concorde consigo – disse Wadsworth. Ele tentara persuadir Lovell a tomar essas disposições, mas o General olhara quaisquer preparativos para retirar como derrotismo.

– Mas não foram tomadas – continuou ele firmemente, – por isso temos todos de fazer o melhor que pudermos.

– Virou-se e apontou para o pequeno prado.

– Aquelas vacas devem ser abatidas ou levadas daqui para fora – disse ele.

– Tratarei de garantir isso – disse Downer. As vacas estavam ali para fornecerem leite fresco aos doentes, mas Wadsworth não queria deixar nada que pudesse ser útil ao inimigo.

– Torno-me então pastor e carnicero – disse Downer com amargura – e depois tenho de encontrar uma casa e esperar que os Britânicos me encontrem a mim?

– É minha intenção construir um reduto – explicou pacientemente Wadsworth – e assim manter o inimigo na parte de baixo do rio.

– Se tiver tanto êxito nisso como teve em tudo o resto ao longo das últimas três semanas – disse Downer rancorosamente, – bem podemos dar todos um tiro na cabeça.

– Obedeça apenas às suas ordens, Doutor – disse Wadsworth com irritação. Consequira roubar umas horas para dormir enquanto a Sally deslizava para norte, mas estava cansado.

–Peço que me desculpe – escusou-se ele.

– Falaremos mais tarde – disse Downer num tom que indicava arrependimento pelas palavras que proferia anteriormente.

–Vá, e faça o que tem de fazer, General.

Os navios de transporte estavam agora na parte mais a norte da baía. A maior parte ancorara durante a maré vazia e agora utilizava a maré enchente da noite e o vento fraco para se arrastar rumo à parte estreita do rio. Já-mes Fletcher explicara que a entrada para esses estreitos era assinalada por um obstáculo, Odonis Ledge, que ficava exatamente no meio do curso de água. Havia canais navegáveis de ambos os lados do rochedo, mas a própria saliência era um desastre para os navios.

– Rasga o fundo a qualquer barco – dissera James a Wadsworth – e os Britânicos não tentarão passar sem luz. Ninguém conseguiria passar Odoms Ledge na escuridão.

Wadsworth estava a utilizar o escaler da Sally e ele e Fletcher estavam a ser levados rumo ao norte a partir de Wasaumkeag Point. Os remadores iam em silêncio, tal como também estavam os canhões das fragatas inimigas, o que queria dizer que o Hampden fora tomado. Wadsworth voltou-se para apreciar a vista. Eram um entardecer de verão e ele estava no meio da maior frota que alguma vez os rebeldes tinham conseguido reunir, uma frota enorme, cujas velas captavam graciosamente o sol poente, e toda ela se encontrava em fuga diante de uma frota muito mais pequena. Os navios rebeldes convergiam na direção da saliência rochosa. As fragatas britânicas disparavam ocasionalmente uma peça de proa e as balas faziam espadanar a água a curta distância dos navios mais atrasados. Os lobos pastoreavam as ovelhas, pensou amargamente Wadsworth, e a Warren, mais alta e mais bela do que todos os navios circundantes, fugia como todos os outros, quando a sua obrigação era, seguramente, virar-se e lutar por conquistar um lugar na lenda.

– Está ali o Samuel, meu General.

–James Fletcher apontou para o brigue que quase chegara à entrada da parte estreita.

– Leve-me para mais perto do Samuel – ordenou Wadsworth ao Contramestre.

O brigue levava a reboque a barça de Revere e uma chata. Wadsworth levantou-se e pôs as mãos em concha quando o escaler se aproximou do Samuel.

– O Coronel Revere está a bordo?

– Estou aqui – trovejou uma voz em resposta.

– Não parem de remar – disse Wadsworth ao Contramestre, e depois pôs de novo as mãos em concha.

–Ponha um canhão na chata, Coronel!

– Quer o quê?

Wadsworth falou mais claramente.

– Ponha um canhão na chata! Eu encontro um lugar para o desembarcar! – Revere gritou qualquer coisa em resposta, mas Wadsworth não apanhou as palavras.

–Ouviu o que eu disse, Coronel? – gritou ele.

– Ouvi!

– Ponha um canhão na chata! Precisamos de ter canhões em terra quando encontrarmos um lugar para defender!

A resposta de Revere foi de novo indistinta, mas o escaler ultrapassara o Samuel e Wadsworth estava confiante de que Revere compreendia as suas ordens. Sentou-se e observou a água a dividir-se acima da saliência, onde as margens do rio, íngremes e cobertas de árvores, se estreitavam abruptamente. A maré estava a enfraquecer e as encostas tiravam muita força ao vento. Uma escuna e um navio tinham lançado ferro para lá da saliência rochosa, ao passo que, atrás deles, muitos dos outros navios estavam ainda a ser rebocados por escaleres cheios de homens exaustos.

– O que fazemos agora – disse Wadsworth falando para si próprio tanto quanto para os homens do seu barco – é descobrir um lugar que possamos defender.

–Tinham-lhe dito que o rio mudava de direção e na sua imaginação isso acontecia numa curva apertada onde ele poderia desembarcar canhões na margem a montante. Começaria com um dos canhões de Revere, porque assim que estivesse instalada, marcaria a nova posição rebelde e, à medida que os navios subissem o rio, poderiam doar canhões, homens que compusessem a guarnição e munições, de tal modo que, pela manhã, Wadsworth comandaria uma formidável bateria de artilharia diretamente apontada a jusante. Os Britânicos em aproximação seriam obrigados a navegar direitos a esses canhões. O rio era demasiado estreito para permitir que virassem e usassem os costados, pelo que, ao invés, teriam de navegar contra um bombardeio furioso ou, muito mais provavelmente, fundear e, assim, recusar o combate que lhes era oferecido. A frota rebelde poderia abrigar-se por trás da nova fortaleza, enquanto o exército poderia acampar em terra e recuperar a disciplina perdida. Podia ser aberta uma estrada para ocidente, através dos bosques, de modo a que pudessem chegar novos homens, munições e canhões para renovar o assalto a Majabigwadu-ce. Wadsworth adorara, em criança, a história de Robert Bruce, o grande herói escocês que, derrotado pelos seus inimigos ingleses, fugira para uma gruta, na qual observou uma aranha a tentar fazer uma teia. A aranha falhava repetidamente, mas tentava repetidamente de novo até que, por fim, tinha êxito, e essa persistência da aranha inspirara Bruce a tentar de novo e, assim, obter o seu grande triunfo. Do mesmo modo, os rebeldes tinham agora de fazer o papel da aranha e tentar de novo, e continuar a tentar até que, por fim, os Britânicos se fossem embora do Massachusetts.

Mas, enquanto a tripulação remava a ritmo regular para montante, pareceu

a Wadsworth que o rio quase não se encurvava. Uma ilha, Orphan Island, dividia o rio em dois canais e Odoms Ledge ficava no canal navegável, a oeste. Uma vez passada Orphan Island, as curvas do rio pareciam não ser muito acentuadas. A maré enchente ajudava os remadores. Estavam agora muito para diante dos navios, viajando numa suave noite de verão por um rio revoltoso e silencioso, orlado por árvores escuras e altas.

– Onde estão essas curvas apertadas? – perguntou, com nervosismo, Wadsworth a James Fletcher.

– Mais para a frente – disse James Fletcher. As pás dos remos mergulhavam, empurravam e escorriam a água e, então, de súbito, ah estava o local perfeito. À frente de Wadsworth, o rio mudava abruptamente de direção para leste, fazendo quase uma curva em ângulo reto, e o declive que lhe era sobranceiro era suficientemente íngreme para dissuadir qualquer ataque, mas não tão íngreme que impedisse que as armas lá fossem colocadas.

– Como se chama este sítio? – perguntou Wadsworth.

Fletcher encolheu os ombros.

– A curva do rio?

– Vai ter um nome – disse Wadsworth com veemência, – um nome para ficar nos livros de história. A Curva da Aranha.

– Aranha?

– É uma velha história – disse Wadsworth, sem tecer mais considerações. Encontrara o lugar onde fixar a sua posição, e agora tinham de reunir tropas, canhões e determinação.

–Vamos voltar a descer o rio – disse ele para a tripulação.

Porque Peleg Wadsworth iria dar luta.

Os navios de guerra rebeldes eram mais velozes do que os de transporte e, gradualmente, foram passando à frente dos navios mais lentos, ultrapassando Odoms Ledge e penetrando na parte mais estreita do rio. Todos os navios de guerra e quase metade dos de transporte passaram esse gargalo, mas uma dúzia de barcos mais lentos continuavam encalhados na baía, onde a maré abrandava e o vento caía e de onde o inimigo se aproximava. Todos os marinheiros sabiam que havia mais vento no topo do mastro que na base, e os mastros dos navios britânicos eram mais altos do que os dos transportes; as fragatas desfraldavam as velas dos joanetes e, por isso, beneficiavam da mais pequena brisa que soprasse na noite límpida. O Sol estava agora baixo, pelo que os cascos das fragatas estavam na sombra, mas as velas mais altas refletiam o Sol brilhante. Deslizavam para norte, aproximando-se sempre mais dos navios de transporte a abarrotar de homens, canhões e mantimentos, e, pairando atrás deles, vinha o rei do rio, o gigante Reasonable, com o seu número massivo de canhões.

A curta distância de Odoms Ledge, na margem ocidental, havia uma enseada. Era chamada Mill Cove porque fora construída uma serração no local onde a corrente desaguava na enseada, embora há muito tivesse desaparecido, dela restando apenas o esqueleto do vigamento e uma chaminé de pedra coberta de trepadeiras. Os doze navios de transporte, quase privados de vento e cada vez mais ameaçados pelas fragatas, viraram em direção à enseada. Eram

rebocados, mas a corrente do rio sobrepusera-se ao que restava da maré a encher e não conseguiam passar à força por nenhum dos canais em volta da saliência rochosa, e por isso arrastavam-se em direção às águas pouco profundas de Mill Cove, utilizando o que havia de vento para empurrar as suas proas para terra. Os homens saltaram sobre as amuradas. Levaram mosquetes e mochilas, avançaram a vau e juntaram-se, desconsolados, atrás das ruínas da serração a verem os navios a arder.

Um por um, todos os navios de transporte romperam em chamas. Todos eram valiosos. Os construtores de barcos do Massachusetts eram famosos pelas suas qualidades e dizia-se que um navio construído na Nova Inglaterra poderia ultrapassar qualquer outro do velho mundo, e os Britânicos adorariam capturar aqueles. Seriam levados para o Canadá, ou talvez mesmo para a Grã-Bretanha, e seriam vendidos em leilão e o dinheiro assim obtido seria distribuído pelos marinheiros dos navios que os tinham capturado. Os navios de guerra poderiam ser, talvez, adquiridos pelo Almirantado, como acontecera com a fragata Hancock, e o Hampden acabaria os seus dias como HMS Hampden, e a velocidade e as peças do HMS Hunter seriam usadas para perseguir contrabandistas no canal de Inglaterra.

Mas agora os comandantes dos navios de transporte americanos negariam uma tal vitória aos seus inimigos. Não entregariam os navios a um tribunal de avaliação britânico. Em vez disso, queimaram os navios e as chamas fizeram tremeluzir as margens de Mill Cove. Dois dos cascos a arder deslizaram para o meio do rio. As suas velas e mastros estavam incandescentes. Quando um mastro principal tombou, descreveu uma curva de fogo brilhante, fazendo explodir faúlhas no anoitecer, enquanto cabos, vergas e botalós caíam em cascata sobre o rio.

E o fogo fez o que a Warren e os outros navios não tinham conseguido fazer. Parar os Britânicos. Nenhum comandante levaria o seu navio para perto de um casco a arder. Velas, mastros alcatroados e cascos de madeira eram perigosamente inflamáveis e uma faísca levada pelo vento podia transformar um dos orgulhosos navios de Sua Majestade num destroço carbonizado, pelo que a frota britânica lançou ferro quando os últimos sinais do vento noturno desapareceram.

Para cima, a montante de Odoms Ledge, o resto da frota rebelde debateu-se em direção a norte até a corrente e a falta de luz os obrigar a ancorar. Em Mill Cove, centenas de homens, sem ordens nem oficiais que soubessem o que fazer, começaram a caminhar para oeste. Dirigiam-se, através de território selvagem, para as suas longínquas casas.

Enquanto isso, no Forte George, o Brigadeiro-General Francis McLean erguia um copo e sorria aos convidados que se tinham reunido à volta da sua mesa.

– Brindo, meus senhores, à Marinha Real – disse ele, e os seus oficiais perfilaram-se, de pé, ergueram os copos de vinho e repetiram como um eco o brinde do Brigadeiro.

–À Marinha Real!

De uma carta do General Artemas Ward, comandante da Milícia do

Massachusetts, para o Coronel Joseph Ward, de 8 de setembro de 1779:

O comandante da frota está amaldiçoado pelo sino, pelo livro e pela vela... O Tenente-Coronel Revere está agora preso por desobediência às ordens e por comportamento indigno de um soldado, próximo da cobardia.

Do Diário do Brigadeiro-General Solomon Lovell, 14 de agosto de 1779:

Com a aproximação dos Navios Britânicos os Soldados foram obrigados a irem para Terra e a lançarem fogo aos seus Navios, não está ao meu Alcance tentar descrever este Dia terrível seria Tarefa para uma mão de mestre descrever os factos nas suas verdadeiras cores, ver quatro Navios a perseguir dezassete Veleiros Armados nove dos quais eram fortes Navios, Transportes a arderem, Vasos de Guerra a explodirem, Provisões de todos os géneros e todos os géneros de coisas Armazenadas em Terra (pelo menos em pequenas Quantidades) a serem arremessadas, e tanta confusão quanto pode ser possível imaginar.

Excerto da carta do Brigadeiro-General Francis McLean ao Lorde George Germaine, Secretário de Sua Majestade para as Colónias Americanas, agosto de 1779:

Resta-me apenas esforçar-me por fazer justiça ao ânimo e ao espírito com que a todos os níveis a nossa pequena guarnição ultrapassou o excesso de fadiga necessário para tornar a nossa posição sustentável. A tarefa foi levada a cabo debaixo de fogo inimigo com um espírito que daria crédito mesmo aos soldados mais antigos; desde a altura em que o inimigo abriu trincheiras, o ânimo dos homens aumentou diariamente, tanto que, por fim, a nossa dificuldade principal foi contê-lo.

Peleg Wadsworth dormiu em terra, ou, melhor, permaneceu acordado na margem do rio e deve ter dormitado, porque acordou por duas vezes em sobressalto com sonhos que pareciam reais. Num deles, estava encurralado pelo Minotauro, que aparecia no pesadelo com a cabeça de Solomon Lovell coroada por um par de cornos a pingarem sangue. Por fim sentou-se, recostado numa árvore e uma manta sobre os ombros, e observou o rio escuro revolver-se lenta e silenciosamente em direção ao mar. Para a sua esquerda, do lado do mar, havia um fulgor no céu e ele sabia que aquela luz avermelhada era lançada pelos navios que ardiam ainda em Mill Cove. Parecia uma alvorada pouco amistosa e enchia-o de uma lassidão imensa, pelo que fechou os olhos e rezou a Deus para que lhe desse força para fazer o que era necessário fazer. Havia ainda uma frota e um exército para salvar, e um inimigo a confrontar, e, muito antes do primeiro alvor, acordou James Fletcher e os seus outros companheiros. Esses companheiros eram agora Johnny Feathers e sete dos seus índios, que possuíam duas canoas de casca de videeiro. As canoas deslizaram pela água com muito mais facilidade do que os pesados escaleres e os índios tinham alegremente concordado em deixar que Wadsworth as utilizasse para tentar reorganizar a defesa.

– Temos de descer o rio – disse ele a Feathers.

A maré estava de novo a encher e os navios estavam a servir-se dela para escaparem rio acima. Levavam as gáveas em posição, embora não houvesse vento que as enchesse, e assim flutuavam rio acima levados pela maré ou eram rebocados por escaleres. As canoas passaram pelos seis navios e Wadsworth gritou à tripulação de cada um deles que deveria levar o navio para lá do ponto em que o rio fazia um ângulo para leste e depois lançasse âncora.

– Lá, conseguimos defender o rio – gritou ele, e algumas vezes o comandante respondia animadamente, mas na maior parte as tripulações carrancudas recebiam as ordens em silêncio.

Wadsworth encontrou a Warren encalhada onde o rio momentaneamente se abria e como que formava um lago. Três outros navios estavam ancorados não muito longe. A fragata estava obviamente à espera de que a maré a libertasse de um banco de lama.

– Quer subir a bordo? – perguntou Johnny Feathers.

– Não.

Wadsworth não tinha estômago para um confronto com o Comodoro Saltonstall, o qual, suspeitava, não teria qualquer resultado. Saltonstall sabia qual era o seu dever, mas Wadsworth achou que sublinhar esse dever apenas provocaria sarcasmo e obscurecimento. Se a frota e o exército pudessem ser salvos, isso teria de ser feito por outros homens e Wadsworth andava à procura dos meios para realizar esse salvamento.

Descobriu-os a cerca de quatrocentos metros a jusante da Warren, junto ao local onde Samuel, o brigue que transportava a artilharia da expedição, estava

a ser rebocado para norte por dois escaleres. A canoa de Wadsworth deslizou ao longo do brigue e ele trepou até à amurada.

– O Coronel Revere está aqui?

– Foi-se embora na barçaça, meu General – respondeu um marinheiro.

– Espero que isso seja uma boa notícia – disse Wadsworth, e foi para a ré, onde o Capitão James Brown estava junto à roda do leme.

– O Coronel Revere pôs algum canhão na chata? – perguntou ele a Brown.

– Não – respondeu Brown laconicamente, acenando para o meio-na-vio onde os canhões estavam agora arrumados, rodas com rodas.

– Então onde está ele?

– Sei lá. Pegou na bagagem e partiu.

– Levou a bagagem? – perguntou Wadsworth.

– Tudo o que era baú e caixote.

– E os homens dele?

– Alguns estão aqui, outros foram com ele.

– Oh, meu Deus – disse Wadsworth. Permaneceu indeciso por um momento. O Samuel movia-se lentamente. O rio era tão estreito que os ramos das árvores por vezes raspavam nas vergas mais baixas do brigue. Wadsworth esperara que o canhão de Revere, colocado na Curva da Aranha, constituísse um ponto de referência para o resto da frota e o primeiro de muitos canhões que poderiam manter os Britânicos ao largo.

– Vai continuar a subir o rio? – sugeriu ele a Brown.

O comandante da Samuel deu uma gargalhada sem sombra de contentamento.

– Que outra coisa sugere que faça, General?

– A quinze quilómetros para jusante – disse Wadsworth, – o rio faz uma curva apertada para a direita. Preciso de canhões lá.

– Teremos sorte se fizermos três quilómetros antes de a maré mudar – disse Brown, – ou antes de os malditos Ingleses nos apanharem.

– Então, onde está o Coronel Revere? – perguntou Wadsworth, recebendo um encolher de ombros como resposta. Não passara pela barçaça pintada de branco de Revere quando descera o rio, o que queria dizer que o Coronel e os homens da artilharia deveriam estar mais para baixo, e isso fez cintilar uma esperança. Decidira Revere fortificar algum lugar na margem do Penobscot? Estaria ele, naquele preciso momento, à procura de um local onde uma bateria pudesse massacrar os navios britânicos? – Ele deu-lhe instruções relativamente aos canhões?

– Pediu apenas o pequeno-almoço.

– Os canhões, homem! Que quer ele que se faça com os canhões?

Brown virou a cabeça lentamente, cuspiu um jato de suco de tabaco no embornal de bombordo, depois voltou a olhar para Wadsworth.

– Ele não disse – respondeu Brown.

Wadsworth regressou à canoa. Precisava de Revere! Precisava de artilharia. Queria uma bateria de canhões de nove quilos, os mais pesados do exército rebelde, e queria munições da Warren, e depois queria ver as balas esféricas a esmagarem as rodas de proa das fragatas britânicas. Pensou, por instantes,

em voltar à Warren, que possuía também os canhões grandes de que ele precisava, mas primeiro, decidiu ele, iria descobrir o que planeava o Coronel Revere.

– Por ali, por favor – disse ele a Feathers, apontando para montante. Iria à Warren depois e exigiria que Saltonstall desse à artilharia todas as balas de nove quilos de que precisassem.

O Sol ia alto, agora, a luz era límpida e pura, o rio cintilava e no céu havia apenas uma mancha de fumo dos navios que ardiam ainda a sul de Odoms Ledge. A uns quatrocentos metros para além do Samuel, havia um conjunto de navios ancorados, quer de transporte quer de guerra, desordenadamente aglomerados no sítio onde o rio se dividia em redor da ponta norte de Orphan Island. Na margem leste, a jusante da ilha, havia uma povoação com cerca de metade do tamanho de Majabigwaduce.

– Que lugar é aquele? – gritou Wadsworth para James Fletcher, que estava na segunda canoa.

– É a plantação de Buck – gritou James em resposta.

Wadsworth fez um sinal para que os índios parassem de remar. O rio fazia uma curva naquele ponto e Wadsworth perguntou-se por que razão não escolhera aquele como um lugar para defender. Era verdade que a curva não era tão pronunciada como o cotovelo do rio mais acima, mas à luz da aurora parecia suficientemente apertada e na margem ocidental, oposta à plantação de Buck, existia uma falésia alta, que o Penobscot rodeava. Precisava de um local na margem ocidental de modo a que os mantimentos pudessem chegar de Boston sem terem de ser transportados para o outro lado do rio, e a falésia parecia um sítio bastante adequado. Havia já homens em terra, no sopé da falésia, e a bordo dos navios existiam muitos canhões. Wadsworth tinha ali tudo o que precisava, por isso apontou para a praia estreita que havia na base da falésia.

– Ponham-me em terra, por favor – disse ele, e depois chamou James Fletcher de novo.

–Volte para trás e descubra o Samuel – gritou ele.

–Peça ao Capitão Brown para o trazer de novo até aqui. Diga-lhe que preciso dos canhões aqui.

– Sim, meu General.

– E depois vá até à Warren. Diga ao Comodoro que estou a fazer uma bateria aqui – disse ele, apontando para a falésia a oeste – e diga-lhe que espero que o navio dele se junte a nós. Diga-lhe que precisamos das munições de nove quilos.

– Ele não vai gostar de me ouvir dizer isso.

– Diga-lho, mesmo assim! – gritou Wadsworth. A canoa raspou sobre a areia e Wadsworth saltou para terra.

–Esperem por mim, por favor – pediu ele aos índios, caminhando depois pela praia em direção aos homens que estavam sentados, com uma expressão de desconsolo, sobre a marca da maré-alta.

–Oficiais! – gritou ele.

–Sargentos! A mim! Oficiais! Sargentos! A mim!

Peleg Wadsworth arrancaria ordem ao caos. Ele continuava a lutar.

O Tenente Fenwick obedecia às ordens do Comodoro Saltonstall, embora com um peso no coração. O paiol principal da Warren fora esvaziado pela metade e as cargas de pólvora estavam a ser descidas para o porão e subidas para o convés. Havia um crescente monte de sacos de pólvora sobre as pedras de balastro, na base do mastro principal na escuridão do porão, um outro sob o castelo de vante e um terceiro por baixo da camarinha de Saltonstall. No convés, havia pilhas de sacos em volta de cada mastro. De cada pilha partiam rastilhos de combustão lenta e as cordas de pano juntavam-se num emaranhado no castelo de vante.

— O que não podemos — disse Saltonstall a Fenwick — é permitir que o inimigo capture o navio.

— Claro que não, meu Comandante. — Não deixarei que as cores britânicas flutuem no meu navio.

— Claro que não, meu Comandante — disse de novo Fenwick, — mas podemos subir o rio, meu Comandante? — acrescentou ele com nervosismo.

— Estamos encalhados — disse Saltonstall sarcasticamente.

— A maré está a encher, meu Comandante — disse Fenwick Ficou à espera, mas Saltonstall não fez nenhum comentário.

— E há navios franceses, meu Comandante.

— Há navios franceses, Tenente? — perguntou Saltonstall, causticamente.

— Poderá chegar uma flotilha francesa, meu Comandante.

— Está na posse de informação sobre os movimentos da frota francesa, Tenente?

— Não, meu Comandante — disse Fenwick, lastimosamente.

— Então tenha a bondade de obedecer às minhas ordens e prepare o navio para ser incendiado.

— Sim, meu Comandante.

Saltonstall caminhou até à grinalda. A luz da madrugada era cristalina e o ar estava parado. A maré gorgolejava junto à linha de água da Warren. Olhava para jusante, onde um bando de navios se aglomerava junto a uma falésia. Duas corvetas usavam a maré para subirem o rio, mas parecia que a maior parte dos navios decidira ficar junto à falésia, onde escaleres e chatas transportavam mantimentos para a margem ocidental. Os navios britânicos não estavam à vista, continuando presumivelmente abaixo de Odoms Ledge, de onde se elevava o fumo que embaciava o céu. O fumo erguia-se verticalmente, mas Saltonstall sabia que logo que a coluna fosse dispersada pelo vento, as fragatas e corvetas inimigas começariam a subir o rio.

Fora desastroso, pensou ele iradamente. Do princípio ao fim, fora tudo um maldito desastre, e do ponto de vista do Comodoro, os únicos êxitos tinham sido conseguidos pela marinha continental. Tinham sido os fuzileiros a capturar Cross Island e a liderar o combate no cimo da falésia, em Dyces Head, e depois disso Lovell tremera como um coelho com moléstia e exigira que Saltonstall fizesse todo o trabalho.

— E se nós tivéssemos capturado as corvetas? — perguntou ele, com ira.

— Meu Comandante? — perguntou um marinheiro que estava por perto.

– Não estou a falar contigo, maldito seas.

– Sim, meu Comandante.

Teria Lovell capturado o forte se as corvetas tivessem sido tomadas? Saltonstall sabia a resposta a essa pergunta. Lovell teria descoberto qualquer outro obstáculo que o impedisse de lutar. Ter-se-ia lamuriado, teria gemido e teria tardado. Teria exigido uma bateria na Lua. Teria escavado mais trincheiras. Era desastroso.

A Warren estremeceu à medida que a maré a libertava. Moveu-se alguns centímetros, voltou a assentar, depois estremeceu uma vez mais. Num instante, a proa rodaria para jusante e o cabo da âncora daria um sacão. O Tenente Fenwick olhou para Saltonstall com uma expressão esperançosa, mas Saltonstall ignorou-o. Fenwick era um bom oficial, mas não percebia o que estava ali em jogo. A Warren constituía um equipamento precioso, era uma fragata bem construída e bem armada, e os Britânicos adorariam içar a sua maldita bandeira à sua popa e integrá-la na frota deles, mas Saltonstall preferia ser condenado ao mais fundo dos infernos do que permitir que isso acontecesse. Essa era a razão porque Saltonstall desistira da batalha no dia anterior. Oh, ele poderia ter sacrificado a Warren e a maioria dos outros navios de guerra rebeldes para dar mais tempo aos navios de transporte para escaparem ao inimigo, mas fazendo esse sacrifício, poderia acabar por ter sido abordado e, nesse caso, a Warren tornar-se-ia uma fragata de Sua Majestade. E a Fenwick parecia bem sugerir que subissem o rio, mas a Warren era o navio com o maior calado de toda a frota e não iria longe até encalhar outra vez e os Britânicos, ao vê-la, fariam o impossível por capturá-la.

– Aproxima-se um barco, meu Comandante! – gritou um contramestre do meio-navio.

Saltonstall resmungou em sinal de ter tomado conhecimento. Foi para junto da roda do leme enquanto o escaler manobrava na maré. Observou a Pidgeon, uma escuna de transporte, a ser rebocada para montante e notou que a corrente do rio resistia à maré, dificultando a vida aos remadores. Depois, o escaler embateu no casco da fragata e um homem subiu ao convés e dirigiu-se apressadamente para a ré, onde estava o Comodoro.

– Tenente Little – apresentou-se ele, – Primeiro-Tenente do Hazard.

– Sei quem você é, Tenente – disse Saltonstall friamente. Na opinião do Comodoro, Little era um incendiário, um incendiário impetuoso e sem nada na cabeça, da chamada Marinha do Massachusetts, que, no que dizia respeito ao Comodoro, não era mais do que uma marinha de brincar.

– Onde está o Hazard? – perguntou Saltonstall.

– A montante, meu Comandante. Estive a dar uma ajuda ao Sky Rocket, meu Comandante.

– O Sky Rocket, um excelente navio corsário de dezasseis peças, estava encalhado junto da falésia, à espera da maré.

– O Capitão Burke envia cumprimentos, meu Comandante – disse Little.

– Pode retribuir, Tenente.

Little olhou em redor do convés. Viu os sacos de pólvora, os rastilhos e os combustíveis empilhados em volta dos mastros. Depois, voltou a olhar para a

figura imaculada do Comodoro, com as suas botas altas brilhantes, calções brancos, colete azul, casaca azul, e um bicórneo debruado com um cintilante galão de ouro.

– O Capitão pede ordens, meu Comandante – disse Little, secamente.

– Ordeno ao Capitão Burke que negue o seu navio ao inimigo – disse Saltonstall.

Little estremeceu, depois virou-se tão de repente que Saltonstall pôs instintivamente a mão no punho da espada, mas o Tenente estava apenas a apontar para o local onde o rio rodeava a falésia.

– Era ali que o senhor deveria estar, meu Comandante!

– Supõe que me dá ordens, Tenente? – disse Saltonstall com uma voz gélida.

– Nem um canhão disparou sequer! – protestou Little.

– Tenente Little...

– começou Fenwick a dizer.

– O Tenente Little vai regressar ao seu navio – interrompeu-o Saltonstall.

– Bom-dia, Tenente.

– Maldito seja! – gritou Little, e os marinheiros pararam de trabalhar para ouvirem.

– Ponha o seu navio na curva – vociferou ele, ainda a apontar para o local onde o rio redemoinhava em volta da falésia ocidental.

– Ancore-a de vante para ré. Coloque amarras nas âncoras para que o seu costado fique virado para jusante e dê luta aos filhos da mãe!

– Tenente...

– começou Saltonstall a dizer.

– Por amor de Deus, dê luta! – Little, que era oficial da Marinha do Massachusetts, gritava agora na cara do Comodoro, salpicando-a de cuspo.

– Mova todos os seus canhões de nove quilos para um dos lados! Vamos fazer moça aos filhos da mãe! – O rosto de Little estava apenas a cinco centímetros de Saltonstall quando gritou aquelas últimas palavras. Nem Saltonstall nem Fenwick disseram nada. Fenwick puxou debilmente Little por um braço e Saltonstall apenas pôs um ar de repugnância, como se, subitamente, tivesse aparecido uma bosta no seu convés impecavelmente esfregado.

– Oh, por amor de Deus – disse Little, debatendo-se para controlar a sua ira, – o rio abaixo da curva é estreito, Comandante! Um navio não consegue virar na largura do canal! Os Britânicos serão obrigados a vir em fila, com as rodas de proa viradas para os nossos canhões, e não conseguem responder aos nossos tiros. Não podem responder! Não podem trazer os grandes navios deles até aqui acima, têm de enviar fragatas, e se pusermos lá canhões, podemos massacrar os filhos da mãe!

– Fico grato pelos seus conselhos, Tenente – disse Saltonstall com absoluto desdém.

– Oh, que filho da mãe cobardolas! – lançou Little, como se cuspisse.

– Tenente! – disse Fenwick, agarrando o braço de Little.

– Não sabe com quem está a falar!

Little sacudiu a mão de Fenwick

– Eu sei com quem estou a falar – escarneceu ele – e sei onde estou e

também sei muitíssimo bem onde o inimigo está! Não pode pegar fogo a este navio sem dar luta! Entregue-mo a mim! Eu saberei dar luta com ele!

– Bom-dia Tenente – disse Saltonstall gelidamente. Fenwick acenara a dois homens da tripulação que estavam agora ameaçadoramente próximos do furioso Little. James Fletcher subira, obviamente, a bordo durante a discussão.

–Saia do meu navio! – rosnou Saltonstall a Fletcher, depois virou-se de novo para Little.

–O comandante aqui sou eu! A bordo deste navio você obedece às minhas ordens! E as minhas ordens são para que parta antes que o mande pôr a ferros.

– Venha para terra – convidou Little, – venha para terra, seu sacana cor de peido, e lutarei consigo. De homem para homem, e o vencedor fica com este navio.

– Tirem-no daqui – disse Saltonstall.

Little foi arrastado. Virou-se uma vez e cuspiu em Saltonstall, depois foi empurrado e metido no escaler, que estava à espera.

A Warren deu um solavanco e ficou liberta do banco de areia. Um sopro de vento roçou a face do Comodoro Saltonstall e sacudiu o estandarte da serpente à popa da fragata. O fumo ondulou no céu límpido e começou a deslizar para noroeste.

O que significava que os Britânicos estavam a caminho.

Os homens que estavam na praia debaixo da falésia tinham chegado dos navios de transporte que estavam ancorados ou encalhados no rio. Sentavam-se, agora, sobre os seixos, desconsolados, sem ninguém que os liderasse

– Que ordens tem? – perguntou Wadsworth a um sargento.

– Não tenho nenhuma, meu General.

– Vamos para casa! – gritou um homem, zangado.

– Como? – quis saber Wadsworth.

O homem levantara uma mochila feita de pano de vela.

– Da maneira que pudermos. A pé, acho eu. A que distância fica?

– A mais de trezentos quilômetros. E não vão para casa, pelo menos por enquanto – disse Wadsworth, virando-se depois para o Sargento.

–Organize os seus homens, ainda temos uma guerra para fazer.

Wadsworth regressou à praia, gritando aos oficiais e sargentos para que reunissem os seus homens. Se os Britânicos pudessem ser detidos naquela curva, haveria boas hipóteses de reorganizar o exército na parte de cima do rio. Podiam abater árvores e fazer um acampamento, e podiam posicionar canhões para dissuadir os ataques britânicos. E a única coisa que era necessária era uma defesa firme naquela manhã cheia de sol. A medida que Wadsworth seguia a margem mais para jusante, viu como o rio se estreitava num vale que corria para sul em direção a Odoms Ledge, a cerca de seis quilômetros de distância. O próprio rio tinha cerca de cento e cinquenta metros de largura, mas isso era ilusório pois o canal navegável era muito mais estreito e os navios britânicos tinham de se arrastar em fila, e os da frente teriam de apontar as proas vulneráveis na direção da falésia. Quatro canhões fariam o trabalho! Ordenou aos capitães da milícia para construírem um

rebordo no declive da falésia e quando se queixaram de que não tinham machados nem pás, vociferou que descobrissem um barco e fossem à procura das ferramentas necessárias nos navios de transporte.

– Façam alguma coisa! Querem ir para casa e contar aos vossos filhos que fugiram dos Britânicos? Algum de vocês viu o Coronel Revere?

– Ele desceu o rio, meu General – respondeu um arrogante Capitão miliciano.

– Desceu o rio?

O Capitão apontou para o longo e estreito vale onde o navio americano mais atrasado, uma escuna, tentava alcançar o resto da frota, ainda reunida junto à falésia. A sua grande vela de mezena estava empurrada para bombordo de modo a apanhar o vento fraco que começara finalmente a fazer mexer a superfície do rio. Quatro membros da tripulação da escuna utilizavam remos enormes, tentando apressar a passagem, mas eles mergulhavam e puxavam com uma lentidão patética. Então Wadsworth viu porque estavam a utilizar as longas dragas. Atrás da escuna estava um navio muito maior, um navio com mais velas e mastros mais altos, um navio que subitamente disparou as peças de proa, enchendo o vale de fumo e do eco dos dois disparos. As balas não tinham sido dirigidas contra a escuna, mas sim a cada um dos lados do seu casco como sinal de que deveria arriar o seu estandarte e deixar que os perseguidores britânicos a tomassem.

Wadsworth correu para a praia. Havia homens à proa da escuna a acenar freneticamente. Não tinham escaleres, nem outro barco qualquer, e queriam que os salvassem, e ali, nem a vinte metros de distância, estava a barça pintada de branco de Revere com a sua tripulação de remadores. Subia o rio à frente da escuna, sugerindo que Revere o descera anteriormente, talvez na esperança de conseguir passar pelos navios britânicos, mas que, descobrindo a futilidade de uma tal expectativa, fora forçado a voltar em direção ao norte. Wadsworth conseguia ver o próprio Tenente-Coronel Revere nos cabos da popa da barça e, parando à beira da água, colocou as mãos em concha.

– Coronel Revere!

Revere acenou para mostrar que ouvira a saudação.

Wadsworth apontou para a escuna, que agora reconhecia como a Nancy.

– A tripulação da Nancy precisa que a vão salvar! Leve a sua barça e apanhe-os!

Revere virou-se no banco para olhar para a Nancy, depois voltou a olhar para Wadsworth.

– Não tem direito a dar-me ordens, agora, General! – gritou Revere, depois disse alguma coisa à tripulação, que continuou a remar para montante, para longe da condenada Nancy.

Wadsworth perguntou-se se ouvira mal.

– Coronel Revere! – gritou devagar, articulando as palavras claramente, para que não pudesse haver qualquer mal-entendido.

– Leve a sua barça e tire aquela tripulação da Nancy!

A escuna não tinha uma tripulação grande e havia muito espaço à proa da barça para todos os seus marinheiros.

– Estive sob o seu comando enquanto houve um cerco – gritou Revere em

resposta, – mas o cerco terminou e com ele terminou também a sua autoridade.

Por uma fração de segundo, Wadsworth não acreditou no que acabara de ouvir. Ficou a olhar de boca aberta para o entroncado Coronel, depois foi tomado pela raiva e a indignação.

– Por amor de Deus, homem, eles são Americanos! Vá salvá-los!

– Tenho a minha bagagem comigo – gritou Revere em resposta, apontando para um monte de caixotes cobertos com pano de vela.

– Não estou disposto a pôr a minha bagagem em risco! Um bom dia para si, Wadsworth.

– Seu...

– começou Wadsworth a dizer, mas estava demasiado furioso para terminar. Voltou-se e foi até à praia para manter contacto com a barçaça.

– Estou a dar-lhe uma ordem! – gritou ele a Revere. Os homens na praia observavam e ouviam.

– Salve aquela tripulação!

A fragata britânica à popa da Nancy disparou de novo as peças de proa e as balas queimaram para lá do seu casco, originando grandes repuxos de água do rio.

– Está a ver? – gritou Revere quando o eco do disparo se desvaneceu.

– Não posso pôr a minha bagagem em risco!

– Garanto-lhe que será preso, Coronel! – gritou Wadsworth, furiosamente.

– A menos que obedeça às minhas ordens!

– Agora não me pode dar ordens! – disse Revere, quase alegremente.

– Acabou de vez. Bom-dia, General!

– Quero os seus canhões na falésia ali adiante!

Revere fez um aceno negligente com a mão na direção de Wadsworth.

– Continuem a remar – disse ele aos seus homens.

– Farei com que seja preso! – gritou Wadsworth.

Mas a barçaça continuou o seu caminho e a bagagem do Tenente-Coronel Paul Revere foi salva.

A HMS Galatea liderava as fragatas britânicas. A sua figura de proa era uma cabeça de Galatea e a sua pele estava pintada de um branco igual ao do mármore do qual a sua figura mítica fora esculpida. Nesse mito, ela ganhara vida a partir do mármore, e agora subia o rio, apenas com uma falri-pa de seda a cobrir-lhe as ancas, a cabeça erguida em desafio, olhando em frente com os seus surpreendentes olhos azuis. A fragata levava apenas velas de gávea e de joanete desfraldadas e os altos panos apanhavam o pouco vento que soprasse de sul. Para a sua frente havia caos e a Galatea tornava esse caos ainda pior. A escuna Nancy fora abandonada, mas uma tripulação britânica tomara conta do navio e utilizava as suas âncoras para o arrastar para a margem oriental do rio, para que a Galatea e a HMS Camille, que seguia a Galatea, pudessem passar. A ninfa de olhos azuis desapareceu numa nuvem de fumo quando as duas peças de proa, de longos canos, dispararam. As balas saltaram na água em direção ao grupo de navios rebeldes. No castelo de vante da Galatea, os fuzileiros de casaca vermelha esperaram que o fumo dispersasse e depois

começaram a disparar os mosquetes contra os homens distantes que estavam na margem ocidental do rio. Disparavam a uma grande distância e nenhuma das balas atingiu qualquer alvo, mas a praia depressa ficou vazia, pois os homens procuraram abrigo entre as árvores.

E havia agora mais fumo, muito mais fumo. Não tinha origem nos canhões britânicos, mas nos fogos a bordo dos navios rebeldes. Os comandantes raspavam sùex no aço e acenderem rastilhos ou chegaram fogo aos combustíveis amontoados abaixo dos conveses e em redor dos mastros. Os escaleres puxavam para terra quando o fumo já descia pelas escadas de bordo. A Galatea e a Camille lançaram ambas ferro à popa e recolheram as gáveas. Nenhum navio correria o risco de navegar para dentro de um inferno. O fogo adorava a madeira, o breu e o linho, e todos os marinheiros temiam o fogo mais do que temiam o mar, e, assim, as duas fragatas ficaram no rio, alçando-se suavemente na maré que enchia, e as suas tripulações observaram o inimigo a destruir-se a si próprio.

Os navios altaneiros ardiam. Os rápidos corsários e os pesados transportes ardiam. O fumo adensava-se numa nuvem negra de tempestade que fervilhava no céu estival e entre o fumo havia línguas de fogo selvagem que saltavam e se espalhavam. Quando o fogo esfaimado encontrasse madeiras intactas, por vezes explodiria, e a luz cintilaria nas águas e novas chamas irromperiam na mastreação. Essa mastreação estava incandescente e todos os navios, brigues, corvetas e escunas ostentavam um contorno de fogo até que um mastro ficasse consumido e então, muito lentamente, uma armação em brasa desabaria, levantando faíscas ao mesmo tempo que as vergas e os cabos se arqueariam para baixo e o rio silvaria e fumegaria quando os mastros tombassem.

O Sky Rocket, um navio corsário de dezesseis peças, estava encalhado um pouco para além da falésia e, na pressa da evacuação, ficara com o que restava das munições das baterias rebeldes abandonadas. O seu porão estava cheio de pólvora, o fogo encontrou o porão e o Sky Rocket explodiu. A força da explosão fez estremecer o fumo dos outros navios a arder, arremessou madeira e velas em chamas pelos ares, onde, como foguetes, voavam deixando uma miríade de rastos de fumo arqueando-se muito acima do rio. O ruído possuía uma dimensão física, um rugido pulsante que se ouvia no Forte George, e depois explodiram outros paióis, como se imitassem o Sky Rocket, e os cascos balançavam, o vapor misturava-se com o fumo escumante, e os ratos chiavam nos porões nojentos à medida que o fogo devorador rugia como fornalhas enlouquecidas. Em terra, os homens choravam os navios perdidos e, no convés da proa da Galatea, o calor de forno tocava os rostos dos marinheiros que olhavam com espanto. Vergas em chamas caíam, depois de as ostagas terem sido consumidas, nos con-veses ardentes, e outros cascos mais se despedaçavam à medida que mais pólvora pegava fogo e rasgava os navios de madeira. Rompiam-se cabos de âncora e navios em fogo deslizavam à deriva, os cascos colidiam, as chamas misturavam-se e cresciam, o fumo ficava sempre mais denso e elevava-se cada vez mais alto. Alguns navios tinham deixado os canhões carregados com balas e agora eles disparavam

contra a frota em chamas. Os canos das peças tombavam pelos conveses a arder. A fornalha rugia, os canhões martelavam e o rio silvava quando os destroços se afundavam na água suja de cinza, na qual boiavam detritos carbonizados.

Para lá da falésia, ainda ancorada embora estivesse agora a flutuar, a Warren foi abandonada. Era maior do que a Galatea ou a Camille. Transportava trinta e duas peças, contra as vinte de cada uma das outras, embora não tivesse uma ninfa nua a proteger-lhe a proa. Fora construída em Providence, Rhode Island, e batizada com o nome de Joseph Warren, o médico de Boston que acendera a rebelião ao enviar homens a cavalo para avisar Lexington e Concord de que os Britânicos estavam a chegar. Warren fora um patriota e uma fonte de inspiração. Fora nomeado General da milícia dos revoltosos, mas, dado que a sua comissão não chegou, combatera como soldado raso em Bunker Hill e ali morrerá; a fragata fora batizada em sua homenagem, e desde que fora lançada à água, capturara dez ricos mercadores britânicos. Era uma máquina letal, pesadamente armada relativamente ao padrão de outras fragatas, e os seus grandes canhões de nove quilos eram maiores do que quaisquer canhões a bordo das fragatas britânicas, de menor dimensão.

Mas, agora, quando os últimos elementos da sua tripulação remavam para terra, a Warren ardia. Dudley Saltonstall não olhou para trás para ver o fumo e, assim que desembarcou, marchou direito ao bosque para que as árvores escondessem a visão da fragata a arder, das chamas a treparem rapidamente pela mastreação, das velas ferradas a irromperem em labaredas, das faíscas a voarem e a caírem.

Ao longo do rio, os navios ardiam. Não restou um único.

Peleg Wadsworth olhava em silêncio. Os canhões que deveriam ter mantido os Britânicos à distância afundavam-se no leito do rio e os homens que se deveriam ter juntado e lutado estavam dispersos e sem ninguém que os comandasse. O pânico instalara-se antes de Wadsworth poder instigar a resistência e agora a grande frota estava a arder e o exército estava partido.

– E agora? – perguntou James Fletcher. O fumo encobria o céu como uma mortalha.

– Lembra-se da história de Sidrac, Micac e Abed-Nego? – perguntou Wadsworth.

– Da Bíblia?

James não esperara aquela resposta e ficou perplexo por um momento, depois assentiu.

– A mãe contou-nos essa história, General – disse ele.

– Esses não eram os homens que foram lançados ao fogo?

– «Os conselheiros do rei, reunidos em volta, verificaram que o fogo não tinha tido qualquer efeito sobre o corpo destes homens» – disse Wadsworth, lembrando-se do sermão que ouvira na Christ Church, em Boston, na véspera de a frota partir.

– A Escritura diz-nos que o fogo não teve efeito sobre aqueles homens.

– Fez uma pausa, observando a fragata a arder.

– Nenhum efeito – disse ele outra vez e pensou na sua querida esposa e na

criança que estava à espera de nascer, depois sorriu para James.

– Agora venha – disse ele, – temos ambos trabalho para fazer.

A pólvora que restava no paiol da Warren explodiu. O mastro de vante voou, vomitando fumo e faíscas e fogo, o casco partiu-se ao longo das juntas incandescentes e a súbita luz tornou vermelho o rio tremente, e a fragata desapareceu. Acabara.

De uma Ordem do Conselho, Boston, datada de 6 de setembro de 1779:

Ordena-se por esse motivo que o Tenente-Coronel Paul Revere seja pelo presente documento mandado Resignar Imediatamente do Comando de Castle Island e das outras Fortalezas no Porto de Boston em favor do Capitão Perez Cushing, e retirar-se do Castelo e das Fortalezas acima referidas para a sua residência em Boston a aí permanecer até a matéria da queixa ser objeto de um inquérito completo...

De um Requerimento de Richard Sykes à Câmara dos Representantes do Massachusetts, 28 de setembro de 1779:

O Requerente era... Sargento dos Fuzileiros a bordo do Navio General Putnam quando foi feito um ataque contra um dos Redutos... o Requerente foi feito Prisioneiro e foi levado de Penobscot para Nova Iorque no Navio de Guerra Raisonable e foi despojado de quase toda a sua Roupa... o Requerente roga que Vossas Excelências autorizem o Pagamento da roupa que perdeu... nomeadamente:

- 2 Camisas de Linho
- 3 Pares de Meias
- 1 par de Calções de Camurça
- 1 par de Calções de Pano
- 1 Chapéu
- 1 Mochila 1 Lenço de assoar
- 1 par de Sapatos.

¹Hog Reeve, no original, era a designação do funcionário, sujeito a eleição nas cidades do New Hampshire, que assumia a responsabilidade pelo gado que vagava pelos campos cultivados. [N.T.]

²Refrão de uma velha canção usada para acompanhar a faina marítima intitulada «Spanish Ladies». [N.T.]

³Expressão usada numa antiga fórmula de excomunhão. [N.T.]

A Expedição a Penobscot, de julho e agosto de 1779, é um acontecimento real e eu tentei, dentro dos limites da ficção, descrever o que aconteceu. A ocupação de Majabigwaduce tinha o objetivo de estabelecer uma província britânica que se chamaria Nova Irlanda e serviria de base naval e abrigo para os lealistas em fuga da perseguição dos rebeldes. O governo do Massachusetts decidiu «capturar, matar ou destruir» os invasores e por isso lançou a expedição, que é frequentemente descrita como o maior desastre naval da História dos Estados Unidos anterior a Pearl Harbor. A frota que navegou para o rio Penobscot foi a maior que os rebeldes reuniram durante a Guerra da Independência. A lista dos navios difere, no pormenor, de fonte para fonte, e eu presumo que dois ou três navios de transporte devam ter partido antes da chegada de Sir George Collier, mas o grosso da frota estava presente, o que tornou o facto um desastre terrível para a marinha continental e para o Massachusetts. O brigue de catorze peças, *Pallas*, fora enviado em reconhecimento para lá da boca do rio Penobscot e por isso estava ausente quando os navios com reforços de Sir George Collier chegaram, e só ele sobreviveu à catástrofe. Dois navios americanos, o *Hunter* e o *Hampden*, foram capturados (algumas fontes acrescentam a escuna *Nancy* e nove outros navios de transporte) e os restantes foram incendiados. O Doutor John Calef, no desempenho da sua função oficial como Funcionário do Conselho de Penobscot (nomeado pelos Britânicos), deu trinta e dois navios rebeldes como tomados ou incendiados, o que parece de modo geral correto.

A culpa do desastre tem sido quase universalmente colocada sobre os ombros do Comodoro Dudley Saltonstall. Saltonstall não foi propriamente um herói em Penobscot, e parece ter sido um homem estranho e pouco sociável, mas seguramente não arca com toda a responsabilidade pelo fracasso da expedição. Saltonstall foi julgado em Tribunal de Guerra (embora não existam registos do julgamento, pelo que ele poderá nunca ter sido intimado) e foi demitido da marinha continental. O único outro homem a ir a Tribunal de Guerra pela sua conduta em Majabigwaduce foi o Tenente-Coronel Paul Revere.

É uma coincidência extraordinária que dois dos homens presentes em Majabigwaduce no verão de 1779 seriam depois objeto de poemas famosos. Paul Revere foi celebrado por Henry Longfellow, e é a presença de Revere em Majabigwaduce que dá à expedição muito do seu interesse. Poucos foram tão homenageados como heróis da Revolução Americana. Existe uma elegante estátua equestre de Revere em Boston e, pelo menos na Nova Inglaterra, ele é olhado como o supremo patriota e herói revolucionário, embora não deva a sua fama extraordinária às suas ações em Majabigwaduce, nem sequer à sua cavalgada noturna, mas ao poema de Henry Longfellow, o qual foi publicado na revista *The Atlantic Monthly* em 1861.

Listen, my children, and you shall hear
Of the midnight ride of Paul Revere.

E os Americanos têm ouvido falar da cavalgada noturna desde essa altura, esquecidos de que o poema faz gato-sapato dos factos verdadeiros e atribui a Revere o heroísmo de outros. Isso foi deliberado; Longfellow, escrevendo no início da Guerra Civil Americana, desejava criar uma lenda patriótica e não contar uma história com exatidão. Revere cavalgou de facto para avisar Concord e Lexington de que as tropas britânicas marchavam de Boston, mas não completou a missão. Muitos outros homens cavalgaram nessa noite e têm sido esquecidos, enquanto Paul Revere, graças apenas a Henry Longfellow, galopa pela posteridade como patriota e rebelde imorredouro. Antes de o poema ser publicado, Revere era recordado como tradicional herói popular, um entre muitos ativistas da causa patriótica, mas em 1861 entrou na lenda. Ele foi, na verdade, um patriota apaixonado e opôs-se vigorosamente aos Britânicos muito antes do início da revolução, mas a única vez que Revere lutou contra os Britânicos foi em Majabigwaduce, e lá, nas palavras do General Artemas Ward, mostrou «comportamento indigno de um soldado, próximo da cobardia.» O General estava a citar o Capitão Fuzileiro Thomas Carnes, que observou Revere de perto durante a expedição, e Carnes, como muitos outros na expedição, acreditava que o comportamento de Revere foi vergonhoso. A atual reputação de Revere deixaria perplexos, e, em muitos casos, repugnaria, os seus contemporâneos.

Uma segunda figura, em Majabigwaduce, haveria de ter um poema famoso escrito sobre ele. Este homem morreu na Corunha, em Espanha, e o poeta irlandês Charles Wolfe começou assim o seu tributo:

Not a drum was heard, not a funeral note,

As his corse to the rampart we hurried;

Not a soldier discharged his farewell shot O'er the grave where our hero was buried.

We buried him darkly at the dead of night,

The sods with our bayonets turning...

O poema é, claro, *The Burial of Sir John Moore after Corunna*. O Tenente John Moore continuou a revolucionar o exército britânico e foi o homem que forjou a famosa Divisão Ligeira, uma arma que Wellington utilizou, com efeitos devastadores, contra os Franceses, nas Guerras Napoleónicas.

O Tenente-General Sir John Moore morreu em 1809, derrotando o Marechal Soult na Corunha, mas a primeira ação do Tenente John Moore foi a lutar na costa nevoenta do Massachusetts. Moore deixou um breve relato do seu serviço em Majabigwaduce, mas eu inventei imenso sobre ele. A sua extraordinária habilidade de carregar e disparar um mosquete cinco vezes num minuto está documentada, e comandou o piquete mais próximo de Dyces Head na manhã do assalto vitorioso dos Americanos. O Tenente Moore, sozinho entre os oficiais dos piquetes, tentou suster o ataque e perdeu um quarto dos seus homens. Duvido que Moore tenha matado o Capitão Welch (embora Moore levasse consigo um mosquete e devesse ter estado muito próximo de Welch quando o Capitão dos fuzileiros morreu), mas é certo que foi azar de Moore ter enfrentado os fuzileiros americanos, que eram, de longe, as tropas mais eficazes do lado rebelde. Esses primeiros fuzileiros usavam

realmente casacas verdes e é tentador pensar, embora não esteja provado, que esses uniformes influenciaram a adoção do verde como a cor dos blusões do 60.º e do 95.º de Atiradores, regimentos que Moore sustentou e que serviram a Grã-Bretanha, de forma célebre, nas longas guerras contra a França. A morte de Welch na serra foi um dos golpes de má sorte que envolveu a expedição. John Welch era um homem extraordinário, que escapara da prisão em Inglaterra e que fizera o seu caminho de regresso através do Atlântico para se juntar à rebelião.

Peleg Wadsworth, no seu longo testemunho prestado ao Tribunal de Inquirição, deu três razões para o desastre: «A nossa Chegada Tardia perante o Inimigo, a Pequena Dimensão das nossas Forças Terrestres e a Timidez do Comandante da Frota». A História concentrou-se na terceira razão e o Comodoro Saltonstall tem carregado a culpa toda. Foi demitido da marinha continental e tem sido mesmo insinuado, sem um vestígio de prova, que era um traidor pago pelos Britânicos. Não era traidor e parece escandaloso destacar o seu desempenho como razão primeira para o fracasso da expedição. Em 2002, o Naval Institute Press (Annapolis, Maryland) publicou o excelente livro de George E. Buker, *The Penobscot Expedition*. George Buker foi oficial naval e o seu livro é uma animosa defesa de um camarada da marinha. A principal acusação contra o Comodoro era que ele se recusou a entrar com os seus navios no porto de Majabigwaduce e, assim, eliminar as três corvetas do Capitão Mowat, e a descrição que Saltonstall fez do porto, «aquele maldito buraco», é frequentemente citada como a razão da sua recusa. George Buker dá-se a grande trabalho para mostrar as dificuldades que Saltonstall enfrentou. A força naval britânica poderia ter sido considerada minúscula comparada com a força rebelde, mas eles mantiveram, de forma notável, uma posição forte, e qualquer ataque para além de Dyces Head teria atirado os navios americanos para uma fornalha de fogo naval, do qual teria sido quase impossível escapar sem o auxílio improvável de algum vento que soprasse de leste (o qual, evidentemente, os teria impedido de entrar). George Buker é persuasivo, mas a verdade é que Nelson enfrentou uma situação em traços gerais similar na baía de AbouHr (e contra um inimigo mais forte do que ele) e ele entrou na baía e venceu, e John Paul Jones (que servira sob o comando de Saltonstall e não tinha respeito pelo homem) teria certamente entrado no porto para afundar as corvetas de Mowat. É tremendamente injusto condenar um homem por não ser um Nelson ou um John Paul Jones, porém, apesar dos argumentos de George Buker, ainda é difícil acreditar que algum comandante naval, dada a larga preponderância da sua frota sobre a do inimigo, declinasse atacar esse inimigo. Os trinta e dois oficiais que assinaram a petição instando Saltonstall a atacar certamente acreditaram que as circunstâncias não eram assim tão terríveis que nenhum ataque fosse exequível. Os navios de Saltonstall teriam sofrido, mas teriam vencido. As três corvetas britânicas teriam sido capturadas ou afundadas, e depois?

A resposta a essa pergunta nunca foi dada, e não é do interesse do Massachusetts dá-la. O livro de George Buker tem o subtítulo *Commodore Saltonstall and the Massachusetts Conspiracy of 1779*, e o seu argumento

principal é o de que o governo do Massachusetts conspirou para colocar a culpa toda em Saltonstall, e essa ambição foi brilhantemente realizada. A expedição foi uma iniciativa do Massachusetts, levada a cabo sem consultar o Congresso Continental, e praticamente custeada pelo Estado. O Massachusetts pagou o seguro de todos os navios privados, pagou as tripulações, equipou a milícia, forneceu armas, munições e armazéns, e perdeu todos os centavos gastos. O dinheiro britânico era ainda usado no Massachusetts em 1779 e o inquérito oficial foi informado de que as perdas atingiam 1 588 668 libras (e dez pence!) e o número real estava, provavelmente, muito pró-

ximo dos dois milhões de libras. Descobrir a equivalência das quantias monetárias históricas com os valores do presente é uma tarefa difícil e incerta, mas a estimativa mais conservadora daquelas perdas, em dólares americanos de 2010, atinge cerca de 300 000 000 de dólares. Esta quantia enorme provocou, efetivamente, a bancarrota do Estado. Porém, o Massachusetts teve sorte. A Warren estava no porto de Boston quando chegaram as notícias da incursão britânica, e fizera sentido utilizarem aquele navio poderoso, e os dois outros vasos da marinha continental que estavam em Boston, pelo que procuraram e obtiveram autorização da Administração da Marinha Continental para dispor deles. Isso significava que uma pequena parte das forças derrotadas eram federais e se a culpa pudesse ser colocada nessa componente federal, os outros Estados podiam ser obrigados a compensar o Massachusetts pelas perdas. Isso requeria, por sua vez, que Saltonstall fosse pintado como o mau da fita. O Massachusetts argumentou que fora o comportamento de Saltonstall que comprometera toda a expedição e, apoiado em provas falsas (sobretudo fornecidas por Solomon Lovell), esse argumento foi o que prevaleceu. Levou muitos anos, mas, em 1793, o Governo Federal dos Estados Unidos da América reembolsou largamente o Massachusetts pelas perdas financeiras. Assim, colocar toda a culpa em Saltonstall foi um ato politicamente determinado e muito bem-sucedido, pois os contribuintes americanos acabaram por pagar os erros do Massachusetts.

Então, por que razão não atacou Saltonstall? Ele não deixou qualquer relato, e se o seu julgamento no Tribunal de Guerra alguma vez teve lugar, os registos perderam-se e, por isso, não possuímos o seu testemunho. Não foi certamente a cobardia que lhe susteve a mão, pois ele provou a sua coragem noutros lugares durante a guerra, e a insinuação de que estava na lista de pagamentos dos Britânicos não é sustentável. A minha convicção é que Saltonstall não estava disposto a sacrificar os seus homens e, muito possivelmente, uma das poucas fragatas que restavam à marinha continental numa operação que, embora bem-sucedida, não teria adiantado o objetivo da expedição. Sim, ele poderia ter tomado as três corvetas, mas teria Lovell correspondido ao seu feito por terra? Suspeito que Saltonstall estava convencido de que a Milícia do Massachusetts era inadequada, convicção apoiada por muitos factos, e que destruir as corvetas era irrelevante para o propósito da expedição, que era a conquista do Forte George. Se as corvetas

fossem tomadas ou afundadas, o forte teria sobrevivido, apesar de ficar numa situação menos vantajosa, ao passo que a conquista do forte condenava irremediavelmente as corvetas. Saltonstall compreendeu isso. Não se trata de desobrigar o Comodoro. Ele era um homem difícil e arrogante, e era inflexível nas suas relações com Lovell, falhando miseravelmente na sua missão de parar ou mesmo de tentar abrandar a perseguição britânica durante a retirada rio acima, mas não foi ele o homem que arruinou a expedição. Foi Lovell.

Solomon Lovell foi perdoado pelo fracasso da expedição, porém foi Lovell que não forçou os ataques contra o Forte George, que, no dia em que as suas tropas desembarcaram, era escassamente defensável. Parece ser realmente verdade que McLean estava mais preparado para se render do que para provocar uma horrível luta corpo a corpo sobre os seus parapeitos impróprios (nesse momento, McLean ainda acreditava, provavelmente com base na quantidade de navios de transporte, que a sua desvantagem era pelo menos de quatro para um). Mas Lovell retardou. E continuou a retardar. Recusou a sugestão eminentemente sensata de que os rebeldes deveriam preparar uma fortificação para jusante do rio, para a qual pudessem retirar se os Britânicos decidissem enviar reforços. Não fez qualquer tentativa, em nenhum momento, de invadir o forte, mas, em vez disso, convocou infinitos Conselhos de Guerra (os quais tomavam decisões por votação) e insistiu, num tom crescentemente petulante, para que Saltonstall atacasse as corvetas antes de a milícia se pôr em marcha contra o forte. É evidente que os milicianos do Massachusetts eram fracos soldados, porém Lovell também foi responsável por isso. Precisavam de disciplina, de encorajamento e de liderança. Não receberam nenhuma dessas coisas e, assim, acamparam desamparadamente pelos montes, até chegar a ordem de retirada. É verdade que uma vez as paredes do Forte George suficientemente altas, as hipóteses de Lovell o capturar eram praticamente nulas, pois não tinha homens que chegassem e a sua artilharia não conseguira abrir um caminho por entre os parapeitos, mas tivera, seguramente, toda a possibilidade de fazer uma invasão bem-sucedida na primeira semana do cerco. A minha convicção é que Dudley Saltonstall compreendeu perfeitamente bem que a destruição das corvetas que lhe era pedida não conduziria à captura do forte, e que, por conseguinte, o resultado de qualquer ataque aos navios britânicos se traduziria pura e simplesmente em baixas desnecessárias. Na sexta-feira, 13 de agosto, ele estava, por fim, persuadido a entrar no porto, mas abandonou o ataque devido à chegada da frota de socorro de Sir George Collier. O abortado ataque por terra e por mar poderia bem ter eliminado as corvetas de Mowat, mas as forças de Lovell certamente teriam sido dizimadas pelos defensores do forte. Foi tudo de menos e demasiado tarde, um fiasco causado por uma liderança atroz e pela falta de decisão.

Os Britânicos, por outro lado, foram muito bem comandados por dois profissionais que confiavam um no outro e que operavam em conjunto. A tática de McLean, que consistia simplesmente em continuar a fortalecer o Forte George, ao mesmo tempo que incomodava constantemente os sitiados

com a Companhia Ligeira de Caffrae, funcionou perfeitamente. Mowat deu canhões e homens sempre que foi necessário. Os Britânicos apenas tinham, afinal, que sobreviver até que os reforços chegassem, e tiveram a sorte de Sir George Collier (que compôs realmente o musical apresentado no Teatro de Drury Lane) bater o regimento de tropas regulares do exército continental de Henry Jackson no caminho para o rio Penobscot. O Brigadeiro-General Francis McLean foi muito bom soldado e, mesmo pelos padrões dos seus inimigos, muito bom homem, e serviu bem o seu Rei em Majabigwaduce. Assim que tudo terminou, McLean desviou-se do seu caminho para assegurar que os rebeldes feridos, abandonados ao longo do rio, recebiam assistência médica e disponibilizou um navio para os levar de volta a Boston. Há relatos de rebeldes que encontraram McLean e em todos eles é descrito como um homem bom e generoso. Os dois regimentos que ele comandou em Majabigwaduce eram em tudo tão inexperientes como a milícia que enfrentavam, mas os seus jovens escoceses tinham liderança, inspiração e exemplo. Peleg Wadsworth não se encontrou com Francis McLean durante o cerco, pelo que a conversa entre eles é inteiramente ficcional, embora a causa dela, o ferimento ou captura do Tenente Dennis, tivesse sido real. Foram o Capitão Thomas Thomas, do navio corsário Vengeance, e o secretário de Lovell, John Marston, que se aproximaram do forte sob uma bandeira de tréguas para saber do triste destino de Dennis, mas eu quis que McLean e Wadsworth se encontrassem e por isso alterei os factos.

Alterei o menos que pude. Tanto quanto sei, Peleg Wadsworth não foi encarregue de investigar a acusação de peculato contra Revere, uma acusação que se desvaneceu na confusão muito maior de Penobscot. Aumentei alguns acontecimentos do cerco. O Brigadeiro McLean passou alguns dias a explorar a baía de Penobscot antes de se decidir por Majabigwaduce como o sítio para edificar o seu forte, um reconhecimento que ignorei. Houve duas tentativas de atrair os Britânicos a emboscadas na bateria de Half Moon, ambas desastrosas, mas para fins ficcionais uma pareceu suficiente, e não tenho provas de que John Moore tenha estado envolvido em qualquer delas. A imolação final da frota rebelde estendeu-se por três dias, que eu encolhi para dois.

O total das baixas ocorridas em Penobscot é muito difícil de estabelecer. Lovell, no seu diário, considera que os rebeldes tiveram apenas catorze mortos e vinte feridos no ataque à falésia, enquanto Peleg Wadsworth, nas memórias que escreveu sobre a mesma ação, calcula que tenham sido cem os rebeldes mortos e feridos. Os relatórios da milícia não ajudam. Os homens de Lovell foram reforçados por alguns voluntários locais (embora Lovell notasse uma relutância generalizada entre a milícia do vale de Penobscot em pegar em armas contra os Britânicos), pelo que, na véspera da chegada de Sir George Collier, o exército rebelde somava 923 homens aptos para o serviço, contra os 873 de três semanas antes, e isto apesar das perdas em combate e da taxa de deserção, lamentavelmente elevada. A informação mais fidedigna sugere que o total das perdas britânicas foram vinte e cinco mortos, entre trinta a quarenta feridos graves e vinte e seis prisioneiros. As baixas dos rebeldes são

muito mais difíceis de calcular, mas uma fonte contemporânea afirma que se registaram menos de 150 mortos e feridos, embora uma outra, somando os homens que não sobreviveram à longa viagem de regresso a casa através de uma zona de floresta densa, registre um total de 474 baixas. A minha conclusão é que as baixas dos rebeldes foram cerca do dobro dos números relativos aos Britânicos. Esta poderá ser uma estimativa baixa, mas certamente que a Expedição a Penobscot, embora tivesse constituído um desastre para os rebeldes, afortunadamente não foi um banho de sangue.

O confronto agressivo entre o Tenente George Little e Saltonstall, no final da expedição, é atestado por referências contemporâneas, tal como o encontro de Peleg Wadsworth com Paul Revere durante a retirada ao longo do rio. Revere, solicitado para salvar a tripulação da escuna, recusou, alegando que não queria arriscar que a sua bagagem fosse capturada pelos Britânicos e, em termos mais gerais, dizendo que deixara de estar obrigado a obedecer às ordens dos seus oficiais superiores. Algumas fontes afirmam que ele desembarcou a bagagem e depois mandou de volta a barça para ir buscar a tripulação da escuna. Isso pode muito bem ser verdade, e a tripulação foi salva, muito embora a escuna tenha provavelmente constituído mais um troféu dos Britânicos, mas, depois, pura e simplesmente, Revere partiu sem ordens e, abandonando a maior parte dos seus homens, iniciou o caminho de regresso a Boston. Uma vez chegado, foi suspenso do seu posto de comando do Regimento de Artilharia, colocado em prisão domiciliária e, depois, enviado a Tribunal de Guerra. Peleg Wadsworth ameaçava Revere com a prisão, e foi a insolência truculenta de Revere no dia em que Wadsworth lhe ordenou que salvasse a tripulação da escuna que lhe causou mais sarilhos, mas foram levantadas outras acusações pelo Major de Brigada William Todd e pelo Capitão Fuzileiro Thomas Carnes. Essas acusações foram investigadas pela Comissão de Inquérito estabelecida pelo Tribunal Geral do Massachusetts com a missão de descobrir as razões do fracasso da expedição.

Todd e Revere, como o romance sugere, tinham uma longa história de animosidade mútua que certamente coloriram as acusações de Todd. O Major de Brigada Todd afirmou que Revere se ausentava com frequência das linhas americanas, uma acusação apoiada por outras testemunhas e pela Ordem de Serviço de 30 de julho de 1779 do General Lovell (citada

no início do Capítulo Nove), referindo as diversas vezes em que Revere desobedeceu a ordens, especificamente durante a retirada. Thomas Carnes repetiu algumas destas queixas. Não conheço qualquer razão para que Carnes, ao contrário de Todd, tivesse alimentado uma antipatia pessoal por Revere, embora talvez seja significativo o facto de Carnes ter sido oficial na Artilharia de Gridley, e de Richard Gridley, o fundador e comandante do regimento, se ter desentendido com Revere devido a assuntos maçónicos. Carnes queixou-se de que, quando os Americanos desembarcaram, Revere deveria ter comandado os seus homens como corpo de reserva da infantaria, mas em vez disso voltou para o Samuel para tomar o pequeno-almoço. Porém, as acusações fundamentais de Carnes diziam respeito às suas qualidades de artilheiro, um assunto sobre o qual Carnes podia falar com conhecimento.

Revere, disse Carnes, não esteve presente para supervisionar a construção das baterias e não deu quaisquer instruções, nem supervisão adequada, aos seus artilheiros. Interrogado, Carnes, um experiente homem de artilharia, afirmou ser extraordinário que Revere «disparasse tão mal e que de artilharia não soubesse mais do que isso». Foi Carnes que, no testemunho por escrito, acusou Revere de comportamento «próximo da cobardia». Wadsworth testemunhou que Revere estava frequentemente ausente das linhas rebeldes e descreveu a recusa de Revere de obedecer a ordens, durante a retirada. Wadsworth notou também que Revere, sempre que lhe deram oportunidade de votar na continuação ou não do cerco, votou consistentemente contra a continuação. Isto não é prova de cobardia, mas as atas daqueles Conselhos revelam, de facto, que Revere era, de longe, o mais veemente de todos os que instavam para que o cerco fosse abandonado.

O Tribunal de Inquirição publicou as suas conclusões em outubro de 1779: o Comodoro Saltonstall arcava com toda a culpa do fracasso da expedição e especificamente exonerava os Generais Lovell e Wadsworth, mas, apesar de todas as evidências, não fazia juízos sobre o comportamento de Paul Revere. George Boker argumenta, convincentemente, que a comissão não quis diluir a sua acusação absurda de que a marinha continental, na pessoa de Dudley Saltonstall, era a única responsável pelo desastre.

Revere não ficou satisfeito. Não fora condenado, mas o seu nome não ficara limpo e Boston estava cheia de rumores sobre o seu comportamento «indigno de um soldado». Exigiu ser levado a Tribunal de Guerra. Revere, parece-me, era um homem difícil. Um dos seus biógrafos mais benevolentes admite que foram os seus «traços de personalidade» que enfraqueceram as hipóteses de ganhar uma comissão no exército continental. Era quezilen-to, excessivamente suscetível acerca da sua reputação e inclinado a arranjar conflitos com quem o criticasse. Teve uma outra questão, independente, com John Hancock que, ao inspecionar Castle Island durante a ausência de Revere em Penobscot, ousou descobrir falhas nas suas defesas. O Tribunal Geral, porém, não lhe assegurou um julgamento, mas voltou a reunir a Comissão de Inquérito, agora com a missão de investigar o comportamento de Revere, sendo a prova crucial o «diário» que ele ostensivamente mantivera em Majabigwaduce e que, sem surpresa, o mostra como um modelo de diligência militar. Não tenho provas de que este «diário» foi fabricado para o inquérito, mas parece muito provável. Revere também providenciou muitas testemunhas para contrariar as acusações contra ele e a sua defesa vigorosa foi em grande medida um êxito pois, quando a Comissão fez um relatório em novembro de 1779, inocentou-o da acusação de cobardia, embora o condenasse brandamente por ter deixado Penobscot sem ordem para tal e por «discutir ordens do Brigadeiro-General Wadsworth respeitantes ao Barco». O único argumento de defesa de Revere contra esta última acusação foi que entendera mal as ordens de Wadsworth.

Porém, embora tivesse sido inocentado da acusação de cobardia, Revere não ficou ainda satisfeito e voltou a requerer um julgamento no Tribunal de Guerra. Por fim, o tribunal foi convocado em 1782 e Revere recebeu,

finalmente, o que ele queria: a exoneração. A suspeita é que as pessoas estavam fartas daquele assunto e que, em fevereiro de 1782, quatro meses depois do grande triunfo rebelde em Yorktown, ninguém queria ressuscitar recordações pouco felizes da Expedição a Penobscot e, assim, embora o Tribunal de Guerra criticasse timidamente Revere por se ter recusado a salvar a tripulação da escuna, absolveu-o com «Honra igual à dos outros Oficiais», o que, nas circunstâncias, era na verdade um fraco louvor. A controvérsia sobre o comportamento de Revere em Majabigwaduce persistiu através de uma ácida troca de cartas na imprensa de Boston, mas estava esquecida havia muito, em 1861, quando Revere foi abruptamente elevado ao estatuto heroico de que hoje goza. Outras ofensas e transgressões, como o retardamento da partida da frota, provocado por Revere, a sua recusa caprichosa de permitir que mais alguém utilizasse a barcaça de Castle Island e o facto de não ter retirado os canhões de Cross Island, estão atestadas em várias fontes.

Dudley Saltonstall foi demitido da marinha, mas ficou em condições de investir num navio privado, o *Minerva*, com o qual, em 1781, capturou um dos mais ricos troféus de toda a Guerra Revolucionária. Depois da guerra, Saltonstall foi proprietário de navios comerciais, alguns deles usados no transporte de escravos, e morreu, com cinquenta e oito anos, em 1796. Paul Revere também foi bem-sucedido depois da guerra, abrindo uma fundição e tornando-se um proeminente industrial de Boston. Morreu em 1818, com oitenta e três anos de idade. A carreira política de Solomon Lovell não foi afetada pelo fiasco de Penobscot. Permaneceu como

vereador de Weymouth, Massachusetts, e Representante no Tribunal Geral, tendo ajudado a delinear a nova constituição do Estado. Morreu com sessenta e nove anos, em 1801. Um memorialista escreveu que Solomon Lovell era «estimado e honrado... respeitado e acreditado nos Conselhos do Estado... e o seu nome transmitido através das gerações». Um melhor juízo foi, por certo, feito por um jovem fuzileiro em Majabigwaduce, que escreveu: «O Senhor Lovell teria praticado mais o bem e feito muito melhor figura na cadeira do deão de uma igreja da província do que à cabeça de um exército americano.»

O Capitão Henry Mowat permaneceu na Marinha Real, acabando por comandar uma fragata, na qual morreu, provavelmente de um ataque de coração, ao largo da costa da Virgínia, em 1798. Está sepultado no cemitério de St. John, Hampton, Virgínia. O Brigadeiro Francis McLean regressou ao seu posto de comando em Halifax, Nova Escócia, onde morreu, com sessenta e três anos, apenas dois anos após a sua bem-sucedida defesa do Forte George. John Moore transcendeu, em fama, o seu velho comandante e é hoje celebrado como um dos maiores e mais humanos generais que alguma vez serviu o exército britânico. Morreu aos quarenta e oito anos de idade, na Corunha, combatendo como combatera em Majabigwaduce, na linha da frente.

Em 1780, um ano após a expedição, Peleg Wadsworth foi enviado de novo para o Leste do Massachusetts como comandante da milícia da região de Penobscot. A guarnição britânica do Forte George soube da sua presença e enviou um grupo de assalto que, após breve combate no qual Wadsworth

ficou ferido, o capturou. Wadsworth foi mantido prisioneiro no Forte George, onde a sua mulher, autorizada a visitar o marido, foi informada de planos para a sua transferência para uma prisão na Grã-Bretanha. Wadsworth e um outro prisioneiro, o Major Burton, conceberam então, e executaram, uma fuga ousada que teve êxito total, e, hoje, a baía a norte de Castine (como Majabigwaduque é agora chamada) e a oeste do istmo é chamada Wadsworth Cove, em alusão ao lugar onde os dois fugitivos encontraram um barco. Peleg Wadsworth permaneceu no Leste do Massachusetts. Depois da guerra abriu um armazém de ferragens e construiu uma casa em Portland, que é possível ver ainda (tal como a casa de Paul Revere em Boston), serviu no Senado do Massachusetts e como representante da Província do Maine no Congresso dos Estados Unidos. Tornou-se lavrador em Hiram e foi um dos líderes do movimento para tornar o Maine um Estado separado, uma ambição realizada em 1820. Ele e a esposa, Elizabeth, tiveram dez filhos, tendo morrido em 1829, com oitenta e um anos. George Washington manteve a maior estima por Peleg Wadsworth e uma das relíquias mais valiosas da sua família era uma madeira de cabelo de Washington oferecida pelo primeiro Presidente. Peleg Wadsworth foi, na minha opinião, um verdadeiro herói e um grande homem. Os Britânicos ficaram em Majabigwaduque, na verdade foi o último posto britânico nos Estados Unidos a ser evacuado. Muitos dos Lealistas mudaram-se para a Nova Escócia quando os Britânicos partiram, alguns levando as suas casas com eles, embora, curiosamente, um certo número de soldados britânicos, incluindo o Sargento Lawrence da Artilharia Real, estabeleceram-se em Majabigwaduque depois da guerra e, segundo todos os relatos, foram bem acolhidos. A maior parte dos canhões afundados com a frota rebelde foram recuperados e colocados ao serviço dos Britânicos, o que explica a razão pela qual canos de canhão comemorativos com o símbolo do Estado do Massachusetts são encontrados em locais tão longínquos como a Austrália. Depois, na Guerra de 1812, os Britânicos regressaram e capturaram de novo Majabigwaduque e de novo colocaram uma guarnição no forte, que lá ficou até a guerra terminar. Foi durante essa segunda ocupação que as paredes do forte foram robustecidas com alvenaria e foi escavado o British Canal, que é agora uma vala pantanosa, como uma obra defensiva que atravessava o gargalo de terra que liga o istmo ao continente. O Forte George ainda existe e é agora um monumento nacional. Ergue-se na cumeada sobranceira à Academia Marítima do Maine, em Castine, e é um local pacífico e belo. Os parapeitos estão cobertos de erva e a lenda que corre em Castine diz que, em noites paradas, pode ouvir-se um fantasma a rufar o tambor no velho forte. Uma versão diz que o fantasma é de um rapaz britânico que foi inadvertidamente trancado num paiol quando a guarnição foi evacuada em 1784, outras dizem que é de um rapaz americano morto em combate em 1778. A referência mais antiga que consegui descobrir está nas memórias de William Hutchings, onde ele afirma que o rapaz, um tambor rebelde, foi morto na bateria de Half Moon. Existe um trilho que serpenteia para cima e para baixo da falésia, junto a Dice Head (que é como agora se chama Dyces Head), dando ao visitante a oportunidade de admirar o feito daqueles Americanos que, em

28 de julho de 1779, atacaram e conquistaram aquela posição. O grande rochedo da praia chama-se Trasks Rock em homenagem ao jovem flautista que tocou durante o ataque. Castine prosperou durante o século xix, sobretudo devido ao comércio da madeira, e é agora uma cidade portuária, pitoresca e tranquila, e muito cheia de memórias da sua história fascinante. Durante uma das minhas visitas, disseram-me que Paul Revere roubara o baú dos pagamentos da expedição, uma alegação que não se apoia em nenhuma prova direta, mas que é indicativa do desprezo que alguns, naquela parte da Nova Inglaterra, sentem por um homem reverenciado noutros lugares da região.

As citações que aparecem no início de cada capítulo são, tanto quanto possível, reproduzidas na ortografia e sistema de maiúsculas originais. Retirei a maior parte dessas citações da *Documentary History of the State of Maine*, Volumes xvi e xvii, publicada pela Maine Historical Society em 1910 e 1913, respetivamente. Ambas as coleções de documentos contemporâneos foram extremamente valiosas, tal como o livro de C. B. Kevitt, *General Solomon Lovell and The Penobscot Expedition*, publicado em 1976, o qual contém um relato da expedição juntamente com uma seleção de fontes originais. Utilizei também o diário da expedição de Solomon Lovell, publicado pela The Weymouth Historical Society em 1881, e o livro de John E. Cayford, *The Penobscot Expedition*, publicado particularmente em 1976. Já referi o inestimável livro de George Buker, *The Penobscot Expedition*, que defende convincentemente a tese de que os inquéritos ao desastre fizeram parte de uma bem-sucedida conspiração do Massachusetts para atirar a culpa e a responsabilidade financeira para o governo federal. A descrição da expedição mais vívida e de mais agradável leitura encontra-se, sem dúvida, no livro de Charles Bracelen Flood, *Rise, and Fight Again*, publicado por Dodd Mead and Company, em 1976, e que trata de quatro momentos de desastre no caminho para a independência. O livro fascinante de David Hackett Fischer, *Paul Revers Ride*, Oxford University Press, 1994, não aborda a expedição de 1779, mas constitui um guia soberbo dos acontecimentos que levaram à revolução e ao papel influente de Paul Revere nesse período. Os leitores curiosos sobre a origem e as reações ao poema de Longfellow (o qual Fischer descreve como «grosseiro, sistemático e deliberadamente inexato») acharão o seu ensaio «Historiography» (impresso no final do livro) de valor incalculável. A melhor biografia de Revere é *A True Republican, the Life of Paul Revere*, de Jayne E. Triber, publicado pela Universidade do Massachusetts, Amherst, 1998. A famosa *Life of Colonel Paul Revere*, de Elbridge Goss, publicada em 1891, é escassa em detalhes biográficos, mas contém uma longa abordagem da Expedição a Penobscot.

É urgente uma nova biografia de Sir John Moore, mas achei a biografia em dois volumes, escrita pelo seu irmão, *The Life of Lieutenant-General Sir John Moore*, K. B., de James Carrick Moore, publicada por John Murray, Londres, em 1834, uma fonte de informação muito útil. Encontrei muitos detalhes sobre Majabigwaduque no século xviii na esplêndida *History of Castine, Penobscot and Brookville*, publicada em 1875, e nos *Wilson Museum Bulletins*,

publicados pela Castine Scientific Society. O Wilson Museum na Perkins Street, em Castine, vale bem uma visita, tal como, claro, a própria Castine. Devo agradecer a Rosemary Begley e a outros cidadãos de Castine que gastaram tempo a guiar-me através da cidade e da sua história, a Garry Gates da minha cidade natal, Chatham, Massachusetts, pelo desenho do mapa de Majabigwaduce, a Shannon Eldredge que folheou uma quantidade assustadora de livros de registos, cartas e diários para produzir uma inestimável cronologia, a Patrick Mercer, MP (e ele próprio um talentoso romancista histórico) pelos generosos conselhos sobre os exercícios militares no século xviii, e sobretudo à minha mulher, Judy, que aturou a minha obsessão por Penobscot com a sua habitual gentileza.

Uma nota final, e isto assalta-me como sendo a ironia suprema da Expedição a Penobscot: Peleg Wadsworth, que garantiu que Paul Revere haveria de ser preso e que ficou, sem margem para dúvida, furioso com a conduta de Revere em Majabigwaduce, foi avô materno de Henry Wadsworth Longfellow, o homem que de um só golpe tornou Revere famoso. A filha de Wadsworth, Zilpha, que aparece fugazmente no início do livro, foi a mãe do poeta. Peleg Wadsworth teria ficado horrorizado, mas, como seguramente ele sabia melhor do que a maior parte dos homens, a História é uma musa inconstante e a fama a sua injusta descendente.

EQUIVALÊNCIA DE ALGUNS CALIBRES DE PEÇAS DE ARTILHARIA

1 libra – 0,489 kg – 50 mm

2 libras – 0,978 kg – 60 mm

4 libras – 1,956 kg – 75 mm

6 libras – 2,934 kg – 96 mm

8 libras – 3,912 kg – 106 mm

12 libras – 5,868 kg – 121 mm

16 libras – 7,824 kg – 127 mm

18 libras – 8,802 kg – 134 mm

24 libras – 11,736 kg – 140 mm

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

BERNARD CORNWELL

www.bernardcornwell.net

OBE (nascido em 23 de fevereiro de 1944) é um britânico autor de romances históricos . Ele é mais conhecido por seus romances sobre as Guerras Napoleônicas e pelo personagem fuzileiro Richard Sharpe as quais foram adaptadas para uma série de filmes para a televisão.

CONTEÚDO

- 1 Biografia
- 2 série Novel
 - 2,1 As histórias Sharpe
 - 2,2 As Crônicas de Starbuck
 - 2,3 The Warlord

Chronicles

- 2,4 A busca do Graal novelas
- 2,5 As Histórias saxões
- 2,6 As Thrillers
- 2,7 Outras Novelas Standalone
- 3 Bibliografia
- 4 Ver também
- 5 Referências
- 6 Ligações externas

Bernard Cornwell

Nascido	(1944/02/23 fevereiro de 1944 (68 an Londres, Re Unido
Ocupação	Autor
Nacionalidade	Britânico
Gêneros	Ficção histó
Notável trabalho (s)	Sharpe

Influências

- CS Forester , George McDor

Fraser

Influenciou

- Conn Iggulden , Simon Scart3 , George RR Martin , Angus Donald
-

BIOGRAFIA

Cornwell nasceu em Londres em 1944. Seu pai era um canadense aviador, e sua mãe era britânico, membro da Força da Mulher de ar auxiliar . Ele foi adotado e criado em Thundersley , Essex pela família Wiggins, que eram membros do povo peculiar , uma seita rigorosa que eram pacifistas, frivolidade banido de todos os tipos e até mesmo medicamentos. Depois que ele deixou, ele mudou seu nome para o nome de solteira de sua mãe, Cornwell.

Cornwell foi mandado para Monkton Escola Combe . Frequentou a Universidade de Londres , e depois de formado, trabalhou como professor. Ele tentou se alistar no serviço armadas britânicas pelo menos três vezes, mas foi rejeitado em razão da miopia .

Ele, então, entrou para a BBC 's nacional e foi promovido a chefe de assuntos

atuais da BBC na Irlanda do Norte. Ele então se juntou **Thames Television** como editor de Thames News. [1] Ele se mudou para os **Estados Unidos** em 1979, após se casar com uma americana. Não foi possível obter um **green card** , ele começou a escrever romances, como isso não necessitam de uma autorização de trabalho. Ele mais tarde se tornou um cidadão dos EUA. [2] Ele atualmente reside em **Cape Cod** , em **Massachusetts** .

Como uma criança, Cornwell amava os romances de **CS Forester** , narrando as aventuras de ficção oficial naval britânico **Horatio Hornblower** durante as guerras napoleônicas, e ficou surpreso ao descobrir que não havia tais romances seguintes **Lord Wellington** campanha 's em terra. Motivados pela necessidade de apoiar-se em os EUA através da escrita, Cornwell decidiu escrever esta série. Ele nomeou seu chefe protagonista Richard Sharpe, um atirador envolvido na maioria das grandes batalhas da **Guerra Peninsular** . Cornwell tomou o nome de jogador de rugby **Richard Sharp** . [3] [4]

Cornwell queria começar a série com o **Cerco de Badajoz** , mas decidiu, em vez de começar com um par de "warm-up" romances. Estes eram **Águia de Sharpe** e **Ouro de Sharpe** , ambos publicados em 1981. [5] Águia de Sharpe foi pego por um editor, e Cornwell conseguiu um contrato de três livros. Ele passou a contar a história de Badajoz, em seu terceiro romance Sharpe **Companhia de Sharpe** publicado em 1982.

Cornwell e esposa Judy co-escreveu uma série de romances, publicado sob o pseudônimo de "Susannah Kells". Estes eram uma misericórdia Coroação , publicado em 1983, **Fallen Angels** , em 1984, e **Brasão** (aka Os aristocratas) em 1986. (Educação rígida Cornwell protestante informou o fundo de uma misericórdia Coroação , que teve lugar durante a **Guerra Civil Inglês**). Ele também publicou **Redcoat** , uma **Guerra Revolucionária Americana** romance ambientado na **Filadélfia** durante sua ocupação 1777 pelos britânicos, em 1987. Após a publicação de oito livros em sua série Sharpe em curso, Cornwell foi abordado por uma produtora interessada em adaptá-los para a televisão. Os produtores pediram-lhe para escrever um prequel para dar-lhes um ponto de partida para a série. Pediram também que o recurso de uma história grande papel para os personagens espanhóis obter co-financiamento da **Espanha** . O resultado foi **Rifles de Sharpe** , publicado em 1987 e uma série de **filmes para a televisão de Sharpe** , estrelado por **Sean Bean** . [6]

Uma série de thrillers contemporâneos com vela como pano de fundo e temas comuns seguidas: **Wildtrack** publicado em 1988, **Mar Senhor** (aka **Wake Killer**) em 1989, **Crackdown** , em 1990, **Stormchild** em 1991, e um thriller político chamado **Scoundrel** em 1992.

Em junho de 2006, Cornwell foi feito um oficial da **Ordem do Império Britânico** em **Rainha** Lista 80 's Honras de aniversário. [7]

Azincourt foi lançado no Reino Unido em outubro de 2008. O protagonista é um arqueiro que participa na **batalha de Azincourt** , uma derrota devastadora sofrida pelo francês durante a **Guerra dos Cem Anos** . Em 2009, ele lançou a

Terra Ardente , outro dos cinco Histórias saxões centrados no protagonista Uhtred de Bebbanburg. [8]

Outro dos romances autônomos Cornwell, **o Forte** , foi publicado em 2010. Fala da **Expedição Penobscot** de 1779 durante a **Guerra Revolucionária Americana** , em que uma pequena força britânica, enviadas para o que é agora Castine no Estado de Maine, foram atacados por um exército com uma enorme frota enviada pelo Estado de Massachusetts.

NOVELA SÉRIE

As histórias de Sharpe

Ver artigo principal: **Richard Sharpe (personagem fictício)**

Cornwell melhores livros conhecidos apresentam as aventuras de Richard Sharpe, um soldado britânico durante as guerras napoleônicas.

Os primeiros 11 livros da série Sharpe (começando em ordem cronológica, com rifles de Sharpe e terminando com Waterloo Sharpe , publicado em os EUA como **Waterloo**) detalhes aventuras de Sharpe em vários **Guerra Peninsular** campanhas ao longo de 6-7 anos. Posteriormente, Cornwell escreveu um quinteto prequel - Tigre de Sharpe , Triunfo de Sharpe , Fortaleza de Sharpe , Trafalgar Sharpe e Prey Sharpe - retratando aventuras de Sharpe, sob o comando de Wellington na **Índia** , incluindo a sua promoção duramente conquistada para o corpo de oficiais, seu retorno à Grã-Bretanha e sua chegada nos Rifles 95, e uma sequência, Diabo Sharpe , estabeleceu seis anos após o fim das guerras.

Ele também escreveu **Batalha de Sharpe** , um romance "inserido" em sua continuidade anterior, a ter lugar durante a **Batalha de Fuentes de Oñoro** . Foi alegado (falsamente, sem qualquer proveniência qualquer) que Cornwell foi inicialmente em dúvida sobre a escalação de Sean Bean para as adaptações para a televisão, mas se isso é verdade as dúvidas não durou como ele foi posteriormente tão contente que ele dedicou Batalha de Sharpe para ele, e admitiu que ele sutilmente mudou a escrita do personagem para alinhar com o retrato Bean. [9] Desde 2003, ele escreveu ainda "aventuras desaparecidos" definidos durante o "clássico" era da Guerra Peninsular.

O seguinte é a ordem correta "histórico", embora todos eles estão sozinhos histórias:

#

Título

Editor

I
Pt

Tigre de Sharpe

- | | | | |
|---|--|-------------------|----|
| 1 | <i>Richard
Sharpe eo
Cerco de
Seringapatam
de 1799</i> | Harper
Collins | 19 |
|---|--|-------------------|----|

A primeira das aventuras indianas de Sharpe, colocando-o contra a sinistra ambição do Sultão no cerco de Seringapatam,

Triunfo de Sharpe

- | | | | |
|---|--|-------------------|----|
| 2 | <i>Richard
Sharpe ea
Batalha de
Assaye,
setembro</i> | Harper
Collins | 19 |
|---|--|-------------------|----|

1803

Sharpe, agora um sargento, encontrado de Sir Arthur Wellesley na batida terrível de Assaye.

Fortaleza de Sharpe

Richard

3	<i>Sharpe eo</i>	Harper	19
	<i>Cerco de</i>	Collins	
	<i>Gawilghur,</i> <i>dezembro</i> <i>1803</i>		

Primeira história de Sharpe como oficial leva ao forte assustadora de Gawilghur. Este é também o último aventuras indianos.

Trafalgar

Sharpe

- 4 *Richard Sharpe ea Batalha de Trafalgar, 1805* Harper Collins 20

Sharpe tem de ir para casa da Índia teria deixado em 1805 e Cabo Tra está a caminho de casa, então por não deveria estar lá na hora certa?

Presença de Sharpe

- 5 *Richard Sharpe ea Expedição para Copenhaga,* Harper Collins 20

1807

Este narra o conto de uma das campanhas mais obscuras de toda a guerra napoleônica. Os dinamarqueses tinham uma enorme frota mercante, perdida apenas em tamanho para a Grã-Bretanha para protegê-lo eles possuíam uma marinha formidável. Mas a Dinamarca é um país muito pequeno e quando, os franceses decidem que vão invadir a Dinamarca e levar a frota para si, a Grã-Bretanha tem de agir rapidamente. Rapidamente, mas não necessariamente com justiça.

**Rifles de
Sharpe**
Richard

6	<i>Sharpe ea Invasão Francesa da Galiza, janeiro 1809</i>	Harper Collins	19
---	---	-------------------	----

O início da Guerra Peninsular (as entre 1808 e 1814 para expulsar o franceses de Portugal e Espanha). Campanha Peninsular ocupa a maior parte da série Sharpe e este livro começa durante o retiro infame para Coruña.

Havoc

Sharpe

7	<i>Richard Sharpe ea invasão francesa de</i>	Harper Collins	20
---	--	-------------------	----

*Portugal,
Primavera
1809*

Havoc Sharpe é definido durante a invasão francesa de Portugal em 1809 e de Sir Arthur Wellesley contra-ataca

**Águia de
Sharpe**

Richard
8 *Sharpe e a Campanha de Talavera, julho 1809* Harper Collins 19

Diz o conto da batalha de Talavera

**Ouro de
Sharpe**
Richard

9	<i>Sharpe ea Destruição de Almeida, agosto 1810</i>	Harper Collins	19
---	---	-------------------	----

Sharpe é atribuído a roubar um pouco de ouro espanhol necessário para comprar as **Linhas de Torres Vedras**, mas com a desgraça com um partidário corrupto espanhol e acaba na fortaleza sitiada de Almeida.

Fuga de Sharpe

10	<i>Richard Sharpe ea Campanha Bussaco 1811</i>	Harper Collins	20
----	--	-------------------	----

É o final do verão de 1810 e no m
invasão francesa terceira e mais
ameaçador de Portugal. Capitão R
Sharpe, com sua companhia de ca
vermelhas e fuzileiros, atende os i
no cume magro do **Bussaco** , onde
de uma impressionante vitória, os
franceses não estão parados.

Fúria de Sharpe

<i>Richard</i>	Harper	
11 <i>Sharpe ea</i>	Collins	20
<i>Batalha de</i>		
<i>Barrosa,</i>		
<i>março 1811</i>		

Fúria de Sharpe é baseado nos fat
do inverno de 1811 que levou à vi

extraordinária de Barossa.

**Batalha de
Sharpe**

Richard

12	<i>Sharpe ea Batalha de Fuentes de Oñoro, maio 1811</i>	Harper Collins	19
----	---	-------------------	----

O conto medonho da batalha de Fuentes de Oñoro, uma luta sangrenta na fronteira Português que se deteriorou em um sarjeta nos becos estreitos de uma aldeia.

**Empresa de
Sharpe**

Richard

13	<i>Sharpe eo Cercos de Badajoz, janeiro a abril 1812</i>	Harper Collins	19
----	--	-------------------	----

Conta a história do ataque horrível a Badajoz, em 1812. Os britânicos e os espanhóis estavam de mau humor, que tinha sido dado muito tempo difícil pela guarnição e suspeitava-se que os habitantes da cidade espanhola eram simpatizantes franceses, então quando eles entraram eles enlouqueceram.

Espada de Sharpe

Richard

14	<i>Sharpe ea Campanha de</i>	Harper Collins	19
----	----------------------------------	-------------------	----

*Salamanca,
junho e julho
1812*

Em que Sharpe carrega sua espada: espada padrão 1796 Cavalaria Pe lâmina de um açougueiro mal-bala para a extraordinária batalha fora Salamanca, onde, para citar um in Geral, Wellington destruiu 40 mil franceses em 40 minutos.

Skirmish

Sharpe

<i>Richard</i>	Sharpe
15 <i>Sharpe ea</i>	Appreciation 20
<i>defesa dos</i>	Society
<i>Tormes,</i>	
<i>agosto 1812</i>	

(Conto) É o verão de 1812 e Rich Sharpe, recém-recuperado do ferimento que ele recebeu nos combates em Salamanca, é dado um dever fácil guarda de um oficial comissário e para um forte obscuro espanhol, o alguns francês capturado mosquetos para reparar. Mas desconhecido para os britânicos, os franceses estão planejando um ataque e Sharpe está em uma linha

Inimigo de Sharpe

<i>Richard</i>	Harper	19
16 <i>Sharpe e a</i>	Collins	
<i>Defesa de</i>		
<i>Portugal, o</i>		
<i>Natal 1812</i>		

Em 1812, um monte de homens tinham desertado dos exércitos britânico, espanhol e Português e alguns deles, muitos deles, se juntaram nas montanhas fronteiriças onde foram liderados por um renegado francês apelidado de Poivre. Eles formaram um grupo semi-legal de bandidos e seus inimigos todos concordaram em uma coisa - que eles não queriam ser esmagados. Enviar para Sharpe

Honra de Sharpe

Richard

17 *Sharpe ea
Campanha
Vitória,
fevereiro a*

Harper
Collins

19

junho 1813

Pierre Ducos, o francês de super-a
tenta acabar com a vida de Sharpe
série.

**Regimento
de Sharpe**

Richard

Sharpe ea

18 *invasão da*

França, de

junho a

novembro

1813

Harper
Collins

19

Sharpe é enviado para casa para l
soldados para seu regimento, o Es
Sul, e uma vez na Inglaterra, ele é
executado em um velho inimigo -

Henry Simmerson, uma vez que ur
do Essex do Sul e agora, o que ma
cobrador de impostos.

Natal de
19 **Sharpe** Sharpe
Dois contos, Appreciation 20
1813 Society

Natal de Sharpe contém duas histó
curtas, 'Natal de Sharpe "e" Resga
Sharpe ". 'Natal de Sharpe "é defi
1813, no final da Guerra Peninsul
quedas após Regimento de
Sharpe. 'Resgate de Sharpe "vem
de Waterloo Sharpe e é definido e
de paz.

Cerco de
Sharpe

20	<i>Richard Sharpe e a Campanha de Inverno de 1814</i>	Harper Collins	19
----	---	----------------	----

Sharpe se encontra preso, cercado apenas um aliado muito improvável: Capitão Cornélio Killick de Marblehead, Massachusetts.

Vingança de Sharpe

21	<i>Richard Sharpe e da Paz de 1814</i>	Harper Collins	19
----	--	----------------	----

Isso ocorre entre o fim da Guerra Peninsular e da Campanha Waterloo. Sharpe persegue Ducos para a Itália.

não antes que ele lutou na batalha climática em Toulouse, que é a última vitória de Wellington na Guerra Peninsular.

Waterloo

Sharpe

Richard

Sharpe ea

22 *Campanha de Harper* 19
Waterloo, 15 Collins

junho - 18

junho 1815,

EUA Título:

Waterloo

A história da batalha - e parte de S nele.

Ransom

Sharpe	Sharpe	
23 (conto, 181?, aparece no <i>Natal de Sharpe</i>)	Appreciation 20 Society	

Sharpe vida pacífica na França é interrompido quando um antigo as de Ducos, convencido de Sharpe 1 tesouro de Napoleão, leva sua fan reféns e Sharpe tem de convencer moradores locais para ajudá-lo.

Diabo de Sharpe		
24 Richard Sharpe eo Imperador, 1820-1821	Harper Collins	19

Sharpe, finalmente, encontra Napoleão

AS CRÔNICAS DE STARBUCK

Ver artigo principal: [As Crônicas de Starbuck](#)

A tetralogia definida durante a [Guerra Civil Americana](#). O personagem-título, [Nathaniel Starbuck](#), é uma [nortista](#) que decidiu lutar pela [Sul](#) em um regimento da Virgínia, a Legião Faulconer. O último romance até à data na série foi [The Ground sangrento](#), a ter lugar durante a [Campanha de Antietam](#). Cornwell disse que pretende escrever mais novelas Starbuck, mas não o fez ainda. Em seu site Cornwell declarou recentemente que está "pensando" sobre Starbuck novamente.

#	Título	Editor	Data
1	Rebelde	Harper Collins	1993

Nathaniel Starbuck tropeça no exército confederado e encontra-se no Bull Run primeiro.

2	Copperhead	Harper Collins	1994
---	-------------------	-------------------	------

Toma Nate Starbuck de Bluff Ball para a campanha sangrenta

na península, onde o
despercebida Robert Lee assume
o comando do exército rebelde.

3 **Bandeira de** Harper
batalha Collins 1995

Starbuck volta a Bull Run para a
segunda batalha.

4 **O Terra** Harper
Sangrenta Collins 1996

Os horrores de Antietam.

O WARLORD CHRONICLES

Ver artigo principal: [O Senhor da Guerra Crônicas](#)

Uma trilogia retratando histórico de Cornwell recriação de [Artur Grã-Bretanha](#). As séries que postula Pós-Bretanha Romana foi um momento difícil para os bretões nativos, sendo ameaçados pela invasão dos anglo-saxões no Oriente e as invasões do irlandês no Ocidente. Ao mesmo tempo, eles sofreram lutas internas pelo poder entre seus pequenos reinos e atrito entre a antiga religião druídica eo cristianismo recém-chegado.

#	Título	Editor	Data
	O Rei do	Penguin	

1 **Inverno**

Group 1995

Após a morte de Uther, Grande Rei da Grã-Bretanha, o país cai para o caos. Herdeiro de Uther é uma criança, Mordred, e Arthur, seu tio, é apontado como um dos guardiães do menino. Arthur tem que lutar contra outros reinos britânicos e os terríveis "Sais" - os saxões - que estão invadindo a Grã-Bretanha.

2 **Inimigo de Deus**

Penguin Group 1996

No final de O Rei do Inverno Arthur lutou a batalha que obriga a unidade sobre os reinos em

guerra britânicos e agora ele sai para enfrentar o verdadeiro inimigo - os saxões.

Excalibur: A
3 Novel de
Arthur

Penguin
Group 1997

No Excalibur seguimos Artur e Derfel para a batalha do Monte Badon e vitória incrível. Ele não só joga os Saxões para trás, mas reúne Arthur e Guinevere. Ele poderia esperar agora para ser deixado em paz, para ter um tempo de paz, depois de ganhar uma grande vitória, mas novos inimigos surgem para destruir tudo o que ele alcançou.

OS ROMANCES BUSCA DO GRAAL

Ver artigo principal: [A Busca do Graal](#)

Uma trilogia que lida com uma pesquisa de meados do século 14 para o [Santo Graal](#) durante as [Guerra dos Cem Anos](#) . Um Inglês [arquero](#) , Thomas de Hookton, torna-se atraído para a busca pelas ações de um soldado mercenário chamado "O Arlequin", que mata família de Thomas em sua própria busca obsessiva pela Graal.Cornwell estava planejando em um ponto de escrever mais livros sobre o personagem principal, Thomas de Hookton e disse que, pouco depois de terminar Heretic ele tinha "... começou outra Thomas de Hookton livro, em seguida, parou - principalmente porque eu senti que sua história terminou em herege e eu estava apenas tentando obter muito dele. que não significa que eu não vou pegar a idéia de novo em algum momento no futuro". [10]

#	Título	Editor	Data
1	Harlequin EUA: Conto de Archer	Harper Collins	2000

Thomas de Hookton deixa sua Dorset nativa para lutar contra os franceses na Bretanha e, depois, na batalha de Crecy, na Picardia. É um conto de arcos longos e açougue, especialmente

quando da Inglaterra arqueiros enxame na cidade normanda de Caen. E sobre tudo isso, como um sonho, passa o Graal, que é o epítome do cavalheirismo e da decência cristã, qualidades que estão na fonte curta desesperadamente como os exércitos da França e da luta Inglaterra no início do que será conhecido como a Guerra dos Cem Anos .

2 **Vagabundo** Harper
Collins 2002

Thomas de Hookton foi enviado de volta para a Inglaterra para buscar herança misteriosa de seu

pai, o que sugere que o Santo Graal pode existir e fica confusa com a invasão escocesa de 1347. Ele sobrevive que apenas para descobrir que várias pessoas poderosas na França estão buscando a mesma busca, uma complicação que leva de volta para Thomas Bretanha e da luta brutal sobre La Roche-Derrien.

3 Herege Harper Collins 2003

Thomas de Hookton viaja para o sul em Gasconha e para um confronto final com o seu primo, Guy Vexille. O romance começa

com a queda de Calais, ea maioria dos eventos ocorrem na trégua posterior, mas para Thomas e seus companheiros não pode haver trégua, apenas uma guerra cruel pequena que acaba com eles sendo sitiada, não apenas pela intenção inimigos em encontrar o Graal, mas pela Peste Negra.

4 **1356** Harper Collins 2012

Thomas de Hookton leva uma companhia de arqueiros mercenários que assolam o campo de Gasconha. Hookton deve completar uma tarefa

crucial antes de se juntar o exército do Príncipe Negro para lutar na **batalha de Poitiers** .

AS HISTÓRIAS SAXÕES

Ver artigo principal: [As Histórias saxões](#)

Cornwell última série centra-se no reino anglo-saxão de **Wessex** , Inglaterra durante o reinado nono século de **Alfredo, o Grande** , a sua oposição feroz para os dinamarqueses e sua determinação de unir a Inglaterra como um país. Segundo as respostas Cornwell em seu quadro de avisos site, a série não será uma trilogia como suas obras medievais, mas vai ter 3 ou 4 mais continuações: "Eu não tenho certeza de quantos serão - talvez sete, talvez oito?" ^[11]

#	Título	Editor	Data
1	O último reino	Harper Collins	2004

Uhtred é um menino de Inglês, nascido na aristocracia do século 9 Northumbria, mas órfão aos 10, adotado por um dinamarquês e ensinou os caminhos Viking. No entanto, o destino

Uhtred está indissolúvelmente ligado a Alfred, rei de Wessex, que governa o reino último Inglês, quando os dinamarqueses tenham superado Northumbria, Mercia e East Anglia.

2 **O Cavaleiro** Harper
Pálido Collins 2005

Descreve o fatídico ano em que os dinamarqueses capturam reino de Alfred e levá-lo como um fugitivo para os pântanos de Athelney. Parece que Wessex, e Inglaterra, são destruídas, mas Alfred está determinado a fazer uma aposta desesperada que poderia salvar seu reino.

3 **Os Senhores do Norte** Harper Collins 2006

Uhtred, tendo ajudado Alfred seguro Wessex como independente Saxon reino, retorna ao norte, na tentativa de encontrar a sua meia-irmã. Em vez disso, ele descobre guerra caos, civil e traição em Northumbria. Ele fica do lado de Guthred, uma vez que um escravo e agora um homem que queria ser rei, e em troca espera Guthred de ajuda na captura de Dunholm, o covil do senhor das trevas Viking, Kjartan.

4 **Canção** Harper 2007

espada Collins

Wessex, reino de Alfred, sobreviveu às agressões grandes Viking e agora, com Uhtred como um líder, as forças ocidentais saxões começam as campanhas de conquista que vai acabar com um novo reino chamado Inglaterra.

5 **A Terra Ardente** Harper Collins 2009

Fala dos assaltos finais sobre Wessex Alfred.

6 **Morte dos Reis** Harper Collins Outubro 2011

Fala dos anos que se seguiram à

morte de Alfredo, o Grande como dois homens lutam para herdar a coroa de Wessex. Uhtred tem de lidar com deslealdade, da traição e do maior exército os dinamarqueses ainda montado para conquistar Wessex, todos levados a um clímax em uma batalha travada no inverno pântanos de East Anglia.

OS THRILLERS

Série de Cornwell suspense são mistérios modernos, todos com temas de vela. Ele é um marinheiro tradicional e gosta de navegar sua Crabber Cornish pelo nome demonarquista . Seu profundo conhecimento de vela e habilidades populares com a escrita combinam em grandes romances para a náutica obcecado. Segundo o site de Cornwell, pode não haver adições à série: "Eu gostava de escrever os thrillers, mas suspeito que eu sou mais feliz romances escrita histórica Estou sempre muito feliz quando as pessoas querem mais dos livros de vela, mas eu não estou planejando. em escrever mais, pelo menos não agora -?, mas quem sabe, talvez, quando eu me aposentar " [12]

Título

Editor

Data

Wildtrack Penguin 1988
Group

Em que um veterano aleijado das velas Guerra das Malvinas, no Atlântico norte para descobrir se um apresentador de televisão famoso é um assassino.

Sea Lord Penguin 1989
EUA: Wake Killer Group

Um aristocrata excêntrico e relutante só quer ser deixado sozinho para ser um mar cigana, mas um roubo de sua casa ancestral transporta-lo de volta à Grã-Bretanha e caos.

Crackdown Penguin Group 1990

Um cruzeiro de convalescença nas Bahamas vira assassina com cocaína.

Stormchild Penguin Group 1991

O nosso herói pode salvar o mundo de que os ambientalistas? Alguém tem que.

Canalha Penguin Group 1992

Um homem vai a casa de Cape Cod para escapar de um mundo de traição Europeu e seu envolvimento com o IRA Provisório. Outros têm planos

diferentes para ele.

Romances Autônomo Outros

Título	Editor	Data
Redcoat	Michael Joseph Ltd.	1987

Redcoat é a história do inverno Valley Forge, durante a Revolução Americana - disse a casaca vermelha do ponto de vista.

Stonehenge	Harper Collins	1999
-------------------	----------------	------

Uma história de amor, a rivalidade, traição e um grande templo misterioso.

Ladrão forca Harper 2001
Collins

Ladrão forca é uma história de detetive, fixado em Regency London, um tempo em que não havia detetives como tal. Havia uma forca muito ocupado, no entanto. Este foi um período em que a forca Inglês e galês eram mais movimentado deles e, muito ocasionalmente, o governo nomeou um "investigador" para olhar para uma condenação.

Azincourt Harper 2008
EUA: *Agincourt* Collins

Azincourt é o conto de Nicholas Hook, um arqueiro, que começa

a novela juntando-se a guarnição de Soissons, uma cidade cujo patrono santos eram Crispin e Crispinian. O que aconteceu em Soissons chocou toda a cristandade, mas, no ano seguinte, no dia da festa de Crispin e Crispinian, Hook se encontra esse pequeno exército presos em Azincourt. O romance é a história dos arqueiros que ajudou a vencer uma batalha que entrou lenda, mas na verdade é um conto, como Sir John Keegan diz, "de abate quintal comportamento e atrocidade absoluta".

O Forte

Harper 2010
Collins

O Forte é sobre a Expedição Penobscot de 1779. Uma pequena guarnição britânica foi instituída no que é hoje Maine (então parte de Massachusetts). Setecentos casacas vermelhas britânicas estavam em uma fortaleza inacabada, Fort George, enquanto o porto sob o forte foi guardado por três corvetas de guerra. Contra isso, a governo rebelde no Estado de Massachusetts, enviou um exército de cerca de 900 homens

e uma frota de 42 navios, dos quais metade eram navios de guerra, com ordens para 'cativar, matar ou destruir "os invasores.

BIBLIOGRAFIA

- 1981 *Águia de Sharpe*
- 1981 *Ouro de Sharpe*
- 1982 *Empresa de Sharpe*
- 1983 *Espada de Sharpe*
- 1983 *Inimigo de Sharpe*

	A	Sob o
1983	Misericórdia Coroação	pseudônimo Susannah Kells
1984	Fallen Angels	Sob o pseudônimo Susannah Kells
1985	Honra de Sharpe	
1986	Regimento de Sharpe	
1986	Brasão	aka <i>Os aristocratas</i> , sob o pseudônimo de Susannah

Kells

1987 Cerco de
Sharpe

1987 Redcoat

1988 Rifles de
Sharpe

1988 Wildtrack

1989 Vingança de
Sharpe

1989 Sea Lord ou *Wake
Killer*

1990 Waterloo
Sharpe

1990 Crackdown

1991 Stormchild
Diabo de

- 1992 Sharpe
- 1992 Canalha
- 1993 Rebelde
- 1994 Copperhead
- 1995 Batalha de
Sharpe
- 1995 Bandeira de
batalha
- 1995 O Rei do
Inverno
- 1996 O Terra
Sangrenta
- 1996 Inimigo de
Deus
- 1997 Tigre de
Sharpe

- Excalibur: A
1997 Novel de
Arthur
- 1998 Triunfo de
Sharpe
- 1999 Fortaleza de
Sharpe
- 1999 Stonehenge:
A Novel de
2000 aC
- 2000 Arlequim ou *O Conto
de Archer*
- 2001 Trafalgar
Sharpe
- 2001 Ladrão forca
- 2002 Presa de

	Sharpe	
2002	Skirmish Sharpe	
2002	Vagabundo	
2003	Havoc Sharpe	
2003	Natal de Sharpe	Conto
2003	Herege	
2004	Fuga de Sharpe	
2004	O último reino	
2005	O Cavaleiro Pálido	
2006	Fúria de	

Sharpe

2006 Os Senhores
do Norte

2007 Canção
espada

2008 Azincourt *Agincourt* nos
EUA

2009 A Terra
Ardente

2010 O Forte

2011 Morte dos
Reis

2012 1356

VEJA TAMBÉM



Portal novelas

- Sharpe (TV Series)

- [Faulconer County](#)

Ligações externas

- [Site oficial do autor](#)
- [Bernard Cornwell em entrevista *BookBanter*](#)
- [Christopher Seufert entrevistas Bernard Cornwell](#)
- [Entrevista, trechos do capítulo e ensaio Cornwell Stonehenge](#) (página web oficial editor)
- ["Linha de batalha" entrevistas Bernard Cornwell](#)
- [Entrevista em áudio com Bernard Cornwell na National Review Online](#)

Obras de Bernard Cornw

- *Águia de Sharpe*
- *Ouro de Sharpe*
- *Empresa de Sharpe* (1982)
- *Espada de Sharpe*
- *Inimigo de Sharpe*

A série Sharpe

- *Honra de Sharpe*
- *Regimento de Sharpe* (1986)
- *Cerco de Sharpe*
- *Rifles de Sharpe*
- *Vingança de Sharpe* (1989)
- *Waterloo Sharpe*
- *Diabo de Sharpe*
- *Natal de Sharpe*
- *Batalha de Sharpe*
- *Ransom Sharpe*
- *Tigre de Sharpe*
- *Triunfo de Sharpe*
- *Fortaleza de Sharpe* (1999)
- *Skirmish Sharpe*
- *Trafalgar Sharpe*

- *Presa de Sharpe*
- *Havoc Sharpe* (2)
- *Fuga de Sharpe*
- *Fúria de Sharpe*

**As
Crônicas
de
Starbuck**

- *Rebelde* (1993)
- *Copperhead* (1994)
- *Bandeira de batalha* (1995)
- *O Terra Sangren*

**O
Warlord**

- *O Rei do Inverno*
- *Inimigo de Deus*

Chronicles

- *Excalibur: A No Arthur* (1997)

A

Demanda do Graal

- *Harlequin* (aka (*de Archer*) (200
- *Vagabond* (2002
- *Herege* (2003)
- *1,356* (2012)

As

- *O último reino* (
- *O Cavaleiro Pálido* (2005)
- *Os Senhores do*

Histórias saxões

Norte (2006)

- *Espada Canção*

- *A Terra*

Ardente (2009) 1

Reis (2011)

'Susannah Kells'

- *A Misericórdia*

Coroação (1983)

- *Fallen Angels* (1

- *Brasão de* (aka (*aristocratas*) (1

- *Wildtrack* (1988)

Thrillers

- *Sea Lord* (aka *W*
Killer) (1989)
- *Crackdown* (199
- *Stormchild* (199
- *Scoundrel* (1992

Outros

- *Redcoat* (1987)
- *Stonehenge: A N*
2000 aC (1999)
- *Ladrão Gallows*
- *Azincourt* (aka *A*
(2008)
- *O Forte* (2010)

Persondata

Nome	Cornwell, Bernard
Nomes alternativos	
Breve descrição	
Data de nascimento	23 fev 1944
Naturalidade	Londres, Inglaterra
Data da morte	
Local da morte	